

HELENA P. BLAVATSKY



**OS MANUSCRITOS PERDIDOS
DA LOJA BLAVATSKY**

LISBOA

2020

Tradutor do espanhol para português:

Vitor Manuel Adrião

Lisboa, 2020



PREFÁCIO

A existência deste livro foi dada a conhecer ao público geral em 8 de Maio de 2018, composto a partir da excelente tradução realizada por Fabiana Terrasa a partir da versão inglesa disponibilizada pela *Theosophical Society de Point Loma*, E.U.A., e preparada por Michael Gomes. Com esta obra e todo o esforço da sua tradução, correcção e maquetização, queremos honrar a Helena Petrovna Blavatsky que morreu em 8 de Maio de 1891.

A primeira parte, os *Comentários à A Doutrina Secreta*, reúne as transcrições taquigráficas de Blavatsky e seus discípulos da Loja Blavatsky realizadas durante alguns meses todas as quintas-feiras. Nessas reuniões personagens célebres, como Besant, Yeats, Crookes, e outras não tão célebres e inclusive anónimos, faziam perguntas a Blavatsky sobre pontos obscuros do primeiro tomo de *A Doutrina Secreta*: a Cosmogénese. Meses antes havia sido publicada essa obra “fundamental” de H.P.B. que recebia más críticas, em muitos casos por não se entender o que queria transmitir. Nessas reuniões mostra-se a incapacidade que tinham esses primeiros teósofos para “plasmar” em inglês a Sabedoria das Idades, aprendida por Blavatsky em sânscrito e inclusive em senzar (a linguagem dos deuses). O idioma inglês – em geral os idiomas ocidentais – era e é pobre para “explicar”, “definir” conceitos como Parabrahman, Manvantaras e Pralayas, Mulaprakriti, etc.

Essa impossibilidade levou Helena a preparar a que é uma obra também fundamental, porém, mais acessível: *A Chave da Teosofia*, e inclusive iniciou-se um Glossário que depois foi completado por Mead, Hartmann e Besant: o *Glossário Teosófico*. No final dos *Comentários* há várias sessões dedicadas a melhorar *A Chave da Teosofia*.

Ainda que pareça incrível, essas reuniões taquigrafadas, de valor incalculável, perderam-se, mas foram recuperadas nos anos oitenta do século passado. A sua história é longa e pode ser lida na versão de Michael Gomes.

O certo é que, além do valor intelectual e esotérico dos ensinamentos vertidos nessas reuniões de quintas-feiras, o que mais surpreendeu o que isto escreve é este maravilhoso legado permitir-nos “ver” Blavatsky quase como era na realidade, “ouvi-la” com a sua própria linguagem, o seu humor fino, os seus enfados, a sua capacidade para explicar o inefável, etc. É como se ligássemos um programa de rádio e “ouvíssemos” a Mestra tal como era. Neste sentido, aproveito para desmentir os que pensam que Blavatsky era uma mera médium ignorante, que não sabia nada e o seu único mérito foi copiar o que lhe ditavam os seus Mestres. Não digo que não copiou em muitas ocasiões o que lhe ditavam os seus Mestres, porém, de ignorante nada tinha. Aqui se a vê debater, refutar, explicar, elevar o nível das conversações a esferas filosóficas e metafísicas de alto nível, cotejando as teorias modernas (modernas nos seus tempos) de grandes filósofos e cientistas, demonstrando um domínio assombroso da Cabala, da Vedanta, dos filósofos greco-romanos, etc. Ou seja, de “ignorante” nada, e de mera amanuense, tampouco.

Quanto ao segundo texto, os chamados *Diálogos da Loja Blavatsky*, apesar de não se terem exactamente perdido por estarem há anos nas mãos dos estudiosos, incluímo-los por pertencerem às ditas sessões de quintas-feiras e serem um resumo do que ali se disse. A versão que aqui juntamos, traduzida por Matilde Tromarollo, pertence ou é a tradução do texto recopilado por Boris de Zircoff no Tomo X da *Collected Writing*. Nós só o comparámos com o original tendo acrescentado algumas notas do compilador que faltavam, e actualizando-o esteticamente (itálicos, aspas, etc.).

Acreditamos, sinceramente, que este material é impagável, e que todo o discípulo dos Ensinamentos Esotéricos deve ter a oportunidade de o estudar.

Há mais manuscritos perdidos de H.P.B. que talvez um dia recuperemos, como os do Terceiro Tomo de *A Doutrina Secreta* que ela reconheceu ter escrito... mas essa é outra história.

De novo agradeço a todos os que participaram neste projecto titânico, realizado sem nenhum interesse pessoal salvo o de transmitir o Ensino. Apesar da quantidade de horas e esforços que se despenderam neste projecto, o verdadeiro trabalho fica para o leitor: estudá-lo e ampliar a Consciência, para assim poder transmitir a Luz da

Sabedoria Eterna ao Mundo.

*

* *

Helena Petrovna Blavatsky, a maior Ocultista na História da Civilização Ocidental, uma agente directa da Irmandade dos Adeptos Transhimalaios.

Nasceu em 12 de Agosto (31 de Julho, segundo o calendário russo antigo) de 1831 em Ekaterinoslav, Ucrânia, Rússia. Filha do coronel Peter von Hahn Alexeyevich e de Andreievna Helena, nascida de Fadeyev, romancista de renome que morreu muito jovem. Neta por linha materna do conselheiro privado Andrey Mihailovich de Fadeyev, e da princesa Helena Pavlovna Dolgorukov, que supervisionou a sua educação em Saratov e Tiflis, Cáucaso. Muito jovem, viajou com o seu pai pelo oeste da Europa. Desde a infância era dotada de uma sensibilidade psíquica notável. Casou em 1849 com Nikifor Vassilyevich Blavatsky, um oficial do Estado, muito mais velho do que ela.

Abandonou-o e viajou pela Turquia, Grécia, Egipto e França em 1849-1850. Conheceu o seu Mestre em Londres, em 1851. Embarcou para o Canadá nos finais desse ano, tendo viajado a Nova Orleans, América do Norte, México e América do Sul, as Índias Ocidentais, donde se deslocou para a África do Sul e pela rota do Cabo e do Ceilão chegou à Índia em 1852. Tentou mas não conseguiu entrar no Tibete. Regressou a Inglaterra através de Java em 1853. Voltou novamente à América do Norte no Verão de 1854, seguiu a marcha do Oeste e cruzou as Montanhas Rochosas com uma caravana de emigrantes, chegando à Califórnia. Poderá ter visitado de novo a América do Sul. Em finais de 1855, voltou à Índia através do Japão e do Estreito de Kitan. Viajou por toda a Índia, Cachemira, Ladakh, partes do Tibete e Birmânia, em 1856-1857. Regressou à Europa através de Java em 1858, residindo na França e na Alemanha.

Depois regressou à Rússia, chegando a Pskov na noite de Natal de 1858. Atravessou o Cáucaso nos princípios de 1860, viajando por Imeretia, Guriya e Mingreliya, conhecendo as tribos nativas das florestas virgens da Abhasia, onde permaneceu até 1864 ou 1865. Experimentou uma grave crise física e psíquica, adquirindo um controle

completosobre os seus poderes ocultos. Deixou a Rússia e viajou extensamente pelos Balcãs, Egito, Síria e Itália, em 1866-1867.

Voltou a Itália em 1867, e realizou uma curta visita ao sul da Rússia. Esteve presente na batalha de Mentana, em 3 de Novembro de 1867, e foi ferida.

Partindo de Florença para Belgrado e daí para Constantinopla, regressa à Índia e vai ao Tibete com o seu Mestre, em finais de 1868. Regressou à Grécia em 1870. Embarcou para o Egito e naufragou perto da Ilha de Spetsai, em 4 de Julho de 1871. Instalou-se no Cairo em 1871-1872, onde tentou formar uma Sociedade Espiritista que rapidamente fracassou. Viajou pela Síria, Palestina e Líbano em 1872, regressando por um curto tempo a Odessa. Depois de uma curta viagem pela Europa de Leste, dirigiu-se para Paris na Primavera de 1873. Por ordens do seu Mestre parte para Nova York, desembarcando em 7 de Julho. Conheceu o coronel Henry Steel Olcott na granja Eddy em Chittenden, Vermont, em 14 de Outubro de 1874. Começou a sua carreira literária em finais de 1874, escrevendo em defesa da autenticidade das manifestações espiritistas.

Em 8 de Setembro de 1875 fundou a Sociedade Teosófica, juntamente com o coronel Olcott, William Q. Judge e outros (o discurso inaugural do coronel Olcott foi proferido em 17 de Novembro de 1875). Publicou a sua primeira grande obra, *Ísis Sem Véu*, no Outono de 1877. Naturaliza-se cidadã norte-americana em 8 de Julho de 1878. Vai à Índia com o coronel Olcott em 17 de Dezembro de 1878, fixando-se em Bombaim. Lança a sua primeira revista, *The Theosophist*, em Outubro de 1879, que deu lugar a um rápido crescimento da Obra Teosófica na Índia entre 1879-1883. Transferiu a sua Sede para Adyar, Madras, em Janeiro de 1883. Regressa à Europa em 20 de Fevereiro de 1884, acompanhada por Olcott, Mohini e outros. Depois de visitar Nisa, instalou-se durante algum tempo em Paris, para trabalhar em *A Doutrina Secreta*. Fez uma visita breve a Londres. Transferiu-se para Elberfeld, Alemanha, no Outono de 1884, ao mesmo tempo que a conspiração do casal Coulomb se iniciava em Adyar. Regressou a Londres em Outubro de 1884, e pouco depois partiu para a Índia, chegando a Adyar em 21 de Dezembro de 1884. Adoeceu gravemente em Fevereiro de 1885, e foi restabelecida pelo seu Mestre. Embarcou para Nápoles em 31 de Março de 1885, deixando a Índia para sempre.

Depois de uma breve estadia na Torre del Greco, instalou-se em Wurzburg, Alemanha, onde escreveu grande parte de *A Doutrina Secreta*. Transferiu-se para Ostende, na Bélgica, em Julho de 1886, visitou Elberfeld e fixou residência em Londres em Maio de 1887, onde estabeleceu a Loja Blavatsky e foi lançada a sua segunda revista, *Lúcifer*, em Setembro de 1887. Publicou *A Doutrina Secreta* nos finais do Outono de 1888. Fundou a Escola Esotérica nesse mesmo ano e escreveu as suas *Instruções*. Publicou *A Chave da Teosofia* e *A Voz do Silêncio* em 1889.

Em 1890 estabeleceu a Sede Europeia da Sociedade Teosófica no número 19 da Avenida Road, em Londres, onde morreu no meio de um árduo labor em 8 de Maio de 1891.

Foi cremada no Crematório Woking, em Surrey.

José Rubio Sánchez

PALAVRAS NECESSÁRIAS

Sim, palavras necessárias com que início após o esforço de tradução para a língua de Camões desta monumental e documental obra blavatskyana, a qual, além de rara, é preciosidade incontestável.

Chegou-me às mãos graças à generosidade de José Rubio Sánchez, esforçado obreiro da seara teosófica desde há anos promovendo tanto a obra de Helena Petrovna Blavatsky como a do seu discípulo ibérico Mário Roso de Luna, de Valência para Espanha, de Espanha para Portugal e da Península Ibérica para o Mundo. Gratíssimo sou, pois, ao caríssimo Don José Rubio Sánchez por sua inestimável legação que sem ela jamais apareceriam na língua portuguesa estes *Manuscritos* – agora já não – *perdidos da Loja Blavatsky*.

Durante dois anos envolvi-me nesta tradução e, confesso, não poucas vezes quase desisti da empresa. A taquigrafia do discurso em inglês e depois a sua tradução para a língua espanhola, deixaram obscuras e incompreensíveis muitas frases do longo texto que me obrigou a convocar todos os conhecimentos gramaticais e sobretudo teosóficos que tinha ao dispor. Tanto quanto pude, creio ter conseguido clarificar a sintaxe da redacção dispondo a relação lógica das frases e a sua sequência, dando coerência às interrogações e sobretudo ao discurso, substituindo palavras incoerentes, algumas delas boçais, que Blavatsky nunca terá proferido. Isso dever-se-á, certamente, à posse míngua do intrincado dos conhecimentos teosóficos ou iniciáticos dos tradutores originais, pois que além de tradutores deveriam estar munidos das minúcias do Conhecimento Teosófico, sobretudo do legado em primeira mão pelo pioneirismo de H.P.B., que deixa muitas sugestões em guisa de janelas de oportunidade ao aprofundamento futuro de temas como os “Anjos caídos na matéria tendo se humanizado”, os “Badagas e os Retiros Privados dos Adeptos Perfeitos”, os “lugares sagrados misteriosos”, princípio do esquisso dos Sistemas Geográficos, etc., etc., mais tarde desenvolvidos no Brasil pelo Professor Henrique José de Souza, fundador da Sociedade Teosófica Brasileira, dentre muitos outros assuntos, como o da diferença em potência e presença entre os Dhyanis-Budhas na Terra e os Dhyan-Choans no Céu.



Vitor Manuel Adrião e José Rubio Sánchez em Sintra, Portugal, 2018

Em 1889 tudo era novidade, não havia nada comparável ao que Helena P. Blavatsky pronunciava e escrevia. O mais que havia de heterodoxia esotérica, ainda assim toda ela insuflada de judaico-cristianismo, era a Maçonaria, os estudos de Kaballah e Magia, as experiências de Mesmer e, sobretudo, o Espiritismo agregado em torno dos fenómenos psicofísicos, ditos medianímicos, que avassalou no Ocidente norte-americano e europeu na segunda metade do século XIX. Mas algo comparável ao que Blavatsky apresentava às mentes ocidentais, religiosas, leigas, científicas ou simples curiosas, poéticas e novelísticas do *bas-fond* da época, simplesmente nunca houvera algo assim, em breve agitando, provocando revoluções de pensamento mais que tudo nas sociedades científicas e nas instituições religiosas, como das inimizades, perseguições, intrigas e calúnias sem fim que levariam Mário Roso de Luna a considerar H.P.B. “a grande mártir do século XIX”.

Chocando com as convenções sociais de uma época vitoriana onde as aparências valiam tudo, onde a arte de fingir dominava os salões da alta sociedade, onde os preconceitos sociais e racistas eram atmosfera dominante, Blavatsky aparecia com um relâmpago acertando fatalmente nos convencionalismos dominantes, derrubando sem meias-palavras a mesquinhez emplumada. Com isso ganhou a fama de boémia excêntrica, de vulgar do *bas-fond*, e até de pior, já que ninguém conseguia subir às suas alturíssimas mentais e a enfrentar.



Helena Blavatsky trazia consigo um conhecimento novo, da mais profunda metafísica, tanto sobre a origem do Cosmos como do Homem, logicamente irrefutável, matematicamente certa, filosoficamente inquestionável. Assim apresentou a Cosmogénese e a Antropogénese, apoiando-se no testemunho de todo o empirismo científico do passado e da sua época, comparando religiões, apresentando obras consideradas desaparecidas desde há muito tempo, como o *Livro de Dzyan*, por ela comentado

magistralmente, e com tudo isso agregou em seu redor as maiores sumidades científicas do tempo, pasmando com o seu saber, a ele se rendendo e até se fazendo discípulos da Mestra.

Emissária que era de misteriosas Fraternidades Secretas do Oriente longínquo, ela trazia a Palavra dos Mestres de Sabedoria com que iluminava as mentes do Ocidente, transmitindo novidades até então impensadas, quanto muito só sonhadas por privilegiados nos mais belos e raros sonhos. Separou a Verdade da Mentira, o Real do Ilusório, levou a que cada um pensasse por si mesmo e não pelo convencional instituído. Provocou a geração de livres-pensadores, como deverão ser todos os teósofos à imagem e semelhança dos Adeptos Independentes, os Homens Representativos na cúspide da Evolução Humana. Isso granjeou-lhe incontáveis inimizades, algumas delas presentes nestas suas sessões de quintas-feiras em Londres, onde se revelava a Mestra insuperável, igualmente insuportando as admoestações e críticas injustas que sub-repticiamente alguns lhe dirigiam incapazes de saírem do casulo da educação ordinária para aceitarem ou tão-só tolerarem quanto lhes era novidade aparentemente inconciliável com os juízos feitos de uma sociedade fechada sobre si mesma, intolerante a quaisquer movimentos de progresso fora do seu domínio.

A novidade da terminologia oriental, sobretudo sânscrita dos Vedas e páli da Mahayana Budista, também soava a algo exótico, estranho e ininteligível aos ouvidos do auditório ocidental, mas que ela, Mestra, confrontava e conciliava com as filosofias mais familiares aos ouvintes, quedando eles pasmados, encantados, rendidos à Sábua insuperável.

Meses a fio, nas reuniões de quintas-feiras, rodeada de celebridades da Ciência e da Filosofia, da Moral e da Teologia também, H.P.B. nunca vacilou nem recuou ante as perguntas intrincadas com que a confrontavam acerca das *Estâncias de Dzian* e dos seus *Comentários* às mesmas dispostas em relação com a *Cosmogénese* ou Criação do Cosmos. Pacientemente, com uma “paciência de Jó”, vez por outra enfiando com os remos e admoestações a que ora respondia quando se excediam, ora ignorava como Mãe compreensiva da tenra idade sobretudo mental dos filhos, ofereceu aulas magistrais, de profundidade e lógica sobrehumanas, de Astronomia, Biologia, Física, Matemática, etc., tendo base Divina e divinizadora tanto de deuses como de homens e demais seres viventes. Frequentemente, nestes seus diálogos, mostrava-se com o perfil de uma *advaitista* ou monista védica, ao mesmo tempo o de uma *naljorpa* ou mestra tibetana, possuía de paciência e sabedoria inesgotáveis. Elucidou e lucidou as mentes sôfregas de mais Sabedoria – inalcançável ao dédalo censório da Ciência e da Religião estatalmente instituídas pelas convenções ordinárias – que se acolhiam ao regaço do seu pensamento transcendente, ela a *Upasika*, a escolhida dos Mestres Ocultos do Mundo, ela a *Ísis sem Véu*.

Assim foi Helena Petrovna Blavatsky na sua época, e continua sendo, pela obra vasta que legou, a referência capital para as presentes e por certo futuras gerações de espiritualistas de todas as índoles, reconhecendo nela a voz pioneira da Sabedoria Iniciática das Idades que revelou ao Ocidente sob o precioso nome Teosofia.

Vitor Manuel Adrião

OS MANUSCRITOS PERDIDOS DA LOJA BLAVATSKY

I

A Sociedade Teosófica.

Emcontro de quinta-feira, 10 de Janeiro, 1889,
no 17 Lansdowne Road, W.
[T. B. Harbottle – Presidente]

Sr. B. Keightley: – No Proémio à *Doutrina Secreta*, falando do espaço, é dito isto (é lida a citação, volume I, pp. 8 e seguintes)¹. Estas são só as poucas palavras sobre o tema do espaço em abstracto; porém, a primeira sloka da primeira estância diz o seguinte: “O Pai Eterno (Espaço), envolto nas suas sempre invisíveis vestimentas, mais uma vez tinha dormido por sete eternidades”, e sobre isto a primeira pergunta que ocorre a alguém fazer é: por que o Pai Eterno, ou Espaço, é aqui chamado no feminino?

Sr.^a Blavatsky: – Talvez seja um erro fazê-lo. Porém, já que é impossível definir Parabrahman, ou Aquele que está muito além da compreensão humana, então, uma vez que falamos desse primeiro Algo que pode ser concebido, é melhor que digamos: “Ela”. Em todas as cosmogonias é a Deusa e as deusas que vêm primeiro, a primeira convertendo-se na Mãe Imaculada da qual procedem todos os deuses. Nós temos que adoptar um ou outro género, já que não podemos dizer ELE. De ELE nada pode proceder, estritamente falando, nem uma radiação, nem uma emanção.

Sr. Keightley: – É essa a Neith egípcia?

Sr.^a Blavatsky: – Em verdade, é mais que Neith. Porém, é Neith num sentido.

Sr. Keightley: – Então, ELE não é o “Eterno Pai-Mãe de Sete Peles” nesta estância?

¹ “O Espaço é chamado no simbolismo esotérico “o Eterno Pai-Mãe de Sete Peles”. Está constituído desde a sua indiferenciada à sua diferenciada superfície de sete capas. “Quem é Aquele que era, é e será, haja ou não um Universo, hajam deuses ou nenhum?”, pergunta o Catecismo Senzar esotérico. E a resposta que dá é: o ESPAÇO.”

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo que não. ELE é o que está mais além, o *Meta*, o Parabrahman. Este é o aspecto feminino de Brahman, o masculino.

Sr. Keightley: – É desse que se fala no Proémio onde se lê como o “Pai-Mãe de Sete Peles”?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, converte-se nesse na primeira agitação da diferenciação. Então, o subjectivo passa a emanar ou cai no objectivo, e converte-se no que eles chamam a Deusa-Mãe, a que procede o Logos ou Deus Pai, o Imanifestado. Porque o Logos manifestado é outra coisa bastante diferente e é chamado o “Filho” em toda a cosmogonia.

Sr. Keightley: – A primeira diferenciação de ELE Absoluto é sempre feminina?

Sr.^a Blavatsky: – É assexual, porém, o Aspecto Feminino é o primeiro que assume. Tomem a Cabala judaica. Têm “Ain-Soph” que também é ELE, o Infinito, o Eterno, o Ilimitado. Os adjectivos usados em conjunção com ELE são negativos de qualquer tipo de atributo. De ELE o negativo, o Zero, 0, procede o número Um, o positivo que é a primeira Sephira ou Coroa. Os talmudistas dizem que é a “Torah”, a Lei, que eles chamam de Esposa de “Ain-Soph”. Agora vejam a Cosmogonia hindu. Ali encontram que Parabrahman não é mencionado e sim somente Mulaprakriti: mas ali está Parabrahman e ali está Mula-prakriti, que posteriormente é o envoltório, por assim dizer, ou o Aspecto de Parabrahman no Universo invisível. Mulaprakriti significa a “raiz da Matéria”, porém, Parabrahman não pode ser chamado a “raiz”, porque é a raiz sem raiz de tudo o que é. Portanto, devem começar com Mulaprakriti, o “Véu de Brahman” como o chamam. Tomem qualquer cosmogonia no mundo e encontrarão sempre que começa assim; a primeira Manifestação é a Deusa Mãe, o reflexo, a raiz do primeiro Plano da Substância. De, ou melhor, na Deusa Mãe forma-se o Logos imanifestado, seu Filho e Esposo por sua vez, já que a Ele se chama o Pai Oculto; a partir desses Dois tem-se o Logos manifestado o qual é o próprio Filho – o Arquitecto de todo o Universo visível.

Sr. Keightley: – A segunda pergunta é: “Quais os aspectos do Espaço ou da Deidade desconhecida ELE, do qual fala posteriormente e aqui é chamado Pai Eterno”?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, são justamente esse algo andrógino, o *Svabhavat* dos budistas. Não está diferenciado, portanto – uma abstracção. É a Mulaprakriti do vedantino. Se o fizerem corresponder aos princípios humanos será Budhi, correspondendo Atma a Parabrahman. Logo vem Mahat o qual corresponde a Manas.

Sr. Keightley: – E assim para baixo.

Sr.^a Blavatsky: – Sim.

Sr. Keightley: – Então, o que são as sete capas do Espaço? No Proémio você fala do “Pai-Mãe de Sete Peles”.

Sr.^a Blavatsky: – São o que Aristóteles chamou a *privação* da matéria, isso que se converterá nos sete Planos do Ser, começando no espiritual e passando através do psíquico descendo até ao Plano material. Então ali

[falta a página no original]

nomeou o *protyle*, esse que ele queria encontrar, não encontra e certamente não pode encontrar neste Plano ou Terra. É a primeira substância não-diferenciada ou *matéria espiritual*.

Sr. Keightley: – Isto é Laya?

Sr.^a Blavatsky: – As “Roupagens” e *tudo* estão na condição Laya até ao ponto a partir do qual a Substância Primordial começa a diferenciar-se, e assim dá nascimento ao Universo e a tudo nele.

Sr. Keightley: – Chama-os “invisíveis” porque não são objectivos a qualquer diferenciação da consciência?

Sr.^a Blavatsky: – Diga antes “invisíveis” para a consciência, se alguma consciência diferenciada for possível nesta fase da evolução. Certamente não podem ver-se. Não se lê no livro que inclusive para o Logos Mulaprakriti é só um véu? É um véu que o Logos vê, o véu ou as vestes em que o Absoluto está envolvido, não podendo ver, porém, a este último.

Sr. Keightley: – É correcto chamá-lo Mulaprakriti?

Sr.^a Blavatsky: – Se falar com um hindu, aperceberá que Mula-prakriti é o que um vedantino chama Aditi nos Vedas. A Filosofia Vedanta significa, literalmente falando, “a finalidade de todo o Conhecimento”. A grande dificuldade para estudar o sistema hindu esotericamente é que só na Índia há seis Escolas de Filosofia. Pois bem, se

analisar essas verificará que na substância estão perfeitamente de acordo. Fundamentalmente são idênticas, porém, há tal riqueza de nomes, tal quantidade de questões secundárias, toda a classe de detalhes, de filhos sendo os seus próprios pais e de pais nascidos das suas próprias filhas, que chegam a perder-se em tudo isso como numa selva. Afirme o que quiser a um hindu do ponto de vista esotérico e, se ele quiser, poderá contradizê-lo e provar-lhe que está equivocado segundo a sua própria visão sectária ou a da filosofia que aceita. Cada uma das seis Escolas da Índia tem o seu próprio ponto de vista e os seus próprios termos particulares (para isto). Assim, a menos que se mantenha estritamente numa Escola, a sua terminologia especial seguramente será mal compreendida. Tudo isto não é outra coisa senão amassar os miolos e discutir sobre assuntos que na realidade não têm importância.

Sr. Keightley: – Então, o mesmo termo é utilizado de maneira idêntica em sentidos completamente diferentes por diferentes filosofias. Budhi tem um significado na Filosofia Esotérica e um significado diferente na Sankhya?

Sr.^a Blavatsky: – E novamente um significado completamente diferente no *Vishnu-Purana*, onde há sete Prakritis que provêm de Mahat e esta é chamada Mahat-Budhi.

Sr. Keightley: – Novamente isto é diferente.

Sr.^a Blavatsky: – Não é, fundamentalmente é a mesma coisa, apesar de em toda a Filosofia haver algum outro nome e dar-se-lhe outro significado.

Sr. Keightley: – Sem dúvida devemos chamá-lo de alguma forma. Devemos ter os nossos próprios termos?

Sr.^a Blavatsky: – Eu penso que o melhor que poderiam fazer seria adaptar novas palavras inglesas. Se alguma vez querem converter-se em filósofos ocidentais, é melhor que não as tomem dos hindus que serão os primeiros a dizer: “Olhem estes europeus! Eles tomam de nós tudo o que podem, desfiguram tudo e nada fazem bem”. Encontrem equivalentes para todos estes termos, adaptem novas palavras inglesas, não dependam deles e então não haverá confusão.

Sr. Keightley: – *Protyle* acerca-se do termo *Laya*?

Sr.^a Blavatsky: – Aqui tem. Está obrigado a sujeitar-se à terna

misericórdia da antiga língua grega e de outros idiomas por as línguas modernas serem realmente demasiado materialistas, por isto duvido que possa obter alguma palavra para expressar aquilo que necessita.

Sr. Ellis: – Também a podemos obter tanto do grego como do anglo-saxão, e todos os nossos termos científicos são adoptados do grego e do latim, convertendo-se em palavras inglesas somente pelo uso. Uma palavra como *protyle* realmente não é inglesa.

Sr. Keightley: – É simplesmente adoptada.

Sr.^a Blavatsky: – Faz quanto tempo? Apenas dois anos?

O Presidente: – Se tivermos uma palavra que responda ao propósito, por que não a utilizar? O Sr. Crookes utilizou a palavra a *protyle* provavelmente no plano mais materialista de todos².

Sr.^a Blavatsky: – O que ele quer dizer com isso é a Matéria Primordial homogénea.

Sr. Ellis: – Talvez justamente quando está prestes a entrar no estado de diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Então, certamente não são as “roupagens” que descobrirá já que estão no sétimo Plano da Matéria, e o que está procurando neste é o mais inferior.

Sr. Keightley: – O seu *protyle* é “pré-hidrogénio”.

Sr.^a Blavatsky: – Nada mais, e sem dúvida ninguém jamais será capaz de o encontrar. Quantas vezes os cientistas chegam a desiludir-se: frequentemente pensam ter chegado finalmente ao átomo real, protílico e homogéneo, e a cada vez encontram uma coisa composta de dois ou três elementos! Prossigamos.

Sr. Keightley: – Será que existe, por assim dizer, em cada um dos sete Planos matéria relativamente homogénea para esses Planos? É esta a raiz de cada Plano particular?

Sr.^a Blavatsky: – Ela existe, só que é homogénea unicamente para esse Plano e para aqueles que estão nesse Plano. Se alguma vez o Sr. Crookes for capaz de encontrar o *protyle* que está procurando, depois será considerado homogéneo, mas só para ele mesmo

² William Crookes, físico inglês, 1832-1919, que adoptou o termo *protyle* para uma hipotética substância primordial.

e também para nós. A ilusão poderá durar algum tempo, talvez até à Sexta Raça, quando a Humanidade mudará inteiramente. A Humanidade está sempre mudando, física e mentalmente, aperfeiçoando-se mais em cada Raça, e como sabem estamos adquirindo saber, percepção e conhecimento que não tínhamos antes. Por conseguinte, a ciência de hoje é a ignorância de amanhã.

Dr. Williams: – Deveria pensar-se ser um grande erro adoptar qualquer palavra que já tenha sido adoptada por um cientista com outro significado. Protoplasma quase chegou a significar o mesmo que protyle, porém agora ajustaram o seu significado.

Sr.^a Blavatsky: – E está correcto, porque *protyle*, apesar de tudo, provém da palavra grega ὑλη (*hyle*), e certamente os gregos não a utilizaram como uma palavra de algo que pertença a estes Planos. Além disto, foi utilizada na Cosmogonia caldaica antes dos gregos.

O Presidente: – E, no entanto, ὑλη (*hyle*) não é utilizado para dizer “a raiz da matéria” por parte de certos autores?

Sr.^a Blavatsky: – Assim é, mas esses escritores não são muito antigos.

O Presidente: – Não, porém eles utilizam-no num sentido bastante transcendente. A palavra ὑλη (*hyle*) usa-se agora como dando a mesma ideia que nós nos esforçamos por dar quando usamos a palavra *Mulaprakriti*.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, não sei. Se quiserem, têm o Dr. Lewins que se chama a si mesmo Hylo-Idealista³, porém o significado metafísico da palavra está completamente profanado. Assim, certamente fariam melhor em usar outro termo. *Laya* não significa algo em particular, nesse Plano ou em outro, antes significa um estado, uma condição. É uma palavra sânscrita transmitindo o significado de algo completamente indiferenciado e imutável, um ponto zero onde cessa toda a diferenciação. Isto é o que significa e nada mais.

Sr. Kingsland: – A primeira diferenciação representaria a matéria no sétimo Plano?

Sr.^a Blavatsky: – Creio que está certo.

³ Robert Lewins, desenvolvedor do movimento filosófico Hylo-Idealismo, descrito como idealismo materialista, ou seja, Hylo-Idealista.

Sr. Kingsland: – Isso quererá dizer, suponho, que o protyle ideal do Sr. Crookes será matéria em seu sétimo Plano.

Sr.^a Blavatsky: – Não conheço as ideias do Sr. Crookes acerca disto. Não estou segura mas, pelo que entendo, o que ele quer encontrar é simplesmente matéria nesse estado que também chama de “ponto zero”.

Sr. Keightley: – Que seria, por assim dizer, o ponto Laya deste Plano.

Sr.^a Blavatsky: – Duvido muito que ele tenha alguma ideia de outros Planos, e suspeito que está inteiramente satisfeito com este. O que ele quer encontrar aqui é o átomo protílico, isto é claro. Porém, o que pode ele ou qualquer outro conhecer acerca dos átomos, algo que nunca ninguém viu. O que é um átomo para a Ciência senão outra “hipótese de trabalho” acrescentada a todo o resto? Conhece-o, Dr. Williams?

Dr. Williams: – Não, em verdade não.

Sr.^a Blavatsky: – Mas, como químico, deve saber o que querem dizer com isto?

Sr. Kingsland: – É uma definição conveniente do que eles pensam.

Sr.^a Blavatsky: – Mas seguramente agora devem ter chegado à conclusão de que não há uma definição conveniente, não mais do que são os seus elementos. Eles falam em cerca de sessenta ou setenta elementos e riem-se da honesta noção antiga dos quatro e cinco elementos, no entanto onde estão os seus próprios elementos? O Sr. Crookes falando estritamente, chegou à conclusão de que não existem tais elementos químicos. Os cientistas ainda não chegaram a uma simples molécula, e menos ainda a um átomo. Então, o que é?

Sr. Kingsland: – Um átomo é um termo conveniente para dividir uma molécula.

Sr.^a Blavatsky: – Se é conveniente para eles, nada tenho a objectar. Também chamam elemento ao ferro, não é assim?

Sr. Ellis: – Creio que nunca deveremos esquecer que se lhe chama *Teoria Atômica*. Nunca se chamou de outra forma.

Sr.^a Blavatsky: – Ai, mas até a palavra *teoria* é agora utilizada

num sentido errôneo pelas escolas modernas, como o demonstra Sir W. Hamilton⁴. Mas por que eles, uma vez que se riem da metafísica, utilizam um termo puramente metafísico para o aplicarem à ciência física? Estão para aqueles para quem a teoria e os axiomas significam o mesmo. Enquanto a sua teoria favorita não for completamente transformada hoje – o que acontece mais frequentemente que o ano bissexto – eles consideram-na como um *axioma*, e aí daquele que se atreva a duvidar dela ou até a tocá-la fora dos recintos sagrados dos fanáticos da Ciência!

Sr. Ellis: – Foi seu inventor Dalton⁵, que lhe chamou Teoria Atômica.

Sr.^a Blavatsky: – Bom, prossigamos.

Sr. Kingsland: – Você fala de sete eternidades. Quais são as sete eternidades e como pode haver essa divisão no Pralaya onde nada é consciente do tempo?

Sr.^a Blavatsky: – O astrônomo moderno conhece “as ordenações do céu” ainda menos que o seu antigo irmão. Contudo, se lhe perguntar se *Mazzaroth* foi criado no seu momento ou foi “ele” quem expandiu o firmamento⁶, o astrônomo constestará negativamente prevenindo-o acerca do especular sobre a idade do Sol, da Lua e dos tempos geológicos, quando nesse tempo não existia um homem vivo sobre a Terra, com ou sem consciência. Mas por que os antigos não poderiam especular ou conhecer *para trás* e para diante como fazem os modernos?

Sr. Kingsland: – Por que fala em sete eternidades? Por que expõe dessa maneira?

Sr.^a Blavatsky: – Pela invariável Lei de Analogia. Como o Manvantara divide-se em sete períodos, o mesmo acontece no Pralaya; como o dia é composto de doze horas, assim também a noite. Devemos dizer que por estarmos dormindo durante a noite e não sermos conscientes do tempo, as horas não correm da mesma maneira? Passam e os relógios marcam, apesar de talvez não as apercebermos

⁴ Sir William Hamilton, metafísico escocês (1788-1856).

⁵ John Dalton, físico inglês (1766-1844), destacado pelas suas ideias sobre a Teoria Atômica.

⁶ *Mazzaroth*, mencionado em *Job* 38:32, interpretado como as “constelações”.

ou contarmos. Pralaya é a “Noite” depois do “Dia” Manvantárico. Não há nada em redor e a consciência está adormecida com o resto. Porém, já que existe e está em plena actividade durante o Manvantara plenamente viva, sendo assim igualmente deve actuar nos dois extremos, posto a Lei de Analogia ser imutável. Então, por que não se poderia utilizar essa frase?

Sr. Ellis: – Eu gostaria de saber como pode contar uma eternidade?

Sr.^a Blavatsky: – Eis aqui chegados! Se nós ocidentais somos suficientemente tontos para falar e especular sobre algo que não tem começo nem pode terminar, por que os antigos terão feito o mesmo? Afirmo que eles não o fizeram. Ninguém na Antiguidade utilizou a expressão *Eternidade* para referir algo que não tem princípio nem fim. Tomem o exemplo dos gregos falando de *Aeons*. Isto significa algo eterno? Certamente não mais que as suas *Naroses*⁷. Eles não tinham uma palavra para *eternidade* no sentido que nós lhe damos. Só *Para-brahman*, *Ain-Soph* e o *Zervana Akerne*⁸ do Avesta representam essa Eternidade – todos os demais períodos são finitos. Todos estes eram astronómicos, ademais baseados em anos tropicais e outros ciclos enormes os quais são finitos, por conseguinte, não são eternidades, não passam de um modo de falar de eternidade. É a palavra *Aeon* que na Bíblia se traduziu como “eternidade”, apesar de não indicar apenas um período como igualmente significar um “anjo” e um “ser”.

O Presidente: – Porém, está certo dizer que no Pralaya é o Grande Alento?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, já que o *Grande Alento* é incessante, é o *perpetuum mobile* universal.

O Presidente: – se isso é assim, não é possível dividi-lo em períodos? Isto remove a ideia do absoluto e completo nada. Parece incompatível que fale de qualquer *número* de períodos, porém, se tomar o Grande Alento poderá dizer que há tantas inspirações e expirações do Grande Alento.

Sr.^a Blavatsky: – E isso destruiria a ideia de descanso absoluto,

⁷ *Naros*, um ciclo de 600 anos.

⁸ *Zervana Akerne*, persa, “tempo sem limites”.

se esta absolutez de descanso não fosse rebatida pela absolutez de movimento. Portanto, uma é tão boa como a outra. Há um magnífico poema sobre o Pralaya. Não recordo o nome do seu autor hindu. Foi escrito por um antigo Rishi onde descreve e compara o movimento do Grande Alento durante o Pralaya com o movimento rítmico do oceano. É uma imagem magnífica. É a única referência sobre este tema que se conheça ou tenha ouvido.

Senhor: – A única dificuldade é quando a palavra eternidade é usada em vez da palavra Aeon.

Sr.^a Blavatsky: – Po que deveria usar a palavra grega quando pode usar uma palavra inglesa? Eu dou a explicação em *A Doutrina Secreta*, dizendo que os antigos não tinham algo semelhante à eternidade como se entende commumente.

Senhor: – Aeon, para o leitor inglês comum, não significa eternidade.

Sr.^a Blavatsky: – Já temos bastantes palavras estrangeiras, tente-se evitá-las e pô-las em inglês.

O Presidente: – Aeon, para a maioria dos leitores cristãos europeus, significa eternidade, já que eles o traduziram como “para sempre jamais”.

Sr. Ellis: – Isso sempre implica um começo, pelo menos.

O Presidente: – Não, “para sempre jamais” para trás e para diante.

Sr. Ellis: – É sempiterno. Tem um começo mas não tem um final. Se disserem algo no plural, dividem-no. Nisso farão um ponto de começo e um ponto de final. Acabam sempre fazendo uma divisão.

O Presidente: – Então está de acordo com as sete eternidades.

Sr. Ellis: – Penso que é só uma palavra que pode ser tomada por algum dos períodos. Não penso que haja alguma dificuldade absoluta. Quanto ao significado disto, é que há sete fases concorrentes progredindo ao mesmo tempo. Trata-se uma divisão lateral do tempo. Isto é o poderá querer dizer, se assim se pode entender, e isto queria saber se contam desta forma.

Sr.^a Blavatsky: – Conto-o de forma a traduzir o melhor que pude o verdadeiro significado de um texto muito difícil e abstruso, logo

dando-lhe a interpretação que me foi ensinada e que aprendi. É justamente como você diz, e se ler a minha explicação ali encontrará o mesmo.

Sr. Keightley: – Antes que deixemos o tema, pergunto: a relação entre Pralaya e Manvantara é análoga à relação entre dormir e estar desperto?

Sr.^a Blavatsky: – Só num certo sentido, supostamente. Essa relação só vale se a tomar em abstracto. Durante a noite todos existimos e somos, embora dormindo podendo estar inconscientes de se vivos. Porém, durante o Pralaya tudo desaparece do universo fenoménico e se une ao nomenal. Portanto, *de facto* há uma grande diferença.

Sr. Keightley: – Recordo que nos transmitiu uma coisa muito interessante acerca do sono, dizendo que “era o lado obscuro da vida”. Então, o Pralaya é o lado obscuro da Vida Cósmica?

Sr.^a Blavatsky: – Pode chamá-lo assim. É uma época de descanso. Inclusive a Matéria Cósmica, apesar de ser indestrutível em sua essência, deve ter um tempo de descanso, mesma estando na condição Laya. A absoluta Essência Eterna que tudo contém tem de manifestar-se igualmente no repouso e na actividade.

Sr. Keightley: – A pergunta seguinte é acerca da sloka dois: “Não havia tempo, porque jazia dormindo no regaço infinito da duração”. O primeiro ponto é: qual é a diferença entre o tempo e a duração tal como se usam aqui?

Sr.^a Blavatsky: – A duração é, não tem um começo nem tampouco um fim, nem tempo, como tempo, como o seu próprio nome implica, ainda que possamos dividi-lo em passado, presente e futuro. O que é o tempo? Como pode chamar a esse “tempo” que não tem começo nem fim? A duração não tem começo nem fim, o tempo é finito.

Sr. Keightley: – A duração é a concepção infinita, e o tempo a finita?

Sr.^a Blavatsky: – O tempo pode ser dividido, a duração não; por isso se usa a palavra duração.

Sr. Kingsland: – A única forma com que pode definir o tempo é pelos movimentos da Terra.

Sr.^a Blavatsky: – Mas também pode definir o tempo de acordo com as suas ideias, não é certo?

Sr. Kingsland: – Quer dizer a duração?

Sr.^a Blavatsky: – Não, o tempo, porque a *duração* não é possível dividi-la ou pôr marcas nela. Isso é impossível.

Sr. Kingsland: – Mas podemos definir o tempo por certos períodos.

Sr.^a Blavatsky: – Mas não a duração, que é a única eternidade real. Neste Universo finito e fenoménico, desde logo que se pode. Mas tudo que se pode fazer é dividir o tempo em duração e tomar as ilusões como realidades.

Sr. Kingsland: – Mas sem isso não poderia definir o tempo de maneira alguma.

Sr.^a Blavatsky: – Por que não? A divisão natural do tempo é a noite e o dia.

Sr. Kingsland: – A ideia essencial da duração é a existência, parece-me.

Sr.^a Blavatsky: – A existência tem períodos limitados e definidos, e a duração é algo que não tem começo nem fim. Enquanto esta é algo perfeitamente abstracto e contém o tempo, o tempo é que não tem duração. A duração é como o espaço. O espaço como uma abstracção é infinito; porém, na sua concretização e limitação o espaço converte-se numa representação de algo. Claro que podem chamar ao espaço de distância entre este livro e esta mesa ou entre dois pontos quaisquer que possam imaginar. Pode ser enorme ou pode ser infinitesimal, no entanto será sempre espaço. Mas todas estas especificidades são divisões de acordo com as ideias humanas. Na realidade, o espaço é o que os antigos chamaram a Deidade mesma.

Sr. Keightley: – Então, o tempo é o mesmo que o espaço. Eles são um no abstracto.

Sr.^a Blavatsky: – Como duas abstracções eles podem ser um. Mas eu diria duração e espaço, não tempo e espaço.

Sr. Keightley: – O tempo e o espaço têm uma diferença, sendo o tempo o carácter subjectivo que corresponde ao espaço, o objectivo; sendo um o lado objectivo e o outro o subjectivo de toda a manifestação.

O Presidente: – realmente eles são o único atributo do infinito.

No entanto, atributo é uma palavra errada, posto que é coextensiva com o infinito, porém também esta é uma palavra difícil.

Sr. Ellis: – Como pode dizer isso? Eles nada mais são do que a criação do seu próprio intelecto. Eles são nada mais que as formas pelas quais não se pode evitar conceber as coisas. Como podem ser chamados atributos? Tomem o conceito de causa e efeito, estes não são nada mais do que a forma em que pensam as coisas. Se tivesse um cérebro diferente pensaria nas coisas de maneira diferente.

Sr.^a Blavatsky: – E agora você fala como falaria um hylo-idealista. Nós não falamos do mundo fenoménico e sim do universo nomenal. Não há espaço nem tempo, porém, há duração e espaço abstracto. No Catecismo Oculto pergunta-se: “Quem é aquele que sempre é, aquele que não se pode imaginar como não “sendo”, faça o que fizeres”. A resposta é – o Espaço. Porque mesmo que não houvesse um só homem no Universo para pensar nele, nem um só olho o perceber, nem um só cérebro para o sentir, ainda assim o Espaço é, e você não pode evitá-lo.

Sr. Ellis: – Porque não posso evitar pensar nisto.

Sr.^a Blavatsky: – O meu pensamento ou o seu não têm nada a ver com isto. O Espaço existe mesmo onde não há nada e deve existir no vazio total como em qualquer lado.

Sr. Ellis: – os filósofos reduziram-no a isso. Eles dizem que não há nada mais que atributos, nada mais que acidentes.

Sr.^a Blavatsky: – Buda disse algo ainda melhor do que isso. Ele disse, falando do Nirvana, que o Nirvana depois de tudo é também uma ilusão.

Sr. Ellis: – Não chamaria ao espaço eterno e à duração os únicos atributos do Infinito?

Sr.^a Blavatsky: – Não daria ao Infinito absolutamente nenhum atributo. Só o que é finito e condicionado pode ter atributos.

Sr. Keightley: – Você toca numa questão que se coloca aqui. O tempo e o espaço na filosofia moderna são concebidos, como você disse, simplesmente como formas do cérebro físico humano, não existindo à parte do intelecto humano tal como o conhecemos. Disto surge esta antiga questão: “Não podemos conceber nenhuma matéria que não tenha extensão” (como consequência dessa faculdade ou

dessa peculiaridade da faculdade mental), “nenhuma extensão que não seja extensão de algo”. Passa-se o mesmo nos Planos Superiores? Se é assim, qual é a substância que enche o Espaço absoluto e é idêntica ao Espaço? Veja que traz o foco da questão.

Sr.^a Blavatsky: – “É o mesmo em outros Planos”? Agora, como posso responder à sua pergunta? Nunca viajei no Espaço absoluto, até onde sei. Tudo o que lhe posso dar é simplesmente as especulações daqueles que têm mil vezes mais cérebro do que eu ou de qualquer um de vós. Alguns de vocês as chamariam caprichos. Nós, não.

Sr. Ellis: – Ele não responde à sua própria pergunta na mesma questão?

Sr.^a Blavatsky: – Como?

Sr. Ellis: – Ele pressupõe que esta é a única maneira em que a mente pode pensar.

Sr. Keightley: – Eu digo que neste Plano o nosso intelecto está limitado. Desta maneira, só podemos conceber a matéria extensiva.

Sr. Ellis: – Se a sua alma ou qualquer outra coisa pudesse compreender, imaginaria por um momento uma outra forma. Não pode obter uma resposta para isto com palavras, ou pode? O seu intelecto tem de entender as palavras. Disto resulta que o seu intelecto, sendo incapaz de compreender alguma outra forma, não consegue obter uma resposta dessa maneira.

Sr.^a Blavatsky: – Neste mesmo Plano não existem só os intellectos dos homens. Há outros intellectos ou inteligências, chamai-os como quiserdes. Tendes a mente dos animais, desde o mais elevado até ao mais inferior, desde o elefante até à formiga. Posso assegurar-lhes que a formiga tem, relativamente ao seu próprio plano, um intellecto tão bom como o nosso. Apesar de não poder expressar-se por palavras, todavia demonstra elevados poderes de raciocínio, igual e superior ao instinto, como todos sabemos. Assim, encontrando-se neste nosso Plano tantos e tão variados estados de consciência e inteligência, não temos o direito de levar em consideração ou só ter em conta a nossa consciência humana, como se não houvesse outra. Tampouco podemos presumir e decidir, aceitando como um facto, sobre quão elevada é a consciência animal e a dos insectos.

Sr. R. Hall: – Por que não? A Ciência Natural pode confirmar.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não pode. Ela pode especular e supor, mas nunca o poderá confirmar com os seus métodos actuais de adquirir a certeza dessas especulações. Se Sir John Lubbock⁹ pudesse, por um momento, transformar-se numa formiga e pensar como ela, e lembrar-se disso quando regressasse à sua própria esfera de consciência, então com certeza ele saberia algo, nunca de nenhuma outra maneira.

Sr. Keightley: – A concepção de tempo e de espaço das formigas não é a nossa própria concepção.

Sr.^a Blavatsky: – E portanto, se encontramos essas concepções que não são as nossas que estão completamente em outro Plano, não temos o direito de negar *a priori* a existência de outros Planos de que não temos a menor ideia mas que devem existir, sejam Planos superiores ou inferiores ao nosso em muitos graus.

Dr. Williams: – Sobre este ponto posso sugerir que todo o animal nasce, mais ou menos, com as suas faculdades. O homem nasce completamente depauperado e ignorante de tudo, e progride, pelo que sabemos, para a aquisição e desenvolvimento da sua inteligência. Esta parece ser a diferença mais prática entre a inteligência de todos os animais e a do homem.

Sr. Ellis: – Alguma vez viu quando se ensina um cão a sentar-se nas patas traseiras?

Dr. Williams: – Quando se põe os animais sob a influência da civilização eles regressam sempre, sem excepção, à condição primitiva anterior em que nasceram. Isto demonstra que não têm capacidade para manter-se por muito tempo sob a influência da civilização.

Sr. Ellis: – Eles perderão muito. Mas, como podemos saber que não a desenvolveram antes? Se foram postos em diferentes circunstâncias, claro que perderão muito.

Dr. Williams: – No que respeita à nossa experiência, conhecemos os limites em que estavam, e muito claramente.

Sr. Ellis: – Se eles podem aprender, portanto parecem-se com o

⁹ Sir John Lubbock (1834-1913), político inglês, banqueiro e arqueólogo, sendo também autor do popular livro *Formigas, Abelhas e Vespas*, editado em 1882 e reeditado em 1888.

homem. Se colocarmos o homem fora da civilização, converte-se em quê? Em nada mais que num animal.

Sr.^a Blavatsky: – Dizer que os animais não têm inteligência é a maior falácia do mundo. Como pode a Ciência explicar-nos o facto de que não há animal ou insecto que não se consiga ensinar, lembrar e obedecer à voz do mestre? Tomem o exemplo de uma pulga. Ela disparará uma arma de fogo, tirará água e fará todo o tipo de truques¹⁰. Se uma pulga tem inteligência, como será com outros mais desenvolvidos? Como podemos dizer que os animais não têm inteligência?

Sr.: – Não têm a faculdade de pensar.

Sr.^a Blavatsky: – Não têm a faculdade de raciocínio e, no entanto, têm-na.

Sr.: – Um cavalo puxará uma corda e disparará um canhão, mas nada sabe sobre a finalidade disso.

Sr.^a Blavatsky: – Essa é uma questão que nunca foi rebatida satisfatoriamente, por ser simplesmente a nossa organização e a nossa soberba humana que leva a fazer do homem o rei de todos os animais. Eu digo que há animais que comparados com um homem mortal, este fica como o mais inferior dos animais. No mundo não há animal mais imundo que o homem, e digo que é um grande insulto para qualquer animal compará-lo com um homem. Eu me oporia se fosse um animal. Não conseguem encontrar nenhum homem que seja tão fiel como um cão. Ele mostra sentimento e afecto. Não demonstra poderes de raciocínio, mas demonstra inteligência, sentimentos e memória. É igual a um homem.

Sr.: – Vejam os pássaros que retêm a sua própria água.

Sr.: – Mas você não pode comparar isso com a inteligência humana.

Sr.^a Blavatsky: – Eu penso que com toda a probabilidade uma formiga tem mil vezes mais intelecto que um homem, se tomarmos o tamanho proporcional.

Sr.: – Sabe-se bem que qualquer burro inteligente se o deixarem

¹⁰ “Pulgas de circo”, insectos treinados que tocavam instrumentos e moviam objectos, eram uma grande atracção no século XIX.

sozinho com uma porta fechada entre ele e a horta onde estão as couves que quer comer, ele a abrirá, abrirá rodando a maçaneta da porta. Vejam também a maneira como agem os gatos que escapulam durante a noite. Em muitas das casas onde estive, os gatos golpeiam os vidros das janelas com as suas cabeças no parapeito em frente; e vejam a forma como os cães algumas vezes tocaram a campainha. Seguramente que há ali suficiente raciocínio.

Sr.^a Blavatsky: – se puderem, vão e comparem um bebé a um gatinho quando nascem. Que pode fazer um bebé? Mas um gatinho pode imediatamente parar as patas e comer.

O Presidente: – Isso é, penso, o que o Dr. Williams quis dizer justamente agora, quando disse: “o animal nasce mais ou menos com todas as suas faculdades e geralmente não avança nisso, enquanto o homem está aprendendo e melhorando gradualmente”. Não é realmente o ponto?

Dr. Williams: – Esse é exactamente o ponto.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente o homem é um animal perfeito. É um animal que progride.

Sr. Ellis: – Não é uma questão de grau e ambiente?

Sr.^a Blavatsky: – Não encaramos os animais como os homens de ciência encaram a nós.

O Presidente: – Penso que é justo dizer que a inteligência animal não pode ser negada, e acrescentar simplesmente que a inteligência do animal é de um Plano diferente de qualquer outra coisa que nós humanos possamos apreciar. E assim irá subindo mais e mais. Aquilo que transcende a inteligência humana não podemos pretender compreender de alguma maneira. Isto responde a essa pergunta tal como foi feita.

Sr.: – Porém, uma das grandes distinções entre a inteligência animal e a humana não é a do facto dos seres humanos poderem, até certo ponto, trabalhar com o pensamento abstracto, enquanto os animais só podem trabalhar com o concreto? Isto significa, em grande medida, que se pode ensinar o animal que aparentemente raciocinará junto com o facto de poder obter alimento ou algo que goste, enquanto um ser humano pode argumentar a partir de factos e criar em seu redor por meio da imaginação.

Sr. Ellis: – Como ensina a uma criança? Dando-lhe um pedaço de doce ou esbofeteando-a. Pela Fisiologia sabem que a criança passa por todas as etapas de qualquer outra classe de animais e, portanto, passa pelas mesmas etapas em que os animais estão agora.

O Presidente: – Creio que nos desviamos do tema.

Sr. Keightley: – A questão é saber se há alguma consciência ou ser consciente que conheça e faça uma divisão do tempo com o primeiro movimento da Manifestação?

Sr.^a Blavatsky: – Penso que não.

Sr. Keightley: – Da forma como Subba Row¹¹ fala do Primeiro Logos, ele subentende...

Sr.^a Blavatsky: – Que o Logos mantém um diário ou o quê?

Sr. Keightley: – Ele implica ambas: a consciência e a inteligência.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, não sou da opinião de Subba Row. Esquecem uma coisa: ele falou sobre o Logos sem dizer se falava do Primeiro ou do Segundo, do Logos Imanifestado ou do Logos Manifestado. Várias vezes chama-lhe Ishvara, mas assim não é o Logos Imanifestado, porque Ishvara nunca foi Narayana. Podem chamá-lo como quiserem, porém, não é o Logos Superior porque é dele que nasce o Logos Manifestado, que eu ali traduzo como “o Eterno Pai-Mãe”. No *Vishnu-Purana* é chamado o “Ovo do Mundo”. Este “Ovo do Mundo” está envolto em sete peles, capas ou zonas – chamem-nas como quiserem – e é o que se dá no Purana como o Ovo Dourado. Este é o Pai-Mãe. E deste Ovo Dourado nasce Brahma, o Macho, que na realidade é o Segundo Logos ou o Terceiro, de acordo com a numeração adoptada, mas não sendo o mais elevado, o ponto que está em todas as partes e em nenhuma. Mahat vem depois. Mahat é algo entre o Terceiro e o Quarto, flutua porque contém nele os germes físicos e todas as raízes do Universo físico. Ao mesmo tempo, é uma Mente Divina universal.

Sr. Keightley: – Então, é a primeira Manifestação?

Sr.^a Blavatsky: – É a terceira, porém, estende-se à quarta.

¹¹ T. Subba Row (1856-1890), teósofo do Sul da Índia, escreveu sobre os aspectos metafísicos do *Bhagavad-Gita*.

O Presidente: – Então, o Primeiro Logos é o primeiro ponto dentro do círculo.

Sr.^a Blavatsky: – O primeiro ponto porque existe o círculo. O círculo não tem limites ou fronteiras, tampouco pode ter nome, atributos e coisa nenhuma, e este ponto ali posto é o Logos Imanifestado. Este é simultâneo com essa linha traçada através do diâmetro. A primeira linha é o Pai-Mãe, e logo provém deste Pai-Mãe o Segundo Logos, ou seja, a Palavra manifestada. Por exemplo, nos Puranas hindus diz-se (e os orientalistas também têm dito muito sobre isto) que a primeira produção do Akasha é o Som. Pois bem, o Akasha é só o que ali se chama a Mãe ou o Pai Mãe (chamai-o como quiserem), e o Som significa ali simplesmente a Palavra ou uma expressão do Pensamento Indizível; e o Logos é, aquilo que os gregos e platônicos chamaram o Logos, justamente isso que é o Som, fazendo com que o Dr. Wilson¹² e muitos outros orientalistas digam: “Que loucos são estes hindus!” Eles falam do Akasha que é, conforme demonstrámos, Caos, e deste Caos fazem que surja o Som. Isso significa justamente isso, que foi subsequentemente adoptado por São João, o Evangelista, o qual fala sobre o Logos dizendo justamente o mesmo em outras palavras.

Sr. Keightley: – Sobre este tema do tempo coloca-se esta pergunta: “Qual é a consciência que toma conhecimento do tempo?” A consciência do tempo está limitada ao Plano da consciência física ou também existe em Planos superiores? Será que a consciência do sentido de sucessão está limitada puramente ao nosso Plano actual? Ou também existe em Planos superiores?

Sr.^a Blavatsky: – A consciência de quem? Diga-me de quem está falando cuja consciência está limitada.

Sr. Keightley: – Da nossa. Toda a nossa consciência é sucessão. Temos uma sucessão de ideias ou sucessão de pensamentos. Não é assim?

Sr.^a Blavatsky: – Então que é que ali está para pensar assim?

Sr. Keightley: – Você fala do tempo: “O tempo não existia”. O tempo, para as nossas mentes, transmite esta ideia de sucessão.

¹² Provavelmente o professor Horace Hayman Wilson (1786-1860), orientalista inglês, cujas traduções do *Vishnu-Purana* foram utilizadas pela Senhora Blavatsky.

Sr.^a Blavatsky: – E se o tempo *não existia*, não pode expressar tal ideia. Que o tempo não existia significa que só havia duração e não tempo, porque não havia nada ali para fazer o tempo ou a divisão do tempo. Aquilo que não era, como pode ter alguma consciência ou algum aspecto de consciência? Que significa tudo isto?

Sr. Keightley: – Esta pergunta realmente aplica-se a um tema posterior. Você fala assim do tempo: “O tempo é só uma ilusão produzida pela sucessão dos nossos estados de consciência enquanto viajamos através da duração eterna, e não existe onde não existe a consciência”. Então, a questão que surge é: a consciência do tempo, no nosso sentido do termo, está limitada somente ao nosso Plano de consciência desperta ou existe em qualquer outro Plano?

Sr.^a Blavatsky: – Não pode existir porque nem sequer no sonho existe. Você respondeu a si mesmo várias vezes quando falámos sobre os sonhos¹³.

Sr.: – Vendo que os *Deuses* têm um começo e um final, eles devem existir no tempo.

Sr.^a Blavatsky: – Existem no espaço e no tempo. A duração não pode ser dividida.

O Presidente: – Porém, a palavra *sucessão* aplica-se a eles.

Sr.: – Mas não há uma consciência que possa saber isto?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente a Mente Universal pode.

Sr.: – Então a ideia existe ali.

Sr.^a Blavatsky: – Não creio. No Absoluto não pode existir a mesma divisão de tempo que na nossa consciência. Diria que ali há uma consciência, mas não creio que o tempo tenha algo a ver com ela. Podem dizer que o mar também tem uma consciência nos seus golpes rítmicos na praia, no movimento das ondas e no restante? Para mim, o Absoluto não pode ter consciência, uma consciência como a que temos aqui, por isto é que falam como o fazem sobre o Absoluto. Não tem consciência, nem desejo, nem anseio, nem pensamento, porque é o pensamento absoluto, o desejo absoluto, todo o absoluto, precisa-

¹³ A reunião anterior, de Dezembro de 1888, havia tratado o tema dos sonhos, e pode encontrar-se no Apêndice das *Memórias da Loja Blavatsky*, Parte I, 1890.

mente isto de que se riu o *Daily News*¹⁴ por não entender a verdadeira definição de Absoluto. Eles escreveram mas não me recordo como era a frase no *Daily News*. Você lembra-se, Srt.^a –?

Sr.^a –: – Não me lembro.

Sr.^a Blavatsky: – Riram-se da “Ser-idade” e, no entanto, não há outra forma neste mundo para traduzir a palavra *Sat* salvo por *Ser-idade*, porque não é existência, posto a existência implicar algo que sente que é existência. A existência deve dar a ideia de ter um começo, uma criação, e um final, sendo justo o que Gautama Buda disse sobre o Nirvana, e aparte Buda ele é []. Ele disse que o Nirvana não existe e sim que é. Tentem fazer o que poderem com este conceito metafísico oriental. Ainda assim está presente, existe e toda a filosofia está construída sobre isto.

Sr. Ellis: – O Jehovah hebreu era “Eu sou”.

Sr.^a Blavatsky: – Ele chamava-se a si mesmo assim. Também da mesma forma é o Ormuzd dos persas. Cada um de nós é [] o “eu sou o que sou”.

Sr. Duncan: – Ser-idade tem alguma conexão com a palavra *ser*.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porém não é isso. Nenhuma palavra, meu querido Sr. Duncan, pode aplicar-se melhor do que essa, melhor do que a palavra *Ser-idade*. É uma palavra que adaptámos, e que penso que a adaptámos correctamente. É a única que traduz a palavra sânscrita *Sat*. Não é a existência, não é o ser, é a *Ser-idade* absoluta.

O Presidente: – É ambos, ser e não ser.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, então como pode explicar isso melhor? Não podemos concebê-lo. Os nossos intellectos são limitados e finitos e a linguagem é muito mais condicionada e finita do que nós próprios. Assim, como podemos expressar isso que só conseguimos conceber por meio da nossa intuição superior?

Sr. Ellis: – os alemães conseguem entender já que têm uma palavra que utilizam todos os dias e que é *sein*. *Sein*, evidentemente, significa “ser”, e *das Sein* significa, claro, o que entende pela palavra

¹⁴ O *Daily News* de Londres, de 10 de Janeiro de 1889, acabava de publicar uma nota de *A Doutrina Secreta* como “O Segredo de todas as Coisas”.

Ser-idade. Estou seguro que ninguém diria ser absurda, mas vós não utilizais termos alemães. Nenhum alemão chamará absurda a essa palavra, ainda que um inglês frívolo o possa fazer.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, agora vocês ingleses inventem uma palavra que responda àquela *sein*.

Sr. Ellis: – Qualquer um debate-se sempre com a pobreza da nossa linguagem nas traduções. Uma ou duas palavras em alemão podem requerer vinte para uma perfeita tradução.

Sr.^a Blavatsky: – Pois agora vejam Max Müller¹⁵ que criou um verdadeiro caos, posto a língua inglesa dever ter pelo menos mais 40 ou 50.000 palavras inventadas ou adaptadas para expressar uma parte daquilo que expressa a língua sânscrita.

Sr. Ellis: – Não temos métodos para fazer o que fazem em sânscrito. Eles unem duas palavras e obtêm o significado de uma frase inteira. Se queremos expressar a mesma qualidade acontece, uma e ou-tra vez, que tem de se usar cerca de vinte palavras. Não se consegue fazer com uma ou duas palavras.

Sr. Duncan: – Penso que a última pergunta fazia referência à consciência do tempo.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, tudo isso é um começo e um final finito, pelo que não pode encontrar-se nenhuma correspondência entre isso e a verdadeira duração ou o verdadeiro espaço absoluto, porque não é e não pode ser localizado. Existe algo que chamamos tempo, tem um começo e um final.

Sr. –: – Sim, mas somos conscientes disso?

Sr.^a Blavatsky: – Não, inclusive o Devakani não é consciente disso.

Sr. –: – Mas ele está consciente de uma sucessão de estados de consciência.

Sr.^a Blavatsky: – Não, tudo é presente para o Devakani. Para ele não há passado, porque o recordaria e lhe doeria, e não há futuro, porque ficaria ansioso de o obter. O Devakan é um estado de felici-

¹⁵ Friederich Max Müller (1823-1900), orientalista alemão, editor da série de 50 volumes *Os Livros Sagrados do Oriente*.

dade no qual tudo é presente, e é por isto que dizem que o Devakani não tem consciência nem ideia do tempo, para ele tudo é real e vívido.

Sr. —: — Ele não tem nenhuma ideia do tempo por não ter nada para o medir.

Sr.^a Blavatsky: — Para ele não é um sonho, mas para nós é um sonho. Quando sonhamos tudo é presente e disfrutamos de uma grande felicidade.

Sr. —: — Num sonho também podemos sonhar toda uma vida em meio segundo, e sem dúvida estamos conscientes da sucessão de estados de consciência. Os factos acontecem um após o outro.

Sr.^a Blavatsky: — Depois do sonho, não durante o sonho. Durante este não estarão conscientes de nada igual, e talvez esqueçam que existe algo como a sucessão de estados de consciência. Seguramente esquecem.

Sr. Ellis: — Se estiverem descrevendo uma imagem para alguém, não darão toda a imagem de uma só vez, terão de dar primeiro uma parte dela e depois outra, apesar de a terem completa na vossa mente.

Sr.^a Blavatsky: — Sim, vós tendes tudo pela frente e todo o tempo.

Sr. Keightley: — Essa foi a última pergunta.

II

A Loja Blavatsky da Sociedade Teosófica. Encontro de 17 de Janeiro, 1889.

Sr. A. Keightley: – Continua Estância 1, sloka 3: “Não havia Mente Universal, não havia Ah-hi para a conter”¹⁶. Esta sloka parece implicar que a Mente Universal não existe fora dos Ah-hi, porém, o comentário declara que durante o Pralaya “a Mente Universal fica como uma permanente possibilidade de acção mental, ou como o Pensamento Abstracto Absoluto do qual a Mente é a manifestação relativamente concreta”, e que os Ah-hi são o veículo do Divino Pensamento e da Vontade Universal. “Eles são as Forças Inteligentes que dão à Natureza as suas `leis`, enquanto elas mesmas actuam de acordo com as leis impostas sobre elas por Poderes ainda mais elevados... (Eles são) a Hierarquia de Seres Espirituais através dos quais a Mente Universal entra em acção”¹⁷. Este comentário sugere que os Ah-hi não são a Mente Universal mas tão-só o veículo para a sua manifestação.

Sr.^a Blavatsky: – A Mente Universal e a Mente Absoluta são uma só. Ou não? Pois bem, isso só implica que como não há mentes finitas diferenciadas durante o Pralaya, então é como se não houvesse Mente Absoluta por não haver nada que a contenha ou a aperceba. Isto é o que significa. Não havendo nada que reflecta ou contenha as ideações da Mente Absoluta, portanto, *não existe*, porque tudo o que está fora do absoluto e imutável *Sat*, a Ser-idade, é necessariamente finito e condicionado, posto ter um começo e um fim, enquanto aqui é alguma coisa que não tem princípio nem fim. Portanto, já que os Ah-hi¹⁸ *não existiam* não havia Mente Universal, nisto devem fazer a distinção entre a Mente Absoluta, que está sempre presente, e o seu reflexo nos Ah-hi durante a primeira agitação do Manvantara. Os Ah-hi estão no Plano mais elevado, são os que reflectem a Mente Universal colectivamente, e são quem começa o trabalho de evolução de

¹⁶ *A Doutrina Secreta*, 1:37.

¹⁷ *A Doutrina Secreta*, 1:38.

¹⁸ Hierarquias Criadoras.

todas as formas inferiores até chegarem, através dos sete Planos, ao nosso Plano mais baixo.

Sr. A. Keightley: – Então, os Ah-hi e a Mente Universal são necessariamente complementares entre si?

Sr.^a Blavatsky: – De maneira alguma. A Mente Universal, ou a Mente Absoluta, sempre é, seja durante o Manvantara ou durante o Pralaya, é imutável. Porém, já que o termo *Ah-hi* significa os *Dhyanis Superiores* – quicá o Logos – como os que começam, que são a Criação, ou melhor, que são a Evolução, não Criação porque tudo é uma Emissão, e já que os Ah-hi não existiam não havia Mente Universal, porque tudo era Absoluto dormindo, posto que a Mente latente não estava diferenciada na colectividade desses Dhyanis.

O Presidente: – Era, dizendo antes, Consciência Absoluta.

Sr.^a Blavatsky: – Era Consciência Absoluta que não é consciência. O que é a consciência? Logo fazem uma pergunta: “Pode existir a consciência sem uma mente?”. Porém, com o tempo a terá. Será melhor que passem a outro assunto, a menos que tenham mais alguma pergunta a fazer. Por exemplo, imaginem, se conseguirem fazê-lo, que a Mente Universal é como um vazio, porém, um vazio com consciência latente. Suponham que bombeiam todo o ar que poderem de algum recipiente, ficando então um vazio. Mas não poderão representar esse recipiente particular como um veículo posto estar vazio, e se abrirem o recipiente contendo esse *soi-disant* (suposto) vazio como o conseguirão encontrar? Desapareceu, está em todos os lados e em nenhum. É algo, mesmo sendo a ausência de algo. É uma coisa completamente homogênea. Creio ser isto que se supõe ser o vazio. Dr. Williams, como descreveria o vazio?

Dr. Williams: – O vazio absoluto é sobretudo uma fantasia.

Sr.^a Blavatsky: – Uma fantasia que é algo negativa. É o suposto lugar onde nada existe.

Dr. Williams: – É a ausência de ar, penso.

Sr.^a Blavatsky: – Abram esses recipientes e verão nada existir, portanto, a Mente Universal não existe porque não há um veículo que a contenha.

Sr. A. Keightley: – A primeira pergunta é: pode dar-nos uma definição da Mente Universal que resolva a dificuldade?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, acabo de fazê-lo.

Sr. A. Keightley: – Assim é. Logo, a pergunta dois: quais são os Poderes Superiores que condicionam os Ah-hi?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, eu não lhes chamo Poderes em absoluto, mas simplesmente uma manifestação da Lei Periódica, da Lei Universal que se converte em activa ou inactiva por turnos. Isso é essa Lei de Manifestação periódica que cria, emana. Uso sempre a palavra *criar*, mas é uma palavra má e errónea para usar, já que não há criação.

Sr. A. Keightley: – Então o Poder, que é superior aos Ah-hi, é a Lei que necessita manifestar-se.

Sr.^a Blavatsky: – Exacto. Periodicamente, quando soa a hora, ela surge e eles manifestam-se. Estão no primeiro escalão da Manifestação, a partir do qual gradualmente tomam cada vez mais forma.

Sr. A. Keightley: – Realmente deveria ser A Lei, e não UMA Lei.

Sr.^a Blavatsky: – A Lei e não uma lei. Isto dou [-vos] pela perspectiva dos ensinamentos esotéricos ou orientais. Se a Ciência Física se opõe, que o faça, e haverá de arrepender-se. Qual de vós tem alguma objecção a fazer?

Sr. Kingsland: – A grande dificuldade é representar esta Lei.

Sr.^a Blavatsky: – Quer ir mais além até da primeira Manifestação, mais além do que chamam a Causa Suprema, você quer ir mais além que isto. Tente entender primeiro a Causa Suprema, como eles a chamam, e posso assegurar-lhe que não a entenderá; tudo isso é uma fantasia, tudo não passa de imaginação pessoal. Tentamos fazer o melhor que podemos, porém, não se pode pensar em tudo. Nem sequer nos aproximamos desse Absoluto, dessa especulação meramente lógica que data de milhares e milhares de anos. Se a Ciência Física ou moderna pode dizer ou inventar algo melhor, que o faça, porém, ainda não o fez. Há vazios e fissuras por todas as partes, e a cada momento aparece algo que parte o nariz a um, logo vindo outro que salta o muro imaginando outra especulação, para também acabar partindo o nariz. E isto é tudo.

Sr. Kingsland: – O termo Mente Cósmica não seria melhor que Mente Universal neste caso?

Sr.^a Blavatsky: – Não, a Mente Cósmica pertence ao terceiro

grau. A Mente Cósmica está simplesmente confinada ou limitada ao Universo manifestado.

Sr. Kingsland: – Assim é. Neste sentido, parece que é proposta a passagem.

Sr.^a Blavatsky: – A Mente Cósmica é algo bastante diferente da Ideação Universal. A manifestação da Mente faz-se só durante o Período Manvantárico de actividade. Porém, a Ideação Cósmica não conhece nenhuma mudança. Foi, sempre foi, é e será. Nunca deixou de existir, e só não existia para a nossa percepção por não haver mentes para a aperceber. A Mente Universal não existia porque não havia ninguém para a aperceber. Uma é latente e a outra é activa. Uma é uma potencialidade.

Sr. Kingsland: – A Mente Universal estava no Absoluto, porém a Mente Cósmica não estava.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas aqui falamos da Manifestação. Eu não posso andar a inventar coisas, estou obrigada a traduzir tal qual as estâncias aparecem no livro.

Sr. Kingsland: – Mas isso é a Manifestação.

Sr.^a Blavatsky: – Bom, chamemo-la Mente Cósmica, se prefere.

Sr. Kingsland: – Eu só penso que há uma confusão entre a Mente Universal e a Mente Absoluta.

Sr.^a Blavatsky: – Se diz Mente Universal é o Absoluto, mas se diz Mente Cósmica é outra coisa.

Sr. Kingsland: – Então não pode dizer que não era.

Sr.^a Blavatsky: – A Ideação Cósmica não era, mas a Mente Universal era.

Sr. Kingsland: – Assim é.

Sr.^a Blavatsky: – Como posso pôr que não era? Porque estou obrigada a traduzir como é, desde logo a dar todos os comentários. Não os inventei. Se os tivesse inventado, poderia pôr de outra forma.

Sr. Kingsland: – Se diz que a Mente Universal não estava manifestada, supera a dificuldade.

Sr.^a Blavatsky: – Aqueles que escreveram isto não se preocupam com o Universo manifestado. Isto relaciona-se com o nível mais

elevado, sem contudo tratar da Matéria Universal e sim do Universo da Ideação da Consciência, e assim sucessivamente.

Sr. Kingsland: – Trata sobre a primeira Manifestação.

Sr.^a Blavatsky: – É melhor que envie o seu protesto aos que escreveram isto, porque eu não pude evitá-lo.

Sr. Kingsland: – Não, é a tradução inglesa. Vê o que quero dizer, Harbottle?

O Presidente: – Vejo o que quer dizer.

Sr. Mead: – É o mesmo visto por diferentes perspectivas.

O Presidente: – Penso que estamos aptos para utilizar a palavra *cósmica* aplicada ao Universo manifestado em todas as suas formas. Mas isso não se refere a nada disto. Trata-se da Consciência Absoluta ou não-Consciência, e penso que realmente a Consciência Absoluta não pode ser a Mente Universal porque não estava expressada, não podia ser expressada e não havia expressão para isso. Isto é o que eu assumo como significado disso.

Sr. Kingsland: – Não havia expressão para isto, no entanto estava ali.

O Presidente: – Estava ali e não estava ali.

Sr.^a Blavatsky: – Porque os Ah-hi não estavam, para as pessoas que os podem conceber não havia nada nem ninguém para os conceber. Como pode ser? Porque não estavam. Devem lembrar-se do modo peculiar de expressão utilizado pelos orientais. Eles expressam-se sempre alegoricamente, sempre figurativamente. Não podem pedir-lhes que se expressem na linguagem científica que diz muito e significa tão pouco.

Sr. Kingsland: – Quando diz que não estavam, quer dizer que não havia nada em absoluto.

Sr.^a Blavatsky: – Perdão? Eu disse que não estavam, simplesmente.

O Presidente: – Se se disser que existia, seria assumir uma visão parcial do que para nós significa *Sat*. Isso seria equivalente a dizer que *Sat* é Ser.

Sr. Mead: – Penso que a questão depende do tempo referente

ao conjunto. Envolve a questão do tempo que então não existia.

O Presidente: – Creio que vai mais longe que isso. Penso que tudo isto é inerente ao significado que damos à palavra *Sat* que é, como disse, Ser e não-Ser.

Sr. Kingsland: – Não creio haver confusão na minha mente mas sim nos termos.

Sr.^a Blavatsky: – Leia isto de novo, por favor.

Sr. A. Keightley: – “Quais são os Poderes Superiores que condicionam os Ah-hi?”

Sr.^a Blavatsky: – Não, não, isso não. Refiro-me ao que o Sr. Kingsland objecta.

(Então, A. Keightley leu a passagem: *A Doutrina Secreta*, Estância I, sloka 3 e comentário [citados no início da reunião].)

Sr.^a Blavatsky: – Deve ser “Poder” Superior e não “Poderes”.

Sr. Kingsland: – Primeiro disse que eram, e depois diz que não eram.

Sr.^a Blavatsky: – Eu não disse isso. O Absoluto deve ser sempre, é totalmente impossível não ser assim. O Absoluto é algo que deve ser tomado tacitamente. Se há algo que seja absoluto e não absoluto, um absoluto desconhecido e incognoscível, então dever ter sido sempre e sempre será. É impossível que saia do cosmos. Esta é uma premissa tácita.

Sr. Kingsland: – Mas tomando como está escrito ali, “a Mente Universal não existia”, trata-a como se fosse uma manifestação. Porém, a mente não é uma manifestação em si mesma.

Sr.^a Blavatsky: – A mente é uma manifestação. A Mente Universal não é o mesmo: chamemo-la uma Ideação. A Ideação Cósmica foi, tão logo apareceram os Ah-hi, e continua durante o Manvantara. Porém, esta é uma Ideação Absoluta Universal que sempre é e não pode sair fora do Universo, enquanto que a Ideação Cósmica não existia e o único erro foi que não pus *Cósmica*. Mas por que devia fazê-lo? Não posso pôr coisas tiradas da minha própria cabeça, eu só traduzo como está. Há muitos, muitos versículos que aparecem pelo meio mas que deixei de fora. Se os tivesse posto, poderia ficar melhor.

Sr. B. Keightley: – Também penso que o termo *cosmos* é usado em quase toda *A Doutrina Secreta* principalmente em referência ao Universo Solar manifestado, não sendo tomado no sentido de referência ao que precede.

Sr.^a Blavatsky: – Penso que só devemos tratar como “cosmos” o nosso Sistema Solar. Penso tê-lo dito em algum lugar, pelo menos é o que ocorre. Tenho a memória de ter escrito sobre isto.

Sr. A. Keightley: – Penso ter percebido a objecção de Kingsland, que querará dizer que esta expressão pode ocasionar certa confusão porque, como agora o expressou Madame Blavatsky, a Mente Universal sempre é e pode não ser nunca. Porém, não existia isso que é idêntico ao que chamamos Ideação Cósmica, porque os Ah-hi não estavam presentes para o aperceber.

Sr.^a Blavatsky: – E, como não havia Manifestação, estavam presentes em potencialidade.

Sr. A. Keightley: – Primeiro disse que a Mente Universal não existia, e agora diz que a Mente Universal é sempre algo permanente e sempre é.

Sr.^a Blavatsky: – Porque tento explicar a estância. Conheço o significado, conheço o espírito também, não a letra morta, não tomo a letra morta; dou-a como é, logo dou o seu espírito.

Dr. Williams: – A expressão *Mente Universal* transmite essa ideia?

Sr. B. Keightley: – Penso que está implícita na palavra *mente*.

Sr.^a Blavatsky: – Somos obrigados a usá-la.

O Presidente: – A menos que lhe chame *consciência*.

Sr.^a Blavatsky: – É Consciência Absoluta. Mas não é consciência como nós a entendemos.

Dr. Williams: – Se se desfizer de todas as afirmações, terá feito quanto se pôde fazer. Disse que o Absoluto é. Se disser mais que isso aproxima-se da percepção, e isto é a manifestação.

O Presidente: – Não pode atribuir mente ao Absoluto até ter algo capaz de perceber a radiação do Absoluto, em cujo caso é correcto dizer que a Mente Universal não existia.

Sr. Kingsland: – É correcto num sentido, porém cria confusão.

Sr.^a Blavatsky: – Mas que podemos fazer? Querem mudá-lo? Agora está impresso. O que podem fazer?

Sr. Kingsland: – Não podemos fazer nada, agora está impresso.

Sr.^a Blavatsky: – Então por que querem partir o meu coração? (Risos)

O Presidente: – Realmente, você pediu-lhe que objectasse.

Sr.^a Blavatsky: – Mas que podemos fazer agora? Penso que umas 20 pessoas partiram as suas cabeças na preparação da obra, incluindo o grande metafísico Fawcett¹⁹, porque eu havia pedido a todos. Mas há algo que Herbert Spencer²⁰ ou alguns dos seus colegas cientistas possam objectar? “Não”, disseram eles, “está tudo perfeito”, e agora encontram imperfeições! Bem, prossigamos.

Sr. B. Keightley: – A que Plano Cósmico pertencem os Ah-hi dos quais se fala aqui?

Sr.^a Blavatsky: – Ao primeiro, ao segundo e ao terceiro. Porque é uma Tríade, uma Tríade manifestada, um reflexo do Imanifestado. Tomando a Tríade no sentido que lhe deu Pitágoras, ela desaparece na obscuridade e no silêncio. Tomada neste sentido é o Único, como o é Atmã-Budhi-Manas, assim também os primeiro, segundo e terceiro Planos. Os Ah-hi pertencem a estes Planos.

Sr. A. Keightley: – Quer dizer que os Ah-hi pertencem aos Planos Cósmicos que correspondem a Atmã, Budhi, Manas.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é, correspondem.

Sr. A. Keightley: – Então não pode surgir esta pergunta, que Atmã, Budhi, Manas...

Sr.^a Blavatsky: – Já sei, os dois estão no mesmo Plano.

Sr. B. Keightley: – São emanações sucessivas. No Homem manifesta-se Atmã e Budhi antes que Manas faça a sua aparição.

¹⁹ Edward Douglas Fawcett (1866-1960), jornalista inglês que ajudou H.P.B. com *A Doutrina Secreta* e escreveu sobre metafísica. Foi irmão do coronel Percy H. Fawcett, o explorador que foi à descoberta de uma cidade perdida no Amazonas, em 1925, e nunca mais regressou.

²⁰ Herbert Spencer (1820-1903), filósofo e sociólogo inglês, que postulou o “Inconoscível” como a base do mundo fenoménico.

Sr.^a Blavatsky: – Mas não falemos agora do Homem, por favor, pois falamos em geral dizendo a que corresponde isto. Não vão agora misturar o Homem com isto. Falamos simplesmente do Macrocosmos, do começo quando apareceu a primeira agitação do amanhecer manvantárico dando início à Evolução.

Sr. B. Keightley: – A pergunta que quero fazer é exactamente esta: esses três Planos emanam simultaneamente ou emana um depois do outro?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que um depois do outro, mas não posso dizer-lhes. Não me façam perguntas que não posso responder.

Sr. B. Keightley: – Esta é a pergunta que agora queria fazer.

Sr.^a Blavatsky: – Querem realmente aplicar a lei mecânica à Cosmogonia como é nas mentes metafísicas dos orientais? Não obterão muito se vierem a aplicar o Espaço e o Tempo porque não havia Espaço e Tempo, pelo que como podem fazer-me esta pergunta?

Sr. B. Keightley: – Bem, então isso põe fim à pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – Depois disso vem a pergunta do reflexo da Tríade no Espaço e Tempo, portanto, como podem aplicar algo mecânico?

Sr. B. Keightley: – Isso é o que eu queria que dissesse. Obtive o que queria.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 4: estes Ah-hi foram homens em Manvantaras anteriores ou chegarão a sê-lo?

Sr.^a Blavatsky: – Chegarão a ser homens em Manvantaras futuros.²¹

Sr. A. Keightley: – Então eles continuam permanentemente nesse Plano durante todo o período do Manvantara?

Sr.^a Blavatsky: – De 15 cifras?²² Não, atravessam todos os Planos até se converterem em Manasaputras no terceiro Plano, os “Filhos

²¹ Refere-se às Mónadas imanifestadas no Plano da Tríade Superior, os mesmos “Espíritos Virginais” no início da Evolução, segundo a definição dada pelos Rosacruz, começando no estágio Átmico-Assúrico, deífico, até que num Manvantara ou Cadeia futura alcançam a condição Bhuta-Jiva, humana.

²² O Ciclo de Vida Manvantárico relacionado ao Sistema Solar possui “uma duração de tempo que excede as quinze cifras”.

de Manas” ou da Mente. Eles são *Arrúpicos* (“sem forma”). Nos Planos Superiores estes Ah-hi são *Arrúpicos*, isto é, amorfos, incorpóreos, sem nenhuma substância, sem nada, eles são Alentos. No segundo Plano é quando se acercam do *Rupa* ou da “forma”. E logo no terceiro convertem-se em *Manasa-Rupas*, aqueles que encarnam no Homem.

Sr. A. Keightley: – Então, essa etapa cumpre-se num Manvantara ou há várias etapas?

Sr.^a Blavatsky: – Assim é. Tudo é o mesmo, só se faz a sua distinção. Em cada Plano que eles alcançam são chamados por nomes diversos consoante o nível onde estejam.

Sr. A. Keightley: – De acordo.

Sr.^a Blavatsky: – Há uma grande diferença entre o que falamos ser de substância homogênea, e a substância concebida segundo as nossas noções, porque não pode haver nenhuma substância que possamos conceber. Logo convertem-se em substância, se o quiserem.

Sr. A. Keightley: – Então os Ah-hi deste Manvantara...

Sr.^a Blavatsky: – Não existem mais, por favor. Faz muito tempo que se converteram em []²³. Leiam *A Doutrina Secreta* e verão tudo ali.

Sr. A. Keightley: – Eu entendi que eles não se convertiam em homens neste Manvantara.

Sr.^a Blavatsky: – As 15 cifras aplicam-se ao Sistema Solar. As primeiras respostas relacionam-se com o começo de todo o Universo objectivo, porém, depois disso quando começam a falar do Pai-Mãe relacionam-se com o nosso Universo objectivo e com o Sistema Solar, só porque o nosso ensinamento não se ocupa em absoluto com as coisas externas. Pelo menos estas coisas selecionei. Não poderia seleccionar tudo. Só tomei o que se relaciona com o nosso Sistema Solar. Tomei somente duas ou três, para mostrar a ideia geral, e logo saltei estâncias completas chegando a este ponto. É dito que passei sobre umas 60 estâncias. Eu teria recebido elogios do *Daily News* se tivesse traduzido tudo.

²³ Esta passagem foi deixada em branco no original. A versão publicada de *Transactions* dá: “Planetários, Solares, Lunares e finalmente encarnaram como Egos”.

Sr. B. Keightley: – Então, no redespertar os homens do Manvantara têm de passar por uma etapa similar à dos Ah-hi no próximo Manvantara?

Sr.^a Blavatsky: – Em muitos, muitos Manvantaras no final da cauda da serpente, quando a cauda estiver na boca da serpente, diria. Em que a ambição terá de se converter? Em um Ah-hi ou o quê? Tem tempo, meu querido amigo, para fazer muitas coisas antes de se converter num Ah-hi.

Sr. A. Keightley: – “Um homem pode escolher o que quer pensar”. Será que por analogia também se pode aplicar aos Ah-hi?

Sr.^a Blavatsky: – Não, porque um homem tem livre-arbítrio e os Ah-hi não têm. Eles têm uma Vontade colectiva. Eles estão obrigados a actuar simultaneamente. É uma lei que lhes dá o impulso e têm de actuar de acordo com essa lei. Eu não lhe chamo livre-arbítrio. O livre-arbítrio só pode no homem, num homem que tem uma mente com consciência, que actua e percebe as coisas em si mesmo e também fora de si mesmo. Esses Ah-hi são simplesmente Forças, não são seres humanos. É verdade que não os toma como homens?

Sr. A. Keightley: – Não, porém considero que são agentes conscientes trabalhando.

Sr.^a Blavatsky: – Conscientes na medida em que actuam dentro da Consciência Universal. O Manasaputra é algo diferente quando chega ao terceiro Plano.

Sr. Hall: – Pode dizer-se que os Ah-hi estão disfrutando da alegria?

Sr.^a Blavatsky: – Por que deveriam sentir felicidade ou não felicidade? O que é que fizeram para isso? Não penso que gozem nada disso. Até nem podem fumar cigarros, se gostarem. Por que deveriam sentir alegria? Que ideias extraordinárias vós tendes! Só podem sentir felicidade quando tiverem conhecido o sofrimento.

Sr. Hall: – Estava fazendo uma distinção na minha mente entre alegria e felicidade.

Sr.^a Blavatsky: – Pensava que era o mesmo. Não podem ter felicidade nem alegria se não conheceram o sofrimento e a dor.

Sr. Hall: – Estava pensando na felicidade como o estado do Absoluto.

Sr.^a Blavatsky: – Supõe que o Absoluto é a felicidade? O Absoluto não pode ter nenhuma condição, nenhum atributo, nada de nada. O Absoluto é incondicional, isto é o que primeiro se deve aprender acerca do Absoluto. Só aquele que é finito e diferenciado pode ter algum atributo ou algo semelhante.

Dr. Williams: – Como pode dizer-se que eles são Inteligências conscientes quando a inteligência é algo tão complexo?

Sr.^a Blavatsky: – Porque a língua inglesa não nos dá uma palavra melhor. Admito que a palavra é muito inadequada, porém, a língua inglesa não é a língua sânscrita. Se a tivesse escrito em sânscrito não levantariam uma só objecção, mas que se pode fazer com a língua inglesa ou com qualquer outra língua europeia?

Dr. Williams: – Poderia não ser uma só palavra, porque penso que um conjunto de várias palavras poderia explicar tudo.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, tente fazê-lo, por favor!

Dr. Williams: – Parece-me, pelo que consigo entender das suas elucidações, que realmente o termo significa uma força que é uma unidade, não uma acção e reacção completa de várias forças – que estariam implícitas na palavra *inteligência* ou o que implique complexidade – mas que realmente é essa força quase simples. O nomenal, o aspecto da força fenomenal, finalmente expressará melhor o que isto significa.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, não sei. Tome uma chama ou acenda você mesmo uma chama, e terá nisso a unidade. Mas, os raios que procederão dessa chama irão ser complexos e farão todo o tipo de coisas, porém vendo-se que cada um actua na sua própria linha.

Dr. Williams: – Mas eles só se tornam complexos quando encontram receptáculos nas formas inferiores.

Sr.^a Blavatsky: – Claro que encontram. Quanto mais baixo descerem mais encontram. Porém, tudo é Uno, é simplesmente o Raio que procede do Uno. Mas quanto mais se diferenciam até se tornarem completamente condicionados, caem aqui em baixo neste nosso mundo com os seus milhares de milhões de habitantes, “a maioria deles sendo tontos”, como disse Carlyle²⁴.

²⁴ Thomas Carlyle (1795-1881), autor inglês.

Dr. Williams: – Bem, então os Ah-hi, considerados como uma essência primária, serão uma unidade.

Sr.^a Blavatsky: – certamente, porque eles procedem da Unidade. É o primeiro dos sete Raios, como lhe chamam.

Sr. A. Keightley: – Então são o reflexo da unidade.

Sr.^a Blavatsky: – O que são, por favor, os raios prismáticos se não são o raio único branco? De um tornam-se três e os três fazem-se sete, posto haver uma escala prismática de cores.

Sr. A. Keightley: – Sete, porém não deixam de ser um ao moverem-se rapidamente uns sobre os outros.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é para a nossa percepção. Eles convertem-se em sete precisamente da mesma maneira, por favor tomem a analogia.

Sr. A. Keightley: – Próxima pergunta. Disse que durante o sono profundo “a mente não está” no Plano material, porém, deixa implícito que durante esses períodos a mente está activa em outros Planos. Poderia dar-nos uma definição das características que distinguem a mente em estado desperto da mente durante o sono do corpo?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, suponho que há uma grande diferença entre as duas. Veja-se, nas mentes superiores a razão dorme, porém, a mente instintiva está desperta. Essa é a diferença. A razão da mente superior, no homem físico, não é sempre a mesma. Hoje estive lendo um livro e aprendi a grande diferença que existe entre o cérebro e o cerebelo. Misturei-os sempre na minha mente, não estava certa deles, mas esta manhã fui olhá-los a propósito e finalmente aprendi que este é o cerebelo (apontando para a cabeça) e este é o cérebro. Um dorme quando o outro está desperto, e se perguntar a um astrólogo ele lhe dará uma ideia magnífica. Não sei onde foi dito de que o cérebro é septenário, sendo ele quem separa e une todos os planetas que respondem a essas porções. Agora encontrará aqui a Terra, o Sol e a Lua, aqui na palma da mão, e esta parte dorme e descansa quando a outra está desperta.

Sr. A. Keightley: – Então o que quer dizer com mente instintiva?

Sr.^a Blavatsky: – Veja-se, ela actua num Plano que consideramos como ilusão. Agora, por exemplo, a este Plano onde estamos actuando se chama realidade, nós a chamamos ilusão, porém acres-

centando que quando esta parte vai dormir e esta outra parte do cérebro deixa de ter função definida, é aquela outra que começa levando o homem ao Astral – o qual é muito enganoso, porque é a emanção de tudo aquilo que é mau. Não guarda registo. É chamado a Grande Serpente. Agora, se a mente superior dorme, terá uma percepção dos sonhos e pode trazer a recordação deles quando desperta (esta interpretação dos sonhos penso que já a discutimos suficientemente quando falámos deles), e a menos que seja isso, terá todos esses sonhos caóticos nada tendo a ver com essa parte peculiar do seu cérebro, o cerebelo.

Sr. B. Keightley: – Uma pergunta que tinha para isto: por exemplo, as condições fundamentais da mente no estado de vigília são o Espaço e o Tempo.

Sr.^a Blavatsky: – Sim.

Sr. B. Keightley: – Estão em Manas, a Mente, durante o sono do corpo físico?

Sr.^a Blavatsky: – Não.

Sr. B. Keightley: – Assim tem-se, em todo o caso, uma distinção muito marcada na manifestação do Homem nos dois planos de consciência.

Sr.^a Blavatsky: – Isso até pode aproximar-se um tanto, como alguma alucinação do Espaço e do Tempo, mas certamente não é nada real. Falámos disto por muito tempo e vimos que num segundo poderiam viver-se acontecimentos de trinta anos, como provam alguns sonhos. Portanto, não há nenhuma concepção, nenhuma possibilidade de conceber a divisão do Tempo.

Sr. B. Keightley: – ou do Espaço.

Sr.^a Blavatsky: – Ambos estão na Duração ou Eternidade, não estão no Tempo.

Sr. A. Keightley: – Pergunta seguinte: foi declarado que Manas (a Mente) é o veículo de Budhi, no entanto fala-se da Mente Universal como Maha-Budhi. Pode definir para nós a diferença entre Manas e Budhi apicados num sentido universal, e Manas e Budhi tal como se manifestam no Homem?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, o Budhi Cósmico é o veículo de Mahat, ou

seja, no sentido de que Budhi seja Prakriti e isto seja Prakriti. Ele descende pelos sete Planos, enquanto o Budhi do Homem procede do Akasha mais elevado, sendo esta é a diferença. Ele não retorna aos Planos Superiores enquanto não chegar aos Planos mais objectivos. Também Maha-Budhi é utilizada ali no mesmo sentido que Prakriti nas suas sete manifestações.

Sr. B. Keightley: – Mas a Mente Universal é o veículo de Mahat? E também o Manas no Homem procede da Mente Universal?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, procede do Akasha – Budhi, quero dizer, o Manas. Os Manasa-Dhyanis são os mesmos Ah-hi que mencionei num Plano inferior.

Sr. B. Keightley: – Porque, supostamente, naturalmente alguém pensaria em Mahat como a Mente Universal, procedendo o Mahat no Homem da Mente Universal.

Sr.^a Blavatsky: – É justamente a mesma *Prakriti* na sua última manifestação. É o que na Cabala se chama *Malkuth* – a Noiva do Homem Celeste –, ou melhor, a Terra, tudo aquilo que é terreno ou atómico.

Sr. B. Keightley: – Ou seja, o Plano da consciência objectiva, na realidade, a consciência desperta.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 8: pode haver consciência sem mente?

Sr.^a Blavatsky: – Aqui chegamos à grande questão. A consciência, o que é? É somente a faculdade da mente, ou não? É isso que penetra a mente ou o Ego e faz com que perceba que tal mente possui acção, que é assim, ou não é? Como o explicam de outra maneira? A consciência não é algo *per se*. É uma faculdade da mente. Isto é o que Hamilton dirá e todos os orientais dirão. Eles não podem dizer nada mais. É algo inseparável da mente, e a não ser que seja a mente de um idiota claro que não terá nenhuma consciência.

Sr. A. Keightley: – Disse que a moda actual entre os filósofos é falar desdenhosamente.

Sr.^a Blavatsky: – Sabemos disso, claro.

Sr. A. Keightley: – Da ideia de fazer da mente uma entidade.

Sr.^a Blavatsky: – Claro, porém a mente ainda é alma. É sinónima

de alma. Aqueles que não crêem na alma certamente lhe dirão que não existe consciência fora do cérebro, e uma vez que o cérebro morra e o homem esteja morto deixa de haver consciência. Os niilistas, os ateístas e os materialistas lhe dirão isto. Se crêem na mente, a mente é a alma ou o Ego. Porém, que tipo de alma é se não tem consciência?

Sr. A. Keightley: – Mas eles aceitam a consciência.

Sr.^a Blavatsky: – Mas não depois da morte do homem, enquanto nós aceitamos a consciência depois da morte e dizemos que a verdadeira consciência e a verdadeira liberdade do Ego ou a alma começa somente depois da morte física do homem. É então, quando já não está impedida pela matéria terrestre, que está livre, que pode perceber tudo.

Sr. A. Keightley: – Porque limitam a sua consciência ao sentido da percepção.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é o que eles fazem, e não nós. Esta é a diferença entre nós e eles.

Sr. Hall: – Quando fala sobre a morte física do homem, refere-se à morte permanente?

Sr.^a Blavatsky: – Que outra morte há para o homem?

Sr. Hall: – Não sei se pretende que tomemos o facto de depois da morte a alma estar livre e poder agir sem ser afectada pelo corpo.

Sr.^a Blavatsky: – Você faz uma distinção muito subtil. De que está falando?

Sr. Hall: – Se se refere a quando um homem cessa de encarnar, isso é outra coisa.

Sr.^a Blavatsky: – Quando cessa? Quando se converte em Nirvani, quando está morto e não existe mais nenhum Hall, mesmo que o seu Ego o seja. O Roger Hall terá se convertido em uma das vestes que o seu Ego descartou para assumir outra durante um certo tempo.

Sr. Hall: – Mas então por que o Ego já não poderá perceber as coisas como actualmente?

Sr.^a Blavatsky: – Porque não está impedido pela matéria, pela matéria bruta. Pode ver o que está atrás dessa porta, a menos que seja um clarividente? Assim não há impedimento da matéria e a alma

vê tudo. Vai para o Devakan, para o seu próprio lugar, e depois deverá reencarnar. Porém, há casos em que não vão ao Devakan, que é o que tolamente tem-se acreditado.

Sr. Hall: – Isso não se aplicará a toda a morte física.

Sr.^a Blavatsky: – Não falamos das exceções, elas somente demonstram a regra, falamos sobre a morte comum.

Sr. B. Keightley: – Há um momento de liberdade dessa mente, parece-me, entre a morte propriamente dita e o instante em que o Ego chega ao estado devakânico.

Sr.^a Blavatsky: – Nós só podemos ir por comparação? Quando morrer irei e lhes direi, se puder. Não creio que o faça, mas há outros que estiveram em transe, que é quase como estar morto, como esses yoguis que estiveram, por exemplo, 40 dias enterrados.

Sr. Hall: – Esses yoguis são exceções.

Sr.^a Blavatsky: – A sua consciência pode viver enquanto o corpo está não direi que morto, apesar de qualquer doutor dizer que está morto.

Sr. Hall: – Mas tudo isso são exceções. Eu estava perguntando se pode aplicar-se a qualquer morte física, porque se na morte física comum do homem comum o seu Ego deve sair de si mesmo, então não está impedido no Devakan como o está pela dita ilusão da matéria ilusória.

Sr.^a Blavatsky: – Não misturemos as coisas ou nunca acabaremos aqui.

Sr. A. Keightley: – Então chegamos à quarta sloka. “Não existiam as sete formas de felicidade. As grandes causas da miséria (Nidana ou Maya) não existiam”. A pergunta é: quais são os sete modos de felicidade?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, eles são praticamente faculdades das quais sabereis mais tarde, quando estiverdes um pouco mais aprofundados no Esoterismo.

Sr. A. Keightley: – Então os sete caminhos não são mencionados?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não são mencionados em *A Doutrina Secreta*, ou são? Não estão mencionados, devo dizer que não.

Sr. A. Keightley: – Creio que não estão. Então, a pergunta é: as Quatro Verdades da Escola Hinayana são as mesmas Quatro Verdades mencionadas por Edwin Arnold no seu livro *A Luz da Ásia*?²⁵

Sr.^a Blavatsky: – É quase o mesmo. Ele menciona algo que é um pouco diferente disso.

Sr. A. Keightley: – A primeira é a Dor, a segunda é a Causa da Dor, a terceira é o Cessar da Dor, e a quarta é o Caminho.

Sr.^a Blavatsky: – Que entendem da explicação de Edwin Arnold?

Sr. B. Keightley: – Lê o parágrafo, por favor, Arch.

(Então o Sr. A. Keightley leu o parágrafo indicado em *A Luz da Ásia*)

Sr.^a Blavatsky: – Tudo isso é teológico e tudo exotérico. Isso é o que podem encontrar em todos os volumes conhecidos de qualquer sacerdote budista que assim os interpretará. Mas há muitas mais explicações, claro, nas obras de Aryasanga²⁶, embora elas também sejam exotéricas. Arnold tomou-as do Budismo Singalês.

Sr. A. Keightley: – Então estas Quatro Verdades – a primeira da Dor, a segunda da Causa da Dor, a terceira do Cessar da Dor e a quarta do Caminho – representam as Quatro Nobres Verdades esotericamente?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, penso que sim. Encontrarão o Budismo nelas.

Sr. A. Keightley: – O que é que elas propõem realmente?

Sr.^a Blavatsky: – Seria demasiado longo descrevê-las, além de não terem relevância para esta sloka. Levaria demasiado tempo. É impossível dizer-lhes agora. Levaria várias noites a explicar-lhes completamente uma só delas.

O Presidente: – Então, a propomos para o futuro.

Sr. B. Keightley: – Não estou seguro que seja algo proveitoso retomar na próxima vez.

²⁵ Edwin Arnold (1832-1904), autor da obra popular sobre a vida de Budha em verso, *A Luz da Ásia*.

²⁶ H.P.B. indica em *A Doutrina Secreta* que houve dois Aryasanga: um era um adepto pré-cristão, e o outro o filósofo budista conhecido como Asanga, conectado com a formação da Escola Yogacharya durante o século IV da nossa Era. – *DS*, 1, 49-50 n.

Sr.^a Blavatsky: – Não estou segura de que o seja. É melhor que sigam a sloka. Não sigam isso, porque as Quatro Nobres Verdades significam uma coisa para os sacerdotes de túnica amarela e significam coisas diferentes para os místicos. Uns actuam na letra morta, tal como os nossos sacerdotes actuam nos cânones da Igreja, enquanto os místicos nada têm a ver com isto.

Sr. A. Keightley: – De momento pode dar-nos alguma ideia?

Sr.^a Blavatsky: – Não posso, não sou uma budista exotérica. Perguntem a Olcott, ele é o homem que conhece tudo isto. É um budista muito piedoso e eu não sou. Não sou nada piedosa.

Sr. A. Keightley: – Então faço agora esta pergunta: o Óctuplo Caminho é o mesmo que as sete formas de felicidade?

Sr.^a Blavatsky: – Sim.

Sr. A. Keightley: – E que “Nidana e Maya (a grande causa da miséria) são aspectos do Absoluto”?

Sr.^a Blavatsky: – Esta é a número 4?

Sr. A. Keightley: – É a número 4.

Sr.^a Blavatsky: – Agora me pergunto: que têm a ver Nidana e Maya entre si? Nidana significa a concetenação da causa e efeito. As doze Nidanas são a enumeração das causas principais que produzem material para o Karma golpear fortemente. Maya é simplesmente uma ilusão. Agora, que tem a ver Nidana com Maya? Não consigo entender que analogia, que ideia têm em comum uma com a outra. Se tomarem o Universo como uma ilusão, uma Maya, então certamente as Nidanas, por estarem no Universo, estão incluídas em Maya. Fora disto, que tem a ver uma coisa com a outra?

Sr. A. Keightley: – Então por que as classifica juntas dessa forma?

Sr.^a Blavatsky: – Elas são duas coisas distintas. Maya é uma ilusão. Você se crê uma grande pessoa que pode ir competir com qualquer Ah-hi e alguns dos []. Porém, fica como um idiota e logo surge a questão do Nirvana que lho demonstra. É justamente essa, penso, onde o homem não consegue compreender não estar separado do Uno, apesar de se considerar um grande homem em sua individualidade, mesmo que não o seja em nada. Na realidade, ele está sempre no

Uno, e o resto não é mais que Maya, uma ilusão. Todavia, ao tomar essa Maya como realidade, é a ilusão ou a ignorância que nos leva a cometer todos os actos que despertam as Nidanas e produzem a primeira causa de Nidana; tendo-se produzido essa causa, seguem-se os efeitos e apresenta-se o Karma. Claro que as Nidanas, a produção de maus efeitos kármicos e Maya estão na raiz de todo o mal. Sem superarmos o que somos, só seremos essas coisas. Todos nós pensamos que somos uma unidade e algo muito maior que todas as autoridades que pensem estar muito acima, mas somos simplesmente uma gota de água no oceano que não consegue distinguir-se de outra gota de água no oceano – isto é tudo o que somos. Esse sentido de separatismo está na raiz de todo o mal. Saibam que não há correspondência, nem analogia, excepto a que lhes acabo de dar.

O Presidente: – A única analogia possível é que ambas sejam sinónimas da Manifestação, posto não poder haver nenhuma manifestação sem a produção das Nidanas, por um lado, e de Maya, por outro.

Sr.^a Blavatsky: – Você pensa que pode produzir, mas na realidade não pode produzir nada.

O Presidente: – No instante em que começa uma só cadeia de causas por qualquer manifestação, aí estão as Nidanas.

Sr.^a Blavatsky: – Agora direi: vesti-me com um traje vermelho, saio e devido estar vestida de vermelho, tendo produzido uma causa, um touro persegue-me porque irritei os seus nervos, pelo que há uma Maya no touro e a Nidana que se gerou. Assim podem unir dois e dois. É simplesmente uma ilusão o que nos faz gerar a maioria das Nidanas.

O Presidente: – “Nidana e Maya são aspectos do Absoluto?”, seria a forma exacta da pergunta.

Sr. B. Keightley: – Realmente a pergunta deve ser separada, pois a questão é perguntar, antes de tudo, se Maya é um aspecto do Absoluto?

Sr.^a Blavatsky: – Não pode ser um aspecto do Absoluto. É [um] aspecto da diferenciação, se o põem dessa maneira. Se Maya significa uma ilusão, tudo aquilo que está diferenciado é também uma ilusão, pelo que não pode ser um aspecto do Absoluto.

O Presidente: – Seguramente Maya é uma manifestação.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Mas o Absoluto não pode ter nenhuma manifestação, quanto muito pode ter um reflexo.

Sr. B. Keightley: – Num dos velhos artigos em *The Theosophist*, Maya é descrita como a causa da manifestação, mas não recordo por quem.

Sr.^a Blavatsky: – Talvez por algum hindu.

Sr. B. Keightley: – Por algum bom metafísico hindu. Não estou seguro se foi o próprio Subba Row. Ele descreve Maya como a causa da diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Se não fosse por Maya não haveria nada, nenhuma diferenciação.

O Presidente: – Mas se não houvesse diferenciação haveria Maya, e assim não se pode pôr uma antes da outra. Está correcto?

Sr. B. Keightley: – Mas está tomando Maya como a causa da diferenciação, portanto, desde o momento em que esteja por detrás da diferenciação, onde se situa Maya? Madame Blavatsky diz que até o Nirvana é uma Maya.

Dr. Williams: – Maya é um termo colectivo que significa “toda a manifestação”.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente eles [os hindus] dizem que tudo é uma ilusão, pois primeiro que tudo duas pessoas no mundo nem sequer vêem as coisas da mesma forma. Podem ver parecido nos princípios gerais, mas não vêem completamente da mesma forma. Em segundo lugar, tudo aquilo que tem um começo e um final não é uma realidade por durar menos que o piscar dum olho, é uma ilusão, um engano momentâneo dos sentidos. É por isto que lhe chamam ilusão. Eles só chamam realidade a isso que sempre foi, é e será, que não é senão o não-Ser, essa Consciência Absoluta que eles chamam Para-brahman, ou o que na Cabala se chama Ain-Soph.

Dr. Williams: – O termo, parecer-me, aplica-se ao complexo ponto da diferenciação. A diferenciação aplica-se ao que está unido, e o outro termo aplica-se ao conjunto de unidades.

Sr. B. Keightley: – Sim, essa é a forma de o explicar.

Sr.^a Blavatsky: – Agora devo pedir ao Sr. Kingsland que apresente as suas objecções.

Sr. Kingsland: – É a vez do Dr. Williams.

Sr.^a Blavatsky: – Tornem tudo um pouco mais vivaz, não adormeçam todos, para que isto não seja nenhuma ilusão.

Dr. Williams: – Reparei em algo quando deu a explicação mas não entendo completamente em que se sustém essa ideia, pensando que pode conduzir a um mau entendimento dos factos verdadeiros. Foi quando se referiu ao cerebelo e ao cérebro, sendo, respectivamente, os órgãos da mente superior e da mente inferior.

Sr.^a Blavatsky: – Nunca disse mente superior e mente inferior, disse que esta última actuava durante as horas de vigília. Por exemplo, em cada um de nós agora o que actua é a parte frontal, creio que vós lhe chamais cérebro. Bom, a outra está activa simplesmente quando esta parte dorme e descansa e torna-se, por assim dizer, inerte, ou melhor, paralisada. Então, começam os sonhos e a mente começa a viver e a sentir e a ser consciente com essa parte do cérebro que é astrológico. Não sei se isto é assim cientificamente, e não suponho que seja porque não há em mim nenhum átomo de Ciência. Eu simplesmente digo o que dizem os Ocultistas e o que diz a Cabala, e também toda a classe de lunáticos alucinados em geral. Isto é o que tenho para dizer-lhes.

O Presidente: – Você descreveu a parte posterior como a instintiva.

Dr. Williams: – Essa é a palavra que queria.

Sr.^a Blavatsky: – “Instintiva”, sim.

Dr. Williams: – Supostamente quero evitar, se for possível, o aparecimento de qualquer discrepância. Encontro-me mediando entre as duas para reconciliar, se for possível, ambas as declarações. Deixo isso por um momento e tomo um animal. Supõe-se que um animal tem uma mente instintiva, sendo o cerebelo o órgão da vida vegetativa, simplesmente controla as funções do corpo e nada mais.

Sr.^a Blavatsky: – No entanto actua durante o sono.

Dr. Williams: – A mente sensorial é a mente à qual se abrem os sentidos, e não pode haver pensamento, nem ideia, nem nada do que predica o intelecto ou o instinto em nenhum lado, excepto na parte do cérebro a que vão os sentidos, e essa é o cérebro.

Sr.^a Blavatsky: – Disse que é o órgão das funções animais instintivas e tais funções se reflectirão nos sonhos que as mesmas produzem. E, a menos que o Ego Superior tome em suas mãos o Plano material, os sonhos não terão uma sequência; até mesmo esses sonhos de que nos lembramos ao acordar e que realmente têm algo, são produzidos pelas visões do Ego Superior. Não são produzidos por mais nada. Qualquer cão sonha, mas certamente não podemos dizer que um cão tem sonhos proféticos.

Sr. A. Keightley: – Não é o cerebelo o que se poderia chamar de órgão do hábito?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, se digo instintivo, chego ao mesmo.

Sr. A. Keightley: – Excepto que o hábito muito frequentemente refere-se ao que poderíamos chamar a fase actual da existência, e o instinto a uma fase passada da existência.

Sr.^a Blavatsky: – Qualquer que seja o seu nome, o único que funciona durante a noite é o cerebelo e não o cérebro, porque os sonhos ou as emanções – não sei como o expressar bem –, esses sentimentos instintivos que se sentem aqui são só recordações do que teve lugar. Contei-lhes o meu sonho na outra noite. A coisa distorce-se no momento de despertar de um sonho, tendo-se algo que está misturado com todos esses sentimentos que estiveram activos enquanto dormia, e assim sucessivamente. Se esta parte (o cérebro frontal) actuou durante o sonho, então deveríamos ter sonhos consecutivos, mas agora sentamo-nos aqui e não sonhamos. No entanto, pensamos, entendemos e temos toda a espécie de sonhos despertados, havendo determinada sequência neles; podemos pensar o que quisermos e deixá-lo claro. Podemos inventar imagens como, por exemplo, um homem que esteja escrevendo uma novela. Porém, num sonho você não fará isso, porque é só essa *parte* que actua.

Dr. Williams: – Essa sequência é produzida pela faculdade de coordenação. Não sei se os cientistas têm tentado determinar qual é a parte do cérebro.

Sr.^a Blavatsky: – Não actua durante o sonho.

Dr. Williams: – Mas o cérebro certamente actua, e a prova é esta: que quanto mais nos aproximamos do despertar, mais vívidos se tornam os nossos sonhos.

Sr.^a Blavatsky: – Precisamente, *quando* se está despertando, mas não antes.

Dr. Williams: – Quando estamos despertando, é o cérebro quem porta a consciência.

Sr.^a Blavatsky: – É justamente como algo que se acalentou muito durante o dia e que vai emanar ou irradiar durante a noite, mas de maneira alguma como algo que esteja actuando ali, pois é a energia do cérebro que surge inconscientemente.

O Presidente: – Não descreveu há pouco o sonho como uma porção do cérebro que recebe as impressões dos sentidos? Não é exactamente quando estamos dormindo que recebemos essas impressões? A recepção de uma impressão vívida.

Dr. Williams: – Supostamente não podem reproduzir nada excepto dessa porção do cérebro onde ficou registada. O cerebelo não recebe e regista as impressões através do cérebro.

O Presidente: – Isso porque os sentidos não estão produzindo nenhuma impressão enquanto dormimos.

Sr. B. Keightley: – Não é tanto assim isso de “nenhuma impressão”, porque se fizerem um ruído sobre um homem dormindo ele despertará e, muito provavelmente, será capaz de guiar os seus sonhos no sentido da opressão que o despertou.

O Presidente: – Não pensa que isso possa demonstrar, a partir do mesmo facto da actividade registada pelo cérebro, que o cérebro pode ser posto novamente em actividade? Ou em outras palavras, que ele pode ser despertado.

Dr. Williams: – Tudo o que está descrevendo é a função do cérebro.

Sr.^a Blavatsky: – Vocês não têm nenhuma consciência da actividade do cérebro e dos seus actos mecânicos.

Sr. B. Keightley: – Isso nota-se frequentemente na vida diária.

Sr.^a Blavatsky: – Nos sonhos da mesma forma, em que a memória entra em jogo. Devem ter memória e percepção disto, e se tiverem uma ideia fugaz disto talvez sejam capazes de reconstruir os sonhos. Conheci pessoas que conseguiam reconstruir os seus sonhos das formas mais extraordinárias, mas se captassem só um pouco já seria

suficiente. Lançavam-se numa espécie de estado negativo e pouco a pouco voltavam a si novamente, de maneira a poderem bombear essas coisas que estavam presentes no seu inconsciente, mas essas pessoas são muito raras. A pessoa média sonha o que é uma perfeita insensatez, sonha com a digestão, com distúrbios dos nervos, etc., mas eu falo de sonho que são sonhos.

Dr. Williams: – Não pode ser algo com qualquer importância. Ainda assim, penso que se sai como está será severamente criticada. Se este é um tema com alguma consequência, não sei.

Sr.^a Blavatsky: – Se fossemos escrever como todos os benditos sábios do mundo, teríamos de juntar-nos a eles. “A Sociedade Teosófica – dizem – é absurda”. É uma desordem, tem alucinações, é isto, aquilo e aqueloutro. O que se pode fazer?

Dr. Williams: – Suponho que a Sociedade Teosófica e também você mesma desejam evitar o mais possível dar-lhes oportunidade para essas observações.

Sr.^a Blavatsky: – Não tem sentido sentar-se debaixo de um guarda-chuva toda a sua vida.

Sr. A. Keightley: – Ninguém quer dar-lhes uma desculpa de que se possam servir.

Sr. B. Keightley: – Foi muito boa a sua antiga comparação do cérebro adormecendo com as brasas do fogo quase se apagando. Para o reavivar, supõe-se que uma corrente de ar passe sobre as brasas.

Dr. Williams: – Seria uma formosa ilustração disto.

Sr. B. Keightley: – É essa a verdadeira analogia, e afinal compreende-a.

Sr.^a Blavatsky: – Não sei se isso está menosprezado.

Sr. B. Keightley: – O ponto é este: você obtém um factor ou dois tais como são. Estas chispas despertam no cérebro quando este começa a despertar, e elas se combinam pela actividade que aconteceu no cerebelo durante a noite, o qual por sua vez se está avivando sob todos os Planos de Consciência.

Sr.^a Blavatsky: – Estava aqui, Dr. Williams, quando falámos disto? Tenho tudo no pequeno livro, tenho escrito bastante nele. Não são

notas como as que tomamos aqui, ali tenho escrito páginas completas.

Sr. A. Keightley: – O cerebelo alguma vez deixa de trabalhar?

Sr.^a Blavatsky: – Não, porém não se perde totalmente nas funções do cérebro que está, tal como disse o Dr. Williams, conectado mais com – o que ele chama – a vida vegetativa.

Sr. B. Keightley: – Os estímulos que provêm do cerebelo durante a vida de vigília caem todos sob a consciência desperta. O campo de consciência está completamente ocupado pelo cérebro até que se adormeça, quando então os estímulos do cerebelo começam a formar o campo de consciência.

Dr. Williams: – Você disse que toda a consciência deve residir necessariamente no cérebro. Agora estou falando do estado normal do sono, que deve estar sempre conectado com a maior ou menor actividade do cérebro. É claro que não há uma paralisia total quando dizemos que dorme, pois há a circulação do sangue. Trata-se simplesmente da diminuição normal do sangue que o preenchia durante as horas de vigília. É precisamente nesse estado que existe uma quantidade enorme de etapas.

O Presidente: – Então, se o sono é o começo e o final de quando adormecemos e despertamos, ele acontece no momento particular em que o cérebro adormece, sendo o sono profundo uma paralisia temporária.

Sr. B. Keightley: – Não creio ser estritamente verdade que o cérebro seja o único assento da consciência.

Sr.^a Blavatsky: – Não, porém é o que expõe as ideias e as torna perfeitas, coordena-as. Mas o outro não o faz: ele simplesmente dá o desejo consciente, e assim sucessivamente.

Dr. Williams: – Eles dizem que uma planta sensitiva tem consciência. Refiro-me à consciência coordenada.

Sr. B. Keightley: – Du Pret²⁷ cita várias experiências muito curiosas que demonstram haver uma espécie de consciência local.

Dr. Williams: – Isso é o que eles chamam reflexo de conexão?

²⁷ Barão Carl Du Pret (1839-1899), filósofo alemão que foi membro da Sociedade Teosófica.

Sr. B. Keightley: – Ele vai muito além disso no caso da clarividência que a percebe através do estômago. Ele cita um bom número de casos bem autenticados que foram experiências próprias nessa direcção, onde demonstra que o umbral da consciência é capaz de um amplo alcance de variações, muito mais amplas do que estamos acostumados a atribuir-lhes, tanto para cima como para baixo.

Sr. A. Keightley: – O ponto que pensava apresentar é este: vocês têm o vosso cérebro actuando desde o ponto da sua consciência no começo e no final do sono. Pois bem, no período intermediário, um período de sono profundo, a consciência do homem não se perde e sim prossegue.

Sr. B. Keightley: – A consciência do homem é então inerente ao Ego Superior.

Sr. A. Keightley: – Porém o cérebro não é um órgão suficientemente sensitivo debaixo dessas circunstâncias.

Sr. B. Keightley: – Não, excepto quando é impressionado no momento de despertar, e pode confundir-se com as sugestões, estímulos e sensações que tenham ocorrido no cerebello durante a noite.

Sr. A. Keightley: – Agora, consulto: *O cerebello tem sido chamado, por vezes, de órgão coordenador dos sentidos fisiológicos.*

Sr. B. Keightley: – Do sentido da visão, queres dizer?

Sr. A. Keightley: – O órgão coordenador. Quero perguntar se é possível que o cérebro seja o órgão coordenador das ideias?

Sr. B. Keightley: – Em oposição às sensações?

Sr.^a Blavatsky: – Sensações. Suponho que o animal também tenha coordenadas as suas sensações. Se lhe dão um nome no homem, é algo diferente. No homem estão as ideias, enquanto num animal não há nada disso. É simplesmente um sentimento instintivo, o animal não pensa.

Sr. A. Keightley: – Bem, falando bruscamente têm um animal com as suas sensações que são transmitidas ao cérebro, se tiver algo a fazer pela primeira vez. Esse processo é repetido até finalmente haver uma espécie de curso de acção determinada, dando uma repetição da sensação. Finalmente, é no final disso que o cerebello aparece para actuar como um órgão que irá transmitir um curso definido de

acção seguindo uma sensação similar, sem que a criatura tome parte consciente no processo. Não se supõe ser esta a função do cerebelo?

Dr. Williams: – Sim.

Sr. A. Keightley: – Então, vêem que assim como o cérebro tomou a sua parte também o cerebelo toma a sua durante as horas de vigília. Pois bem, chegamos à outra parte disto. É possível o cérebro ser um órgão coordenador das ideias assim como o cerebelo é um órgão de acção?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, realmente não sei demasiado sobre fisiologia, devo dizer-lhes. Não conheço todas as coisas científicas, mas li bastante do que Huxley²⁸ esteve dizendo acerca da evidência de um lóbulo e do outro lóbulo. Digo que tem uma teoria que não tem sentido para a reconciliar com as teorias ocultas, com o que nos foi ensinado.

Dr. Williams: – Não creio que o possam entender. Penso que Huxley é ultra-materialista.

Sr.^a Blavatsky: – Ele fala de coisas muito peculiares. Li-o várias vezes, mas penso que se o lesse mais dez vezes continuaria a não o entender. Pode ser muito científico fisiologicamente, mas na realidade, pelo que pude verificar pela minha própria experiência nos sonhos, tudo o que vi durante o sono, etc., não lhe encontro sentido no que diz. Não vejo que isso seja assim.

Sr. B. Keightley: – Se alguém fizer cócegas a um homem dormindo ele fará um movimento para o evitar, mas sem despertar. Portanto, o estímulo vai para o cerebelo e a acção mecânica produz-se. O ponto de Archibald é este: será que o cérebro, a parte frontal do cérebro, actua da mesma maneira com respeito às ideias? Isto estabelece uma coordenação entre as ideias?

Sr.^a Blavatsky: – Creio que sim. Não pode ser de outra forma.

Dr. Williams: – Eu diria que não pode ser de outra maneira.

O Presidente: – Bem, penso que no geral já dissemos tudo.

²⁸ Thomas Henry Huxley (1825-1895), biólogo inglês.

III

A Loja Blavatsky da Sociedade Teosófica.

Encontro de 24 de Janeiro, 1889.

Em 17, Lansdowne Road W.

Sr. A. Keightley: – A primeira pergunta surge do que foi enunciado numa reunião anterior, quando a Madame disse que levaria muito tempo para responder. Queremos saber se nos daria alguma explicação das Quatro e Sete Verdades mesmo que isso nos leve toda a noite, posto ter dito que seria um assunto demasiado extenso para ser tratado ao mesmo tempo que outro.

Sr.^a Blavatsky: – Bom, responderei assim: podem encontrar tudo sobre as Quatro Verdades no *Catecismo Budista*²⁹ ou em qualquer outro dos livros exotéricos, mas penso que nenhum de vós está preparado para as explicações esotéricas deles. Por isto, o melhor é eu pedir-vos que adiem isso.

Sr. A. Keightley: – Pode encontrar-se nesses livros exotéricos algo que seja esotérico?

Sr.^a Blavatsky: – Pode ser encontrado em qualquer manual de Budismo, nos livros de Olcott, por exemplo. Não há nada oculto nisto.

Sr. A. Keightley: – Devemos então tomar seriamente esse lado exotérico?

Sr.^a Blavatsky: – Ele é real e a Igreja Budista pratica-o, mas certamente os sumos sacerdotes conhecem a verdade disso e não assumem a forma exotérica literalmente. Só os jovens e os leigos o fazem.

Sr. A. Keightley: – Então, terá isso tanto valor?

Sr.^a Blavatsky: – Tem um grande valor, porque é uma disciplina que os ajuda a levar uma boa vida e a ter a sua mente sempre fixa no espiritual.

²⁹ *Catecismo Budista segundo o Cânone da Igreja do Sul*, uma discussão em perguntas e respostas sobre os princípios básicos do Budismo, foi impresso originalmente no Ceilão em 1881, em inglês e singalês para uso das Escolas Budistas. Reimpresso cerca de 1887/1889 pela *Theosophical Publishing Society* de Londres.

Sr. A. Keightley: – Então, prossigamos. Diz *A Doutrina Secreta*, Estância I, sloka 5: “Só a obscuridade preenchia o Todo ilimitado”. A “obscuridade” é o mesmo que “o Pai Eterno: o Espaço” de que se fala na sloka 1?

Sr.^a Blavatsky: – Como pode ser o mesmo? Para mim, o Espaço é algo já com atributos, pelo menos em potência, é matéria diferenciada, e a “obscuridade” é algo a que não se pode dar nenhum atributo, porque é o caos, é a absolutez. Como pode ser o mesmo?

Sr. A. Keightley: – Então, a “obscuridade” é usada ali no sentido do pólo oposto à luz?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, o pólo oposto à manifestação. A “obscuridade” significa algo que é perfeitamente vazio de todo o atributo ou qualidade – é o todo negativo.

Sr. B. Keightley: – Então não é algo oposto à luz e sim oposto ao diferenciado?

Sr.^a Blavatsky: – Ainda não havia luz.

Sr. B. Keightley: – Porém, realmente toma-se como simbolismo da negatividade.

Sr.^a Blavatsky: – Se o tomarem como aquele *Vazio* que podem encontrar na Bíblia, *Tohu-vah-bohu*³⁰, ou o *Caos* como eles lhe chamam. Quando se diz “tudo era obscuridade e na obscuridade estava o Espírito de Deus”, o sentido é igual. Não havia nada ali, no Universo.

Sr. Kingsland: – Será por não haver luz ou simplesmente não haver algo que a manifestasse?

Sr.^a Blavatsky: – Não havia nada que a manifestasse. Não é a obscuridade como falta de luz, e sim a obscuridade como ausência absoluta de qualquer manifestação.

Sr. Kingsland: – De acordo. É igual à Mente Universal que estivemos discutindo na outra noite?

Sr.^a Blavatsky: – É igual.

Cor. Chowne: – Então diz-se: “A Luz procede da Obscuridade”.

Sr.^a Blavatsky: – Depois disso. Primeiro vem a Luz. A Luz é o

³⁰ *Génesis*, 1:2: “E a Terra não tinha forma, e era o vazio”.

Primeiro Logos – chamem-no como quiserem –, é o Logos não manifestado. No Segundo Logos não está o Criador e sim a Luz. No *Vishnu-Purana* nem sequer lhe chamam Brahma, porque Brahma é um aspecto de Vishnu no *Vishnu-Purana*. Eles dizem que Vishnu é tudo. Vishnu é e não é.

Sr. A. Keightley: – Então qual é a diferença entre as derivações de Vishnu e de Brahma, a expansão e a penetração?

Sr.^a Blavatsky: – No *Vishnu-Purana* encontrarão Vishnu ser falado como o Absoluto “Nada” como o Ain-Soph, este que é perfeitamente desconhecido, sem fim e incompreensível. O Homem Celestial é o seu veículo de manifestação no Universo, quando Ain-Soph converte-se nesse Homem Celestial. Precisamente por isso Vishnu é chamado de Absoluto no *Vishnu-Purana*, desde logo um dos seus aspectos será Brahma, o Macho, não o Neutro. E depois disto converte-se no Todo. No *Veda* não encontrarão a Vishnu mencionado prominentemente, nem a Brahma. Vishnu é assinalado no *Veda*, mas não é mencionado como algo de uma ordem superior. Quanto a Brahma, não é mencionado em absoluto.

Sr. A. Keightley: – Então, por que a citação “o Pai, a Mãe e o Filho eram uma vez mais Uno”?

Sr.^a Blavatsky: – Significa que tudo isso, as Forças Criativas e as Forças Causantes – se posso usar a expressão – têm como efeito dessa Causa o Universo. Repito, no estado indiferenciado tudo estava fundido como um e era Uno. O Absoluto está no Pralaya, sempre.

Sr. A. Keightley: – Segundo: quais são os diferentes significados dos termos Pai, Mãe, Filho? Porque no Comentário explicam-nos como (a) Espírito, Substância e Universo; (b) como Espírito, Alma e Corpo; (c) como o Universo, a Cadeia Planetária e o Homem.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, isso é o que são. Penso que expliquei totalmente. O que posso dizer mais? A menos que os antropomorfize fazendo-os ídolos e deidades, pondo-os como o Pai, Mãe e Filho de toda a classe de deusas e deuses. Não vejo como poderia explicar de outra forma.

Sr. A. Keightley: – Então tomo as últimas linhas da série: suponha que correspondem a “Filho”, “Substância”, “Corpo” e “Homem”.

Sr.^a Blavatsky: – Com certeza.

Sr. A. Keightley: – Mas por que o “Pai-Mãe” estão ligados? E então a correspondência é “Espírito e Substância”, “Espírito e Alma” e “Universo e Cadeia Planetária”, com o terceiro termo das séries parecendo proceder dos outros dois.

Sr.^a Blavatsky: – Pus todos esses exemplos porque podem aplicar-se a tudo. Pode se aplicar a uma Cadeia Planetária, pode se aplicar ao Sistema Solar, pode se aplicar a todo o Kosmos ou o que quiserem. É simplesmente uma figura de retórica, uma metáfora.

Sr. A. Keightley: – Mas o que queria dizer era isto: tem-se o Pai e Mãe e logo tem-se o Filho. A frase parece querer dizer que o Filho é distinto do Pai e Mãe, e que finalmente no Pralaya o Filho funde-se novamente no Pai e Mãe numa união mais estreita.

Sr.^a Blavatsky: – Lembro que não falo do período que precede o que eles chamam na linguagem comum de “Criação”. Falo sobre o tempo depois da matéria estar diferenciada, porém antes de começar a tomar formar. Eu digo na *Doutrina Secreta* que não toco no que era pré-natal, se se pode dizer isto do Kosmos. Não toco nisso de nenhuma maneira. O Pai-Mãe significa aqui simplesmente a Substância Primitiva diferenciada, o Protyle ou quando começa a diferenciar-se e a tornar-se positiva e negativa, activa e passiva, enquanto o Filho, a produção dos dois, é o Filho do Universo, ou seja, das formas universais.

Sr. A. Keightley: – Então, o estado fundamental é o estado Laya do Pai, Mãe e Filho?

Sr.^a Blavatsky: – Laya é aquilo que permanece durante o Pralaya, mas também é aquilo que, no Universo manifestado, está no *terminus* de toda a matéria. É o ponto zero. Agora perguntem ao Sr. Bulaki Rama o que significa Laya. Ele sabe e explicará muito melhor do que eu. Digo que é matéria não diferenciada, o ponto zero, como lhe chama Crookes. Não sei como descrever de outra forma esse ponto onde a Substância indestrutível se torna homogênea, inteira e absolutamente homogênea, ou seja, não objectiva.

Sr. A. Keightley: – Então é este o ponto de que fala aqui, precisamente o do momento em que o Pai, a Mãe e o Filho mais uma vez se tornam Uno?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas não sei, não penso que esteja na *Doutrina Secreta*. Simplesmente faço referência a isso que existia

antes do período Pai-Mãe. Se há Pai-Mãe, então certamente não existe uma condição como Laya.

Sr. B. Keightley: – O Pai-Mãe vem depois da condição Laya.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, os objectos individuais podem estar em Laya, mas o Universo não pode estar em Laya quando aparece nele o Pai-Mãe, tal como é dito nesta estância.

Sr. A. Keightley: – Esse é o ponto a que me referia. Aí o Filho, o Pai e a Mãe se reúnem, ali não pode haver diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente é a Laya, porém, não é esse ponto de que está falando.

Cor. Chowne: – Uma vez você explicou-a como a Essência.

Sr.^a Blavatsky: – É a Essência, é Aquilo que existe e que não existe, é o Espaço. Agora, para nós, o Espaço é uma palavra que não tem sentido, a menos que a limitemos condicionando-a; porém, na realidade o Espaço é o mais abstracto e o Espaço que tudo contém é justamente essa Deidade invisível que não podemos entender, que só podemos sentir intelectualmente. *Dis*, como a chamam em sânscrito, não é certo? As “Dez Divindades” que estão no Espaço. Escreve-se *Dis*.

Sr. Bulaki Rama: – Refere-se a *Desha*, as “Dez Divindades” do Espaço.

Sr.^a Blavatsky: – É precisamente como estou dizendo: eles pronunciam-no como *sh*, enquanto nós pronunciamos como *s*. Por exemplo, eles dizem *shloka* enquanto nós dizemos *sloka*.

Sr. B. Keightley: – Fohat é um dos três – Pai, Mãe e Filho – ou o que é?

Sr.^a Blavatsky: – Fohat é uma manifestação. Você mistura de maneira extraordinária o Primeiro Logos com o Segundo Logos. O Primeiro é a potencialidade imanifestada do Pai, Mãe e Filho e de tudo. Forma um triângulo, o qual é tratado pelos pitagóricos. Você confunde-o com o Segundo Logos, que é a Colectividade dos Criadores, o que eles chamam em grego Demiurgo, os Construtores do Universo, ou simplesmente os Maçons.

Sr. B. Keightley: – Eu só quero deixar o mais claro possível o sentido em que os termos são usados na *Doutrina Secreta*.

Sr.^a Blavatsky: – Eu uso-os em muitos sentidos na *Doutrina Secreta*. Se me pedir isso não consigo recordar em que sentido o usei em tal e qual página, mas posso dizer-lhe o que significa em geral.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 3. Pode dar-nos os equivalentes desses termos (Pai, Mãe e Filho) na (a) fraseologia Vedanta e (b) na Sankhya?

Sr.^a Blavatsky: – Não, senhor, não lhes ensino a Vedanta ou a Sankhya. Só os confundiria e tornaria as coisas piores. Mantenhamo-nos na Filosofia Esotérica, sem misturar com a Sankhya e outras filosofias. Há muitas coisas que são idênticas, mas agora, já que estudamos Ocultismo, não vejo por que se deva falar disso. Esta é, sei, uma questão complexa. Estou totalmente segura disto.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 5. Durante o Manvantara, quando o Filho existe ou está desperto, o Pai e a Mãe existem independentemente ou só estão manifestados no Filho?

Sr.^a Blavatsky: – Isso é algo que me deu muitas comichões quando o li. Não consigo entender, a não ser que queiram converter-se em politeístas e idólatras, como alguém pode fazer tal pergunta. Como um Pai e uma Mãe podem ser independentes do Filho? É por o Pai e a Mãe serem duas Entidades masculina e feminina, e o Filho o produto dessas duas Entidades? Mas todos são Uno, parece-me. Como podemos antropomorfizar assim as questões metafísicas? Bem, olhem, não lhes posso dizer algo melhor de que elas são as duas Forças Centrífuga e Centrípeta. Isto é o Pai-Mãe. O que elas produzem é o Filho. Não posso dizer-lhes isto de uma maneira melhor, porque isto é tudo.

Sr. B. Keightley: – E este é o ponto, porque nas nossas concepções mentais temos concebido as forças centrífuga e centrípeta como se fossem forças independentes dos efeitos que produzem. Referimo-nos aos efeitos no pensamento comum como secundários destas duas forças.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, você é muito sábio no Ocidente. É um grande pandit, mil vezes mais que qualquer um desses pandits mergulhados na ignorância no Oriente (eu não sou uma deles, mas estou muito perto deles em meu coração). Porém, você ainda não sabe nada disto, e não pode trazer-me nenhum dos seus Herbert Spencer ou

outros cientistas que saibam algo disto. Eles não compreendem as coisas como nós, não as entendem bem, tal como você pensa nas forças centrífuga e centrípeta mas não em qualquer efeito que elas produzem. Portanto, pensa que quando não há efeitos continuam igualmente a existir e não produzem efeitos? Elas estarão livres de efeitos. Porém, por que não conceber uma coisa ao contrário? Se estas forças centrífuga e centrípeta existem, deveriam estar produzindo efeitos. Como não há nada que não tenha um objectivo na Natureza, se isto existe produzirá efeitos. Não existindo efeitos, tampouco existe a Força.

Sr. Kingsland: – Elas existem como entidades separadas para propósitos matemáticos.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, para as matemáticas, porém na Natureza e na Ciência é algo diferente. Nós também dividimos o Homem em sete princípios. Mas não queremos dizer que o Homem tenha sete peles ou sete entidades, sete almas ou, como pensava Gerald Massey³¹, sete diabos. Elas são só aspectos do Uno e nada mais. Certamente não significa isso. Vejo que andou lendo muitos livros no Museu Britânico, porém não está acostumado às formas de expressão, ou melhor, a essa forma metafórica de falar que eles contêm. Não sei como é, porém, fui educada desde menina desta forma, pois nesses tempos georgianos e armênios usava-se sempre este modo metafísico de expressão. Fora dele, na Pérsia não dizem nem uma só palavra.

Sr. A. Keightley: – Então passemos à sloka 6: “O Universo, o Filho da Necessidade estava imerso em Parinishpanna. As causas da existência haviam terminado”. Se as “causas da existência” haviam terminado, como chegaram novamente à existência? Porque você afirma no Comentário que a causa principal da existência é o desejo de existir, e ter sido declarado que o Universo é o Filho da Necessidade.

Sr.^a Blavatsky: – Que contradição, é extraordinário! “As causas da existência haviam terminado”, refere-se ao Manvantara passado ou Idade de Brahma, porém a Causa que leva a Roda do Tempo e do Espaço à Eternidade, que está fora do Tempo e do Espaço (agora tentem entender-me), não tem nada a ver com a causa finita ou o que

³¹ Thomas Gerald Massey (1828-1907), poeta inglês e escritor, que argumentava que o Antigo Egito era o berço da civilização ocidental.

chamamos Nidana. Que tem uma coisa a ver com a outra? Isto tem um pouco de crítica que eu não pude entender. Recebi-a muito humildemente e com muita gratidão, tendo pensado na pessoa que a escreveu. Não penso que consiga ser um rival de Schopenhauer³² ou de alguém com ele. Esta é a minha opinião íntima. É contraditório nisso.

Sr. A. Keightley: – Ninguém disse que seja uma contradição.

Sr.^a Blavatsky: – Mas leia-a, por favor. É uma grande contradição. Quero que todos o notem.

Sr. A. Keightley: – Aqui está o contraste: se as causas da existência haviam terminado, como é que chegaram de novo à existência? E então você responde dizendo que um Manvantara havia desaparecido em Pralaya e que a Causa que levou o Manvantara anterior a existir está por detrás dos limites do Espaço e do Tempo, portanto, sendo Causa bastante para vir a existir outro Manvantara.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porque essa Causa é imutável e não tem nada a ver com as causas deste Plano terrestre produzidas por um ser finito e condicionado. Nós dizemos que essa Causa é imutável e não pode ser em nenhum sentido uma consciência finita ou um desejo. Postula um absurdo ao dar ao Absoluto consciência do desejo ou necessidade. Se não entendem, leiam e verão que é assim. Disse que é o mais inatural pregar sobre o Absoluto ou carregar o Absoluto com desejo ou pensamento, pois tal seria, por exemplo e conforme coloquei ali, como os toques da hora num relógio provarem o desejo do relógio em tocar. Agora vocês dizem: “Sim, deu-se corda ao relógio”. Eu digo que o Universo tem corda. A única diferença é que ele tem corda no Espaço e no Tempo, enquanto o outro está fora deles, ou seja, na eternidade, portanto, é o mesmo. Quem tiver algo a dizer contra isto que apareça e o diga, e verei qual é a objecção. Possivelmente irá colocar-me a ideia mais absurda, como essa do Absoluto poder ter algum desejo ou sentir alguma necessidade, não é assim? Leiam tudo novamente.

Sr. A. Keightley: – Bem, está dividido em dois ou três cabeçalhos diferentes.

(Lê novamente)

³² Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, não vejo que seja tão estúpida a “vontade cega” de Schopenhauer, é mil vezes mais filosófica que a filosofia do Regente que criou o Homem. Isto não me acusa de contradição? Bom, a mim não, mas à sloka sim.

Sr. A. Keightley: – Não, não creio. Parece-me que falta uma explicação.

Sr.^a Blavatsky: – Como posso explicar por que me sento ou por que não estou parada? Que posso dizer?

Sr. A. Keightley: – Isto praticamente reduz toda a questão: “qual é a causa da diferenciação no Absoluto”?

Sr. B. Keightley: – A dificuldade é que você não pode advogar...

Sr.^a Blavatsky: – Ah! É uma pergunta muito fácil de fazer, entendem? Sei que vocês não perguntam, mas muitos fazem-no. Fawcett perguntou. Ele perguntou qual é a causa que impulsiona ou compele Parabrahman a criar. Parabrahman não é uma Causa, nem sequer é o Absoluto, como digo, mas sim a Absolutez. Agora, como podemos saber da Causa que impulsiona Parabrahman a criar? Aquele que está por detrás do véu de toda a Matéria é incompreensível, nenhum intelecto finito o pode conceber. Bem, talvez possamos ter uma pequena noção nas nossas ideias embaciadas do que isso possa ser, porém, não o entendemos, e vir perguntar qual é a causa é completamente ridículo. Vejam o que disse Subba Row nas suas conferências, porque é totalmente verdadeiro. Ele disse que até o Logos – o Primeiro, não o Segundo – não pode ver Parabrahman. Ele simplesmente vê o véu da Matéria, Mulaprakriti. Então, vêem o que talvez possa ser, mas como se poderá conhecer a Causa quando, inclusive, não se tem ideia do que seja Mulaprakriti? É simplesmente um conceito. E é como disse Buda: “Onde está o Nirvana? Não está em nenhum lado”. Então não é, não existe? “Não, não existe, porém, é”. Bem, ela é assim como isto, pois Nirvana em si mesmo é uma Maya. Voltarão sempre à velha pergunta, a menos que consigam conceber isto como uma máquina de movimento eterno, sem fim, perpétua que chamarão de Universo, ainda que não possamos chamá-la propriamente uma máquina. Não podemos chamar a isso uma máquina ilimitada, sem limites. Porém, se não conseguem conceber esta ideia nunca conceberão o Absoluto de forma diferente da que fazem agora. Tratem apenas de O imagina na Natureza sem lhe dar limites, formas ou algo. Entendam a minha

ideia, e tentem só imaginar duas Forças, a centrífuga e a centrípeta, que periodicamente emanam DISSO. Assim como o relógio deve tocar, assim soa e emana periodicamente. Quando torna a soar, adormece novamente. Tentem imaginar isso e então talvez fiquem com uma noção disto. No início conto qual era a minha ideia, tendo tomado o exemplo da máquina de movimento perpétuo. Mas o que dizem não é o que eu disse, pois certamente nunca aconselharia tomar-se a Criação automática dos materialistas. Fi-lo, porém, com o propósito de lhe dar uma forma para permitir às pessoas a conceberem, porque de outra maneira não o conseguiriam.

Sr. B. Keightley: – É uma pinça para agarrar a sua mente.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, devem ter uma pinça. Portanto, imaginem uma máquina de movimento perpétuo que não tem forma e que é eterna. Bem, assim podem, com um pouco de imaginação, conceber essas duas formas que aparecem e desaparecem periodicamente.

Sr. Gardner: – Que parte da máquina é Parabrahman?

Sr.^a Blavatsky: – O quê? Levem-no para a cama! Por favor dêem-lhe uma almofada! Sr. Gardner, meu querido, que vergonha! Deixem-no corar, por favor. Parabrahman é tudo. Se há um ponto matemático no Universo onde Parabrahman não está, então seria melhor ter ido para a cama, porque não existe. Não está no Presente, é Eterno. Oh, por favor, alguém que lhe explique. Recitem-lhe alguns versos dos *Vedas* para o refrescar, o que quiserem.

Sr. A. Keightley: – Suponho que segue a sua concepção de uma máquina, pela qual elabora o seu conceito do Universo indo remontar às puras e simples forças centrífuga e centrípeta.

Sr.^a Blavatsky: – Com inteligência, *plus* inteligência, pois esse é outro tipo de “máquina”.

Sr. A. Keightley: – Muito bem, chame-se-lhe a primeira diferenciação e voltemos a Parabrahman.

Sr.^a Blavatsky: – Por que devemos voltar a Parabrahman? Regressará a Parabrahman quando o Universo houver terminado a sua Idade de Brahma, o seu Ciclo.

Sr. A. Keightley: – Muito bem. Então, tem a sua primeira diferenciação e postula que deve ter uma causa, a primeira Grande Causa, o Absoluto.

Sr.^a Blavatsky: – Não, por favor, peço-lhe. A grande Primeira Causa não é o Absoluto, nunca o chamem dessa maneira. A grande Primeira Causa é a primeira Radiação ou Emissão Inconsciente. Chamem-na como quiserem, conhecem o inglês melhor do que eu. Isso que periodicamente se manifesta a si mesmo como Luz [tachado: seu deleite].

Sr. B. Keightley: – O Logos Imanifestado, em verdade.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, o Logos Imanifestado, se quiser, mas nunca Parabrahman. É a Causa sem Causa de Tudo, e a Absolutez não pode ser uma Causa. Esta é a grande dificuldade.

Sr. B. Keightley: – Olhe o paradoxo. Para um lado, você diz que a Absolutez não pode ser uma Causa, e por outro chama-a uma Causa sem Causa.

Sr.^a Blavatsky: – Porque, em primeiro lugar, a língua inglesa é muito pobre, e, em segundo lugar, a linguagem humana é igualmente pobre. Logo, com a nossa linguagem finita, com os nossos cérebros finitos, com a nossa concepção finita, é impossível dar forma a isso que é amorfo. Como podem presumir que alguém o consiga descrever em alguma língua? Vejam Herbert Spencer, que também lhe chama a Primeira Causa e mistura-a com a Absolutez. Mas este é um grande erro filosófico, pelo menos aos olhos dos vedantinos que certamente o têm por erro ainda maior.

Sr. A. Keightley: – Pelo que vejo, é isto: você recua ao seu Logos Imanifestado e por detrás deste, seja qual for o atributo que queira aplicar, tem Parabrahman.

Sr. B. Keightley: – Como a raiz.

Sr.^a Blavatsky: – Observem, se querem reter-se à teoria vedantina, que têm aqui Parabrahman e Mulaprakriti. São o mesmo, só que Mulaprakriti é um atributo: é a Matéria Primordial, indiferenciada. Podemos conceber tal coisa, sabendo que existe essa coisa, se tomarmos alguns limites ou espaço ou tamanho, porém, não podemos conceber algo que esteja mais além dessa Matéria, ou seja, que nem sequer é Espírito, é Mega-Espírito, algo que é inconcebível para o intelecto humano e só podemos sentir nas nossas concepções. Não podemos expô-lo em palavras definidas. Esta é a ideia que quero que entendam. Agora o Sr. Gardner pensou que Parabrahman é *algo*, mas

Parabrahman *não é algo* e também não é o *nada*, é Ain-Soph, o Infinito. Não é uma *coisa* que seja tudo e nada, porque é Ser-idade e não não-Ser. Agora tentem entender isto filosoficamente.

Sr. Kingsland: – Porém, ainda é a Primeira Causa, certo?

Sr.^a Blavatsky: – É a raiz de tudo, a Causa sem Causa, a raiz de tudo. E a Primeira Causa, o Logos Imanifestado, é aquela que será a causa de todo o Universo.

Sr. Kingsland: – Você não usa o termo “sem causa” no sentido de ‘uma causa que não é causa de nada’, antes o usa no sentido de ‘uma causa que não tem causa atrás dela’.

Sr.^a Blavatsky: – Quero dizer que é a potencialidade universal do que será uma potência. Há alguma diferença na língua inglesa entre potencialidade e potência?

Sr. B. Keightley: – Há certamente.

Sr. Kingsland: – Então isto salva a sua objecção.

Sr. B. Keightley: – Sim, só a coloquei como um paradoxo de expressão.

Sr.^a Blavatsky: – Eles chamam-na a ‘raiz sem raiz’, que é dizer, não tem raiz porque é a própria causalidade, a causação.

Sr. Kingsland: – Não tem raiz, porém, é a raiz de tudo.

Sr.^a Blavatsky: – É a base espiritual de toda a causa, o que Mula-prakriti certamente não é. Eles dizem, tomando o *Vishnu-Purana*, que Akasha tem um atributo e que é o Sonido. O que é o Sonido? É o Logos, ou seja, a representação sensorial de algo. Vejam como é muito difícil para mim descrevê-lo. Falo inglês como uma vaca espanhola, nisto peço desculpa mas não sei falar melhor, apesar de tentar explicar tão bem quanto possa.

Sr. A. Keightley: – É possível, como uma especulação, como algo completamente especulativo, conceber que depois do Universo ter começado a volver à condição Parabrahmânica possa haver algo mais além dessa condição, uma Paraparabrahmânica?

Sr.^a Blavatsky: – Isso é o que eles dizem. *Paraparabrahmânica* é a expressão que utilizam na filosofia. Certo?

Sr. Hall: – É a velha história do véu atrás do véu.

Sr.^a Blavatsky: – não, não é isso. É [isso] que está para detrás do véu excepto o nada – a raiz de tudo.

Sr. A. Keightley: – Em contrário, não pode voltar ao infinito.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, o Infinito é Sat e Sat é Parabrahman, e Parabrahman é a Absolutez, é a Imutabilidade.

Sr. B. Keightley: – Vamos lá, não pode só existir a falácia da eterna cadeia do ovo e da galinha. Deve haver um ponto de paragem em alguma parte.

Sr. A. Keightley: – Deve? Esta é a pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – Podem concebê-lo. Se treinarem o vosso intellecto no esforço de aspirar ao entendimento do começo das coisas, então poderão.

Sr. B. Keightley: – Pode desenvolver?

Sr.^a Blavatsky: – Se tomarem o método aristotélico não conseguirão prosseguir, irão perder-se numa massa de toda a espécie de especulações que serão infrutíferas. Mas se começarem pelas universais, tomando o método de Platão, então penso que conseguirão fazê-lo, porque tendo se deslocado nesse sentido poderão facilmente apreendê-las, começando pelas particulares e elevando-se às universais. Este método é esplêndido, e apesar de não estar na linha dos homens de ciência não deixa de ser útil ao pretendido.

Sr. B. Keightley: – Porém entendo que Arch estava querendo dizer isto: detrás dessa causa têm outra causa, e detrás dessa outra causa, outra, e assim *ad infinitum*.

Sr.^a Blavatsky: – É assim Arch?

Sr. A. Keightley: – É assim parcialmente. Bom, é isto: o tema parece-me tão extenso que ninguém pode dar a explicação correcta.

Sr.^a Blavatsky: – Porém, a “Causa sem Causa” põe fim a isso, porque não há uma causa por detrás disso que não tem causa, por ser a Causa em si mesma. Por que, por exemplo, dizemos que o Absoluto não pode pensar, não pode desejar, não pode ter atributos? Porque lhes tenho dito mil vezes que não tem consciência, não tem desejo porque é o desejo absoluto. Sendo ISSO o Absoluto, como podem ter minimamente o que não está NISSO? Assim, não podemos afirmar que algo seja um atributo DISSO.

Sr. B. Keightley: – Certamente não.

Sr.^a Blavatsky: – porque um atributo é algo finito, e isso é infinito. Então, faz-se uma paragem nas nossas especulações com estas palavras: “Causa sem Causa” e “Raiz sem Raiz”. Penso que são as expressões mais destacáveis, sugestivas e gráficas que tenha visto.

Dr. Williams: – Penso que dizem tudo o que se pode dizer.

Sr.^a Blavatsky: – Tomem a Vedanta. Não conheço nenhuma filofia no mundo superior a essa filosofia.

Sr. A. Keightley: – Então chegamos à secção *b* [da] pergunta 6.

Sr. B. Keightley: – penso que se pode passar por cima, pois praticamente está resolvida. Temos estado a discuti-la. Passa à seguinte.

Sr.^a Blavatsky: – Oh não, não está resolvida. Faltam as *a*, *b*, *c*, *d* disto.

Sr. A. Keightley: – (Lê) “Conceber uma necessidade ou um desejo no Absoluto é destruir a Absolutez do Absoluto, ou reduzi-lo à “vontade cega” de Schopenhauer”.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, já respondi a essa pergunta. De nenhuma maneira se pode reduzir à “vontade cega” de Schopenhauer, e conforme expressei, e expressei correctamente, isso que nos aparece como “vontade cega” é a absoluta não-Inteligência, ou seja, a Inteligência Absoluta, a Sabedoria e o Conhecimento Absolutos, ou a Consciência Absoluta.

Sr. A. Keightley: – (*b*) “Se este desejo é atribuído ao Logos, só pode existir subsequentemente à aparição do Logos”.

Sr.^a Blavatsky: – Eu digo que nenhum desejo é atribuído ao Primeiro Logos. É o que lhes disse antes.

Sr. A. Keightley: – (*c*) “Se se diz que existe uma potencialidade latente no Logos durante o Pralaya, deve então haver uma causa que a faça do estado latente à actividade. Então, donde provém o impulso para a manifestação?”.

Sr.^a Blavatsky: – Essa é a velha pergunta original. Voltamos novamente aos primeiros princípios. É o velho Fawcett querendo que alguém deixe o seu cartão de visita na porta de Parabrahman e lhe pergunte o que o impulsionou a fazer tamanha asneira de criar o Universo. Como podemos responder a isso? É totalmente impossível. A

potencialidade, disse, se existe no Logos, existe em tudo. Existe em vós, existe neste abanico e em toda a parte. Uma vez ao nos aproximarmos do Pralaya – bem, certamente estaremos nele por existir em toda a parte – por que o “impulso” deve estar absolutamente limitado ao Logos? Há novamente algo demonstrando que ele não pensou nas linhas orientais.

Sr. A. Keightley: – “O visível que foi e o invisível que é, descansava no eterno não-Ser, o Ser Uno”. Pergunta 7: qual é o significado da expressão “o visível que foi e o invisível que é”?

Sr.^a Blavatsky: – “O visível que foi” significa o Universo do Manvantara anterior que havia caído na eternidade e já não era mais. Pois bem, “o invisível que é” significa a Deidade Eterna, presente e sempre invisível. É o Espaço Abstracto, o Ser Absoluto, e assim voltamos ao que estivemos falando. Isso é muito simples, não vejo por que se faz a pergunta.

Sr. B. Keightley: – Era para saber de que ponto de vista estava falando na sloka, se era do Manvantara anterior ou não.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente do Manvantara anterior. “O visível que foi” já não era mais, e “o invisível que é” nisto é certamente aquilo que era e aquilo que será em tudo.

Sr. A. Keightley: – Então chegamos à sloka 8: “Só a única forma de existência se espargia ilimitadamente, infinita, sem causa, em sono sem sonho. E a Vida pulsava inconscientemente no Espaço universal através desse Todo-Presente que é apercebido pelo Olho de Dangma”. Então, este “Olho” que se abre ao Absoluto, ou à “forma de existência” e à “Presença Total” aqui mencionadas, revela de maneira diferente o Absoluto?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, mas estando aberto o Olho de Dangma a tudo isso. Suponho que todos verão novamente ser uma forma metafórica de expressar isso. Podeis abrir os vossos olhos como qualquer um pode abrir os seus olhos ao Absoluto, porém, a questão é: o que veremos? Não disse que o olho viu, disse “o sentiu”. Mas se dissesse que ao abrir-se o Olho de Dangma viu o Absoluto, seria uma falácia e um absurdo, porém, por favor, é dito que o “sentiu”.

Sr. A. Keightley: – Não está apresentada nesse sentido. O que queríamos dizer com a pergunta era: é através deste olho aberto que

recebemos esse sentido ou esse sentimento, ou essa consciência ou o que seja?

Sr.^a Blavatsky: – Tomam-no como a vossa própria vista?

Sr. B. Keightley: – Não, como a faculdade espiritual mais elevada.

Sr.^a Blavatsky: – Não havia Dangma nessa época, portanto, ninguém podia vê-lo. Que outra pergunta têm?

Sr. A. Keightley: – O que é o “sono sem sonho”?

Sr.^a Blavatsky: – “Sono sem sonho” é um sono sem sonhos, suponho. Por certo não lhes posso dar uma definição melhor do que esta. Quem pode?

Sr. A. Keightley: – O que quer dizer?

Sr.^a Blavatsky: – Um sono sem sonho significa um sono sem sonhar.

Sr. B. Keightley: – Mas isso simplesmente descreve esse estado em comparação à consciência desperta.

Sr.^a Blavatsky: – Em que particular? Que há sobre o dormir sem sonhos? Gostaria de saber em que página é referido o que está dizendo.

Sr. B. Keightley: – É parte dessa sloka.

Sr.^a Blavatsky: – Lembro-me muito bem. Eu uso a expressão, só que não vejo o que seja. Ela significa poder não haver apresentação dos objectos vistos no Universo, portanto, é um “sono sem sonho”.

Sr. B. Keightley: – O que você diz aqui é isto (lê uma passagem de *A Doutrina Secreta*, Volume I).

Sr.^a Blavatsky: – Penso que deixei explicado. Que mais posso explicar?

Sr. Kingsland: – Implica que acontece algo muito activo nesse estado de sonhos. Penso que o que querem saber é: o que é que está acontecendo activamente?

Sr. B. Keightley: – Um maior grau de actividade.

Sr. Kingsland: – Onde pretendem chegar é: que actividade é essa?

Sr.^a Blavatsky: – Obviamente que não vos posso falar da actividade da Causa sem Causa. Mas posso dizer-vos qual é a actividade no Homem. Porém, nisto sou obrigada a comunicar-vos não estar muito habilitada. O Homem é um Microcosmos do Macrocosmos. Significa que todas as faculdades espirituais estão por detrás da matéria. Estando a matéria adormecida descansando, estamos mais activos do que nunca, apesar de não podermos ver com os nossos olhos espirituais. Mas isto pertence ao assunto dos sonhos, não pertence a esta série de perguntas.

Sr. B. Keightley: – É mais profundo do que um estado de sonho, vai muito além disso.

Sr.^a Blavatsky: – Não há sonhos no Plano Físico. Já lhes disse quando não sonhamos nada é quando mais sonhamos. Não só isso mas também quando actuamos mais, por vivermos num Plano completamente diferente deste onde a nossa vida é milhares de vezes mais activa. Também a nossa existência é milhares de vezes mais variada, e seria bom se a pudéssemos trazer de volta.

Sr. Kingsland: – Como actuamos?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente não podemos tomar isso como actuando num Plano Físico, já que esse Plano onde então estaremos é Arrupa, enquanto aqui estamos em Rupa.

Sr. Hall: – Geramos Karma nessa condição?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não geramos. Um homem gera karma cada vez que se move, com a excepção [da] actividade das suas faculdades superiores.

Sr. Hall: – Portanto, são as faculdades superiores quem operam.

Sr.^a Blavatsky: – E então chegam novamente aos sonhos. Se sonham, por exemplo, que matam alguém, e o matam sonhando, isso até afecta as ideias ao sonharem que matam um homem. Sabem, isso pode acontecer e realmente irão matá-lo e o homem morrerá, se o fixarem em sonho. Não tentem fazê-lo, porque praticariam Magia Negra se o conseguissem. Se tivessem êxito, poderiam matar o homem.

Sr. Kingsland: – Agora estamos falando de sonhos que acompanham a consciência?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não podem começar na consciência e ter-

minar na inconsciência. Quanto mais penetre na região do espiritual mais potente será, e mais facilmente matará o homem.

Sr. B. Keightley: – E menos se lembrará disso.

Sr. Kingsland: – Quer dizer que pode se sonhar ter matado um homem e não se lembrar absolutamente, e que tal sonho seria uma força potencial para assassinar o homem?

Sr.^a Blavatsky: – Por ser seu desejo atingir alguém no sonho. Se não são nem um Adepto, nem um Mago Negro e nem nada do gênero, nem um Jadu³³, não o conseguem fazer quando estão acordados, mas na vida do sonho não estão impedidos pelos limites da matéria e dos sentidos, nem por nada daquilo que os limita quando estão despertos. Então podem produzir efeitos iguais aos de um hipnotista que pode matar um dos seus sujeitos. Têm tanta potência em si que podem matar um homem à distância, pensando que o estão matando.

Sr. Hall: – Mas ele deve estar dormindo.

Sr.^a Blavatsky: – Nada disso. Vocês é que devem estar dormindo, ele não.

Sr. Kingsland: – Então a questão é se esses actos produzem Karma.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é o eu que digo. No Plano inferior produzirão Karma, mas se estão com os seus sentidos espirituais no Plano superior não matarão nenhum homem. Ali não têm essas paixões, e como não as têm se quisessem matar um homem nas regiões espirituais superiores iriam matar-se a eles mesmos, porque não estão separados de nenhum homem na Criação, já que a sua mente não está separada do TODO.

Sr. Kingsland: – Neste sono sem sonho somente estão activos os princípios superiores.

Sr.^a Blavatsky: – Potencialmente, e estamos falando do que Hall perguntou.

Sr. Kingsland: – Estávamos nos referindo, em todo o caso, ao sono sem sonhos.

³³ Termo hindu, *jadoo*, para “magia negra, encantamento, feitiçaria”.

Sr.^a Blavatsky: – Os sonos sem sonhos que não podem recordar. Porém, desde o nível inferior seguinte podem recordá-los e provocar uma grande quantidade de danos.

Sr. A. Keightley: – Então a pergunta 10: que porção da mente e que princípios estão activos durante o sono sem sonhos?

Sr.^a Blavatsky: – Deixem isso agora, por favor, que nos irá absorver até à meia-noite. Faz parte, meu querido amigo, dessas outras coisas. Já falámos dos sonhos durante quatro ou cinco noites.

Sr. A. Keightley: – Não temos registo disso.

Sr.^a Blavatsky: – Eu tenho um registo, desculpe. Se quiser posso repetir, basta que aborde as mesmas coisas e responderei da mesma maneira.

Sr. A. Keightley: – Então, ficam encerradas essas perguntas.

Cor. Chowne: – Há uma coisa de que você falou: disse que não havia nenhuma outra forma de expressar como apareceu a luz excepto por uma causa, e que essa causa era a obscuridade.

Sr.^a Blavatsky: – Obscuridade enquanto não conhecermos nada acerca dela, pelo que essa obscuridade absoluta é perfeita para nós que não podemos discernir nada por detrás dela, por ser impossível.

Cor. Chowne: – Mas, como surge a luz?

Sr.^a Blavatsky: – Como consequência de uma lei imutável que se manifesta periodicamente. Digo que o relógio toca e mostra as horas sem ser consciente disso. Mas o relógio é algo automático, enquanto aquela é algo que possui consciência absoluta. Portanto, para nós não é nada mais do que um sistema de relojoaria, porque não podemos ver como trabalha o intelecto.

Sr. A. Keightley: – A obscuridade e a luz nesta estância não são usadas como pares opostos.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não, eu uso a palavra *obscuridade* porque não há outra mais adequada. Se dissesse *caos* e a assumissem, imediatamente criariam todo o tipo de confusões. Por isso uso a palavra *obscuridade*, que é muito melhor.

Cor. Chowne: – A luz a que se refere não é a luz física que pensamos?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, não! A luz refere-se à primeira potencialidade de tudo, à primeira agitação na matéria indiferenciada da qual se lança à objectividade, dentro de um Plano que está mais próximo da manifestação que outro. Esta é a primeira luz, a qual é usada figurativamente.

Sr. A. Keightley: – Mas logo também em *A Doutrina Secreta*, na parte mais científica, você declara que a luz só se faz visível pela obscuridade, ou melhor, que a obscuridade é a coisa original e a luz é o resultado da presença dos objectos no mundo objectivo.

Sr.^a Blavatsky: – Se não houvesse Sol certamente não haveria luz no mundo objectivo.

Sr. A. Keightley: – Mas refiro-me a que se não houvesse objectos não haveria nada que reflectisse a luz.

Sr.^a Blavatsky: – Tomem dois raios de luz e eles produzirão obscuridade.

Sr. A. Keightley: – Tomem um globo com água e passem um raio eléctrico através dele. O raio eléctrico é totalmente escuro a menos que haja objectos na água, e nesse caso obteremos manchas de luz.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, essa é uma boa ilustração.

Sr. B. Keightley: – Não podem ver a luz, passa pela água de forma totalmente invisível.

Sr. Kingsland: – Não podem ver a própria luz, porém pode manifestar-se noutro sentido como algo bastante diferente, não é assim?

Sr. B. Keightley: – Sim, porque depois de tudo a luz é só uma diferenciação de vibrações.

Sr.^a Blavatsky: – Podem ter o sentido da luz no paladar ou na audição. Podem-no ter em todos os sentidos, ou podem, por exemplo, ter na audição o sentido do paladar e o sentido da visão, isto porque eles estão totalmente adormecidos. Reparem nos clarividentes: estão num transe, mas se lhes apresentardes uma carta fechada eles lêem-na. Como se processa isso?

Sr. A. Keightley: – Isso deve-se a um sentido extra.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não é um sentido extra. Acontece simplesmente porque o sentido da visão pode ser mudado, passando ao sentido do tacto.

Sr. A. Keightley: – O sentido de percepção não é o começo do sexto sentido?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, sim, mas isso vai um pouco mais além, enquanto isto é simplesmente a mudança do sentido da visão pelo do tacto, e nada mais. Agora, quanto a esses clarividentes, eles lhe lerão uma carta cegamente, mas se lhes perguntar qual será a carta que amanhã receberá e ainda não foi escrita, não lhe saberão responder. Mas o sentido de que está falando (o sexto sentido) pode fazê-lo, bastando estar diante de si. Mas isto é outra coisa, porque uma é a manifestação no Plano Físico e outra é a no Plano Espiritual.

Sr. B. Keightley: – Tem um exemplo dessa mudança de um sentido noutro quando se põe na boca algumas brasas incandescentes, provocando a sensação de um raio de luz diante dos olhos.

Sr. A. Keightley: – Por exemplo, se porem na boca os dois pólos de uma bateria eléctrica juntos, terão um raio de luz nos olhos e um sabor metálico na boca.

Cor. Chowne: – Se baterem com a cabeça contra uma parede, também verão um raio de luz.

Sr. A. Keightley: – Esse é o sentido do tacto transferido à estimulação do nervo óptico.

Sr.^a Blavatsky: – Isto é muito interessante. Devem recolher tantos factos quantos possam acerca desses fenómenos no Plano Físico, e depois ir mais além servindo-se do fenómeno que esteja em correspondência. Sabem o que quero dizer, ir-se até ao mais alto possível de alcançar.

Sr. B. Keightley: – Agora, um cego praticamente transfere o sentido da visão ao sentido do tacto. Além disso desenvolve um sentido muito definido de localização, que é independente do sentido do tacto. Por exemplo, ele encontrará o seu caminho numa cidade ou numa casa que conhece, sem tocar nos objectos para se localizar.

Sr.^a Blavatsky: – Com certeza, ele vê através de outros sentidos.

Sr. B. Keightley: – Mas como vê? Qual dos sentidos o ajuda a fazer isso?

Sr. A. Keightley: – Porém, juntando à posse de todos os sentidos, os fisiólogos têm trabalhado na ideia do sentido de direcção.

Sr. Hall: – Sim, certamente deve haver um.

Sr.^a Blavatsky: – Dr. Williams, o que opina disto?

Dr. Williams: – Eu não sei nada acerca do sentido de direcção. Não ouvi nada disso.

Sr. A. Keightley: – Supõe-se referir-se aos canais semicirculares no ouvido.

Dr. Williams: – Sentido de direcção quando alguém consegue seguir um som, é isso que quer dizer?

Sr. A. Keightley: – Não. Suponha que parte do cérebro é retirada a um animal. Enquanto o animal se mantiver quieto e não se mover, toda a função decorre naturalmente. Se começar a mover-se, inclusive em lugares familiares, perde a noção de direcção. Por exemplo, um canário a quem tenha acontecido isto, seja por enfermidade nos canais semicirculares ou por qualquer outra coisa, não conseguirá encontrar o seu caminho para a comida se esses canais tiverem sido afectados. O sentido de direcção fica completamente perdido.

Sr. B. Keightley: – No entanto, o controle dos músculos está totalmente intacto, pelo que não tem vertigens.

Sr. A. Keightley: – Não, simplesmente não pode caminhar direito. Isto é realmente muito interessante. Pode ser encontrado em qualquer livro de fisiologia dos últimos anos que se ocupa das funções do cérebro.

Sr. B. Keightley: – Então onde estão situados?

Sr. A. Keightley: – Perto da parte traseira do ouvido.

Sr. B. Keightley: – Então devem estar ligados ao sentido da audição.

Sr.^a Blavatsky: – Temo que a fisiologia esteja perdida nas questões elementares sobre os sentidos e tudo o mais. Continua frontalmente a negar *a priori* a possibilidade de super-sentidos, se assim os podemos chamar, mesmo não sabendo nada sobre os temas mais simples, como se pode registar por experiência própria. Não conhece nada acerca do tacto e da visão.

Sr. A. Keightley: – Não acredita que seria um assunto para tratar na próxima quinta-feira, se quiser pegar no tema dos sentidos e dar-nos alguns princípios para trabalhar?

Sr.^a Blavatsky: – Teria todos os fisiólogos contra mim se o fizesse. Não o faria em público.

Sr. A. Keightley: – Mas não está em público, está na Loja Blavatsky.

Sr.^a Blavatsky: – Não sou tão erudita para empreender um assunto como esse.

Sr. B. Keightley: – Penso que o poderia fazer, se tentasse. Ficáramos satisfeitos com as pequenas coisas elementares, e se tentasse penso que poderia dar-nos as outras.

Sr. A. Keightley: – Agora uns trabalham cegamente em conexão com estas coisas, enquanto outros dedicam-se frequentemente a trabalhar em matérias que não têm utilidade, e assim todos têm de voltar para a escola.

Sr.^a Blavatsky: – Que diz a fisiologia sobre isso? Reparem, sou mais capaz de detectar os erros se os vir do que se ler um livro de fisiologia ou se ouvir alguém a falar. É muito mais fácil para mim encontrar o erro do que vir a dizer-lhes algo acerca disso, porque não conheço a fisiologia ou os seus termos técnicos, nem estou segura de que tenham progredido muito com as suas ilusões e alucinações. Nem sei por onde começar.

Sr. A. Keightley: – Ficaria encantado em dar-lhe alguns livros.

Dr. Williams: – Ele pode dar-lhe bastantes ilusões.

Sr.^a Blavatsky: – Pode dizer-me, Dr. Williams, o que dizem em fisiologia sobre isto?

Dr. Williams: – Eles dizem muitas coisas.

Sr.^a Blavatsky: – Eles dizem algo sobre isto?

Dr. Williams: – A única coisa que dizem que vale a pena considerar é, ou melhor, a dedução que se pode fazer do que dizem é de que todo o sentido pode ser resumido no sentido do tacto. Chegam a chamá-lo o sentido coordenador como deduzem das suas investigações embriológicas, que demonstram que o tacto é o sentido primário e que todos os outros evoluíram a partir dele, já que a visão e a audição, tudo a partir do tacto, são simplesmente mais especializadas como formas diferenciadas do tacto. Não conheço mais nada que valha a pena ter-se em consideração.

Sr.^a Blavatsky: – Se se derem ao incômodo de ler a *Anugita*³⁴ e as conversas entre o brahmin e a sua esposa, posso assegurar-lhes que ele ensina muitas coisas boas a sua esposa, e muito filosóficas. Não perderão o vosso tempo. Ele (Sr. Keightley) pode-lhes emprestar, se quiserem. Realmente vale a pena lê-la, pois ali o brahmin fala acerca dos sete sentidos, aliás, fala constantemente sobre os sete sentidos. Está traduzida por Max Müller³⁵. “A Mente e o Entendimento são os dois sentidos extra”, mas digo que está muito mal traduzido porque não significa isso em sânscrito. Creio que o primeiro sentido é o do somido no cimo da escala e no último escalão do Plano Terrestre. Talvez eles ganhem a sua causa acerca do tacto, mas não creio que isso seja assim.

Sr. B. Keightley: – Por tacto eles referem-se à sensibilidade da pele.

Sr.^a Blavatsky: – Também chamam pele ao olho que vê?

Sr. B. Keightley: – Não, eles dizem que o olho que vê é formado por um dos nervos da pele.

Sr. A. Keightley: – Não, o olho é o resultado do cérebro.

Sr.^a Blavatsky: – E isso é tudo o que dizem os fisiologistas. Parece que não progrediram muito.

Dr. Williams: – Quis dizer que para mim aquela é a única coisa que vale a pena ter consideração. Essa dedução funda-se no começo das formas inferiores de vida, cuja primeira diferenciação disso resultou no órgão da visão, uma simples célula cujo pigmento é mais sensível à luz do que as outras células. Não estou seguro de não haver harmonia entre a fisiologia mais avançada e a sua.

Sr.^a Blavatsky: – O sentido do som é o primeiro que se manifesta no Universo. Depois disso, certamente que o som está em correspondência com a cor ou a visão, que é o segundo sentido. Bem, creio que têm o suficiente por esta noite.

³⁴ A *Anugita* é o discurso entre Krishna e Arjuna que faz parte do *Mahabharata*. Foi proferido depois da grande batalha descrita no *Bhagavad-Gita*.

³⁵ Editada por Max Müller, foi traduzida por Kashinath Trimbak Telang como o volume 8 de *Os Livros Sagrados do Oriente* (1882).

Dr. Williams: – Penso que o sentido do som passa sempre ao sentido da visão. Não creio podermos tecer qualquer concepção a menos que passe por isso.

Sr.^a Blavatsky: – Se pudessem ver clarivamente uma pessoa tocando piano, poderiam ver o som tal como o ouvem. Se se sentarem em vosso estado normal para ouvirem, claro que ouvirão o som, mas desde que possam concentrar as vossas ideias; se paralisarem o sentido da audição – mesmo que ponham algodão nos ouvidos – verão os sons e detectarão cada pequena nota e a modulação, algo que não poderão fazer de outra maneira. Não poderão ouvir à distância, mas poderão ver à distância.

Dr. Williams: – Quer dizer que se vê numa espécie de movimento rítmico?

Sr.^a Blavatsky: – Vêem se estiverem acostumados. Agora tomemos uma ilustração. Por exemplo, para ouvirem uma pessoa cantar no palco, devem estar a uma distância limitada do palco, em lugar onde as propriedades acústicas sejam boas e o som viaje livremente. Mas agora, imagine-se precisamente que se tem uma boa visão, se senta e uma *prima dona* canta, digamos, em Kensington Gardens, e poderão vê-la se não houver impedimento. Poderão ouvi-la melhor com a visão do que vê-la com os ouvidos. Isto é paradójico, porém é perfeitamente oculto e verdadeiro. Fixem isto.

Sr. B. Keightley: – Supondo-se que domina a sua audição física e vê esse Plano clarivamente, permitindo que a sua audição clarividente, por assim dizer, opere ao mesmo tempo. A visão clarividente se traduzirá na audição no mesmo Plano.

Sr.^a Blavatsky: – Um se fundirá no outro. Também podem saborear o som, se quiserem. Há sons que são extremamente ácidos e há sons que são extremamente doces, amargos e toda a escala de sabores. A sério que isto não é um disparate, e verão que é assim quando conhecerem os sentidos super-físicos.

Sr. A. Keightley: – Então, tem a mesma extensão do olfacto ao tacto?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, podem-na reverter totalmente intercambiando um sentido com o outro, podendo torná-los mais intensos e fazerem o que quiserem. Nos Vedas fala-se – ou nos Upanishads,

creio que é nos Upanishads – em ver um som. Não sei se o mencionei em *A Doutrina Secreta*. Oh, escrevi um artigo em *The Theosophist*³⁶ sobre isto. Há algo nos Upanishads ou nos Vedas.

Sr. Boleki Rama: – Sim, muitas vezes faz-se menção a ver um som, mas pensamos que é no sentido metafórico.

Sr.^a Blavatsky: – Agora querem-no tomar assim, porque vocês estão nas universidades inglesas.

Sr. B. Keightley: – Em vez de serem os filhos de Brahma!

Dr. Williams: – Pergunto-me se alguém leu a história no último número de *Harper's Magazine*³⁷ do marinheiro que foi abandonado numa ilha dos arquipélagos nos Mares do Sul, e encontrou uma raça de pessoas que tinha perdido completamente a capacidade de falar. Entendem-se uns com os outros vendo o que pensam, e consideram o som como uma forma grosseira de comunicação. É um esboço muito interessante.

Sr.^a Blavatsky: – Seria um “Palácio da Verdade”, pois então não poderiam dizer “que feliz estou em vê-los”, e em suas mentes enviá-los para toda a espécie de lugares desagradáveis. Se comunicaria de forma similar à dos velhos tempos, os seus pensamentos tomariam formas objectivas.

Sr. A. Keightley: – Se golpeariam uns aos outros nos olhos com o pensamento.

Dr. Williams: – Ele disse que encontrou um poderoso incentivo para a elevação moral.

(Risos)

Sr.^a Blavatsky: – Então não podiam enganar. Não podiam dizer uma mentira. Que bonito seria ir a uma reunião da Senhora Grundy³⁸ e saber que devem comunicar os seus pensamentos. Seria a coisa mais doce do mundo! Quantos elogios seriam trocados! Bem, cava-lheiros, que mais? Uma vez que eu esteja morta não servirei de muito,

³⁶ *Ciência Oculta ou Exacta*, em *The Theosophist*, volume 7, Abril-Maio 1886, em que se cita o *Livro de Kiu-Te* onde “o som é visto antes de ser ouvido”.

³⁷ *Para quem venha*, por Edward Bellamy, *Harper's New Monthly Magazine*, vol. 78, pp. 458-466, Fevereiro 1889.

³⁸ A Senhora Grundy era a personificação do decoro britânico na época de H.P.B.

portanto, aproveitem esta última oportunidade antes de morrer. Gardner, você tem estado sossegado.

Sr. Gardner: – Não, estava pensando em “antes que mergulhe no seu sono sem sonho”.

Sr.^a Blavatsky: – Deveríamos saber mais sobre os sentidos, trocar pensamentos e todo o tipo de coisas, simplesmente tocando nos nossos narizes, e assim nos entenderíamos mutuamente. Isto seria transmissão de pensamento. Seria algo lindo.

Sr. B. Keightley: – É algo muito curioso essa transmissão dos sentidos localizados em partes do corpo humano. Por exemplo, como regra, com a clarividência mesmérica o sentido da visão é transferido para a base do estômago, não operando em nenhuma outra parte do corpo. No entanto, às vezes é localizado na parte detrás da cabeça.

Cor. Chowne: – Haverá aí algum centro nervoso.

Sr.^a Blavatsky: – Haverão de entender isso.

Sr. Gardner: – Às vezes trabalha através da fronte.

Sr. B. Keightley: – Geralmente pela base do estômago ou pela parte detrás da cabeça.

Sr.^a Blavatsky: – Nunca o tentaram aqui (apontando), na parte detrás da cabeça.

Uma Dama: – Tentaram-no através do pé.

Sr. B. Keightley: – Nunca ouvi falar acerca de ver através do pé, ainda que certamente, apesar do sentido da visão ser distinto, eles o terem experimentado em várias partes.

Cor. Chowne: – Quer dizer que se supõe que um cego lê as cores. Não vejo como ele consiga distinguir o vermelho do azul.

Sr.^a Blavatsky: – Veja, ele pode conhecer as cores. Por exemplo, um surdo pode ver os sons, pode ver porque lhe é transmitida uma espécie de som. Claro que não ouve como um som, mas realmente é levado à sua mente como som. Não o conseguem expressar por naturalmente não o conseguirem entender.

Sr. Hall: – Muito frequentemente os surdos e mudos querem pôr as mãos sobre um piano quando se está tocando, para as vibrações serem comunicadas aos seus cérebros.

Sr. B. Keightley: – Então, tem-se o caso de um cego que associava sempre os sons com cores. Ele fazia um conceito do vermelho que associava com instrumentos de latão, particularmente com a trompeta. O vermelho sugeria sempre à sua mente a trompeta.

Sr.^a Blavatsky: – É extremamente interessante esta associação de sons e cores pelas vibrações, e já que se fala disto, isto é algo muito científico. Agora, por exemplo, os sons têm várias modulações e vibrações. O mesmo é igual para a luz.

Dr. Williams: – O som começa a quinze vibrações por segundo e discorre numa escala muito limitada, tanto quanto o ouvido é capaz de percebê-lo. As vibrações crescem em intensidade e logo vem o sentido de calor. Os diferentes sentidos parecem subir numa escala de vibração, em que consistem essas diferentes manifestações. Acompanha o sentido de calor o avermelhado opaco por que se obtém a luz, e assim percorre toda a gama. A luz manifesta-se pelo chamado raio químico, que está acima da cor e produz mudanças químicas.

Sr.^a Blavatsky: – Não há uma diferença nos raios prismáticos? São sete, e há algo, não me lembro como lhe chamam, que é uma forma de medida.

Sr. B. Keightley: – Uma longitude de onda.

Sr.^a Blavatsky: – Não sei como lhe chamam. Mede só cinco, ou três. É um instrumento que foi inventado, mas ele reduz essas sete cores a cinco, depois a três e finalmente a uma?

Sr. B. Keightley: – Não, há três cores primárias. Essas sete são formadas por combinações daquelas. Primeiro obtém cinco...

Sr.^a Blavatsky: – Não, eu falo de algum instrumento.

Sr. Kingsland: – Talvez o espectroscópio.

Sr.^a Blavatsky: – Não, esse não. Li que haviam inventado um instrumento que não só podia dar as radiações das cores como também a redução das cores, e que essas sete cores passavam através de umas 77 tonalidades até fundirem-se num branco.

Sr. Hall: – É o helioscópio?³⁹

³⁹ O helioscópio era um instrumento usado para observar o Sol.

Sr. B. Keightley: – É só uma questão de combinar novamente depois de ter sido dispersado por meio do prisma.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, mas como as cores são sete, daí, por assim dizer, as gradações ou matizes em vez de sete se tornarem umas setenta e sete vezes sete.

Dr. Williams: – Penso que houve uma adaptação à forma de mostrar as longitudes de onda e cor até à faixa de vibração. Claro que isto seria quase um número indefinido de vibrações.

Sr.^a Blavatsky: – Porém, devem contadas. Falo deles porque se voltará sempre ao três, ao quatro e ao sete.

Sr. Hall: – Algumas pessoas associam os diferentes tipos de cores com os diferentes tipos de dores.

Sr.^a Blavatsky: – É muito fácil de responder. Quando têm neuralgia, deve haver alguma cor que não podem olhar sem sentir uma forte dor.

Dr. Williams: – Às vezes, os loucos são tratados através da cor.

Sr.^a Blavatsky: – Agora, alguma vez pensaram por que os touros se irritam com a cor vermelha? Sabem que lhes dá uma dor terrível? Entra-lhes, de uma ou outra maneira, pela vista até ao cérebro e torna-os totalmente loucos. Provoca-lhes uma dor física.

Sr. Gardner: – É por isso que se usam jaquetas vermelhas para caçar?

Sr. Kingsland: – Oh, pensei que queria dizer “lobos” (lóbulo).

Sr.^a Blavatsky: – Algumas cores provocam dor. Há algumas pessoas sensíveis que não podem olhar cores muito brilhantes, porque se sentem nervosas por alguma combinação de cores que não conseguem suportar.

Dr. Williams: – Penso que é a questão mais interessante da Ciência.

Sr.^a Blavatsky: – Penso que a questão mais interessante é de longe ver o resultado das várias combinações nas Esferas ocultas. Até agora vêem os resultados no Plano terrestre, mas se os aprofundarem verão terem origem na Esfera invisível que, apesar de invisível, faz com que os efeitos se tornem objectivos. Embora as causas postas em movimento sejam invisíveis, verão os seus efeitos.

Dr. Williams: – É sempre muito interessante investigar qualquer problema a partir dos princípios, antes de chegar aos detalhes.

Sr.^a Blavatsky: – Penso que a única ciência exacta que têm são as matemáticas, e as matemáticas procedem desta forma.

Dr. Williams: – Sim, desde os primeiros princípios aos detalhes.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, pois não é o método aristotélico que podem usar nas matemáticas.

Dr. Williams: – Não penso que os da Ciência possam objectar mais do que isto: “Estão seguros dos seus primeiros princípios. Se sabem o que são, então não haverá dificuldades”.

Sr.^a Blavatsky: – Que dizer daqueles que não sabem o que vêem diante dos seus narizes? Eles só vêem o que pensam que vêem, e depois são obrigados a render-se por verem que estão equivocados. Por que os cientistas são tão, tão vaidosos?

Dr. Williams: – Bem, penso que tudo surge da ideia de que o Homem, de certa maneira, cria tudo por si mesmo, que não tem nenhuma relação com um poder mais elevado do que ele mesmo, e se refere a si mesmo como o poder superior no Universo.

Sr.^a Blavatsky: – É arrogância?

Dr. Williams: – Eu diria que é quase uma arrogância suprema.

Sr.^a Blavatsky: – E que há com os nossos antepassados? Os cientistas querem que tenhamos um antepassado comum como o macaco, mas tal é uma suprema degradação.

Sr. B. Keightley: – Não, agora eles pensam isto: “Vejam quanto gloriosamente progredimos em poucos milhares de anos”.

Sr. Hall: – Como um homem que se fez por si mesmo, referindo-se a quando chegou a Londres com dois centavos no bolso.

Sr.^a Blavatsky: – Como sabem que não há macacos que se fizeram por si mesmos na selva? Não sabemos nada disso. Eu vi macacos que eram muito inteligentes. Vi muitos, amo os macacos. Tenho uma grande ternura por eles e penso que são melhores do que os homens. Isto é um facto.

(Logo a reunião terminou)

IV

A Sociedade Teosófica. Encontro na Loja Blavatsky. Quinta-feira, 31 de Janeiro, 1889.

Sr. A. Keightley: – A primeira pergunta está relacionada com a sloka 6, estância I (lê a passagem de *A Doutrina Secreta*). Agora, com referência aos “Sete Senhores”, a pergunta 1 diz: “Já que a confusão pode surgir na aplicação correcta dos termos, por favor poderia distinguir entre Dhyan-Choans, Espíritos Planetários, Construtores e Dhyanis-Budhas?”.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porém, na realidade era preciso um volume para vos dar a conhecer todas as hierarquias e toda a classe de Anjos entre os Dhyan-Choans, os Espíritos Planetários, os Dhyanis-Budhas, os Construtores, etc. Agora, *Dhyan-Choan* é um nome genérico para todos os Devas ou Seres Celestes. Eles são um e todos os chamados *Dhyan-Choans*. Agora, um Espírito Planetário é o Governador de um Planeta, uma espécie de Deus Pessoal, porém finito. Esta é a diferença com que se deparam. Um Espírito Planetário governa e cuida de cada Globo de uma Cadeia, ou de cada Planeta, havendo alguma diferença entre aqueles que estão sobre os grandes planetas sagrados e aqueles que estão nas pequenas Cadeias como a nossa, porque a Terra nunca foi um dos planetas sagrados, nunca. Simplesmente foi tomada como um substituto como a Lua e o Sol, porque este é a estrela central e a Lua nunca foi um planeta, está morta faz muito tempo.

Sr. A. Keightley: – Mas a Terra pertence a uma Cadeia do séquito de um dos planetas sagrados?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, não, nada disso! A Terra tem a sua própria Cadeia. Há então seis companheiros que não se vêem, que estão em três Planos diferentes.

Sr. Kingsland: – Algum dos seis outros é um dos planetas sagrados?

Sr.^a Blavatsky: – Não, senhor, nem um, e nem é viável.

Sr. Kingsland: – Então como podemos distingui-los?

Sr.^a Blavatsky: – Os sete planetas sagrados da Antiguidade eram os planetas que agora os astrólogos tomam, menos o Sol e a Lua que são substitutos.

O Presidente (T. B. Harbottle): – E mais dois que não conhecemos.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, um dos quais é um planeta intra-mercurial que tentam encontrar e não conseguem. Queriam chamá-lo Vulcano, ou dar-lhe um nome antes de ser encontrado. Eles pensam que o encontraram, mas não estão seguros. Alguns dizem que são vários, outros dizem que é um, porém não sabem. Quando o descobrirem, saberão que é um dos sete planetas. E o outro é o que não posso explicar. Tomava-se a Lua como substituta desse planeta e via-se a certa hora da noite como se estivesse próxima da Lua, mas não estava. É este o planeta que não conhecíamos absolutamente. Penso que às vezes não lhe dão nome, mas com as minhas ideias astronómicas não confiaria neles.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Não é Herschel⁴⁰, certo?

Sr.^a Blavatsky: – Em certo momento pensei que seria, mas ontem à noite estive pensando muito sobre isso e não fiquei segura. Se o visse, ou se fosse possível ter um planisfério dos céus⁴¹ para olhá-lo a certas horas da noite, como devem fazer os astrónomos, reconhecia-o, mas não posso dizer-lhes se é o Herschel.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Mas os astrónomos modernos dizem que Herschel é um planeta que contém algo quase inesperado que poderíamos chamar uma influência oculta sobre as coisas. Tendo descoberto a Herschel recentemente, apontam-lhe o tipo de atributos que se esperaria em Astrologia de um planeta sagrado.

Sr.^a Blavatsky: – É por isso que eu também pensava assim, mas não estou segura e não posso dizer-lhes até ter visto o planisfério. No que respeita ao nome, não poderão recorrer ao sânscrito para saber como se chama. Não sei mais do que isto, que é um planeta oculto e

⁴⁰ Em determinada época, o planeta Urano era referido como “Planeta Herschel” devido ao seu descobridor moderno, o astrónomo inglês William Herschel (1738-1822).

⁴¹ Um mapa das estrelas.

pode ser visto directamente a certa hora da noite, como se estivesse perto da Lua.

Sr. Kingsland: – A cada noite?

Sr.^a Blavatsky: – Não estou segura se é a cada noite. Sei que é assim e que lhe dedicavam um dia.

Sr. Gardner: – Move-se muito devagar.

Sr.^a Blavatsky: – E observam que o movimento é retrógrado. Portanto, creio que é Herschel, mas sem jurar.

Sr. B. Keightley: – Se descarta a Lua como um dos planetas astrológicos, terá de somar outro à influência que é, actualmente, atribuída à Lua, e a questão é se isto pode fazer-se.

Sr.^a Blavatsky: – O que se diz é que a influência desse planeta secreto atravessa a Lua, isto é, a influência oculta da mesma, mas não posso explicar se passa em linha recta ou como o faz. Isso é para vocês, matemáticos, que sabem mais do que eu.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Então, se isso for assim a influência de Herschel é muito forte quando está em conjunção com a Lua, como dizem os astrólogos.

Sr. Kingsland: – Esses sete planetas estão no mesmo Plano que nós?

Sr.^a Blavatsky: – Com certeza.

Sr. Kingsland: – Então presumo que há um Plano separado que pertence a cada um deles.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, encontram-no em *A Doutrina Secreta*.

Sr. A. Keightley: – As Cadeias menores pertencem a esses planetas sagrados? Você disse que a Terra nunca foi um dos planetas sagrados e que tem uma Cadeia.

Sr.^a Blavatsky: – Tem uma Cadeia e muitos outros têm Cadeias, ainda não descobertas mas que o serão, iguais à da Terra. Esta é um dos planetas mais jovens, como sabem.

Sr. Kingsland: – O que torna os outros sagrados ou secretos?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que é por terem influências ocultas.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Mas então os sete estão numa hierarquia diferente no que respeita ao Espírito Planetário da Terra?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, sim. O Espírito Planetário da Terra é o que eles chamam o Espírito Terrestre e não é muito elevado. O Espírito Planetário não tem nada a ver com o Homem Espiritual. Está relacionado com as coisas da Matéria e os Seres chamados Governadores Cósmicos que dão forma a essas coisas. Relacionam-se com a Matéria, mas não com o Espírito. Os Dhyanis-Budhas são os que têm a ver com o Espírito. É outra hierarquia a que está relacionada com isto, e explico aqui.⁴²

O Presidente (T. B. Harbottle): – Estes sete Espíritos Planetários, tal como devemos dizer, não têm nada a ver com a Terra excepto incidentalmente.

Sr.^a Blavatsky: – Materialmente eles estão muito relacionados com a Terra.

Sr. Kingsland: – Na realidade, eles estão relacionados com o Homem Espiritual.

Sr.^a Blavatsky: – Não têm absolutamente nada a ver com o Homem Espiritual.

Sr. Kingsland: – Têm algo a ver com o quinto Princípio?

Sr.^a Blavatsky: – Têm algo a ver com o quarto Princípio, mas não têm nada a ver com os três Princípios Superiores. Ainda não terminei. Perguntaram-me algo que agora vou lhes explicar. Primeiro, *Dhyan-Choan* é um nome genérico para todos os Seres Celestes. Segundo, os Construtores são uma classe chamada pelos antigos de *Kosmocra-tores*, os Construtores. São simplesmente Construtores que elaboram as formas como os Maçons Celestes sob as ordens do Arquitecto, por assim dizer. Eles não são mais do que Construtores do Grande Arquitecto do Universo.

Sr. Kingsland: – Então não são os Espíritos Planetários?

Sr.^a Blavatsky: – Quais, os Construtores? Bom, eles são, mas de uma classe inferior.

Sr. A. Keightley: – Eles actuam abaixo do Espírito Planetário da Terra?

⁴² Trata-se de questão de nomenclatura a apresentada por H.P.B., posto serem os *Ishvaras* ou Varões Celestes (Logos) os relacionados ao Espírito (*Purusha*), e os Espíritos Planetários ou Planetários de Ronda (*Kumaras*) os afins à Matéria (*Prakriti*), segundo os *Vedas*.

Sr.^a Blavatsky: – Pois bem, não. O Espírito Planetário da Terra não é muito elevado, tirando ser quem ocupou o seu lugar antes dos demais, por assim dizer, e por isso é considerado o principal deles. Reparem que não lhes digo o que se diz nas religiões exotéricas e sim no ensinamento esotérico.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Mas os Construtores de várias classes não consideram o Universo como um todo, ou qualquer planeta em particular? Quero dizer, não há Construtores absolutamente terrestres do mesmo modo que há Construtores do Sistema Solar e do Universo?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo.

Sr. Kingsland: – Então, o Construtor Terrestre é um Espírito Planetário?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porém de um tipo muito baixo. O que é a nossa Terra comparada com Júpiter, por exemplo (bom, não falemos dos Anjos Solares)? Não é nada mais que uma partícula de poeira ou lodo.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Mas tem a sua hierarquia.

Sr.^a Blavatsky: – Supostamente sim, todos eles a têm. Isto é mostrado aqui. Eles reflectem a Inteligência do G.A.D.U.⁴³ que é simplesmente *Mahat*, a Mente Universal. Aqui volta-se ao terceiro. Bem, diz-se claramente que os Espíritos Planetários são os que cuidam dos Planetas e dos Globos de uma Cadeia como a da nossa Terra. Agora, no quarto falou-se nos Dhyanis-Budhas. São iguais aos Devas Superiores. Na Índia são os chamados Bodhisattvas da religião budiasta, dizendo-se exotericamente que são cinco mas sendo sete esotericamente. Dizem isso por ser tomado *à la lettre* exotericamente, mas representam os sete. Por isso, em *A Doutrina Secreta* é dito sobre “os cinco Budhas que vieram, e os dois que hão-de vir nas sexta e sétima Raças”. Agora, esotericamente, o seu presidente é []⁴⁴ sendo chamado a Inteligência Suprema e o Budha Supremo⁴⁵, e que []⁴⁶ é novamente superior ao [] porque está muito acima de [], tal como

⁴³ Fórmula maçónica que significa o *Grande Arquitecto do Universo*.

⁴⁴ As *Memórias* dão *Vajrasattva*, embora enunciando que isto é exotérico.

⁴⁵ Adi-Budha.

⁴⁶ *Memórias: Vajrasattva*.

Parabrahman muito acima de Brahma ou Mahat. É a mesma diferença. Ou igualmente, por exemplo, como Dhyani-Budha é mais elevado que o Manushi-Budha, o Budha Humano. Os Dhyanis-Budhas são uma coisa exotericamente e outra coisa em Ocultismo. Exotericamente, cada um é uma Trindade. (Continua a leitura a partir das suas próprias notas). Esta é a diferença entre os Dhyanis-Budhas e os outros. Os Dhyanis-Budhas são aqueles que provém de um planeta num Manvantara anterior, o qual não era tão elevado como o nosso que já de si é muito baixo; os outros têm de passar por todos os Reinos da Natureza, desde o Reino Mineral, o Reino Vegetal e o Reino Animal.

Sr. Kingsland: – Então o Dhyan-Choan é pré-humano e o Dhyani-Budha é post-humano.

Sr.^a Blavatsky: – Todos eles são Dhyan-Choans.

Sr. A. Keightley: – Bom, o Espírito Planetário.

Sr.^a Blavatsky: – Essa é uma Criatura neste período.

Sr. A. Keightley: – Pré-humano?

Sr.^a Blavatsky: – O que quer dizer com pré-humano?

Sr. A. Keightley: – Que serão humanos.

Sr. Kingsland: – Os Dhyan-Choans foram homens.

Sr.^a Blavatsky: – E os Dhyanis-Budhas foram-no antes, não são homens neste mas algo mais elevado do que homens, motivo de se dizer que no final da sétima Raça eles virão e encarnarão na Terra.

Sr. Kingsland: – Serão o que corresponde ao Homem num Plano Superior?

Sr.^a Blavatsky: – Não sei, porém virão na sétima Ronda, porque então toda a Humanidade se converterá em Budhas ou Devas. Será a emanção ou reflexo dos Manushi-Budhas, os Budhas Humanos, e não necessariamente só de Gautama Budha, por ele ser um Manushi-Budha, um Budha Humano, um Santo ou como o quiserem chamar.

Sr. A. Keightley: – 2.^a pergunta: “O Espírito Planetário encarregado de um Globo entra em Pralaya quando o seu Globo entra em Pralaya?”.

Sr.^a Blavatsky: – Os Espíritos Planetários entram em Pralaya no

final da sétima Ronda e não depois de cada uma das Rondas, porque estão encarregados do Globo e têm de controlar as Leis, inclusive a condição *status quo* do Globo quando vai descansar, ou seja, durante o seu Pralaya interplanetário. Eu explico tudo em *A Doutrina Secreta*, e isto é detalhado em algum lugar do texto.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Não o recordo.

Sr. B. Keightley: – Creio que não o imprimiu.

Sr.^a Blavatsky: – talvez. Então devem tê-lo deixado de fora. Ou talvez esteja no terceiro ou no quarto volume. Lembro-me que o escrevi. Está no terceiro volume, que é preenchido por Budhas, Devas e outras coisas.

Sr. A. Keightley: – Bom, então se falta algo de *A Doutrina Secreta*, diremos que está no terceiro volume.

Sr.^a Blavatsky: – Na verdade não falta, posso mostrá-lo, está no terceiro volume. Eu sei que o escrevi.

Sr. A. Keightley: – Então a 3.^a pergunta: “Os Dhyanis, cuja tarefa é cuidar de uma Ronda, vigiam toda a série de Globos durante o seu período de actividade ou somente um Globo em particular?”.

Sr.^a Blavatsky: – Acabo de explicá-lo. Cada um tem o seu próprio Globo para vigiar, porém há sete Espíritos Planetários e são Dhyanis-Budhas. Está comentando um erro aí.

Sr. A. Keightley: – Disse Dhyani.

Sr.^a Blavatsky: – Aqui se diz que quando o Todo, os Planetários e os Dhyanis-Budhas e todos os que aparecerão na Terra na sétima Ronda, quando a Humanidade se houver convertido em Budhas [e] Devas, seus filhos, já não serão impedidos pela matéria, já que há uma diferença entre os Planetários e os outros (continua lendo as suas próprias notas). Reparem, na *Cábala* encontrarão sempre menções aos três Planos Superiores, dos quais falam com grandes reticências. Inclusive não vão tão longe, simplesmente dão na Tríade (ou como lhe queiram chamar) a Chokmah e Binah, a Inteligência Masculina e a Feminina, ou a Sabedoria e a Inteligência. E esta Binah é chamada, na *Cábala*, Jehovah, e uma Fêmea.

Sr. Kingsland: – Aqui diz que o Dhyani deve cuidar sucessivamente de cada uma das Rondas. Surge aqui uma pequena confusão.

Sr.^a Blavatsky: – Mas *Dhyani* é um nome genérico, como lhes disse. É uma abreviação de *Dhyani-Choan*, este que é tudo, mas não de *Dhyani-Budha*. *Dhyani-Budha* é algo diferente. Se o disse foi um grande erro, um *lapsus linguae* do qual eu própria sou culpada com frequência, como acabo de dizer que 28 eram 5 vezes 7.

Sr. A. Keightley: – 4.^a pergunta: “Há algum nome que possa ser aplicado ao Espírito Planetário que cuida de toda a evolução de uma Cadeia Planetária?”.

Sr.^a Blavatsky: – Que pergunta é?

Sr. A. Keightley: – A número 4.

Sr.^a Blavatsky: – Eu tenho duas ou três páginas escritas, mas talvez seja melhor não as ler. Não têm nada, simplesmente explicam por que nós não os adoramos.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Bem, permita-nos tê-las. Serão um ponto interessante.

Sr.^a Blavatsky: – É por isto que estamos contra a ideia de qualquer Deus pessoal extra-cósmico. Não se pode adorar nenhum Deus assim porque “os deuses são muitos”, como diz a Bíblia. Portanto, têm de escolher entre adorar a muitos, que são tão bons e limitados como qualquer outro, que é politeísmo e idolatria, ou fazer como fizeram os israelitas, escolherem o seu próprio deus tribal. (Continua lendo do seu livro de notas). Agora, isto é o que a Bíblia diz: “Os deuses são muitos, porém Deus é um”. Por que? Porque foi o seu próprio Deus quem os escolheu. Com o Pralaya FINALI Ele desaparece, como o faz Brahma e como o fazem todos os outros Devas. Ou seja, funde-se no Absoluto, porque Ele simplesmente é um dos seus Raios, os quais, seja o mais elevado ou o menos elevado, se fundirão no Absoluto. Em consequência, nós não adoramos e nem rezamos a eles, porque se o fizéssemos teríamos de adorar a muitos deuses, e se dirigíssemos as nossas preces ao Absoluto não creio que esse Absoluto tenha ouvidos para ouvir-nos. Esta é a minha opinião. Pode parecer uma opinião ateia e posso parecer uma grande infiel, mas não o posso evitar.

Sr.^a Williams: – Que objecção faria por adorar a muitos deuses?

Sr.^a Blavatsky: – Eu não vejo nenhuma objecção, mas seria algo entediado. Não haveria tempo para lhes fazer tantos cumprimentos. Seria uma coisa monótona.

Sr.^a Williams: – Fala disto como se fosse idolatria. Queria saber se é assim para si.

Sr.^a Blavatsky: – Absolutamente. Eu disse que se tivéssemos de oferecer orações a algum Deus pessoal teríamos de acreditar em muitos deuses, logo, teríamos de oferecer orações a muitos, ou então a nenhum. Por qual deveríamos ter preferência? Não sabemos qual é o melhor ou o pior em que acreditarmos. Poderia ser um que não fosse perfeito.

Sr. A. Keightley: – Ademais deixa os outros ciumentos.

Sr.^a Blavatsky: – Ademais temos um Deus dentro de nós, em cada um de nós. Este é um Raio directo do Absoluto, cada um de nós é “o Raio Celestial do Uno”; bem, não encontro outra palavra mais que o Absoluto e o Infinito. Agora sim, a pergunta número 4.

Sr. A. Keightley: – “Há algum nome que possa ser aplicado ao Espírito Planetário que cuida de toda a evolução de uma Cadeia Planetária?”.

Sr.^a Blavatsky: – Não há nenhum nome, a menos que tomem um nome genérico já que não está só, posto haver sete. (Continua lendo as suas notas). Se lhe dão nome será um nome muito bom, penso. Será científico e responderá a propósito, posto terem liberdade para lhe dar o nome que quiserem. O que há num nome? “Escolham os deuses diários para adorar devidamente”, disse Josué⁴⁷.

Sr. A. Keightley: – Há algum nome aplicado a isto em sânscrito?

Sr.^a Blavatsky: – Olhem aqui, os vaishnavas adoram a Vishnu, os shaivas adoram a Shiva, os outros, como os chamam os [], adoram a Krishna, e assim sucessivamente. Cada um tem um deus próprio. Cada um escolhe o seu próprio deus tribal, aquele que lhes agrada ou o deus racial, e ficam felizes.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Mas um Deus como Vishnu é a síntese dos sete.

Sr.^a Blavatsky: – Um é o Criador, assim chamado, embora certamente não tenha criado a Matéria do nada, e sim o Universo a partir de algo. O Outro é o Conservador e o Terceiro é o Destruidor, porém,

⁴⁷ Parafraseando Josué 24:15.

este é o mais elevado, porque o que destrói também regenera, como se repara numa planta que não crescerá sem primeiro matar a sua semente. Portanto, Ele destrói para construir uma forma mais elevada, entendem?

Sr. A. Keightley: – Então estas três perguntas sobre o nome do Espírito Planetário: “há um nome que possa ser aplicado ao Espírito Planetário que rege uma Ronda?”. E também, “é Brahma o termo correcto para usar em referência ao Espírito Planetário de um Globo durante uma Ronda, ou seria Manu o termo mais correcto? Neste sentido, Manu é idêntico a Brahma?”.

Sr.^a Blavatsky: – Saltou para a número 6.

Sr. A. Keightley: – Ponho juntas as três, porque praticamente vêm juntas. Queríamos distinguir um Espírito Planetário numa Cadeia de Mundos do Espírito Planetário do Globo, que realmente governa um Globo, e em terceiro lugar perguntar se Brahma é o termo correcto para usar.

Sr.^a Blavatsky: – Eles nunca diriam Brahma em referência ao Universo, mas diriam Manus sendo o mesmo que Brahma. De resto, às vezes eles reconhecem sete, outras vezes dez, dependendo do que estão falando, e isto no sentido esotérico dos Puranas.

Sr. A. Keightley: – Há uma classe de Espíritos Planetários que se ocupam de uma Cadeia.

Sr.^a Blavatsky: – Existem os Rishis e os Manus que são aqueles que estão sobre toda a Ronda.

Sr. A. Keightley: – Então os Rishis e os Manus são o mesmo?

Sr.^a Blavatsky: – Rishis ou Manus são o mesmo. O que é um Manu? *Manu* provém de *Man* (Homem), Pensar – a Inteligência pensante. Agora, é precisamente por isto [], que é a Inteligência, onde isto [] é considerado a Inteligência Suprema, que ele e Brahma são um. Tomem o *Vishnu-Purana*, tomem qualquer Purana, que lhes dará estas coisas exotericamente. Eles dizem a verdade mas colocam muitos véus. No entanto, encontrarão muitas coisas boas que nunca descobrirão nas outras escrituras. Apesar de velarem e ornamentarem as coisas, sem dúvida as verdades fundamentais estão ali.

Sr. A. Keightley: – Eu queria evitar, tanto quanto possível, esses véus no respeitante aos nomes.

Sr.^a Blavatsky: – Os brahmines iriam arremeter contra nós. Por que devo dar-lhes nomes? Acham que sou um sacerdote católico romano para os receber e batizar, dando a todos nomes diferentes? Para mim são ideações. Não vou dar-lhes nomes. Se dissesse os verdadeiros nomes ocultos isso não vos tornaria mais sábios, e seguramente que a seguir os esqueceriam.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Porém, isso nos ajudaria a localizá-los.

Sr.^a Blavatsky: – Então tomemos a ideia prismática: chamemo-los de Deus Vermelho, Deus Laranja, Deus Amarelo, Azul e Verde.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Muito bem. Mas com respeito aos Sete em Um que relação têm, por exemplo, com as sephiroths?

Sr.^a Blavatsky: – Eles são Três e Sete. No total são Dez, porém o mais elevado considerado como o maior, contendo os Sete, é o Deus descendo à Matéria.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Que relação há entre esse que contém os Sete e os Sete que estamos falando?

Sr.^a Blavatsky: – O Espírito Planetário? Nenhuma.

O Presidente (T. B. Harbottle): – São Espíritos Planetários?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, eu não lhes chamaria assim. Nunca encontrarão um só nome que não seja angélico. Tomem a *Cábala*. Chamam-no a terceira Sephirah, dando-o como uma Inteligência; o seu nome angélico é [] e é chamado Jehovah, isto, aquilo e aqueloutro, prossequindo o livro com o assunto. Não podem saber como é chamado, porém, como se vê, todos começam num ponto e fazem uma espécie de raio quebrado surgindo do ponto. Devemos, então, dar nomes a todos eles?

O Presidente (T. B. Harbottle): – Não, mas penso que devemos entender o que são e que relação têm com os nomes que conhecemos agora. A Sephiroth possui um nome que é particularmente familiar, e se alguém possa ter a ideia de que eles estão na sétima Sephiroth, deveríamos sabê-lo.

Sr.^a Blavatsky: – Eles só são os Kosmocratores num Plano Superior, mas são a última Hierarquia, Malkuth vindo à Terra. E esta é a Hierarquia perfeita.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Então, os Deuses septenários ou prismáticos que presidem à Cadeia Planetária estarão algo mais baixo.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente que estão, saiba, porque não são os Vigilantes.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Tenho o que queria.

Sr.^a Blavatsky: – Se me perguntar o que quer, responderei. Mas, diga-me, por que é tão inquisitivo?

O Presidente (T. B. Harbottle): – Somente porque penso que quando se procura as analogias em qualquer parte e elas não parecem concordar, fica-se desconcertado. A única maneira de tentar compreendê-las é ver como se desenvolve uma analogia.

Sr.^a Blavatsky: – Quer compará-la com a *Cábala*?

O Presidente (T. B. Harbottle): – Sim, mas não em detalhe, porque não a conheço suficientemente nos seus detalhes. Gostaria de conhecer a relação da Cadeia Planetária com o Cosmos, e também a dos Espíritos que governam a Cadeia Planetária com os Espíritos do Cosmos, e assim por diante.

Sr.^a Blavatsky: – É o [] e a sua colectividade, incluindo isto as sete Sephiroths inferiores. E converte-se em outra coisa, porque se convertem no Noivo da Noiva, Malkuth.

Sr. A. Keightley: – Então passamos à *sloka* 9 seguinte: “Mas onde estava o Dangma, quando o Alaya do Universo (a Alma como base de tudo, *Ánima-Mundi*) estava em Paramartha (Ser Absoluto e Consciência que é não-Ser Absoluto e Inconsciência) e a Grande Roda era Anupadaka?”. *Alaya* significa “Aquilo que nunca se dissolve”, derivado de *a* e *laya*?

Sr.^a Blavatsky: – *Alaya* é a Consciência Vivente ou Alma Activa do Mundo. (Continua lendo as suas notas). *Alaya* significa a “Negação” ou *Layam*, tal como lhe chamam, por ser aquilo que é a perfeita não-diferenciação. É perfeitamente homogênea e é negativa, inactiva, não tendo atributos. E *Alaya* é a Alma do Mundo.

Sr. A. Keightley: – Então, praticamente esta estância significa: “Onde estava o Dangma, quando o Alaya deste Universo estava em Laya”.

Sr.^a Blavatsky: – Têm Bulaki Rama, que lhes dará a verdadeira explicação. Eu dou a perspectiva hindu simplesmente por analogia, não a professo e nem a ensino. O que eu dou é o Ocultismo e a Doutrina Oculta, e tento deixar as coisas mais claras, por exemplo, para os hindus e os que lêem livros hindus. Só as dou por analogia, mas têm aí um erudito sanscritista. Como você explicaria?

Sr. Bulaki Rama: – *Laya* é aquilo que é absolutamente nada, da raiz *li*, “desaparecer”. E *Alaya* significa “aquilo que não está vivo”.

Sr.^a Blavatsky: – Precisamente o que eu digo aqui. Um está manifestado e totalmente activo e o outro desapareceu do Reino da Manifestação entrando no não-Ser. Assim, descrevi-os correctamente.

Sr. A. Keightley: – Então é totalmente diferente do que lemos na pergunta, ou seja, de que nunca se dissolve.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente que não, porque não há diferenciação. *Alaya* significa latência. No final do Manvantara quando Pralaya começa, certamente *Alaya* se converterá em *Laya* e se tornará nada. Certamente se dissolverá. Haverá unicamente um Grande Alento. Ele é eterno através do Manvantara, porém *Laya* é o nada, é aquilo que é a negação de tudo. É igual ao Absoluto, a Parabrahman, é e não é.

Sr. B. Keightley: – *Alaya* é simplesmente dois negativos unidos para fazer um positivo. Podem entender desta maneira.

Sr. Bulaki Rama: – *Laya* significa “desaparecer para sempre” e, portanto, não é negativo.

Sr.^a Blavatsky: – Ou seja, não é nada, é como Ain-Soph. O que é Ain-Soph? É o Nada. Não é uma coisa, ou seja, não é nada, é o ponto zero.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Não é nem negativo nem positivo.

Sr.^a Blavatsky: – Daí que *Alaya* seja a Vida Una activa em Jivatman, enquanto *Laya* é a Vida latente. Uma é a Vida absoluta e Ser-idade, e a outra é a absoluta não-Vida e não Ser-idade. Vêem assim que é totalmente o oposto.

Sr. A. Keightley: – Nesse caso, a pergunta seguinte formula-se com estas palavras: “Página 50. *Alaya* é a Vida Única, a Vida Una é Jivatman. Então, *Alaya* e Jivatman são idênticos?”.

Sr.^a Blavatsky: – Eu diria que sim. Não vejo nenhuma diferença. *Ánima-Mundi* – isso é Jivatman, a Alma do Mundo, a Alma Vivente, sendo Jiva a Vida. Quanto a isto, cada Vida tem o seu Jiva, mas este é Jivatman, a Alma Universal. Pelo menos isto é o que eu penso. Talvez possam dizer-me de outra maneira, mas parece-me que Alaya e Jivatman são um só.

Sr. Bulaki Rama: – Certamente.

Sr.^a Blavatsky: – Como traduziria *Atman*?

Sr. Bulaki Rama: – Bem, significa isso que está presente.

Sr. A. Keightley: – Qual a diferença entre *Atman* e *Jiva*?

Sr.^a Blavatsky: – Jivatman é a Vida em todas as partes, ou seja, a *Anima-Mundi*, e *Atman* simplesmente é, tal como ele disse.

Sr. A. Keightley: – É o que se chama Omnipresença.

Sr. A. Keightley: – Então, Jivatman só pode estar presente durante o Manvantara.

Sr.^a Blavatsky: – Com certeza. Pelo menos os vedantinos dizem isso, e que depois de tudo converte-se em Parabrahman, estando Parabrahman muito além da nossa concepção. É algo sobre que não podemos especular, porque não tem atributos. É tudo e nada, nada nas nossas concepções ou ideias.

Sr. A. Keightley: – 2.^a Estância: “Onde estavam os Construtores, os Filhos Luminosos do Amanhecer Manvantárico? Na Obscuridade Desconhecida em seu Ah-hi (Dhyani-Budha Choânico) Parinishpanna. Os produtores da forma (*rupa*) e da não forma (*arrupa*), a raiz do Mundo, os Devamatri e Svabhavat, descansavam na bem-aventurança do não-Ser”. Pergunta 9: “Os Filhos Luminosos do Amanhecer Manvantárico”. Estes são os Espíritos Humanos Perfeitos do último Manvantara ou estão no seu caminho para a Humanidade neste ou num Manvantara subsequente?

Sr.^a Blavatsky: – Eles são os Sete Raios Primordiais dos quais emanam, por sua vez, todas as outras vidas luminosas ou não luminosas, sejam anjos ou demónios, homens ou símios. Eles são os Sete Raios donde provêm as chamadas do ser e de tudo neste mundo de ilusão. São os Sete Logoi.

Sr. A. Keightley: – Sim, exactamente. Então, a pergunta 10.

Sr.^a Blavatsky: – Outra vez o mesmo. Eu queria explicar-lhes aqui que alguns são assim e outros são outra coisa. “Alguns foram, outros serão”. (Continua lendo o seu livro de notas). Portanto, tudo está contido nos Sete Raios. Mas não podem dizer quais sejam, porque ainda não estão diferenciados e, portanto, ainda não individualizados.

O Presidente (T. B. Harbottle): – E entre esses estão os pré-humanos e os pós-humanos.

Sr.^a Blavatsky: – Exactamente. Todavia, trata-se de um estado muito longínquo, pertence aos tempos pré-cósmicos, não pertence ao estado posterior. É pré-cósmico ou de antes de haver um Universo.

Sr. A. Keightley: – O que nos confunde é falar da negação [], primeiro que tudo, e depois falar dos sentidos luminosos. Costuma-se recorrer a termos intra-cósmicos em oposição àqueles pré-cósmicos.

Sr.^a Blavatsky: – É só depois da diferenciação dos Sete Raios e depois das Sete Forças da Natureza terem sido postas a seu encargo que as trabalharam, que eles se unificam na pedra angular do Templo, enquanto a outra é a pedra rejeitada de barro ou os pedaços de barro. Depois disso, começa a transmutação e transformação com a diferenciação de tudo e a distribuição das coisas, mas tudo isso pertence ao período pré-cósmico. Portanto, é muito difícil responder. Estas respostas são para aqueles que estão familiarizados com a Filosofia Oculta, e ao responder não as dou uma atrás da outra. São fragmentos de quarenta estâncias, e há estâncias que não me permitiram dar. Que posso fazer? Faço o melhor que posso. Há coisas que eles não permitem de maneira alguma que sejam traduzidas. Oxalá pudesse. Não é culpa minha. É por isto que os nossos Mestres são chamados egoístas, por não quererem dar informações aos integrantes da Sociedade Real, que as apreciariam muito! Tudo o que recebessem iriam arrastar no lodo, rindo-se como fazem com tudo. Agora, a pergunta 10.

Sr. A. Keightley: – “Os Construtores – o nosso Sistema Planetário”. Por Sistema Planetário refere-se ao Sistema Solar ou à Cadeia a que pertence a nossa Terra?

Sr.^a Blavatsky: – Os Construtores são aqueles que constroem ou modelam as coisas (continua lendo o seu livro de notas). Por Sistema Planetário refiro-me ao Sistema Solar. Suponho que é chamado

Sistema Solar. Não me refiro [a] esses [como] Cadeia Planetária. A esta chamo-a simplesmente Cadeia. Se digo Sistema Planetário, é o Sistema Solar; se digo Cadeia Planetária, é a Cadeia de Mundos. Não sei se estou correcta ao utilizar estes termos. Este é o nosso Plano, a raiz, o mais baixo, mas os outros não o são, por não serem vistos. São Esferas, Globos, não estão no nosso Plano.

Sr. B. Keightley: – É o antigo erro sobre Marte e Mercúrio.

Sr.^a Blavatsky: – Meu querido senhor, mostrei-o em *A Doutrina Secreta*. Se Marte e Mercúrio não pertencessem à nossa Cadeia não os veríamos, não saberíamos nada acerca deles. Como poderíamos ver o que não está no nosso Plano? É totalmente impossível. Logo surge algo que pertence mais à Física e à Química, mas suponho que ainda não o aprenderam.

Sr. A. Keightley: – 2.^a Estância. Em referência ao que se diz na página 54 do oxigénio e o hidrogénio combinados para formar água, será realmente correcto dizer que o que percebemos é, na realidade, um “elemento” diferente, ainda que da mesma substância? Por exemplo, quando uma substância está no estado gasoso é o elemento do ar o que apercebemos; quando se combina para formar o líquido, o oxigénio e o hidrogénio aparecem sob a máscara do elemento água. Será correcto dizer que quando o temos em estado sólido – gelo – apercebemos então o elemento terra? Um clarividente aperceberia o oxigénio e o hidrogénio separados na água?

Sr.^a Blavatsky: – Há uma ou duas coisas que não reconheço de nenhuma maneira. Foi o Sr. Harte⁴⁸ quem mostrou o seu interesse pelo assunto. Recorde-se que ao início queriam deixar a pergunta mais clara, e eu evitei-a enquanto pude. No seguimento, consigo reconhecer o que é meu e o que não é. Eles começaram a fazer comparações, e eu não vejo a razão das mesmas. Penso que são todas correlações e não vejo como se possa dizer isto ou aquilo. Fizeram uma objecção absurda ao chamarem de elementos a terra, água, fogo e ar, por afirmarem estarem compostos de elementos. Agora começam a aperceber-se de não terem sequer se aproximado de um só elemento

⁴⁸ Richard Harte, um membro norte-americano que foi um dos muitos ajudantes em Londres da Senhora Blavatsky com *A Doutrina Secreta*. Foi trabalhar para a Sede da Sociedade Teosófica na Índia, em Outubro de 1888.

nas suas análises químicas, e que algo a que chamem elemento só pode existir na sua imaginação. Eles não podem obter um elemento que realmente seja um elemento. Façam o que fizerem, verão cada vez mais que o elemento de hoje se converte em dois elementos amanhã. Este é o mundo da diferenciação. Por conseguinte, se chamamos elemento à água temos todo o direito a chamá-la assim, porque é um elemento. É algo que tampouco se parece com nada, não é como o fogo, o ar ou a terra. Todos estes são estados do mesmo elemento, do Elemento Único da Natureza. Eles são as suas várias manifestações nos seus vários aspectos, porém, para a nossa percepção eles são elementos. Agora, brigam e perguntam-se se “devem chamá-lo elemento?”, dizendo então que o oxigénio e o hidrogénio não existem aí, por não terem correlações e converterem-se em algo mais. Mas se forem decompor a água, imediatamente esses dois elementos reaparecem. Será que pretendem criar algo do nada?

Sr. B. Keightley: – Não, eles dizem que não compreendem.

Sr.^a Blavatsky: – Isto prova que estão latentes, e é uma falácia dizer que eles não existem. Eles desaparecem do nosso plano de percepção, dos nossos sentidos e vista, porém estão ali. Não há uma só coisa que exista que possa escapar do Universo.

Sr. Kingsland: – O oxigénio e o hidrogénio são ambos estados diferenciados de algo. Quando estão combinados para formar água, perdemo-los de vista como diferenciações distintas, mas se os pudéssemos seguir por meio do nosso sentido interior ainda os veríamos?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, porque o exame o prova. Não se necessita de uma pessoa muito experimentada para examinar a água, e se essa pessoa souber algo de oxigénio e de hidrogénio, dirá imediatamente qual a predominância entre ambos. Esse é o exame que lhe dará o que é real, mas obviamente deverá ser um Ocultista. Por favor, esses estados estão ali, podem parecer iguais, porém não são. Eles tomam uma gota de água e decompõem-na encontrando isto e aquilo, porém, a análise ou os instrumentos não conseguem detectar qual dos dois é o mais intenso. A proporção será igual, mas não a intensidade ou o sabor. Isto é algo oculto, refiro-me à intensidade de uma coisa e da outra. Um Ocultista, se realmente o for, até lhes dirá o Plano donde provêm. Bem, não quero dizer mais porque iria parecer uma fábula e não compreenderiam.

Sr. Gardner: – Por exemplo, quando era pequeno a água de Snowdon⁴⁹ era muito pura.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo, a água que obtiverem no Himalaia será completamente diferente da água que recolherem nos vales e nas planícies. Fora disso, não há nada físico na sua moral subjectiva e nos seus aspectos espirituais, e assim sucessivamente.

Sr. Kingsland: – Não podemos decompor a água sem obter uma quantidade definida de oxigénio e uma quantidade definida de hidrogénio. Disse que uma pode ser mais intensa do que a outra.

Sr.^a Blavatsky: – Intensa em qualidade, não em quantidade.

Sr. Gardner: – A qualidade do oxigénio?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, senhor.

Sr. Kingsland: – Mas isso não é percebido.

Sr.^a Blavatsky: – Vocês, os homens de ciência, não percebem a presença da alma no homem, mas nós sim, e esta é a diferença. Como se pode discutir com um homem de ciência?

Sr. Kingsland: – Estamos tratando com o Plano mais físico.

Sr.^a Blavatsky: – Não importa. O Plano Físico não pode existir nem se corresponder com nada sem ter o Espiritual mesclado com ele, porque em contrário não poderiam ir à raiz das coisas. Quando os seus homens de ciência dizem-me que estão actuando no Plano Físico e afirmam que a metafísica não tem sentido, eu vejo que a sua ciência está impregnada de metafísica. Os cientistas não conseguem ir mais além da matéria, mais além das coisas que apercebem, tudo não passa de especulação.

O Presidente (T. B. Harbottle): – A razão de não podermos distinguir desta maneira com respeito à qualidade e à intensidade, é porque não temos a percepção dos três elementos superiores. Se a tivéssemos, de imediato distinguiríamos.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. O Sr. Harbottle deu no cravo. Não quero entrar nisso porque não me entenderiam.

Sr. Gardner: – A que se refere com o termo intensidade?

⁴⁹ Cordilheira montanhosa em Gales, com numerosos trilhos.

Sr.^a Blavatsky: – Refiro-me à intensidade.

Sr. B. Keightley: – Sabe-se se o experimento é intenso ou não.

Sr.^a Blavatsky: – Agora, começando pelo Plano mais baixo, tome-se uma gota de vinagre e saiba-se que esse vinagre pesa tanto. Depois tome-se o mesmo peso de outro vinagre que será muito diferente, embora o peso seja o mesmo.

Sr. Gardner: – Bem, a força.

Sr.^a Blavatsky: – Chamem-lhe força, se quiserem. Eu chamo-lhe intensidade.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Mostra-se na ausência ou na presença da essência.

Sr. Kingsland: – Isso pode ser analisado quimicamente.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Sim, porém há algo por detrás disso.

Sr. Kingsland: – Não há nada que corresponda a essa intensidade nas moléculas de oxigénio e de hidrogénio, nos casos em que podemos analisar com os nossos métodos químicos.

Sr.^a Blavatsky: – Vou dizer-lhes algo melhor, se seguem os princípios ocultos. Nós não somos cristãos, não acreditamos na doutrina da transubstanciação tal como se ensina na Igreja, somos ocultistas. Contudo, digo-lhes que existe a transubstanciação no Plano Oculto, e isto significa que se os sacerdotes, os sacerdotes católicos romanos, não fossem tão tontos poderiam dar uma resposta muito boa. Eles diriam: “Nós tomamos o pão e o vinho e dizemos que se transforma, por uma espécie de milagre ou por um mistério, na carne e no sangue de Cristo”. Então, muito bem, já que tomam a Cristo como se fosse o Absoluto (que não sei como eles o arranjarão) estão totalmente certos. Nesse pão e vinho há tanto do Absoluto que, digo-lhes, em cada gota que bebermos e cada pedaço que comermos há tanto de Parabrahman como há em tudo, porque tudo vem do Absoluto e é impossível que não esteja ali. A transubstanciação é aquilo que separa por um momento – seja no plano da ilusão ou no plano dos sentidos – uma qualidade da outra, e faz com que apareça como se fosse outra. O pão e o vinho transformam-se e convertem-se em carne e sangue. A uma pessoa hipnotizada podem dar um sebo de vela como iguaria, e

ela exclamará: “que chocolate tão delicioso”. A pessoa hipnotizada não acredita senão nisso. Se não estivesse hipnotizada, asfixiaria. Então, prosseguindo no plano das realidades, realmente quando dizem que Cristo é Uno com o Absoluto são lógicos em manter a doutrina da transubstanciação, porque o pão e o vinho convertem-se na Sua carne, porque é carne e sangue, se O quiserem antropomorfizar. Certamente um vedantino não diria bem assim, por agir sempre dentro da lógica, e isto é tudo. Disse-lhes agora algo de que não queria falar, porque poderei ferir os sentimentos dos católicos romanos que possam haver entre vós. Não quero ofender os sentimentos de ninguém.

Sr. A. Keightley: – É possível responder a esta pergunta? Será uma completa asneira dizer que quando alguém fala de um gás, percebendo os diferentes elementos nesse gás, como distinto da sua condição líquida?

Sr.^a Blavatsky: – Está na condição líquida e ainda assim detectam o gás, mas detectam clarivamente.

Sr. A. Keightley: – Por exemplo, o oxigénio ordinariamente está em gás, e através de vários processos é reduzido a líquido e solidificado. A pergunta é realmente esta: quando está na condição gasosa o elemento ar existe no oxigénio? Pode assim o elemento oculto do ar ser apercebido, tal como o elemento oculto da água se apercebe no estado líquido e o elemento oculto da terra apercebe-se no sólido.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Primeiro que tudo têm o Fogo, não o fogo que arde ali mas o verdadeiro Fogo de que falam os Rosacruz, o Fogo Único, o Fogo da Vida. No Plano da Diferenciação converte-se em fogo sob qualquer aspecto, fogo por fricção ou o que seja é sempre fogo. Pois bem, após isso produz o calor no líquido ao perpassar o elemento água, e é assim que o líquido se converte em gás. Você deve saber mais do que eu sobre os assuntos físicos. Depois do gás, os dois gases fundem-se e produzem água. Tomem simplesmente uma gota de água e sigam-na. Quando se solidifica converte-se em gelo. Quando gelo é derretido converte-se em água, esta água converte-se em vapor, éter, o que quiserem, e logo desaparece completamente na Chama Universal da qual, obviamente, vocês os físicos não falam. À Chama Universal vocês chamam éter, mas mantenha assim como está. É o elemento que lhes aparece aqui, e dizer que este gás ou estes dois gases não estão aqui, eu diria que é uma falácia. O que

unicamente se pode dizer é que o gás passou do plano do objectivo ao plano do subjectivo.

Sr. Kingsland: – Parece-me que só é possível ver um só elemento de cada vez com os sentidos físicos, e portanto estamos certos ao dizer de algo que esteja no estado líquido percebermos ser o elemento água.

Sr.^a Blavatsky: – Perfeitamente. Nisso está perfeitamente correcto e um ocultista lhe responderia assim. Diria o que eu disse, que desapaareceu do plano do objectivo e apareceu no plano do subjectivo.

Sr. A. Keightley: – Então, todas as substâncias no Plano Físico são realmente outras tantas correlações ou combinações desses elementos e finalmente do Elemento Uno.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente, se finalmente perceberem isto de que já vos falei tantas vezes: que o primeiro de tudo a compreender é a existência do Uno e só o Uno, ou seja, do Absoluto. Devem começar do universal para o individual. Não devem proceder com o vosso sistema aristotélico, pois nunca chegarão a nada. Chegarão só a um desastre e a uma confusão, estarão sempre batendo com a cabeça contra a parede, e com isso as vossas cabeças sofrerão.

Sr. Kingsland: – Como podemos fazer isso antes de sermos Iniciados?

Sr.^a Blavatsky: – Perdão, não é necessário serem Iniciados. Há algo mais além da matéria, porém os homens de ciência riem-se da metafísica dizendo que “a metafísica é uma idiotice”, embora seja sempre metafísica o que os ocupa. Isso é o que eles fazem.

Sr. Kingsland: – Você podia começar por essa hipótese.

Sr.^a Blavatsky: – Se permitem que a metafísica entre nas suas hipóteses e no entanto não acreditam nela, de que serve essa hipótese? Tomem, por exemplo, o éter, agora no Dicionário Webster. Como o classificam? “Um agente problemático ou hipotético, etc., etc., no qual ainda não se acredita”. Tomam-no só como uma necessidade e com isso constroem toda a teoria axiomática sobre o éter, de acordo com as suas teorias axiomáticas acerca da luz e suas vibrações. Que direito têm para fazer isso? Se se baseiam num fantasma da sua imaginação, a de uma consciência física como esta, então chamo-a de fraude e farsa.

Sr. Kingsland: – Como se pode, obtendo algo que é hiper-hipotético, por assim dizer, chegar a saber mais trabalhando naquilo que não se conhece?

Sr.^a Blavatsky: – Você não trabalha nas suas próprias invenções, trabalha na Sabedoria das Idades. E se, durante esses mais ou menos 100.000 anos, todos os homens com os melhores intelectos disseram o mesmo e descobriram isto, igualmente repetindo-o os Adeptos e os seus homens sábios, então deve haver mais verdade nisto do que nas especulações de uns poucos.

Sr. B. Keightley: – Penso que essa posição se resume assim: a Ciência Física é...

Sr.^a Blavatsky: – Nada mais do que uma ideia.

Sr. B. Keightley: – Todas as bases do Ocultismo baseiam-se em que dentro de cada homem está latente um poder que lhe pode dar o verdadeiro Conhecimento, um poder de percepção da Verdade que o capacita para tratar em primeira mão com as coisas universais, se quiser ser estritamente lógico encarando os factos sem jogar com as palavras. E assim pode realmente passar das coisas universais às particulares pelos efeitos do poder espiritual interior que está em cada homem, certamente já não como uma hipótese. Só é uma hipótese no tocante aos nossos sentidos físicos.

Sr. Kingsland: – Mas como pode chegar a isso sem ser através da Iniciação?

O Presidente (T. B. Harbottle): – Um homem tem consciência ou não tem.

Sr.^a Blavatsky: – Tem-na inerente nele, sendo simplesmente o método de educação junto com essas ideias que puseram nas suas cabeças: “Nós não procederemos dessa forma, tomando os métodos aristotélico e baconiano, e nunca houve um homem na Antiguidade que fosse capaz ou merecedor de desatar os cordões dos nossos sapatos”. Por conseguinte, vêem que eles se limitam a hipóteses após hipóteses. Não há uma só coisa que a Ciência diga que não seja puramente hipotética. Desde o seu Sir William Thomson⁵⁰ que disse de

⁵⁰ Sir William Thomson, físico escocês (1824-1907), elevado ao grau de Lord em 1892 como Lord Kelvin. Há uma extensa nota no fim de página acerca dele, em *A Doutrina Secreta* 2, 10.

algo: “Cheguei à conclusão de que não tem mais de 50.000.000 de anos”, e logo depois disse: “Sou da opinião que existe desde há cerca de 80.000.000 anos”. Há uma grande diferença entre 80 e 50.000.000. Vem Huxley e diz que algo tem 1.000 anos; virá outro e dirá a mesma coisa, enquanto outro diz: “Não estou disposto a admitir tal coisa”. Eis por que, meu querido senhor, Platão é um rival para qualquer dos seus grandes filósofos de agora. Penso que um sábio como Platão – não falo de Sócrates – poderia ganhar a todos os Schopenhauers, Herbert Spencers, Hartmanns⁵¹ e demais *tutti quanti* dos quais o século dezanove está tão orgulhoso. E se ele provasse que não podem obter o Conhecimento a não ser começando pelas coisas universais, daí descendo para as particulares encontrando as análogas no Plano Terrestre, considero que estaria mais acertado do que você. Já teríamos inteligência, teríamos conhecimento, um conhecimento extraordinário faz tempo. Mas que temos agora?

Sr. Kingsland: – Foi só nos últimos anos que tivemos o privilégio de aprender isto.

Sr.^a Blavatsky: – Vocês tiveram o privilégio faz quase 1.900 anos. Sabiam tudo. Foi só no século V que passaram a destruir todo e qualquer templo. Perseguiram os ocultistas e agiram de tal maneira que os que sabiam afastaram-se, esconderam-se e nunca mais se aproximaram das mentes civilizadas. Tudo foi destruído. Os seus pobres cientistas não são mais do que filhos da reacção, e os que têm olhos não vêem, não permitem que ninguém na Antiguidade seja melhor do que eles. Ide ler os seus melhores homens de Oxford e Cambridge. Quando falam de Platão, dizem: “Oh, ele não sabia nada acerca da circulação do sangue. Já Pitágoras, bem, ele sabia um pouco de matemática, mas nós somos os reis sábios e os deuses do século dezanove”. E a sua civilização chegou a algo muito belo – a moralidade mais elevada, para começar.

Sr. B. Keightley: – Todo o ponto baseia-se nisso, de acordo com a forma como postulam as suas hipóteses. Suponhamos, espero que não, que estão montando uma hipótese. Estou inteiramente seguro de que o fazem não pelo uso dos sentidos físicos mas por uma estrita lógica e raciocínio, podendo formar uma base de pensamento. Se

⁵¹ Uma referência ao filósofo alemão Eduard von Hartmann (1842-1906).

olharem para Schopenhauer e lerem cuidadosamente os seus escritos, como os de Hartmann e outros, verificarão que, passo a passo, eles chegaram à mesma base de pensamento que foi adoptada na Índia, particularmente no sistema vedantino.

Sr. Kingsland: – Pelo método indutivo.

Sr. B. Keightley: – Não, embora eles pretendam fazê-lo por meio do método indutivo. Eles começam pela intuição. Schopenhauer teve a ideia que lhe chegou como um raio. Quando começou a trabalhar, possuía a hipótese e começou pelas bases dos factos gerais. Juntou esses factos e assim – leiam o seu livro – alcançou a ideia que lhe chegou como um raio. Mas não a obteve pelo método indutivo, ele próprio o diz.

Sr.^a Blavatsky: – Todo o feito que conseguem é por intuição, conseguem-no num *flash*.

Sr. B. Keightley: – Qualquer cientista do século dezanove, desde que a Ciência de tornou algo assim como Ciência, tem dito o mesmo, de ter feito as suas grandes descobertas não pelo sistema de classificar factos através do método baconiano mas sim de reter os factos na sua mente.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Especialmente Darwin disse isso. Ele descreve o momento em que a ideia lhe ocorreu, quando estava comparando algo da flora e da fauna físicas.

Sr. Kingsland: – Mas estiveram trabalhando durante anos, e se aparentemente a ideia lhes chegou em forma de intuição...

O Presidente (T. B. Harbottle): – Porém podem ter estado trabalhando, de diversas maneiras, quase inconscientemente. Se lerem o que Darwin disse chegarão à mesma conclusão que eu, de que a coisa lhe chegou quase como uma ideia completa.

Sr.^a Blavatsky: – Chega a todos eles da mesma forma: intuitivamente.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Não posso citá-lo agora, oxalá pudesse, mas vou procurar.

Sr.^a Blavatsky: – Em algum lado há um livro dizendo que todas as grandes descobertas feitas no mundo surgem precisamente como relâmpagos, todas, inclusive a lei da gravidade. Como Newton a des-

cobriu? Através da maçã.

Sr. Kingsland: – Se não se sabe nada dos princípios universais, como proceder para chegar aos particulares? Que conhecimento dos princípios universais tem este século? Não tem nenhum conhecimento da Lei de Deus, que é o ideal mais elevado do Universo.

Sr.^a Blavatsky: – Um muito elevado, sim.

Sr. B. Keightley: – Mas não têm seguido o cânone que lhes foi dado, de que as suas ideias deviam ser tratadas por uma lógica estrita.

Sr. Kingsland: – Desculpe, Herbert Spencer não faz isso.

Sr.^a Blavatsky: – Herbert Spencer chama de “Primeira Causa” ao Absoluto, apresentando-o nos seus *Primeiros Princípios*⁵². Ele chama ao Absoluto a “Primeira Causa” em três linhas. Bem, a Primeira Causa não pode ser o Absoluto, porque a Primeira Causa é o Primeiro Efeito.

Sr. Kingsland: – Isso só me demonstra que mesmo um homem dotado de intelecto elevado não tem conhecimento dos princípios universais.

Sr.^a Blavatsky: – Porque ele foi levado a estudar pelo vosso método.

Sr. Kingsland: – Como pode esse pobre homem evitar isso?

Sr.^a Blavatsky: – Tomem a Salomão Ben Judah⁵³, o grande filósofo judeu, um dos maiores homens do seu tempo, cujas obras foram recusadas pela Academia Francesa (não sei como chamam à Universidade Francesa). Eles chamaram-no herético acusando-o de aristotélico, já que Aristóteles não era então muito bem visto. Este aristotélico tem mais espiritualidade que qualquer outro grande homem de ciência que eu tenha visto. Ele explica a *Cábala* da mesma forma que a *Doutrina Secreta* explicaria. Explica-a de uma maneira muito espiritual, e no entanto é chamado aristotélico. Por que? Porque tinha intuição. É um

⁵² *First Principles* (1882) foi o primeiro volume do que chegou a ser uma obra de nove tomos sob o título *A System of Philosophy*, abrangendo a biologia, a sociologia, a ética e a política.

⁵³ Filósofo e poeta judeu andaluz do século XI d. C., também conhecido como Salomão Ibne Gabirol ou Avicebrão. Os seus trabalhos foram proibidos pela Universidade de Paris. É mencionado na página 9 do livro *Qabbalah*, de Isaac Myer, 1888.

dos maiores poetas.

Sr. Kingsland: – Mas você não está refutando a minha objecção. Pode haver aqui ou ali um homem que tenha essa intuição, porém, os simples mortais que tratam da nossa economia política, dos métodos para melhorar as nossas vidas e tudo o resto, como podem obter o conhecimento desses princípios particulares quando não têm praticamente nenhuma ideia dos universais?

O Presidente (T. B. Harbottle): – Parece-me que a verdadeira objecção às linhas adoptadas pela Ciência moderna encontra-se no facto de quando são feitas as chamadas descobertas, pulam-nas de imediato. Eles caminham para diante e argumentam para trás, e muito frequentemente estão completamente equivocados. O que quero dizer é isto: a maioria dos detalhes dos seus trabalhos chega-lhes depois de ter-lhes ocorrido a ideia do esquema principal, e então fazem com que os detalhes se acomodem a ele. Em vez de fazerem a prova lógica começando pelos princípios universais vendo se são aplicáveis aos particulares, eles trabalham para trás e fazem com que os particulares coincidam com o falso conceito, não permitindo que nada comece um pouco mais acima e argumentam contra isso em conformidade aos particulares. Na realidade, é por isto que o Ocultismo e a Ciência estão em desacordo.

Sr.^a Blavatsky: – O que dizem é isto: “Oh! Olhem a Ciência, tudo o que ela diz é totalmente correcto. Tudo é analisado por ela e os casos mostrados têm sido sucessivamente ajustados uns aos outros”. Eu digo que são silogismos. Começaram inventando uma proposição e chegaram à conclusão que estará ajustada, porém não está. Que a primeira proposição é a correcta. Mas isso pode ser qualquer coisa, pois pode dizer-se: “Um cavalo tem a cabeça de uma serpente, portanto, todos os cavalos têm cabeça de serpente”, e esta será uma proposição científica que eu mesma expus, a qual é totalmente incorrecta.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Vejam, a maioria deles começa pelo universal, mas o que decorre são só negações.

Dr. Williams: – Creio que o ponto do Dr. Kingsland é este: mesmo que um princípio seja totalmente verdadeiro, antes da mente se abrir aos universais deve reter-se aos factos como base, pois de outra forma não podem existir.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, a mente é um microcosmos. Suponho que

deve haver algum meio de chegar ao macrocosmos.

Dr. Williams: – Parece-me que os dois vão sempre de mãos dadas.

Sr.^a Blavatsky: – Toco isto. Por que o toco? Porque tenho uma mão. O que faz com que a mão se mova? O poder, o que quiserem. Onde vem? Vem e prossegue, e se vocês o seguirem deste particular aos seus próprios princípios universais, então após algum tempo serão capazes de começar a tomar primeiro os universais, e depois, tendo chegado a algo, dar a mão à cabeça de tudo.

Dr. Williams: – Isso é o que eu digo: primeiro devem rastrear a sua mão e daí poderem predizer muitas coisas, devendo sempre primeiro reter-se aos factos. Se começam com uma criança, não começarão ensinando-lhe alguns factos universais, porque não o conseguirão fazer.

Sr. Kingsland: – Vejam, H.P.B. culpa os cientistas de hoje. Eu dei o exemplo de Herbert Spencer como um homem que chegou tão perto do Absoluto como qualquer dos nossos homens modernos, e ela tem-lhe aversão. Se um homem como ele está tão equivocado, que podemos dizer de todos nós?

Sr.^a Blavatsky: – Posso dizer-lhe algo e dar-lhe um bom conselho? Tentem ser um pouco menos orgulhosos, vocês homens de ciência. Essa é a forma de começar. Tentem não pensar que vocês são as únicas inteligências que existem neste Universo, que todos os outros são idiotas e que os antigos não sabiam nada, não repudiem o que eles disseram depois de os terem consultado, porque estudaram os clássicos muito bem. Quantas ideias rastreei dos seus cientistas modernos que nunca reconheceram a sua verdadeira fonte e que materialmente foram roubadas da Ciência Antiga? Posso assegurar que poderia escrever numa das suas grandes revistas, se tão-só elas aceitassem um dos meus artigos, e poderia envergonhá-los. Segui cinco ou seis invenções modernas que pude confirmar facilmente provirem dos antigos homens de ciência que existiram há milhares de anos.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Há muito disso em Lucrécio⁵⁴.

⁵⁴ Provavelmente Tito Lucrécio, o poeta romano do I Século d.C., conhecido pelo seu *De Rerum Natura* (Sobre a Natureza das Coisas).

Lucrécio está cheio de ciência moderna.

Sr. B. Keightley: – Penso que a resposta prática à sua pergunta é esta: não negar com tanta certeza como o fazem os homens modernos.

Sr. Kingsland: – Eu não digo que não possam encontrar os princípios universais se tentarem procurá-los.

Sr.^a Blavatsky: – Deixemos que sejam agnósticos, mas que não sejam intolerantes.

Sr. B. Keightley: – Tomem um homem como Huxley. A primeira coisa que ele dirá é: “eu sei que não é assim”. Se, por exemplo, lhe disserem que algo ou qualquer coisa material que vemos possui um lado psíquico, ou por outra, que tudo existe noutro plano de consciência, ele responderá quase antes das palavras saírem da sua boca: “eu sei que não é assim”.

Sr.^a Blavatsky: – Há um homem de ciência – e é um grande homem de ciência na América – que me atacou na revista *American*⁵⁵. Ele diz que tudo é caos, e continua obrigando-se a dizer: “Sim, é verdade, mas por que ela mostra tal animosidade contra os homens de ciência se os cita?” Mas eu cito-os só para lhes partir a cabeça com as armas dos homens de ciência da Antiguidade. Ele enviou-nos as coisas mais estúpidas. Enviou a sua revista onde fala sobre isto. Alguns homens de ciência que escrevem na revista queriam que eu fosse posta em evidência, mas eles só mostraram a sua própria ignorância.

Sr. A. Keightley: – Será que a diferença entre os homens de ciência que falam dos princípios particulares e você que fala dos universais, consiste nisto: que o homem de ciência, como regra geral, depende exclusivamente da sua razão e da sua observação para lidar com os factos unicamente pela sua consciência física? A prática de trabalhar a partir dos universais depende da intuição, procedente de um plano superior de consciência, mas como o homem de ciência não admite nada excepto o que toca aos seus sentidos físicos, ele insistirá em negar tudo o resto.

⁵⁵ *Scientific American?*

Sr.^a Blavatsky: – Ele age a partir da plataforma do agnosticismo onde tem o direito de estar, mas não tem o direito de vir dogmatizar segundo a noção do seu próprio plano de matéria. Se ele diz: “Não é competência da ciência física ir além da matéria física, a qual ser ou não ser física, porque segundo todas as aparências assim é”, nós deveríamos responder: “Muito bem, curvamo-nos perante você que é um grande homem, pois até encontra toda a faculdade na pata traseira de um sapo e toda a espécie de coisas”. Porém, por que dizem “não há nada mais além”, e quem aparecer e diga que mais além disso há o conhecimento, será o que irão agredir? Eu tinha um grande respeito pela Ciência quando era jovem, quando tinha vinte ou trinta anos, os homens de ciência eram os meus deuses.

Dr. Williams: – Não penso que os grandes representantes dos homens de ciência sigam esse caminho. Eles fizeram-no no passado, e há alguns que ocupam uma esfera inferior nos nossos dias. Spencer, por exemplo, cada vez que é posto cara a cara com algo que pode ser ou não verdadeiro, simplesmente diz: “talvez”.

Sr.^a Blavatsky: – Porém, você está tomando o melhor deles. Certamente ele é um dos maiores intelectuais, e sem me referir ao facto de dizer alguns disparates não deixa de ser um grande homem de ciência, porque o é. Mas quando você diz que Huxley ou Tyndall⁵⁶ fazem isso, ou quando fala sobre alguns membros da Sociedade Real, eu digo que não, porque vi e ouvi muitos deles, e com as excepções de Crookes e de Wallace⁵⁷ nunca encontrei um só que não chamasse o outro de louco. Supõem que os outros não chamam louco a Crookes? Eles dizem: “Num aspecto ele enlouqueceu”, dizendo o mesmo de Wallace. Têm direito de dizer isso de um homem de ciência, que está louco porque acredita em coisas além da matéria?

Dr. Williams: – Não sei o que dizem os homens de pequeneza, porque nunca me preocupo em ler o que escrevem.

Sr.^a Blavatsky: – Vejam Huxley, vejam o tom de lamento que

⁵⁶ John Tyndall (1820-1893), físico irlandês e popular escritor e conferencista sobre ciência.

⁵⁷ Alfred Russel Wallace (1823-1913), naturalista inglês que, tal como William Crookes, propôs a investigação científica do espiritualismo.

adopta. Não disseram que Zöllner⁵⁸ morreu louco? Vejam os cientistas franceses, todos eles dizem que foi assim. Todos os alemães dizem o mesmo: “amolecimento cerebral”. “Morreu em consequência do facto de acreditar na forma fenomenal”.

Sr. Kingsland: – Mas isso é como culpar um menino de escola por não aplicar o cálculo.

O Presidente (T. B. Harbottle): – Isso é equivalente a dizer que os cientistas são deficientes de princípios.

Sr. B. Keightley: – Eles são-nos porque o quiseram ser, tal como deliberadamente quiseram ser dogmáticos.

Sr. Kingsland: – Os melhores não se preocupam com as negativas dogmáticas.

Sr.^a Blavatsky: – Não sei. Vejam Huxley e esses homens. Agem muito com as negações dogmáticas. Eu não chamo a Tyndall um grande homem de ciência. Ele é um divulgador e um compilador. Chamo a Huxley um grande homem de ciência, e não há homem mais amargo que Huxley, nem um só.

(Esta observação encerrou a reunião)

⁵⁸ Johann Zöllner (1834-1882), cientista alemão que se interessou em validar o fenómeno dos médiuns e cuja carreira sofreu da mesma maneira.

V

A Sociedade Teosófica. Encontro na Loja Blavatsky. Em 7 de Fevereiro, 1889.

Sr. A. Keightley: – Sloka 3, Estância 2. "Ainda não havia soado a hora. O Raio ainda não havia brilhado na Origem. A Matri-Padma ainda não havia se dilatado". "Quando é emitido o Raio da "Obscuridade Eterna", o Raio da Vida refulgente ou Luz brilha na Origem – é o ponto no Ovo Mundanal representado pela Matéria no seu sentido abstracto". [Pergunta] 1: o ponto no Ovo Mundanal é o mesmo que o ponto no círculo, o Logos Imanifestado?

Sr.^a Blavatsky: – Nunca, só o ponto no círculo é o que chamamos o Logos Imanifestado. O Logos Manifestado é o triângulo, já o disse muitas vezes. Não fala Pitágoras da nunca manifestada Mónada que vive em solidão e obscuridade, mas que quando a hora soa irradia o número 1? Este número 1, descendendo, origina o número 2, o número 3 e 3 forma um triângulo, a primeira figura geométrica completa no Mundo da Forma. O triângulo é o ponto no Ovo Mundanal, o qual começa a gestar desde o Ovo indo formar um triângulo e não um ponto no círculo, porque o ponto no círculo é o Logos Imanifestado.

Sr. A. Keightley: – Isto é o que eu pensei.

Sr.^a Blavatsky: – É Brahma – Vach – Viraj na Filosofia Hindu, e é Kether – Chokmah – Binah na Árvore Sefirotal. O Logos é o potencial, a Causa não revelada; o outro é o acto, ou por outras palavras, a Mónada evoluindo de seu Ser invisível, o efeito activo que no seu momento se converte numa causa num Plano inferior. Agora discutamos o assunto. Quem tem alguma objecção? Juntem a vossa combatividade e avancem, cavalheiros. Ninguém tem alguma objecção? Pergunte, Sr. Presidente.

O Presidente: – Bom, num sentido a segunda pergunta tem a ver com isto, porque ilustra ou pelo menos põe fim à questão a respeito do exacto Plano de Diferenciação de que trata toda a sloka, tal como eu penso. Façam a segunda pergunta.

Sr. A. Keightley: – [Pergunta] 2. O que significa a “Obscuridade Eterna”, em que sentido é aplicada aqui?

Sr.^a Blavatsky: – A Obscuridade Eterna significa o sempre desconhecido mistério, incluindo o que está por detrás do Véu do Logos.

Sr. A. Keightley: – Parabrahman, de facto.

Sr.^a Blavatsky: – Parabrahman, e mesmo o Logos só pode ver Mulaprakriti. Não pode ver o que está além do Véu, este que é a “Obscuridade Sempre Desconhecida”.

Sr. A. Keightley: – Então, qual é o Raio nesta conexão?

Sr.^a Blavatsky: – O plano do círculo cuja face está vazia e cujo ponto no círculo é branco, mas branco figurativamente porque na realidade não tem cor, é esta a primeira concepção possível pelas nossas mentes do Logos invisível. O Raio da Obscuridade Eterna brilha periodicamente desde o seu ponto central através do Gérmen. O Raio retira-se de regresso ao ponto central e o Gérmen cresce para o Segundo Logos, o triângulo dentro do Ovo Mundanal. Se ainda não entendem, façam-me alguma pergunta e simplesmente tentarei responder.

O Presidente: – Essa é a dificuldade que tivemos quando lemos esta sloka no outro dia, considerando a dúvida que tínhamos se realmente se refere à mesma época da Manifestação descrita na parte anterior, como na primeira estância, por exemplo.

Sr.^a Blavatsky: – Nisso está a beleza destas estâncias. E se as comentei depois, foi com perguntas.

O Presidente: – Eu diria que muitas dessas perguntas têm a intenção de trazer à luz este ponto, ou seja, onde estamos.

Sr. B. Keightley: – Porque o Ovo Mundanal realmente parece ser a terceira fase. Em todo o caso, no mínimo a terceira.

Sr.^a Blavatsky: – A primeira fase é quando o ponto aparece dentro do círculo obscuro, dentro da obscuridade desconhecida.

O Presidente: – Posso interrompê-la por um momento? Esse ponto é o Logos Imanifestado?

Sr.^a Blavatsky: – Sim. A segunda fase é quando, desde esse ponto branco, procede o Raio que é lançado e produz o primeiro ponto que no *Zohar* é chamado Kether ou [Primeira] Sephira, que logo origina Chokmah e Binah, o primeiro triângulo que é o Logos Manifestado.

Sem dúvida que a partir do Logos Manifestado derivarão os Sete Raios que no *Zohar* são chamados os Sephiroths, mas que no nosso sistema são antes chamados de Sete Primordiais, a partir dos quais procederão inumeráveis séries de Hierarquias. Eles simplificam o facto e simplesmente tomam os quatro Planos de Mundos e assim por diante. Isto é tudo, mas isto não explica nada.

Sr. Kingsland: – Você quer que o triângulo que refere é como o Gérmen no Ovo Mundanal?

Sr.^a Blavatsky: – Sim.

Sr. B. Keightley: – O Ovo Mundanal é utilizado num sentido muito mais amplo que o terrestre, como sendo o Ovo Universal, por assim dizer.

Sr.^a Blavatsky: – Há o Ovo Universal e o Ovo Solar. Se se referem a isto, devem-no qualificar e dizer o que é.

Sr. B. Keightley: – Forma abstracta do mesmo, seja qual for a escala que tomem.

O Presidente: – Sendo realmente o Eterno Feminino, de facto.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não. Não há um Princípio Feminino Eterno e não há um Princípio masculino Eterno. O que há é a potencialidade de ambos num só Princípio, que nem sequer pode ser chamado Espírito.

O Presidente: – Então, posto assim a forma abstracta é a primeira manifestação do Princípio Feminino.

Sr.^a Blavatsky: – A primeira manifestação não do Princípio Feminino mas sim do Raio que procede do ponto central, que é totalmente assexuado. Este Raio produz primeiro a potencialidade unida de ambos os sexos, mas que ainda não é masculina nem feminina. Essa diferenciação virá depois quando cair na matéria, quando o triângulo se converter num quadrado, na primeira *tetraktys*.

O Presidente: – Então, o Ovo Mundanal é assexuado como o Raio?

Sr.^a Blavatsky: – É Matéria Primordial indiferenciada.

O Presidente: – Está-se habituado a associar a Matéria com qualquer coisa que esteja ligada ao nome feminino.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente a Matéria é feminina, por ser receptiva do Raio do Sol que a fecunda, indo originar tudo que se apresenta na sua superfície, mas isto é algo diferente. Isto está no Plano inferior.

O Presidente: – Isto é mais substância do que matéria.

Sr. B. Keightley: – E a substância não tem sexo.

Sr.^a Blavatsky: – Sabem o que é a Matéria? O sinónimo de *Matéria* é *Mãe*, e *Mãe* provém de *Matéria*, são intercambiáveis.

Sr. A. Keightley: – Então, o que quero entender é isto: tem-se o Raio que finalmente dá começo ao Logos Manifestado, ou o Gérmem dentro do Ovo Mundanal; então, em qualquer caso e exceptuando a potencialidade, o Ovo Mundanal existe antes desse primeiro triângulo, se assim quiserem chamá-lo, ter começado com esse Raio?

Sr.^a Blavatsky: – O que é o Ovo, o Ovo Mundanal ou o Ovo Universal, chamem-no como quiserem, seja sob o princípio da Universalidade ou sob o princípio do Sistema Solar? O Ovo significa o Sempre Eterno existente, a Matéria Indiferenciada que não é matéria propriamente dita, apesar de, como temos dito, estar nos átomos. Os átomos são indestrutíveis e a matéria é destrutível na *forma*, mas os átomos são totalmente indestrutíveis.

Sr. Gardner: – Quer dizer que os átomos ainda não estão cristalizados?

Sr.^a Blavatsky: – Eu não falo dos átomos químicos. Eu falo dos átomos do Ocultismo, que certamente nenhum químico nunca viu. São pontos matemáticos. Se lerem acerca das *Mónadas* de Leibniz⁵⁹, verão o que são esses átomos.

Sr. A. Keightley: – Então, alguém poderá dizer que o Gérmem é o ponto activo dentro da condição alayca da Substância?

Sr.^a Blavatsky: – O Gérmem é uma forma simples e figurativa de falar. O Gérmem está em todos os lados. É igual a quando alguém fala do círculo cujo centro e circunferência estão em todas as partes e em nenhuma, porque dada a proposição de que o círculo é infinito, segu-

⁵⁹ Gottfried Leibniz (1646-1716), filósofo e matemático alemão. A sua obra de 1714, *Monadologie*, delineou a sua tese da Mónada como a Unidade última que é um agente livre e independente.

ramente será infinito não se podendo colocar a circunferência em qualquer lado ou pôr um centro naquilo que é ilimitado. É simplesmente uma forma de falar, só para trazer à mente algo que fica mais claro do que o imaginando. O mesmo para com o Gérmen. Chamam-no Gérmen e Gérmen são todos os Gérmenes, ou seja, toda a Natureza. É todo o Poder Criador do que eles chamam Brahma ou qualquer outro nome que quiserem, porque cada Plano tem o seu nome.

Sr. A. Keightley: – Com isso, praticamente respondeu à terceira pergunta. – Que fase da Manifestação é simbolizada pelo Ovo Mundanal?

Sr.^a Blavatsky: – Eu digo que o Ovo Mundanal está no Plano da Diferenciação, a primeira fase, se quiserem, porém desde o Plano da não-Diferenciação que é a terceira, como acabo de dizer. O Ovo representa apenas a Matéria Cósmica diferenciada onde o Gérmen Vital criativo recebe o seu primeiro impulso espiritual e a potencialidade se converte em potência. Creio que fica respondida.

O Presidente: – Sim.

Sr. B. Keightley: – É uma frase muito boa, “a potencialidade se converte em potência”, pois expressa justamente a diferença entre a primeira e a segunda estâncias.

Sr.^a Blavatsky: – Vejam, esta é a minha dificuldade, porque eu não falo o inglês suficientemente bem para poder explicar isto a vocês.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 4. O que é a Matri-Padma de que se fala aqui? É o Ovo eterno ou o periódico?

Sr.^a Blavatsky: – O eterno, claro. Só se tornará periódico quando o Raio do Logos número um houver brilhado desde o Gérmen latente na Matri-Padma que, entendam, é o Ovo, a Matriz do Universo, como lhe chamam. Vocês não chamariam eterno ao gérmen físico na fêmea, mas antes ao espírito latente do gérmen oculto na célula masculina na Natureza. É o mesmo em todas as criações de plantas ou animais. Tomem-no como uma analogia ou pelo método de correspondências, que é exactamente igual.

Sr. B. Keightley: – Sloka 4. “Porém, quando a hora soa e se torna receptiva à impressão fohática do Pensamento Divino (o Logos ou o Aspecto Masculino da *Anima Mundi*, Alaya), o seu coração se abre”.

Pergunta 5: “a impressão fohática do Pensamento Divino” aplica-se a uma fase posterior de diferenciação, estritamente falando?

Sr.^a Blavatsky: – Agora olhem aqui, isto implica uma resposta muito difícil. Desejo que prestem toda a vossa atenção para entenderdes de uma vez por todas, porque se entenderdes claramente evitar-se-á fazer muitas, muitas perguntas que são completamente inúteis, e também entenderéis melhor. Vejam, tentei explicar o melhor que pude, e agora tentem corrigir-me, por favor, se não me explico claramente. Pois bem, ela pretende dizer que Fohat é uma manifestação posterior. Eu respondo que Fohat é uma Força ou Entidade completamente aberta, um desenvolvimento posterior. *Fohático* como adjectivo pode ser usado em qualquer sentido; *Fohat* como nome surge de um atributo fohático. Entendem isto agora? A electricidade não pode ser desenvolvida ou gerada de algo onde não haja poder eléctrico. Mas antes da electricidade, ou do desenvolvimento de certo tipo de electricidade, pode falar-se do impulso eléctrico e de impressões eléctricas, certo? Eu digo *Fohat* porque *Fohático* tem um significado especial no ensinamento esotérico, e dei-vos primeiro o seu significado que veio a seguir, como sabem. O Princípio Divino é eterno e os Deuses são periódicos.

Sr. B. Keightley: – Em outras palavras, para traduzir noutros termos, o Princípio Fohático é eterno mas Fohat é uma Entidade ou um Deus.

Sr.^a Blavatsky: – Ou, como uma síntese desta Força no nosso Plano de Diferenciação, é periódico e limitado, vindo depois.

O Presidente: – O Princípio Fohático produz Fohat invés de surgir dele.

Sr.^a Blavatsky: – É a Shakti ou a Força do Divino. Fohat e Brahma são uma só coisa. São os vários aspectos da Mente Divina.

Sr. B. Keightley: – Não escreveu mais nada acerca disto?

Sr.^a Blavatsky: – Aqui não, mas é muito fácil escrever algo a respeito. Venha a próxima pergunta.

Sr. A. Keightley: – No comentário sobre a Estância 2, não é seu propósito dar alguma ideia do tema falando das correspondências de uma fase posterior da Evolução? Por exemplo, “não é *Fohat*, no sentido que se usa aqui, a síntese dos Sete Primordiais, e, portanto, aparece numa fase muito mais tardia que a da primeira manifestação

de Alaya?”

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo, assim é. Mas logo é dito neste livro, mais de uma vez, que os comentários só se ocupam da evolução do nosso Sistema Solar. A beleza e a sabedoria das estâncias residem nisto, podendo ser interpretadas segundo os sete Planos diferentes cujo último reflecte, nos seus aspectos grosseiros diferenciados, segundo a lei universal de correspondência ou analogia, tudo o que se via antes no começo. Todo o Plano é reflexo e cópia de outro Plano. Tal como teve início o Plano definido partindo do Indiferenciado, assim teve lugar o segundo, o terceiro, o quarto e sucessivamente. Agora, estas estâncias representam todos eles, e o estudante que entenda bem o desenvolvimento gradual e a ordem progressiva das coisas, por assim dizer, perceberá a qual deles elas se aplicam. Se falarmos do Mundo Divino Superior teremos de falar dessa maneira, porque na *Doutrina Secreta* que entreguei ao mundo e aos seus grandes críticos, certamente não dou tudo quanto se possa aplicar ao Sistema Solar, mas nem isso entendem. Chamam-na prática ociosa, e assim por que iria incomodar o meu cérebro indo para algo acima no Plano Superior? Isto não é para o profano, devemos saber estabelecer a diferença, devemos marcar uma linha de demarcação em alguma parte.

Sr. Forsyth: – Então devemos entender, Madame, que tudo o escrito na *Doutrina Secreta* faz referência só ao Sistema Solar tal como o entendemos?

Sr.^a Blavatsky: – Faz referência a isso principalmente. O segundo volume trata simplesmente do desenvolvimento da vida na nossa Terra e nem sequer no Sistema Solar, porque isto é tão extenso que exigiria mil volumes para escrever tudo. Às vezes faço alguma referência a temas mais extensos mas sempre generalizando, porque a exposição começa e termina nesta Terra com o desenvolvimento da vida deste o primeiro dia do Manvantara. Vêem como eles estão confundidos até sobre este Plano Terrestre? Então, que aconteceria se eu misturasse a evolução da vida em Neptuno ou indo mais além do Sistema Solar? Não entenderiam nem uma só palavra. A Doutrina Esotérica ensina tudo isto, mas não se pode aprender em poucos meses. Devem estudar uns 20 ou 30 anos, e ser-lhes-á dada de acordo com as suas capacidades, pois um homem pode ser um cego espiritual igual ao cego para as cores neste Plano, e desafortunada-

mente para nós muitos deles são completamente cegos de espírito.

O Presidente: – Porém, sem dúvida, até agora as estâncias só tratam do despertar do Pralaya.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é. Porém depois disso, e repito que muitas estâncias não foram inseridas, é quando começam com o Sistema Solar.

O Presidente: – Esse é realmente o ponto onde queria chegar, se é que a segunda estância ainda trata do despertar do Maha-Pralaya. Está certo que ainda não chegámos ao ponto que menciona?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente que não. Mas como se trata do despertar de todos os Planos, podem aplicá-lo a qualquer Plano, porque um cobre o outro.

O Presidente: – Porém, somos débeis e indefinidos tentando aplicá-lo aos Planos Superiores dos quais nem fazemos ideia.

Sr. B. Keightley: – Mas também nisso as estâncias tratam com o abstracto, enquanto os comentários aplicam-se mais particularmente ao Sistema Solar.

Sr.^a Blavatsky: – Porém as estâncias contêm sete significados, e cada um deles pode ser aplicado aos superiores, ao segundo, ao terceiro e assim sucessivamente até ao sétimo Plano de Matéria. Mas é certo que não falo senão dos quatro Planos inferiores. Como vêm ali, quando chegamos à parte da Lua, à evolução das estrelas e por diante, falo mais que do Sistema Solar, limitando-me a isso nos comentários, não nas estâncias que as traduzi tal como estão.

Sr. Kingsland: – Penso que desta forma estamos cometendo um pequeno erro. Invés de seguir o processo a partir do primeiro Plano e logo prosseguir no Plano abaixo, estamos supondo que tem origem no Plano mais elevado e de imediato saltamos para o mais inferior, ao contrário de seguir todo o processo Plano a Plano.

Sr.^a Blavatsky: – Perfeitamente, porém não começou numa quinta-feira nem terminará numa quinta-feira. A Criação começou na segunda-feira, não é certo? Porque o domingo é o dia de descanso.

Sr. B. Keightley: – Porque tomou como seu dia livre um domingo.

Sr.^a Blavatsky: – Eu chamo-lhe o corte do Sabath.

O Presidente: – Não, o Sabath é o sábado.

Sr.^a Blavatsky: – Você chama-o Sabbath, e a culpa não é minha. Bem, então continuemos. Ademais devem aprender a etimologia da palavra *Fohat*, por vos ser difícil entendê-la. Ela é uma palavra turânia composta originária de *Pho*. *Pho* deriva do sânscrito *Bhu*, que significa “existência”, ou melhor, “a essência da existência”. Esse último termo está presente em *Swayambhü*, que é Brahma e Homem ao mesmo tempo. *Swayambhü* significa “a existência por si mesma”, e também quer dizer *Manvantara*. Significa muitas, muitas coisas de acordo com o sentido em que o tomem, e deve saber-se com exactidão se o acento está no *m*, no *n* ou onde esteja, porque nisso reside a diferença. Tomem *Bhu*, significa Terra, a nossa Terra. Tomem *Swayambhü*, significa Alento Divino. Existe por si mesmo e por isso é eterno, é o Alento Eterno. Na China, até hoje Budha é chamado *Pho*.

Uma Dama: – O primeiro significado não é *respirar*?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não é. É a auto-essência. É muito difícil para mim traduzi-lo. Vejam os dicionários sânscritos, eles dão cem etimologias e contudo não sabem o que é. É a Existência, é a Evolução por si mesma, é a Terra, é o Espírito, tudo o que quiserem. Depende do acento e como está colocado. Isto é algo muito difícil. Neste sentido, certamente provém de *bhu* e *sva*. Mas como agora eles geralmente não probunciam o *b*, fica *Pho*, que é *Bhu* ou *Budha*, significando Sabedoria. *Fohat* provém de *Mahat* e é reflexo da Mente Universal – a síntese de todos os Sete e as Inteligências de todos os Sete Construtores Criadores ou Kosmocratores, e daí a palavra como eles a entendem – porque a Vida e a Electricidade estão na nossa Filosofia. Creio que foi o Sr. Kingsland quem disse que eles dizem que a Vida é Electricidade e que a Vida Una é simplesmente a essência e a raiz de todos os fenómenos eléctricos que têm lugar no Mundo neste Plano manifestado.

O Presidente: – Se *Sat* é a potencialidade do Ser, *Pho* é a potência do Ser, o mais próximo.

Sr.^a Blavatsky: – Isso está muito bem. Repita-o.

O Presidente: – Se *Sat* é a potencialidade do Ser, *Pho* é a potência do próprio Ser, o que procede de *Sat*.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é, e é uma definição muito boa.

Sr. A. Keightley: – Pode explicar totalmente o processo pelo qual Horus ou qualquer outro Deus nasce *através* e não *de* uma Fonte Imaculada? Pode clarificar em linguagem clara a diferença entre “através de” e “de” neste sentido? A única explicação dada é a que está na interpretação das matemáticas ininteligíveis em *Origem das Medidas*⁶⁰.

Sr.^a Blavatsky: – Se as matemáticas são ininteligíveis, o que poderá ensinar-lhes o meu pobre, desafortunado inglês? Porque só as matemáticas podem explicar aquilo que é impossível explicar em palavras, em pobres palavras tais como as minhas.

Sr. B. Keightley: – Creio que preferiria as suas palavras às dos matemáticos.

Sr.^a Blavatsky: – Desde já isso é um elogio.

Sr. B. Keightley: – Estou totalmente de acordo com isto.

Sr.^a Blavatsky: – O autor da *Origem das Medidas* é um grande cabalista. Tenho muito apreço por ele e é um dos meus alunos, mas sabe mil vezes mais do que eu. Em matemáticas sou a mais tonta que já apareceu. Dois mais dois parecem-me cinco. Sempre tive a impressão que cinco vezes sete eram 28.

Sr. Kingsland: – Então não se surpreenda que não entendamos nada.

Sr.^a Blavatsky: – Às vezes confundo-me neste Plano, mas vocês não têm de puxar-se sempre para baixo como eu o faço. Tenho a minha própria religião. Agora ouçam isto, que tentarei explicar o melhor que puder. No primeiro Plano de Diferenciação não há sexo, apesar de ambos os sexos existirem potencialmente na Matéria Primordial, como lhes expliquei antes. Agora, aquela Mãe que apontou sendo Matéria não é fecundada através de qualquer acto no espaço e no tempo, mas sim pela fertilidade ou condicionalismo que lhe é inerente. Portanto, o que emana ou nasce dessa virtude inerente não nasce *de* e sim *através* dela. Ou seja, essa virtude é a única causa para que esse algo se manifeste através dela como veículo, pelo que no Plano Físico a Mãe não é a causa activa mas sim o efeito passivo, ou melhor, o agente de uma causa independente. Agora ouçam: inclusive ao

⁶⁰ *The Key to the Hebrew-Egyptian in the Source of Measures*, por James Ralston (1830-1893), Cincinnati, 1875.

falarem da Mãe do seu Deus, os cristãos apresentam-na primeiro fecundada pelo Espírito Santo dizendo que Cristo nasceu dela, apesar de Cristo não ter nascido “de” mas sim “através” dela. A luz pode manifestar-se através de uma tábua, atravessá-la, mas as lascas de madeira do buraco feito pelo raio provêm da tábua de madeira. Vêm a diferença? “De” implica e necessita um objecto limitado e condicionado *do* qual possa começar, *do* qual algo começa, devendo isto ter lugar no espaço e no tempo. “Através de” aplica-se à eternidade tanto como a qualquer outra coisa ou algo ilimitado. O Grande Alento, por exemplo, sopra *através* do espaço, que é infinito, e está *na* e não *através* da eternidade. Compreendem a diferença?

Sr. Kingsland: – Não será uma boa ilustração aquela do raio de luz passar através dum cristal indo transformar-se em sete cores? Você disse que era um meio imaculado?

Sr.^a Blavatsky: – É um meio imaculado. Não é que esse meio seja fecundado, não é isso, mas que é atravessado sendo o veículo, e daí a Matri-Padma. A essa primeira cena se chama de “nascido de uma Matéria Imaculada” [Mãe], que é a raiz da Imaculada Concepção na religião cristã que a tomou da Matéria Imaculada. Ele não nasceu *dela* e sim *através* dela, e se os cristãos entendessem bem os seus próprios dogmas não diriam que Ele nasceu *da* Virgem Maria e sim *através* dela, quando falam da encarnação de Jesus. Há uma grande diferença. Mas os católicos romanos materializaram a ideia de tal forma que positivamente a converteram numa deusa, e ao mesmo tempo arrastaram-na ao lodo ao fazerem dela uma simples mulher, invés de explicá-la. Eles não conservam a ideia original. Eles não dizem, como deveriam, que ela era uma mulher virtuosa escolhida para ser mãe daquela pessoa em quem Deus encarnou. Mas afirmar que ela era uma deusa implica numa ideia falsa, e que eles a consideram como uma deusa é evidente pela sua adoração. Porém, como deusa que mérito tem? Não tem nenhum mérito. Nem precisava ser uma virgem, boa, má ou indiferente para, supõe-se, dar nascimento a deuses. Eu afirmo que as religiões materializaram a Concepção Divina abstracta da forma mais materialista. Falando de espiritualidade, não há nada mais materialista e bruto neste mundo do que as religiões cristã, brahmânica ou qualquer outra, excepto o budismo que não é uma religião mas uma filosofia. Todas elas têm arrastado a Divindade às profundidades

mais baixas da degradação. Em vez de tratarem de elevar a Divindade, elas tentam arrastar para baixo o Logos, como se tem visto na América com os negros do cristianismo metodista, que ao entrarem em estado de excitação saltam e fazem todo o tipo de coisas e com os seus guarda-chuvas tentam agarrar Jesus, dizendo: “Vem aqui, Jesus”! Isto é totalmente blasfemo. Viu-os fazer isso uma vez, e fiquei repugnada.

Sr. Forsyth: – E atiraram-se no chão.

Sr.^a Blavatsky: – Ah, você também viu! Satisfaz-me que confirme a minha afirmação.

Sr. Forsyth: – Sim, eles atiram-se para o chão e espumam pela boca.

Sr.^a Blavatsky: – Agora vem a pergunta, cavalheiros, uma grande pergunta matemática.

Sr. A. Keightley: – Como é que o triângulo se transforma no quadrado e como é que o quadrado se transforma no cubo de seis faces?

Sr.^a Blavatsky: – Em geometria pitagórica oculta diz-se que a tétrade combina dentro de si todos os materiais com os quais foi produzido o Cosmos. Esta é a regra pitagórica. O ponto ou 1 estende-se a uma linha que faz 2, esta linha a uma superfície que faz 3, e a superfície ou tríade transforma-se num sólido, o 4 ou a tétrade, com o ponto colocado no topo.

Sr. B. Keightley: – Uma pirâmide, é uma figura de quatro pontos.

Sr. Kingsland: – É uma figura de quatro lados.

O Presidente: – É uma figura de quatro lados.

Senhor: – É piramidal?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas deve conter algo nela. Vemos como se transforma no pentágono e o pentágono no hexágono; como de imediato o quadrado se converte no cubo, e assim sucessivamente.

Sr. A. Keightley: – Mas uma pirâmide não é um quadrado.

Sr.^a Blavatsky: – Mas a sua base é.

O Presidente: – Não, é um triângulo que se converte numa pirâmide.

Sr.^a Blavatsky: – Desculpe, tem quatro faces. Meu querido senhor, não estou falando sobre as figuras. Perguntaram-me sobre o quadrado. Mas aqui [nos comentários] não se fala do quadrado e sim do cubo.

Sr. Kingsland: – Que não se constrói sobre um quadrado para logo transformar-se em quatro coisas.

Sr. Gardner: – As quatro faces chegam ao ápex.

O Presidente: – Podem ter uma pirâmide de três lados.

Sr.^a Blavatsky: – Eu não falo disso aqui, isso virá depois. Podem pegar Pitágoras pelas barbas se o agarrarem.

Sr. Kingsland: – Quer dizer que o triângulo se transforma em tetraktys?

Sr.^a Blavatsky: – Digo que se transforma em tetraktys porque a matéria é sempre quadrada. É sempre um quadrado plano, e uma vez que se assente o triângulo nele obtém-se o sete. Dêem-me um lápis e faço-vos o desenho. Têm o triângulo inscrito em quatro linhas.

Sr. B. Keightley: – Vemos isso à medida que avançamos. Tem-se o quadrado plano, mas a partir do momento em que se acrescenta um quinto ponto ele sobressai e obtém-se a sua pirâmide, ou pirâmide de base quadrada.

Sr. Kingsland: – Queríamos saber primeiro como obteve o seu quadrado?

Senhor: – Como se chega do triângulo ao quadrado?

Sr.^a Blavatsky: – Não lhes posso mostrar, mas existe nas matemáticas. Não é neste Plano de matéria que conseguirão obter a quadratura do círculo. Nós sabemos o que significa quadrar o círculo, mas os homens que passam anos a procurar conseguir a quadratura do círculo acabam internados em asilos para lunáticos. Neste Plano não podem pensar que conseguem quadrar o círculo, mas nós podemos e é algo muito diferente.

O Presidente: – Eliphas Lévi⁶¹ faz assim: ele toma o primeiro ponto como representante do triângulo e a síntese dos três formando

⁶¹ Pseudónimo de Alphonse Louis Constant (1810-1875), ocultista e escritor francês.

um quarto ponto, mas não vejo como isso nos aproxima mais da matéria. Penso que o dispõe desta maneira nas suas obras. É assim?

Sr. B. Keightley: – O ponto transforma-se na segunda linha, esta linha transforma-se num quadrado plano na terceira, e então obtém o triângulo ou a primeira figura plana.

Sr.^a Blavatsky: – E as superfícies ou o triângulo transformam-se num sólido de quatro, ou a tetraktys, com o ponto por cima dele.

Sr. B. Keightley: – Então teremos a pirâmide triangular.

Sr.^a Blavatsky: – Pois então fazer o cubo a partir do quadrado ele transforma-se novamente em outra coisa. Se transformará numa pirâmide triangular, porém vinda da base do quadrado.

O Presidente: – Ao mesmo tempo, e é onde se pretende chegar, as quatro primeiras fases deverão ter produzido, e de acordo com este processo produziram, quatro dimensões – se tomam o ponto, a linha, a superfície e o sólido, terão 1, 2, 3 e 4. Porém, é claro, se tomam o plano quadrado comum simplesmente alterarão essa figura matemática, permanecendo na mesma dimensão.

Sr.^a Blavatsky: – Não podem entender isto a menos que mentalmente tenham aclarado o conceito. A primeira figura real que podem conceber e pode ser produzida no nosso mundo é um triângulo. O ponto não é nenhuma figura, nem tampouco o “2”, pelo qual os pitagóricos tinham o maior desprezo por não puder formar nenhuma figura. Então, a primeira é o triângulo que é tomado como um símbolo do Primeiro Logos Manifestado, o Primeiro neste Mundo de Manifestação. Creio que isto é o mais claro que se pode dizer.

O Presidente: – Ademais, o primeiro sólido possível é a figura de quatro lados com quatro ângulos, e cada lado plano formado por três linhas. Já não é o quadrado, é a pirâmide, a pirâmide de três lados.

Sr.^a Blavatsky: – [] que é o o próprio ponto [] produz, ou é uno. Vá para a esquerda ou para a direita, produz Chokmah, a Sabedoria. Ele faz este plano, que é um plano horizontal de matéria, e produz a Inteligência, Binah ou Mahat, e então regressa ao primeiro. Há quatro, se quiserem. Não é o quaternário concreto, não conheço esses nomes, é igual à Tetraktys, e esta é chamada de Tetragramaton na Cá-bala. É assim chamado porque é o primeiro. O Triângulo caindo sobre a Matéria, ou estando sobre a Matéria, faz o quatro, ou seja, Espírito,

Matéria, Masculino e Feminino. Este é o verdadeiro significado disso. Este número contém os números produtivos e produzidos, por isso é sagrado. São o Espírito, a Vontade e o Intelecto quem formam [o] Triângulo animando os quatro Princípios inferiores, provindo daí os sete Princípios que falamos em Teosofia. É o mesmo de que falou Pitágoras acerca das sete propriedades do Homem, inclusive tendo sido retomado pelos Rosacruz. O quadrado converte-se no cubo quando cada ponto do triângulo se torna dual, masculino e feminino. Os pitagóricos diziam 1×1 , 2×2 , e surgia ali uma tétrade com a unidade suprema em sua cúspide, convertendo-se na pirâmide cuja base é uma tétrade plana; a sua luz divina torna o cubo abstracto. Agora tomem seis quadrados sólidos ou concretos que formam o cubo, não é assim? E o cubo desdobrado dá-lhes a cruz, ou o quatro vertical atravessado pelo três horizontal. Aqui quatro e três fazem sete porque conta novamente o quadrado central, como sabem (dei-o em *A Doutrina Secreta*), perfazendo os nossos sete Princípios ou as sete propriedades pitagóricas no Homem. E esta é a Cruz, símbolo do Cristianismo, que é o Macho vertical e a Fêmea horizontal. É Espírito e Matéria, e ao mesmo tempo é o símbolo mais fálico que existe.

Sr. B. Keightley: – Não será ao contrário, posto a vertical ser quatro enquanto a horizontal é três?

Sr.^a Blavatsky: – Meu querido senhor, aquilo que está em cima está em baixo, mas o de baixo é visto como a inversão num espelho. Disse-lhes que é o quatro e que é divino. No Plano Divino transforma-se em quatro como também no Plano da Matéria, já que a matéria também é quatro. Isso que é o três e divino são aqui, por exemplo, os três Princípios Superiores no Homem, que ainda não são nada. Ainda não são nada por simplesmente serem o que virá a ser. Devem tomar sempre em conta a reversão, que é como o reflexo num espelho onde o vosso braço direito aparece como o esquerdo.

Sr. B. Keightley: – É daí se obtém o três e quatro intercambiados.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 9. Que se entende por Luz Astral no meio do parágrafo da página 60?

Sr.^a Blavatsky: – Significa um desafortunado erro do impressor, o qual simplesmente colocou “tem” em vez de “contém”, e também um

descuido do brilhante impressor. Ali simplesmente se pergunta da forma mais inocente o que significa. Significa um grande erro do impressor e uma inadvertência da sua parte pela qual o teria esfolado se tivesse visto.

Sr. B. Keightley: – Você também viu as provas, portanto, você também está no mesmo barco.

Sr.^a Blavatsky: – Leia-a e veja se tem algum sentido.

Sr. A. Keightley: – (Lê a passagem em *A Doutrina Secreta*, volume I, página [60]).

Sr. B. Keightley: – Esse *tem* significa *contém*, isso é o que é.

Sr. A. Keightley: – Porém, *tem* possui um significado definido.

Sr.^a Blavatsky: – Não possui, porque a Luz Astral expande-se. Por favor, o que significa *tem*?

O Presidente: – Pode-se dizer que uma coisa tem algo entre ela e outra coisa.

Sr. Forsyth: – Que quer dizer então, Madame?

Sr.^a Blavatsky: – Eu diria que se expande. É um erro, posso-lhes assegurar. Vejam o meu manuscrito.

Sr. Forsyth: – Creio que pensaram numa palavra e decidiram ser essa.

Sr.^a Blavatsky: – Se dizem que está correcta... eles são ingleses e eu não sou.

O Presidente: – “Está se espargindo”, para mim tem esse significado.

Sr.^a Blavatsky: – Por favor, Sr. Forsyth, leia isto, que eu tomo como um erro de imprensa porque sei que nunca poria essa frase.

Sr. B. Keightley: – Poderia dizer que este quarto tem uma porta entre ele e o seguinte.

Sr.^a Blavatsky: – Mas ali não há nada a respeito do *tem*.

Sr. B. Keightley: – O Tetragramaton.

Sr. Forsyth: – *Tem* significa posse.

O Presidente: – Não fizemos essa pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – O que se quer dizer com Luz Astral está explicado nas perguntas 10 e 11. Por que todos vocês são tão impacientes?

Sr. Kingsland: – Não creio termos entendido mal o significado disto.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, todos vocês parecem muito, muito inteligentes.

O Presidente: – Não entendo o que significa, porém entendo o que quer transmitir.

Sr.^a Blavatsky: – O que pode significar a Luz Astral? A Luz Astral é a grande alucinadora.

Sr. B. Keightley: – Parece que saímos repentinamente da fase do Primeiro Logos Manifestado e caímos no outro lado do Plano da Luz Astral e o Tetragramaton.

Sr.^a Blavatsky: – O que quer dizer com isso? Permita-me. “Assim é repetido na Terra o mistério desempenhado, de acordo com os videntes, no Plano Divino” (continua lendo a passagem em *A Doutrina Secreta*). Ou seja, o Segundo Logos transforma-se num Tetragramaton, o triângulo e o quatro. Penso que isto está muito claro. “Agora está no ‘Seio de Maya’ ou a ilusão entre mesma e a Realidade, TEM a Luz Astral”, etc. Agora, por que vieram insultar-me pela minha velhice e desonrar-me? Creio que este é o mais claro de todos os benditos parágrafos que estão neste livro. É assim ou não? Ponho-o ao juízo de todos aqueles que estão aqui. Vejam como sou maltratada.

Sr. Forsyth: – É uma lástima, Madame. Penso que a sua interpretação de “contém” invés de “tem” possui um significado diferente para o leitor geral. Para mim, certamente tem um significado um pouco diferente.

Sr.^a Blavatsky: – Talvez ele seja mais inglês, mas eu não poria assim.

Sr. Forsyth: – Posto em inglês clássico, “tem” é estritamente um termo de posse.

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que o entenderão tal como é. Por que o Sr. Kingsland teima em repreender-me?

Sr. Kingsland: – Não creio ter ficado totalmente claro como o três se converte em quatro.

O Presidente: – Pelo contrário, eu creio que sim. Penso que a explicação disto é que o *quatro* real significa verdadeiramente o que chamamos a terceira dimensão do espaço, e em consequência é Maya, o Tetragramaton num sentido. Você refere-se a uma classe de quatro diferente, mas se poder compreender isto obviamente terá Maya e a Tríade Superior. Isto responde por si mesmo quanto ao uso da pirâmide explicar o quatro.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é.

Sr. Kingsland: – Será que a Luz Astral se aplica ali com o sentido de Maya?

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente. Em certa passagem onde falo dos sete Princípios, da Lua e de tudo isto, demonstro que há somente quatro Planos, que os três que estão acima não pertencem à nossa Cadeia Terrestre nem à Cadeia de nenhum planeta. Como não sabem nada disto, não podem especular. Eu não sou uma grande Adepta, sou uma pobre mulher velha bastante maltratada aqui. Só falamos dos quatro Planos que podemos conceber.

Sr. B. Keightley: – Pedimos desculpa, mas a explicação de tudo isto é a pirâmide.

O Presidente: – Explica tudo, porque temos nesses quatro o que não podemos ver de nenhuma maneira: a terceira dimensão do espaço, e em consequência Maya. Assim fica-se apto a ver o Tetragramaton como sobre Maya.

Sr.^a Blavatsky: – Leram o meu artigo no *Theosophist* sobre o Tetragramaton?⁶² Os cabalistas dizem outra coisa, mas do meu ponto de vista o Tetragramaton não é muito elevado. Recentemente respondi ao Sr. Subba Row. Ele perguntou: “Como pode haver sete Princípios?” Eu respondi: “Eu não vou adorar o Tetragramaton. Não vejo por que o deveria fazer. Eu não adoro coisas diferenciadas”. “Eu só conheço o Absoluto totalmente homogêneo, mas poderia inventar qualquer tipo de ideias e disparates”. A tetraktys pela qual os pitagóricos juravam era de uma classe completamente diferente do tabaco, algo completamente diferente, por favor. Tomem simplesmente o terceiro capítulo do *Gênesis* e o começo do quarto, e ali encontrarão o Tetragramaton.

⁶² Helena Blavatsky, *Tetragramaton*, *The Theosophist*, pp. 104-116, Novembro 1887.

Encontram a Eva e o Adan Jehovah que se converte em Caim. Isto é o que aí encontram. Aí está o Tetragramaton, este que é o primeiro a ser simbolizado. Depois vem o final do quarto capítulo onde há uma concepção humana, onde aparecem Enoch e Seth e deste nasceu um filho, Enoch. Está escrito nos verdadeiros pergaminhos judaicos: “Desde a época em que os homens se tornaram macho e fêmea”, que se traduziu na versão autorizada de João: “Desde esse tempo o Homem passou a ser chamado pelo Senhor”. Pergunto-lhes se podem traduzir assim, quando no verdadeiro hebraico se vê que o Homem é chamado *Yod-hevah*? Eles lêem uma coisa nas escrituras hebraicas e traduzem-na de outra maneira. Não levam em consideração o facto de que o povo tinha toda uma linguagem simbólica e figurativa. Mas eles nunca admitirão essa diferença, e assim será sempre o “Senhor Deus”, o “Deus”, o “Jehovah”, tudo isso e nada mais, e até mesmo o “Jehovah” que falou a Moisés nunca foi chamado por esse nome, mesmo que centenas ou milhares de anos antes disso haja existido Abraham, que construiu um altar para “Jehovah”. Isto é assim ou não?

O Presidente: – Na versão revisada, no primeiro capítulo eles traduzem *Elohim* como “Senhor”.

Sr.^a Blavatsky: – Eles não têm o direito de traduzir *Elohim* como “Deus” no singular. Isso significa “Senhores” e “Deuses”. Tudo ali está no plural, não podem ir contra os factos. Eles traduzem *Abel* como “filho de Eva”, e eu digo que é um disparate! Digo que foi uma filha de Eva, porque Abel é o aspecto feminino de Caim. Quando se separaram, a primeira separação está indicada no primeiro versículo do quarto capítulo, foi quando Caim nasceu de Eva, tendo esta dito o que ali está assim traduzido: “Tive um homem do Senhor”, ainda que não signifique isso. Significa o que Ralston Skinner demonstrou perfeitamente: quer dizer “Jehovah masculino e feminino”. Abel veio empós e era fêmea, e depois seguiu-se a separação dos sexos. E dizem que Caim matou Abel, mas não o matou: casou-se com ele. Isto é tudo. Estou obrigada a dizer-lhes estas coisas se querem aprender. A História é a História e os factos são os factos.

Sr. A. Keightley: – Como entra a Luz Astral entre o Tetragramaton e a Realidade?

Sr.^a Blavatsky: – Como posso sabê-lo? Está ali. Esta é a resposta.

Sr. A. Keightley: – O que é a *Realidade* neste contexto?

Sr.^a Blavatsky: – É isso que não tem forma, cor, limitação, atributos, nada. Um número que é nada e é tudo. É o Absoluto. Mas se não disse isto já cento e vinte vezes, então nunca disse.

O Presidente: – Todas estas perguntas geraram um mal-entendido da palavra *Tetragramaton*. Creio que agora entendemos o que é *Tetragramaton*.

Sr. B. Keightley: – É simplesmente a Humanidade tal como a conhecemos, o Homem.

Sr.^a Blavatsky: – Não, é diferente, eu não lhe chamo assim. É Malkuth, quando a Noiva vem a ser desposada na Terra, e então converte-se em Humanidade.

Sr. B. Keightley: – Depois da separação.

Sr.^a Blavatsky: – As sete Sephiroths inferiores devem ser atravessadas. O Tetragramaton se torna cada vez mais material.

Sr. B. Keightley: – E depois da separação ele transforma-se no Tetragramaton.

Sr.^a Blavatsky: – Então ele transforma-se num P. M.⁶³ ou o Grão-Mestre de todos os Maçons.

Sr. Kingsland: – Num sentido a Luz Astral está entre os quatro Planos inferiores e os três superiores.

Sr.^a Blavatsky: – Entre Tetraktys e Tetragramaton há uma grande diferença. A diferença deve-se ao juramento de Pitágoras pela Tetraktys da Mónada invisível, que surge e produz o primeiro ponto, o segundo e o terceiro e posteriormente retira-se para a obscuridade e o eterno silêncio, ou seja, para aquilo de que nós nada podemos saber. É o Primeiro Logos, e este é a Tetraktys. Ele é o ponto, e Ele produz o primeiro ponto, o segundo, o terceiro e o quarto. Se o tomam desde o ponto de vista da matéria, está no plano horizontal figurado no segundo lado do triângulo ao lado do terceiro tendo por cima o ponto. Eliphas Lévi disse muitas coisas que certamente nunca admitirei, e ele sabia muito bem que estava enganando o público. Ele simplesmente riu-se da gente.

⁶³ *Past Master.*

O Presidente: – E ao mesmo tempo da ideia da formação do quatro, porquanto sugere que é o primeiro triângulo e a sua síntese. Mas qualquer um pode perfeitamente tomar a Mónada que forma o 1, o 2, o 3 e se retira para a obscuridade. Em todo o caso, não está tão afastado da ideia e, por conseguinte, digo ele que descreve sobretudo a Tetraktys.

Sr.^a Blavatsky: – Eu já o demonstrei. Ele toma o ponto no círculo e procede fazendo um triângulo virado para baixo tomando o Plano da Matéria, tornando-o assim o inverso. Ele toma-o num Plano inferior.

Sr. B. Keightley: – Foi assim que surgiu a confusão nas nossas mentes. Eliphas Lévi está falando da Tetraktys como se fosse o Tetragramaton.

Sr.^a Blavatsky: – Nas regras preliminares da Secção Esotérica⁶⁴, diz-se: “Todos aqueles que queiram estudar a Ciência Esotérica Oriental, por favor tenham a amabilidade de não pertencer a nenhuma Sociedade excepto às Sociedades Maçónicas ou Velhos Companheiros, e aparte estas, que são totalmente inofensivas, não devem pertencer a nenhuma das Sociedades Ocultas que ensinam segundo o método ocidental”. Pois bem, esta manhã recebi um insulto. O Sr. Westcott⁶⁵ escreveu-me dizendo: “Eu sou um membro da Sociedade Teosófica e vou ser chantageado e expulso para fora do redil como uma ovelha negra, porque tenho pertencido a uma Sociedade”. Respondi-lhe: “Estimado membro, não tenho nada a ver consigo. Como você não pertence à minha Secção Esotérica, pode pertencer a tudo o que quiser”. Agora vem a enorme confusão que se estabeleceu em vocês, simplesmente porque leram a Eliphas Lévi. Como será com outros que estudam noutras Sociedades e dizem que o Tetragramaton é a Divindade Superior? A continuardes nessa confusão nunca aprendereis nada de uma coisa nem de outra, e a consequência é continuardes no mais espantoso estado de confusão. Eu digo que podem pertencer às Sociedades Maçónicas, mas não às Sociedades Ocultas. Estou totalmente segura que tenho tido o suficiente para fazer, e quer

⁶⁴ H.P.B. fundou a Secção Estérica em Londres, em Outubro de 1888, como uma Secção Interna da Sociedade Teosófica para aqueles que queriam assumir um maior compromisso no Movimento.

⁶⁵ William Wynn Westcott (1848-1925), maçom, hermetista e um dos fundadores, em 1888, do grupo oculto a Ordem Hermética da Golden Dawn.

haja 300 membros ou 30 não me preocupa. Mas será um trabalho inútil ensinar e reensinar para descobrir que não entendem.

O Presidente: – Já não temos mais nenhuma actividade formal esta noite.

VI

**A Sociedade Teosófica.
Encontro na Loja Blavatsky.
Quinta-feira, 14 de Fevereiro, 1889.
O Sr. Kingsland (na ausência do Sr. Harbottle)
assumiu a presidência.**

Sr. A. Keightley: – O primeiro verso, estância 3. “A última vibração da sétima Eternidade estremece através do Infinito. A Mãe dilata-se, expande-se de dentro para fora como o botão do lótus” (*Comentário*, as três primeiras orações)⁶⁶. Pergunta 1: é o começo do Tempo tão diferente da Duração correspondente à aparição do Segundo Logos ou Logos Manifestado?

Sr.^a Blavatsky: – Esta é a primeira pergunta?

Sr. A. Keightley: – Sim.

Sr.^a Blavatsky: – Vejam, isso não estava ali. Eu respondo à pergunta que ali estava escrita e parece que não se encontra. Você perguntou “como é que a Mãe se dilata” e por diante, e se há uma diferença entre a Duração e o Tempo, a que corresponde aquele período? Esta é a pergunta, certo?

Sr. A. Keightley: – (Lê a pergunta novamente).

Sr.^a Blavatsky: – Certamente que não corresponde, porque quando observam que a Mãe dilata é uma boa prova da diferenciação ter começado, e que quando o Logos n.º 1 irradia através da Matéria Primordial ou Indiferenciada em Laya, não existe acção no Caos. Por isto, há uma grande diferença entre ambos. Não existe Tempo nesta fase. Não há Tempo. Não há nem Espaço nem Tempo quando o Primeiro começa, e uma vez que se diferencia tudo está no Espaço e no Tempo. A última vibração da sétima Eternidade é a primeira que anuncia o amanhecer, e é esta última vibração que é sinónima do Logos Imanifestado no tempo da irradiação primordial. É potencialmente o Pai-Mãe, e só quando o Segundo Logos emana o Terceiro é que se

⁶⁶ *A Doutrina Secreta*, I, 62.

converte na Virgem Mãe, somente então. Entende a diferença?

Sr. A. Keightley: – Entendo a diferença entre esses dois, mas não vejo como se aplica ao Tempo e à Duração.

Sr.^a Blavatsky: – Quando o Primeiro Logos aparece, não existe Tempo nem Espaço. A Duração está sempre presente, é eterna, porém não há Tempo nem Espaço, ela está fora deles. Esta última, a sétima vibração, é simplesmente igual a dizer-se: o Primeiro Logos irradiado. Isto é, o Raio emanado do Absoluto, ou melhor, irradiado, porque nada emana do Absoluto. Portanto, esse termo – a última vibração das sete Eternidades – aplica-se ao momento ou período, ou o que seja, em que aparece o Primeiro Logos, aquando aparece a primeira Luz. Por conseguinte, não é o momento do Segundo Logos.

Sr. B. Keightley: – A pergunta, tal como se pôs, era se o Tempo aparece, pois fala-se do Tempo a partir do momento em que aparece o Segundo Logos, o Logos Imanifestado-Manifestado.

Sr.^a Blavatsky: – A partir daí, porque é quando o Tempo começa. O que ele me disse foi o que me levou a responder, porque não consegui compreender a sua pergunta quando li pela primeira vez. Penso que se referia a que a palavra *tempo* não podia ser aplicada às sete vibrações, o que levou a misturar o Primeiro com o Segundo Logos. Foi escrita de um modo que não consegui entender. Certamente existe um imenso espaço de tempo entre ambos. Um está justamente no último momento em que deixa de estar fora do Tempo e do Espaço, e o outro surge quando o Espaço e o Tempo começam – o Tempo periódico.

Sr. B. Keightley: – O Espaço e o Tempo, como manifestações periódicas, começam com o Segundo Logos.

Sr.^a Blavatsky: – Quando se diz que a Mãe dilata como o lótus ou o seu botão, significa que já começou, porque não podia ter ocorrido antes. É impossível vê-los aqui, pelo menos na nossa filosofia. O Raio Divino, o Logos n.º 1, é o Pai abstracto, enquanto o Logos n.º 2 é ao mesmo tempo o Filho de sua Mãe e seu Esposo. Agora, se estudarem as cosmogonias e as teogonias de todos os povos, encontrarão no egípcio, no hindu e no caldeu, em todas as partes, que o Segundo Logos, o Logos Criador, é chamado o Esposo de sua Mãe e Filho de sua Mãe. Nisto, por exemplo, Osíris é o Filho e Esposo de Ísis, e

Horus é também o Filho, o Esposo e o Pai. Tudo é intercambiável. Passa-se o mesmo com Brahma: Brahma é o Pai, o Esposo e o Filho de Vach. Entende-se a diferença quando Ele estabelece a diferença.

Sr. B. Keightley: – Quer dizer que a primeira diferenciação é praticamente tudo.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente. Ela acontece somente no segundo Plano quando a Mãe se converte em Virgem Mãe, porque antes disso não tinha qualificação nem adjetivos.

Sr. Kingsland: – Em outras palavras, você diz que não existe diferenciação com o Primeiro Logos, que a diferenciação só começa com o Segundo e, portanto, o Primeiro Logos está fora do Tempo e do Espaço e que estes começam com o Segundo.

Sr. A. Keightley: – A segunda pergunta refere-se às palavras: “Uma é a abstracção ou nómeno do Tempo infinito (Kala)”. É isto a *duração* a que se refere a estância 1 – “O Tempo... jazia dormindo no seio infinito da Duração” – ou é a potencialidade do Tempo?

Sr.^a Blavatsky: – Acabo de o explicar. A Duração tem sempre Tempo potencial em si mesma. A Duração é o Tempo eterno que não tem princípio nem fim. O Tempo é algo, e por isso se diz na Filosofia Oriental que “o Tempo é o filho da Duração”, é o seu filho.

Sr. A. Keightley: – Sim, exactamente.

Sr.^a Blavatsky: – O Tempo infinito.

Sr. A. Keightley: – Ao mesmo tempo que o Segundo Logos se produz fora da Duração mas dentro do Tempo, pelo que o Tempo é periódico enquanto a Duração é eterna.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é, como acabo de dizer. O Tempo periódico é filho da Duração eterna. Bem, alguém tem alguma pergunta para fazer? Perguntem se têm alguma para saber, porque depois não entenderão. Tem algo para perguntar, Sr. Kingsland?

Sr. Kingsland: – Não, creio que não.

Sr. Scott-Elliot: – Você mencionou a radiação e a emanção. Não se faz ideia do que as possa distinguir. Qual é a diferença entre radiação e emanção.

Sr.^a Blavatsky: – É enorme. A radiação é a acção inconsciente, por assim dizer, de algo do qual outra coisa irradia, porém, a

emanação é ou supõe algo que emana conscientemente. Nisto, a radiação pode vir do Absoluto, mas a emanação não. Nada pode emanar Dele.

Sr. Scott-Elliot: – A radiação vem do Absoluto.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, a primeira radiação, quando o Logos irradia. O primeiro Raio, do qual se diz na Bíblia: “Que se faça a Luz, e a Luz se fez”. A radiação é a primeira Luz Divina, ela irradia. Porém, emanar significa emanar uma coisa de outra, ou, pode dizer-se, de um ser a outro ser, é esta a diferença. Faço esta diferença porque não sei como o traduzir de outra forma. Temos uma palavra para isto na língua oculta, mas é impossível traduzi-la em inglês.

Sr. Scott-Elliot: – Então há uma conexão estreita entre o que é emanado e aquilo do qual emanou, como a há entre aquilo que irradia e aquilo do qual surge a radiação.

Sr.^a Blavatsky: – Não. Veja, a radiação – se irradia – seguramente tarde ou cedo será retirada de novo. A emanação emana, pode passar a outras emanações e é separada, pelo que é algo diferente. Pode acontecer, claro, que no final do ciclo de tempo também se retire para o uno Absoluto. Mas enquanto não acontecer isso, durante os ciclos de mudanças e em cada ciclo de mudança de forma, ela continuará a ser uma emanação. E está na minha mente como a evolução, claro que num outro sentido, mas sendo exactamente o mesmo. Uma coisa evoluciona de outra e algo emana desta, com a mudança da forma, da sua substância e por diante.

Sr. A. Keightley: – Número 3, página 63, quinta linha [da *Doutrina Secreta*]. A Luz Astral aplica-se aqui num sentido diferente do que está na página 60, linha 22? Por favor, amplie esta ideia dos protótipos existentes antes de se manifestarem no Plano material.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, claro. Bem, a Luz Astral é um termo muito amplo. Como disse, utilizo este termo porque utilizar outro seria tornar o livro ainda mais incompreensível, e Deus sabe quantos já se queixaram dele ser muito difícil de compreender. Tentei evitar todas essas palavras e coloquei Luz Astral de forma geral. Agora imaginem se eu tivesse exposto a diferença entre a Luz Astral, usada aqui como um termo conveniente apesar de muito pouco compreendido, e “o Reino do Akasha ou a Luz Primordial manifestada na Ideação Divina”.

Imaginem que utilizaria essa frase tão longa, muito poucos a entenderiam e teria de explicar o que é a Ideação Divina, teria de explicar o que é o Akasha e o Éter, e por diante. Portanto, utilizo-o simplesmente como um termo que todos entendem. A Luz Astral está em todas as partes. Pode estar desde o Plano mais elevado até ao mais baixo, e é sempre Luz Astral, pelo menos de acordo com os Cabalistas. Todos os Cabalistas chamam-na assim desde a época dos Alquimistas e dos Rosacruzes. A Luz Astral deve ser aceite aqui como um termo genérico que significa Ideação Universal e Divina reflectida nas Águas do Espaço ou Caos, que é o motivo da Luz Astral. Ou seja, a Luz Astral é como o espelho da Ideação Divina Superior, porém é o avesso desta, porque é um Plano de Ilusão e ali tudo está de pernas para cima. No Pensamento Divino tudo existe e não houve uma época em que não tenha existido, pelo que é impossível dizer que algo tenha vindo de fora dele, porque esta Mente Divina é a Absolutez e tudo esteve, está e estará nela. Pelo menos, de acordo com a nossa filosofia, é indiferenciada no Espaço abstracto nomenal, que será ocupado pelo campo da Consciência Primordial. Trata-se, sem dúvida, do campo da Consciência latente coeva da duração do Primeiro Logos Imanifestado, e é a Luz que brilhou na obscuridade, como está no Evangelho como a primeira frase ali utilizada, mas não entendida. Quando soa a hora para o Segundo Logos, então da Potencialidade latente irradia um campo inferior de Consciência diferenciada, que é Mahat. É chamada Mahat no *Vishnu-Purana* e em todos os Puranas, ou a colectividade desses Dhyanis-Choans dos quais Mahat é o representante. Entendem agora o que perguntaram por último?

Sr. Kingsland: – Não inteiramente. Qual é a relação entre a Luz Astral usada nesse sentido e Fohat?

Sr.^a Blavatsky: – Fohat está na Luz Astral porque está em todas as partes até ao quarto Plano, mas a Luz Astral não alcança o quinto Plano. Logo começa o Akasha. Reparem, nós chamamos Luz Astral àquilo que reflecte todos os Planos Superiores de Consciência na matéria, nos seres, como quiserem.

Sr. Kingsland: – Quando diz que a Luz Astral contém o protótipo de tudo, é por não só conter os protótipos como também os dispor de acordo com uma sequência de eventos, da mesma maneira que temos uma sequência de eventos no Plano Físico?

Sr.^a Blavatsky: – Há uma grande diferença entre como esta Luz Astral reflecte toda a classe de coisas e como a outra as reflecte, porque as primeiras, as superiores, são eternas. A Luz Astral é periódica. Muda não só com o grande Manvantara como também com cada período, com cada ciclo. A Luz Astral muda com cada ano tropical⁶⁷, se quiserem.

Sr. Kingsland: – Então, tudo o que existe nesse primeiro Plano antes do mais existe na Luz Astral?

Sr.^a Blavatsky: – Não, antes do mais existe na eterna Consciência Divina, e nada pode existir ou ter lugar neste Plano se não existir ali.

Sr. Kingsland: – E desde logo, ademais, é reflectido na Luz Astral.

Sr.^a Blavatsky: – Mas de pernas para cima, e por isso lhe chamamos Ilusão. Nós tomamos os nossos protótipos da Luz Astral. A Evolução toma os seus protótipos da Luz Astral, porém, esta ao espelhar os [Planos] Superiores apresenta-os completamente ao contrário. É igual a um espelho, apresenta tudo ao avesso. Por isso, a denominamos de Ilusão.

Sr. Kingsland: – Portanto, nós e a Natureza obtemos as nossas ideias da Luz Astral em qualquer coisa que produzamos?

Sr.^a Blavatsky: – Não as pode obter. Aqueles que vão mentalmente mais além da Luz Astral são os únicos que vêem a Verdade e podem-na sentir. De outra forma, nunca a veriam. Se não vão mais além da Luz Astral, estarão sempre no oceano da ilusão, ou a decepção da auto-ideação que não serve para nada. Isto porque uma vez que alguém comece a pensar que realmente vê as coisas com os olhos dos sentidos, não está vendo nada com os seus olhos físicos.

Sr. B. Keightley: – Realmente parece haver três fases. Primeira, a Ideação Divina reflecte-se no [], o Akasha Superior mais além da Luz Astral.

Sr.^a Blavatsky: – É o Eterno pleno de Consciência Divina, sendo que a Consciência Absoluta não pode ser diferenciada, não poder ter

⁶⁷ Um período cíclico de 25.868 anos – *Doutrina Secreta*, 2, 505.

nenhuma qualidade, não pode actuar, e isso que é reflectido ou espe-
lhado é o único que pode actuar, posto o incondicionado e infinito não
poder ter relação com o condicionado e finito. Portanto, é o nosso meio
a partir do qual tomamos o nosso “Céu Médio”, como lhe chamavam
os gnósticos, o Espaço Médio onde está Sofia-Akamoth. Todos os
gnósticos falaram sobre o Espaço Médio que era a região de Sofia-
Akamoth, não a Divina Sofia mas a Sofia-Akamoth, a mãe de todos os
maus espíritos, os sete espíritos, os construtores da Terra. Os gnós-
ticos diziam que foi essa quem a construiu e, portanto, o Deus da
Bíblia era um dos maus espíritos. Isto é o que eles diziam, os gnós-
ticos, Valentino, Marcião e outros.

Sr. B. Keightley: – Então, eles tinham três ciclos?

Sr.^a Blavatsky: – Gostaria que alguém pudesse traduzir o texto,
pois tenho-o inteiramente em latim. Trata-se da *Pistis de Sofia*⁶⁸. Sim,
se apenas alguém o pudesse traduzir!

Sr. B. Keightley: – Creio que Roger Hall pode.

Sr.^a Blavatsky: – Mas a tradução deve ser feita inteiramente na
linguagem cabalística. Vocês não sabem nada de Cábala, logo não a
poderão fazer. Necessito de alguém que conheça bem a Cábala. Não
posso pedir a Mathers que o faça⁶⁹, porque faria um cabalismo à ma-
neira dele, arranjando um caminho sem fim onde pelo meio poria S.
José e tudo o mais. Portanto, não posso dar a ele. Tenho de dar a
alguém que saiba latim e, ao mesmo tempo, conheça o suficiente de
Cábala para poder traduzir. Verão ali este Espaço Central, o Espaço
Médio Superior e os sete Céus de que eles falam. Reparem, basta só
estudar os primitivos padres cristãos e comparar com o que agora
dizem os ensinamentos teológicos, para se aperceber a diferen-ça
existente entre os ensinamentos de Amónio Saccas⁷⁰ e os do Sr.
Spurgeon⁷¹. Eles acreditavam nos sete Céus e nos sete Planos, e fala-
vam sobre a encarnação. Demonstrei-o através dos ensinamentos dos

⁶⁸ *A Pistis Sofia* (A Fé de Sofia), um importante texto gnóstico que foi traduzido na
revista *Lúcifer*, de Madame Blavatsky, em 1890-1891.

⁶⁹ Samuel Liddell “MacGregor” Mathers (1854-1918), um dos fundadores da Or-
dem Hermética da Golden Dawn.

⁷⁰ Amónio Saccas, filósofo do III Século d. C. de Alexandria, Egipto, cujas ideias
influenciaram o desenvolvimento do Neoplatonismo.

⁷¹ Charles Haddon Spurgeon (1834-1892), pregador batista inglês.

padres da Igreja, começando com Alexandrino⁷² e terminando em qualquer outro deles. Logo, depois do século VI, começa a nossa própria disparatada Igreja, uma teologia que desfigura tudo, que se torna cada vez mais pagã. Que não toma as ideias pagãs superiores dos Iniciados e sim as da plebe. Vocês vêem que eles aparecem sempre dizendo que eu estou contra o Cristianismo. Eu nunca vou contra Cristo e os ensinamentos do Cristianismo dos primeiros séculos, mas sou contra essa terrível perversão de todas as verdades. Não há nada que não tenham desfigurado, de modo que não podem indicar um rito, seja na Igreja Católica Romana, na Episcopal ou na Igreja Protestante, que não tenha as suas origens nos ritos da plebe pagã. Elas não são as dos Iniciados nos Mistérios e sim as da plebe pagã, e no tempo em que foram perseguidos, querendo eles salvar as escrituras da Iniciação, simplesmente tiveram de comprometer-se e chegar a um acordo. E chegaram a um acordo com os padres da Igreja, que eram muito ignorantes. Tomemos agora Agostinho. Eles chamam-no o maior homem sábio, e eu digo que era tão ignorante como qualquer outro. E logo fazem uma espécie de *olla podrida*⁷³ a partir desses ritos pagãos e das pequenas coisas das Iniciações. Tudo isto vou dar em *Lúcifer* acerca dos ritos na Maçonaria e na Igreja, e sairá em cinco ou seis números⁷⁴. Creio que vai ser muito interessante para os maçons, e também para os outros, porque demonstro a origem e demonstro a autoridade dos manuscritos e dos clássicos antigos, não podendo dizer que os inventei.

Dr. Williams: – Estive falando com um bispo da Igreja de Inglaterra a semana passada, e ele admitiu que se a Igreja queria continuar a sua integridade teria de regressar aos ensinamentos dos primeiros padres cristãos.

Sr.^a Blavatsky: – Mas teriam de abandonar os templos e tudo. Os primeiros cristãos até ao começo do século III nunca ouviram falar em templos ou igrejas, em ritos ou cerimónias ou algo parecido. O que se chama a Igreja de Paulo era simplesmente uma reunião ou

⁷² Clemente de Alexandria (c. 150 – c. 215), líder dos cristãos em Alexandria.

⁷³ No original, prato típico espanhol também designado por *puchero* ou *cocido*, composto de carnes e legumes variados, familiar do famoso *cozido à portuguesa*.

⁷⁴ *As Raízes do Ritualismo na Igreja e na Maçonaria*, *Lúcifer*, Março e Maio de 1889. O artigo de Maio terminou com a palavra *Continua*, porém, nunca prosseguiu.

assembleia num quarto, não haviam igrejas, nem ritos e nada disso. Vocês sabem o que este [Minúcio] Félix disse? Ele disse: “Vocês dizem que não somos piedosos porque não temos templos, e isto, aquilo e aqueloutro, porém e apesar de não termos um templo, afinal onde está o templo que seja suficientemente grande para conter ao Todo-Poderoso e ao Absoluto?”⁷⁵ Este é o seu argumento, que estava contra os templos. Ademais, se o seu bispo quer regressar às origens terá de deixar toda a igreja ou templo, até mesmo as capelas. Eles terão de regressar à fundação de Jesus. Quando querem rezar, não vão às sinagogas e não fazem o que fazem os fariseus. Vão ao quarto e rezem. Este é o seu significado. Certamente que não há a mínima comparação entre o que Jesus, o Cristo, lhes ensinou e o que a Igreja está fazendo, que não tem a menor semelhança. São como duas coisas diferentes. Dizem uma coisa e fazem outra e se autoproclamam cristãos, quando não são mais que o povo mais paradoxal da Criação. Refiro-me a todos os cristãos, não só aos da Inglaterra.

Dr. Williams: – Penso que agora o mundo está apercebendo-se disso muito rapidamente.

Sr.^a Blavatsky: – Eu não posso evitar isso, mas estou inteiramente pronta para fazer alguma coisa. Posso assegurar-lhes que estou totalmente pronta a que se faça alguma coisa, inclusive o ser cortada em pedaços. Mas não importa, porque esta é a maldição: a hipocrisia da Igreja!

Sr. Kingsland: – Teriam de ter reuniões com o método da Loja Blavatsky.

Sr.^a Blavatsky: – Bom, na Loja Blavatsky não se ensina nada mais que o bem. Ele não ensina a cultivar os vícios, não é uma sociedade de auto-elogios. Na Loja Blavatsky ouviriam as minhas desagradáveis verdades que penso não os afectaria, ou sim? Dizem que sou um espécime muito pobre, mas eu não digo como dizem os luteranos: “façam o que eu digo, não o que eu faço”.

Dr. Williams: – Qual é a primeira manifestação da Luz Astral que desce até à matéria?

⁷⁵ Essas palavras são uma paráfrase do apologista romano cristão do terceiro século, Minucius Felix, na sua apologética *Octavius*.

Sr.^a Blavatsky: – Da Luz Astral? Se ela está no quarto, terceiro e segundo Planos, a qual destes se refere? Tome a *Doutrina Secreta*, verá aí os quatro Planos. É inútil falar de algo que não se pode dar em nenhum idioma.

Sr. Kingsland: – Creio que o Dr. Williams quer dizer: o que é isso que faz com que o reflexo se torne potencial?

Dr. Williams: – Qual é a primeira manifestação procedente da Luz Astral para o Plano da Manifestação? Refiro-me à manifestação no Plano material.

Sr.^a Blavatsky: – Meu querido Dr. Williams, devo perguntar-lhe primeiro: você está falando de *Theogony* [Teogonia]? Fala das forças físicas? A que Plano se refere para poder responder-lhe? Porque se fala de *Theogony* [Teogonia], posso dizer-lhe que são todos os Construtores que procedem dela, os Construtores do Mundo Terrestre Cósmico.

Dr. Williams: – Mas os diferentes Planos estão numa inter-realidade, certo?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Mas o que é esta Luz Astral? É todas essas Inteligências que já estão, desde o Sol [saído] do Caos, na Matéria, e todos esses Construtores do baixo Mundo procedem dele. Dos sete elementos, conhecem somente cinco ou quatro.

Sr. A. Keightley: – Então, está falando de dois Planos diferentes do Plano Cósmico e disso que se aplica particularmente à nossa Terra. Suponho que dirá haverem tantas divisões da Luz Astral, se se pode dizer, como Sistemas Planetários.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo.

Dr. Williams: – Você usou ali o termo no nosso sentido abstrato, no sentido de unidade?

Sr.^a Blavatsky: – Uso a maioria dos termos nesse sentido. Pelo menos na minha mente. Porém, quando começo a falar do Plano da Matéria diferenciada e da evolução na Terra, claro que sou obrigada a ir aos detalhes.

Dr. Williams: – Realmente, a ideia por detrás da pergunta era saber se se manifesta de muitas maneiras diferentes, ou se há uma espécie de emanção da Luz Astral que constitua um grau superior de

potencialidade donde procedem as várias formas do Universo físico, ou as forças físicas? Ou se procedem simultaneamente de muitas formas diferentes a partir da unidade?

Sr.^a Blavatsky: – Creio que a questão será respondida na pergunta seguinte.

Sr. B. Keightley: – Penso que a pergunta sobre os protótipos a abranja.

Sr.^a Blavatsky: – Agora, a pergunta 4 é respondida na terceira.

Sr. A. Keightley: – A pergunta 4 é: há uma evolução dos protótipos através dos diferentes Planos da Luz Astral ou preexistem todos os protótipos dentro do Pensamento Divino?

Sr.^a Blavatsky: – Na realidade, não é possível nenhum protótipo, nada pode existir ali se não existe no Pensamento Divino.

Sr. A. Keightley: – Neste caso (havendo uma evolução), será correcto dizer que os verdadeiros protótipos astrais das formas físicas só existem no Planos inferiores da Luz Astral?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porque este é o Mundo das Formas, e ali não há formas. Não podem vir fazer a comparação, pois este é o Mundo da Forma e além está o Mundo Arrupa.

Sr. B. Keightley: – Você não leu a nota-chave da coisa.

Sr.^a Blavatsky: – A número 4 é respondida na terceira. A número 5 é respondida aqui. A existência da forma física no Plano Astral – os seus protótipos – pode ser comparada com o gérmen nomenal do qual irá proceder o gérmen fenomenal que finalmente se converterá na semente. Agora entendem isto?

Dr. Williams: – Não, receio não entender.

Sr.^a Blavatsky: – O primeiro pode ser comparado ao gérmen nomenal, e deste gérmen nomenal provém o gérmen fenomenal o qual se converte na semente. Isto só para vos mostrar os diferentes protótipos nos diferentes Planos e como uma coisa evolui da outra. Da semente nascerá um carvalho e este pode ter milhares de formas, todas diferentes uma das outras. Observem, todas essas formas estão contidas na semente, e, no entanto, a partir dessa mesma semente o carvalho toma diferentes formas, dependente das circunstâncias externas, das forças físicas operantes e de todo o tipo de coisas. Vocês

sabem que é impossível falar disto. O gérmen está ali, porém, não se pode falar da forma. Esta está contida no gérmen fenomenal e no gérmen nomenal.

Dr. Williams: – O gérmen nomenal existe na Luz Astral? Pode, de alguma forma, dizer-se que é uma emanção da Luz Astral?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, apesar do gérmen nomenal não existir na Luz Astral e sim mais além, mais acima. É ele quem projecta o gérmen físico existente na Luz Astral, ou seja, é o protótipo, o mesmo a quem Aristóteles chamou de “privação da matéria”.

Dr. Williams: – Entende que esse protótipo do carvalho preexiste ou se desenvolve com o carvalho físico? E não é o desenvolvimento da árvore do carvalho o resultado do desenvolvimento do protótipo?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente que é, mas não lhe podemos dar uma forma nem uma expressão aqui. Sabemos que nada pode existir aqui a menos que exista em outro Plano superior, devendo deslocar-se de um Plano para outro. Do superior provém o superior e devemos observar o seu desenvolvimento, pois aqui tem lugar a sua última consolidação de formas e o desenvolvimento das formas. Digo-lhes mais: é um tema tão difícil que não acredito que algum de vocês, inclusive os que estudam Ocultismo, possam compreendê-lo, e é por isto que o verdadeiro filósofo vedantino lhes dirá que até o carvalho ou árvore que cresce do gérmen tem o seu karma, e que qualquer forma que cresça é o resultado do karma. Agora tentem entender isto.

Sr. A. Keightley: – Então, isso significa que, supondo haver um carvalho, a privação do carvalho é um exemplo perfeito do crescimento de uma árvore?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas quem gerou a privação, quem a rastreou?

Sr. A. Keightley: – Terá sido o Pensamento Divino, tal como o entendo.

Sr.^a Blavatsky: – Desculpe, foram os Dhyani-Choans, os Construtores dos Planos inferiores, e na medida em que a fazem crescer, por a ter desenhado, esse é o seu Karma.

Sr. A. Keightley: – Mas eu pensei que eles não podiam desenhá-la, aparte a Lei da Evolução Natural.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é algo de uma forma tão extraordinária como intencional. Nós não podemos vê-la, contudo é assim.

Sr. Kingsland: – Quer dizer que eles desenham como será a árvore quando crescer antes dela ter crescido totalmente?

Sr.^a Blavatsky: – Assim mesmo, tal como o corpo astral de todo o homem, mulher e criança existe antes do corpo físico tomar a figura da forma astral. Os hindus dirão que os Deuses Brahma, Vishnu e Shiva estão todos sob a Lei Kármica. Todos dizem o mesmo. Leiam os livros hindus e encontrarão isso. Todo aquele que está no final do Pralaya, por assim dizer, termina numa certa forma, sob a Lei Kármica.

Sr. Kingsland: – Isso está intimamente conectado com o fenómeno da predição. Como é que os sonâmbulos são capazes de predizer certos acontecimentos que sucedem?

Sr.^a Blavatsky: – Porque os vêem na Luz Astral.

Sr. B. Keightley: – Qualquer um pode obter esse estado. Antes de mais nada, os Dhyani-Choans tomam a ideia nomenal reflectindo-a da Mente Divina, tal como o entendo; supondo-se que é perfeita na Mente Divina, ela é a perfeição. Mas como os Dhyani-Choans a tomam ou reflectem em si mesmos e a transmitem de novo desde o Plano Astral assim a modificando, então desde logo obtêm, seja intencionalmente ou por outra forma, a perfeição modificada do carvalho.

Sr.^a Blavatsky: – É por isso que os Rosacruz e todos os Cabalistas da Idade Média falavam dos espíritos, que todas as espécies, toda a árvore, tudo na Natureza, todo o Reino da Natureza tem os seus próprios elementos, os seus próprios Dhyani-Choans, ou como eles chamam aos espíritos elementais.

Sr. Hall: – Os Dhyani-Choans são as Hamadríades?⁷⁶

Sr.^a Blavatsky: – São os gregos que lhes chamam assim.

Sr. B. Keightley: – Então, por exemplo, quando se tem carvalhos tem-se diferentes variedades deles, cada um bastante diferente do outro. Por assim dizer, são diferenciações de uma única ideia na Mente Divina, diferenciadas em milhares de formas?

⁷⁶ Espíritos das árvores na mitologia grega.

Sr.^a Blavatsky: – Eles são raios partidos de um só Raio, e partindo-se em todos os Planos. Ao atravessarem os sete Planos fragmentam-se em milhares de milhões em cada deles, até que chegam ao Mundo das Formas. Como cada um deles se fragmenta numa inteligência no seu próprio Plano, eis porque cada planta tem uma inteligência. É inútil vir dizer que as plantas sensitivas são as únicas que sentem e tudo isso. Se os botânicos tivessem o mínimo de – não direi ideia cabalística – verdadeiro poder clarividente ou de intuição, veriam que não há planta que não tenha a sua própria inteligência, o seu próprio propósito de vida, a sua própria livre vontade. Por certo não podem caminhar, deambular ou mover-se, porém, têm o seu próprio propósito de vida. Podem fazer isto, aquilo e aqueloutro. Podem fechar as suas pétalas ou abri-las; cada pequena folha de pasto tem as suas próprias ideações.

Sr. B. Keightley: – A sua própria inteligência em seu próprio Plano.

Sr.^a Blavatsky: – E essa inteligência não é a planta, é esse Dhyani-Choan, chamem-lhe elemental, que encarna nela. Parece que somos um grupo de doidos ao acreditar em tudo isto. Os cabalistas riem-se da crença nas ninfas, sílfides, gnomos e tudo o mais, porém, tudo isto está inteiramente certo, pelo que esta não é uma forma alegórica de falar: não há uma só coisa neste Universo que não esteja animada, e todos estes átomos formam algo. São o produto de um tipo de inteligência própria, uma inteligência cósmica que actua.

Sr. Hall: – Penso que os botânicos admitem tudo isso.

Sr.^a Blavatsky: – Só para as plantas sensitivas.

Sr. Hall: – Mas vejam a maneira como implicitamente eles admitem que as plantas crescem para a luz.

Sr.^a Blavatsky: – Vejam o grande fervor da flor solar, o girassol. Move-se sempre para o Sol. Motivo por que no Oriente é considerado um yogui muito piedoso entre as flores, especialmente por estar vestido de amarelo, e têm um grande respeito por ele em várias partes.

Sr. Scott-Elliot: – Porém, certamente as palavras Dhyani-Choan e elemental não são convertíveis. Sempre entendemos a palavra Dhyani-Choan como referente aos que provêm todo o Sistema.

Sr.^a Blavatsky: – Dhyani-Choan aplica-se a tudo. Podem chamá-lo Dhyani-Choan, porém não podem chamá-lo Dhyani-Budhas.

Sr. Scott-Elliot: – Sempre entendi que era Dhuani-Budha.

Sr. Kingsland: – Explicámos tudo isso na quinta-feira passada.

Sr. Scott-Elliot: – Então, esses elementais, toda essa criação, estão a caminho da vida animal, digamos, aqueles que animam as plantas?

Sr.^a Blavatsky: – Assim é, e os animais estão a caminho da Humanidade e a Humanidade a caminho dos Devas ou Dhyani-Choans Superiores. Tenho usado as palavras promiscuamente porque ninguém se deu ao trabalho de aprender desde o ABC até à última letra. Sempre falei dos Dhyani-Choans sem entrar em detalhes, mas são os detalhes que dão a ideia correcta. Sem eles ficarão perdidos e nunca entenderão.

Sr. A. Keightley: – Então, suponho poder-se falar que a evolução do mundo prototípico, desde o reino elemental até aos minerais, animais e seres humanos saídos desse mundo elemental, é igual em outras partes.

Sr.^a Blavatsky: – Como é em baixo, é em cima.

Sr. A. Keightley: – Porém, ao mesmo tempo estão separados ou são o mesmo?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, eles estão separados como você está separado de outro homem que agora possa estar caminhando por Regent Street⁷⁷.

Sr. Hall: – Não será simplesmente sermos as sombras materiais dos nossos protótipos astrais?

Sr.^a Blavatsky: – Isso somos. Os protótipos astrais são as sombras dos seus protótipos superiores que são os Dhyanis, até se chegar aos Dhyani-Budhas.

Sr. A. Keightley: – Pode utilizar a expressão desta forma: há um elemental que está conectado connosco no Mundo Astral, mas nós mesmos estamos separados do elemental no Mundo Astral. Tal como nós, os elementais estão representados no Mundo Astral, mas estare-

⁷⁷ Rua elegante no West End de Londres.

mos representados no Físico?

Sr.^a Blavatsky: – Como também estamos no Mundo Divino.

Sr. B. Keightley: – Não, vou dizer-lhes como isto é. O nosso corpo, as células do nosso corpo físico têm a sua correspondência astral, que podem chamar de elementais. Eles não são nós mesmos, porém como seres humanos teremos a nossa humanidade, por assim dizer, no Plano Astral, aparte os elementais animais que as correspondências do corpo físico.

Sr. A. Keightley: – Era isso o que eu queria dizer.

Sr. B. Keightley: – Os elementais animais no Plano Astral.

Sr.^a Blavatsky: – Essas são questões de imensa dificuldade. São tão complicadas que uma resposta vai fazer surgir outra pergunta e depois outra podendo chegar a mais de dez perguntas. É algo que vocês, europeus, não estão acostumados. É um treino do pensamento que não conseguirão acompanhar a menos que comecem pelo princípio, sendo treinados como são treinados os demais, nisto especialmente os yoguis que começam por um curso sistemático de desenvolvimento das ideias metafísicas, e por diante. Este é um tema muito difícil. Vejam, não basta vir com uma língua muito florida e expressar-se bem numa linguagem fluida. Primeiro que tudo, deve-se saber transmitir às cabeças ou cérebros dos que ouvem, dando-lhes uma representação clara de algo que realmente seja. A menos que se faça isto, os que ouvirem um lindo discurso metafísico, como sei ter sido feito por muitos amigos, acabarão não percebendo nada. Têm que conhecer e compreender tudo e como uma coisa está em relação com outra coisa, devendo começar pelo princípio e passar do universal ao particular. Sem isto, será extremamente difícil para vocês compreenderem algo nos Planos superiores. Esta é uma questão que já debatemos antes.

Sr. A. Keightley: – Há outra pergunta que me surge disso e que queria fazê-la. Não faz muito tempo, estive falando com um homem que disse ter recebido uma comunicação de uma espécie de inteligência que se denominava “Chela”, que escrevia através de um médium. Esse médium, segundo a inteligência, não estava muito preparado. O seu estado variava, assim como as comunicações. Porém, uma frase que utilizou chamou-me a atenção por ser muito curiosa. Dizia:

“Primeiro que tudo devem ter o cérebro numa boa condição receptiva, pois quando o cérebro está numa condição receptiva adequada estimula os músculos da mão para acompanhar as letras que são traçadas num meio subtil”. Provavelmente referia-se às letras na Luz Astral, ou seja, parecia haver uma dupla acção. Primeiro, havia um traçado das letras; segundo, havia uma impressão na mente para estimular os nervos, os músculos e tudo o resto, para seguir com pena e tinta ou lápis aquilo que estava traçado na Luz Astral. É esta uma verdadeira representação da forma como estas coisas se fazem?

Sr.^a Blavatsky: – Quanto as traça da Luz Astral o seu cérebro pode estar adormecido, e simplesmente necessita ter a vontade de as copiar sem necessidade de pensar, quer o indivíduo seja bom, mau ou indiferente, sábio ou idiota.

Sr. A. Keightley: – Porém, isso é algo real. Suponha, por exemplo, que este escrito físico foi traçado previamente na Luz Astral. Se eu fosse médium, a minha mão reproduziria, com o lápis ou a pena e a tinta física, os traços na Luz Astral.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente. Mas para isso certamente deve-a ver, e vendo-a seguramente ocorrerá outro processo no seu cérebro.

Sr. A. Keightley: – Segundo esta explicação, aparentemente estava ocorrendo um duplo processo: não só o da visão como também o da estimulação do cérebro ao seguir o traçado.

Sr.^a Blavatsky: – “Estimulação”, não entendo o sentido disso. Se não querem fazê-lo, talvez o vosso cérebro seja estimulado a fazê-lo. Não consigo entender.

Sr. A. Keightley: – Esta foi a explicação do médium que não é particularmente receptivo.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, passemos à pergunta 6.

Sr. A. Keightley: – Página 63, linha 22 [de *A Doutrina Secreta*, volume I]. “O Manu é uma unidade de consciência humana personificada para a compreensão humana, ou é a individualização do Pensamento Divino aplicada a propósitos manvantáricos?”

Sr.^a Blavatsky: – Oh! Refere-se à raiz *Manus* e à semente *Manus*. Está falando acerca dos catorze [Manus].

Sr. A. Keightley: – (Repete a pergunta).

Sr.^a Blavatsky: – Bem, não falámos disto na última vez, ou a anterior? Creio que me perguntaram se o Manu e aqueles Construtores eram o mesmo. Pelo menos esse é Espírito com a tarefa é cuidar do planeta, e disse-vos que existem sete. Não se lembram disto? Não importa. Bem, querem saber o que é o Manu ou querem simplesmente saber que tipo de consciência possui ou quantas consciências representa? Novamente não entendo isto.

Sr. A. Keightley: – Quer dizer isto: o Manu é o que poderíamos chamar o Pensamento Primário separado numa variedade de inteligências no Mundo Físico? Ou seja, o Manu é aquele de quem procede a variedade de inteligências na Terra, ou é a síntese das diversas inteligências?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não é. É o começo desta Terra, a Humanidade nasce do Manu. Ele foi o único que ficou, enquanto os outros que vieram com ele partiram para outra parte. Ele criou a Humanidade por si mesmo. Ele cria uma filha para si mesmo, e dessa filha surge a evolução da Humanidade, da Alma, do Género Humano. Pois bem, o Manu é uma unidade que contém todas as pluralidades e suas modificações. Sendo palavra sânscrita, o nome *Manu* provém da palavra *Man* (Homem), “pensar”, posto o pensamento em suas acções pelo cérebro humano ser infinito. Pelo que o Manu [Primordial] é o que contém em si mesmo todas essas formas que serão desenvolvidas na Terra do Manu particular. Cada Manvantara tem o seu próprio Manu. Cada [Globo] tem o seu próprio Manu. Deste Manu surgiram os Manus de todo o Kalpa.

Sr. A. Keightley: – Então, praticamente, o Manu está na mesma posição com respeito à Humanidade que um prisma para cada raio de luz branca.

Sr.^a Blavatsky: – Eu lhe chamaria a luz branca que contém todas as outras luzes, que logo passa pelo prisma da diferenciação e evolução.

Sr. A. Keightley: – Então, sendo esse o prisma que decompõe a luz, nesse caso o Manu não tem relação com o prisma que une os raios ou, se se pode dizer, com o prisma de reunião.

Sr.^a Blavatsky: – Referindo-nos ao Manu, não. O Manu é simplesmente o Alfa de algo diferenciado, e quando chega ao Ómega

esse algo desaparece. É então o Ómega, e logo segue adiante.

Sr. A. Keightley: – Então, isso é praticamente o que eu dizia.

Sr.^a Blavatsky: – Excepto, talvez, Swayambhu.

Sr. Kingsland: – Não se poderá dizer que está em relação com cada Manvantara de maneira igual à do Primeiro Logos?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, está na mesma relação se o tomarmos no Plano Físico. Será assim como acontece [no] Plano Universal.

Sr. B. Keightley: – Agora, observem por um momento: pelo lado da consciência, pode se dizer que as células do corpo humano têm cada uma delas a sua própria consciência individual, porém, a unidade da consciência é o Homem. Bem, esta analogia pode aplicar-se ao Manu?

Sr.^a Blavatsky: – Creio que está muito bem.

Sr. B. Keightley: – O Manu é uma unidade de consciência que continuará a ser uma unidade?

Sr.^a Blavatsky: – Que está latente, ou que contém em si tudo isto.

Sr. B. Keightley: – Continua sendo uma unidade apesar da diferenciação. Há uma unidade de consciência num homem, apesar de todas as células do seu corpo que estão individualizadas até um certo ponto. Porém, a unidade de consciência do homem ainda persiste.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, assim é. Penso que é uma boa analogia.

Sr. B. Keightley: – Porque pretendo chegar ao ponto de saber se o Manu representa uma única consciência, se posso aplicar a frase, uma unidade única.

Sr.^a Blavatsky: – Mas supõe que a sua consciência é uma consciência simples? A sua consciência é o reflexo de milhares de milhões de consciências.

Sr. B. Keightley: – Mas ainda é uma unidade num foco.

Sr.^a Blavatsky: – Porém, isso contém ainda toda a consciência que absorveu, e não há ninguém que só tenha tido uma única consciência. Não sei a que se refere com isso da sua mente ser um foco. Desde logo, está aí. Como disse, o Manu é referente ao Pensamento, é o Homem Pensante.

Sr. Hall: – Então, o Manu tem uma individualidade?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, não sei. Não tem individualidade no sentido abstracto.

Sr. Scott-Elliot: – Todas as consciências de que têm estado falando, são os Dhyani-Budhas que estão concentrados no Raio do Homem?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, não. Os Dhyani-Budhas estão no Plano Superior. Não têm nada a ver com as tarefas da nossa Terra. É como pôr, por exemplo, a alguém como grande governador da casa, e logo esse governador não ter nada a ver com o trabalho da cozinheira. Disso não sabe nada, somente governa o lugar. Ou tomemos a rainha se não tivesse uma constituição ou alguém, um imperador. Neste exemplo está o homem que pensa, que não tem nada a ver com o que fazem os subalternos. Se me entendem, isso é algo que pertence a essa mente. Para esse governante estão sob o seu domínio, e no entanto não os conhece. Assim acontece com os Dhyani-Budhas que os emanaram, mas estes não têm nada a ver com eles. É igual aos milhões de células que fazem automaticamente parar o pé, sem se pensar nisso. Cada um pensa ter a sua tarefa prevista para realizar, porém, o Dhyani-Budha é o supervisor. Dei-lhes isto há duas quintas-feiras atrás.

Sr. B. Keightley: – Não tão claro como está dando agora.

Sr.^a Blavatsky: – Muito bem, então. Claro que se continuarmos a conversa ouvirão coisas novas durante os 365 dias do ano, pois o tema é enorme. Não consigo expressar-me. Meu querido Sr. Scott-Elliot, digo-lhe: à medida que envelheço cada vez falo pior o inglês. Começo a desesperar-me. Tenho os pensamentos na minha cabeça e cada vez mais os expresso pior. Para mim é muito difícil expressar-me. Posso escrevê-lo mas é muito difícil dizê-lo.

Sr. A. Keightley: – Então, o Manu é uma unidade de consciência que se diferencia numa multitude.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, é.

Sr. A. Keightley: – Então, o Manu é pré-manvantárico? É a isto que pretendo chegar.

Sr. Kingsland: – Que acontece com o Manu depois do Manvantara?

Sr.^a Blavatsky: – O Manu não é uma individualidade. Não o é. É toda a Humanidade.

Sr. Scott-Elliot: – Toda a Humanidade?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, não é uma individualidade. Os hindus vêm dizendo que o Homem [Manu?] é uma individualidade, mas eu digo que isso não tem sentido. O Manu é isto: os Antepassados, os Pitris, os Progenitores da Humanidade, tal como o chamam.

Sr. B. Keightley: – Em outras palavras, é um nome que se aplica às Monadas que provêm da Cadeia Lunar.

Sr.^a Blavatsky: – Por que se lhes chama Lunares? Porque se diz que a Lua – claro que desafiando toda a Astronomia – é a Mãe da Terra, e tais são as Mónadas. Elas progrediram e atravessaram a primeira Ronda, logo sendo quem após ter se convertido no primeiro Homem, o Manu deu à luz a outros que passaram a evoluir como seres astrais. Eles deram à luz a Humanidade, eles deram à luz os animais e a toda a classe de coisas. Por isso os Puranas dizem, por exemplo, que esse Yogui Superior deu à luz a todas as serpentes e a todas as aves, a isto, aquilo e aqueloutro lá descritos.

Sr. Scott-Elliot: – O que queria expressar é que a Humanidade perfeita de uma Ronda se converte em Dhyani-Choans, ou os Dhyani-Budhas do Manvantara seguinte, os quais são os Governadores que guiam o Universo.

Sr.^a Blavatsky: – Mas a que chama Manvantara? Nós chamamos Manvantara a sete Rondas, sendo um pequeno Manvantara o do nosso Globo.

Sr. Scott-Elliot: – Que relação tem o Manu com a hoste dos Dhyani-Budhas?

Sr.^a Blavatsky: – Não tem nenhuma relação. A hoste dos Dhyani-Budhas desenvolve um grupo inferior de Dhyani-Budhas, estes Dhyani-Budhas um terceiro, e assim sucessivamente. Há sete deles, ainda que no Tibete tomem somente cinco Budhas, que depois disso começam a ser Kosmocratores, Construtores (chamem-nos como quiserem, ainda que todos tenham nomes especiais em sânscrito), desde logo os Construtores da Luz Astral, havendo uma eterna hierarquia na classe de Dhyanis evoluindo para outra classe de Dhyanis. Cada uma se consolida mais, se torna mais material, até chegarem a ser os

Construtores deste Universo, entre os quais estão Manus, Pitris e Lunares ancestrais. Têm como tarefa dar à luz os homens, e dão-na projectando as suas sombras astrais. Logo, a primeira Humanidade (se lhe pode chamar Humanidade) são as Chayas desses Lunares ancestrais, a partir das quais a Natureza física começou a construir o corpo físico que ao início era amorfo. Depois, a segunda Raça foi adquirindo mais e mais [forma]. Primeiro eram assexuados, depois se tornaram bissexuais e após hermafroditas, e logo se separaram e propagaram a Humanidade. Tudo isto é dado em *A Doutrina Secreta*.

Sr. Scott-Elliot: – Então, falando do Manvantara, o Manvantara é o período que compreende sete Rondas ou sete planetas.

Sr.^a Blavatsky: – O Manvantara da nossa Cadeia Planetária.

Sr. Scott-Elliot: – Porém, vejo que em *A Doutrina Secreta* fala de um Manvantara menor.

Sr.^a Blavatsky: – Há um Manvantara menor, há um Manvantara maior e há vários tipos de Manvantaras.

Sr. Scott-Elliot: – Pois bem, pensava que Manvantara significava o círculo, uma só Ronda de sete Mundos, e que esse Kalpa representava o total das sete Rondas nos sete Mundos.

Sr.^a Blavatsky: – Um Manvantara menor significa que está entre dois Manus, pois, como demonstro ali, na realidade existem catorze Manus. Há um Manu-Semente no começo da Ronda e um Manu-Colheita no final da mesma. Portanto, há catorze Manus. Há dois Manus para cada Ronda, mas eles são simples formas de expressão, são símbolos do começo e do final da Humanidade, pelo que são simples sinónimos dos Pitris, dos Pais, dos Progenitores da Humanidade, os Lunares ancestrais. Esses são Manus.

Sr. Scott-Elliot: – Como você chamará à duração de um Manvantara menor?

Sr.^a Blavatsky: – Se tomam a duração exotérica, é uma coisa. Eu não conseguiria contá-la.

Sr. B. Keightley: – Manvantara é simplesmente o período de actividade. Podem descrevê-lo com as doze horas de luz do dia e ao Pralaya como as doze horas de escuridão da noite, ou podem falar do Manvantara como a vida individual do Homem.

Sr.^a Blavatsky: – Há sete tipos de Pralaya e sete tipos de Manvantara, sendo todos mencionados no *Vishnu-Purana* e noutros Puranas, como igualmente todos os tipos de Pralaya e Manvantara.

Sr. B. Keightley: – Simplesmente refere-se a um período de actividade que não está limitado em nenhum dos escritos teosóficos. Nunca é utilizado num sentido definido como um certo período de anos, ainda que se fale de um período específico de tempo.

Sr. Scott-Elliot: – Durante os quais os Raios fazem mover os sete Globos.

Sr. B. Keightley: – Tem a ver com o contexto do Manvantara, mas não se equivocarão muito, porque o que se aplica numa escala maior se aplica a uma escala menor.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 7, página 64, segundo parágrafo: “A água, tal como se usa aqui, é puramente simbólica ou tem uma correspondência na evolução dos elementos?”

Sr.^a Blavatsky: – Eu falo sobre a água só dessa maneira. Vejam, todos vós cometeis um grande erro ao confundir os elementos universais com os elementos terrestres. Agora, mais uma vez, eu não falo acerca dos elementos químicos, só me refiro aos elementos tais como são conhecidos aí e dos quais falámos na última vez. Tivemos uma longa conversa sobre isso. Os elementos universais, que chamarei de nómeno dos elementos terrestres, são elementos cósmicos. O Cosmos não se aplica exclusivamente ao nosso pequeno Sistema Solar. O Cosmos é infinito. Tenho sempre presente na cabeça a infinidade.

Dr. Williams: – São o mesmo que os elementais ou são algo completamente diferente?

Sr.^a Blavatsky: – Os elementais são simplesmente as criaturas produzidas para as diferentes espécies. Ou seja, toda a diferenciação da Matéria produz e desenvolve uma espécie de força da inteligência – ou como lhe quiserem chamar – e a isso os Cabalistas e Rosacruzes chamam de espíritos elementais, espíritos da Natureza. Eles deram uma forma humana a essas coisas. Mas nós dizemos que há uma inteligência e todos eles são uma força dela. Hartmann⁷⁸ escreve

⁷⁸ Franz Hartmann (1838-1912), escritor teósofo alemão. Tratou extensamente das criaturas dos elementos e especialmente dos espíritos femininos da água, as

sobre as ondinas e acredita que são criaturas reais. É demasiado acreditar nas silfídes, pois são criaturas da nossa imaginação e não existem por si mesmas.

Sr. Hall: – Não existirão para a pessoa que acredita neles seriamente?

Sr.^a Blavatsky: – Cada um pode acreditar nos elementais que são criados pelo próprio. Alguns que criam isto ou aquilo. Por favor, isso é o que fazem os espiritualistas (espiritistas)! Podem criar um elemental, mas esse elemental não terá existência fora da sua imaginação vivida. Será uma inteligência, mas a forma e os atributos que lhe derem serão da sua própria criação, e isso algo horrível.

Sr. Hall: – E debilita fisicamente.

Sr.^a Blavatsky: – O converterá num lunático. O evaporará. É por isto que a maioria dos médiuns terminam no manicómio ou se tornam alcoólicos pelo resto da vida. Vejam Kate Fox⁷⁹, vejam Charles Foster⁸⁰ e todos os grandes médiuns. Todos eles estão meio loucos.

Sr. A. Keightley: – Mas então a “água” utiliza-se realmente como o primeiro elemento cósmico.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é. Chama-se-lhe água, obscuridade, sendo o Caos chamado de Água. “As Águas do Espaço” é frase significando que podem ter água. Mas o que é a água? O que é a matéria? A matéria é os três estados sólido, líquido e gasoso. Pois bem, mas no Ocultismo ela possui quatro estado dentre sete estados. Mas limitando a nossa conversa só a este Plano tomado como água em três estados, como matéria nos seus três estados, compreenderéis perfeitamente o que quero dizer.

Sr. A. Keightley: – Eu estou trabalhando no seguinte: a água é utilizada como o elemento original no sentido cósmico, e só depois finalmente no Plano Terrestre ela é precedida pelo éter, pelo fogo e o ar.

ondinas, no seu livro de 1887 sobre *Paracelso* e em *Uma aventura entre os Rosacruz*.

⁷⁹ Kate Fox (1837-1892), uma das primeiras médiuns norte-americanas que terminou os seus dias alcoólica.

⁸⁰ Charles H. Foster (1838-1888), médium norte-americano cujo alcoolismo levou-o ao manicómio em estado vegetativo.

Sr.^a Blavatsky: – Porém, o éter contém em si mesmo o fogo, a água, o ar e tudo, todos os sete elementos. E tem o éter como o agente hipotético da sua Ciência Física e que é a última forma do Akasha. Por aí podem julgar o que seja.

Sr. B. Keightley: – Mas o ponto da pergunta, na realidade, é se o termo “água” aplica-se ao cósmico, à primeira matéria da qual, aparentemente, tudo evolui.

Sr.^a Blavatsky: – Porque ainda não é matéria sólida. Por isso, como sabemos, é que não podemos falar dela se não a demonstrarmos neste Plano, algo que sabemos, podemos conceber e compreender. Agora, pôr “espaço” invés de “água”, como aparece nas escrituras de qualquer Bíblia usando palavra diferente, não tem significado para nós. Chamamos-lhe *água* por não ter a solidez da matéria.

Sr. B. Keightley: – Supondo que nós soubéssemos algo sobre o éter, poderia ser chamado simplesmente éter.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente, mas como chamam os filósofos ao princípio húmido? O “princípio quente e húmido” do qual procedem todas as coisas. “As Águas do Espaço”, podem ler esta expressão em todas as escrituras, nos Puranas e até na Bíblia, e em todas as partes é sempre o mesmo.

Sr. B. Keightley: – Sofia-Akamoth procede das “Águas do Espaço”.

Sr.^a Blavatsky: – Procede dessa Luz Astral.

Sr. B. Keightley: – Sofia-Akamoth procede das “Águas do Espaço”?

Sr.^a Blavatsky: – Moisés diz que se necessita de terra e água para criar uma alma viva. Se quiserem, podem entender – e muito fácil – como significando que o Homem é uma Alma vivente. Nephesh é um elemento dual. Compartilha do meio pré-natal psíquico e metafísico.

Sr. B. Keightley: – Então, a Luz Astral é realmente a raiz.

Sr.^a Blavatsky: – É o protótipo de tudo na Terra.

Sr. B. Keightley: – Versículo 2, estância 3. O Ovo Virgem e o Ovo Eterno são o mesmo, ou são diferentes etapas da diferenciação?

Sr.^a Blavatsky: – Na sua forma prototípica como Ovo Eterno e não como Ovo Virgem, pois este também já está diferenciado.

Sr. A. Keightley: – Você disse que num sentido é a Ovoidade absoluta.

Sr.^a Blavatsky: – Num sentido é assim, mas noutro sentido não é. No sentido da natureza interior da sua essência, a Ovoidade é como digo, porém, no sentido da forma onde aparece para os seus propósitos de diferenciação e evolução, converte-se num Ovo Virgem. Tudo isto é uma forma metafórica de falar. Eu digo que é igual. O Ovo Eterno é uma pré-diferenciação numa condição Laya, e até esse momento (antes da diferenciação) não pode ter atributos nem qualidades. O Ovo Virgem já está qualificado e, portanto, diferenciado, mas é o mesmo como lhes disse. Tudo é o mesmo, nada está separado de alguma coisa em sua natureza essencial abstracta. Porém, no Mundo da Ilusão, no Mundo das Formas, da diferenciação, todos parecemos ser várias pessoas, ser coisas diferentes com toda classe de aspectos. Bem, quem tiver perguntas para fazer que as faça. Penso que há muitas perguntas que me farão mais de uma vez, perguntas sobre outros aspectos que vêm a ser o mesmo.

Sr. A. Keightley: – Quando lhe perguntamos por diferentes pontos de vista, é porque tudo serve para explicar as coisas. Então, podemos pô-las num lugar onde as entendamos.

Dr. Williams: – Quando estava falando sobre escrever desde o que aparente ser a Luz Astral, poderia explicar um pouco mais esses fenómenos? Se há uma escritura na Luz Astral a partir da qual o médium escreve, não implica isso uma forma na Luz Astral?

Sr.^a Blavatsky: – Não, eu não diria que é uma forma. É algo que por momentos assume uma forma compreensível para o médium.

Dr. Williams: – O médium vê ou percebe algo, de contrário não haveria nada sobre que pudesse escrever.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente. Toma isso, a energia potencial, e a essência do assunto assume uma forma compreensível para o médium.

Sr. Hall: – Assume uma forma só no seu próprio cérebro.

Sr.^a Blavatsky: – E a vê. Por exemplo, pronuncie-se agora uma

frase numa linguagem totalmente desconhecida para o médium, que nunca a ouviu. Ele verá a coisa repetida na Luz Astral, não na linguagem que não entende mas na sua própria linguagem. Quando duas pessoas falam, digamos, quando um Adepto fala com o seu chela e este não entende a língua do Adepto nem este a do chela no Plano Físico, não deixam de se entender mutuamente porque cada palavra pronunciada fica impressa no cérebro, ou se quiserem, sem linguagem, só com a linguagem do pensamento.

Sr. Scott-Elliot: – Não se necessita de nenhuma linguagem.

Sr. Hall: – Se perguntar a alguém que conheça bem uma ou duas línguas, verá quase sempre ser incapaz de lhe responder em que língua pensa.

Sr.^a Blavatsky: – Às vezes sou incapaz de dizer em que língua penso. Possivelmente só poderei perceber que penso em alguma língua.

Dr. Williams: – Não é isso uma falta de concentração sobre o aspecto do pensamento? Se alguém concentrar a sua mente, inevitavelmente pensará numa ou noutra das línguas com que esteja familiarizado.

Sr. B. Keightley: – Não, porque quanto mais estiver concentrado em seu pensamento menos pensará nas palavras.

Sr. Hall: – É só quando o homem reflecte posteriormente e tem de dar certa forma aos seus pensamentos. Depois toma uma das línguas que conhece.

Dr. Williams: – O pensamento é algo antes de assumir a forma?

Sr. B. Keightley: – Certamente pode formar o pensamento separado das palavras.

Sr.^a Blavatsky: – Como pensam os surdos-mudos, em que língua?

Dr. Williams: – Bem, há algo que lhes serve como palavras. O significado nas suas mentes é o mesmo.

Sr.^a Blavatsky: – Às vezes as pessoas surdas-mudas aprendem uma linguagem por um método inventado. Depois disso, quando conseguem comunicar os seus pensamentos aos demais, não conseguirão dizer em que língua falam por não possuírem guia.

Dr. Williams: – Porém, as palavras são simples símbolos para expressar qualidades. Nós percebemos as qualidades de várias maneiras e as palavras ficam simplesmente como símbolos das mesmas. Agora possuem outro grupo de símbolos e eles transmitem à sua consciência as mesmas qualidades que as palavras têm para nós, chegando-se assim ao mesmo.

Sr.^a Blavatsky: – Porém, é dito que devem pensar numa linguagem especial.

Dr. Williams: – Eles pensam com a sua linguagem de símbolos.

Sr. Hall: – Creio que não, porque não pode pensar a língua enquanto não a tiver formada.

Sr.^a Blavatsky: – Quando fala, segue as ideias que se formam no seu pensamento? Você não pensa, simplesmente diz o que lhe chega, especialmente no caso de um homem que está acostumado a falar facilmente.

Sr. Kingsland: – Geralmente pensa demasiado rápido quando fala.

Sr.^a Blavatsky: – Mas esse pensamento não se realiza numa língua.

Dr. Williams: – Então, pensamos realmente?

Sr.^a Blavatsky: – Não poderíamos falar e expressar os pensamentos se não pensássemos.

Dr. Williams: – Isso é o que venho analisando. Há algo que precede, sendo a fala o símbolo externo que existe primeiro na mente.

Sr. Hall: – Isso é o verdadeiro pensamento.

Sr.^a Blavatsky: – É o pensamento abstracto.

Sr. Hall: – Um homem nunca deveria ter de procurar as palavras. Quando entende um assunto conhece as coisas de que quer falar, apesar de não encontrar as palavras para traduzir a ideia.

Srta. Kenealy: – A fala é pensamento precipitado, é assim como alguém ter uma solução química e o pensamento ser a solução. A fala é uma solução precipitada.

Sr.^a Blavatsky: – Creio que essa é uma boa definição.

Srta. Kenealy: – Pensa-se ideias, não palavras.

Sr.^a Blavatsky: – De que forma chegaram estes pensamentos ao cérebro? Sei que não os seguindo não poderei dizer o que penso. Penso e digo, mas não posso dizer de que formam chegaram ao meu cérebro.

Sr. A. Keightley: – Então, você não pensa em símbolos?

Sr.^a Blavatsky: – Só quando quero pensar algo e o meditar, mas quando falo, como estou falando agora, nem penso nisso!

Dr. Williams: – Não me refiro a observar os processos mecânicos que ocorrem no seu cérebro, mas sim a que o pensamento deve tomar forma concreta ao ser expressado pela fala, pois em contrário naturalmente não haveria diálogo.

Sr.^a Blavatsky: – Eu só posso julgar pela minha própria experiência.

Sr. Kingsland: – Mas quando se está meditando – por exemplo, sem intenção de pôr em palavras – simplesmente pensa-se em algo e meteta-se sobre isso. Esta é a questão.

Dr. Williams: – Então devo dizer que estamos pensando ou não estamos pensando. Poderíamos cometer o erro que foi atribuído, até certo ponto, a Washington, que andava sempre com a cabeça inclinada com as mãos atrás das costas. Alguém disse que era um homem muito despistado e julgava que ele estava pensando. Parece-me que podia estar ou não pensando. E que durante a meditação ou bem temos pensamentos ou não os temos. Agora, no momento em que temos um pensamento há uma forma concreta da mente, mas isso é, como a Madame observou, uma precipitação, por assim dizer, do reino das ideias. Uma ideia não é um pensamento, é algo totalmente diferente, pois as ideias precipitam-se para os pensamentos.

Sr. B. Keightley: – Porém, penso que pode ter-se pensamentos que não estão expressados em palavras.

Dr. Williams: – Não creio que possa. A partir do momento em que as ideias se precipitam nos pensamentos, então poder-se-á falar. Falamos distinguindo entre o reino dos sentimentos e emoções e o dos pensamentos. Os sentimentos e emoções são só uma das fontes, mesmo sendo na realidade o mesmo. Os sentimentos são só uma das fontes das ideias que são precipitadas em pensamentos.

Sr. Hall: – [Você] tem uma ideia completamente diferente do que nós outros pensamos ser o pensamento.

Sr. Kingsland: – Você classifica o pensamento de maneira diferente.

Sr. B. Keightley (à Senhora Blavatsky): – Quando pensa num artigo, pensa-o em palavras?

Sr.^a Blavatsky: – Nunca.

Dr. Williams: – Se não pensa em palavras, donde vêm as palavras?

Sr. B. Keightley: – Elas vêm depois.

Dr. Williams: – Onde vêm?

Sr. B. Keightley: – Por exemplo, Madame Blavatsky escreve um artigo elaborado como o que acabou de escrever. Bem, eu conheço, pela forma do seu rascunho ou esboço como o artigo foi escrito, a sequência distinta das ideias que existiram na sua mente sem ser em palavras, até as pôr no papel.

Dr. Williams: – Oh, claro. Percebo que o material existe na memória.

Sr. B. Keightley: – Não, não. O plano, a ideia do artigo poderá dizer-se conter os factos que deve abordar. Mas não se diga que escreve no papel o plano a partir do qual cria o seu artigo.

Sr. Kingsland: – O Dr. Williams pretende fazer a distinção entre uma ideia e um pensamento.

Dr. Williams: – Tenho algo mais, que é simplesmente isto: há um momento na evolução do pensamento onde as coisas se manifestam na consciência. Agora, o que existe de prévio a isto? Este é o ponto que procuro há muito tempo. Antes de algo tomar forma na consciência humana, poderemos predizê-lo?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, suponhamos que sou um carpinteiro e quero construir algo, digamos uma estante, mas como o farei se ninguém me indicar fazer desta ou daquela forma? Se deixar aos meus próprios recursos, começo a pensar que será desta ou daquela forma. Mas este pensamento não é criado no meu cérebro, é antes o que é posto em concordância com certa corrente de Luz Astral fazendo-me

pensar na privação daquilo que devo fazer. Expressei agora de forma que se entenda?

Sr. Kingsland: – Suponhamos que uma pessoa concebe o seu argumento e sabe o que vai dizer, sabe exactamente o que é. Ainda que leve cinco minutos para responder, pensou-o em cinco segundos.

Dr. Williams: – O pensamento é instantâneo. Mas deve passar pelo que leva tempo ao precipitar-se, por assim dizer, no reino do espaço e tempo. Então os movimentos da boca tomam o tempo.

Sr. Kingsland: – Seguramente já sabia que resposta pensava dar.

Sr.^a Blavatsky: – Dr. Williams, acredite-me, talvez diga um enorme absurdo e talvez não. Tal como entendo, parece-me que o pensamento é uma perfeita esponja que se embebe na Luz Astral. E quanto mais capacidade tenha para embeber ou absorver ideias que estão na Luz Astral, mais ideias se terá. Agora, as pessoas que estão embotadas é porque o seu cérebro não é como uma esponja como as das outras. São esponjas muito duras através das quais se passa com dificuldade. Porém, os nossos pensamentos – chamamos de nossos apesar de ser só uma forma de dizer – desde o começo, desde a origem dos mesmos, existem por toda a eternidade. Estão em algum lugar, seja neste ou no Plano da Ideação Divina. Nós não podemos inventar nada que não tenha sido ou não seja.

Sr. Kingsland: – O cérebro simplesmente consegue captá-lo.

Sr.^a Blavatsky: – Um homem que seja muito inteligente e um homem que seja muito estúpido, deve-se simplesmente à capacidade dos seus cérebros físicos em conceber as ideias. Agora estou falando ocultamente.

Dr. Williams: – Então, qual seria a sua definição de um pensamento?

Sr.^a Blavatsky: – Deve perguntar-me algo mais fácil. Não sou uma oradora, não consigo responder numa boa linguagem. Vejo-o e entendo, mas não consigo expressá-lo.

Srta. Kenealy: – O pensamento é uma faculdade da mente superior e a fala é uma faculdade da mente inferior, em grande medida automática e mecânica.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porém há algo mais além disso. Essa é a definição no Plano Físico, mas deve ir mais além.

Sr. B. Keightley: – Chega-se a esta pergunta: qual é o poder da fala que faz transmitir ideias? Porque de facto existe. Sei que ao ler outras línguas podem-nas ter em inglês. Frequentemente acontece-me isto ao ler alemão. Se estou lendo alemão, especialmente livros difíceis, ao chegar a uma palavra que nunca vi antes num composto de palavras que conheço, ainda assim ao ler tenho uma ideia precisa do seu significado. Frequentemente tenho comprovado isto ao encontrar essa mesma palavra.

Srta. Kenealy: – Uma espécie de correspondência.

Sr. Kingsland: – É a palavra que se encontra no contexto.

Sr.^a Blavatsky: – Diga-me outra coisa. Como é que uma pessoa de inteligência normal, ou muito inteligente, que seja capaz de falar, escrever e tudo isso, quando adoece acontece-lhe algo – por razões fisiológicas – e o cérebro fica tão embotado que a pessoa não consegue desenvolver uma só ideia, não consegue pensar, escrever e nem expressar nada? Isso demonstra que há algo, que há uma razão fisiológica que fecha as vias pelas quais passam todas as ideias desde a Luz Astral. É ou não assim? Pergunto a essas senhoras que têm estudado fisiologia.

Sr. B. Keightley: – Todos sentem que o seu cérebro está cheio de algodão e que não têm nenhuma ideia de qualquer natureza.

Dr. Williams: – Lembro que faz alguns anos que um artigo meu foi criticado por um cientista materialista, dizendo que o fez sentir como se tivessem metido formigas no seu cérebro. Deve ter ficado congestionado no seu esforço em entendê-lo.

Sr. Hall: – Não acreditam que quando uma pessoa vê uma palavra que não conhece mas faz uma ideia clara dela, é porque, de certa maneira, haja uma relação magnética?

Sr.^a Blavatsky: – Com o homem que escreveu ou com o quê?

Sr. Hall: – Com as ideias do homem que escreveu tendo-as obtido da Luz Astral.

Sr.^a Blavatsky: – Mas como acaba de dizer o Sr. Kingsland, talvez seja o que precede e segue. O sentido geral da frase faz com que se adivinhe a palavra.

Srta. Kenealy: – Há uma correspondência directa entre o pensamento e as palavras? Eu acredito que sim.

Sr. B. Keightley: – Entre pensamento e som. Não necessariamente entre pensamento e palavras, já que existe um elemento arbitrário nas palavras.

Sr.^a Blavatsky: – Vejam, é por isso que eu digo que o testemunho humano é algo tão pouco confiável. Por exemplo, estamos falando havendo duas ou três pessoas na habitação, com uma das pessoas podendo estar dizendo-me algo. Em 99 de 100 casos, essa pessoa estará dizendo-me algo que entenderei à minha maneira, e depois talvez recorde que entendi isso, porém, no meu cérebro não haverá algo que represente o que essa pessoa disse. É por isto que é impossível ir repetir o que outro disse, porque não repetirá cada palavra, pois não reteve na memória, e simplesmente repete as sugestões do seu próprio pensamento, com variações.

Dr. Williams: – Alguns indivíduos recordam as palavras e repetem-nas ao pé da letra. Costumavam fazer isso mais do que fazem agora, tendo passado por essa necessidade. Lembramos os primeiros princípios em que se baseiam as comunicações, e podemos usar palavras diferentes para expressar esses princípios que nos foram transmitidos. Acredito que surgiram das necessidades dos tempos, da mudança do modo como adquirimos conhecimento e o transmitimos. Mas penso que a prova de toda a mente humana, a prova da verdade, deve ser a de volver-se para o conhecimento da sua própria constituição. Não me refiro a qualquer prova possível pela verdade da mente individual, excepto a do maior ou menor grau de conhecimento da sua própria constituição. E parece-me que este mesmo assunto do pensamento e mente vai directamente de regresso à raiz de tudo. Se ouvirmos uma bela música ou olharmos uma bela pintura, podemos não ter um pensamento sobre elas e ainda assim ficarmos comovidos, e tudo isto é emocional. Assim, penso que é muito frequente confundir-se uma emoção de sentimento por um pensamento, ou por uma série de pensamentos. Pelo que queria fazer essa distinção entre sentimento e pensamento, e entre ideias e pensamento. No momento em que algo chega ao pensamento, tendo a mente coordenado os materiais pelos quais o pensamento aporta, então toma forma e logo somos capazes de falar. Portanto, quando pensamos em algo podemos expressá-lo falando.

VII

**A Sociedade Teosófica.
Encontro da Loja Blavatsky
em Lansdowne Road, Holland Park,
na quinta-feira, 21 de Fevereiro, 1889.
O Sr. Harbottle na presidência.**

Sr. B. Keightley: – Primeiro há algumas perguntas adicionais sobre alguns pontos que apenas tocámos na última vez. Estância 3, sloka 2: “A vibração atravessa”, etc. (Lê de *A Doutrina Secreta*) A primeira pergunta é: como devemos entender a expressão de que a vibração abrange todo o Universo e também o gérmen? Mas por gérmen não se refere ao gérmen do Universo que ainda não existia?

Sr.^a Blavatsky: – Agora ponha esse longo discurso em frases mais curtas, porque não entendo a que se refere. Mas talvez eu vos entenda muito mais do que vocês a mim.

Sr. B. Keightley: – Como não fui quem quem fez a pergunta, não posso dizer nada.

Sr.^a Blavatsky: – Quem a fez que se levante e explique.

Sr. Kingsland: – Creio que a pergunta se refere à explicação acerca do gérmen do Universo que ainda não existia, sendo que o gérmen somente existia no Triângulo Primordial.

Sr.^a Blavatsky: – Então, o que é que quer dizer quando se refere ao Universo imanifestado? O Universo não é eterno?

Sr. Kingsland: – Aqui não se usa o termo “Universo imanifestado”.

Sr.^a Blavatsky: – Usa então “manifestado”?

Sr. Kingsland: – Não se usa nenhum dos dois.

Sr.^a Blavatsky: – Se não se usa nenhum dos dois, significa o Universo imanifestado, porque aqui são ambos termos puramente abstractos. O Universo não significa o Kosmos ou Mundo das Formas, mas sim o Espaço amorfo, o futuro veículo do Universo que será manifestado. Em contrário, como poderíamos falar, como o fazemos, do

Universo imanifestado? O mesmo para o gérmen. O gérmen é eterno e assim deve ser a Matéria, ou melhor, os átomos indiferenciados da futura Matéria, e por isso se diz serem indiferenciados e eternos. Portanto, esse gérmen é um com o Espaço, tão infinito quanto indestrutível, e tão eterno como o mesmo Espaço abstracto. Entendem agora? Passa-se o mesmo com a palavra vibrada. Quem poderá imaginar que aqui o termo queira significar um som audível real? Ele é figurativo.

Sr. Kingsland: – Sim, mas não é figurativo no mesmo sentido que é figurativa a emanção do primeiro triângulo?

Sr.^a Blavatsky: – Não passa de figurativo, mas falando do Universo que mais posso dizer? Devo dizer “o Espaço onde estará o Universo”?

Sr. Kingsland: – Não corresponde a vibração ao ponto, ao Logos Imanifestado?

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Porém, fá-lo desde a obscuridade que significa aqui o “mais além”, inclusive mais além do Primeiro Logos. Isto é o que significa.

O Presidente: – O Raio do Eterno Logos é que é a vibração?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não, não. Leiam isto novamente e se entenderá.

Sr. B. Keightley: – A primeira sloka é esta (lê novamente de *A Doutrina Secreta*, estância 3, sloka 2).

Sr.^a Blavatsky: – Bem, tudo isto é figurativo.

Sr. Kingsland: – E toda a sloka refere-se ao período antes de haver alguma manifestação.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente. Refere-se às coisas abstractas, à potencialidade daquilo que vai ser. O Espaço é eterno, como se repete muitas vezes em *A Doutrina Secreta*. O Espaço é algo que existirá se houver um Universo manifestado ou um Universo imanifestado. Este Espaço é sinónimo de Universo. É sinónimo das “Águas do Espaço” com tudo, com a obscuridade eterna e com Parabrahman, por assim dizer.

Sr. Kingsland: – Então, esta vibração dá-se inclusive antes de começar a diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é o que estou dizendo. Leia esta segunda pergunta.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 2: o gérmen é o ponto no círculo, o Primeiro Logos?

Sr.^a Blavatsky: – Precisamente. O ponto central está em toda a parte, enquanto o círculo da circunferência não está em parte alguma. Isto significa que todas essas expressões são simplesmente figuras de linguagem. Creio que isto o prova.

Sr. B. Keightley: – Significa só isto?

O Presidente: – Penso que algumas vezes não se apercebe como termos aparentemente novos baseiam-se nos antigos, mas creio que isto os explica.

Sr. Kingsland: – Parece que se salta um pouco para trás. Começámos a analisar o que é a diferenciação e agora parece que recuamos.

O Presidente: – A primeira estância é negativa e a segunda é positiva, num certo sentido. Quase toda a primeira estância diz: “Não havia isto, não havia aquilo, não havia aqueloutro. É simplesmente uma descrição do nada ou do todo”, enquanto na segunda estância começamos com aquilo que precede a diferenciação, como se fosse o primeiro movimento.

Sr. B. Keightley: – Falando que será positivo, de facto.

O Presidente: – Realmente não é isso?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Totalmente, isso é o que tenho estado dizendo.

O Presidente: – Com efeito, realmente refere-se aos mesmos pontos.

Sr. B. Keightley: – Então a terceira sloka: “A Obscuridade irradia Luz”. Pergunta 3: isto é equivalente ao Primeiro Logos convertendo-se no Segundo Logos?

Sr.^a Blavatsky: – Ora vejam esta pergunta, se se lembrarem das interpolações anteriores ela foi respondida mais de uma vez. A Obscuridade, em regra geral, refere-se à Totalidade desconhecida, à Absolutez. Tudo isto é uma questão de analogia e comparações. Contrastando com a Obscuridade eterna, certamente que o Primeiro Logos é a

Luz; contrastando com o Segundo, o Logos Manifestado, o Primeiro é a Obscuridade e o Segundo é a Luz. Tudo depende de comparar este com aquele Poder, em que Plano está e assim sucessivamente. Agora isto fica claro?

Sr. B. Keightley: – Sim, e alegro-me de ter feito esta pergunta porque traz uma explicação geral.

Sr.^a Blavatsky: – Se respondesse analisando todos os pontos de vista, não seriam dois mas vinte e dois volumes. Como é possível responder de outra maneira senão em termos gerais?

Sr. B. Keightley: – Pergunta 4. A frase é: “A Obscuridade irradia Luz, e a Luz faz cair um Raio único nas Águas”. Por que a Luz está representada pela queda de um Raio? Como é que este Raio é representado em conexão com o triângulo?

Sr.^a Blavatsky: – Porque por muitos poderes que apareçam neste Plano, saídos dos seus primeiros princípios originais, todos acabam reunidos na unidade. Nós falamos das sete cores prismáticas, porém todas elas procedem do raio único branco e acabam devolvidas a esse raio; pois bem, é este Raio solitário que se expande em sete raios nos Planos de Ilusão. É representado em conexão com o triângulo porque este é a primeira figura geométrica no plano tridimensional, pois não podemos apresentar figuras que só podem ser representadas em Planos dos quais não fazemos a mínima concepção ou ideia. Portanto, somos obrigados a tomar isso que tem certo aspecto neste Plano. É expressado por Pitágoras, assim como pelas antigas Estâncias. É o Raio que Pitágoras chamava a Mónada descida de nenhum lugar, *a-Loka*, caindo como uma estrela através dos Planos do não-Ser no primeiro Mundo do Ser, indo dar nascimento ao número 1. Depois, descendo para a direita na direcção oblíqua, deu nascimento ao número 2. A seguir, indo pelo ângulo direito deu começo ao número 3, e daqui reascende num ângulo oblíquo (estou usando a expressão correcta?) novamente para o número 1, donde desaparece uma vez mais no Reino do não-Ser. Estas são palavras (não sei como as traduzir melhor) indicando que no começo passa por inumeráveis Mundos de não-Ser, Mundos amorfos onde não pode existir a forma, donde proce e cria o primeiro ponto. Depois procede para a direita numa direcção oblíqua e cria o número 2. Tendo criado o número 2,

prossegue e cria o número 3, donde regressa ao número 1 e deste desaparece no não-Ser.

Sr. B. Keightley: – Onde está o ângulo recto?

O Presidente: – Há um ângulo recto? É um triângulo equilátero.

Sr. Kingsland: – É um ângulo agudo.

Sr.^a Blavatsky: – Por favor, se não é um ângulo recto, como chamam a uma horizontal como esta (desenhando com um lápis no papel) quando chega aqui (apontando)? Refiro-me a isto obliquamente. Tenho algo diferente em mente.

Sr. Gardner: – Serão 45°.

Sr.^a Blavatsky: – (Descreve o ângulo com um lápis no papel).

Sr. B. Keightley: – O ponto a que realmente devemos chegar, é este: na sua concepção, os dois lados do triângulo estão imaginados como se fossem iguais. Por que é um triângulo perfeitamente simétrico?

Sr.^a Blavatsky: – É um triângulo tal como o apresenta Pitágoras.

Sr. B. Keightley: – É um ponto muito importante, porque vocês sabem que o triângulo rectângulo é uma figura muito importante na ciência geométrica e Pitágoras foi o descobridor das suas maravilhosas qualidades.

Sr.^a Blavatsky: – Da sua hipotenusa, porém isso não é assim. Então ponhamos uma horizontal em vez de um ângulo recto.

Sr. Hall: – Mas que horizontal? Não se pode ter uma horizontal imaginária.

Sr.^a Blavatsky: – Nisso não posso acompanhá-los. Não sou perita em geometria, matemáticas nem nada disso.

Sr. Kingsland: – É uma linha de ângulos rectos em relação ao raio, começando pelo ponto.

Sr. Hall: – É um triângulo equilátero?

Sr. Kingsland: – Sim.

Sr. B. Keightley: – No momento em que pensam num ponto e na linha descendente, têm um imaginário ângulo recto horizontal para a primeira linha.

Sr. Hall: – Então esse raio descende primeiro que tudo.

Sr. B. Keightley: – Não verticalmente.

Sr.^a Blavatsky: – Primeiro que tudo descende verticalmente. Cai como uma estrela, como já disse, e logo segue na direcção oblíqua; depois vai na direcção horizontal e regressa assim obliquamente, como ele disse, e novamente se eleva.

Sr. Hall: – Entendo isso.

Sr.^a Blavatsky: – Isto é o que Pitágoras dá nos velhos livros, porque Pitágoras estudou na Índia e foi chamado o *Yavanâchârya*⁸¹. Todos os livros estão cheios de tradições do mestre grego, porque era um mestre em muitas coisas que aprendeu com os *Brahmines*, com os Iniciados, tendo ensinado muitas coisas aos não-Iniciados. Todos diziam terem aprendido com Pitágoras. Muitas tradições falam dele como regressando ao seu país no Ocidente indo ensinar isto, aquilo e aqueloutro. Estive lendo muitas coisas. Ele é chamado o *Yavanâchârya*, o mestre grego.

Sr. Kingsland: – Então, você diz que quando este Raio único forma um triângulo é quando começa a diferenciar-se?

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente. O triângulo é a primeira diferenciação do Raio único. Certamente é sempre o mesmo Raio, dele surgem os sete Raios, e estes sete podem ser como ele que começou do desconhecido ao conhecido e logo produzem o triângulo.

Sr. Kingsland: – Depois de ter chegado ao ápice e formado o triângulo, quer dizer que começa a diferenciar-se?

Sr.^a Blavatsky: – Nesse momento começa a diferenciar-se.

Sr. Kingsland: – Então, o Raio solitário é aqui simplesmente equivalente ao ponto.

Sr. Hall: – Quero fazer uma pergunta. Você disse: “todos os Planos do não-Ser”, mas como é que pode haver Planos do não-Ser?

Sr.^a Blavatsky: – Podem, mas seria demasiado longo explicar agora. Há Planos do não-Ser. Compreendo perfeitamente a sua objecção mas é assim.

⁸¹ Termo sânscrito para *Ionian*, “Mestre”, o nome grego por que era conhecido na Índia.

Sr. B. Keightley: – Então, novamente num sentido há algo (claro que noutro sentido da palavra que usamos aqui) que pode chamar-se diferenciado, ainda que não da forma como conhecemos o termo.

Sr.^a Blavatsky: – Entendo que isso é toda a pergunta. Não está “diferenciado”, porém há diferentes Planos. Para nós, o Plano inferior aparece diferenciado, mas ali há justamente isso que não está diferenciado para nós, e que para nós é Ser e Matéria. São tudo analogias. Não podemos alcançar com o nosso intelecto finito esse que é um Princípio original, puro e indiferenciado. É totalmente impossível, não só neste Plano como até ao Plano 77.

Sr. Hall: – Então, numa instância assim não se pode alcançar nenhum Plano onde não haja um Plano superior?

Sr.^a Blavatsky: – Posso assegurar que não conseguirá. Primeiro deve desencarnar e depois encarnar 77 milhões de vezes. Eu gostaria de saber o seguinte: como é que algo finito pode compreender o que é infinito? Tudo isto é especulação humana, meu querido senhor, mesmo que venha do mais elevado intelecto do mundo, do mais elevado Adepto Iniciado. É como dizem os Mestres: de que até os Dhyan-Choans Superiores do Sistema Solar não conseguem fazer qualquer concepção do que haja nos Sistemas superiores, ou aqueles superiores ao nosso Sistema Solar. É totalmente impossível, porque por mais elevados que possam ser (podemos chamá-los de deuses pessoais e mais do que isso) são ainda finitos. Eles não são a Unidade, o Absoluto. E chegará o momento em que terão de se dissolver de alguma maneira, sejam cremados ou enterrados, não sei, mas haverá de chegar o momento final para eles.

Sr. Hall: – Então, há um ponto finito que se pode chamar, de certa forma, o ponto finito absoluto da viagem?

Sr. B. Keightley: – Ponto finito? Veja, não pode conectar de nenhuma maneira o Absoluto com o finito.

Sr.^a Blavatsky: – Desespera-me a maioria querer ir mais além, querer tocar, querer ouvir, querer sentir e, de certa forma, conceber isto com um dos seus cinco sentidos físicos, pois de outra maneira muito poucos entendem. Trata-se, querido amigo, do efeito da sua educação desde a infância. Todos vós fostes criados numa espécie de atmosfera material devendo ter tudo posto à vossa frente para ser

entendido por um dos vossos sentidos, pois em contrário não poderiam entender. Inclusive ao Deus em que acreditam, fazem-no sentir nojo, fazem-no sentir bondade, fazem-no sentir doçura, fazem Dele isto, aquilo, aqueloutro e toda a espécie de coisas, algo assim como se esse Deus fosse um homem gigante e nada mais.

Sr. Hall: – Mas o que eu queria era dizer isto: quando chega o final do Manvantara para todo o Universo, por assim dizer, tudo é reabsorvido pelo Absoluto, ou então quando termina o Maha-Pralaya e começa um novo Maha-Manvantara, não diria que, se posso usar o termo, houve um ponto especial?

Sr.^a Blavatsky: – Tudo depende do Maha-Pralaya a que se refere. Refere-se ao este pedaço de Terra que chamamos de nossa Cadeia Planetária ou ao Maha-Pralaya de todo o Universo?

Sr. Hall: – De todo o Universo.

Sr.^a Blavatsky: – Mas que sabemos disso? Em comparação com os hindus, não sabemos nada. Eles só põem quinze zeros para o demonstrar.

Sr. B. Keightley: – Como pode responder à pergunta? Como pode perguntar?

Sr. Kingsland: – Leu este último artigo sobre Parabrahman?⁸²

Sr. Hall: – Não.

Sr. Kingsland: – Não perguntaria se o tivesse feito. Leia-o e encontrará nele a resposta à sua pergunta. Está lá tudo.

Sr. B. Keightley: – Sim, está lá tudo.

Sr.^a Blavatsky: – Fiquemo-nos por aquilo que podemos conceber. Não saiamos fora dos limites não só do Universo como também do Kosmos e fiquemo-nos pelo nosso Sistema Solar. E isto é mais do que podemos entender ou conceber nas nossas vidas inteiras. Como tudo é “como o que está em baixo, está em cima”, e já que este é o primeiro axioma nas Ciências Ocultas, podem fazer as vossas analogias contando que o poder de todo o homem o permite. Este é o conselho que vos posso dar. Alguns quererão ir mais além disto, outros

⁸² *Parabrahman*, por Amaravella (Edouard Coulomb), traduzido na revista *O Lótus* por G.R.S. Mead. *Theosophical Publishing Society*, Londres, 1889, vol. I, n.º 18 da revista *Theosophical Siftings*.

não conseguirão chegar a isto. Todos podem fazer as suas concepções, mas fiquemo-nos por este Sistema Solar que de momento é o suficiente. Em contrário, fica-se distraído e não se consegue nada.

Sr. Kingsland: – Depois desta última prescrição, penso que realmente devemos traçar uma linha neste tema em particular.

Sr.^a Blavatsky: – Porque antes de mais nada acontecerá que alguns de vós, senhores, ficarão com febre cerebral, e logo terei a miséria de os ver encerrados num asilo de lunáticos. Posso assegurar-lhes que é assim e pode acontecer isso.

Sr. B. Keightley: – Prescrevo o seguinte a Hall: se quer entender o significado da sua pergunta, peço-lhe que se sente por meia-hora e escreva o número um e prossiga fazendo zeros durante esse tempo. Quando tiver feito isso, irei pedir-lhe que ponha em palavras a numeração que escreveu, e quando o tiver feito dir-lhe-ei que está falando do primeiro e segundo Maha-Manvantaras.

Sr. Hall: – Porém, em teoria não havia...

Sr.^a Blavatsky: – Oh, teoria! Aí está.

O Presidente: – Tome a analogia, não a teoria.

Sr. B. Keightley: – Sloka 4 (lê de *A Doutrina Secreta*). Pergunta 5: “A Essência Radiante é o mesmo que o Ovo Luminoso? Qual é a raiz que cresce no Oceano de Vida?”

Sr.^a Blavatsky: – Vejam, isto é novamente o mesmo. Vocês não permitem o mais pequeno modo de expressão metafísica. Por favor, sois todos iguais, deve haver nisso certa solidariedade, pois o que um diz o outro repetirá. Mas eu não faço nenhuma distinção, porque um é responsável pelo outro. Claro que a Essência Radiante é igual ao Ovo Dourado ou Luminoso de Brahma. “A raiz que cresce no Oceano de Vida” é a potencialidade que se transforma na diferenciação objectiva, é o germen universal subjectivo, omnipresente, indiferenciado, ou a eterna potência da Natureza abstracta. Agora, isto fica bem assim? Fica claro? O “Oceano de Vida” é a “Vida Única”, *Paramâtma*, a Alma Transcendental Suprema e Única. É *Jivâtman* quando falamos da Alma da Natureza física e animal, ou antes, a diferenciação da Alma da Natureza. Todas estas expressões encontram-se na Filosofia Vedantina, e agora tentem memorizá-las. *Paramâtma* e *Jivâtman* são identicamente iguais, tal como a Alma de um homem ou de um animal,

ou *Nephesh*, é igual, apesar de haver uma distinção: uma é a Alma Suprema subjectiva do Único, e a outra já se encontra no Universo manifestado, ou seja, *Jivâtman* é a Vida que dá razão de ser ao átomo, ao Homem e a toda a Criação – plantas, minerais, etc.

O Presidente: – E o outro é a potencialidade. Potência e potencialidade expressam a diferença.

Sr. B. Keightley: – Logo você diz nos comentários falando da Essência Radiante: “de um ponto de vista astronómico”, etc. (lê de *A Doutrina Secreta*, 67, b). Pergunta 6. “A Essência Radiante, a Via Láctea ou a Substância do Mundo, dissolve-se em estrelas ou átomos ou é não-atômica?”

Sr.^a Blavatsky: – No seu estado Pré-Cósmico, claro, a Essência Radiante é não-atômica, se por átomos se referem às moléculas ou unidades compostas. Nisto, onde já viram algum átomo real que me possam mostrar? Um átomo é simplesmente um ponto matemático em relação à matéria. É o que nós chamamos em Ocultismo de ponto matemático.

Sr. B. Keightley: – Tem posição, tem localização.

Sr.^a Blavatsky: – Tem localização, certamente, mas não uma localização como vós a entendeis, porque um verdadeiro átomo não pode estar neste Plano.

Sr. B. Keightley: – Isso eu entendo.

Sr.^a Blavatsky: – Então, por que pergunta? É apenas quando alcança este Plano que deve sair do tempo e espaço.

Sr. Kingsland: – Um átomo não pode fazê-lo, mas uma molécula sim.

Sr.^a Blavatsky: – O que é que vocês os químicos chamam de átomo?

Sr. Kingsland: – Isto dever ser “reduzido a estrelas ou moléculas”, não “a átomos”. Se agora lerem neste sentido estará tudo correcto.

Sr. B. Keightley: – Então, “isto é reduzido a estrelas ou moléculas ou é não-molecular?”

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, porque a matéria deste mundo desloca-se de um Plano para outro e forma tudo o que vêem, todas

as estrelas e todos os mundos, e assim continuamente.

Sr. Kingsland: – Então, quando se poderá dizer que estão suficientemente diferenciadas para as chamar de moléculas?

Sr.^a Blavatsky: – As moléculas, como você lhes chama, estão simplesmente no nosso Globo. Nem sequer estão em outros Globos da nossa Cadeia Planetária, não existem da mesma forma. Esses outros já estão noutro Plano.

Sr. Kingsland: – O éter não é molecular, por exemplo?

Sr.^a Blavatsky: – Não sei. Poderia ser molecular se o seu estado inferior, ou mais baixo, o fosse. Mas o éter da Ciência, aquele de que a Ciência suspeita, é a manifestação mais grosseira do Akasha. Quando penetra algo, ou forma algo, pode ser molecular, porque toma a sua forma. Agora, lembrem-se que o éter está em todas as coisas beneditas que possam imaginar, não há nada no Universo que não tenha éter. Por isso dizemos que toma uma forma, mas não fora da matéria grosseira que também é éter, apesar de somente cristalizado. O que somos, o que é a matéria, senão apenas éter cristalizado? Isto é a matéria.

Sr. Kingsland: – Então, o éter está a caminho de uma diferenciação inferior, ou no seu caminho do Akasha indo transformar-se em éter neste Manvantara ou num futuro que conheceremos como agora conhecemos os átomos físicos.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente que assim é, mas não neste Manvantara.

Sr. B. Keightley: – Não sei se estou correcto, mas tal como entendendo a diferença entre átomo e molécula, estritamente falando, é esta: uma molécula deve estar composta de vários átomos. É esta a ideia geral que se transmite.

O Presidente: – Não necessariamente, porque também há moléculas não atômicas.

Sr. Kingsland: – Isso é só um termo químico.

Sr. B. Keightley: – E um átomo é somente isso.

Sr.^a Blavatsky: – Posso dizer-lhes algo para gravarem na vossa mente? Tomem uma molécula e imaginem que essa molécula é um ser independente *per se*. O sétimo princípio de cada molécula será o

átomo de que falam. Porém, não o posso pesar numa balança nem tocar os seus compostos químicos numa retorta. Agora entendem ao que nos referimos como átomo? O átomo é o sétimo princípio de cada molécula, é o [mais subtil?], o mais minúsculo que podem encontrar neste Mundo. E qual é um dos nomes de Brahma? É *Átomo*, é chamado *Átomo*, e ao mesmo tempo que é um átomo Ele é o todo.

Sr. Gardner: – É *Atma*?

Sr. Kingsland: – Agora está referindo-o num sentido puramente metafísico. Será muito importante distingui-lo da forma usada pelos químicos.

Sr.^a Blavatsky: – Mas todos estão tomando as suas ideias e corrigindo a sua linguagem donde os químicos as tiram. Eu sou a mais ignorante do mundo com respeito à Química. Por que deveria encher a minha cabeça com as especulações de hoje, quando amanhã terei de as tirar e tomar outras? Chegaram ao ponto onde não há uma só coisa em que possam sentir-se toralmente seguros, mesmo dizendo que existe ali e a verdade permanecerá. Isso é um axioma, pois a verdade de hoje é o erro de amanhã.

Sr. B. Keightley: – Creio que seria bom se pudesse dar-nos – não pelo nosso ponto de vista, mas pelo ponto de vista oculto – a definição de átomo e molécula, de maneira simples que possamos entender.

Sr.^a Blavatsky: – Olhem, para fazer algo assim teriam de fazer um glossário e dicionário de termos ocultos. Por exemplo, um glossário como o que temos agora, pretendendo dar alguns conceitos sobre certas palavras que os orientistas utilizam sem saberem o que significam, e assim ampliar as ideias dando-lhes mais definições, mais sentidos, tentando fazer algo para a melhor e mais clara compreensão das pessoas. Porém, se agora começássemos a utilizar os termos do ponto de vista oculto, nenhum de vocês entenderia uma só palavra por não terem qualquer concepção das mesmas. Primeiro devem estudar a Ciência e simplesmente compenetrar-se de que todas essas coisas realmente existem no lado oculto da Natureza, antes de poderem compreender estes termos. Assim, de que servem eles? Agora, por favor, façam uma pergunta e deixem-me ver se consigo responder de maneira que possam ou não compreender. O que é que querem?

Sr. B. Keightley: – Queremos saber sobre este átomo.

Sr.^a Blavatsky: – Estou totalmente pronta.

Sr. Kingsland: – Se o átomo é uma concepção metafísica abstracta de um único ponto metafísico, como é que podemos falar de que as moléculas são compostas de átomos?

Sr.^a Blavatsky: – Eu nunca disse isso. Uma molécula, uma das que vocês falam, é composta de uma enorme quantidade de outras moléculas que não conseguem ver, cada uma delas é composta de um grande número e o átomo é – isso que vocês chamam átomo, não sei em que sentido – algo imaginado, pois o que chamamos de átomo é simplesmente o sétimo princípio da molécula, como de tudo o mais, desde a mais pequena molécula que possam encontrar.

Sr. Kingsland: – Neste Plano, tome um dos metais. Tome o ferro. Há algo que será a molécula mais pequena do ferro, ou seja, algo que não pode ser dividido sem perder as suas propriedades de molécula.

Sr.^a Blavatsky: – Em que se converte e por que se chama ferro? Por que enganar o público ao chamar-lhe um elemento?

Sr. Kingsland: – Em que se converte?

Sr.^a Blavatsky: – Se perde a sua propriedade molecular e se converte em outra coisa, que coisa diferente é essa?

Sr. Kingsland: – Eu suponho...

Sr.^a Blavatsky: – Mas a Ciência não deve supor. Eu pergunto à Ciência.

Sr. Kingsland: – Não, não, nós estamos falando do oculto, tentamos chegar ao que ensina o Ocultismo.

Sr.^a Blavatsky: – Quando se torna não-molecular funde-se em um dos seus princípios, do qual não sabem nada. Não há nada neste mundo que não tenha os seus sete princípios. Fixe-se: o que para nós é o átomo mais pequeno no plano da realidade, na realidade é algo muito objectivo.

Sr. B. Keightley: – Vejam, a ideia científica do átomo ou da molécula, particularmente da molécula (porque a ideia de átomo é muito vaga), não tem nada a ver com o volume, quer seja visível por um microscópio ou não. A sua definição é esta: se uma molécula de ferro for

destruída, deixará de mostrar as propriedades que sabemos tê-la caracterizado no Plano Físico. Insere-se de maneira específica em determinada condição química.

Sr.^a Blavatsky: – Certo, certo e certo, isso é tudo.

O Presidente: – Mas eles não sabem qual seja.

Sr.^a Blavatsky: – Então, por que vêm dogmatizar? Afirmamos que são os princípios, digamos, do corpo astral.

Sr. B. Keightley: – Não estou falando do que se passa mais além.

Sr.^a Blavatsky: – Os químicos não apercebem o corpo astral no que não é molecular.

Sr. B. Keightley: – A ideia química disto está completamente – e a entendemos – limitada neste ponto. Eles não sabem o que se passa depois disto, e por isto estou tentando obter alguma ideia do que o Ocultismo diz a respeito, porque a Ciência cruza os braços e diz: “Não sei”.

O Presidente: – A morte da molécula de ferro não é igual à perda do corpo físico na chamada morte no Plano Físico? Os princípios sobreviventes são sempre iguais, menos o corpo. Então, a molécula é o princípio terrestre.

Sr. B. Keightley: – O ferro não é própria e ocultamente um elemento. Não merece essa designação.

O Presidente: – É um elemento num sentido. Não é um elemento no sentido em que falamos dos quatro ou sete elementos. É um elemento no sentido usado por Crookes. É um elemento no sentido científico, formado pelo prótalo ou a matéria indiferenciada. Neste sentido é um elemento porque tem propriedades definidas.

Sr.^a Blavatsky: – É o princípio elemental, e não vão mais além disto. Disseram-me uma vez que eles analisam e fraccionam a molécula de ferro e esta transforma-se em duas outras coisas que poderiam chamá-las elementos. A isso diria: então, muito bem, só têm de lhe dar um nome para depois terem motivo de conversa. Mas se vierem dizer-me que se transformou em nada, então vão para a cama!

Sr. B. Keightley: – Até ao momento, a Ciência não conseguiu fragmentar a molécula de ferro.

Sr.^a Blavatsky: – Se não tem tido êxito, então por que se fala disto? Não o fazem mas falam do que se poderia fazer.

Sr. B. Keightley: – Crookes disse haver a probabilidade de algum dia o conseguirem.

Sr.^a Blavatsky: – Então falemos disto. Se até agora não o fizeram, por que devemos falar disto?

Sr. Kingsland: – O Ocultismo diz que é possível fazê-lo. Queremos saber o que será isso quando for feito?

Sr.^a Blavatsky: – Não será um princípio, serão vários princípios. Passará do plano da objectividade ao plano da subjectividade.

O Presidente: – A molécula é o produto final na diferenciação da matéria, e se conseguem destruir a dita molécula, no sentido em que os cientistas usam o termo, ela simplesmente voltará ao [estado] indiferenciado.

Sr.^a Blavatsky: – Peguem o grão de areia mais minúsculo, quebrem-no e vejam o que seja. Mas não conseguirão obter os primeiros princípios da origem das coisas neste Plano, pelo que Crookes continuará procurando durante 30.000 anos e não conseguirá encontrar nada, porque é impossível ver algo dessa natureza neste Plano.

O Presidente: – Não conseguirá fazê-lo neste Plano. Deve-se estar noutro Plano antes de poder fazer. O que Crookes fez com certos metais é algo muito diferente, ele simplesmente descobriu que as pessoas se equivocaram ao pensar que eles eram homogêneos. Isto é algo diferente.

Sr. B. Keightley: – Não, não! A sua teoria – esteja certa ou não, já que não tenho elementos para a julgar – vai um pouco mais além disso. Ele disse que o que são chamados elementos – o ferro e outros, oxigénio, hidrogénio, etc. – são, se posso usar a frase, pontos de equilíbrio estável na diferenciação do prótalo. Ele dá essa figura curva e mostra como todos esses elementos representam diferentes fases de equilíbrio, mais ou menos, conseguindo pôr um atrás do outro em densidade ou com certa propriedade. Então, a pergunta é: qual é a ideia apropriada para ligar estes pontos que agora se conhecem em Química como elementos, observando-os no sentido que Crookes lhes dá? Ou seja, apesar de serem corpos elementais representam

estes pontos de equilíbrio estável, as etapas da evolução da matéria neste Plano.

Sr.^a Blavatsky: – Não sou capaz de destacar uma palavra.

O Presidente: – No outro dia, faz pouco tempo, você disse que os três primeiros gases podiam referir-se a isto. Há algo acerca disto em *A Doutrina Secreta*.

Sr. B. Keightley: – Queremos pôr-nos de acordo sobre a palavra que podemos aplicar àquilo que agora chamamos de elementos.

Sr.^a Blavatsky: – Podemos chamar de *Anu*? Significa átomo, porém, é o nome de Brahma.

Sr. B. Keightley: – O que quero é nomear esses corpos que existem no Plano Físico e possuem essas características.

O Presidente: – Chamam-nos elementos químicos, isto responde à sua pretensão.

Sr.^a Blavatsky: – Pense nisto: que nome lhes poderemos dar? Depois as pessoas dirão que criámos uma confusão.

O Presidente: – Se dizemos elementos químicos, sabemos perfeitamente bem que nos referimos ao fogo, água, terra e ar.

Sr. B. Keightley: – Enquanto se disser que o termo elementos químicos não é usado com a ideia de serem corpos elementais mas simplesmente etapas da evolução, segundo o ponto de vista de Crookes, podemos adoptar essa frase.

Sr.^a Blavatsky: – Essas são as falsas noções das moléculas.

Sr. B. Keightley: – É só uma ideia.

O Presidente: – Não poderá chamar-lhes falsas noções dos elementos.

Sr.^a Blavatsky: – Bom, se não é uma máscara, é uma falsa noção.

Sr. B. Keightley: – De todo o modo, o facto é que não sabemos o que são.

Sr. Hall: – De qualquer maneira, eles são considerados aparentes pelos químicos.

O Presidente: – Creio que a melhor frase para eles, é: *elementos químicos*.

Sr. B. Keightley: – Tem algo mais sobre a Essência Radiante ou já leu tudo?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, já li tudo. Agora estamos na [pergunta] número sete.

Sr. B. Keightley: – Você refere-se aqui, falando sobre a Substância do Mundo e a Matéria Primordial, à alegoria do “Batido do Oceano do Espaço”. Pergunta 7. Pode dar-nos uma ideia de como as analogias do “batido do oceano”, da “vaca da abundância” e da “guerra no céu” estão relacionadas entre si e com o processo cosmogônico?

Sr.^a Blavatsky: – Agora, imaginem só isto: devo dar algo que comece no nariz e acaba no fim do Maha-Pralaya, e devo dar em uma ou duas sessões da Loja Blavatsky em cinco minutos. Como é possível fazer uma pergunta como essa? Se me dessem uma vigésima parte da pergunta, seria capaz de responder. Em primeiro lugar, sabem o que significa o “batido do oceano” para os hindus?

Sr. B. Keightley: – Conheço a história, a alegoria.

Sr.^a Blavatsky: – Mas, o que significa na realidade? Significa simplesmente uma representação alegórica das inteligências prístinas invisíveis e desconhecidas, os átomos da nossa Ciência Oculta, formando e diferenciando o Oceano Sem Praias da Essência Radiante. Significa que são os átomos que batem no Oceano e estão a diferenciar a Matéria. É simplesmente uma representação alegórica.

Sr. B. Keightley: – Refere-se também a um processo que mencionou sobre o movimento voraginoso.

Sr.^a Blavatsky: – Certo, mas esse é um dos detalhes. Falo do aspecto geral disso, sendo essa a representação alegórica desse período. Agora, é muito difícil estabelecer as analogias entre o “batido” e a “guerra no céu”. Esta guerra começou na primeira vibração do amanhecer manvantárico e terminará com o toque da última trombeta. Ou seja, a “guerra no céu” será eterna. Os teólogos podem ter tomado um período e ter feito nele toda a espécie de coisas, como, por exemplo, a queda do Homem – ainda que a imagem dada no Apocalipse possua um significado diferente na realidade; porém, esta guerra no céu está acontecendo eternamente.

O Presidente: – Enquanto houver diferenciação, deve haver guerra.

Sr.^a Blavatsky: – Não se pode dizer de outra maneira. É como a luz e a obscuridade combatendo e onde uma tenta vencer a outra. Diferenciação significa contraste, e o contraste é o combate.

O Presidente: – Mas há várias etapas da guerra no céu, referida sob diferentes nomes.

Sr.^a Blavatsky: – Claro. Tem a astronómica e a física para a guerra no céu que, em geral, dá-se quando começa o primeiro Manvantara, e então, para todos, o tempo tem uma guerra nos ciclos. Há uma guerra no ciclo dos catorze Manus que se supõe serem os Génios do nosso plano manvantárico, os Manus-Sementes e os Manus-Colheitas. A guerra no céu significa que há uma luta e um ajuste, porque tudo tende a harmonizar-se e a equilibrar-se; tudo deve equilibrar-se antes de assumir qualquer tipo de forma. Os elementos que compõem cada um de nós estão sempre lutando, um sobrepondo-se ao outro e com isso mudamos a cada momento, exactamente como dizem alguns dos seus homens de ciência, ou como diz alguém quando está enfermo: “Já não sou o homem que era antes, sou uma pessoa diferente”. Isto está muito certo. Nós mudamos a cada sete anos de nossa vida, às vezes tornando-nos piores do que éramos antes.

O Presidente: – Então, realmente não parece haver muita analogia entre esse batido e o outro, porque esse é um processo especial.

Sr.^a Blavatsky: – Refere-se ao batido pelos Deuses, quando os Nagas vieram e alguns deles roubaram a Amrita provocando a guerra entre os Deuses e os Assuras, e os Deuses foram vencidos. Isto refere-se à primeira porção, à extensão do Universo e à diferenciação da Matéria Primordial, prístina.

Sr. Hall: – Inclusive literalmente, *bater* significa diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, meu querido Hall, sois um pandit! Mas *bater* também significa algo mais. Há sete significados simbólicos para tudo, e não um só. Cosmogonicamente falando, é a isso que se refere, mas também há outras coisas. Podem recordar no *Apocalipse* há algo no oitavo ou no décimo segundo capítulo quando aparece a Mulher.

Sr. B. Keightley: – Sim, e São Miguel e o Dragão.

Sr.^a Blavatsky: – Disso não quero falar agora. Perguntem tudo o [mais] que quiserem.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 8. Em que sentido pode chamar-se entidades aos números?

Sr.^a Blavatsky: – Quando não há uma inteligência, quando refere os dígitos, então não são mais do que símbolos, signos para expressar uma ideia, pelo que serão entidades inteligentes. Mas qual é a sua ideia ao perguntar isso? O que é que pensa disso?

Sr. B. Keightley: – Realmente não sei quem fez a pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – De quem é esta pergunta?

Sr. Coulomb: – Minha. Queria saber qual é o significado dos números.

Sr.^a Blavatsky: – Por que não olha os dedos das suas mãos? Verá que tem cinco dedos em cada mão.

Sr. Coulomb: – Mas não são inteligentes. (Risos)

Sr.^a Blavatsky: – Perde tempo fazendo perguntas inúteis.

Sr. B. Keightley: – Todas estas são as perguntas escritas.

Sr. Hall: – Gostaria de saber como vivifica os números.

Sr.^a Blavatsky: – Não os vivifico de nenhuma maneira. É assim que os vivifico.

Sr. Hall: – Como atrai a inteligência para eles?

Sr.^a Blavatsky: – Perguntem noutra altura, amanhã cedo. Sem dúvida há muitas coisas que querem saber.

Sr. Hall: – Isso pode fazer-se.

Sr.^a Blavatsky: – Como gostam de fazer perguntas que são positivamente, bom, que começam em parte nenhuma e terminam em nenhuma parte!

O Presidente: – Parece-me que o Sr. Hall quer saber onde se encontra o valor oculto dos números.

Sr.^a Blavatsky: – Tenha paciência e o saberá.

Sr. Hall: – Não perguntei tanto quanto isso.

O Presidente: – Porém, expressou a sua pergunta nessa direcção. Essa é uma pergunta interessante.

Sr.^a Blavatsky: – É melhor que comecem pelo A.B.C. da questão, perguntando-me a primeira parte e eu simplesmente responderei. Não

venham perguntar-me algo pela metade e sim pela ordem do mesmo, e assim estarei totalmente pronta para responder.

O Presidente: – Será que todos os números que temos, ou que possamos ter, podem reduzir-se às suas diferentes relações com os primeiros sete Raios? Tudo entra de alguma maneira, certo?

Sr.^a Blavatsky: – Todos, sim, todos, porque os sete Raios são sete Princípios, sendo que o primeiro conta por dez. É igual com as Sephiroths, pois se tomarem as sete Sephiroths inferiores e as três superiores, totalizam dez. Este é o número perfeito.

O Presidente: – Assim como todas estas combinações, todas as combinações possíveis pertencerão a um ou a outro dos Raios?

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente. Têm o Raio branco e logo vem a sua gradação que forma o primeiro. Tomem o prisma, em que ordem se obtêm as cores, lembrem-se? As cores revelam-se e assim que se começa podem vê-las como são.

Sr. Kingsland: – Por que se fala aqui da Essência Radiante com sete dentro e sete fora?

Sr.^a Blavatsky: – Porque tem sete princípios no Plano da Manifestação e sete princípios no Plano da não-Manifestação. Posso dizer-lhes algo mais? Que examinadores-cruzados sois!

Sr. Kingsland: – Cruzados, não!

Sr.^a Blavatsky: – Não, examinadores-cruzados.

Sr. B. Keightley: – Dali regressa aos Planos do não-Ser.

Sr.^a Blavatsky: – Posso assegurar-lhes que se dessem ao incômodo de simplesmente ler as coisas e depois formar uma ideia na vossa cabeça, chegariam às correspondências e analogias e entenderiam sem necessidade de fazer nenhuma dessas perguntas. Porque, como já disse, o seguinte é um axioma e uma regra de que não devem apartar-se: o que está em baixo é como o que está em cima, o que está em cima é como o que está em baixo. Mesmo que disponham isto noutro Plano, chegarão sempre ao mesmo.

Sr. B. Keightley: – Para a minha mente ficou absolutamente clara esta ideia de que o que referimos como não-Ser e não-Manifestação, deve se entender como se referindo somente a nós mesmos, à nossa inteligência e intelecto. É muito evidente que você não pode falar nem

se refere em *A Doutrina Secreta* ao não-Ser *absoluto* e à não-Manifestação *absoluta*.

Sr.^a Blavatsky: – Refiro-me ao não-Ser absoluto do ponto de vista dos nossos intelectos finitos e relativos. Foi isso que fiz, mas de nenhum modo será o que é, porque o que para nós é a *absolutez* num Plano superior será algo relativo para quem nele estiver.

Sr. B. Keightley: – E se for ainda mais acima, irá tornar-se algo ainda mais relativo. Em verdade, os nossos intelectos são capazes de traçar uma linha na apercepção do Absoluto.

Sr.^a Blavatsky: – Estão todos muito capacitados, mas se encherem os miolos com ninharias o vosso cérebro se tornará uma gelatina homogénea. Isto é algo muito perigoso. Tratem de ir subindo passo a passo e não saltem nenhum degrau da escadaria, pois em contrário sereis conduzidos a lugares muito estranhos.

Sr. Kingsland: – Perguntava-me em quanto se aplicará isto às moléculas de que falámos atrás.

Sr.^a Blavatsky: – Aplica-se igualmente às moléculas. As moléculas inferiores podem aplicar-se a esse Plano onde são vistas e provadas pelos vossos químicos.

Sr. Kingsland: – Mas as sete exteriores não se referirão somente a esses Planos de matéria.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, referem-se, sobrando as sete internas. As que estão mais além, mais além estão. Podemos dizer que são 49, ou a multiplicação das sete *ad infinitum*. Diz-se isto simplesmente para cobrir o terreno. Portanto, há sete fora e sete dentro. Sete fora é uma maneira de dizer, porque elas estão abaixo, enquanto as sete dentro não nos dizem respeito, porque não as podemos entender, não sabemos nada sobre elas. Mas de nenhuma maneira isto limita-se a catorze (faz uma pausa). Bem, todos esperam e ninguém fala.

Sr. Johnston: – Eu não entendi claramente o que significava a guerra no céu. Pode haver num lugar de bem-aventurança algo que lhe traga a guerra?

Sr.^a Blavatsky: – A guerra no céu significa simplesmente o espaço. Se falam do céu do ponto de vista cristão, claro que será o céu com as harpas douradas.

O Presidente: – Ou mesmo se tomarem o céu latino.

Sr. Hall: – Ou então tomem o veículo original, que significa espaço.

Sr. B. Keightley: – Só na Europa, particularmente na Igreja, existe a ideia do céu como um lugar de bem-aventurança. A própria palavra não tem esse significado.

Sr.^a Blavatsky: – Porque o Altíssimo no Céu significa simplesmente o Sol. Significava isso antes do *Cristianismo*, e significa isso depois do *Cristianismo*. Durante quatro ou cinco séculos não tiveram uma ideia mais elevada de Deus que o Sol, posso assegurar-vos. Deixem-nos vir agora dizer que era um símbolo ou signo visível, etc. Eu digo que não tinham uma concepção mais elevada. Não me refiro aos Iniciados, refiro-me às gentes, às massas, aos *hoi polloi*. Não há um símbolo mais apropriado no mundo que o do Sol, o Sol da Vida, Radiação e tudo, Luz, Ser e Saúde, sendo o Altíssimo no Céu.

Sr. Johnston: – Creio que se refere à concepção cristã.

Sr.^a Blavatsky: – Depois disso o que é *Dyaus* no Céu, o *Dyaus* sânscrito, converteu-se em *Deus*, e este *Deus* era o Legislador. O Filho e o Sol dos Céus converteu-se no Pai em cada Céu, enquanto o “Céu” transformou-se na Morada da Pai, e assim Ele foi humanizado ou antropomorfizado.

Sr. Johnston: – Agora vejo em que sentido se utiliza.

Sr. B. Keightley: – Encontrarão tudo acerca da guerra no céu em *A Doutrina Secreta*, segundo volume.

Sr.^a Blavatsky: – Verão o que é, porque faz referência à evolução da Humanidade, à inteligência da Humanidade, quando o Homem surgiu do Animal, não de animal, isto é, não dos símios ancestrais darwinistas, quando era simplesmente uma massa de matéria instintiva e então foi dotado de inteligência. Verão assim o significado da guerra no céu quando se diz que os Anjos lutaram, ou por outras palavras, encarnaram na Humanidade.

O Presidente: – Agora têm um aspecto especial disto, um de muitos.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, o aspecto metafísico, um dos sete. Há o aspecto astronómico e toda a espécie de aspectos. Por que será que

na Igreja dão pão e vinho? Por que será que têm a comunhão do pão e do vinho? Simplesmente porque era uma oferenda ao Sol e à Terra. Falando metaforicamente, supunha-se que a Terra fosse a Noiva ou a Esposa do Sol e que o Sol fecundava a Terra, e aí estava o significado do vinho e do pão. É uma das cerimónias e festividades mais antigas que finalmente os teólogos adoptaram para a Igreja. É uma cerimónia puramente pagã. Numa parte foi referida como pertencendo aos Mistérios de Proserpina, noutro lugar foi chamada com outro nome e assim sucessivamente. E logo que chegou e desembarcou na Igreja converteu-se em *um* sacramento. Tem-se o Sol, tem-se a Terra, tem-se a Humanidade, a Humanidade que não é o Sol mas sim o Filho, que é o Terceiro. E logo foram feitas todas essas cerimónias com estes Mistérios. Vou falar em *Lúcifer* sobre a raiz do Ritualismo e a Maçonaria moderna, sobre o Ritualismo da Igreja e da Maçonaria moderna, e poderão ler no próximo número de *Lúcifer*, pois dei começo a uma série de artigos.

Sr. Gardner: – Quer dizer que só o Sol representava?

Sr.^a Blavatsky: – Não, de maneira alguma, o Sol representava o Pai e a Lua a Mãe. Como a Humanidade representava o Filho e o pão e o vinho eram produções da Terra, logo se fizeram sagrados nessas cerimónias solares. Eram oferecidos a todos os deuses solares, a Baco, a Apolo e a todos: “Esta é a minha carne e este é o meu sangue”, e assim é. Talvez fira os sentimentos de alguns cristãos aqui. Quem de vocês é cristão? Penso que são todos uns tristes infiéis, pelo que posso ver, pois ninguém ficou muito ferido. Se alguém ficou ferido nos seus sentimentos cristãos, que fale.

Sr. Hall: – Não, aqui não mora Pedro.

Sr.^a Blavatsky: – Porque me perguntaram e estou obrigada a dizer-lhes o que sei. Se houvesse um clérigo aqui, talvez me abstinhasse. Não, não creio que ele o fizesse, porque não precisa vir aqui ouvir coisas que não lhe agradam.

Sr. Gardner: – Há uma pergunta que gostaria de lhe fazer, e refere-se a isso no segundo volume de *A Doutrina Secreta* falando sobre a Pirâmide.

Sr.^a Blavatsky: – A Pirâmide tem novamente algo a ver com o Filho.

Sr. Gardner: – Você disse que o Homem está representado pelo 113, valor numérico. Quer dizer que em hebraico essa é a palavra para Homem?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, na Cábala assim é. Cabalisticamente, é o valor dos caracteres hebraicos.

Sr. B. Keightley: – Segundo o Sr. Ralston Skinner.

O Presidente: – Mas 113 soma 5, e a estrela de cinco pontas representa o Homem.

Sr.^a Blavatsky: – Representa o Homem pelas letras, porque a palavra hebraica significa Homem. Se tomarem cada letra e os números correspondentes e os colocarem juntos, tais números darão 113.

Sr. Gardner: – O valor numérico das letras hebraicas.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente das letras hebraicas. Não significa o mesmo nas letras sânscritas. Eu nunca disse que possuía, porque cada sistema tem os seus próprios cálculos. Em hebraico passa-se algo muito diferente. Se tomarem todos os signos do Zodíaco, juntarem-nos e somarem os números, cada signo do Zodíaco corresponderá ao nome de um dos doze filhos de Jacob.

Sr. Gardner: – É Homem em hebreu, não é Homem em inglês.

Sr.^a Blavatsky: – Não, mas a língua inglesa não inventou a língua da Cábala. Ela toma a propriedade de outras pessoas e dá-lhe um sentido muito diferente.

Sr. Gardner: – Então, creio haver um erro de impressão aqui. Você diz 113 entre 2, mas deve ser 133 entre 2.⁸³

Sr.^a Blavatsky: – Talvez seja um erro de impressão. Não posso responder por isso.

Sr. B. Keightley: – Creio que está numa citação de Ralston Skinner.

Sr.^a Blavatsky: – Ralston Skinner é um maçom e um extraordinário cabalista.

Sr. B. Keightley: – É um erro reproduzido por erro seu.

Sr.^a Blavatsky: – Assim parece. Se tivesse prestado atenção não o teria feito.

⁸³ *A Doutrina Secreta*, II, 466.

Sr. Gardner: – Então, tome-se desde a parte superior do último piso até ao tecto (da Grande Galeria da grande Pirâmide de Gizeh).

Sr.^a Blavatsky: – Podem encontrar tudo isso em Smyth⁸⁴. Ralston Skinner fez a sua análise, mas está totalmente equivocado nisto, porque fala como se alguma vez tivesse existido o Templo de Salomão ou a Arca de Noé, e assim por diante. Mas nunca existiram nessas medidas.

Sr. Gardner: – E nunca foi removido esse cofre na Câmara do Rei.

Sr.^a Blavatsky: – Eu vi-o faz alguns anos. É um com o piso como pude ver, mas não estou segura.

Sr. Gardner: – Sabe se significa algo oculto esse nicho na Câmara da Rainha?

Sr.^a Blavatsky: – Tudo tem o seu significado e tudo se relaciona com mistérios, com os mistérios da Iniciação. Era o Grande Templo da Iniciação oficial.

Sr. B. Keightley: – As opiniões de Smyth não são aceitáveis. Não são correctas porque Petrie⁸⁵, que era um piramidólogo antes de sair dali, passou meses verificando cuidadosamente as medições de Piazzi Smyth, dando-lhe na cabeça ao provar que as suas medições estavam erradas.

Sr.^a Blavatsky: – Mas Ralston Skinner não pega em Smyth, pois tirei-o disso. Durante os últimos três anos tenho estado em correspondência com ele, tendo-lhe dito para ter cuidado. É assim: dei-lhe as correspondências com os caldeus como se encontram nos ensinamentos hindus, aceitou as minhas sugestões e encontrou três ou quatro erros. Tenho uma quantidade de manuscritos seus onde expõe as suas ideias, mas não está seguro dos factos e fica-se pelas ideias. Agora mudou de ideias no seu novo livro onde quer que eu escreva um capítulo introdutório.

Sr. B. Keightley: – Vejam, todos esses homens podem chegar a enlouquecer vítimas de uma ideia fixa.

⁸⁴ Charles Piazzi Smyth (1819-1900), astrónomo real da Escócia.

⁸⁵ William Flinders Petrie (1853-1942), egiptólogo inglês.

Sr.^a Blavatsky: – Não podem aprender nada a menos que sejam totalmente imparciais e não tenham isso como um passatempo. Em contrário, seguramente irão misturar tudo e não farão com que as suas especulações se ajustem aos factos mas sim que os factos se ajustem às suas especulações.

Sr. Gardner: – Não é certo se alguns desses homens procuravam encontrar ali outras câmaras, apesar de um deles ter mantido uma luz para cima de tal maneira que nenhuma brisa externa a pudesse tocar, no entanto a vela ondulou e chegou à conclusão de que haveria outra câmara. Pouco tempo depois chegou uma mensagem do Quediva⁸⁶ ordenando-lhe que parasse a busca.

Sr.^a Blavatsky: – O Quediva é um burro nessas ciências. Ele nem sequer é maçom, aparte ser um jovem muito simpático.

Sr. Gardner: – Ele poderia ter a ideia de o fazer.

Sr.^a Blavatsky: – Qual ideia?

Sr. Gardner: – Essas ideias chegam no momento adequado.

Sr.^a Blavatsky: – Conheci-o quando ainda nem usava calças, sendo uma criança de cinco anos. Conheço-o muito bem. Era um menino muito simpático que se tornou num jovem bastante agradável. Mas posso assegurar-lhes que não há nada de místico nele.

Sr. Hall: – Creio que o Sr. Gardner se refere a que alguém possa tê-lo convencido a o fazer.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, o seu pai. O seu pai com todos os seus grandes vícios, com toda a sua imoralidade, o Pasha Ismail⁸⁷, que apesar de tudo era um homem que tinha uma veia mística. Tinha sempre perto de si os beduínos e os monges, e conhecia vários homens que eram extremamente cultos. Mas este não sabe nada, foi educado por amas inglesas e francesas no harém das suas várias mães.

Sr. Kingsland: – E ele nem sequer é maçom.

Sr. B. Keightley: – Seria interessante saber se esses lugares secretos, essas câmaras, existem debaixo da Pirâmide.

⁸⁶ Título do Governador do Egipto, o Pasha Tewfik (1852-1892).

⁸⁷ 1830-1895, deposto a favor do seu filho em 1879.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente existem.

Sr. B. Keightley: – Mas devem estar protegidas de alguma maneira.

Sr.^a Blavatsky: – Estão protegidas de muitas maneiras. Estão protegidas pelo zelo dos árabes e estão protegidas de muitas, muitas formas. E a menos que se desvie o Nilo num certo lugar, nunca se conseguirá chegar a elas. Teriam de desviar o Nilo para chegar à porta de ferro que existe até hoje e não é aberta desde há dois mil anos. Há um maçom que a conhece, um maçom chamado [*texto deixado em branco*] que era o Venerável da Loja.

Sr. Gardner: – Na Loja do Cairo.

Sr.^a Blavatsky: – Que é uma das Lojas da verdadeira e real Loja Maçónica.

Sr. Hall: – Como pode durar 2.000 anos uma porta de ferro?

Sr.^a Blavatsky: – Por que uma porta de ferro não poderá durar 2.000 ou 20.000 anos?

Sr. Gardner: – Não se oxidaria?

Sr.^a Blavatsky: – Não se oxidaria. Apesar da incredulidade de alguns, afirmo que existe.

Sr. B. Keightley: – O ponto é que toda a porta de ferro, não importando a sua grossura, oxida-se em mil anos.

Sr.^a Blavatsky: – Não se desfaz.

Sr. B. Keightley: – Sim, mesmo que esteja carcomida e totalmente porosa.

Sr.^a Blavatsky: – Meu querido senhor, digo-lhe que está protegida. Não é uma porta de ferro como a acabada de vir de um ferreiro. Foi concebida tal qual aconteceu com as suas múmias, e se estas duraram até hoje, suponho que uma porta de ferro também dure.

Sr. B. Keightley: – O interessante é que os outros são infernalmente avaros, se soubessem procurariam as coisas que ali estão.

Sr.^a Blavatsky: – Não sabem. Falei com Maspero⁸⁸, que é membro da Sociedade Teosófica. Passei um dia inteiro com ele no Cairo,

⁸⁸ Gastón Maspero (1846-1916), egiptólogo francês.

e perguntei-lhe sobre todos os papéis que tinha encontrado. Maspero é o director do Museu Boulaq⁸⁹.

Sr. B. Keightley: – Mas agora ele já não está em Boulaq.

Sr.^a Blavatsky: – Estava lá na ocasião. Sentámo-nos entre os túmulos e as velhas múmias, falou-me das coisas que havia descoberto e disse-me que “nunca as poderei revelar ao mundo porque perderei o meu posto”. Já Marriette Bey⁹⁰ o tentara fazer e não foi ouvido, tendo a Academia dito algumas coisas muito desagradáveis acerca dos segredos que ali estão. Disse-me que se encontrara uma habitação que estava cheia – tendo sido Maspero quem a descobriu, diga-se de passagem – de toda a espécie de retortas e objectos alquímicos, esses utensílios que os alquimistas usavam, e vários pergaminhos que encontrou, leu e decifrou, suficientes para ver que continham todos esses segredos alquímicos. Inclusive encontrou alguns pós e coisas de que estava seguro serem pó para fazer ouro, encontrando-o nesse quarto que existe até hoje. Eu quis ir lá, mas a Sr.^a Oakley⁹¹ não podia ficar mais tempo.

Sr. Gardner: – Isso fica perto de Luxor.

Sr. B. Keightley: – O que acontecerá a toda a sua colecção quando morrer?

Sr.^a Blavatsky: – Ele é um homem muito novo, de uns 38 anos. Não tem mais de 38 anos.

Sr. Gardner: – Que cargo tem ali?

Sr.^a Blavatsky: – Director do Museu de Boulaq, no Cairo. É um dos egiptólogos mais cultos.

Aqui encerraram a sessão.

⁸⁹ A antiga sede do Museu de Antiguidades Egípcias, situado no bairro Boulaq, no Cairo.

⁹⁰ Auguste Mariette (1821-1881), egiptólogo francês.

⁹¹ Isabel Cooper-Oakley (1854-1914), teósofa inglesa que acompanhou H.P.B. à Índia em 1884.

VIII

**A Sociedade Teosófica.
Encontro da Loja Blavatsky
em 17 Lansdowne Road, Holland Park, S.W.
Na quinta-feira, 28 de Fevereiro, 1889.
O Sr. Harbottle na presidência.**

Sr. B. Keightley: – Continua a estância 3, sloka 5: “A raiz se mantém”, etc. (lê de *A Doutrina Secreta*). Quer dizer que isto permanece?

Sr.^a Blavatsky: – Desculpe, isso é do Sr. Kingsland. Bem, deixemos que seja ele a começar, pois foi quem fez a pergunta e respondo-lhe primeiro. Deixem que seja assim. Agora, “que isso se mantenha” significa que qualquer que seja a pluralidade da manifestação, tudo é um elemento único. Une-se sempre em um.

Sr. B. Keightley: – Na realidade significa que são diferentes aspectos do elemento único.

Sr.^a Blavatsky: – Do único, certamente.

Sr. Kingsland: – A partir disso parece querer dizer que se mantém quase sem diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, não, não se metam com a linguagem se não conseguem dizer nada melhor. Reparem, como sabem eu tentei traduzir isso o melhor que pude, o mais próximo do original.

Sr. B. Keightley: – Mas então, no Comentário dos Coágulos, você disse: “Os Coágulos são a primeira diferenciação”, etc. (lê de *A Doutrina Secreta*). Devemos supor que a Via Láctea é composta de matéria num estado de diferenciação diferente daquela que conhecemos?

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente que sim, é o armazém dos materiais desde o qual se produzem novas estrelas, planetas e todos os corpos. Não se pode ter matéria nesse estado aqui na Terra, é impossível, é outro tipo de matéria.

O Presidente: – É o protylo.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, não, não é o protylo. É inferior mas bastante diferente. É certamente um armazém de todo o tipo de materiais que quando chegam à Terra, digamos, ao nosso Sistema Solar, estão totalmente diferenciados. Aparte isso, a matéria que existe para além do Sistema Solar está num estado completamente diferente de diferenciação.

Sr. Kingsland: – A matéria que aqui vemos, vêmo-la pela luz reflectida. Vemos a Via Láctea pela luz que nós mesmos produzimos?

Sr.^a Blavatsky: – Supostamente não a podem ver de outra maneira, é impossível que o consigam fazer. Quando vêm fazer medições das estrelas, das distâncias e tudo isso, eu digo que é impossível estarem correctas, porque deixam sempre uma certa margem aos efeitos das ilusões ópticas, etc.

Sr. Gardner: – A refacção.

Sr. Kingsland: – Então, pelo ponto de vista astronómico, a Via Láctea está fora do Sistema Solar?

Sr.^a Blavatsky: – É real e completamente outro sistema de matéria, e a matéria é, como vos disse, o material do qual tudo é feito.

O Presidente: – Mas está fora com respeito ao estado e não com respeito à posição?

Sr.^a Blavatsky: – Não.

Sr. B. Keightley: – Porque, por exemplo, recentemente estiveram fazendo belas fotografias das nebulosas, da grande nebulosa de Andrómeda, etc.

Sr. Kingsland: – Essa matéria está no mesmo estado que a da Via Láctea?

Sr.^a Blavatsky: – Não o posso dizer, não sei tanto quanto isso. Mas é um estado totalmente diferente de matéria.

Sr. Gardner: – E o que há acerca dos planetas?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, os planetas são algo distinto disso. Não encontrarão nada nos planetas que não esteja na Terra.

Sr. Kingsland: – Então, consideremos que a Via Láctea irradia a sua própria luz. É análoga ao estado de matéria que há no Sol.

Sr.^a Blavatsky: – É a “Substância do Mundo”, como vos disse. Não a podem chamar por outro nome. Repito-vos que não sei tanto para poder dizer qual seja diferença. Penso que haja uma diferença entre as nebulosas e a verdadeira Via Láctea que vedes, como se fosse uma estrada de poeira, numa fotografia.

Sr. Kingsland: – Em outras palavras, as nebulosas estão mais diferenciadas.

O Presidente: – Mas algumas das nebulosas são resolúveis.

Sr. B. Keightley: – Porém são grupos de estrelas, não são verdadeiras nebulosas.

O Presidente: – Nunca se provou que não fossem nebulosas.

Sr. B. Keightley: – A Andrómeda.

O Presidente: – Em outras palavras, ainda não o conseguiram resolver.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, sim, mas não posso acreditar nisso. Penso que se não for hoje, amanhã será provado que não se resolveu ou não é resolúvel. Mas parece-me que tudo não passa de simples teoria aparentando ser outra coisa, como muitas vezes se confunde.

Sr. B. Keightley: – Então, o que é esta Matéria “Radiante e Fria”?

Sr.^a Blavatsky: – Simplesmente esqueça-a, por favor.

Sr. B. Keightley: – Como estava originalmente, era: “Esta Matéria é a que, segundo a revelação recebida, nos Dhyanis-Budhas Primordiais”, etc. (Lê)⁹²

Sr.^a Blavatsky: – Deve ser “radiante” e dizem “radical”. Eles fizeram da Matéria Primordial algo político, têm a política nos seus cérebros! Eu coloquei “radiante e fria”, posso-vos assegurar, poderia procurar nos manuscritos e mostrar-vos que assim é. É um dos erros dos impressores e sub-editores, etc. Há outra coisa que queria perguntar: por que o Sr. Kingsland disse que isto provavelmente foi visto pela primeira Raça, etc.?

Sr. B. Keightley: – Porque é dito – essa Matéria que aparece “quando é vista a partir da Terra”, etc. (*A Doutrina Secreta*, I, 69) – e

⁹² *A Doutrina Secreta*, I, 69.

o Sr. Kingsland pergunta: não terá isso a ver com a percepção da primeira Raça e não com os nossos sentidos físicos actuais?

Sr.^a Blavatsky: – Com certeza, porque a vimos dessa forma.

Sr. Kingsland: – Não, isso é respondido agora com a primeira pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – Eu digo que não.

Sr. B. Keightley: – A sloka 6: “A raiz da vida”, etc. (lê *A Doutrina Secreta*). A primeira pergunta a fazer, é: quais são os diferentes significados do termo *Fogo* nos diferentes Planos do Cosmos?

Sr.^a Blavatsky: – Agora reparem novamente na pergunta que me fazem! Por favor, teria de falar (dos) 49 Fogos em cada Plano, por haver sete vezes sete, dos sete Planos, e dar tudo isso com uma explicação *simples*. Mas como é possível? Tomem algo concreto e façam uma pergunta definida. O Fogo é o mais místico dos elementos, assim como é o mais divino, e dar a mais pequena relação dos significados das suas várias aplicações num Plano, ou nos diferentes Planos do Cosmos, é totalmente impossível. Contudo, querem que vos fale acerca de um Plano no Sistema Solar?

Sr. B. Keightley: – Por favor.

Sr.^a Blavatsky: – Muito bem. Tomem, por exemplo, unicamente o Fogo Solar no nosso Plano. O Fogo é o Pai da Luz, a Luz é a Mãe do calor e do ar, o Ar Vital, diz o livro oculto, e a Deidade Absoluta pode ser referida como a Obscuridade, o Fogo Escuro. Então, a primeira progénie da Luz é na realidade o primeiro Deus Autoconsciente, e o que é a Luz senão a Iluminação do Mundo e a Deidade que dá a Vida? A Luz é o Tempo, que de uma abstracção se transformou numa realidade. Isto é o que até agora não conseguiam entender. Compreendem agora o significado disto? A Luz é o Tempo, que de uma abstracção se transformou numa realidade. Se não houvesse Luz não teriam Tempo.

Sr. B. Keightley: – Porque não teria sentido.

O Presidente: – A obscuridade é a duração.

Sr.^a Blavatsky: – E não há tempo na duração excepto nos Manvantaras. Ninguém jamais viu a Luz Primordial real, a verdadeira Luz, pois o que se vê são os seus raios despendidos ou reflexos, que se

tornam mais densos e menos luminosos à medida que descendem à forma e à matéria. Será que realmente pensais de maneira igual à dos físicos, sobre o Sol ser a causa da Luz? Nós dizemos (ver *A Doutrina Secreta*) que o Sol não dá nada de si mesmo, porque não tem nada para dar. Ele é um reflexo e mais nada, é um aglomerado de forças electromagnéticas, um dos incontáveis milhões de nós de Fohat. Agora, quero que fixem esta expressão: *nós*. Fohat é chamado o fio da Luz Primordial, o fio de Ariadne⁹³, de facto, neste labirinto de matéria caótica. Este fio vai descendo através dos sete Planos progenitores e ocasionalmente é atado no seu trajecto criando nós. É assim que explicam os livros ocultos. Sendo cada Plano septenário – donde as 49 forças místicas e físicas – os grandes nós formam Estrelas, Sóis e Sistemas nos Planos menores. Claro que isto é uma metáfora, todavia os nós electromagnéticos do nosso Sol e as suas forças não são tangíveis nem dimensionais, nem sequer materiais nem moleculares como é, por exemplo, a electricidade comum. Agora, ao dizer que não são moleculares, dizendo o que disse Helmholtz⁹⁴, acabo a dizer que a electricidade é molecular, pois é um reflexo como o é o Sol, conforme disse. O Sol absorve, psychologiza e vampiriza aos seus sujeitos dentro do seu Sistema, ele não dá para fora *per se*. Assim, é uma tontice dizer que os fogos solares estão sendo consumidos ou extinguidos. Se fosse assim, será que enquanto o Sol perdia o seu calor e as suas chamas igualmente perdia algo das suas dimensões ou magnitudes? Pensam que é assim? É possível? Então devemos pensar que o Sol está no fundo de uma espécie de disco redondo feito de amianto inconsumível, e uma vez que o grau de intensidade em seu redor seja consumido ele se extinguirá? Talvez isso seja possível. Se os fogos solares se apagassem, vocês veriam o Sol diminuindo de dimensões.

Sr. Kingsland: – Não devemos necessariamente supor que isso ocorra num tempo observável.

Sr.^a Blavatsky: – Não sei se eles dizem que seja assim tão rapidamente. Ouçam a Sir William Thompson e aprendam com o que ele diz. Diz-se que o Sol não dá nada, não toma nada, nutre e trabalha

⁹³ Filha do rei Minos de Creta que deu a Teseu o fio com que a retirou do labirinto.

⁹⁴ Hermann von Helmholtz (1821-1894), físico alemão.

dentro do seu próprio Sistema, ele vampiriza a todos os planetas e a tudo que eles contêm, e às vezes é quase impossível que algo de fora do Sistema Solar possa penetrar o Sol. Isto é o que se ensina agora. Não lhes dou as minhas ideias, são muito heterodoxas, são totalmente acientíficas. Só lhes mostro o que diz a Ciência Oculta. Ela não admite que os planetas tenham sido formados ou expelidos a partir do Sol, como diz a teoria moderna. Ela diz que não foi assim, e que o Sol nem sequer é o que dizem ser. Não há fogos, não há nada tangível nele, ele é meramente um reflexo disso, e por isso é chamado de aglomeração de forças electromagnéticas.

Senhor: – Em quê os ocultistas não aceitam a teoria de Laplace⁹⁵?

Sr. B. Keightley: – Que o Sistema Solar tenha sido originalmente uma nebulosa e é, mais ou menos, uma enorme massa esférica muito difusa girando em redor do seu eixo a grande velocidade mas com diferenças, porque de acordo com a teoria de Laplace essa massa globular gira com muita rapidez. Como consequência da sua rotação, parte-se em anéis e gradualmente, devido a pequenas mudanças, esses anéis condensam-se e formam planetas. Se não formam planetas, formam meteoritos.

Sr.^a Blavatsky: – Quer dizer que ele fala da Via Láctea como estamos falando agora? Então é a “Substância do Mundo” que rodopia eternamente. Começa com sóis, depois de haver feito os grandes nós chega aos pequenos, etc.

Sr. B. Keightley: – O principal dessa teoria é que todos os planetas em redor do Sol são formados desses anéis, mas por outro lado, em *A Doutrina Secreta*, você diz que antes de um corpo celeste de qualquer tipo assentar numa vida familiar como um planeta, primeiro é um cometa que se desloca através do espaço. Bom, isto é totalmente contrário a Laplace.

Sr.^a Blavatsky: – Laplace não é um ocultista, mas tem algo muito próximo do Ocultismo no que diz. Em toda a minha vida nunca estudei a Laplace.

⁹⁵ Pierre-Simon Laplace (1749-1827), matemático francês famoso pela sua Teoria da Probabilidade.

Senhor: – Isso é o núcleo de todo o Sistema.

Sr. B. Keightley: – Não, não, não, essa não é a teoria de Laplace.

Senhor: – Sim, ele pensou que todos esses anéis eram retirados da periferia da massa.

Sr. B. Keightley: – Não, antes como consequência da velocidade de rotação. Mas não são demonstráveis matematicamente, pois há certos pontos onde as tensões não são iguais e o espaço entre dois anéis fica vazio por esses processos de condensação. Então, se há algo disso que perturbe o equilíbrio de um desses anéis, ele gradualmente acabará por quebrar. Mas não existe nenhuma ideia de coisas lançadas fora a partir do Sol.

Senhor: – Eu não falo exactamente nesse sentido, refiro-me a fora.

O Presidente: – Posso fazer uma pergunta que tem a ver com isto? O Sol sobrevive a várias séries de existências planetárias? Por exemplo, em *A Doutrina Secreta* você diz que a Terra actual é filha da Lua.

Sr.^a Blavatsky: – Filha, sim. Sei o que quer dizer. Claro que é. O nosso Pralaya é algo diferente, muito diferente do Pralaya Solar, claro.

O Presidente: – Porque tudo isso em si responde às sugestões de que os actuais planetas são retirados do Sol durante a formação dele mesmo, e em si é uma contradição da teoria de Laplace.

Sr.^a Blavatsky: – Eu digo que a teoria de Laplace se parece com as nossas, porque nós dizemos que tudo provém da Via Láctea iniciando com o começo do amanhecer manvantárico do Sistema Solar e prosseguindo depois. Eles apresentam Fohat percorrendo como um fio, e às vezes alguns fios dessa natureza se enrolam num nó fazendo com que a estrela central do Sistema Solar inicie pequenos nós, e assim por diante.

O Presidente: – Então, certamente a teoria deve ser tomada como muito genérica sem forma específica, como é aplicada ao nosso Sistema Solar como é agora. O contrário, nesse caso, simplesmente significaria que o Sol é, por assim dizer, um pouco maior que o resto dos planetas.

Sr. B. Keightley: – É dito em alguma parte que todos os planetas

foram cometas. Não estou seguro mas há uma sugestão acerca disso, e também não estou seguro se vai mais longe que isso, de que os planetas foram sóis antes de se estabelecer a nossa vida planetária.

Sr.^a Blavatsky: – E cada planeta se converterá no que é agora a Lua. E cada vez que se converter em algo como a Lua, germinará os seus princípios e fará outra Cadeia Planetária como a nossa. A nossa Terra é muito, muito jovem, e há Luas como a nossa mas que não vemos porque quase desapareceram. Esta já é bastante velha. Quando vêem dizer-me que a Lua é um pedaço da Terra que a expeliu, eu respondo que não tem sentido. Creio que eles dizem ter acontecido “quando o dia só tinha duas horas de vida”. Agora estiveram fazendo o cálculo de que para fazer o dia de 23 horas em vez de 24, isso requeria algo assim como uns 600.000.000 de anos.

Sr. Kingsland: – Você disse que a emanção electromagnética do Sol não é molecular nem dimensional.

Sr.^a Blavatsky: – Vou explicar isso mesmo aqui. O Sol só tem uma função clara: ele dá o impulso de vida a tudo que se move e respira, e dá luz ao ser. Em *A Doutrina Secreta* diz-se que o Sol é o coração palpitante do Sistema, lembrando que cada palpitação é um impulso. Pois bem, esse coração é invisível, nenhum astrónomo jamais conseguirá ver, tal como vós, eu ou qualquer outro esse coração oculto. Aquilo que vemos e sentimos são simplesmente as chamas dos fogos aparentes, sendo só os nervos que governam os músculos do Sistema Solar. Agora expressei-me bem? Eles não são os músculos, são os nervos, os impulsos. Esta é uma teoria realmente oculta.

Sr. Kingsland: – Mas agora a base material deve estar no Sol.

Sr.^a Blavatsky: – Está, mas nós não a vemos. O Sol, tal como o vemos, é simplesmente um reflexo; é simplesmente o reflexo daquilo que existe, um aglomerado de forças electromagnéticas ou o que seja. Reparem, chamam-no o coração, mas não é o coração, o coração está escondido. O que vemos é simplesmente isso, bem, digamos que todos os planetas são os músculos e o que vimos são os nervos que dão o impulso. Entendem?

O Presidente: – Na realidade, não vemos o núcleo material, o centro, mas simplesmente o seu exterior, a sua envoltura.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é, o respondor que emite. Mas nunca podemos ver o real.

Sr. Gardner: – E as manchas solares?

Sr.^a Blavatsky: – Expliquei isso em *A Doutrina Secreta*. Agora, com respeito ao impulso, eu não falo dele como um impulso mecânico, mas sim como algo puramente espiritual. Poderei chamar-lhe impulso nervoso, se for este o termo adequado.

Sr. B. Keightley: – Sim. Ou seja, não como um pensamento impulsivo tipo vibração no Plano Físico da fibra nervosa física, mas sim como aquilo que o sustenta, da mesma maneira que um som é diferente da vibração.

Sr.^a Blavatsky: – Agora, vocês perguntam sobre os diferentes significados do termo *Fogo* em *A Doutrina Secreta*. Debaixo desse termo os ocultistas abarcam tudo. O Fogo é a Deidade Universal e a Vida Divina manifestada. O Fogo é Éter, o Éter nasce do Movimento, e o Movimento é o Fogo eterno, directo e invisível. Novamente a Luz se estabelece no Movimento e controla tudo na Natureza, desde esse Éter Primordial superior até à mais pequena molécula no espaço. Recordem este axioma oculto: o Movimento é o Alpha e o Ómega do que vocês chamam electricidade, galvanismo, magnetismo, sensação, pensamento moral ou físico, e inclusive da vida neste Plano. O Movimento é o Alpha e o Ómega de tudo isso, o Movimento é simplesmente a manifestação do Fogo, desse que chamamos Fogo Escuro. Todos os fenómenos cósmicos eram referidos pelos Ocultistas e os Rosacruzistas como geometria animada. Encontrarão facilmente referido como geometria animada todo o fenómeno cósmico, no qual toda a função polar é somente uma repetição da Polaridade primitiva. Cada movimento engendra calor, e o Éter em movimento é calor. Quando diminui o seu movimento, gera-se o frio, porque o frio é Éter numa condição latente. Percebam que vos estou dando os termos cabalísticos e que simplesmente os traduzo. Dentro dos sete estados principais da Natureza, há três princípios positivos e três negativos sintetizados pela Luz Primordial. São seis estados. Os três estados negativos, são: primeiro, a obscuridade; segundo, o frio; terceiro, o vazio ou nada. Os três estados positivos, são: primeiro, a luz em nosso Plano; segundo, o calor; terceiro, toda a Natureza ou tudo na Natureza. Portanto, o Fogo é a Unidade do Universo. O Fogo Puro sem combustível é a Deidade no escalão superior. O Fogo Cósmico ou isso que o manifesta são todos os corpos e átomos da Natureza na Natureza manifestada.

Apontem-me algo que não contenha fogo latente em si mesmo e poderão contradizer-me. Tudo é fogo, porém, fogo sob várias formas.

Sr. Kingsland: – Na realidade, tem tantas diferenciações como a matéria.

Sr.^a Blavatsky: – Porque o fogo não se pode analisar como o ar e água e dizer que é composto por esta ou aquela coisa. Sabem o que é combustão, falando de maneira geral, mas não o Fogo que é o Grande Mistério deste Universo e que é tudo. E este Fogo é o que eles chamam Deidade. Eu digo que os adoradores do Fogo que veneram o Sol são mil vezes mais filosóficos do que nós, porque ele é o maior símbolo que se pode entender. Não digo que o Sol seja a Grande Unidade no nosso Universo, mas é o embaixador no nosso Sistema Solar, o representante da verdadeira Força Criadora ou a Deidade, Princípio, como lhe quiserem chamar. Entendem o que quero dizer? Agora ouçam: quando dizemos que o fogo é o primeiro dos elementos, só é o primeiro no nosso Universo visível. O fogo de que falamos, que todos conhecemos sob as suas diferentes formas, inclusive nos Planos Superiores do nosso Universo Solar, encontra-se no Plano dos Globos A e G. De um ponto de vista o Fogo é só o (quarto) *Pho*, porque os ocultistas dizem, como inclusive diziam os cabalistas medievais, que para a nossa percepção humana, incluindo a dos Anjos Superiores ou Dhyán-Choans, o Universo, a Deidade, é obscuridade, e que desta obscuridade aparece pela primeira vez o Logos. O que pensam? Não é a luz, o peso, o ar ou o éter, é o primeiro que pesa apesar de não poder ser visto, não deixando de pesar em seu estado primordial. Depois, o segundo é a luz, o terceiro o calor, e o quarto o fogo, é o fogo que conhecemos, e não estou falando do Fogo Universal que é algo diferente. Agora, por favor, façam-me as perguntas claramente porque estou muito cansada delas. Realmente, quero perguntas sérias. Enlouquecem-me essas perguntas, e não quero dizer coisas que só digo quando estou louca.

Sr. B. Keightley: – Agora essa questão do peso sugere algo que será muito interessante. Vez por outra diz-se em Teosofia [] que a teoria científica da gravidade é falsa. Bem, afinal o que quer dizer um ocultista quando fala do peso? Refere-se à atracção?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, não sei, se o peso é o peso, como o posso expressar de outra maneira?

O Presidente: – O peso existe sem a gravidade?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, é a gravidade no sentido oculto, não é a gravidade como a denominam no princípio newtoniano. Podemos explicar o peso simplesmente pela atracção e repulsão. Ele é tudo porque emite, desloca-se em circuitos, absorve novamente e procede à criação de todo o Universo e de tudo que está abaixo. Mas não se pode dizer que esteja acima ou abaixo, à direita ou à esquerda, pois este peso é algo interno, mas interno não no respeito ao tamanho e sim à percepção, diferenciação e tudo o mais.

Sr. Kingsland: – É o mesmo de que já falámos: a expansão de dentro para fora.

O Presidente: – O verdadeiro ponto parece ser que se a gravidade é simplesmente atracção e repulsão, esta deve ser o primeiro dos atributos, por assim dizer, de qualquer diferenciação que haja. Tão logo se têm ambas as coisas, deve ser pulverizada.

Sr.^a Blavatsky: – Certo.

O Presidente: – E, portanto, deve ser pulverizada na obscuridade.

Sr.^a Blavatsky: – Como podem explicar de outra forma os cometas indo contra a lei da gravidade? Já se viu centenas de vezes que em muitos casos as caudas dos cometas deslocam-se em sentido oposto à gravidade.

Sr. B. Keightley: – Na realidade, eles deslocam-se e golpeiam com as suas caudas o rosto do Sol.

Sr.^a Blavatsky: – É um insulto ao Sol e ele fica quieto.

Senhor: – Eu acreditava que essas caudas eram certos gases.

Sr.^a Blavatsky: – Até os gases têm certo peso. Sei-o pelo envenenamento do sangue. Bem, qual é a quarta pergunta?

Sr. Gardner: – Gostaria de perguntar sobre o assunto do peso em relação com esse triângulo. Você disse-nos...

Sr.^a Blavatsky: – Isso está fora do programa.

Sr. B. Keightley: – Número 3, que praticamente já foi respondida. Qual é o significado da água nas mesmas aplicações.

Sr.^a Blavatsky: – Bom, a água é composta de 1/9 de hidrogénio

(um gás muito inflamável, como nos é dito, sem o qual não encontramos nenhum corpo orgânico) e de 8/9 de oxigénio (que nos dizem provocar a combustão quando é combinado demasiado rapidamente com um corpo). O que é a água senão uma das formas do Fogo Primordial, numa forma fria ou latente e fluída? Não é nada mais. Isto é, na realidade, o que é a água.

Sr. B. Keightley: – É o estado frio.

Sr.^a Blavatsky: – O estado frio e fluído do fogo. É o aspecto feminino do fogo, tal como a Matéria é o aspecto feminino do Espírito.

Sr. Kingsland: – Há alguma conexão entre os números?

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente. Os números e as cores, está tudo unido. Isto, se quiserem, é esotérico.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 4: são o Fogo e a Água o mesmo que Kuan-shih-yin e Kuan-yin?

Sr.^a Blavatsky: – Inverta a pergunta e pergunte se Kuan-shih-yin e Kuan-yin são o mesmo que o Fogo e a Água, ou melhor, se estes são os símbolos daqueles, e lhe responderei que sim. Mas o que significa isso? As duas Deidades em sua manifestação primordial são o Deus Dual ou Diádico, a natureza Sexual e Prakriti.

Sr. B. Keightley: – A sloka 7: “Contempla ó Lanu”, etc. (lê de *A Doutrina Secreta*). A pergunta é a número 5. Poderia dar-nos os termos correspondentes aos três Logos dentre as palavras Oeahoo, Oeahoo o mais Jovem, Kuan-shih-yin e Kuan-yin, Pai-Mãe, Fogo e Água, Espaço brilhante e Espaço escuro?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não poderei dar (risos). Não acaba de ler que Oeahoo, o mais Jovem, é as três Estrelas? Por que pus as três Estrelas “que vocês agora conhecem como Kuan-shih-yin”? Sabem muito bem o que é isso, ou preciso dar-lhes uma série de estrelas quadruples? Se eu ponho três Estrelas não é por não conhecer as coisas, é porque não as posso dar. Qual é o final da sloka 7, estância 3 (lê a passagem de *A Doutrina Secreta*), sobre o Manifestado nas Grandes Águas? Pensem nisto e compreenderão que tudo o que é permitido dizer, está aqui. O Fogo é Espírito-Matéria. Esta Água representa a Matéria. O Fogo representa o Espírito sólido, ficando a Água para o Elemento único manifestado. O Fogo é calor, a Água humidade, e vocês percebem a diferença entre a calor e humidade. Um é masculino

e outro é feminino, sendo o Elemento criativo aqui na Terra ou o Princípio evolutivo dentro, ou os Princípios mais recônditos. Dissemos “dentro”, e todos vós, ilusionistas, não dirão “acima”, porque recentemente disse que não há acima. Creio que os termos qualificativos Espaços escuro e brilhante dão a chave muito bem, e por isso coloquei as Estrelas. Não vos posso dar mais, pois eu mesma não sei.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 6. Qual é o véu que Oeahoo, o mais Jovem, distende do Oriente ao Ocidente?

Sr.^a Blavatsky: – O véu da realidade. A cortina honesta e sincera no acto de distendê-la sobre a realidade ocultando-a, só deixando aos espectadores a ilusão do chamado cenário com os actores e toda a parafernália do universo, que é um universo de ilusão. Fica isto claro?

Sr.^a Blavatsky: – O véu de Maya, em outras palavras.

Sr.^a Blavatsky: – Desculpem-me. Maya sobre o seu véu sobre a realidade, fá-la desaparecer só para nos mostrar as ilusões do cenário. O Sr. Smith faz de Otelo e como tudo o mais é uma simulação, é só ilusão e nada mais. Penso que isto fica muito claro.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 7. O que é o “Espaço Superior” e o “Oceano de Fogo sem margens”?

Sr.^a Blavatsky: – O “Espaço Superior” é o Espaço Interior, como acabo de dizer, ou o Universo como aparece primeiro do seu estado Laya, uma expansão do Espírito “sem margens” ou “Mar de Fogo”.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 8. As “Grandes Águas” são aqui aquelas onde “se move a obscuridade”?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, queria dizer uma coisa acerca da “obscuridade que se move”, como citam aqui. Não me lembro de ter posto em algum lugar que a obscuridade se mova. Não sei que obscuridade poderá mover-se. Não sei o que eles têm estado fazendo. Ouvi falar sobre uma obscuridade que estava sobre a face das Grandes Águas profundas, porém, até no capítulo I do *Génese* é dito claramente no versículo 2 que a obscuridade estava sob e se movia em redor das Águas, e que ela não era senão o Espírito de Deus. Agora, vejam o significado esotérico desses dois versículos no *Génese*. Eles significam que no começo, quando o Cosmos ainda não tinha forma, e o Caos ou Espaço exterior, de ilusão, ainda estava vazio, só existia a

obscuridade. Se tomarem a *Kalahamsa*, o cisne negro ou o cisne da eternidade (é intercambiável), e a primeira radiação do amanhecer, o Espírito de Deus, que significa o Logos número 1, começou a mover-se na face das Grandes Águas profundas. Portanto, se quiserem ser correctos ou claros, devem perguntar se as Grandes Águas são o mesmo que a obscuridade de que se fala em *A Doutrina Secreta*? E eu responderei afirmativamente. *Kalahamsa* interpreta-se de forma dual. Exotericamente fala-se dela, como disse em *A Doutrina Secreta* (e tenho razão em ter posto as coisas assim), dizendo que *Kalahamsa* é *Parabrahman*. Isso não é assim, ainda que esotericamente chegue a isso. Exotericamente é *Brahman*, que é o cisne ou veículo pelo qual a obscuridade se manifesta à consciência humana; mas esotericamente é a obscuridade, a sempre desconhecida Asolutez que se converte no veículo de *Brahman*, o Manifestado. Porque sob a ilusão da manifestação aquilo que vemos e sentimos chegando à nossa percepção sensorial tal como o imaginamos, é simplesmente aquilo que não ouvimos, não sentimos, não vemos, nem tocamos de alguma maneira, é uma grande ilusão e nada mais. Agora, não será isto demasiado metafísico?

Sr. B. Keightley: – Acompanho.

Sr.^a Blavatsky: – Mas quero que os outros o acompanhem. Você está sempre presente.

Sr.^a Tambaco: – Creio que ficou claro.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 9. Em que sentido a electricidade pode ser chamada uma entidade?

Sr.^a Blavatsky: – Como devo explicar de uma vez por todas para que não repitam a mesma pergunta a cada quinta-feira? Em vos posso explicar? Quantas vezes já expliquei e voltais sempre ao mesmo? Uma coisa é a electricidade numa lâmpada, e outra é Fohat como a causa dessa chispa, em seus milhões de aspectos, na lâmpada. O que é que querem que explique? Fohat não é a electricidade e a electricidade não é Fohat. Fohat é o resumo total do Cósmico universal; a electricidade é uma entidade, porque a entidade é aquilo que surge da palavra []⁹⁶ que existe para nós, senão independente por si mesma

⁹⁶ A versão publicada de *Transacções* diz: “A entidade provém da raiz latina *ens*, “um ente”, de *esse*, “um ser”.

e separada de nós. Fohat é uma entidade, porém como entidade a electricidade tem um significado meramente relativo. Se tomada no sentido científico usual, fala-se de Fohat como Electricidade Cósmica, tal como se diz que o Sol entra pelos nossos olhos, pelo nosso rosto ou pelos nossos jardins, mesmo certamente sabendo que não é o Sol que nos chega aos olhos ou ao rosto. O Sol é uma entidade, porém, raramente chamariam a um dos seus raios de entidade. A electricidade é o princípio molecular no Universo físico, incluindo a Terra, e todo o distúrbio gerado no equilíbrio molecular transforma-se, por assim dizer, no kama-rupa do objecto onde tem lugar esse distúrbio. Friccionem o âmbar e darão à luz um filho cujo nome é Fohat, se quiserem, no Plano inferior, porque num sentido Fohat significa nascimento ou vida a partir de um objecto aparentemente inanimado. Esfreguem uma urtiga entre os dedos e terão, por graça desse Fohat, um efeito ou um filho na forma de ampolas e feridas. Isto também é Fohat. Tudo é electricidade, tudo é algo eléctrico, desde a urtiga até à luz que queima tudo é igual. É simplesmente o aspecto do Fogo Universal, e esse aspecto é a electricidade. É tudo, porém, em várias formas.

Senhor: – Quer dizer que só há uma Força na Natureza?

Sr.^a Blavatsky: – na realidade só há uma, que no Plano manifestado mostra-se sob milhões e milhões de formas.

Sr. Gardner: – A electricidade na urtiga é a mesma que temos nas bactérias?

Sr.^a Blavatsky: – Claro que não.

Sr. Kingsland: – A electricidade que se gera, por exemplo, ao friccionar o âmbar, diria que é molecular e dimensional?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, é molecular, porque é o kama-rupa do âmbar que actua, e se origina algumas distorções do equilíbrio certamente deverá produzir algo, posto não poder produzir-se coisa alguma do nada. Entendam que a electricidade é um efeito, e como efeito é molecular.

Sr. Kingsland: – No âmbar?

Sr.^a Blavatsky: – Muito bem, mas o que é a electricidade? É o efeito daquilo que é molecular por si mesmo. É uma entidade, porque a electricidade é todo um mundo de átomos em certo estado e sob certas condições.

Sr. Kingsland: – Por exemplo, há matéria em qualquer estado de diferenciação emanada do âmbar?

Sr.^a Blavatsky: – Isso que emana do âmbar é o que, desafortunadamente, o seu microscópio não verá. Mas é molecular.

Sr. B. Keightley: – Porém é visível para os sentidos apropriados.

Sr.^a Blavatsky: – Positivamente. Estima-se que há alguns insectos que o vêem e vós não. Por exemplo, se tomarem as formigas brancas⁹⁷ que há na Índia e são as mais impúdicas de todas as criaturas, não existe nada que as consiga afastar do seu caminho, mas dispersam-se, não sei como, ao apercebê-lo.

Sr. Gardner: – Simplesmente agitando uma peça de âmbar?

Sr.^a Blavatsky: – Na Índia há uma árvore que quando se agita elas nunca se aproximam.

O Presidente: – Se for descrita como um kama-rupa, isso responde à sua pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – Não consigo explicá-lo de outra forma. É kama-rupa a influência perturbante que vem perturbar o equilíbrio. Não consigo explicar melhor do que isto.

Sr. Gardner: – Refere-se à envoltura astral do âmbar?

Sr. B. Keightley: – Não, não, ao quarto princípio. Agora a pergunta 10. Você disse que Fohat é a Electricidade Cósmica e o Filho. Então a Electricidade, ou Fohat, é o mesmo que Oeahoo, o Jovem, ou o Terceiro Logos?

Sr.^a Blavatsky: – A electricidade é o [resultado do] trabalho de Fohat, porém, Fohat não é a electricidade. Ao arrojá-la, de uma forma ou doutra, as moléculas em novas combinações de formas em novas correlações ou distúrbios do equilíbrio, como vocês lhe chamam, em geral esse é o trabalho de Fohat, a emanação dos sete Sub-Logoi. Aconselho-os a não falarem muito da Deidade de sete vogais. Lamento ter escrito e publicado tudo isso, estou muito magoada, porque já começaram a estragar falando disto como se fosse uma barata. É o Princípio Activo combinado, a Força Eléctrica, a Vida, tudo aquilo que vem de fora e emana dessas Entidades.

⁹⁷ Térmitas.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 11. Sloka 8: “Onde estava o gérmen”, etc. (lê de *A Doutrina Secreta*). A pergunta é: o espírito da chama que arde na lâmpada é o nosso Pai Celestial ou Ser Superior?

Sr.^a Blavatsky: – Não é nem o Pai Celestial nem o Ser Superior. “O espírito da chama” unicamente está se referindo à lâmpada *bona fide* real e não metaforicamente. Não é uma coisa nem outra. O Mestre simplesmente pergunta “onde está o espírito da chama que arde na lâmpada?”, em qualquer lâmpada, mas certamente não de gás.

Sr. B. Keightley: – Agora a pergunta 12. Os elementos são os corpos dos Dhyān-Choans?

Sr.^a Blavatsky: – É uma pergunta totalmente inútil, porque podem lêr o seu simbolismo em *A Doutrina Secreta* onde encontram o assunto. Não posso responder falando tal como escrevi. Por que não a lêem, por que vêm perguntar isso?

Sr. B. Keightley: – Pergunta 13: o hidrogénio, oxigénio, ozono e nitrogénio são os elementos primordiais neste Plano de matéria?

Sr.^a Blavatsky: – São, inclusive noutros Planos e incluindo o éter volátil, creio que lhes chamam assim, mas não importa. Pretendi mostrar-lhes como o que é mais volátil pode aparecer como barro no fundo do Rio Tamisa ou nas pontes. Cada Plano tem as suas próprias cores, sons, dimensão do espaço, etc., etc., bastante desconhecidas para nós neste Plano. É algo assim como acontece, por exemplo, nas formigas, que têm outra percepção das cores e sons, elas que são criaturas intermediárias, estando numa espécie de estado transitório entre dois Planos. E sem dúvida que no Plano acima do nosso há criaturas onde certos sentidos e faculdades lhes são desconhecidos, mas não a nós. Provavelmente elas terão a mesma função que as formigas aqui, pois que estas provêm de uma Esfera inferior.

Sr. B. Keightley: – Ou apenas emergiram.

Sr.^a Blavatsky: – Sim.

Sr. B. Keightley: – Essa foi a última dessas perguntas.

Sr. Kingsland: – Os poderes de percepção da formiga – por exemplo, a forma como difere dos nossos poderes de percepção da cor – simplesmente dependem de condições fisiológicas?

Sr.^a Blavatsky: – Poderá ser, mas a gente sábia diz outra coisa.

Ela diz que elas ouvem sons que nós certamente nunca poderemos ouvir; portanto, a fisiologia não tem nada a ver com isto, porque elas não ouvem com os ouvidos como nós.

Sr. B. Keightley: – Elas não têm nenhum.

Senhor: – Dificilmente se pode dizer com os ouvidos, sentem-nos.

Sr.^a Blavatsky: – Elas têm uma percepção daquilo que nós não temos, em qualquer Plano que se esteja e seja do que for.

Sr. Kingsland: – Então, temos uma percepção daquilo que elas não têm.

Sr.^a Blavatsky: – Claro, são mais elevados do que elas, contudo digo-vos que seremos as formigas na Esfera superior.

Sr. Kingsland: – Mas por que utiliza o termo *superior* ou *inferior* nesse sentido, se elas vêem e ouvem algo que nós não, e se nós vemos e ouvimos algo que elas não?

Sr.^a Blavatsky: – Quero dizer *superior* em geral e não em particular neste exemplo. Simplesmente digo que nós somos superiores em geral e que a Terra está num Plano superior àquele donde vêm as formigas.

Sr. Kingsland: – Não estão no mesmo Plano?

Sr. B. Keightley: – Penso que se refere simplesmente ao estado posterior mais avançado no sentido da História da Evolução. As formigas atravessam uma fase e haverão de passar à etapa Humana em que agora estamos. Neste sentido, somos superiores.

Sr.^a Blavatsky: – Penso que para vós, cavalheiros, que sois electricistas, o Ocultismo é o mais interessante devido às suas sugestões. Ele oferece-vos ideias que jamais podereis receber da Ciência Física.

Sr. Kingsland: – Pensei que queria dizer as formigas poderem ter a percepção de um Plano superior ao nosso.

Sr.^a Blavatsky: – Eu nunca disse isso. Disse que elas têm percepções de sons que talvez não estejam todos no mesmo Plano – bem, não direi quantos milhões – que nós não conseguimos ouvir em nenhuma circunstância.

Sr. B. Keightley: – penso que poderemos seguir a ideia do âmbar

e da electricidade como um estado particular da matéria. Lança muita luz sobre o tema.

Sr. Kingsland: – Bem, claro que há um distúrbio molecular do âmbar.

Sr. B. Keightley: – Ou seja, das moléculas no Plano Físico.

Sr. Kingsland: – Mas então a electricidade para se manifestar deve fazê-lo fora da substância molecular do âmbar.

Sr. B. Keightley: – Esse é um ponto muito curioso. Imaginamos que criamos electricidade friccionando as moléculas de uma peça de seda física contra as moléculas de uma peça de âmbar física, por ser essa a forma como a vemos.

Sr.^a Blavatsky: – Nós apenas damos as condições para que a electricidade latente se manifeste.

Sr. Kingsland: – Há algo que corresponda à emissão do âmbar?

Sr.^a Blavatsky: – Há.

Sr. Kingsland: – Ou há um distúrbio molecular causado na aura do âmbar?

Sr.^a Blavatsky: – Não. Digo que está latente no âmbar como em todas as partes, e isso que está fora como está latente no âmbar, sob certas condições entrará em choque com a electricidade exterior e de imediato provocará um distúrbio. Simplesmente mudam as condições.

Sr. Kingsland: – A electricidade é intermolecular, ela manifesta-se de maneira igual à de uma esponja totalmente molecular? O âmbar contém electricidade no mesmo sentido?

Sr.^a Blavatsky: – Temo responder. Não entendo a pergunta, não posso responder, não consigo entendê-la bem.

O Presidente: – Parece que se usasse o termo *kama-rupa* seria melhor. Eu consideraria que seria o mesmo que dizer ser intermolecular.

Sr. B. Keightley: – Mas reparem, eles têm a sua esponja e água – ambas matéria no mesmo Plano –, porém a sua electricidade e o seu âmbar são matéria em três Planos diferentes. Ou seja, se tomam as moléculas físicas do seu âmbar como o primeiro ou inferior, as mo-

lécúlas da electricidade estão no mesmo Plano.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente o Kama-Rupa, o quarto Plano, foi o que tentei explicar-lhes, o Kama-Rupa. Eu não sou uma cientista, tampouco sou uma electricista ou algo parecido.

Sr. Kingsland: – Eu pensei que estava usando o Kama-Rupa metafisicamente.

Sr.^a Blavatsky: – Nem um pouco, antes de maneira totalmente física.

Sr. B. Keightley: – A grande diferença que noto em todo o fenómeno físico tomado pela Ciência Oculta diferenciada da Ciência Física, é esta: na Ciência Física ordinária temos o hábito de procurar a causa das coisas que vemos. Por exemplo, friccioneamos uma peça de âmbar e produz-se electricidade. A Ciência Oculta dirá que ao friccionar uma peça de âmbar são geradas condições a partir das quais a electricidade, que está latente pronta a agir, pode manifestar-se no Plano Físico.

Sr.^a Blavatsky: – Encontro um erro muito maior que eles cometem na Ciência, que é o mais vital dos erros. Trata-se de separar o animado do inanimado e dizer que na Terra há objectos totalmente inanimados. Não há um só átomo que seja inanimado, nem um só. Esse é simplesmente o tipo de expressão mais nociva que já ouvi.

Sr. Kingsland: – Trata-se de uma distinção bastante sensível no nosso Plano.

O Presidente: – Orgânico e inorgânico.

Sr.^a Blavatsky: – Mas não há nada inorgânico neste mundo, pois é orgânico desde o seu ponto de percepção, ocultamente falando.

Sr. B. Keightley: – Vamos a essa questão. Qual é a definição ou distinção científica feita pela Ciência entre o orgânico e o inorgânico?

Sr.^a Blavatsky: – O Ocultismo lhes dirá que um homem morto está mais vivo do que nunca.

Sr. B. Keightley: – Por favor, não me refiro à sugestão de Kingsland.

Sr. Kingsland: – Perguntem ao Dr. Williams.

Dr. Williams: – Penso que ele quer trazer a ideia do Sr. Kingsland sobre a Matéria. Suponho que tenha um motivo particular.

Sr. Kingsland: – Mas tudo isto é para o bem de todos.

Dr. Williams: – Não sei se é, mas deve alguma ideia particular acerca do que pensa.

Sr. B. Keightley: – Pensei que provavelmente teria uma noção clara em sua mente.

Sr. Kingsland: – Se reportar-se às formas inferiores, uma é formada a partir da outra.

Sr. B. Keightley: – Pode se dar alguma definição que as distinga? Quais são as características de acordo com a Ciência moderna?

Sr. Kingsland: – Qual é a característica que distingue vocês de um troço de madeira?

O Presidente: – Está tomando os dois extremos. A Ciência tem de admitir que está perante a possibilidade de uma entidade ou substância sobre a qual não pode dizer qualquer palavra com segurança. Eu digo entidade ou substância.

Sr. B. Keightley: – A única distinção que ouvi foi a da nutrição, geralmente demonstrada pela Ciência. Dr. Williams, corrija-me se estou equivocado.

Dr. Williams: – Isso é puramente arbitrário.

Sr. B. Keightley: – Mas simplesmente o único que apresentam para distinguir o orgânico do inorgânico é o da função da nutrição.

Dr. Williams: – Creio que as últimas observações científicas não reconhecem uma linha divisória em nenhum lado. Não há um lugar onde se possa traçar a linha dizendo que isto pertence a um lado e aquilo ao [outro].

Sr. B. Keightley: – Inclusive se descerem ao Reino Mineral, porque encontrarão na produção de cristais algo que, para todas as intenções e propósitos, é nutrição.

Sr.^a Blavatsky: – Eu gostaria de saber se não houvesse nutrição para as substâncias inorgânicas, como elas poderiam mudar. O facto da sua mudança e transformação demonstra haver um crescimento que é totalmente orgânico, tão orgânico como qualquer outra coisa, só que sob certas condições. Alguma vez pensaram que no nosso Plano há sete Planos? Está subdividido. Talvez ainda vos foi ensinado que inclusive neste Plano de percepção física há sete Planos.

Sr. Kingsland: – Há sete Planos de Matéria?

Sr.^a Blavatsky: – Assim os defino no Reino Mineral e no Reino Animal. Há Planos para tudo. Tal como acabo de falar sobre as formigas, com a mesma analogia estão as outras coisas. Quando vêm falar-me de coisas inanimadas eu respondo que são disparates, já que não existe nada disso, é impossível, por não haver nada neste mundo que seja totalmente inorgânico – não digo com sentido dogmático ao referir-me inorgânico – que não seja susceptível de decadência e cessação. Tudo cresce e muda. Tudo o que muda é orgânico, tem o princípio de vida dentro de si, e tem toda a potencialidade de vidas superiores.

Dr. Williams: – Isso certamente parece-me uma ideia universal, posto haver várias manifestações da vida no Plano Físico e a qualidade das mesmas depender totalmente da relação molecular da própria Matéria. Não há nada assim no sentido abstracto, ao pôr-se a Matéria num Plano sob uma condição e noutro Plano sob outra condição.

Sr.^a Blavatsky: – O que é a Matéria? A Matéria é simplesmente uma forma de Espírito mais ou menos cristalizado e objectivado, isto é tudo, nada mais. E o que é o Espírito? Ali não há Espírito nem Matéria, são ambos aspectos do mesmo Elemento da Vida, posto a Vida ser universal. Eu digo que não há um só ponto no Universo eterno onde possa haver algo assim como um átomo ou qualquer coisa inorgânica. Penso que Kant⁹⁸ falou muito acertadamente (ele é um dos filósofos que mais prefiro, por ser muito claro nas suas questões e abrir portas de possibilidades a tudo. Não há nada de dogmático nele. Li muito pouco dele, mas o que li faz-me pensar que é um dos mais claros que conheço) quando se referiu às distinções entre o orgânico e o inorgânico. Ele diz o mesmo que nós os ocultistas dizemos, de que não há nada neste mundo que seja inorgânico. Mas se tomarem, por exemplo, a Huxley ou a qualquer outro dos bichos de ciência, eles virão falar o orgânico e o inorgânico como se fossem os pais de tudo e tivessem criado o Universo. Tudo isso é totalmente ridículo.

Dr. Williams: – Qual diria ser a relação do Fogo nos diferentes Planos? Poderia dizer algo sobre a relação do Fogo nos Planos inferiores com o Fogo nos Planos superiores?

⁹⁸ Emmanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão.

Sr.^a Blavatsky: – Isso está muito além das nossas mais finas faculdades perceptivas. Há uma relação ininterrupta, porque uma procede da outra. É uma queda na Matéria e uma formação na densidade.

Dr. Williams: – Esse é precisamente o ponto onde pretendia chegar, saber se um é a Essência Interna da vida de outro. Se o Fogo no quarto Plano será a Essência da vida no Fogo no terceiro Plano, e assim para baixo.

Sr.^a Blavatsky: – Se falam da Cadeia Planetária, então a Essência do Fogo será a sétima no nosso Plano. Ou seja, transforma-se em Atman. Isso corresponde a Atman no nosso Plano, e mesmo que não o possam ver, contudo podem imaginá-lo vivendo nos Planetas A e B, sendo igual nas Esferas A e B, logo se transformando em Pho.

Dr. Williams: – Estava pensando mais especificamente nos sete Planos em que se reparte a Vida Humana.

O Presidente: – Falando com referência ao que se disse acerca da electricidade no quarto Plano, sobre o kama-rupa do âmbar.

Dr. Williams: – Sim.

O Presidente: – Sobre isso alguém diria que a mudança de planeta para planeta seria uma mudança molecular.

Sr.^a Blavatsky: – Então as moléculas mutáveis também estão nos outros Planos.

Sr. B. Keightley: – Há muito disso nas ideias sobre o inter-etérico de Keely⁹⁹.

Sr.^a Blavatsky: – Ele não as consegue expor inteiramente, porque não é um ocultista nem um cientista ortodoxo, e continuará sujeito aos seus próprios preconceitos, mas aparte isso é um grande homem e um descobridor. Que dizem sobre ele na América, Sr. Fullerton¹⁰⁰?

Sr. Fullerton: – Surgiram dificuldades na constituição da sua companhia e várias coisas desse tipo que levaram a suspeitas de desonestidade. Esta é a impressão popular.

⁹⁹ John Worrell Keely (1827-1898), inventor norte-americano que declarou ter descoberto uma nova forma de energia ou força.

¹⁰⁰ Alexander Fullerton (1841-1913), teósofo norte-americano.

Sr.^a Blavatsky: – Confiou demasiado nas suas expectativas. Pensou simplesmente que podia tomar a Parabrahma pelo rabo e mostrá-lo ao público. Isso é totalmente impossível! Disse-lhe desde o princípio que isso não podia ser, disse-lhe sempre que tal completamente inútil.

Sr. Gardner: – Ele não se mantém em uma só coisa.

Sr.^a Blavatsky: – Ele quer seguir tudo e ir muito alto, por conseguinte, fracassará sempre, porque se mantivesse só nessas poucas coisas que descobriu, realmente teria um grande êxito e conseguiria atrair para o seu lado os homens de ciência. Mas ele não o fará. Quer ir tanto ao metafísico que, apesar dos físicos não o confessarem, não o conseguem acompanhar no plano da ciência. É impossível, porque então teriam de se converter nuns Roger Bacon¹⁰¹, não nuns Crookes.

Sr. B. Keightley: – Ele diz que, reunidas as condições apropriadas, consegue produzir a manifestação de algo que se encontra escondido entre as moléculas dos corpos físicos atenuados, e que logo obtém uma série de atenuações com essa matéria, seja ela qual for, que é intermolecular. Isto porque a matéria física é intermolecular em si mesma, e que entre as suas moléculas há novamente algo que também é molecular.

Sr.^a Blavatsky: – *Ad infinitum.*

Sr. B. Keightley: – Então obtém-se exactamente o que nós dizemos sobre o éter, que está quatro escalões acima na sua escala, e as condições que nós produzimos na manifestação da electricidade comum são simplesmente paralelas àquelas aplicadas por ele.

Sr.^a Blavatsky: – Desafortunadamente para nós, os físicos não aceitam nada disto. Em contrário, teriam aceite a possibilidade de haver algo tão atenuado e tão invisível para os nossos olhos mas que continua vivendo depois de nós. Veriam então que é fácil conceber esses corpos astrais que vivem no seu corpo astral, que vivem exactamente da mesma maneira que nós, reúnem todos os seus princípios, podem viajar com facilidade no seu quarto Plano e actuar facilmente no nosso pequeno universo, tal como nós o fazemos sem nenhum

¹⁰¹ Roger Bacon (1214-1292), alquimista inglês conhecido pela sua abordagem científica.

corpo. E posso assegurar-lhes que é a condição mais bendita do mundo, porque ali não têm nem gota, nem reumatismo, nem nada.

Sr. B. Keightley: – Nem roupa, nem comida para comer, nem nada.

Sr.^a Blavatsky: – E cada vez que aparecem médiuns, como dizem os espiritualistas, realmente não o são. Posso assegurar-lhes que é assim, porque serão Nirmanakayas e logo saberão a verdade. Porém aqui eles ficam um pouco perplexos indo prosseguir nos seus próprios hábitos, e por diante. É a matéria física que os trava. Isto é o mais difícil de compreender.

Dr. Williams: – Sir William Thompson não se acercou bastante das ideias de Keely nos seus *Corpúsculos Extra-Mundanos*?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, ele leu muito sobre os antigos gregos clássicos, mas quis levá-los para as suas próprias ideias e teorias pre-estabelecidas. Reparem, o problema com ele é que salta de uma conclusão para outra. Hoje diz que a incrustação da Terra começou faz 15.000.000 de anos, mas amanhã virá dizer outra coisa e rir-se de si mesmo. Eu nunca li três conferências consecutivas sem que Sir William Thompson se contradiga em toda a linha. É isto ciência exacta? Chame-se antes disparates exactos. De maneira alguma é ciência exacta.

Dr. Williams: – Parece-me sempre interessante quando um homem assim apodera-se de uma verdade tão simples.

Sr.^a Blavatsky: – Ele a desfigura de tal forma e a retorce deturpando-a que se torna impossível reconhecê-la. Crookes é mil vezes mais confiável do que ele. Crookes é magnífico como homem de ciência.

O Presidente: – Crookes realmente não fala assim, porque os cientistas revestem com uma linguagem materialista o que para ele será mais metafísico.

Dr. Williams: – Não tenho dúvida sobre isso.

O Presidente: – Se alguém ler as suas conferências, especialmente *A Geração dos Elementos* e outros, com uma pequena introspecção sobre a sua forma de pensar, o verá de imediato.

Sr.^a Blavatsky: – Lamento muito que nos tenhamos desviado sem

nenhuma razão, mas reparo que há um gato negro entre nós, um gato negro com duas pernas, e eu o conheço. Crookes proferiu ideias sobre mim que não são muito ortodoxas. Ele disse: “Oh, a velha está velha e ficando caduca. Antes ela sabia alguma coisa, mas agora que divulgou tudo não sabe nada”. Dá-me gosto que ele pense assim, porque doutro modo teria me incomodado toda a vida. Fiz com que ele mesmo tocasse as duas campainhas astrais, e só o satisfiz na última vez. Ele tinha a sua mão no copo que ali estava e ouviram-se duas distintas campainhas astrais, portanto, sabia o que podia fazer, mas queria que eu lhe desse a chave. Disse-lhe: “Se se portar bem, Iha darei”, mas ele não se portou bem e, por conseguinte, não a obteve. E isto fê-lo acreditar...

O Presidente: – Que você não tinha a chave?

Sr.^a Blavatsky: – Que eu era uma pobre médium.

Sr. B. Keightley: – Dr. William, alguma vez viu as ilustrações de Elihu Vedder¹⁰²? Lembra-se do seu frontispício, do grande muro? Sugere a ideia dos nós de Fohat?

Dr. Williams: – Sim, mas não era tanto um muro e mais um novelo.

Sr. B. Keightley: – Como são os quartetos de Omar Khayam.

Sr.^a Blavatsky: – Isso acerca dos nós é uma coisa oculta.

Sr. B. Keightley: – O frontispício é um grande novelo.

Dr. Williams: – creio que o poderia desenhar para vós (desenha o “novelo”).

Sr.^a Blavatsky: – É algo como a acção centrípeta e centrífuga.

Dr. Williams: – Atrevo-me a dizer o nebular assume as mesmas formas, mas só tomei isto como se fosse um autor de ópera. Ele desenrola-se através do poema como o *motif*, por assim dizer.

Sr. B. Keightley: – Produz um efeito extraordinário, com uma bela cadência.

O Presidente: – Curiosamente, é a representação japonesa comum, em seu esboço, de uma nuvem, com as linhas soltas numa es-

¹⁰² Elihu Vedder (1836-1923), pintor simbologista norte-americano. As suas ilustrações referidas são as da edição de 1884 da tradução de Edward Fitz Gerald de *The Rudaiyar of Omar Khayam*.

pécie de nós. Aparece em gravações e desenhos, e possuo muitas dessas gravações em madeira onde se representa um banco de nuvens.

Sr.^a Blavatsky: – É a antiga ideia oculta do que chamamos Fohat. Eles dão-lhe outro nome, tal como os parses também lhe dão nome diferente, porém é a linha do nó. Após ele ter feito o ponto Laya, recomeça noutro lugar, e todo o Universo visível é formado assim, vindo tudo arrastado da Via Láctea, toda a Substância do Mundo é arrastada desde a Via Láctea que, dizem eles, é o Pai-Mãe.

Sr. Kingsland: – E essa Substância da Via Láctea arrastada ao nosso sistema estelar estará mais diferenciada ao formar novos sistemas?

Sr.^a Blavatsky: – É o repositório inextinguível, e por isso não pode extinguir-se.

Sr. Gardner: – A quantidade é constante?

Sr.^a Blavatsky: – Sempre. Não será uma quantidade determinada, mas é inesgotável porque não tem princípio nem fim.

Sr. B. Keightley: – Emerge de um lado do Pai-Mãe.

Sr.^a Blavatsky: – Tudo isso são palavras. Se falarmos do ponto de vista físico, está em todas as partes, e não só sobre as nossas cabeças girando como o nosso Globo. Nós dizemos que está em todas as partes.

Sr. B. Keightley: – Por que a vemos como uma coisa limitada penetrando um pedaço particular do firmamento?

Sr.^a Blavatsky: – Porque só vemos aquilo que se pode ver, mas de qualquer maneira o ilimitado existe. Nós vemos aquilo que é o mais reduzido e não vimos o resto, por estar perdido na imensidão que certamente nenhum olho – inclusive o de um Dhyán-Choan, ou o de um Exército de Salvação que toca harpa de ouro – nunca poderá ver.

Dr. Williams: – Entendi correctamente quando fala do Sol, dos planetas e da Lua? Num momento falou deles por os planetas, em certa altura, terem tido as mesmas condições que o Sol tem agora, e que alguma altura tiveram a mesma condição que agora tem a Lua.

Sr. B. Keightley: – Eles atravessam a fase de Sol, logo transformam-se em cometas, após em planetas, em seguida em corpos mortos, etc.

Dr. Williams: – Isso dá a ideia de que o próprio Sol está se acercando da fase de planeta e depois pouco a pouco alcançará a condição em que está a Lua, pelo que certamente perderá o seu calor.

Sr.^a Blavatsky: – O Sol não é um planeta, é uma estrela central.

Sr. B. Keightley: – É um estado diferente das coisas.

Dr. Williams: – Então os planetas não foram realmente sóis no mesmo sentido do nosso Sol, o centro do nosso Sistema Solar?

Sr.^a Blavatsky: – Eles foram sóis, mas de uma classe diferente de sóis. E este é um reflexo, simplesmente.

Dr. Williams: – Se considerar o início do Pralaya Solar, será que o aproximar da consumação desse período pode afectar o Sol da mesma maneira?

Sr.^a Blavatsky: – Claro que sim. Começará tornando-se cada vez menos radiante e dando cada vez menos calor. Mas não é isso o que nós vemos, pois isso de perder fogo será por detrás, de modo que essas chamas e nervos, que são meros reflexos, se esgotarão e desaparecerão, porque o Sol não terá consistência. Não fez sentido vir falar do Sol dessa maneira porque não passa de uma ideia; nós simplesmente vemos nele o reflexo de todo o tipo de forças electromagnéticas – a caldeira real do Sistema Solar, onde estão todos os fogos. E essas Forças são Vida, Luz, Calor, Electricidade e tudo, todas as diferentes correlações a quem damos diferentes nomes. Isto é uma coisa. Elas são o mesmo, sendo o único que existe no Universo. Isto apenas no nosso Sistema Solar.

Dr. Williams: – Certamente devem ser evidentes.

Sr. B. Keightley: – Depois do próximo Pralaya Solar, aquele que é agora o Sol, se entendo correctamente *A Doutrina Secreta*, de alguma maneira se transformará no Manvantara seguinte num cometa.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, no Pralaya seguinte, mas nunca se transformará num cometa durante a vida da nossa Cadeia Planetária.

Dr. Williams: – O ponto onde pretendo chegar é que essa exalação e inalação não é repentina mas um processo gradual. Não há ponto de referência entre o começo da exalação e o final da inalação, portanto, o Sol poderá atingir a plenitude das suas forças e depois iniciar a decadência gradual das mesmas.

Sr.^a Blavatsky: – Há algo magnífico descrito no *Vishnu-Purana*. É algo exotérico, cheio de alegorias, que se mostra muito ridículo e absurdo. No entanto, enche-se de grande significado filosófico e isto – quando o Pralaya chega e os sete Raios começam a ser absorvidos – é descrito da forma mais grandiosa. Gostaria que alguém traduzisse isso para o inglês em verso. Wilson é capaz, mas comete os erros mais horríveis, e o pobre Fitzedward Hall¹⁰³, seu editor, coloca mais rodapés do que texto. “Os erros do Dr. Wilson, que na sua época não teve os benefícios que nós temos”, e isto, aquilo e aqueloutro. E certamente, sendo um reverendo, ele não conseguia fazer de nenhuma outra forma. Sempre teve de lutar pelo seu Jehovah.

Dr. Williams: – Bem, há ou não há matéria em seu estado elemental?

Sr.^a Blavatsky: – Por detrás, não no que vêem que é meramente um reflexo. Bem, imaginem que isso não pode ser visto e só conseguem ver o seu reflexo como num espelho.

Dr. Williams: – Na análise das estrelas obtêm-se as linhas mostrando os elementos isolados no Sol, não sei quantos porém um certo número.

Sr. B. Keightley: – A pergunta foi respondida ao dizer que era o efeito da atmosfera da poeira cósmica finalmente dividida, que agora a Ciência reconhece como caindo gradualmente na Terra e que actua sobre a luz solar. Isso, de acordo com a Ciência Oculta, forma as linhas solares que têm lugar na atmosfera da Terra, não sendo um fenómeno que se deva ao Sol.

O Presidente: – O mesmo se aplicaria a todos os espectros das estrelas?

Sr. B. Keightley: – Certamente, tudo em redor.

Sr. Gardner: – Porém eles diferem muito.

Sr. B. Keightley: – Pelo que entendo dessas cartas, elas não dizem que a emanação, seja qual for, e as vibrações procedentes do Sol e das estrelas sejam da mesma natureza, antes dizem que o fenó-

¹⁰³ Fitzedward Hall (1825-1901), orientalista norte-americano. Editou a tradução em cinco volumes do *Vishnu-Purana* por Horace Hayrnan Wilson, publicada em 1864-1877.

meno que tomamos para provar a presença de ferro e sódio no Sol não se deve à presença dessas substâncias nele, tal como as conhecemos, mas sim à acção sobre os raios solares na atmosfera da poeira cósmica que rodeia a Terra. Este é o ponto onde se pretende chegar.

Sr.^a Blavatsky: – Porque eles dizem que esta atmosfera tem três milhas.

Sr. B. Keightley: – Trezentas.

Sr.^a Blavatsky: – Oh! Imaginei que eram duas ou três milhas.

Sr. B. Keightley: – Conto-vos como chegaram a isto. Eles dizem que os meteoritos têm pelo menos 200 milhas.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, são três milhas onde podem respirar, creio, três milhas de ar respirável, mas não atmosférico. Quando se aproxima, claro que se diferencia e dá ilusões ópticas bastante diferentes. Isto recorde.

Sr. B. Keightley: – Eles dizem que não sabem o que é a atmosfera, mas que tem pelo menos 200 milhas porque esses meteoritos se inflamam. É muito difícil ver onde se encontra realmente a linha fronteira.

O Presidente: – Tudo depende do que se entenda por atmosfera.

Sr.^a Blavatsky: – Eu pensava que a atmosfera era onde se podia respirar. Qual é a outra?

Sr. B. Keightley: – Eles dizem que é quando esses meteoritos são observados e se incendeiam a certa altura, pelo menos a 200 milhas sobre a superfície da Terra, o que significa haver algo que produz a fricção quando eles chocam contra isso.

Sr.^a Blavatsky: – Demasiado Fohat.

Sr. B. Keightley: – Essa seria outra forma para explicar o mesmo.

Sr. Kingsland: – Então é só uma hipótese que seja a fricção da atmosfera?

Sr. B. Keightley: – Puramente, mas essa é a hipótese aceite no momento presente.

Sr.^a Blavatsky: – Por agora, pois no sábado será diferente.

Sr. B. Keightley: – Esta última foi a que mais durou.

IX

**A Sociedade Teosófica.
Relatório do encontro da Loja Blavatsky,
realizado em 17 Lansdowne Road, Holland Park, S.W.
7 de Março, 1889.
Presidente: Sr. Harbottle.**

O Presidente: – Estância 3, sloka 10. “O Pai-Mãe fia uma rede”, etc. (lê de *A Doutrina Secreta*). Quer dizer que isso é permanente?

Sr. A. Keightley: – Pergunta 1. Você disse que “o Espírito e a Matéria são o extremo oposto da mesma rede”, e na quinta-feira passada falou desses opostos como luz e obscuridade, calor e frio, vazio e espaço e da plenitude de tudo o que existe. Em que sentido estão associados esses três pares de opostos com a Matéria e o Espírito?

Sr.^a Blavatsky: – Penso que nesse sentido todo o Universo está associado com isso, com toda a Matéria Espiritual, porque sempre uma ou outro predomina em qualquer coisa que possam pensar.

Sr. A. Keightley: – Então a luz, o calor e o vazio correspondem-se com a matéria, a obscuridade, o frio, etc.?

Sr.^a Blavatsky: – Qual é a pergunta que está fazendo agora?

Sr. A. Keightley: – A primeira pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – A Matéria pura é Espírito puro. Não se consegue entender mesmo que o nosso intelecto finito o admita. Claro que não podem ver Matéria ou Espírito puros distintos, porque em Ocultismo são um.

O Presidente: – Eles são o *noumenon* dos opostos.

Sr.^a Blavatsky: – Só há uma coisa, chamem-na elemento, força ou deus, o que quiserem, porém é sempre uma. Isto é o que ensina a Ciência Oculta, e depois da diferenciação aparece tudo o que existe. Com respeito a essa pergunta, só posso dizer que nem a luz, nem a obscuridade, como efeitos ópticos, são Matéria, e tampouco são Espírito: ambas são as qualidades do Éter, o agente intermediário no Universo manifestado, porque o Éter é dual. O Éter não é como a Ciência

o conhece, e tal como realmente ele existe – esse Éter de que falam os antigos filósofos – é dual, por ser o da diferenciação mais próxima do nosso Plano de manifestação da consciência. É dual no objectivo, e dual como o Akasha Médio do Universo subjectivo. No primeiro caso, é pura Matéria diferenciada; no segundo, é Elemental. Em outras palavras, o Espírito faz-se Matéria objectiva, e o Espírito objectivo ilude os nossos sentidos físicos...

Sr. A. Keightley: – Os outros elementos, aparte o Éter, estão mais diferenciados do que ele? São tríplexes e quádruplos?

Sr.^a Blavatsky: – A que chamam “aparte o Éter”? O Éter é universal.

Sr. A. Keightley: – Por exemplo, os cinco elementos são Éter, Ar, Fogo, Água e Terra.

Sr.^a Blavatsky: – O Éter é um elemento, certamente, mas não é o Éter de que fala a Ciência.

Sr. A. Keightley: – Não, não estou aludindo à Ciência neste particular. Você disse que há cinco elementos desenvolvidos de acordo com as Raças.

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Mas o quinto ainda não está desenvolvido, esse que os antigos gregos chamavam Zeus, a Deidade de tudo. Claro que se falarem num sentido, é, mas se falarem noutro sentido, não é. Agora o Zeus de Homero certamente não era o Akasha nas suas peregrinações Don Juanescas.

O Presidente: – Não será correcto dizer que esses elementos são os diferentes estados?

Sr.^a Blavatsky: – Claro. Agora que a Ciência Física deu o nome de elementos a tudo que acredita ser homogéneo e logo acha ser esotérico, é claro que são diferentes, ou dito de outra maneira, não os vêem. Os elementos são os que se manifestam aqui como o elemento Fogo, o elemento Água ou o elemento Terra, e assim por diante. Certamente são elementos por serem totalmente distintos uns dos outros, apesar de não haver um elemento que não possua algum outro elemento nele. Mas é simplesmente esse aspecto o que predomina.

Sr. A. Keightley: – Esse é o ponto a que me referia. Há três aspectos no Fogo?

Sr.^a Blavatsky: – Quais três aspectos? Ele deve fazer três. Por certo o Éter é dual, por ser o primeiro Fogo Celeste diferenciado, como lhe chamamos.

Sr. A. Keightley: – Há um aspecto tríplice no Fogo que está abaixo do Éter na diferenciação?

Sr.^a Blavatsky: – Não devem misturar o Éter com os outros. O Éter é um elemento que segue os quatro elementos que admitimos e aceitamos, e o *Aether* é o seu sentido abstracto ou geral. A um chamam *Éter* e ao outro *Aether*.

O Presidente: – Quando fala do Éter dual, você fala do [*Aether*] dos gregos.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Foi por isso que fizeram a todos os outros deuses andrógynos. Eles o fizeram com o deus ou com a deusa tal como o fizeram os hindus: são os dois aspectos da Deidade, e cada um deles evidentemente é ou pertence ao Éter. Podem chamá-los de deuses solares ou lunares, são os deuses do Éter. Todos eles regressam ao primeiro Elemento, o Deus Brahma, do qual emanaram.

Sr. Kingsland: – Você chama-o dual por ser o ponto médio, por assim dizer, entre o Espírito e a Matéria, como é mencionado na estância?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porque em contrário não estaria mais nos Planos Superiores indo transformar-se em Akasha [Médio].

Sr. Kingsland: – É exactamente o ponto intermédio.

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Tem a mesma relação com o Cosmos, a Lua e a nossa pequena Terra que Manas entre a Mónada e o Corpo, tal como é mencionado em *A Doutrina Secreta*.

Sr. B. Keightley: – Então, onde queria chegar ao mencionar o tríplice aspecto?

O Presidente: – Isso foi só, creio, porque Arch de alguma maneira entendeu mal a forma como H.P.B. utilizou a palavra éter.

Sr.^a Blavatsky: – Reparem nos orientalistas, invariavelmente eles traduzem *Akasha* como *éter*. Eu digo que nada pode ser mais incorrecto do que isso, porque o éter é algo que a Ciência suspeita possuir partículas ou algo equivalente. Como lhe chamam? Um nome estranho – “agente hipotético”, e por diante. Claro que deve haver algo

com partículas, já que eles dizem que se não fosse matéria não poderia fazer as funções que faz aos olhos da Ciência. Mas o *Akasha* é algo totalmente homogêneo. É a Raiz sem Raiz de tudo, é *Mulaprakriti*, é a Raiz sem Raiz da Natureza, isso que é totalmente desconhecido para nós.

Sr. A. Keightley: – Esse é o Akasha no seu aspecto superior.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porém não é o Éter. O Éter é a Luz Astral dos cabalistas, é o modo de ver demoníaco, como eles dizem. É a Luz Astral nos seus aspectos primitivos.

O Presidente: – Arch está confundindo novamente *Aether* com Éter.

Sr. A. Keightley: – Não, não estou. Temos nisso uma distinção no Éter, o quinto elemento desses cinco.

Sr.^a Blavatsky: – Ainda não está desenvolvido, e por isso dificilmente podem chamá-lo elemento. Ele deverá desenvolver-se com a quinta Raça.

Sr. Kingsland: – Então, esse é o aspecto inferior do Akasha.

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Esse é o aspecto inferior para nós que somos o aspecto inferior de toda a classe de seres da aristocracia celestial. Claro que nos parece muito elevado devido à nossa presunção, “uma pequena enguia sozinha imagina-se o Himalaia”, diz o provérbio. Todavia, é algo muito baixo.

Sr. Kingsland: – Mas esse éter de que fala é o que a Ciência chama de meio hipotético que transmite a luz.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, e a pobre Ciência não sabe se deve acreditar ou não.

Sr. Kingsland: – No entanto, está ali.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, qual é a pergunta 2?

Sr. A. Keightley: – Na estância 3, sloka 10, diz-se: “Brahma como “o Gérmen da Obscuridade desconhecida” é o material a partir do qual tudo evolui e se desenvolve”. Goethe é citado expressando a mesma ideia na linha “assim, ao assomar-se a tormenta do Tempo eu me recolho e deixo para Deus os gérmenes que vêm com Ele”¹⁰⁴. Um dos

¹⁰⁴ A linha citada de Goethe é do seu *Fausto*, e será familiar dos leitores do *Sartor Resartus* de Thomas Carlyle, 1838, onde é assinalada.

axiomas da lógica é ser impossível à mente acreditar em algo que não compreende. Ora, se esse “material” mencionado, que é Brahma, fosse amorfo, então não poderia entrar na mente qualquer ideia sobre o tema, porque a mente não pode perceber nada que não tenha forma. É a “roupagem” ou a manifestação em forma de Deus que nós vemos ou percebemos, e é por isto e só por isto que podemos saber algo Dele. Pergunta 2. Qual é a primeira forma desse “material” que a consciência humana consegue reconhecer?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, faz a pergunta psiquicamente ou fisiologicamente, ou como uma pergunta vinda da ciência materialista, da ciência física?

Dr. Williams: – Para mim é uma pergunta puramente sem significado, não me importando o que os “materialistas” ou qualquer seita acreditam. Uso a palavra materialistas entre-aspas, desejando que vós a utilizeis no seu sentido próprio.

Sr.^a Blavatsky: – No meu sentido, não daria a mínima atenção à ciência materialista. Eu não acredito nessa ciência materialista. Digo que são muito grandes nos pequenos detalhes, mas em geral não satisfazem a ninguém.

Dr. Williams: – Não uso a palavra material no sentido utilizado por Huxley ou por qualquer outro deles.

Sr.^a Blavatsky: – Quero que você diga em que sentido a usa. O primeiro sentido em que podemos imaginar a Matéria ou o que está na nossa concepção da Matéria – ou seja, a mais refinada de todas, a Mãe como lhe chamamos, a Matéria Primordial – direi que é um círculo. Porque em todos os livros ocultos, em todos os ensinamentos e filosofias, é impossível imaginar-se qualquer outra forma diferente da do círculo. É impossível na lógica aristotélica, seria um [...] disso, mas como lidamos com metafísica pelo ponto de vista dos Adeptos na Ciência Oculta, devo responder-lhes o mesmo que diz o Ocultismo. Se tomarem, por exemplo, a Ciência Física, diremos que a primeira figura é um triângulo, mas isto no Plano da Manifestação, não no Mundo da Abstracção. O primeiro que vêem é certamente um círculo. Agora, podem limitar esse círculo, de acordo com as capacidades das vossas concepções e intuição, ou então torná-lo ilimitado, tudo dependendo do vosso poder de conceber as coisas. Podem expandi-lo *ad infinitum*,

fazer dele um círculo sem limites – não só por palavras que estas vos dirão que o círculo é algo, que a circunferência está em todas as partes, e assim por diante como sabeis muito bem – e eu não uso nenhuma outra forma senão essa. Satisfaz-vos isto? Concebemos um círculo primeiro que tudo, e este círculo é tudo, abarca tudo e não tem plano. Bem, imaginemos algo que seja tão grande quanto se possa imaginar podendo-o expandir ou distender *ad infinitum*. Se o concebemos com a nossa consciência, é porque queremos fazê-lo concebível para o intelecto finito.

Dr. Williams: – Suponho que será seguro dizer que o intelecto finito não consegue conceber nada que não seja finito.

Sr.^a Blavatsky: – Desculpe-me, mas há momentos em que pode conceber mais do que o seu cérebro físico consegue fazer. Certamente não poderá conceber se (você) ficar-se simplesmente na matéria e neste Universo manifestado, porém, há momentos em que pode conceber muito mais do que isso. Nos seus sonhos pode conceber coisas que não poderá conceber quando está desperto.

Dr. Williams: – Entendo isso. Porém, o meu ponto é que após tudo será uma concepção finita, por ser a concepção de um ser finito.

Sr.^a Blavatsky: – Não, porque esse círculo de luz e de tudo não é um ser, e desde logo podem de facto concebê-lo como ilimitado. Se é ilimitado e mesmo que procurem limites, não deixam de o conceber como ilimitado. Suponhamos que só se aplica ao manifestado, ao objectivo, no entanto, aparecerá como ilimitado para os astrónomos, acostumados a olhar através dos seus telescópios e a fazer o que têm a fazer. Para eles deverá parecer ilimitado.

Dr. Williams: – Eles pensam sempre pela perspectiva do espaço e do tempo. Por isso dizem que não é ilimitado.

Sr.^a Blavatsky: – É nisso que eles limitam o seu intelecto. Esbarram, partem os narizes e não vão além disso.

Dr. Williams: – Quando se vai mais além do espaço e do tempo, não se terá ido mais além de todas as formas de círculo?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Então não haverá necessidade de símbolos e signos. Tudo é de tal maneira que é impossível expressá-lo em palavras.

Dr. Williams: – Então isso traz-nos de volta ao ponto da pergunta, sobre qual foi a primeira forma dentro da faixa da consciência humana na sua consciência finita. Parece-me não ser uma pergunta sobre o que possamos imaginar, mas sobre o que estamos confinados a pensar acerca da perda da constituição da mente humana.

Sr.^a Blavatsky: – É um círculo, digo-o novamente. Está provado, cabalística e ocultamente, que o primeiro que podem conceber, quando querem imaginar algo, é um círculo.

Dr. Williams: – Esse é exactamente o ponto onde queria chegar.

Sr.^a Blavatsky: – Aqueles que proferem os maiores absurdos na Ciência dizem que se pode quadrangular o círculo, positivamente quadrado, e a partir dele fazer qualquer figura que queiram, porque tudo está em tudo.

Sr. Kingsland: – Não será mais uma esfera que um círculo?

Sr.^a Blavatsky: – Círculo ou esfera, chamem-no como quiserem. Claro que é uma esfera, tem circunferência mas não plano.

Sr. A. Keightley: – Então, qual é a figura que se obtém depois do círculo?

Sr.^a Blavatsky: – Após isso, a primeira figura será um triângulo.

Sr. B. Keightley: – Primeiro é o círculo com o ponto central, depois o triângulo.

Sr.^a Blavatsky: – A primeira figura não a é: o círculo com o ponto é só um gérmen primário, sendo o primeiro que imaginam no começo da diferenciação. Mas o triângulo é aquele que terão de conceber, uma vez que a matéria começa a diferenciar-se, uma vez que passou o ponto zero, o Laya. Isto é o que queria dizer, precisamente isto. A Brahma chama-se *Anu*, “átomo”, apesar desse átomo poder não ser um átomo. Como para nós é um átomo que não vemos, simplesmente imaginamo-lo como uma espécie de ponto matemático e assim por diante, ainda que na realidade um átomo possa distender-se e tornar-se absoluto. É o gérmen. Não é átomo do ponto de vista dos físicos e químicos, mas sim do ponto de vista oculto. É o infinitesimalmente pequeno e totalmente Brahma. Pode ser a desconhecida quantidade limitada um átomo latente durante o Pralaya, activo durante os ciclos de Vida, porém não possui circunferência nem plano, só expansão

ilimitada. Portanto, também o círculo não é mais do que um símbolo geométrico no mundo subjectivo que se transforma no triângulo no objectivo. Esta é a minha resposta e fica dada. Assim, que entendem agora?

Sr. A. Keightley: – Não vejo como se transforma num triângulo no objectivo. Isso é o que me confunde sempre.

Sr.^a Blavatsky: – Limitar esse círculo é algo muito difícil. Terão então duas coisas sem relação entre elas, a menos que se ponha o triângulo no círculo.

Sr. A. Keightley: – Claro que essa é uma figura que sempre se viu.

Sr.^a Blavatsky: – Como aparece em *A Doutrina Secreta*? É um círculo, e o ponto logo se transforma no plano e com isso no triângulo, mas esse plano não tem nada a ver com o que imaginamos. É o limite onde começa o Universo manifestado. E quando quiserem prosseguir a Cosmogonia e a Teogonia devem então imaginar o triângulo, porque se tomarem a definição pitagórica a partir desse primeiro triângulo, como lhes expliquei da última vez, ele começa a descer e por si mesmo torna-se plano, para depois subir novamente e desaparecer na obscuridade. É isto.

Sr. A. Keightley: – Segue-se a sloka 11, pergunta 3. A palavra *expandir* é usada aqui no sentido de diferenciação ou desenvolvimento, e *contrair* no sentido de involução? Ou esses termos referem-se ao Manvantara e Pralaya? Ou a um movimento vibratório constante da Substância do Mundo ou dos átomos? São essas expansão e contração simultâneas ou sucessivas?

Sr.^a Blavatsky: – Está traduzido palavra por palavra e certamente tudo é figurativo, metafórico, não devendo então tomar tudo no sentido literal, devendo permitir alguma coisa ao modo oriental de expressão. Estas estâncias são tão antigas como o Homem, mas este como Homem pensante.

Sr. A. Keightley: – (Lê novamente a pergunta).

Sr.^a Blavatsky: – A Rede significa aqui a sempre existente Matéria Primordial – puro Espírito para nós –, a Matéria a partir da qual se desenvolve o Universo ou Universos objectivos. Isto significa que quando o Alento de Fogo do Pai incide sobre ela, expande-se, e assim

como Matéria subjectiva é ilimitada, infinita, eterna e indestrutível. Quando o Alento da Mãe da toca, quando chega o momento da Manifestação devendo alcançar a objectividade e a forma, contrai-se, porque não há nada que seja material e com forma que seja ilimitado. Entendam que o Fogo se refere aqui ao Pai. É o Princípio desconhecido que fecunda essa Matéria, a Matéria Primordial ou Mãe. E logo tomando uma forma – claro que tomará uma forma – se tornará limitada. O Universo é ilimitado, porém tudo que tem forma é finito. Bom, é por isso que se diz que se contrai, ou seja, se torna algo inferior, apesar da expressão talvez não ser muito feliz.

Sr. B. Keightley: – Significa converter-se em algo limitado.

Sr.^a Blavatsky: – Isto é o que quero dizer. *Agora* os críticos são muitos, mas os ajudantes foram poucos quando escrevi isto. Esta é a sua malandrice.

Dr. Williams: – Não é a interpretação literal de nenhuma das essências que queremos, mas sim só as ideias que estão por debaixo delas.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, sim, literal. Tentei traduzir palavra por palavra.

Dr. Williams: – Mas não é em nada disso que insisto, e sim nas ideias que estão por detrás.

Sr. Kingsland: – O que interpretamos é isto: quando o Alento da Mãe a toca, então os filhos se dissociam e dispersam, regressando ao seu seio no final do Pralaya. Mas parece ser o oposto disto.

Sr.^a Blavatsky: – Podem interpretar de qualquer forma. Podem interpretar como o final do Pralaya ou o contrário.

Sr. Kingsland: – É quando o Alento da Mãe os toca e eles contraem-se vindo a manifestar-se.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, e no final do Pralaya contraem-se novamente encolhendo-se mais, mais e mais. E então dissociam-se e desintegram-se voltando ao que eram no princípio.

Sr. Kingsland: – Não diria que no final do Pralaya se expandiram?

O Presidente: – A *contração* é aqui o mesmo que dispersão.

Sr.^a Blavatsky: – Eu sempre a tomei num sentido.

Sr. Kingsland: – Pensávamos que a dissociação e a dispersão referiam-se ao Pralaya.

Sr.^a Blavatsky: – Oh não, refere-se à diferenciação.

Sr. B. Keightley: – “Voltar ao seio da Mãe no final do Grande Dia”.

Sr.^a Blavatsky: – Reparem, devem conhecer os poderes inerentes de cada átomo. Devem conhecer o que é realmente a matéria neste Plano, e o que era a matéria antes de estar diferenciada. Ali tratei de vos dar a explicação, mas não sei se consegui ou não. Agora, por exemplo, tomem a proposição de Sir Isaac Newton, ou seja, de que cada partícula de matéria tem a propriedade de atrair outras partículas, etc., como sabeis dessa conhecida proposição. Pois bem, por dado aspecto ela está correcta. Mas também está Leibnitz. Ele fala sobre as Mónadas e diz que cada átomo é um universo em si mesmo que actua através da sua própria força inerente. Isto também é verdade. Mas um fala do ponto de vista da psicologia enquanto o outro pelo das ciências físicas, ambos dizendo que nada tem princípio nem fim, e isto nada explica. É totalmente impossível. Só o Ocultismo é que vem reconciliar ambos e mostrar que também há algo mais nisso. Estão incompletos. O Homem também é um átomo tendo atracção e repulsão nele, porque é o Microcosmos do Macrocosmos. Estaria certo dizer que devido a essa força move-se e actua independentemente dos outros, ou poderá actuar e mover-se, a menos que haja uma força e inteligência maior que a própria que lhe permita viver e mover-se. Eu falo sobre esse elemento superior da força e inteligência porque a sua Ciência Física diz que cada átomo tem a sua própria força inerente, e que não há matéria extra-cósmica – conforme algo que recebi de si, Dr. Williams, onde diz que a Ciência não permite a força extra-cósmica.

Dr. Williams: – Não quis pô-lo nesse sentido.

Sr.^a Blavatsky: – Não, porém lê-se e interpreta-se assim. Os seus cientistas físicos, pelo que pude entender, parecem dizer que o átomo tem inclusive a sua própria força inerente, e isso é o que faz dizer a Haeckel¹⁰⁵, por exemplo, que a matéria criou-se por si mesma, que deu uns coices a si mesma e fez tudo por si mesma. Muito bem,

¹⁰⁵ Ernst Haeckel (1834-1919), biólogo alemão.

não ponho objecção a isso. Mas há algo mais, portanto, há uma força inerente no átomo e uma que actua no átomo, e esta é a que eu queria explicar-lhes. Um dos meus objectivos em *A Doutrina Secreta* é provar que os movimentos planetários não podem ser explicados satisfatoriamente só através da teoria da gravitação, e isso leva-me a dizer que além da força que actua na matéria também existe outra força que actua sobre a matéria. Tomem, por exemplo, uma esponja (talvez a esponja seja um exemplo muito mau, mas ainda assim dará a ideia do que pretendo mostrar). Peguem numa que esteja totalmente empapada em água do mar. Cada um dos seus átomos é, por assim dizer, um átomo seco ou uma partícula de água do mar, apesar das ondas em seu redor o mover e guiar; ora essas ondas são iguais às que estão dentro e as criaram, inclusive criaram essa esponja que se transformou em matéria objectiva inteiramente específica. Passa-se o mesmo com cada átomo do Universo. O que procuro expressar é isto: quando falamos das condições modificadas da Matéria-Espírito, que na realidade é Força, e as chamamos por vários nomes tais como calor, frio, luz, obscuridade, repulsão, atracção, electricidade, magnetismo e assim por diante, para o ocultista esses são simplesmente nomes das expressões das diferentes manifestações da mesma e única força que é sempre dual, pelo menos na diferenciação, menos nas suas diferenças específicas, porque todas essas diferenças no Mundo Objectivo resultam só das peculiaridades da diferenciação da matéria em que actua a força livre, auxiliada por essa porção da sua essência que chamamos força aprisionada. Devo agora dizer-lhes que a força é una, porém difere nos seus aspectos segundo se estiver no Plano manifestado, onde será encadeada e aprisionada num átomo ou em qualquer forma que possam imaginar, ou se é essa força livre que acabo de tentar mostrar-lhes, tomando como ilustração a esponja. Também existe a outra Força que é a totalidade absoluta, mas essa Força não é só uma força, é Tudo, é Vida, é Consciência. Porém, tudo isto é absoluto, tudo isto não tem nenhuma relação com o finito, e certamente não o podemos considerar ou comparar com as coisas que vemos no Universo manifestado. Entende a minha ideia, Dr. Williams?

Dr. Williams: – Sim, penso que sim. Isso está antecipando as perguntas que se seguem.

Sr.^a Blavatsky: – Isso não é culpa minha.

Dr. Williams: – Mas como poderemos saber algo sobre a Força Universal que se encontra atrás ou abaixo e acima ou fora deles?

Sr.^a Blavatsky: – Nunca o poderemos saber no Plano Físico.

Dr. Williams: – Como podemos obter alguma ideia disso?

Sr.^a Blavatsky: – Estudem Ocultismo.

Dr. Williams: – Isso é tudo. Que tem a dizer o Ocultismo sobre isto?

Sr.^a Blavatsky: – Diz que tudo o que vêem em redor, tudo o que podem compreender ou conceber, provém dessa Força Absoluta. Ou acreditam num Deus pessoal que faz isto e aquilo – como ensina o bom clérigo – ou acreditam que há uma Totalidade Absoluta, incompreensível, que Herbert Spencer chama de *Desconhecido* e refere-se a isso como “Ele” e a “Causa Simples” (o que é muito filosófico!). Ou podem eleger que logicamente não poderá ser outra coisa porque nada pode surgir do nada, tudo deve vir de algo. Mas este algo não pode estar limitado, porque se o estivesse seria um Deus pessoal.

Sr. B. Keightley: – Isso mesmo virá de algo.

Sr.^a Blavatsky: – É como no conto da galinha que põe o ovo, mas o ovo existia antes da galinha e gerou a galinha. Pois continuem se conseguirem entender.

Dr. Williams: – Vejo a lógica disto, e também vejo que é totalmente necessário postular o *Absoluto*, algo que está por detrás de toda a Manifestação e que não tem relação connosco, mas postulando isso como é possível ir mais além? Porque no momento em que procuramos ir mais além disso começamos a falar da Manifestação. Assim, como se pode postular um *Absoluto* do qual não podemos conceber absolutamente nada?

Sr.^a Blavatsky: – A Filosofia não postula nada. Postula a sua existência, não o seu ser. Mas não diz que existe, não diz que seja um ser, diz que é. Lembrem-se agora do que [...] respondeu ao rei, esse grande [...] quando lhe perguntou acerca do Nirvana. Respondeu que não está em nenhum lugar, não existe em lugar algum. O que é o Nirvana? Não é nada. Então o Nirvana, retorquiu ele, não existe. Não, não existe. Então, tornou ele a replicar, de que estão falando? Eu digo que é sem que exista: é um estado. Imagine um estado absoluto, esse é essa consciência.

Dr. Williams: – Vejo isso como uma necessidade de lógica quando se aplica simples e somente ao Absoluto ou Àquele que transcende sempre a consciência humana. Mas a partir do momento que deixamos isso, torna-se diferente. Queria saber como é possível falar sobre a condição de uma coisa que não é coisa. Isto é o que não consigo compreender.

Sr.^a Blavatsky: – Alguma vez estudou “a Noite e o Dia de Brahma”?

Dr. Williams: – Sim.

Sr.^a Blavatsky: – Muito bem. Imagine, por exemplo, uma noite escura e um homem ou homens numa espécie de sono mortal, digamos que os homens mortos estão assim, permitindo-nos deixar de fora todos os outros. Digamos que um homem assim está como desmaiado num desses desfalecimentos. Não se lembra de nada, poderá passar cinco ou seis horas e parecer um segundo. Pense-se nisto. No entanto, acontece o seguinte: apesar de não haver consciência, nada em absoluto, contudo é a partir da tomada da consciência de não-ser que um homem se transforma e começa a pensar imediatamente no que ele é. Consegue imaginar isto? É uma analogia muito insatisfatória mas há algo nela.

Dr. Williams: – Sim, consigo imaginar qualquer coisa que esteja ao alcance da consciência humana, mas não me parece que isso toque este ponto. Primeiro postulamos um Absoluto, que admitimos não poder fazer nenhuma concepção de qualquer espécie, e depois começamos a falar de qualidades que transcendem a consciência humana.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não começamos a falar disso. Trata-se dessa Absolutez, de acordo com a Filosofia Oriental. É essa Absolutez cujas qualidades latentes e adormecidas na condição Laya, no ponto zero de tudo como todo negativo, despertam quando soa a hora do Ciclo de Viada do Dia de Brahma, por assim dizer. A partir disso começam, uma após outra, a formar gradualmente o Todo que chamamos Ideação Divina. Chamamos Pensamento Divino a isso que Platão chamou a Ideia Eterna. Então, logo começa a diferenciação. Quantas vezes já o expliquei? É por isto que os brahmines, que certamente são os maiores filósofos do mundo, postulam sete Criações e no final da sétima começa isso que tratei de explicar-lhes aqui. Eles têm um nome

para cada Criação. Eu falo delas em *A Doutrina Secreta* em todos os Planos e através de todos os Planos de Consciência. Só quando se chega aqui é que se pode falar de sétima Criação, a nossa Criação (chamo-a Criação mas deverá ser chamada Evolução), e é quando começa a diferenciação com a queda do Espírito na Matéria, porém, isso sucede gradualmente, durando milhões e milhões de anos. Quando vêm falar-me de sete mil anos, eu respondo que tudo isso são disparates, e o mais que posso dizer é que sete vezes sete milhões não os cobririam.

Sr. B. Keightley: – Surpreende-me, Dr. Williams, que a lógica da posição seja que o Absoluto é a totalidade abstracta em alguma outra forma. Todo o objecto da nossa consciência, seja uma ideia ou qualquer outra coisa, por assim dizer, deve ter a sua raiz no Absoluto, deve provir Dele de uma outra forma. Portanto, afinal deverão estar latentes ou fundidas no Absoluto, durante o tempo de Pralaya, as raízes essenciais de tudo o que foi, é e será manifestado.

Dr. Williams: – Oh, eu aceito tudo isso.

Sr. B. Keightley: – Então percebe o que estava dizendo H.P.B., que é tomada a primeira dessas qualidades. Não se pode dizer nada mais do que esteja acima dessa manifestação.

Dr. Williams: – Não é precisamente isso que faz *A Doutrina Secreta*? Não há ali postulados daquilo que não tem forma, que está acima formando-se, e que incluso está no primeiro Absoluto o Absoluto?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo eu falo disso como a Obscuridade Eterna, e logo no segundo Plano começa o Movimento. É correcto que o Movimento inicie algo mais, e assim descendo sucessivamente até ao sétimo. O intelecto finito não pode alcançar isto. Por conseguinte, inicia nessa fase em que começa a primeira agitação da diferenciação na Matéria Primordial, que é eterna.

Dr. Williams: – Esse é o ponto: o que foi a primeira Manifestação, como chegámos a ter alguma consciência dela ou se é possível ter alguma consciência?

Sr.^a Blavatsky: – Trata-se da experiência de épocas e épocas de todos os videntes. Assim, terão de admitir haver gente no mundo tais como os videntes, podendo-o ou não ser. Se o são, a experiência de um transmite-se ao outro, mas nunca dizem ao outro como foi e é.

Aqueles que têm as capacidades de videntes são postos à prova, e se disserem na sua linguagem que sabem como produzir isso, e se um diz exactamente o mesmo que o outro, então suponho haver a probabilidade de que assim seja.

Dr. Williams: – Estou disposto a admitir que não há muito que entre no espaço da minha consciência, mas o que entra, se for honesto comigo mesmo, mantém-me bastante desrespeitoso com o que se diz disso.

O Presidente: – Parece-me que a dificuldade nessas fases intermédias é esta: num sentido, são concepções positivas. A concepção do Absoluto é negativa e, portanto, é comparativamente fácil para nós. As fases intermédias não estão no espaço do nosso intelecto finito, embora sejam concepções positivas.

Sr. Yates: – Todo o que está dentro do espaço do Absoluto deve estar dentro da nossa consciência?

Dr. Williams: – Sim, é exactamente esse o ponto. O cavalheiro o disse.

Sr.^a Blavatsky: – Claro, nisto vocês não estudam as coisas esotéricas. Mas aqueles que estudam as Instruções Esotéricas Haeckel¹⁰⁶ entenderão o que quero dizer. Não nego que se tomarem uma analogia mais imediata, como a do nascimento de uma criança ou de qualquer animal, encontrarão uma admirável correspondência. Não existe elo perdido. Corresponde-se com coisas que são conhecidas da Ciência – entendam o que quero dizer – e estes são factos que não podem ser negados. É impossível, são provas perfeitas que se ajustam a tudo o que a Ciência obteve como provas até agora.

Sr. Kingsland: – parece-me que a pergunta do Dr. Williams refere-se a isto. Ele quer saber como podemos chegar ou apreciar àquilo que actua sobre a matéria.

Sr.^a Blavatsky: – É a Força inerente que cobre todo o campo da Consciência, da Vida e de tudo o que possam pensar, e ao mesmo tempo há uma Consciência que actua sobre ela. Estas são as coisas

¹⁰⁶ As Instruções dadas aos membros da Secção Esotérica de H.P.B., das quais a *Instrução N.º 1*, datada de Janeiro e Fevereiro de 1889, acabava de sair.

de que vos dou provas, agora que a vossa Ciência está em desacordo com ela mesma.

Dr. Williams: – Aqui está outra forma de a pôr: devemos começar no princípio, no Absoluto, e logo depois segue-se a manifestação do Absoluto. No momento em que têm a manifestação de algo, têm uma ideia, pode predizer algo sobre ela, mas se voltam a algo de que não podem afirmar nada, nunca chegarão ao Absoluto. Agora, como é possível dizer algo ou pregar sobre uma condição que transcende a consciência?

Sr.^a Blavatsky: – Mas nós não postulamos nada disso. Dizemos que isso se transforma a si mesmo através dos Planos, dos diferentes Planos de manifestação, até chegar a este Plano de percepção objectiva científica – incluso científica – e essas coisas que vós conheceis como forças da Natureza, como o podeis provar. Mas há algo mais além, e isso prova que até as leis de Newton e Kepler¹⁰⁷ podem perfeitamente ser contraditas e provar que estão equivocadas. E isso é o que tenho estado a fazer aqui, porque com a sua pergunta senti-me como um velho cavalo de guerra com cheiro a pólvora. Acabo de vos dar a explicação.

Sr. Kingsland: – Penso que o Dr. Williams supõe que passando o nosso Plano de consciência se chega ao Absoluto.

Sr.^a Blavatsky: – Oh não, de nenhuma maneira. Isso está num Plano do qual não podemos ter ideia alguma. Para nós, isso é totalmente invisível. Os homens de ciência não o querem admitir por não o puder cheirar, tocar, ouvir ou tornar perceptível com os seus sentidos.

Dr. Williams: – Atrevo-me a dizer que a pergunta seguinte nos ajudará de alguma maneira.

Sr.^a Blavatsky: – Essa força aprisionada e a força livre – o trabalhador ou a força inerente – incluso tendem a unir-se com a sua essência paterna, esta que esta fora. E assim a Mãe actuando faz com que a rede se contraia e o Pai não se expanda. Esta é outra explicação para vós disso que os vossos homens de ciência chamam gravidade, e nós homens de ignorância, ou os companheiros, chamamos de

¹⁰⁷ Johannes Kepler (1571-1630), astrónomo alemão.

trabalho da Força Vital, Espírito-Matéria, que é um espaço e um tempo externos duais dentro do Espaço e do Tempo. Este é o trabalho da eterna Evolução e Involução, ou da expansão e contracção. Ali respondo a cada uma das objecções e perguntas deles. Faço-o ou não? Desta Força dual provêm as forças centrípetas e centrífugas que eles haverão de provar assim serem, porque eu não me baseio nos erros da Ciência que estão evidentemente demonstrados por todos os astrónomos e físicos, apesar de não admitirem. São, se quiserem, como o clérigo da Igreja – conhecem os erros e as impossibilidades, mas não os admitem. É assim que os vossos homens de ciência quando encontram algo que não encaixa e transtorna as suas teorias, apressam-se a rapidamente ir inventar outra teoria. É-lhes muito confortável inventar qualquer disparate e continuar assim *ad infinitum*. Qualquer coisa que digam a engolirá o *hoi polloi*¹⁰⁸.

Sr. A. Keightley: – Então a pergunta 4.

Sr. B. Keightley: – Antes de passarmos ela, falta clarificar o seguinte: você disse que a Força interna, a Força aprisionada, causa contracção, e que o Pai ou Força externa causa expansão.

Sr.^a Blavatsky: – Ou seja, essa Força que trabalha dentro ou algo que vem a trabalhar, tem sempre de unir-se com essa outra Força que é absoluta. Portanto, ela tende a tomar uma forma por essa acção, enquanto a outra tende a expandir-se não tendo forma.

Sr. Kingsland: – Não seria um bom exemplo um pedaço de gelo na água? É uma expansão da mesma matéria aquosa, porém a Força fá-la contrair-se e formar o gelo, que é algo no Plano manifestado, mas sempre tendendo a voltar novamente ao estado original.

Sr.^a Blavatsky: – E os cientistas não dizem por que se forma o gelo. Eles têm razão na explicação detalhada, mas não na genérica.

Sr. A. Keightley: – (Lê de novo a pergunta 4).

Sr.^a Blavatsky: – Essa é uma boa pergunta, “quando”. Quando a força aprisionada e a inteligência inerente em cada átomo de diferenciação (como da matéria homogénea) chegam a um ponto em que ambas se convertem nas naturezas [escravas] dessa Força Inteligente que chamamos Livre-Arbítrio Divino, representada pelos Dhyanis-

¹⁰⁸ *Hoi polloi*, termo grego para “maioria”, “a maior parte das pessoas”.

Budhas. Quando as forças centrípeta e centrífuga da vida e do ser são sujeitadas por uma Força anónima, que põe ordem na desordem e estabelece a harmonia no caos. Não lhes posso dizer mais nada. Como também não posso assinalar a hora precisa e o tempo de um processo cuja duração é perfeita, a qual os hindus e os budistas, como vós sabeis, põem em cifras.

Sr. A. Keightley: – O objectivo da pergunta era saber em que momento do processo. Agora, a pergunta 5. O que significa que a rede fica radiante quando esfria?

Sr.^a Blavatsky: – Simplesmente isso que é dito no parágrafo dois dos comentários que se seguem à estância.

(O Presidente lê a passagem de *A Doutrina Secreta*)

Sr. A. Keightley: – Então, a pergunta 6. Estância 3, sloka 11: o primeiro parágrafo do comentário necessita ser elucidado com referência à parte do papel que joga o calor na formação e dispersão do elemento, e também dos Mundos como Globos. Diz-se primeiro que “o grande calor dispersa os elementos compostos e decompõe os corpos celestes no seu elemento prístino”. Esse calor, aparentemente, já existe num “foco ou centro de calor (energia) desde o qual muitos são levados de um lado para outro no espaço”. Quais são esses centros de calor? São visíveis ou invisíveis no nosso Plano de matéria? Qual é o “corpo” a que se refere, que pode estar “activo ou morto”? A desintegração por calor a que faz referência, é essa que acontece no nosso Plano com a qual estamos familiarizados em Química?

Sr.^a Blavatsky: – Observem que no outro tema respondi inteiramente ao Dr. Williams, tema esse onde é dito algo que está na pergunta 6. Isto está misturado, será muito melhor seguirem até ao final desta pergunta número 6.

Sr. A. Keightley: – Isto é o final da pergunta número 6.

Dr. Williams: – Penso que tem relação com Fohat.

Sr.^a Blavatsky: – (Depois de ler a pergunta número 6). Não, não foi a isto que respondi. É a confusão de que lhes falei, porque sei que falo da Ciência aqui.

Dr. Williams: – É a segunda declaração a que se refere, Madame, lembro.

Sr. A. Keightley: – (Lê a segunda declaração).

Sr.^a Blavatsky: – Apenas a contestei então. Digo que a Ciência teme elevar as suas teorias nos seus axiomas. E por que age como Penépole¹⁰⁹ e faz agora aquilo que não fez ontem? Mostra-nos que a Lei está de acordo com a totalidade dos Representantes Planetários, que eles podem ser e são produzidos de acordo com a Lei, pelo que posso dizer que estais correctos. Mantemos que neste caso nem a lei de Newton e nem a lei de Kepler se manterão. Tomem a primeira e a segunda lei de Kepler, comunicada na lei newtoniana como nos é dada por Herschel. Ele diz que sob a influência dessa força de atracção dois corpos gravitacionais esféricos são atraídos um para o outro, fazendo isto com que se movam de um lado para o outro mas cada um deles sendo desviado numa órbita côncava descrevendo curvas, um sobre o outro considerado como fixo ou os dois em torno de um centro comum de gravitação, cujas formas são essas figuras conhecidas em Geometria pelo nome genérico de secções cónicas. Essas dependem das circunstâncias particulares de velocidade, distância e atracção – quer seja uma elipse, um círculo, uma parábola ou uma hipérbole, devendo ser uma destas. Há agora uma das teorias da Ciência elevada por vós para a transformar em axioma. Mas esse axioma da Ciência pode ser transtornado da maneira mais fácil possível, provando que isso pode ter lugar nos fenómenos do movimento planetário, mesmo que todos sejam contrários a tal. Claro que isso vos fará rir, mas quando se prova e demonstra tudo acabarão dizendo que não é uma jactância vã e sim exactamente isso que o Ocultismo afirma. O que a Ciência diz agora é que os fenómenos do movimento planetário resultam da acção de duas forças, a centrípeta e a centrífuga. É assim? Eles asseguram-nos que um corpo cai no solo, primeiro por uma linha perpendicular à água, e segundo fá-lo pela lei da gravidade ou força centrípeta. Eles dizem isto? Agora vou provar-lhes este axioma, provar-lhes a falácia que é. Um ocultista muito ilustrado apresenta o seguinte: se confiarmos nessas leis, encontraremos no nosso caminho um obstáculo entre duas coisas – primeiro, que o trajecto de um círculo é impossível no movimento planetário, totalmente impossível se é deixado a essa força inerente. Segundo, que o argumento da terceira

¹⁰⁹ A fiel esposa de Ulisses no relato épico grego de Homero, *A Odisseia*.

lei de Kepler, ou seja, que os quadrados dos átomos periódicos de dois planetas quaisquer têm a mesma proporção que os cubos da sua distância média do Sol, faz surgir esse curioso resultado da libração permitida sobre as excentricidades dos planetas. Mas como as ditas forças permanecem inalteradas na Natureza, elas só podem surgir, como surgiram, de uma causa estranha. Também prova que o fenómeno de gravitação ou de queda não existe senão como o resultado de um conflito de forças. Não é a gravidade, é um conflito de forças. Só pode ser considerada força isolada como uma forma de análise mental. Ele afirma, além disso, que os átomos ou partículas de matéria não são atraídos entre si na direcção de linhas rectas ligando aos seus centros, mas antes forçados um para o outro nas curvas ou espirais rodeando o centro, como também a ondulação não é o resultado da atracção mas simplesmente o desse conflito de forças. Tudo isto, como se mostra, resulta do conflito de forças aprisionadas, disso que aos olhos da Ciência é antagonismo, mas que é afinidade e harmonia para o conhecimento dos ocultistas. Agora, se quiserem que eu demonstre estes temas precisarei de cerca de dois dias, podendo descrever todas as questões geométricas para vos provar que estas coisas não são excepções raras mas que constituem a regra nos movimentos planetários. Depois disto, em que ficam as propostas newtonianas de de Kepler?

Sr. Kingsland: – Ou isto é esotérico ou isto é público.

Sr.^a Blavatsky: – Em nada, algo disto pode ser exotérico.

Sr. Kingsland: – É suficientemente exotérico para que possa ser provado para satisfação de um homem de ciência.

Sr.^a Blavatsky: – Os homens de ciência riem-se disto, e não aceitam. Creio que lhes foi dado o suficiente em *A Doutrina Secreta*.

Sr. Kingsland: – Não pode ser demonstrado matematicamente?

Sr.^a Blavatsky: – Matematicamente penso que sim. Procurem essas provas que dei nos meus “trechos de Ciência” em *A Doutrina Secreta*. Leu-os todos?

Sr. B. Keightley: – Não nos deu uma prova detalhada disso, desse ponto em particular. Seria algo terrivelmente bom fazê-lo.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, obrigado! Para dar todas as provas possíveis a minha vida não seria suficiente.

Dr. Williams: – Creio que [você] não compreendeu a minha posição, mas entendo por que se aborrece.

Sr.^a Blavatsky: – Pensei que se ria de mim, dizendo que a Ciência diz isto e aquilo.

Dr. Williams: – Não estou aqui para isso. Não me interessa o que pensa qualquer astrónomo, pois sei perfeitamente que lutam entre eles.

Sr.^a Blavatsky: – Eu não luto consigo, mas sim com a Ciência. Foi o que me sugeriu, pois disse-me muito friamente que a Ciência dirá isto ou aquilo. Para ela só digo disparates.

Sr. A. Keightley: – Você não respondeu à pergunta do Dr. Williams.

Sr.^a Blavatsky: – Meu querido senhor, digo-lhe que misturou as coisas. Respondi-lhe tudo, e senti-me muito incomodada e aborrecida. Agora muito bem, faça a pergunta.

Sr. A. Keightley: – Esta é a pergunta 8. A pergunta diz: no comentário sobre a sloka 11 da mesma estância diz-se que “Fohat, juntando algo do grupo de Matéria Cósmica (Nebulosa), dá-lhes um impulso, põe-nos novamente em movimento desenvolvendo o calor requerido, e depois deixando-os seguir o seu próprio novo crescimento”. Uma declaração como esta torna necessário que abandonemos todas essas grandes generalizações ou conclusões que a Ciência moderna se orgulha ter alcançado, ou seja, a da persistência e uniformidade da força e as consequentes mudanças no Universo por antecendência e sequência. A Ciência dirá que essa força extra-cósmica é inconcebível, que é uma força nem sempre iminente na matéria, que pode irromper no ciclo de evolução em qualquer ponto, e que após um período de actividade deixará novamente a matéria pelos seus próprios meios. A Ciência dirá que a Criação, ou a chegada da forma ao espaço da nossa percepção consciente, é o resultado de algo a que se dá o nome de Força. Logo dirá ser a Força quem primeiro trouxe a Matéria ao espaço da percepção, e que deve persistentemente seguir com a Matéria que a sustém e pela qual actua, pois em contrário sairia imediatamente do espaço de percepção ou deixaria de o ser, pelo que sabemos. Se alguma vez se admitir que existe essa Força iminente na Matéria, então a introdução disso de que nem sempre esteve nela é

uma incongruência de pensamento. Ademais, tal hipótese seria completamente desnecessária porque todos os movimentos e actividades da Matéria são compreendidos sem ela. Pergunta 8. O Fohat deve entender-se como sinónimo de Força ou disso que causa as diferentes manifestações da Matéria? Se é assim, como pode dizer-se que Fohat “deixa que sigam o seu novo crescimento”, quando todo o crescimento depende da Força que reside dentro?

Sr.^a Blavatsky: – Todo o crescimento depende da Força interna, porque no nosso Plano só essa Força actua conscientemente nos nossos sentidos. A Força universal não pode ser considerada uma Força consciente, porque em seguida a transformariam num Deus pessoal. É só aquilo que está encerrado na forma, que está limitado a uma forma de matéria – não sei como expressar-me bem – que é consciente de si mesmo neste Plano. Aquilo que é ilimitado ou absoluto, como é essa Força livre ou Vontade, não pode actuar de maneira consciente, apesar de haver uma Lei de Vida única e imutável. Por isso se diz que Fohat é o Poder Motriz de toda a Força Vital, disposto como mediador entre a Força Absoluta e a Condicionada. É, por assim dizer, o cimento entre as duas, tal como Manas é o laço entre a matéria bruta do corpo físico e a Mónada Divina que a anima. Não pode actuar directamente sobre ela na primeira Raça.

Dr. Williams: – Isso tem a ver com a pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – Muito bem. Agora a 9.

Sr. A. Keightley: – Então não aborda a pergunta 6?

Sr.^a Blavatsky: – A seis? Tenho estado a falar dela todo o tempo.

Sr. A. Keightley: – (Lê novamente a pergunta 6).

Sr.^a Blavatsky: – Não senhor, não é isso. É algo que não posso explicar-lhes, é impossível sobre as coisas que sucedem aí.

Sr. A. Keightley: – Então o que são esses centros de calor?

Sr.^a Blavatsky: – São os centros pelos quais, por exemplo, Keely esboça a sua força interna etérea nos pontos Laya. Aí o calor é paradoxo, pois não será calor para nós. É a negação do calor.

Sr. Kingsland: – pensei que podiam estar relacionados com os nódulos de Fohat de que falou a última vez.

Sr.^a Blavatsky: – Isto é algo diferente. Agora a 9.

Sr. A. Keightley: – Fará algo com a pergunta 7?

Sr.^a Blavatsky: – Dei-vos tudo sobre a pergunta 7.

Sr. A. Keightley: – É esta a pergunta 7: o frio extremo poderia provocar o mesmo efeito de dissociação que o calor extremo, como parece transmitir o Sr. Sinnett na página 200 do *Budismo Esotérico*? Leio a passagem do *Budismo Esotérico* (lê a passagem, página 200).

Sr.^a Blavatsky: – Bem, isso está bastante correcto.

Sr. A. Keightley: – Na realidade, a pergunta é: o efeito do frio seria suficiente para gerar uma massa conglomerada como a Terra quebrando-se em partículas separadas?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não seria.

Sr. B. Keightley: – Não é uma pergunta sobre o frio mas sim sobre a morte, a perda da vida.

Sr. A. Keightley: – O Sr. Sinnett cita a Flammarion¹¹⁰ como tendo razão.

Sr.^a Blavatsky: – Está correcto em algumas coisas, mas recordo perfeitamente que o Mestre disse que não tinha razão em outras. Porém Sinnett quer trazer tudo sob o domínio da Ciência, e talvez Flammarion seja para ele mesmo mais do que ninguém. Respondi a esta pergunta que esteve fazendo sobre Sinnett, é a pergunta 11, porque a encontro aqui na sua folha mecanografada, e agora deve ir à 9. Isto leva a uma eterna confusão.

Sr. B. Keightley: – Tudo isto deve ser posto no relatório.

Sr. A. Keightley: – (Formulação da pergunta 9). Seguindo o pensamento já apresentado nos enunciados anteriores de que a Força é a Unidade ou que o Uno se manifesta numa variedade ilimitada de formas, resulta-nos impossível entender outro enunciado no comentário, a saber: que “há calor interno e calor externo em cada átomo”, ou como disse algumas vezes, calor latente e activo ou calor cinético dinâmico. Do meu ponto de vista, esses termos contêm uma contradição. Temos uma percepção da matéria impulsionada pela Força de uma maneira peculiar, e a este fenómeno particular damos o nome de *calor*. O calor, portanto, é simplesmente matéria em movimento no Plano

¹¹⁰ Camille Flammarion (1842-1925), astrónomo francês.

Físico, porém, diz que também existe calor num sentido mais interior ou oculto. Assim, como é percebido nesses Planos superiores de consciência? Por virtude da mesma lei que prevalece aqui, porque a verdade da unidade da Força é uma verdade universal e, portanto, é percebida de maneira igual ou similar em todos os Planos de consciência. Se houver calor num sentido mais interior ou oculto que o calor físico, deve ser percebido por um sentido superior ou mais interior que os nossos sentidos físicos actuais, e percebido *em virtude das suas actividades em qualquer Plano que se manifeste*. Podendo haver actividades e percepção das mesmas em qualquer Plano, logo existe ao mesmo tempo a percepção de *formas* objectivas. Vemos assim que a lei do calor, em qualquer Plano de existência, é a mesma. São necessárias três condições, a saber: a força actuante, a forma que actua e isso que percebe a forma em movimento. Os termos calor latente, calor potencial ou calor dinâmico, são nomes equivocados, porque o calor, quer seja no primeiro ou no segundo Planos de consciência, é a percepção da matéria ou *substância* em movimento. Pergunta: A discrepância entre o enunciado anterior e o ensinamento em *A Doutrina Secreta* é aparente ou real? Se é real, em que ponto dos ensinamentos científicos está o erro?

Sr.^a Blavatsky: – Quem fez essa pergunta e considere haver contradições e discrepâncias, certamente não sabe nada de Ciência Oculta. Por que calor deveria estar noutro Plano que não o nosso, com a percepção da matéria ou a substância em movimento? Por que um ocultista deveria aceitar tais condições como um *sine qua non*, primeiro a força actuante, segundo a forma que actua, e terceiro aquilo que percebe o movimento em formação, como o calor? Tudo isso é Spencerismo¹¹¹ puro e simples. Um ocultista diria que o sétimo Plano da Forma desaparecerá e não haverá nada que nele possa actuar. A força actuante permanecerá numa grandeza solitária, segundo a fraseologia dos spencerianos. Será ao mesmo tempo o objecto e o sujeito, o que percebe e o que é percebido. Como podem imaginar que seja igual no sétimo Plano? Os termos usados não são discrepâncias ou contradições, mas sim muitos símbolos emprestados da Ciência

¹¹¹ O sistema de pensamento desenvolvido por Herbert Spencer, apresentando a ideia de que a evolução é a passagem do simples, indefinido e incoerente ao complexo, definido e coerente.

Física destinados a fazer com que todos os processos se tornem mais claros para o estudante. Lamento não poder meter-me nisto esta noite, nem em nenhuma noite de quinta-feira, mas um ocultista prático entenderá bem o que quero dizer. Suponho que essas perguntas encontram-se antes do final de *A Doutrina Secreta*. Na terceira parte explico tudo, e se lerem verão que todas estas perguntas são respondidas, podendo encontrá-las até antes de chegar à terceira parte, onde respondo completamente. Não há ali nenhum erro. Aqueles que entendem os símbolos usados sabem bem o que significam; de facto, todas as especulações sobre o calor e a força estão relacionadas e correspondem-se com cada princípio no Homem, e por isso os utilizei. Como todos se correspondem com cada um dos princípios, utilizo-os simplesmente como símbolos, porque se usasse outras expressões ninguém me entenderia.

Dr. Williams: – Muito bem. Claro que unidas com toda a palavra ou pensamento expressado há certas ideias, e são só as ideias que subjazem o que me interessa. Não me importa a forma de expressão, é só à ideia que sustenta as palavras que quero chegar. Tomemos o quarto ou o quinto Plano, pois nele há algo que lhe corresponde no Plano material.

Sr.^a Blavatsky: – À medida que vão descendo nos Planos encontram que tudo se funde cada vez mais na unidade e, portanto, no quarto ou no quinto Plano certamente não há nada como o calor e não há contraste entre calor e frio. Por se unificarem cada vez mais, tendem para a unidade.

Dr. Williams: – Você fala de centros de calor.

Sr.^a Blavatsky: – Agora, por exemplo, quando falo de centros de calor são os centros que na Ciência Física seriam o ponto zero, a negação. Não seriam nada, seriam justamente isso porque são espirituais, porque são espírito.

Dr. Williams: – Bem, não faz diferença acerca de qualquer Plano que falemos de alguma coisa. Falamos disto quando percebemos algo que conhecemos, mas se não percebemos não temos nada a dizer.

Sr.^a Blavatsky: – O que muda completamente.

Dr. Williams: – Há algo no terceiro Plano que alguém possa perceber, que os ocultistas perceberão?

Sr.^a Blavatsky: – Com os olhos da sua mente, e então não necessitará de forma nem símbolo ou coisas objectivas, porque não vê objectivamente. Ele só vê a essência e a raiz das coisas com sentidos que não pertencem a este Plano. Esses são os sentidos que falámos quando abordámos os sonhos.

Dr. Williams: – Eu admiti inteiramente terceiro, por a percepção de algo estando em qualquer Plano acima da matéria dever proceder de algum sentido acima da mesma matéria.

Sr.^a Blavatsky: – A palavra “percebido” transmite uma impressão errada. É “sentido” e não “percebido”.

Dr. Williams: – Quer que acredite que é impossível obter uma ideia?

Sr.^a Blavatsky: – No Plano Físico, não, mas se vão a um Plano superior, então perceberão de outra forma. No terceiro Plano “sentirão” as coisas com esses sentidos de que não fazem ideia no quarto, e assim sucessivamente até chegarem ao último Plano onde o adepto superior não pode penetrar¹¹².

Dr. Williams: – Eu posso perceber coisas que não têm nenhuma relação com este Plano, e tudo que possa perceber posso dizer, contudo não tem relação com o espaço e o tempo.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente não tem, mas igualmente se conecta, está unido e conectado indissolivelmente com este Plano isso que não tem relação com o espaço e o tempo.

Dr. Williams: – Bem, a aparente discrepância (indo um pouco atrás ao segundo enunciado da pergunta) é esta: é levado com os olhos da mente ao começo da criação do Universo físico, sendo a matéria numa condição homogénea a que foi levada por uma força actuante, pois em contrário nunca teria alcançado essa condição. Façamos uma comparação. Suponhamos que construí uma mesa para nela rolar uma bola de bilhar, sabendo que se lhe bater com um taco pesando duas onças terá força suficiente para enviar essa bola a oito pés de distância. Então, qual é a necessidade dessa introdução como

¹¹² Refere-se, certamente, não ao Adepto Real, o verdadeiramente Superior, mas ao “adepto superior” ou discípulo adiantado a quem ainda é vedada a entrada no sétimo Plano Nirvânico ou Espiritual, por questão de desenvolvimento do estado vibratório da consciência.

explicação de alguma força (que comparo a uma força extra-cósmica) para aquilo que já recebeu um impulso que a projectará a oito pés?

Sr.^a Blavatsky: – E você supõe que actuaria dessa forma se não tivesse a força inerente que representa numa analogia com a força de fora.

Dr. Williams: – Mas você fala ali de Fohat chegando a esse ponto, indo fazer algo e depois afastando-se.

Sr.^a Blavatsky: – Não tenho o direito de dizer mais. Há coisas que não posso explicar, mas tento fazer-lhes entender que há uma força fora e uma força dentro, e que nenhuma bola de bilhar é só isso.

Sr. Kingsland: – Essa força fora actua continuamente?

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente. Mas se abandonarem no mesmo sítio uma bola de bilhar durante três ou quatro anos, não creio que encontrarão isso quando voltarem a procurá-la.

Dr. Williams: – Na nossa concepção do Universo, e parece que através de todas as investigações nas várias épocas isso mantém-se como verdadeiro por ser uma verdade universal, pois apesar das discrepâncias da Ciência é uma verdade universal, tem-se o seguinte: a persistência da Força, essa Força que persiste em toda a parte apesar de nunca chegar à manifestação.

Sr.^a Blavatsky: – Isso prova o que dizemos. Porque é Absoluta, porque está sempre presente. Mas eles não conhecem a Força, não sabem o que é. Poderão explicar-vos o que é a Força? Se eles quiserem negar o que dizemos, que expliquem o que é a Força. Que expliquem por que as suas teorias são um montão de contradições.

Dr. Williams: – Eu só falo de verdades evidentes.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é o que eles vêm dizer sobre a persistência da Força – que nenhum ocultista negará – mas o que é essa Força? Eles são totalmente incapazes de responder. Antes de tudo ser matéria já a matéria reinava de maneira suprema. Mas depois a matéria foi deixada para trás, houve uma revolução, se quiserem, entre os cientistas. Eles rebelaram-se e entronizaram a “Força”, e agora olham a Força e perguntam: “Quem és tu?”.

Sr. Kingsland: – Os ocultistas dirão: “A Força não é persistente neste Plano”. Falando da Ciência, ele diz que ela afirma que a Força

é persistente neste Plano.

Sr.^a Blavatsky: – É persistente, certamente, porque é eterna e absoluta e apresenta-se aqui sob várias formas e aspectos, porém, não é a Força como no sétimo Plano, ainda que certamente seja persistente. Mas pergunto-vos: o que é esta Força? Eu digo-vos o que é: é a Totalidade Absoluta, o “Incognoscível” de Herbert Spencer. No entanto, a Ciência não admite haver uma força que actua fora do átomo, que há uma força inteligente, contrapondo ser tudo força cega. Isso é o que eles dirão – só haver força inerente, força mecânica.

Dr. Williams: – Não posso conceber algo que seja cego ou algo que seja uma força inteligente, mas posso conceber uma força que actua sobre a matéria.

Sr. B. Keightley: – Mas esse não é o ponto que o Dr. Williams queria encontrar. Ele tem alguns problemas com o enunciado em *A Doutrina Secreta*¹¹³, se Fohat deixa os núcleos, as massas nebulosas, para acompanhar o seu próprio crescimento.

Sr.^a Blavatsky: – Este é o defeito do seu culto familiar. Tenho as coisas aqui e respondo-as.

Sr. Kingsland: – Fohat as porá em movimento e logo as deixará para acompanhar o seu próprio crescimento.

Sr. B. Keightley: – Que o Dr. Williams entenda que está em contraposição com a lei das forças.

Sr.^a Blavatsky: – Digo-vos que as perguntas estão aqui todas misturadas e não consigo encontrar onde está esta. Mas posso dizer, sem olhar, que sei muito bem o que escrevi a respeito. Não é nenhuma contradição, permite tudo. Deixa o...

Sr. Kingsland: – Deixa que siga o seu próprio crescimento.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, devo demonstrar-vos já que o escrevi. Todo o crescimento depende da força interior, porque no nosso Plano essa força é a única que não os deixa entregues a si mesmos, pelo que Fohat age na força interior fazendo com que actue conscientemente. Não consigo expressar-me de nenhuma outra forma. Não é que as forças deixem de actuar, mas sim que uma actua conscientemente e a outra inconscientemente. A Força Universal não pode ser

¹¹³ *A Doutrina Secreta*, I, 84.

considerada uma Força Consciente, porque imediatamente se faria dela um Deus pessoal. Ela é só aquilo que está encerrado numa forma e possui uma limitação de matéria, que é consciente de si mesma no nosso Plano. Mas isso que é ilimitado e absoluto contendo a força livre, ou Vontade, já não pode dizer-se que actue inteligentemente, apesar de possuir a Lei imutável da Vida e do Ser. Por isso se diz que Fohat deixa-os fazer o que quiserem. Ou seja, que daí em diante essa força actuará em cada átomo num conflito eterno com a força exterior, ou melhor, não em conflito mas sim em harmonia, como nós lhe chamamos. Portanto, não há discrepância.

Dr. Williams: – Eu não disse que havia.

Sr. B. Keightley: – Quando Fohat lhes dá um impulso e os deixa sós quer dizer, em outras palavras, que a Força externa, ou Fohat, a Força Universal, se limita na forma.

Sr.^a Blavatsky: – Não fica limitada na forma.

O Presidente: – Fica diferenciada.

Sr.^a Blavatsky: – Não se pode dizer que a Força Universal actua conscientemente, porque actua em todas as partes como uma Lei imutável. É por isto que eles dizem que actua por si mesma. Não sei como é apresentada a expressão “força interna”.

Sr. B. Keightley: – A frase usada é que Fohat lhes dá um impulso.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, sendo o átomo o intermediário entre essa força inconsciente e essa força consciente, após ter estabelecido as forças centrípeta e centrífuga, ele retira-se. Mas isto não é uma discrepância, pois sem Fohat tal seria impossível, posto um ser o absoluto e outro o limitado. São os dois extremos, e não haveria conexão se Fohat não os conectasse, pois que ele é a Força Universal da vida disso que põe em movimento as coisas ao dar-lhe o impulso. Vós deveis fazer concessões ao modo oriental de expressão. Afirmo que traduzi isso palavra por palavra.

O Presidente: – mas Fohat não é a Força absoluta imutável, é a síntese dos sete Raios.

Sr.^a Blavatsky: – Nada disso, ele é o meio conector entre o Abso-tuto e isso, já que representa inteiramente a Mente Divina.

Sr. Kingsland: – Eu fiz essa pergunta, de quem Fohat é agente nesse caso? O agente de Lei. Ele é o representante disso, de todos esses *Dhyan-Choans* como nós lhes chamamos, os *Manasaputras*, que significam a *Mente Eterna*.

O Presidente: – Está muito claro porém é difícil de expressar, e não muito fácil de ver.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, é o meu desafortunado inglês, mas desafio qualquer homem com maior conhecimento da língua inglesa a vir expressar estas coisas abstractas para a gente as puder entender.

Sr. A. Keightley: – Enunciado da pergunta 10. Logo se enuncia no comentário que sob a influência de Fohat “o calor requerido” é desenvolvido para dar a “*isso*” o impulso necessário para seguir um novo crescimento. Se “*isso*” já foi dissociado pelo calor, como requer mais calor para o novo crescimento? Qual é o novo crescimento? Quem é o “*ele*” a que se refere, é o “*corpo*” mencionado várias vezes antes ou são os “poucos aglomerados de Matéria Cósmica” que Fohat juntou? Sob que guia actua Fohat neste caso? Qual é o processo pelo qual um Globo passa para o Pralaya? Fá-lo *in situ*, por assim dizer, permanecendo ainda como parte de uma Cadeia Planetária mantendo a sua própria posição relativamente aos outros Globos? A dissociação por meio do calor desempenha algum papel na passagem de um Globo ao Pralaya?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, é respondido aqui que tudo isso se refere aos átomos esvaziando-se das formas indo transformar-se em arru-pas, ou seja, sem formas, aquando as formas se tornam amorfas. Isto não faz referência a algo especial a ver com alguns fenómenos. Simplesmente refere-se aos átomos afectados que retornam ao seu elemento primordial, e logo Fohat começa novamente a usá-los, ou seja, como a Electricidade vital.

O Presidente: – A reconstruí-los em seus agregados.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente é igual para qualquer um. O átomo rodopia e metade dele se transforma num rolo, e assim por diante.

O Presidente: – Até que essa combinação se desenvolva, que por não ser uma força consciente requer Fohat para a combinar.

Sr.^a Blavatsky: – Requer Fohat para lhe dar forma, para lhe dar um número, um aspecto geométrico, uma cor, um som, tudo aquilo

que deve adquirir consciência.

O Presidente: – Penso que isto o explica.

Sr. A. Keightley: – Então, a pergunta 11. Na passagem de um Globo ao Pralaya, ele permanece *in situ*, ou seja, o de continuar a fazer parte de uma Cadeia Planetária, mantendo a sua própria posição relativamente aos outros Globos? A dissociação por meio do calor tem algum papel na passagem de um Globo ao Pralaya?

Sr.^a Blavatsky: – Penso que isso está no *Budismo Esotérico*, pois ali é explicado o obscurecimento de um planeta. Claro que quando um dos Globos de uma Cadeia Planetária obscurece, o calor retira-se dele e permanece *status quo*. É como a Bela Adormecida que fica assim até ser despertada por um beijo. É algo como que paralisado, permanecendo como é. Não há uma interrupção, porém não ocorre nenhuma correlação, não há renovação de átomos e nem de vida.

Sr. Kingsland: – E passa pela fase em que agora está a mente?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não. Mas volverá de novo quando chegar o seu momento, por estar em cada Globo da Cadeia Planetária onde um após outro passa à obscuridade.

Sr. A. Keightley: – Esse período de obscurecimento é real e genuinamente o que vulgarmente se entende por Pralaya?

Sr.^a Blavatsky: – É o Pralaya do Globo, porém o Globo imediato ao nosso continuará em actividade.

Sr. A. Keightley: – É um Pralaya do Globo ou é só um Pralaya das coisas acima do nosso Globo?

Sr.^a Blavatsky: – Não, é um Pralaya do Globo quando entra em obscuridade. É o Pralaya de tudo, de todo o átomo.

Sr. A. Keightley: – Tomem, por exemplo, a Terra neste momento, supondo que como membro desta Cadeia em particular entrará em obscurecimento. Neste momento provavelmente é visível para Marte, mas poderemos dizer que a Terra continuará sendo visível?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente continuará sendo visível. Será exactamente como a Lua. Pensam que a Lua é um planeta morto por já não ter árvores e tudo isso. É um planeta sem alma, morto espiritualmente, porém não está morto. Bem, não me falem disso, é algo que Sinnett recebeu nos seus dedos por fazer demasiadas perguntas. Sei

que todos vós sois membros perigosos.

Sr. Kingsland: – Quando a nossa Terra entrar em Pralaya se tornará como a Lua.

Sr.^a Blavatsky: – Penso que já se tornou como a Lua. Todos somos lunáticos, todos aqui. A Humanidade transformou-se numa perfeita lunática.

Sr. A. Keightley: – Enunciado da pergunta 12. Na sloka 11 refere-se aos filhos como dissociados e dispersos, e isto parece ser oposto à acção de voltar ao seio de sua Mãe no final do “Grande Dia”. Esta dissociação e dispersão refere-se à formação dos Globos a partir da *Substância Mundial* universalmente difundida? Em outras palavras, emergindo de um estado de Pralaya? A que se refere com expansão e contracção através de si mesmos e de seus corações, e como isto está relacionado com a última linha da sloka, “eles abraçaram a infinitude”?

Sr.^a Blavatsky: – Isso tem sido contestado. A dissociação e dispersão referem-se a *Nitya Pralaya* em geral. Expliquei-vos o que é *Nitya Pralaya*, para que possais explicar por vossa vez. Num outro dia perguntaram-me e expliquei o que é. É um Pralaya eterno, perpétuo, que começou quando os Mundos foram criados, inclusive desde que houve algo no Globo, está sempre ocorrendo e continuará sempre.

O Presidente: – É morte, simplesmente morte no sentido de mudança.

Sr.^a Blavatsky: – Todos nós estamos em *Nitya Pralaya*. Nenhum de nós possui os mesmos átomos que tinha ao entrar na sala faz uma hora, e daqui a uma hora todos estaremos totalmente mudados.

Sr. A. Keightley: – É a mudança atômica e nada mais.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, nada mais. Toda a mudança é *Nitya Pralaya*.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 13. A que se refere por expansão e contracção “através de si mesmos e de seus corações”, e como isto está relacionado com a última linha da sloka, “eles abraçaram a infinitude”?

Sr.^a Blavatsky: – É só uma metáfora oriental em linguagem figurativa, significando o que já se disse, de que cada um através da sua

própria força inerente aprisionada, colectivamente se esforçar em unir às forças universais, “abraçando a infinitude”. Penso que isto está muito claro.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 14. Qual é a relação entre a densidade e o “peso” de que falou na quinta-feira passada, acerca de quando a primeira qualidade se manifestou na matéria?

Sr.^a Blavatsky: – A densidade, inclusive no seu primeiro grau, tem uma película, implica peso. Creio que uma não pode existir sem o outro. Certamente que se há densidade, há peso, e é esta a relação. Agora a 15.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 15. Qual é a relação entre a electricidade e (a) o magnetismo físico, (b) o magnetismo animal, e (c) o hipnotismo?

Sr.^a Blavatsky: – Essa é uma pergunta muito comprida e creio que seria melhor reparti-la. Uma parte pode ser aplicada às coisas físicas, enquanto a outra não a podereis aplicar. Não poderão aplicar hipnotismo a esta caixa, mas poderão aplicar-lhe electricidade. A relação entre eles é que a electricidade é a mãe de tudo isto no Plano da Manifestação, e Fohat é o pai de tudo. A electricidade é a mãe de todas as forças nos fenómenos mentais e físicos. Mas antes de tudo, e nisso que vós chamais matéria fenomenal, nada pode actuar num elemento mineral ou químico sem Fohat, o qual gira e actua sobre as moléculas e as células moleculares do seu cérebro. Penso que isto é o suficiente.

(Aqui terminou a sessão)

X

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
Quinta-feira, 14 de Março, 1889.
O Sr. Kingsland na Presidência.**

Sr. A. Keightley: – Estância 4, sloka 1.

Sr. B. Keightley: – (Lê a passagem de *A Doutrina Secreta*).

Sr. A. Keightley: – Pergunta 1. Os “Filhos do Fogo” são a subdivisão do Terceiro Logos ou são subdivisões da Mente Universal? Estes dois são sinónimos?

Sr.^a Blavatsky: – Quer dizer que entende que os “Filhos do Fogo” são simplesmente uma Hierarquia de Anjos ou o quê?

Sr. A. Keightley: – Eu entendo que os “Filhos do Fogo” são as diferentes Hierarquias compreendidas na subdivisão do Terceiro Logos.

Sr.^a Blavatsky: – Os modernos “Filhos do Fogo”, ou seja, aqueles das quinta Raça e sub-raça, são chamados assim simplesmente porque graças à sua sabedoria pertencem às Hierarquias que estão mais próximas deles, a dos “Homens Divinos da Névoa de Fogo”, os Chohans Planetário Superiores ou Anjos. Mas os “Filhos da Névoa de Fogo” apontados aqui na estância como referindo-se aos “Filhos da Terra”, são os instrutores dos reis que encarnaram nesta Terra para ensinar à nascente Humanidade. Como reis, eles pertencem às dinastias divinas de que toda a nação antiga – Índia, Caldeia, Egipto, Grécia Homérica, etc. – preservou a tradição de uma forma ou de outra. As subdivisões do Segundo Logos são coisas desconhecidas, meu querido senhor, e as do Primeiro Logos Imanifestado nunca existiram, excepto como uma unidade.

Sr. A. Keightley: – Minha pergunta era o Terceiro Logos.

Sr.^a Blavatsky: – O que é que pergunta?

Sr. A. Keightley: – Eu disse, se estas subdivisões são do Terceiro Logos?

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente devem ser, porque as subdivisões do Segundo Logos são desconhecidas, enquanto as do Primeiro nunca existiram salvo como uma unidade. Portanto, devem ser necessariamente do Terceiro. Não podem ser outra coisa, pois é o primeiro ponto manifestado.

Sr. A. Keightley: – Então, que relação têm com a Mente Universal?

Sr.^a Blavatsky: – Que relação têm? Quem?

Sr. A. Keightley: – Essas Hierarquias.

Sr.^a Blavatsky: – Elas pertencem às Hierarquias que já vos expliquei muitas, muitas vezes, começando com os “Choans de Fogo” e os “Anjos de Fogo”, depois os “Anjos do Éter”, os “Anjos do Ar”, os “Anjos da Água” e os “Anjos da Terra”. As sete Sephiroths inferiores são as terrestres das sete Hierarquias dos sete Elementos, dos quais vós conheceis cinco e não conheceis dois.

Sr. Kingsland: – Pelo que diz aqui, parece que elas também correspondem às Raças.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente elas correspondem às dinastias divinas. Onde estariam as raças intelectuais com cérebros e pensamentos se não fossem essas Hierarquias que encarnaram?

Sr. Kingsland: – Então, os “Filhos do Fogo” são esses Instrutores Divinos?

Sr.^a Blavatsky: – Nesse sentido são. Eles são os instrutores dos reis, dessas dinastias divinas que os caldeus, egípcios e hindus assim consideraram, e igualmente os gregos as consideravam dinastias divinas.

Sr. A. Keightley: – Então no que respeita aos seres humanos, os “Filhos do Fogo” são as encarnações mais elevadas na Terra, enquanto os “Filhos da Névoa de Fogo” são os mais elevados na Esfera Celeste.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas também as são as dos “Filhos da Névoa de Fogo”, como na Antiguidade foram chamados os Hierofantes.

Sr. A. Keightley: – Eles e as “dinastias divinas” não são quase idênticos? Ou sejam, devem ter estado em conexão, pois eram Reis Iniciados.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, e ademais todos eles encarnaram. Assim ensina a Doutrina Oculta sobre essas Hierarquias Celestes que vieram encarnar no Homem, tendo sido os mais elevados do mesmo. Isto confunde uma audiência criada na crença de que por cada criança que nasce há uma alma produzida imediatamente por Deus, o que é algo extremamente confuso. Ninguém parece levar em conta a ideia filosófica de que nada pode vir do nada, nem sequer o Alento de Deus, pelo menos de um Deus antropomórfico. Claro que de uma Deidade entendendo, porque tudo é Alento, Essência Divina, mas refiro-me a esse Deus que aparece sempre a dar o alento a uma criança que nasce, inclusive a uma criança nascida do pecado, e isto é algo muito confuso.

Sr. A. Keightley: – Eu penso que a maior dificuldade nesse caso é o dar-se conta de que a alma é implicitamente uma e distinta separada do corpo.

Sr.^a Blavatsky: – Como se distingue? Não pode ser distinguida [da] Alma fundamental, porque penetra a cada átomo do corpo humano e a todo o Universo. Não há um átomo de barro que não esteja penetrado pela Alma Divina. se fosse de outro modo, não seria infinita. Ou é infinita ou não pode admitir o contrário.

Sr. A. Keightley: – Essa é a dificuldade, a ideia da individualidade comparada com a realidade que penetra tudo.

Sr.^a Blavatsky: – O que pode dizer-me sobre esta lâmpada? Este fogo que apresenta é um fogo individual?

Sr. A. Keightley: – Até onde sei, sim. Certamente eu diria que sim.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente não é. É individual enquanto está na lâmpada confinado a um recipiente, mas se o tirar daqui não será mais que um fogo do Fogo Universal que está na Terra, pelo menos é assim no nosso Sistema Solar. Disto pode ficar seguro, não há outro. Fixem que não digo que seja da mesma Essência, apesar de o ser mas de outra forma. Isto igualmente com as Almas e as Mónadas.

Sr. A. Keightley: – Entendo a analogia, mas a dificuldade em todas as distinções é tirar da nossa mente a ideia de que há um pedaço separado de fogo.

Sr.^a Blavatsky: – Aquele que quiser ser um ocultista não deve separar-se de nada neste mundo. E desde o momento em que se

separa de algum suporte que ache desonrante, não conseguirá obter qualquer suporte honrante. É impossível. Deveis pensar em vós mesmos como algo infinitesimal, nem sequer individual mas como parte do Todo, ou continuareis como ilusões, como nada, como alentos que desaparecem sem deixar rasto. Estão separados só do ponto de vista da ilusão. Cada um de vós é um corpo distinto que caminha com as máscaras dadas por *Maya*. Podem apontar algum átomo do vosso corpo como distinto? Podem deter um conjunto de átomos? Não lhes prestam a mínima atenção. O que são? É o vosso próprio intelecto ou alma ou espírito? Tudo desde o Espírito até ao último átomo é uma parte do Todo. É uma cadeia. Se um elo fosse quebrado, tudo seria aniquilado. Esta cadeia não pode ser quebrada, é impossível.

Sr. B. Keightley: – Reparem, obtêm uma série de veículos que aumentam de densidade, por assim dizer, à medida que passam do Espírito à Matéria, de maneira que em cada passagem cada vez se desenvolve mais o sentido de separação até se chegar abaixo. E ainda assim isso não pode existir, porque se houvesse uma real e completa separação entre dois seres humanos quaisquer, não seriam capazes de se compreender e comunicar um com o outro de nenhuma maneira.

Sr. A. Keightley: – Com certeza, não estou argumentando contra isso.

Sr. B. Keightley: – Mas só estou dizendo isto como um facto.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 2. Os “Filhos da Terra” são simplesmente seres humanos? É ou não assim? O que são?

Sr.^a Blavatsky: – Essa pergunta já foi respondida. É abrangida pela primeira resposta.

Sr. A. Keightley: – Logo vem a passagem, página 86: “O Fogo, a Chama, o Dia, esta brilhante quinzena, os seis meses do Solstício do Norte desvanecendo-se (morrendo) nesses, aqueles (yoguis) que conhecem a Brahman e vão a Brahman”, etc.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é da *Anugitâ*¹¹⁴.

¹¹⁴ Depois de terminar a Grande Guerra descrita no *Mahâbhârata*, Arjuna pediu a Krishna que o instrísse de novo, por ter esquecido os ensinamentos dados no *Bhagavad-Gita* devido à guerra. O resultado disso foram os capítulos conhecidos como a *Anugitâ*. H.P.B. estava familiarizada com a tradução de K. T. Telan publicada em 1882 como o volume 8 de *Os Livros Sagrados do Oriente*.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 3. Poderia dar uma explicação desses termos? Qual é o significado da frase?

Sr.^a Blavatsky: – O significado é dado de maneira suficientemente clara no comentário de *A Doutrina Secreta*. Se não lhe prestaram atenção, digam-me e tratarei de explicá-lo mais claramente. Poderia ler isso novamente?

Sr. B. Keightley: – (Depois de ler *A Doutrina Secreta*). E logo prossegue falando sobre as diferentes Hierarquias, porém não explica o enunciado na passagem, sobre aqueles que nesse período irão a Brahman, ou noutro caso irão a [].

Sr.^a Blavatsky: – Significa que os “devotos” estão divididos em duas grandes classes: aqueles que alcançam o Nirvana, quer o integrem ou não (porque têm a opção de permanecer na Terra, pelo menos na sua atmosfera, para fazer o bem, ou de se submergir egoísticamente no Nirvana sem se preocupar com o mundo), e aqueles que não o fazem por não terem alcançado o Nirvana. Agora, os primeiros nunca mais renascerão neste Maha-Kalpa ou nos cem anos da Idade de Brahman (que significa quinze cifras), diferentemente dos demais que não alcançam o Nirvana na Terra como o fizeram Budha e outros. Tudo isto é simbólico e metafórico fácil de compreender. Suponho que “o Fogo, a Chama, o Dia, a brilhante quinzena do Sol” são todos símbolos da Deidade Absoluta mais elevada, e que aqueles que possuem o estado de pureza absoluta, como esses símbolos apontam, vão a Brahman, ou seja, têm o direito a isso. Por outro lado, o Fumo, a Noite, a quinzena obscura da Lua, etc., são todos símbolos de matéria e ignorância, e todos aqueles que morrem nesse estado incompleto de purificação devem renascer. Somente o espírito homogêneo ou puro e sem mescla pode transformar-se em Espírito e ir a Brahman. Isto é o mais claro que pode ser, porém não é mais do que metáforas.

Sr. A. Keightley: – Então qual é o significado de dizer que eles são deidades superiores ou os nomes de várias deidades?

Sr.^a Blavatsky: – Porque as Hierarquias a que eles pertencem estão conectadas correspondentemente com a quinzena obscura e com a quinzena brilhante e tudo o mais que leu. Além disso, afirmo que tudo isso pertence ao Esoterismo, apesar que até hoje nunca ter ouvido falar de Esoterismo às quintas-feiras (dia de Júpiter, Jueve) à noite.

Sr. A. Keightley: – É uma espécie de Astrologia transcendental.

Sr.^a Blavatsky: – É para-metafórico. Agora a pergunta 4.

Sr. A. Keightley: – Já respondeu a isto. Pergunta 4. Qual a diferença entre os yoguis que não voltam e os “devotos” que voltam?

Sr.^a Blavatsky: – Essa é a distinção dos yoguis que não voltam a esta Terra. Oh, eu já respondi a isto.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 5.

Sr. B. Keightley: – (Lê a sloka 2).

Sr. A. Keightley: – E seguem-se as duas citações após o comentário: “Os primeiros Primordiais são os Seres Superiores na escala da Existência”. “Os Primordiais procedem do Pai-Mãe”. Pergunta 5. Pai-Mãe é um sinónimo do Terceiro Logos e não de Svabhavat na Obscuridade como antes, já que agora está manifestado e diferenciado na existência, “enquanto o outro Quaternário manifestado e os Sete procedem unicamente da Mãe”?

Sr.^a Blavatsky: – Agora colocou duas perguntas, às quais darei duas respostas. Os sete primeiros Primordiais nasceram do Terceiro Logos. Isso foi quando se diferenciaram na Mãe, que é pura Matéria Primordial na sua primeira Essência Primitiva, ou seja, o Pai-Mãe potencialmente. Tudo isto é explicado muito claramente no comentário à sloka 2. Leiam-no novamente, pois cada palavra é ali explicada.

Sr. B. Keightley: – (Lê uma passagem de *A Doutrina Secreta*).

Sr.^a Blavatsky: – Agora vos responderei. Perguntem de quem é sinónimo.

Sr. A. Keightley: – O Pai-Mãe aqui é sinónimo do Terceiro Logos e não de Svabhavat na Obscuridade como antes, já que agora se manifesta diferenciado na existência, “enquanto o outro Quaternário manifestado e os Sete procedem unicamente da Mãe”?

Sr.^a Blavatsky: – Aqui é sinónimo do Terceiro Logos, enquanto Svabhavat é a Luz ou Manifestação. É chamada das duas maneiras, é totalmente intercambiável. Tal como antes sinónima da Obscuridade, agora é Svabhavat na Luz. E na Obscuridade o “primeiro Primordial” deve ser sempre entendido como os Raios do Terceiro Logos, não de outra maneira. São as emanções directas do secreto [], porque nós o reconhecemos duas vezes. Pai-Mãe, Parabrahman, Mula-

prakriti, o Ideal Eterno, a Potência Ideal dual em nossa mente e o Logos nascido dela, são eternos. Trata-se simplesmente da diferença na existência, ou simplesmente a ideia *in esse* e a ideia *in actu*. Creio que ali expliquei perfeitamente bem.

Sr. B. Keightley: – Mas quer se voltar a isso, para se saber se entendeu correctamente.

Sr.^a Blavatsky: – Pensava que entendiam correctamente. Mas agora a pergunta 6 é uma continuação disso.

Sr. A. Keightley: – Sim, pergunta 6. O que é a Mãe e o que é o Pai nesta frase?

Sr.^a Blavatsky: – A Mãe só se transforma na Mãe Imaculada quando se completa a diferenciação, pois em contrário não terá tal qualificativo. Por exemplo, ninguém falará do Espírito Puro como algo imaculado, pois o Espírito Imaculado só se converte em tal simplesmente na matéria. Assim, a Mãe Imaculada demonstra, até onde é possível aplicar o qualificativo, estar na matéria e ser inferior. Portanto, a Mãe é a Matéria Imaculada que dá começo à Hierarquia. Isso termina com a Humanidade e o Homem, começando por algo que o Pai-Mãe não pode ser. No começo são idealmente potenciais, mas logo a potencialidade se transforma unicamente na Mãe. Mas, o que é a Mãe? Tomem a etimologia da palavra e encontrarão que é simplesmente a Matéria, e esta é a Matéria Primordial que é, desde logo, a Mãe Imaculada. A ideia da Mãe Imaculada provém disto, porque o Espírito é invisível.

Sr. A. Keightley: – Mas então tem-se dificuldades em entender isso, porque aqui aparece o Terceiro Logos que é o Pai-Mãe na Manifestação, não é assim?

Sr.^a Blavatsky: – Sem dúvida terão tempo para ficar confusos e perplexos, se quiserem, quando encontrarem algo mais difícil como são as intercambiáveis. Nisto é igual a repreenderem um químico que apresentou algum composto ou preparação química dando-lhe um nome e depois chamando-o por nome diferente, apesar de todos significarem o mesmo sob aspectos diferentes. É algo que têm de aprender, por ser a ordem do procedimento. Não conseguem ir mais além porque simplesmente enchem a cabeça com coisas completamente inúteis, a não ser que se convertam num filósofo vedantino e

vão dar conferências sobre isto. Digo-lhes que simplesmente se confundem e nada mais.

Sr. A. Keightley: – O meu único objectivo é descobrir o que quer dizer.

Sr.^a Blavatsky: – Quem é você? O que pensa que é, de nenhuma maneira o é. É orgulho. É uma parte da Humanidade, ainda que seja Archibald Keightley. E o que é a Humanidade? A Humanidade é uma parte de milhares de milhões de Humanidades que já desapareceram. É um pouco de lodo, e nada mais. E o que é o Mundo? É um pequeno grão de lodo no Universo. Não pode vir apresentar esse espírito de separação, mesmo sendo você um cavalheiro inglês e um conservador.

Sr. A. Keightley: – Quando alguém vive numa ilusão quer compreender as suas relações.

Sr.^a Blavatsky: – Uma ilusão é uma ilusão. Se pensa que a entendeu, acabará totalmente desiludido.

Sr. A. Keightley: – Sloka 3, página 91, a frase está na página 91 (lê). Pergunta 7. Pode explicar-nos o princípio da permutação pela qual 13514 se transforma em 31415?

Sr.^a Blavatsky: – Digo-vos que tudo é possível para Deus, e se a sua doce vontade quiser que 2 e 2 sejam 5, sabeis que Ele assim fará imediatamente.

Sr. B. Keightley: – (Lê uma passagem de *A Doutrina Secreta*).

Sr.^a Blavatsky: – Tal como disse no meu comentário, agora não estamos preocupados com o processo, o que significa que não pode ser dado exotérica e publicamente. Isto é dito antes na página onde acaba de ler a sloka, todavia não me importo de lhes explicar um pouco mais, o que farei o melhor que puder. O conjunto de figuras deve ter o mesmo significado dos diferentes ciclos e idades dos primeiros nascidos, as quinze figuras, 311 e não sei que mais. Não se preocupem, tentarei explicar e fazer compreender. Os rabinos chamam ao círculo (do que nós chamamos *Parabrahman*) de *Achod (Ehad)*, o Uno ou *Ain Sof*. No Plano inferior do Quarto converte-se em *Adam-Kadmon*, os Sete manifestados e os Dez imanifestados, ou a Árvore Sephirotal completa que são os Três e os Sete inferiores cuja síntese forma o Dez perfeito. Portanto, as *Sephiroths* são o mesmo que os

Elohim. O nome destes escrito em hebreu (*Alhim*) é composto de cinco letras, e estas letras ou os seus valores em numerais estão dispostas num círculo podendo ser intercambiadas ou transmutadas à-vontade, o que não aconteceria se fosse aplicadas em qualquer outra figura geométrica. O círculo é eterno e não tem começo nem fim. Como todos sabem, a Cábala literal está dividida em três partes ou métodos, ou terceiro dos quais é chamado Temurah ou Permutações. De acordo com certas regras, uma letra é substituída por outra. O alfabeto cabalístico está dividido em duas partes iguais, onde cada letra ou numeral corresponde ao mesmo número ou letra na metade irmã. É um processo difícil, e ao mudar alternadamente as letras de uma em outra, alguns dizem haver umas vinte e duas combinações. Ouvi haver mais do que essas. Num caso são vinte e duas, mas há mais quatro combinações dentro das combinações, pelo menos de acordo com o meu rabino. Agora, se traçarem um círculo dessa forma (se tivesse uma mesa o desenharia aqui), se traçarem o círculo perfeito e inscreverem dentro as letras A, I, H, E, ou I e M, *Elohim*, e tomarem o seu valor numérico, obterão 13514, e deixei algo de fora. Leiam isto da maneira que quiserem, seja como 13514 ou 31415, que é o valor do *Phi* astronómico ou o número qualificativo constante, ou o valor da circunferência de um círculo cujo diâmetro é uno. Isto é algo muito simples em Astronomia. Ou seja, os cinco machos-fêmeas ou dez (porque cada um deles é macho-fêmea fazendo cinco), são os dez que se tornam uno. Não só os números podem ser substituídos à-vontade pela Temurah, como também pelas Sephiroths, sendo sinónimas dos Elohim, e pelas dez palavras ou []. Todos estão inscritos numericamente no círculo. Por exemplo, vejam isto: tem-se o círculo, que é o uno, e tem-se a linha, a linha recta, a linha perpendicular, que é a linha do Primeiro Logos. Mas se traçarem outra desenhando-a, essa linha será o Plano da Matéria onde está o Segundo Logos, e logo está o Terceiro. Estão as sete Criações. Nunca ninguém o reparou porque tomam literalmente cada palavra da Cábala, como tomam literalmente cada palavra da Bíblia. De quem é a culpa disso? Está perfeitamente bem definido, e prometi que lhes mostrava a minha resposta para o provar. Ficou tudo na mesma, porque ninguém a leu até agora. Eles têm tomado tudo positiva e literalmente, o círculo e a sua linha divisória e o protótipo do dez, o número sagrado, ou seja, o infinito ou passivo Imanifestado e o activo infinito ou o Logos. Os numerais do [], a

Sephiroth, que em hebreu é *Sephir*, que significa algarismo ou figura, estão todos inscritos dentro de dois, dando o valor do seu nome. Todos eles se revelam anagramaticamente, tal como ocorre com todos os nomes sânscritos. Podem tomar o círculo e se desde logo puserem todas as letras hebraica de *Sephiroth* e de *Elohim*, ou dos nossos *Dhyan-Choans* ou os Construtores, o resultado será sempre o mesmo: dará *Phi*. Por que? Porque se retiram esses pequenos dígitos ou as pequenas figuras, os zeros ficarão subordinados à circunferência e o diâmetro ao uno no círculo. Isto é muito simples, mas não deixa de ser extraordinário que eles tenham adoptado para o astronómico algo assim que, se traduzido, forma *Elohim*. E se for traduzido dará os números e os nomes secretos dos *Dhyan-Choans*, os verdadeiros nomes esotéricos secretos de todos eles. Somente em vez de os pôr em letras e números, como fazem os hebreus, nós pomo-los em figuras geométricas que vêm a ser o mesmo – um ponto, uma linha, um triângulo e um cubo, 1234 – até chegar aos dígitos 3, 7 e 10, os Três Superiores e Sete Inferiores. Então, entendem agora?

Sr. B. Keightley: – Suponho que a verdadeira transformação é uma das transformações anagramáticas, posto a ordem dos dígitos ter sido mudada aqui.

Sr.^a Blavatsky: – O Dr. Westcott colocou-a muito bem aqui¹¹⁵. Agora devem pegar nisto porque podem ver perfeitamente.

Sr. Gardner: – Quando você disse que representam os nomes dos *Dhyan-Choans*, referia-se aos seus nomes em sânscrito?

Sr.^a Blavatsky: – Também em sânscrito, porque tudo vem da Índia através da Caldeia.

Sr. Gardner: – Refere-se aos valores numéricos do nome.

Sr.^a Blavatsky: – Todos os nomes são o mesmo. Se o tomarem do grego lhes dará o mesmo valor, porque foi adaptado tão astutamente, tão engenhosamente, que é impossível fazê-lo melhor. Se estiverem inclinados a acreditar que os Patriarcas e os judeus foram os primeiros nisso, podem fazê-lo. Eu mantenho-me no meu próprio ponto

¹¹⁵ No Prefácio de *Números: Os seus Poderes Ocultos e Virtudes Místicas*, publicado pela Theosophical Publishing Society em 1890, William Westcott Westcott menciona que estes Manuscritos estiveram antes em circulação, durante algum tempo, entre “estudantes do Saber Místico e dos significados ocultos”.

de vista, e estou de acordo com os hindus. Sendo uma fiel pagã, eu estou com os hindus.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 8. Poderia dar alguma explicação a respeito das várias Hierarquias aqui mencionadas? Os termos têm sido frequentemente usados, e uma explicação que os compare seria muito útil.

Sr.^a Blavatsky: – Creio que já o fiz suficientemente. Dei-lhes muito. Passe à pergunta 9, porque gosta de repetir a mesma pergunta uma e outra vez.

Sr. A. Keightley: – Sloka 4, página 95.

Sr. B. Keightley: – (Lê passagem de *A Doutrina Secreta*).

Sr. A. Keightley: – Pergunta 9. Qual é a ligação entre o vento de vida e os sentidos, e a ligação com as inteligências anteriores?

Sr.^a Blavatsky: – Eis aqui uma pergunta para que só uma mulher a responda! Os ventos de vida, ou os vários modos de inalação e exalação e de mudança de polaridade no estado de um objecto, da consciência e dos princípios, e assim por diante, claro que é tudo esotérico, e que mais posso dizer-lhes? Ao ser esotérico, a ligação entre as inteligências (suponho que por inteligências referem-se aos Dhyani-Choans) e os sentidos é explicada nas *Instruções Esotéricas* números 1 e 2, se sabem a que me refiro. Ali são dadas todas as correspondências. Mas por que vêm agora obrigar-me a falar de coisas que estão bem explicadas? Não sei.

Sr. A. Keightley: – Porque são elucidações de pontos em *A Doutrina Secreta*.

Sr. B. Keightley: – Um ponto é que no *Theosophist* o vento de vida não foi explicado como alento mas como forças operando no corpo, não tendo nada a ver, aparentemente, com a verdadeira inalação e exalação.

Sr.^a Blavatsky: – Nunca ouvi que o *Theosophist* fosse mais que uma exposição exotérica das coisas. Não encontrarão no *Theosophist* [nada mais que isso], e aquele que pensa [também] poder fazer milagres ao encontrar um yogui, estará muito enganado, porque ao que os yoguis chamam uma coisa, por exemplo, a uma mesa, referem-se a outra coisa, no caso a uma espécie de suco de planta; e quando dizem

para pôr a perna direita em determinada posição, querem dizer para dirigirem o seu rosto na direcção de certa estrela. Tudo está totalmente encoberto. Têm de tomar a Teosofia Yogui e interpretá-la palavra por palavra, e quem não confia nela será sempre um yogui sofredor, posso vos assegurar.

Sr. A. Keightley: – Agora a 10. Qual é o significado de “as Chispas dos Sete estão sujeitas e são serventes do Primeiro, Segundo, Terceiro, Quarto, Quinto, Sexto e Sétimo dos Sete”? Página 93.

Sr.^a Blavatsky: – Já o expliquei. As Chispas significam aqui as Mónadas ou Inteligências Superiores. Significa justamente o que lhes acabei de dizer. Pode ser aplicado tanto ao Plano Inferior como ao Plano Superior, relacionando-se com o círculo e os dígitos que vos mostrei. É o equivalente a dizer na Astronomia matemática que o número 31415 está sujeito à circunferência e ao diâmetro de um círculo. Pensem nisto e suponham que ir irão ver, não valendo a pena regressar ao passado. Da mesma maneira, todas essas Hierarquias estão sujeitas ao círculo representado pelo símbolo I. É o símbolo I do círculo infinito absoluto¹¹⁶, que é tudo.

Sr. A. Keightley: – Agora a 11. Por que *Saraswati* (a Deusa da Fala) também é chamada a Deusa da Sabedoria Esotérica? Se a explicação está no significado da palavra *Logos*, por que há uma distinção entre a mente inamovível e a palavra movível? A mente é equivalente a *Mahat*, a Mente Superior, ou à inferior?

Sr.^a Blavatsky: – Pela mesma razão que o *Logos* ou a Palavra é chamado Sabedoria Encarnada na Bíblia Sagrada, no Livro de Deus, “a Luz brilhando na obscuridade”, também. É assim? A distinção está entre o inamovível ou eterno imutável e a palavra movível ou *Logos*, ou seja, o periódico manifestado. O *Logos* não é eterno, mas sim somente um []. Só se manifesta periodicamente nos períodos manvântáricos, portanto, não se pode referir a Ele como eterno ou inamovível porque movível, porém, move-se no subjectivo desconhecido. A Mente é uma abstracção, tanto pode relacionar-se com a Mente Universal como com a individual, com o *Mahat* ou com o *Manas* Superior humano, neste se transformando em pensamento e consciência. Como pen-

¹¹⁶ Este I estará em conexão com o símbolo gráfico grego Phi, Φ .

samento encontra expressão nos actos, e como consciência tem-na nas palavras. Entendem? Em consequência, inclusive nas suas leis, a agressão é castigada mais severamente que o simples pensamento. Apesar desta ser uma analogia muito pouco poética, não deixará de abrir os seus olhos. Isto é alimento para o sábio. Entendem a diferença? É impossível que não consigam. Encontram-na no quarto Evangelho¹¹⁷, nos primeiros capítulos que são platónicos e esotéricos.

Sr. A. Keightley: – Então isso significa que há outro significado mais profundo na alegoria que você colocou ali, de que a palavra e a mente têm uma disputa?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, ela é novamente da *Anugitâ*. Certamente que têm, mas o brahmin¹¹⁸ da definição mostra o que seja e reconcilia-as.

Sr. A. Keightley: – Ele diz que nenhuma é superior à outra, mas ao pronunciar as palavras fazendo uma pergunta, isso torna-se estranho.

Sr.^a Blavatsky: – E ele fala de forma muito arrogante.

Sr. A. Keightley: – E logo fala sobre as palavras movível e inamovível.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, tudo isso é totalmente esotérico. Agora a 12.

Sr. A. Keightley: – Página 92. Sabemos que “Deus geometriza”, porém, vendo que não há um Deus pessoal poderia explicar-nos por que o processo de formação deve ser por pontos, linhas, triângulos, cubos, e por que um cubo deve expandir-se numa esfera? E por que, finalmente, quando a esfera deixa o estado estático a força inerente do Alento fá-la girar?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente que por *Deus* se refere aqui (como em Platão) às forças plurais ou raios emanando do Uno e Absoluto, portanto, está-se referindo à *Lei*. Dizemos aqui que a Lei geometriza, porém, nos dias de Platão os οί πολλοί ¹¹⁹ certamente não compreendiam tal e por isso usaram a palavra Deus. Por certo não posso dizer-

¹¹⁷ Evangelho de São João.

¹¹⁸ Brahmin ou brahmane, em hindu, “sacerdote adorador de Brahman”.

¹¹⁹ Hoi polloi, em grego, as “massas” populares.

vos por que é assim, porque desafortunadamente o Absoluto não aceitou o meu conselho, mas talvez o tivesse aceitado se eu não fosse uma mulher tão preguiçosa, apesar de ser parte Dele. Como não escutou, como poderei dizer-vos mais alguma coisa? Não acredito que ninguém nem nenhum livro de sabedoria possam dizer mais alguma coisa. Mas agora, por exemplo, quando falam sobre os cubos, as linhas e os triângulos, esquecendo-se do que aprenderam em Física simples, elementar, podeis observar os flocos de neve, ademais a única cujos cristais apresentam todos os aspectos geométricos que existem na Natureza. Isto certamente não podeis contradizer. Vejam a água, observem [] haver uma coisa que podem fazer, e se abrirem qualquer livro de Tyndall a encontrarão. Tendes o calor afectando as partículas atômicas de matéria em estado líquido. O que é o calor senão a modificação das partículas? É uma lei física, talvez mecânica, a das partículas que estão em movimento se tornam esferodais. Esta é uma lei abrangendo desde um Globo ou planeta até uma gota de chuva, e quando o movimento cessa a forma esferoidal altera-se e torna-se numa gota plana. Mas se estiver passando por todas as formas anteriores, assim que a acção termina, como ensina Tyndall, invariavelmente a gota transforma-se num triângulo equilátero e depois num hexágono indo formar o cubo ou quadrado. Ter-se-á o plano de seis pontas formando imediatamente cubos e todo o tipo de coisas como essas. Numa das suas conferências, falando sobre o gelo ou sobre a formação de partículas no gelo, se bem me lembro, Tyndall, ao observar a dispersão das partículas numa grande massa de gelo pela qual passaram os raios de calor por meio da electricidade, assegurou-nos que a forma primeira ou primária que as partículas assumem é sempre triangular ou piramidal, depois se tornando hexagonais e finalmente cúbicas, etc., etc. Não consigo dizer onde isso está, mas sei que é justamente o que ensina a Doutrina Oculta. É uma lei, uma lei da Natureza, e certamente não há erro nela. Peguem, pois, num floco de neve e encontrarão nele todas essas formas geométricas.

Sr. Kingsland: – Então, sobre a experiência de quebrar um pedaço de gelo com um raio de calor, pode dizer-nos por que ao examiná-lo através do reflexo de uma lente se vêem formas vegetais, formas de fetos e plantas?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente acontece por se mostrarem nos

seus corpos astrais, preparando-se para formar plantas e tudo isso. O gelo é uma espécie de matéria que contém todos os protótipos da matéria nas suas formas futuras. Não se vêem se só o observarem na superfície, mas quando chegam às suas forças e ao que haverá de ser, encontrarão um círculo que é só o círculo em que se tornará no futuro. Tudo isso é um elo dentro de outro. Alegra-me muito que conheçam esta experiência.

Sr. Kingsland: – Sim, mas requer algo mais que água para fazer essas formas. Toma-se um grande bloco de gelo e lança-se um raio muito potente sobre ele indo dissolvê-lo, e pela lente vêem-se essas formas de plantas.

Sr.^a Blavatsky: – Não vêem triângulos, hexágonos e cubos e vêem fetos e plantas, porque os corpos astrais os arrojam? Se pensarem nisto, lembrar-se-ão que essa classe de plantas, particularmente os fetos, que se vêem por uma lente, em grande medida é formada por figuras geométricas. Faz parte da Natureza, é impossível ser de outra forma. A Lei geometriza, ou o Deus geometriza. Por que não lhe podemos chamar Lei de Deus, ou vice-versa? É exactamente o mesmo.

Sr. B. Keightley: – O facto de a matéria ter essas figuras geométricas ou matemáticas é uma parte da lei humana do pensamento, porque existem na Mente Universal donde procedem e da qual a mente humana é um reflexo, suponho que um microcosmos.

Sr.^a Blavatsky: – Agora, a 13.

Sr. A. Keightley: – Sloka 5, página 99. Os números e as figuras geométricas representam, para a concepção humana, as leis de acção na Mente Divina?

Sr.^a Blavatsky: – Claro que sim, como poderia ser de outra forma? Não há uma maneira [fortuita] de evolução das formas, tampouco há uma chamada aparência anormal ou fenómeno cósmico que se deva a circunstâncias do azar, apesar de haver sempre algo extraviado na nossa Terra (não na Terra mas nos seus fenómenos), tanto no começo como no final. Por exemplo, os meteoros. Agora, o que são os meteoros? O que diz a Ciência sobre eles, que caem da Lua ou do Sol ou o quê?

Sr. B. Keightley: – Serão uma de duas hipóteses. Uma é que são

fragmentos de um planeta desintegrado, e a outra é que serão esses anéis de matéria pelos quais se formam os planetas, segundo a hipótese de Laplace, invés do anel de que se forma um só planeta, porque devido a várias circunstâncias a matéria consolida-se em aglomerados comparativamente pequenos, sendo as extremidades do meteoro os vestígios desses anéis de matéria mais ou menos difusa.

Sr.^a Blavatsky: – Claro, porque o Alento está sempre trabalhando, inclusive não cessa durante o Pralaya, e a esse alento eu chamo Movimento. Talvez durante o Pralaya não produza resultados, por não haver ninguém que os veja. Mas se houvesse, veria resultados totalmente inesperados que seguramente o seu intelecto finito não compreenderia. Chamamos orgulhosamente a isso de Pralaya, mas não sabemos do que estamos falando. Dizemos que nele não há nada que valha a pena soprar por esse Alento.

Sr. Kingsland: – Pode dizer-nos algo mais sobre os meteoros?

Sr.^a Blavatsky: – Talvez aqui diga algo no final. Creio que escrevi no final sobre isso.

Sr. A. Keightley: – Sloka 5, página 99.

Sr. B. Keightley: – Que é (lê passagem de *A Doutrina Secreta*).

Sr. A. Keightley: – Astronomicamente, há alguma explicação da rejeição de Mântânda¹²⁰?

Sr.^a Blavatsky: – Não creio que haja. Os astrónomos dificilmente podem ver mais além dos seus cálculos matemáticos directos, e menos ainda ver o que ocorre em redor do nosso Sol no começo da sua jovem vida. O Sol é vários Manvantaras maior que todos esses planetas. A sua rejeição significa que quando os corpos ou planetas começam a formar-se dos seus raios, ou dos seus raios magnéticos ou de calor, essa atracção é detida, porque em contrário tragaría toda a sua progénie, como conta a fábula sobre Saturno. Por progénie não me refiro que a todos os planetas foram expelidos do Sol, mas simplesmente aos que crescem sob os seus raios. Aditi é sempre a equilibrante Mãe Natureza, ou Espaço, no Plano puramente espiritual e subjectivo. Ela é a Shakti, o Poder Feminino ou Potência do Espírito

¹²⁰ O Sol na mitologia védica. Em *A Doutrina Secreta*, I:99, é referido como “O Rejeitado”.

fecundante, e é Ela quem regula o comportamento dos Filhos nascidos de seu seio. A alegoria é muito sugestiva. Se agora forem à pergunta 15, vos direi o que significam estas coisas.

Sr. A. Keightley: – Todos os planetas do nosso Sistema Solar foram primeiro cometas e depois sóis?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente no começo não foram cometas nem planetas no nosso Sistema Solar, mas sim cometas no espaço. Eles começaram a vida como nómadas sobre a face do Cosmos infinito. Despegaram-se do depósito de matéria preparada e pronta para se usar que é a Via Láctea, porque a Via Láctea não é mais nem menos que a Substância do Mundo, sendo tudo o resto matéria ainda crua no espaço. Agora deixem-me explicar-lhes isto. Esta Via Láctea é a matéria preparada e pronta para se usar, enquanto toda a outra que não vemos, consistindo nessas nuvens de partículas nas quais nunca vemos os seus átomos, é a matéria crua ainda não preparada.

Sr. A. Keightley: – Então, o processo de formação está ocorrendo actualmente na Via Láctea.

Sr.^a Blavatsky: – Efectivamente. E tendo-se estabelecido após a sua longa viagem, esses cometas assentaram-se numa vida cujas condições foram preparadas para eles por Fohat, ou seja, as condições de equilíbrio e polaridade que fizeram, de facto, começarem a transformar-se em sóis. Cada um destes sóis (dando conta que antes disso não existiam no espaço exterior do nosso Sistema Solar), quando chega o Pralaya, quebra-se em milhões e biliões de fragmentos. Cada um destes fragmentos desloca-se de um lado para o outro no espaço, recolectando materiais frescos à medida que se desloca, tal qual o faz uma avalanche, até ser detido pelas leis da atracção e repulsão e pelo seu próprio peso (não sei porque deve ser peso, mas simplesmente traduzo o que é dito nos livros ocultos), indo transformar-se em planeta. Depois do Sol se desfazer, cada fragmento converte-se num planeta no nosso Sistema ou em qualquer outro, claro que muito além do alcance dos nossos telescópios. Os fragmentos do nosso Sol serão como os planetas depois do nosso Pralaya Solar. Ele foi um cometa em algum momento no começo da Idade de Brahma – não do Ano, não confundam – e logo estacionou onde o vimos, ou melhor, donde talvez o possamos ver desde Londres. Quando morrer irá

quebrar-se em pedaços e os seus átomos girarão no espaço, cones sobre cones, como se fossem cometas e meteoros, até cada um ser engolido pelo vórtice das duas forças e colocado num Sistema mais elevado e melhor. Isto é algo de que lhes falei na quinta-feira passada quando descrevi essas duas forças actuantes, a força que está aprisionada e a força livre que produz isso. Têm de aprender as correspondências delas e como actuam, começando, por exemplo, pela cor, prosseguindo pelo som e assim por diante, sem que eu necessite detalhar. Quando se chega à Terra e as duas forças começam a actuar, o processo é igual, pois o que está em cima é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está em cima. Esperamos que os astrónomos dos futuros Sistemas estejam mais aptos que os de agora para apreciar a Natureza. Assim, o Sol viverá nos seus filhos como um pai, tal como cada um de nós viverá nos seus filhos (se tiver algum, claro). Isto demonstrará àqueles de vós preparados para aceitar os conhecimentos ocultos que os astrónomos modernos, que trouxeram essa hipótese referida como a Teoria da Nebulosa, começaram pelo lado errado. Se tivessem dito que os futuros planetas ou Sistemas Planetários serão os fragmentos projectados do corpo do nosso Sol, estariam correctos. Mas como o fazem agora estão errados. Ademais, sempre que chega o dia o espelhado ou reflexo dos raios do Sol cai consequentemente como um véu do verdadeiro Sol – porque nenhum mortal o pode ver, pois todo o ser com olhos ficaria cego. É impossível ver o verdadeiro Sol, nenhum olho o consegue e ficaria totalmente queimado. Este reflexo ou véu é uma espécie de salvaguarda da Natureza, e uma muito sábia: retirem-no, afastem este véu por um segundo e todos os planetas do Sistema, tudo será reduzido a um monte de cinzas. Tomem os raios do Sol e expliquem-me – falarão sobre a reverberação e tudo isso – por que se dão as piores insolações quando o clima está muito nebuloso? Claro, já sei o que dirão no Plano Físico.

Sr. B. Keightley: – Não creio que alguém saiba ou haja explicado isto adequadamente.

Sr.^a Blavatsky: – Esses homens de ciência dirão que isto é a coisa mais ignorante do mundo, porém, verão que é milhares de vezes mais provável e lógico que aceitar essas 397.000 hipóteses que só nascem para morrer, não se ajustando nem cobrindo todo o terreno,

mas isto, como vos demonstro, se analisarem o sistema verão que cobre todo o terreno. Este é um facto conhecido. Agora, cavalheiros, podem perguntar-me o que quiserem.

Sr. B. Keightley: – Tal como traçou as etapas dos cometas e do Sol, e depois dos fragmentos do Sol que se transformam em planetas, quando os planetas vivem a sua vida e morrem, é este o seu destino final?

Sr.^a Blavatsky: – Os enterraremos e escreveremos um magnífico epitáfio, pedindo a George Washington Childs¹²¹, em Filadélfia, que prepare alguns versos.

Sr. A. Keightley: – Então, praticamente, os planetas do Sistema Solar são muito mais antigos que o próprio Sol?

Sr. Kingsland: – É o contrário.

Sr.^a Blavatsky: – O Sol é muito maior, porque o Sol já é o Sol. Quando se quebra, simplesmente juntam-se os fragmentos.

Sr. A. Keightley: – Eu entendi que os planetas neste Sistema particular são fragmentos de sóis que existiram previamente.

Sr.^a Blavatsky: – Foram sóis, foram fragmentados, e cada fragmento desse sol destruído transformou-se num planeta.

Sr. Kingsland: – Esse sol pode ter pertencido a qualquer outro sistema distante.

Sr.^a Blavatsky: – Há milhões e milhões de sistemas. De que serve falar deste pequeno horizonte?

Sr. Kingsland: – Disse que esta Terra é composta do que proveio originalmente da Via Láctea?

Sr.^a Blavatsky: – Mas sabem o que é isso: tinha-se o foco, como material preparado, que estava na Via Láctea. Quando os seus princípios são desferidos vão animar, por assim dizer, uma dessas coisas do material pronto.

Sr. A. Keightley: – E estes são os resultados de se construir nos Centros Imperecíveis.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, nos Centros Laya.

¹²¹ George Washington (William) Childs (1829-1894), publicista norte-americano.

Sr. Kingsland: – Então, tal como os astrónomos supõem, a Via Láctea muito afastada dos limites do Sistema Solar, ou isto é só uma aparência? Os astrónomos supõem que a Via Láctea está muito além da distância das estrelas mais afastadas que podemos ver. É este o caso ou é uma aparência enganosa?

Sr.^a Blavatsky: – A minha ideia é que isso é uma aparência enganosa, é bastante falsa, porque o que vemos só se deve ao que está a uma distância do que vemos na atmosfera, porém, existe em toda a parte. Não há algo em particular a esta ou aquela distância, a tantas milhas de distância, isso é uma incoerência total porque está em toda a parte, mesmo que só vejamos a certa distância.

Sr. Kingsland: – Se tomar somente uma secção de um pé, não se vê.

Sr.^a Blavatsky: – Precisamente por isso. Passa-se o mesmo com tudo o mais. Isto é o que chamamos a Substância preparada do Mundo, pronta para ser usada, que foi diferenciada e rediferenciada com a qual se fez tudo. A outra é simplesmente diferente, e no espaço existente entre ele e o espaço inter-Via Láctea, não existe nada mais que material pronto.

Sr. Kingsland: – Pode dizer-nos porque devem aparecer mais ou menos na forma de anéis (os planetas), em vez de redondos com a mesma densidade?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que deve haver alguma razão, poderá ser tomada de alguma figura e espaço geométrico. Sabem, esta é a razão pela qual, com Pitágoras, a geometria foi primeiro uma ciência sagrada que devia ser estudada e conhecida antes de alguém puder entrar na Escola Pitagórica. Devia-se estudar geometria e música antes de tudo. Agora, vocês perguntam: por que música? Porque a partir dos sons entendem-se as correspondências. Ide ler a ciência sagrada e confirmareis que eles deviam saber, dentre outras coisas, matemática, geometria e música. Eles deviam conhecer tudo isso.

Sr. Kingsland: – Queremos saber algo mais sobre os meteoros.

Sr.^a Blavatsky: – Vocês perguntam-me como se eu fosse uma prima ou uma sogra dos meteoros, ou coisa do género.

Sr. Kingsland: – Pensei que tinha algo mais nas suas notas.

Sr.^a Blavatsky: – Por quê? Não o expliquei suficientemente? Quem está insatisfeito?

Sr. B. Keightley: – Os meteoros são esses fragmentos que fluem através do espaço ou o que são?

Sr.^a Blavatsky: – Na minha humilde opinião, não faço muita distinção entre um cometa e um meteoro. Um meteoro é um cometa morto, ou algo parecido.

Sr. Kingsland: – Temos razão em supor que os meteoros obtêm a sua incandescência ao entrarem em contacto com a nossa atmosfera?

Sr. B. Keightley: – Bem, há uma coisa: os meteoros não têm cauda.

Sr.^a Blavatsky: – Eles são cadáveres.

Sr. Kingsland: – O que é que os torna incandescentes?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que é a natureza da besta.

Sr. B. Keightley: – Só os vemos quando se aproximam da Terra.

Sr.^a Blavatsky: – Diga-me por que os cometas são o mais descarado que se pode encontrar. Eles riem-se sempre do Sol e desprezam-no, eles movem as suas caudas contra o Sol desafiando a gravidade, e o pobre Sol pára e olha assombrado sem o poder evitar. Digam-me vocês, cavalheiros físicos e homens de ciência.

Sr. B. Keightley: – Talvez seja um tom de desprezo.

Sr.^a Blavatsky: – Eles penetram da maneira mais terrível, entram na sua habitação pela sala, saem pela cozinha e afastam-se movendo a cauda desafiando a gravidade. E os homens de ciência vêm e dizem: “A gravidade! Não pode ser, ela é uma lei imutável”. É assim? Alegra-me ouvi-lo.

Sr. B. Keightley: – Qual é a explicação desse comportamento extremamente frívolo?

Sr.^a Blavatsky: – Vá ter com ele e pergunte-lhe. Eu não tenho o direito de contar os seus segredos. Unicamente assiná-la que ali não há gravidade, não há atracção nem repulsão.

Sr. A. Keightley: – Por que é repellido?

Sr.^a Blavatsky: – Porque o Sol não combina com a cauda. Possui

suficientemente a sua própria electricidade e o seu próprio calor magnético, e não quer deitar a perder a sua compleição.

Sr. A. Keightley: – Você fala em *A Doutrina Secreta* no planeta misterioso em conexão com a Lua. A Lua actua nesse planeta como uma espécie de véu, como o Sol?

Sr.^a Blavatsky: – Creio que existe alguma coisa, mas não por detrás da Lua porque ela não é tão inamovível como o Sol, que está sempre no mesmo lugar. A Lua não tem nada de eléctrico e só possui poder magnético sobre a Terra.

Sr. A. Keightley: – Pensei que poderia haver alguma analogia.

Sr. B. Keightley: – A Lua tem a sua própria órbita independente, não cobre nenhum ponto no espaço de forma constante.

Sr.^a Blavatsky: – Há alguns planetas (não sei quais) a quem não se presta muita atenção, por ainda não ser o seu momento de aparecerem. Mas poderão aparecer.

Sr. Kingsland: – Entre Mercúrio e o Sol?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, seguramente é o planeta entre Mercúrio e o Sol. Existiu no começo da quarta Raça e depois desapareceu. Algo assim como as Plêiades, que se podiam ver muito bem e agora não se vêem. Apenas podem vê-las com os telescópios, mas eram muito brilhantes e importantes, as amas de [].

Sr. Gardner: – Essas eram as sete Plêiades.

Sr.^a Blavatsky: – Diz-se que uma casou-se antes de tempo e tinha vergonha de mostrar-se, e diz a mitologia grega que fez um mau casamento. Ela era uma espécie de princesa Luísa que se casou com um dos seus súbditos, considerado abaixo da sua posição¹²². Porém, estas Plêiades são das constelações mais ocultas que existem.

Sr. Gardner: – Mais que Mercúrio?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, mais. Estão conectadas com quase toda a aristocracia. Elas são muito ocultas, por também estarem conectadas com todos os Rishis. Têm um intercâmbio de pensamento com os Rishis.

¹²² Uma referência ao casamento da princesa Luísa (1848-1939), quarta menina e sexta filha da rainha Vitória, com John Douglas Sutherland Campbell, marquês de Lome, em 1871, considerado abaixo da sua posição.

Sr. Hall: – “A doce influência das Plêiades”.

Sr.^a Blavatsky: – Se lerem essas alegorias dos hindus nos livros astronômicos, verão que possuem segredos e conhecimentos de que realmente os modernos nem sequer conseguem pensar se aproximar.

Sr. Gardner: – A que livros antigos se refere?

Sr. Kingsland: – Aos Puranas.

Sr.^a Blavatsky: – Também os Puranas. Mas leiam-se os antigos livros astronômicos.

Sr. A. Keightley: – Então, lentamente os planetas prosseguem girando sobre si mesmos, é a revolução do Sol.

Sr.^a Blavatsky: – Mas agora há uma coisa, que é o extraordinário de como sabiam disto! Vejam o que disse Bailly¹²³ sobre isto. Não há um só segundo de diferença se é assim, como disseram os hindus, porque é matematicamente correcto. Observaram e disseram que estas e aquelas constelações estavam em conjunção, e assim por diante.

Sr. Hall: – Por que só vemos um lado da Lua?

Sr.^a Blavatsky: – Porque não quer mostrar o outro, por talvez não ter penteado o cabelo. Só posso dizer-lhes o que aprendi, não posso inventar.

Sr. A. Keightley: – Você não nos diz tudo o que sabe.

Sr.^a Blavatsky: – Não vejo porque o deveria fazer. Não teríamos nada para a próxima quinta-feira.

Sr. Gardner: – Você estava dizendo algo sobre os Rishis da Ursa Maior.

Sr.^a Blavatsky: – As sete estrelas, e estão casadas. Os Rishis são os maridos das Plêiades.

Sr. Gardner: – Mas qual foi a que casou por interesse? (Fortes risos)

Sr.^a Blavatsky: – A que se esconde.

¹²³ Jean Sylvain Bailly (1736-1793), astrónomo francês, cujo *Tratado de Astronomia Indiana e Oriental* (1787) é citado em *A Doutrina Secreta*.

Sr. A. Keightley: – Gardner, não deve comentar os escândalos celestiais!

Sr.^a Blavatsky: – Foi Electra? Mas por que não poderá ser Mérope¹²⁴?

Sr. Gardner: – Foi *ele*?

Sr.^a Blavatsky: – Foi *ela*! Que infiel. Bem, penso que vós, damas e cavalheiros, podem falar agora que responderei às vossas perguntas.

(A sessão encerrou aqui)

¹²⁴ Tanto Electra como Mérope estão entre as sete irmãs conhecidas como as Plêiades.

XI

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
Quinta-feira, 28 de Março, 1889.
O Sr. Kingsland na Presidência.**

Sr. A. Keightley: – Na página 101, linha 18, diz-se que o Sol é somente o irmão maior dos planetas, mas na página 103 diz-se que os planetas foram todos cometas e sóis na sua origem e, portanto, parecem ser mais que velhos que o Sol. Qual é o verdadeiro significado destes enunciados?

Sr.^a Blavatsky: – No que respeita ao nosso Sistema Planetário, o Sol é o membro mais antigo. O seu lugar foi fixado – como se nota pela linguagem das estâncias – no período inicial do Manvantara, mas os planetas ocuparam os seus lugares num período muito posterior. Estes planetas destronaram sóis, cometas, etc., e cada um deles foi, ao mesmo tempo, a Estrela Central, o Sol do seu próprio Sistema, porém, numa ordem inferior à presente e num Manvantara anterior. De igual maneira, o nosso Sol se transformará num planeta num outro Manvantara e num outro Sistema superior ao nosso. Primeiro irá quebrar-se em inúmeros fragmentos que formarão cometas e meteoros, e estes se espalharão pelo espaço para finalmente serem induzidos juntos pelas afinidades foháticas. Bem, alguma pergunta?

Sr. Kingsland: – Então o que acontece aos planetas na Cadeia Planetária? São absorvidos pelo Sol?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não o são.

Sr. A. Keightley: – Então o que acontece à base física desses planetas?

Sr.^a Blavatsky: – Ao que se refere “eles se absorverão no Sol”? Eles não são expulsos do Sol. O Ocultismo ensina que não acontece nada disso. A teoria moderna da Ciência diz que os planetas foram expelidos do Sol. Como eles nunca foram expulsos, logo serão absorvidos pelo Sol. Serão desintegrados no [final] do Manvantara e se dis-

persarão em fragmentos, indo para uma vida superior num Sistema superior.

Sr. A. Keightley: – Os corpos sólidos dos planetas do nosso Sistema irão desintegrar-se em pequenos fragmentos?

Sr.^a Blavatsky: – Sendo igual para a Terra. Desde já, assim será.

Sr. B. Keightley: – Você disse em alguma parte, ao falar da Lua, que os outros planetas também têm satélites semelhantes ao que a Lua é para a Terra, mas que desapareceram ou se dispersaram completamente.

Sr.^a Blavatsky: – Alguns deles em plano secundário. Falei-vos muitas vezes haver sete planetas sagrados em Ocultismo, e que os mesmos não têm nada a ver connosco. Há sete, mas dois ou três deles não são ainda conhecidos, e suponho que nunca o serão porque dois deles nunca aparecerão, tendo desaparecido desde aquela época. Disse-vos que o Sol não é um planeta por ser uma estrela central, o que a nossa Terra não é por estarmos vivendo nela. É um planeta para nós ainda que não para outros, sendo a estrela que é vista entre Mercúrio e o Sol. Não sei se é isto que os astrónomos vêem.

Sr. B. Keightley: – Quando a Lua finalmente desaparecer, por assim dizer, será por desintegração violenta, segundo as ideias da Ciência moderna, porém, antes parece que está desaparecendo lentamente em conformidade à analogia com o corpo humano.

Sr.^a Blavatsky: – Enquanto o Pralaya não chegar, e quando chegar será o seu fim.

Sr. A. Keightley: – É igual a ter dentro uma carga de dinamite e tudo explodir em fragmentos.

Sr.^a Blavatsky: – Tudo vai para o espaço, e nele está todo o material que compõe o mundo no Mundo, a Terra, senão o Sistema Planetário. Tudo isso, desde logo, irá novamente para o Caos começando a errar no espaço até se transformar, num outro Manvantara, num Mundo superior, e inclusive o próprio Sol não será mais que um planeta em algum Mundo superior.

Sr. Kingsland: – Porém não necessariamente as suas partes integrais como agora. Estará então muito próxima da expressão do *Budismo Esotérico*, de que as partículas de matéria perdem gradualmente a sua força de coesão?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que está falando dos Pralayas temporais.

Sr. Kingsland: – Tal como temos um tremor que se transforma num terremoto, porque as partículas perdem a sua força de coesão e desintegram-se dessa forma.

Sr.^a Blavatsky: – Não o recordo. Quero dizer que não creio que se refira ao Pralaya.

Sr. Kingsland: – De que maneira a matéria é abandonada no espaço?

Sr.^a Blavatsky: – Dispersa-se, suponho.

Sr. Kingsland: – Por haver perdido a sua força de coesão?

Sr. B. Keightley: – Isso, claro, deve-se à violenta explosão, por assim dizer, que desintegra o Sol no final do Manvantara Solar. É um processo diferente. É assim, H.P.B.?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que sim. Agora a seguinte.

Sr. A. Keightley: – Poderia também desenvolver a explicação do que diz em *A Doutrina Secreta* a respeito do comportamento dos cometas face ao Sol?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, o comportamento dos cometas face ao Sol deve-se à diferença de densidade da cabeça e da cauda. Se a Ciência não insistisse tão dogmaticamente nas suas pretensas leis de gravitação, aceitaria a nossa explicação que satisfaz toda a condição. Ou seja, nós não cremos na lei da gravitação como é apresentada, mas sim na atracção e repulsão. Se alguma vez esta for aceite, então se descobrirá que não deixa nenhum vazio e explica muitas coisas que agora não podem explicar-se dentro da hipótese da Ciência. Postulem em vez da gravitação as forças gémeas de atracção e repulsão, e muitos fenómenos serão explicados. Neste caso, o Sol exerce uma influência de atracção muito mais poderosa sobre a cabeça do cometa, que é bastante sólida, do que sobre a sua cauda, que embora seja enorme em tamanho é um fenómeno de visão, não da nossa percepção. Em consequência, é correcto dizer que aquilo que é mais atraído está sempre mais perto do Sol. Vós sabeis do que falamos, de que os cometas actuam muito descaradamente face ao Sol e que em vez de seguirem a lei da gravidade, voltam-lhe as caudas e afastam-se fazendo-lhe caretas.

Sr. Kingsland: – E de facto sacodem as caudas no rosto do Sol.

Sr. A. Keightley: – Eles quase o tocam desconcertados.

Sr.^a Blavatsky: – Do mesmo modo que um homem caminhando com os pés sobre a água se afogará, todavia as suas pernas, que necessariamente são as mais pesadas, se manterão a flutuar por meio de bóias. A ver com isso tem-se o facto da cauda do cometa ser tão leve, correspondendo à alma ou espírito do gás, que se aproxima da condição do Sol. Portanto, também há uma força repulsiva que se exerce sobre a cauda do cometa devido às pequenas polaridades. Agora entendem o que quero dizer com isto. Não sei o que os homens de ciência dizem sobre as caudas dos cometas. Eu sei que não são matéria nem podem ser chamadas matéria. Não é matéria que aqui cai sobre as faculdades perceptivas dos homens de ciência, nem poderiam, se tivessem um pouco dela, fazer algo com ela. É totalmente impossível. É o espírito ou alma dos gases, se posso usar esta expressão. Certamente que isto é horivelmente anti-científico, e todos que foram educados reverenciando a Ciência desde logo se sentirão muito ofendidos. Muitos estarão, mas eu não ensino o que me ocorre: simplesmente ensino o que ensina a Ciência Oculta. Resta agora provar quem tem razão, se a Sabedoria Antiga ou a Sabedoria Moderna. É um duelo entre as duas.

Sr. B. Keightley: – Um representante muito audacioso da Sabedoria Moderna sugeriu a ideia da cauda do cometa não ser matéria e sim uma ilusão de óptica provocada de alguma maneira, que não explicou, por uma acção eléctrica do núcleo sólido do cometa.

Sr.^a Blavatsky: – Quem quer que ele seja é um homem muito sábio, porque é quase o mesmo que nós dizemos. É um fenómeno de visão.

Sr. B. Keightley: – Com respeito à matéria através da qual a cabeça do cometa viaja, e a sua direcção, dependerá de outra coisa que não recordo exactamente qual seja.

Sr.^a Blavatsky: – Não é exactamente assim porque há algo, porém não é matéria.

Sr. B. Keightley: – Mas então isto é assim, estando a dificuldade da explicação no seguinte: supondo a eterialidade, e logo que a matéria da cauda do cometa seja a da velocidade com que viaja quando,

por exemplo, se acerca do Sol – e a cauda afasta-se do Sol – o corpo da cabeça do cometa alcança ali um ponto, devendo a cauda mover-se com uma enorme velocidade, demasiada para ser expressada em números.

Sr. Kingsland: – Como um raio de luz relampejando diante dos seus olhos.

Sr. B. Keightley: – Como se desferisse um raio de luz através de um espelho.

Sr.^a Blavatsky: – Não com a velocidade ou as vibrações do raio violeta de que falámos no outro dia.

Sr. B. Keightley: – Estas são as nossas vibrações numa verdadeira transferência de matéria.

Sr.^a Blavatsky: – Como se manifesta este movimento, o movimento eterno, a inalação e a exalação que nunca começará e nunca terminará? Essas vibrações certamente são uma das causas dessa manifestação nas suas várias fases.

Sr. –: – Como podemos tomar a cauda do cometa como visível, se não consiste de matéria?

Sr.^a Blavatsky: – Que diria se lhe mostrasse um tipo de coisa que não passa de uma sombra, e como explicaria as coisas que os astrónomos apresentam? Não é tangível e no entanto vê-se, é um reflexo.

Sr. B. Keightley: – Como se vê a imagem da Lua e as estrelas?

Sr.^a Blavatsky: – Há uma coisa que o Ocultismo ensina e é isto: que não há um só corpo nesta parte do Universo, sendo ou podendo ser percebido pelos mais potentes telescópios da Astronomia, que não seja um reflexo. Não há um só planeta que eles realmente vejam como planeta. É simplesmente um reflexo, tampouco se vê o Sol. Eles podem especular até ao Dia do Juízo e dizer que vêem canais, montanhas, rios e toda a espécie de coisas, mas tudo isso são ilusões ópticas e nada mais, tão-só reflexos porque os verdadeiros não se vêem.

Sr. Kingsland: – Mas para se ter um reflexo deve haver algo que o reflita, e isso, em cada caso, deve ser matéria.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Tudo é matéria.

Sr. Kingsland: – Então a cauda do cometa é matéria nesse sentido?

Sr.^a Blavatsky: – Não, porque a cauda do cometa é antes um reflexo dele. Possui um grande tamanho mas isso é mais uma ilusão óptica que outra coisa.

Sr. Kingsland: – Por não ser auto-luminoso?

Sr.^a Blavatsky: – Não é.

Sr. A. Keightley: – Qual é a relação entre a cauda do cometa e o núcleo?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, não me perguntem isso. Não sou um homem de ciência e não posso responder-lhes a isso. Eu não posso andar a inventar. Vocês, sábios do Ocidente, é que devem dizer-me qual é, e uma vez que me digam a causa eu lhes direi um pouco mais. Suponho que os astrónomos devem saber mais.

Sr. A. Keightley: – Eu não vejo isso.

Sr.^a Blavatsky: – Então não me envergonho de dizer que não sei. Alegro-me que confessem que não sabem. Sem dúvida há algumas coisas que eles dizem não saberem.

Sr. Atkinson: – Não será a relação mais como a de um barco viajando na água deixando um lastro luminoso atrás de si?

Sr.^a Blavatsky: – Essa é uma sugestão muito boa. Deixa um rasto luminoso porque a fricção o origina. Essa é uma sugestão muito boa.

Sr. Kingsland: – Então a cauda do cometa nem sempre corresponde com a sua órbita?

Sr. B. Keightley: – isso traz-me à mente a sugestão de que falava antes, de que por outro lado a aparência luminosa causada pela atracção dever-se-á a certa peculiaridade na acção do Sol sobre as ondas, sobre as vibrações assim produzidas. Estarão tão afectadas pelo Sol que nos parecem uma extensão da linha que se une permanentemente ao núcleo do cometa. Mas não sei a explicação detalhada disto.

Sr. Atkinson: – A cabeça do cometa, o núcleo do cometa, simplesmente actua como uma lente, e onde a cauda está curvada deve-se simplesmente á refacção através do núcleo.

Sr. B. Keightley: – Reflecte-se através do núcleo formando uma

longa cauda, que realmente é a refração das partículas de fogo da matéria.

Sr. Atkinson: – Em redor da substância do Sol.

Sr. A. Keightley: – Estância 5, soloka 1. “Os Redemoinhos Ígneos”. Pergunta 2. Na página 107 é dito que o “Vento Ígneo” é a poeira cósmica, etc., e neste sentido poderá entender-se ser a nebulosa. Está isto correcto?

Sr.^a Blavatsky: – A poeira cósmica e a nebulosa são o mesmo. Dizemos que a razão pela qual parecem haver agregados, que chamamos nebulosas, é por nessas regiões a força de afinidade estar trabalhando na formação dos futuros sóis, planetas e mundos. O que chamamos nebulosa não só está na região conhecida como Via Láctea como em todas as partes. Não vos disse anteriormente que ela estava nesta habitação e em todas as partes? Existe poeira tanto nas ruas de Londres como na estrela mais distante e visível. É a matéria universal, chamada substância mundial por alguns astrónomos. Para ilustrar o que quero dizer com exemplos físicos, não se consegue ver a poeira no ar de uma habitação, porém, suponham que o piso é varrido fazendo com que aumente a quantidade de poeira no ar que se torna visível indo formar nuvens de acordo com as correntes de ar, etc. Ou deixem passar através da persiana um raio de sol num quarto escuro, e logo todo o quarto ficará animado com movimentos da poeira. Exactamente da mesma maneira que se move a poeira rejuntada pelas correntes de ar na habitação, igualmente a poeira cósmica é movida e junta pelas correntes foháticas de afinidade e atracção no espaço superior, até nos aparecer à distância como a nebulosa com que a Ciência está familiarizada. Na verdade, estes cálculos são descritos como o “Redemoinho de Vento Ígneo”, e não sei por que quereis objectar contra o nome. É o nome que se ajusta melhor, “Redemoinho Ígneo”.

Sr. Kingsland: – A razão pela qual se fez a pergunta é por Fohat logo ser chamado “Redemoinho Ígneo”.

Sr.^a Blavatsky: – Sim senhor, e assim é explicado aqui. Fohat pode ser chamado como quiserem.

Sr. B. Keightley: – Há um ponto que lhe pode perguntar aqui, Kingsland, sobre a poeira cósmica quando passa pelo processo de agregação e é auto-luminosa, sendo como a poeira que está comparando, em virtude da luz.

Sr.^a Blavatsky: – Por virtude das suas respectivas Mayas e nada mais. Porque não há nada mais do que o Sol. Tudo é luz emprestada, e é em virtude da ilusão óptica ou Maya.

Sr. B. Keightley: – Pensei nesse caso porque tem sido possível fotografar as nebulosas. Portanto, se é este o caso, devem ser visíveis através da luz reflectida e não pela luz negra.

Sr. A. Keightley: – Na página 108, chama-se a Fohat de “Redemoinho Ígneo” (tal como é mencionado na sloka anterior) e é referido como o veículo dos Sete Priomordiais. Em que sentido Fohat é idêntico ao “Redemoinho Ígneo” da sloka 1?

Sr.^a Blavatsky: – Fohat é tudo, é o Princípio de Vida, o Ar Vital que respiramos. Está em todos os elementos. Fohat é o símbolo da raiz da Manifestação, e como tal é necessariamente o Redemoinho Ígneo em síntese. Em suma, Fohat é a raiz e a alma do Movimento. A quem chamamos Fohat? Não é uma entidade, mas é chamada de uma entidade. Fohat não é um cavalheiro com recursos ou um belo jovem, ou algo semelhante. Fohat é simplesmente uma Força na Natureza. Podemos utilizar, como fizeram os antigos, toda a espécie de mitos, porém isso não é Fohat. Mas é alguma coisa, na realidade. Cada um de vós possui Fohat no seu sangue. Fohat é o motor primordial de tudo desde o início do Manvantara. Isto é o que nos é ensinado.

Sr. Kingsland: – Então Fohat é um termo geral, como Dhyan-Choan.

Sr.^a Blavatsky: – Não. Sem Fohat os Dhyan-Choans não seriam muito em nenhuma parte, já que é a Força coerciva de tudo, é a Força vivificante e a Força de acção vital. Alguém poderá ajudar-me dando-me uma palavra melhor?

Sr. B. Keightley: – Expressou muito bem. Em alguma parte de *A Doutrina Secreta* diz que Fohat é, na realidade, uma entidade, da qual a nossa electricidade é a emanção.

Sr.^a Blavatsky: – O Universo que vê é uma entidade?

Sr. A. Keightley: – Você vê o Universo?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, não importa o que veja, mas é ou não é uma entidade? O que é uma entidade, podem dizer-me qualquer coisa que seja? Poderão dar-me a etimologia e a definição de entidade antes de criticar?

Sr. B. Keightley: – Sim. Estrita e etimologicamente, significa *algo que é*.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, então o que têm a protestar? Se Fohat não é, é inútil falar sobre ele ou o que seja. Se Fohat é, eu chamo-lhe uma entidade, e por que não o deveria fazer? Inventem outras palavras que eu possa usar. Me encantaria se houvesse palavras suficientes na língua inglesa para expressar a quarta ou a milésima parte das ideias que se dão nos ensinamentos ocultos. A língua inglesa é inadequada, e não digo que haja outra melhor porque todas têm os mesmos predicados.

Sr. B. Keightley: – É por isso que fazemos estas perguntas.

Sr.^a Blavatsky: – A língua sânscrita é milhares de vezes mais rica que a língua inglesa, e ainda assim o sânscrito está cheio de símbolos e figuras de linguagem. Por que? Porque as línguas humanas não cresceram para dizer aquilo que está na mente humana. A mente humana está muito mais desenvolvida que a linguagem. Refiro-me ao pensamento.

Sr. Atkinson: – O Fohat é representado em chinês por duas sílabas chinesas?

Sr.^a Blavatsky: – É parte de algo que eu perguntei muitas vezes. *Fo* significa “brilhante”.

Sr. Atkinson: – Conheço a raiz e o carácter da sílaba chinesa *Fo*. Se pudesse obter os caracteres chineses poderia encontrá-las no dicionário chinês.

Sr.^a Blavatsky: – E também em japonês. Não creio que seja uma palavra verdadeira, porque muitos deles chamam-no *Fohat*.

Sr. Atkinson: – Será *Ho* em japonês, porque a ideia de *Ho* é igual a *Fo*, dando parcialmente “fénix”. Quero dizer que significa o mesmo em chinês indo converter-se no *Ho* japonês, como parte do nome composto da “fénix”.

Sr.^a Blavatsky: – Fohat também tem uma relação com os ciclos, porque a intensidade desta Força Vital muda em cada ciclo.

Sr. Atkinson: – Está na cosmogonia celeste da China. Está no começo celeste da cosmogénese.

Sr.^a Blavatsky: – Gostaria que procurassem em algum lugar on-

de possam encontrá-la, porque a estive procurando na Índia.

Sr. Atkinson: – Se me desse somente os caracteres chineses, eu as encontraria de seguida.

Sr.^a Blavatsky: – Eu tenho alguma coisa, mas não em chinês.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 4. Quais são as chispas (átomos) que Fohat junta?

Sr.^a Blavatsky: – As partículas da Substância Ígnea do Mundo, a poeira de que acabámos de falar, e nada mais.

Sr. B. Keightley: – Poderia perguntar qual é realmente o significado do epíteto “Ígneo”, se não é a ideia de ser auto-luminoso.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, não seja tão dogmático, já que não posso dizer-lhes nada. Eu sou uma pobre velha ignorante, não posso dizer-lhes absolutamente nada, nem vos posso inventar se algo é luminoso ou não. Não me interessa, como não assisti ao seu nascimento digo-lhes que não sei.

Sr. B. Keightley: – Se explicasse em algum grau o sentido em que se usa a palavra “Ígneo”, seria útil.

Sr. Kingsland: – Está puramente oculto.

Sr.^a Blavatsky: – Ígneo é ígneo porque não é água.

Sr. B. Keightley: – Exactamente, já vejo.

Sr.^a Blavatsky: – Faça-se!

Sr. A. Keightley: – Pergunta 5. Em que devemos considerar os átomos como conceitos puramente metafísicos, inclusive no Plano material inferior?

Sr.^a Blavatsky: – Acabo de explicar esse mesmo ponto. Agora, por favor, permitam-me que leia recordando-vos o que eu disse na quinta-feira passada, por reparar que o que digo num dia já se esqueceu na semana seguinte. Foi isto que eu disse na quinta-feira: “Os átomos, como representantes das Mónadas de Leibniz, ou os pontos matemáticos eternos e indestrutíveis da Substância, não podem ser dissolvidos durante o Pralaya nem reformados durante o Manvantara. Os átomos não existem como quantidades apreciáveis de matéria em nenhum Plano”. Quando aparecem aqui não são átomos, apesar de serem erroneamente chamados átomos, pois “eles são pontos mate-

máticos de uma quantidade desconhecida aqui, apesar de serem o que são ou possam ser no sétimo Plano, pois cada um é e deve ser logicamente, tal como diz Leibniz, um universo absoluto em si mesmo, reflectindo outros universos. Isto quer dizer que são Mahat ou a Ideação Divina”, etc., etc. Não tenho de ler o resto novamente porque vos disse na última vez.

Sr. Kingsland: – Recentemente falou dos átomos que Fohat une como partículas atômicas da poeira cósmica.

Sr.^a Blavatsky: – Tenha paciência e o explicarei aqui. Esses átomos de que falámos não existem, pelo menos para nós, são simplesmente pontos matemáticos. Não há nenhum homem de ciência que possa vir dizer-lhes que viu os átomos, que os seguiu, que os cheirou, que os tocou ou qualquer outra coisa, isso é totalmente impossível. O que eles agora chamam de átomos haverão de descobrir que não são átomos. Se alguma vez descobrirem algumas moléculas homogêneas ou elementos, não sei se daqui a milhares de anos, ficarão muito felizes. Até ao dia de hoje não descobriram nem uma só molécula ou elemento. Eles reuniram cerca de sessenta ou setenta elementos, mas alguma vez encontraram moléculas que sejam homogêneas? Não creio que as tenham encontrado. Ou terão encontrado, Sr. Atkinson?

Sr. Atkinson: – Penso que não.

Sr.^a Blavatsky: – Muito bem. Então para que serve chamar-lhes átomos e dar nomes falsos às coisas, senão para confundir e deixar perplexa a mente? Para quê chamar elementos àqueles que não são elementos e podem ser divididos até ao infinito, sem que o químico saiba o que é? Mas eles montados em andas virão dizer que sabemos tudo. Elementos, o que são os elementos? Há um elemento, e é o conceito mais tremendo para a Ciência moderna, nunca tendo ouvido ou lido algo a respeito nos meus dias. Eles dogmatizam e fazem tudo, parece. Eu não sou uma erudita, nunca estudei, o que sei é simplesmente o que tive de ler com respeito ao livro que tinha de escrever. Mas digo que, na realidade, eles dão nomes que são ridículos, que não têm sentido. Por que chamam de elementos a isso que não existe? E por que arremetem contra os antigos a respeito dos quatro elementos falando da terra, do ar, da água e do fogo, dizendo que todos nós somos ridículos ignorantes, quando os nossos homens de ciência

modernos são milhares de vezes mais ridículos? Não tem uma *raison d'être* excepto na sua imaginação e fantasia. Agora, alguém quer tomar o partido dos homens de ciência? Que silêncio! Bem, pergunta 6.

Sr. A. Keightley: – Em que sentido a electricidade é atômica?

Sr.^a Blavatsky: – A electricidade como um efeito certamente deve ser atômica. Nada que exiba energia é não-atômico, nem o pode ser. Os átomos confinados ao nosso sistema de Mundos não são os que estão no espaço nem são pontos matemáticos. Estes últimos são, certamente, abstracções metafísicas, e só podem ser considerados nestes termos, pois o que conhecemos como átomos neste Plano são gradações da Substância muito atenuada. Isto será facilmente compreendido por aqueles que pensam no axioma oculto que nos diz que o Espírito é Matéria e a Matéria é Espírito, e ambos são um. Aqueles que estudam a Filosofia Esotérica compreenderão melhor isto do que aqueles que não o fazem. Agora, o Espírito não se transforma de repente num aglomerado de Matéria, tal como o vapor não se torna de repente num aglomerado de gelo. Para usar novamente uma ilustração: o clarividente que consegue distinguir sempre, verá um efeito atômico em qualquer sentimento energético intenso no homem ou no animal, como por exemplo, repúdio, temor, alegria, etc. Porém, estas coisas são não-atômicas para a nossa percepção sensorial, e se não as são como pode a Ciência explicar, por exemplo, os efeitos produzidos nas pessoas e animais por alguns outréns da sua vizinhança? Se, por exemplo, o repúdio, o amor, a alegria ou qualquer coisa, qualquer paixão expressa de forma mais intensa, não são atômicas, como é possível produzirem efeitos não só nos homens como nos animais? Como é possível que um homem muito reservado que não mostra o seu repúdio, estando inteiramente calmo no seu comportamento e expressões, não mostrando as suas paixões nem nada, no entanto sentis que esse homem está terrivelmente alterado, que está enojado ou que está alegre? Não é através dos seus olhos que sentis. E por que algumas vezes o repúdio afecta uma pessoa da forma mais terrível, mesmo que não seja dirigido para ela? Isto parecerá uma pergunta muito tonta, porém pergunto como pode sentir-se algo que não seja uma energia atômica, que é dizer, atômica no sentido oculto, não no sentido de ser molecular?

Sr. Kingsland: – Tal como eu a entendo, disse que é atômica co-

como a Substância Primordial quando começa a diferenciar-se, e então chama-a de atômica.

Sr.^a Blavatsky: – Não, chamo-a atômica desde antes, porque chamo atômico ao todo no Plano Imanifestado. Serão pontos matemáticos quando estão no Plano Manifestado. Vós não deveis chamá-los de átomos, mas antes de Substância do Mundo ou o que quiserem. Como tendes uma ideia definida da palavra moléculas, não posso portanto usá-la.

Sr. B. Keightley: – Você querará dizer partículas materiais.

Sr.^a Blavatsky: – Que sejam partículas materiais infinitesimais, porém têm um tamanho.

Sr. Kingsland: – Afastamo-nos inteiramente da concepção metafísica.

Sr.^a Blavatsky: – Não quero fazer isso, porque no Plano Físico os vossos homens de ciência são muito mais avaros que os nossos mestres metafísicos. Eles sabem tudo sobre o Plano externo, mas não sei se sabem o que subjaz debaixo.

Sr. B. Keightley: – Agora, na analogia do repúdio, chama-o de atômico, mas é mais que uma vibração?

Sr.^a Blavatsky: – Vibração de quê? O que é que faz vibrar o Espírito?

Sr. B. Keightley: – Era a isso que queria chegar.

Sr.^a Blavatsky: – O nada não vibra. Mas se há algo para vibrar, é porque há algo.

Sr. Kingsland: – E isso deve ser atômico.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Agora ouçam até ao final. Outra ilustração. Como há vinte anos atrás a Ciência poderia ter explicado o contágio das doenças? Agora descobriu as bactérias e os bacilos, uma das formas mais atenuadas de matéria, mas ainda assim atômicas. Talvez daqui a vinte anos descubram o contágio das paixões mentais. Algumas pessoas chamam-lhe magnetismo, um poder místico. Falando de um conferencista, diz-se que ele electrificou o seu auditório, e nós dizemos que essa electrificação é puramente atômica. O clarividente, cujos sentidos estão despertos perante as condições fisiológicas e psíquicas da sua época, perceberá as pontas dos

átomos procedentes do conferencista para o auditório, que estarão coloridas com diversas tonalidades de acordo com a sua condição interior, assumindo diferentes tons à medida que se põe em contacto com os diferentes indivíduos do auditório, em conformidade às suas condições interiores e temperamentos. Conseguem ver isto? Vejam um orador pregando muito intensamente sobre algo, e com isso electrificando o seu auditório. Dizem que Spurgeon produz um efeito extraordinário nos seus ouvintes. Agora tomem o Exército de Salvação. Como se pode supor que quando centenas de milhares dançam e emanam toda a espécie de emoções e tudo o mais, isso não seja atómico? Enlouquece as pessoas, é infecioso, manipula-as psicologicamente, faz com que percam o poder sobre si mesmas obrigando-as a pensar como o General Booth¹²⁵, uma vez que ficam sob a sua influência. E elas darão dinheiro e acreditarão em Jesus e no que ele quiser. Se o General Booth pregasse sobre Jesus H. P. Blavatsky, todos acreditariam em mim, todos seriam uns blavatskyanos. Posso assegurar-vos que ele tem poder simplesmente por ser poder magnético. Oxalá fosse sua amiga, seria uma boa ideia que ele pregasse sobre mim e todos viessem acreditando em mim.

Sr. Kingsland: – Alguém teria de oferecer-se como voluntário para converter-se ao General Booth.

Sr. —: – Então, você sustenta que essa energia atómica que emana do pregador tem o mesmo poder sobre todos as pessoas a quem prega.

Sr.^a Blavatsky: – Oh não, há uma grande diferença, porque alguns não serão afectados de nenhuma maneira. Alguns de nós iriam rir-se. Não nos poderia afectar por não termos temperamento igual aos dos outros para sermos afectados pela pregação. Aqueles a quem afecta de maneira extraordinária são pessoas especialmente sensíveis.

Sr. Kingsland: – E logo, por sua vez, afectarão psicologicamente aos demais.

Sr.^a Blavatsky: – Há um enorme psiquismo por toda a parte.

¹²⁵ William Booth (1829-1912), pregador metodista inglês que fundou o Exército de Salvação em 1865, tornando-se o primeiro “General”.

Sr. B. Keightley: – Encontra-se uma analogia muito boa nos diapasões que variam na nota. Se tocarem uma será tomada pelo todo, até finalmente se conseguir todo um volume de sons.

Sr. –: – É assim? Creio que não.

Sr. B. Keightley: – Eu creio que haja algo disso, ou então como se obém uma reverberação?

Sr. –: – Um diapasão tocará a sua oitava.

Sr. B. Keightley: – Mas eu estou supondo que outro diapasão está na mesma nota.

Sr. –: – Oh, sim.

Sr. B. Keightley: – Estava pensando na intensificação do som, por exemplo, numa caixa de ressonância. Põe-se um diapasão numa caixa de ressonância e o som torna-se mais intenso.

Sr. A. Keightley: – Estância 5, sloka 3, página 118. Quando fala das seis direcções do espaço, utiliza o termo *direcções* no sentido comum ou refere-se a uma propriedade ou atributo do espaço?

Sr.^a Blavatsky: – Simplesmente figurativamente. Significa que o Macrocosmos está dividido na Filosofia Oculta, do mesmo modo que o Microcosmos, ou seja, em seis princípios sintetizados pelo sétimo, não estando aqui o espaço limitado a uma área particular.

Sr. A. Keightley: – Então o espaço é utilizado no seu sentido metafísico mais amplo?

Sr.^a Blavatsky: – No sentido metafísico mais amplo. Eu diria imanifestado. Cada vez que digo espaço sem a palavra manifestado, significa que o aplico no seu sentido metafísico mais amplo. Se quiser falar sobre o espaço neste Universo, direi espaço manifestado ou algo assim, só para lhe dar uma qualificação.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 8. As seis direcções são os seis raios do Logos?

Sr.^a Blavatsky: – São iguais, tal como expliquei.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 9. Sloka 4: “Fohat traça linhas espirais para unir o Sexto com o Sétimo”. Há algum significado especial na palavra *espiral*, e a acção espiralada está especialmente conectada com Fohat?

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Mas para que exista a linha neutra, ou ponto zero como lhe chama o Sr. Crookes, as linhas centrífuga e centrípeta devem discorrer de forma espiralada, pois em contrário serão completamente neutralizadas. Não sei como lhe chamar de outra forma. O ponto neutro pode ser destruído. Agora, por favor vejam o capítulo *Deuses, Mónadas e Átomos*, página 550, onde está representado o Caduceu de Mercúrio¹²⁶, e quem quiser saber a explicação que o leia. Essa espiral é representada no Caduceu de Mercúrio, sendo que o seu ponto central, como está nesse (desenho), por exemplo, é a mesma linha central. Assim que esta é alcançada, tudo aquilo que está diferenciado torna-se indiferenciado novamente e mergulha no Perfeito Absoluto. É certamente com esse sentido que devem ver as espirais. Uma força vai numa determinada direcção (ver a ilustração) e o Caduceu de Mercúrio nas mãos do [Iniciado] produz milagres e maravilhas. Observem isto e saberão o que significam os poderes de cura e tudo o mais. Agora o Sr. Crookes – falando sobre o número 8, e talvez o tenham lido – diz ter descoberto que essas forças vêm a formar a figura do 8 e que a linha média é a linha central. Portanto, nisso estamos totalmente de acordo em ciência comum de que me sinto muito orgulhosa. Esta é a página 550 [de *A Doutrina Secreta*].

Sr. A. Keightley: – Então isto significa que qualquer força afectada pelas forças centrífuga e centrípeta se mova numa linha espiralada?

Sr.^a Blavatsky: – Creio que há uma lei de que tudo procede de forma espiralada, nunca em linha recta. Mas a Ciência diz algo sobre a gravidade como procedente em linha directa.

Sr. B. Keightley: – Esse é um dos pontos que queria perguntar.

Sr.^a Blavatsky: – Eu não acredito. Não posso dar-lhe as minhas razões, porém, sabendo eu de Ocultismo, digo que é impossível. Não há nada neste mundo que possa proceder de outra forma que não seja em espiral ou algo assim, mas nunca em linha recta, nunca.

Sr. B. Keightley: – Então será o mesmo com respeito à concepção da acção das duas forças de atracção e repulsão. Não seriam vistas actuando em linha directa mas sempre em espiral. Não me refi-

¹²⁶ *Deuses, Mónadas e Átomos* refere-se à página, não ao título do capítulo, no volume I de *A Doutrina Secreta*.

ro aos efeitos e sim a um conceito abstracto.

Sr.^a Blavatsky: – Não só como um conceito abstracto, onde creio que o encontrará na Ciência Física que as dá como actuando dessa forma. Elas não podem actuar em linha directa.

Sr. B. Keightley: – Esse é o efeito que produzem.

Sr.^a Blavatsky: – Agora vejam os contornos traçados pela electricidade. Ponham-na numa caixa de ressonância. Traça linhas rectas? Uma linha recta é algo desconhecido nas leis da Natureza. Por isso, Pitágoras nunca admitiu a linha recta ou o número dois, dizendo que o número dois não é algo que deva existir no Universo. Nós conhecemos o ponto que não é um ponto, porque está em toda a parte e em nenhuma por ser o Absoluto e Universal, donde então se manifesta a Tríade ou Trindade.

Sr. B. Keightley: – Aí é quando entra a ideia científica. Eles dizem que os efeitos seriam em forma de espirais, e creio dever perguntar ao Sr. Kingsland se está de acordo. Os cientistas conceberam isso como um conceito abstracto do centrípeto e centrífugo actuando em linhas rectas, que combinados produzem a acção espiralada. Eu penso que mesmo considerando-a uma abstracção, o Ocultismo manterá a ideia da espiral.

Sr. Kingsland: – Isso não é concebido como uma linha recta, porque ambos combinados produzem a espiral.

Sr. B. Keightley: – Mas a ideia abstracta é, claro, a força que actua numa linha recta.

Sr. Kingsland: – Oh, estou reparando. Está nesse sentido.

Sr. B. Keightley: – Ou então qualquer das forças actuando em linha recta. Suponham que uma força ocupa um dado ponto. Seria concebida actuando sobre outro ponto situado em qualquer parte do lugar junto às linhas rectas que unem os dois pontos.³

Sr. Kingsland: – Isso é para propósitos matemáticos.

Sr.^a Blavatsky: – Seja para isso ou para outra coisa, eu não acredito. Isto é tudo.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 10. Se Fohat é a Força unificadora, por que ao mesmo tempo ocorre a diferenciação que é a Força desintegradora operando? Será Fohat bipolar, isto é, provoca simultanea-

mente a atracção e a repulsão?

Sr.^a Blavatsky: – Ele fá-lo. Gostaria que me apontassem, como já pedi, algo não gerado dessa acção bipolar. Tudo na Criação é bipolar. Como devo falar sobre o Deus pessoal, pergunto se há alguém muito religioso nesta sala? Quem dentre vós é muito religioso?

Sr. –: – Eu sou.

Sr.^a Blavatsky: – Você não é, eu nunca acreditaria nisso, essa é uma afirmação vazia. Quero dizer que até o seu Deus pessoal é mostrado num momento como infinito e todo bondade e misericórdia, o Criador e Preservador, e no momento seguinte com alguém com um nojo infinito, o Destruidor e Aniquilador. Tudo isto é bipolar, tudo isto não pode estar fora, e se você toma o Deus da sua compreensão como um ser tão bipolar, então não sei como pode haver alguma força ou algo que não o seja. Não se pode ter uma força absolutamente boa ou absolutamente má, não há algo assim na Natureza, portanto, deve ser bipolar. Se tomar uma pitada de qualquer coisa encontrará nela os dois pólos, o negativo e o positivo.

Sr. A. Keightley: – Então, isso quer dizer que a acção de Fohat em qualquer substância é alternadamente primeiro uma e depois outra, primeiro construtiva e depois destrutiva?

Sr.^a Blavatsky: – Eu disse isso. Tomem a Trindade dos hindus: têm Brahma, o Criador, Vishnu, o Preservador, Shiva, o Destruidor, e os Três são Um. Se conceberem um sem os outros dois, então não haverá nenhum Deus e só um disparate bom para nada. Isso que você chama destruição é simplesmente renovação, é simplesmente isto. Bem, conforme já expliquei muitas vezes, não existe a morte, ela é simplesmente a transformação. Agora plantem uma semente, como disse São Paulo, para... não me lembro do ele disse.

Sr. B. Keightley: – “Para que a semente dê fruto deve cair na terra e morrer.”¹²⁷

Sr.^a Blavatsky: – Sim, isso está inteiramente certo. Ou seja, deve ser transformado. Não morrerá, porque não há nada que seja destrutível e simplesmente se transforma em algo mais. Isto até a Ciência

¹²⁷ Trata-se da citação no *Evangelho de São João*, 12:24, retomada por São Paulo em *I Coríntios*, 15:42.

descobriu faz uns 20 ou 30 anos, como seja a conservação da energia, que é a maior verdade e o melhor que já descobriu, realmente a maior verdade descoberta porque nela está a Lei em que tudo se baseia. Todo o Ocultismo diz que nada se perde e tudo se transforma. Eles encontraram-na faz uns 20 ou 30 anos, mas nisto aconselho a consulta dos livros que existem faz uns 400 ou 500 anos, nos quais se prova a conservação da energia e dizem-no claramente. Vejam a *Anugitâ*, onde é dito que nada se perde, que Vishnu se transforma a si mesmo e se converte [] na Humanidade, a qual se converterá sempre em Vishnu; que todo o átomo transforma-se em algo mais, porém, não deixando de ser o átomo único, não deixando de ser o mesmo. Não consigo repetir por não tenho uma boa memória, mas se lerem as suas várias páginas estou segura de que encontrarão ali o conceito de conservação da energia perfeitamente descrito, faz 300 ou 400 anos. Supondo-se que foram 100 anos antes de aparecer a Ciência, estou inteiramente segura ficar provado que eles conheciam isto como conhecem agora. Não me importa se o sabiam há vários milhares de anos, se falarmos dos manuscritos.

Sr. A. Keightley: – Então, nessa Trindade, o sentido de Vishnu, o Preservador, dá a ideia de conservação da energia?

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Ele preserva tudo, mas não pode preservar nada sem Shiva. Lembra que Shiva deve aparecer para transformar uma coisa em outra, sendo, por assim dizer, o ajudante de Vishnu. Toda a vez que Vishnu fica vacilante, conforme os Puranas mostram, Shiva é chamado para que o ajude. E então aparece Shiva vindo ajudar a transformar uma coisa em outra.

Sr. B. Keightley: – Se bem me lembro, Brahma está sempre apelando à ajuda de Vishnu.

Sr.^a Blavatsky: – Ele não pode mover-se ou fazer algo sem Vishnu. Podeis dizer o que quiserdes, mas isto é sumamente filosófico, asseguro-lhes.

Sr. A. Keightley: – Sloka 4, continuação. “Eles (os Lipikas) dizem: ‘Isto é bom’”. Pergunta 11. Que significado especial trata de transmitir essa frase dos Lipikas?

Sr.^a Blavatsky: – Por que não poderiam os Lipikas dizer que isto é bom, quando o Senhor Deus diz no primeiro capítulo do *Génese* que

isto é bom? E se Ele pode dizê-lo, por que não podem dizê-lo os Lipikas?

Sr. B. Keightley: – Certamente podem. Não existe nenhuma objecção. Mas isso demonstra que a frase possui algum significado especial, ou não apareceria na velha fonte donde tomou a estância como igualmente na Bíblia dos judeus. E a pergunta é: qual é o seu significado especial?

Sr.^a Blavatsky: – Na Bíblia há tanta filosofia como qualquer outra coisa, apesar de metade ter sido excluída. Se pudessem ter todo os capítulos elohísticos veriam o que essa filosofia é, porém, de uns catorze só subsiste um e meio ou algo assim.

Sr. B. Keightley: – A pergunta é: qual é o seu significado?

Sr.^a Blavatsky: – Que isto é bom. Que mais significado quer? Se fosse mau, eles não diriam uma só palavra e passariam a corrigir os seus erros criando melhor.

Sr. Kingsland: – Porém, logo deverão descobrir os seus erros.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, Deus também descobriu os seus erros, porque se arrependeu de ter criado o Homem. Se até Deus se arrepende, por que não haveria de fazê-lo um Dhyan-Choan?

Sr. Kingsland: – Então o bem é só relativo?

Sr. A. Keightley: – É a *Chayaloka* – explicada aqui como o Mundo Sombrio da Forma Primordial, ou o Intelectual – o mesmo que no diagrama da página 200 (de *A Doutrina Secreta*) é chamado de *Mundo Arquetípico*? Ou é o que se chama Mundo Intelectual ou Criador?

Sr.^a Blavatsky: – É o Mundo Arquetípico e o Mundo Intelectual que, como se pode ver na Cábala, apresenta quatro Planos. Na *Kaballah* de Mathers¹²⁸ eles são mostrados. Não me mostrem, eu sei de memória. O Mundo Arquetípico pode ser comparado ao pensamento do Homem precedendo a acção, sendo o tipo de Manas individual sob a luz da Inteligência Universal. O artista concebe a sua ideia antes de

¹²⁸ A *Kaballah Desnudata* (“Cábala Desvelada”) contém os seguintes livros do *Sepher-Ha-Zohar*: 1. *O Livro do Mistério Oculto*. 2. *A Grande Assembleia Sagrada*. 3. *A Assembleia menos Sagrada*. Foi traduzida para o inglês da versão latina de Knorr von Rosenroth, recopilada do texto hebreu e caldeu original, por S.I. MacGregor Mathers. Londres, George Redway, 1887.

tudo, antes de começar a trabalhar, e antes de puder pintar a sua imagem deve juntar e preparar os materiais de acordo com os planos que tem em mente. Ele tensa a sua tela e mói as suas cores. Isto está no mundo intelectual ou criador. Logo faz na tela um bosquejo rápido da sua ideia, e isto pode ser comparado à apresentação no mundo substancial ou afirmativo. Se acompanharem isto, verão ao que me refiro. Ele preenche-o e a imagem fica completa. No aspecto físico estão os quatro Planos. É igual na Natureza. Não falo dos três Planos Superiores porque não podem ser expressados numa linguagem humana. A Mente Universal está ligada ao que eles chamam a Ideação Divina e é algo que não pode ser expressado. Porém, a Ideação Divina cai, por assim dizer, desde o Princípio, e quando digo desde o Princípio refiro-me a que não tem um começo nem um final. A sua Luz cairá sobre o Mundo Arquetípico onde estão os antetipos ou protótipos de tudo, pois não haveria nada, nem sequer este velho tapete, se não houvesse um antetipo ou protótipo. Entendem a minha ideia?

Srta. Kenealy: – Sim, eu penso que isso está muito claro.

Sr. A. Keightley: – Estância 5, sloka 5. Pergunta 13. Quais são as influências procedentes dos quatro quadrantes do Mundo? Por que há algumas, como por exemplo as do Este, que são daninhas para a vida?

Sr.^a Blavatsky: – Porque sim, e não me façam mais perguntas. Já me perguntaram isso milhares de vezes. Significa que o Norte e o Este são bons, e o Oeste e o Sul são maus. O Oeste é mau porque os egípcios e os hindus, assim como os caldeus e fenícios, todos eles tinham a ideia de que o Diabo vem do Oeste, não sei por que, porém é o que se pressente na civilização ocidental neste século. O Diabo vem do Oeste nos livros sagrados egípcios, caldeus e fenícios, em todos eles vem do Oeste. E tudo o que é bom vem do Este, porque o Sol é o regenerador aparecendo a cada dia na sua devida hora, sendo o Sol o nosso criador, o nosso amigo e tudo.

Sr. A. Keightley: – Se se supõe que a má influência vem do Oeste, e se supõe que o Este é bom somente porque o Sol, que é o regenerador, aparece por ali, qual é o significado do Sol desaparecer pelo Oeste? Há alguma conexão nisso? É simplesmente por uma ausência do bem ou por uma presença do mal?

Sr.^a Blavatsky: – Dirige-se para ali, donde vem a obscuridade.

Sr. A. Keightley: – Mas a obscuridade não vem do Oeste.

Sr.^a Blavatsky: – Não, mas a luz desaparece por esse lado, e suponho que por isso o tornaram mau, mas deve ter havido outras influências ocultas. Não há nenhum país que não tenha abominado o Oeste, e todos devem estar muito orgulhosos disso!

Sr. B. Keightley: – Sim, as Ilhas dos Benditos sempre se supõem estarem a Ocidente.

Sr.^a Blavatsky: – Geograficamente. Porém, na realidade é algo muito diferente. Será como me falar do Vento de Leste em Londres e me perguntar como pode ser o vento mais pernicioso se todo o bem provém do Leste? Eu respondo que é geográfico. Pode ser que seja assim nesta sua pequena ilha, mas não no espaço universal.

Sr. A. Keightley: – Então qual é o significado disso no espaço?

Sr.^a Blavatsky: – No espaço não há Este, Oeste, Norte e Sul se o tomarem como espaço infinito, mas se tomam um espaço limitado a Natureza ordenou que todo o mal provenha do Oeste.

Sr. A. Keightley: – Tomando o Sistema Solar, qual é o significado disso?

Sr.^a Blavatsky: – Não sei.

Sr. A. Keightley: – Então, o que são os quatro rincões?

Sr.^a Blavatsky: – É uma tontice, porque não há rincões em algo que é esférico.

Sr. B. Keightley: – Temo, meu caro Arch, que o teu interrogatório não conseguirá muito.

Sr.^a Blavatsky: – Não temo o interrogatório, para dizer-lhes a verdade.

Sr. A. Keightley: – Qual é o significado da má influência que provém do Oeste?

Sr.^a Blavatsky: – Porque as más influências são enfermidades e parece que o Diabo viverá ali.

Sr. A. Keightley: – Por que devem ser maus o Oeste e o Sul?

Sr.^a Blavatsky: – Do Pólo Sul provém toda a maldade do Mundo,

e é por isso que não se permite ir ao Pólo Sul, é mau. Ao Pólo Norte não se pode ir porque é a Terra dos Deuses. Se se fosse lá seriam profanados. Falando seriamente, há um certo magnetismo, algo magnético que provém do Sul e do Ocidente e que é um magnetismo muito mau, o magnetismo das emanções da Terra, ele depende dela. Agora falemos da Terra. Por que os hindus dizem que dormem de certa maneira, com as suas cabeças e o restante corpo numa determinada direcção para que o magnetismo os atravessasse? Li que vários homens de ciência afirmam não ser essa uma ideia tonta, pois existe o magnetismo terrestre. Quando se calcular donde ele provém, então se verá haver certa filosofia na forma das más influências que procedem do Ocidente e das boas que provém do Oriente.

Sr. A. Keightley: – Porém suponho, por exemplo, que coloca o seu corpo na corrente directa do magnetismo, que se supõe proceder do Pólo Magnético no Norte, mas ele não está no verdadeiro eixo da Terra.

Sr.^a Blavatsky: – Eu nunca disse que fosse assim. O que é que quer saber? Para onde se dirige?

Sr. A. Keightley: – Queria saber donde provém essas más influências magnéticas com relação à Terra.

Sr.^a Blavatsky: – Quando for velho saberá mais, não precisa encher o seu jovem cérebro com isso que não conseguirá reter transformando-o numa peneira furada.

Sr. Atkinson: – É o Norte magnético ou o Norte geográfico?

Sr.^a Blavatsky: – Não, é o magnético.

Sr. Atkinson: – Porque são opostos um ao outro.

Sr.^a Blavatsky: – Digo-lhes mais. Acabo de ter a honra de vos dizer que não acreditamos em nada que siga em linha recta. Agora, se juntarem 2+2 verão ao que me refiro, de que isso não segue em linha recta. Portanto, podem dizer o que quiserem, mas a menos que saibam de Ocultismo, nunca poderão saber donde tudo isso provém e o que significa. Este é um simples enunciado do que provém de tal lugar, mas não é para aqueles que não aprenderam Ocultismo e não sabem que ainda há muitos pontos pelos quais os ocultistas dividem a Terra. E como não sabem, como podem saber o que acontece quando se segue numa linha diagonal ou numa espiral, nunca numa

linha recta? Portanto, é extremamente difícil responder a isso, é impossível.

Sr. A. Keightley: – Então há uma relação especial das correntes expressadas com as palavras Oriente e Ocidente.

Sr.^a Blavatsky: – Talvez haja e talvez não. Esta é da classe de coisas a que me refiro a cada quinta-feira. Vêm examinar-me e perguntar-me tudo o que podem até ao Dia do Juízo Final. Não posso dizer mais do que sei.

Sr. A. Keightley: – Mas você não diz tudo o que sabe.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é diferente, e não tem o direito de me dizer tal.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 14. Os quatro Maharajas e os quatro Elementos têm uma aplicação terrestre assim como cósmica?

Sr.^a Blavatsky: – Excepto no Karma, de nenhuma maneira. Os quatro Maharajas produzem efeitos kármicos, certamente, porque ali o *Lipika Mahaffija* é simplesmente um título que possuem.

Sr. A. Keightley: – Então qual é o significado dos quatro Elementos?

Sr.^a Blavatsky: – Em que sentido?

Sr. A. Keightley: – Em sua relação com os quatro Maharajas.

Sr.^a Blavatsky: – Não sei do que está falando. Não vi isso na última pergunta. Não entendo o que quer dizer.

Sr. A. Keightley: – É melhor lhe perguntarmos num outro momento.

Sr.^a Blavatsky: – Disse-lhe que removesse a 15.

Sr. A. Keightley: – Então isto é tudo.

Sr.^a Blavatsky: – Penso que o meu destino ou o meu karma é viver toda a minha vida rodeada de pontos de interrogação. Às vezes tenho pesadelos, e parece-me que estou rodeada de pontos de negação.

Sr.—: – Também por pontos de admiração, espero.

Sr. A. Keightley: – Bem, não deve transformar-se num perpétuo enigma.

Sr.^a Blavatsky: – Eu sou uma mulher muito simples. Venho aqui e me ofereço para lhes ensinar o que posso, e se aceitam, muito bem. Mas não posso ensinar-lhes mais do que posso.

Srta. Kenealy: – Você fala de tantas coisas que queremos saber.

Sr.^a Blavatsky: – Todos vós sois indiscretos. Lamento que o Dr. Williams não esteja aqui, ele faz perguntas muito boas.

Srta. Kenealy: – Penso que é muito dura connosco.

Sr.^a Blavatsky: – Em primeiro lugar, às vezes fazem perguntas que ultrapassam os limites do terreno proibido. De que serve dizer-lhes algo para a seguir fechar-lhes a porta na cara? Além do pouco que poderia dizer, seria uma irritação para o espírito. Eu não posso dizer certas coisas, mas digo-lhes tudo o que me é permitido dizer. Isto pode vos parecer muito ridículo, muito exclusivista, muito egoísta, podem pensar o que quiserem, mas eu não fiz as regras, não fiz as leis. Tal como não as fiz não as devo julgar. Não posso revelar o que prometi não revelar, é impossível.

Srta. Kenealy: – Você sabe tanto e que para si é muito simples, mas que para nós é muito difícil.

Sr.^a Blavatsky: – Vejam, continuam sempre perguntando coisas que realmente não posso explicar completamente. Assim, de que serve entregar-lhas parcialmente?

Sr. Kingsland: – Apesar de termos uma percepção turva de haver algo por detrás, prosseguimos trabalhando com afinco.

Sr.^a Blavatsky: – Vocês não podem queixar-se, porque têm a explicação de muitas coisas.

Sr. Kingsland: – Agora estava falando para o geral, para o grupo.

Aqui terminou a sessão.

XII

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
Quinta-feira, 4 de Abril, 1889.
O Sr. Kingsland na Presidência.**

Sr. A. Keightley: – Estância 5, sloka 6. Comentário. Pergunta 1: como criam os “Registadores do Karma” uma barreira intransponível entre o Ego pessoal e o Ser impessoal?

Sr.^a Blavatsky: – Parece-me que isso é muito fácil de entender para quem entenda a verdadeira natureza do Nirvana, ou mesmo do Reino dos Céus cristão, sobre o qual se diz que ninguém se casa ou é dado em casamento, etc., devendo-se ver bem o que isso significa. Mas o que é *rupa*? O que é o *pessoal*? É sempre algo objectivo e material, e desde logo como pode atravessar o ponto para onde tudo é amorfo e arrupa? Creio que não é dada numa linguagem simbólica mas bastante clara. Agora pergunto-vos: o que é isso que vai ao estado de Devakan? Será o Espírito, a Alma-Espírito, a Mônada carregada com uma consciência e inteligência espiritual, ou serão os Princípios inferiores do Homem pessoal? Quem é que vai? Sabem perfeitamente que o *pessoal* é o Kama-Loka e, portanto, não pode ser incluído nesse Plano. Diz-se que o Lipika circunscreve dentro do Ovo – que é a Aura magnética ou o Cosmos manifestado – o Homem, o Animal ou qualquer outro objecto concreto do Universo, ou aqueles objectos que possuem forma. É uma alegoria, e está enunciada em linguagem alegórica, a desse anel ou círculo encantado. Não existe nenhum anel assim na Natureza, mas existe o Plano de Matéria, Espírito e Consciência. O Ser impessoal consiste nas figuras de um Triângulo dentro de um Quadrado, os sete Princípios do Homem dos quais só resta o Triângulo Superior que não pode passar para o Plano da primitiva Matéria diferenciada. Cada átomo dos sete Princípios – incluindo a refulgência de Atma-Budhi, já que a refulgência é um atributo relacionado com a absolutez – deve permanecer fora do portal do Nirvana. Só a Ideação Divina, a Consciência, a portadora da Memória absoluta cuja per-

sonalidade se funde no Uno impessoal, pode cruzar o umbral do Ponto Laya que se encontra no mesmo portal da manifestação da Alma e Mente humana na qual os factos e acontecimentos passados, presentes e futuros foram fixados juntos durante a sua peregrinação. Aí só permanece, desde o princípio dos tempos, como se diz, o que resta dos diferentes alimentos num recipiente de cobre, se este estiver bem lavado e seco. Esta é uma citação do livro. Mas se isso começa assim, que devemos dizer do que acontece com a mesma Alma e Mente durante o Grande Dia? Porque quando é fundido o que resta do dito recipiente de cobre é só a Memória. Entendam que há uma grande diferença entre Devakan e o Grande Dia de “Sede Connosco”, ou esse Plano que só se alcança durante o Maha-Pralaya depois de terminar todo o Ciclo de Existência. Como é possível, então, vir a ser algo pessoal? Somos incapazes de representar tal Consciência completamente amorfa e sem átomos. Durante o êxtase podemos imaginar algo parecido com isso. Dizemos que o sujeito nesse estado de Samadhi está muito além do seu mundo quotidiano de limites e condições, vendo então tudo como sem movimento. Sendo o passado e o futuro o seu presente actual, liberta o seu Espírito dos impedimentos e alterações do corpo. As partes mais elevadas e espirituais do seu Manas estão exclusivamente unidas à sua própria e particular Mónada, a qual, como a Mónada de Leibnitz, reflecte todo o Universo em si mesma. Dizemos que o Yogui se transformou num participante da Sabedoria e da Omnisciência da Mente Universal, mas podemos dizer isto da Alma quando transpõe o Ponto Laya? Se vós podeis, cavalheiros de Oxford e Cambridge, eu não posso. Porque não posso falar a linguagem dos deuses, e mesmo que pudesse não creio que me compreenderíeis muito. Há uma pergunta, mas na verdade não compreendo o querem dizer. Quem fez essa pergunta? O que significa “traçar a linha entre o pessoal e o impessoal”? Todos vós deveis saber.

Sr. Kingsland: – É por o estado de Nirvana estar mais além do Ponto Laya?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo, porque o Ponto Laya é só e simplesmente para os Planos de Matéria. Por este Ponto Laya, como lhe chamamos, vai-se muito além da Manifestação material.

Sr. Kingsland: – Você diria que o Devakan está mais além do Ponto Laya?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente não. O Devakan é uma coisa e o Grande Dia de “Sede Connosco” é outra, porque simplesmente não é um Pralaya Planetário e sim um Pralaya Universal.

Sr. Kingsland: – Devemos chamá-lo Nirvana, certo?

Sr.^a Blavatsky: – Não, trata-se do Para-Nirvana. *Para* significa “meta”.

Sr. Kingsland: – Só há Nirvana no estado de Samadhi?

Sr.^a Blavatsky: – Ele é simplesmente Nirvana.

Sr. Kingsland: – Há uma certa quantidade da Individualidade unida a isso.

Sr.^a Blavatsky: – Há uma Individualidade de Espírito e Alma, Atma-Budhi.

Sr. Kingsland: – Disse que a parte mais elevada de Manas é assimilada pela Mónada, mas não pode dizer isso do Nirvana.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente que não. E logo expliquei ali porque há muitas passagens onde são ditas coisas que não consigo decifrar. Eu não consigo compreender porque vós, que sabeis tudo sobre os resíduos no Kama-Loka, não aplicais o mesmo quando falais do Grande Dia de “Sede Connosco”. Não me refiro à nossa curta e pequena vida aqui, pois isto é algo completamente diferente. Vejam, se eu tivesse aqui alguns dos que ali fazem as perguntas a que respondo, isto seria diferente.

Sr. A. Keightley: – Aqui diz-se que o sentido esotérico da primeira frase é que aqueles chamados Lipikas e Registadores erguem uma barreira intransponível entre Ego pessoal e o Ser impessoal.

Sr.^a Blavatsky: – Com certeza.

Sr. B. Keightley: – Na frase quase parece como se fosse a linha de demarcação e divisão entre os quatro Princípios e os três. Penso que há aqui uma pergunta depois disso.

Sr.^a Blavatsky: – Penso que tendes uma opinião bastante errada sobre os três Princípios ou o Triângulo Superior. Não tomais em consideração, ou não estabeleceis a diferença, quando aplicamos os sete Princípios neste Plano ao Homem e ao Devakan, e os mesmos sete Princípios depois de terminado o ciclo de vida, que é algo totalmente diferente.

Sr. B. Keightley: – Não há nada nessa estância que nos guie para isso.

Sr.^a Blavatsky: – Não podia escrever mais do que ali está.

Sr. B. Keightley: – É por isso que se fazem estas perguntas.

Sr.^a Blavatsky: – Não vêem claramente que os Lipikas e o Grande Dia de “Sede Connosco” significam quando tudo, todo o Ciclo terminar? Estou inteiramente segura de que deve haver alguma referência a isso.

Sr. B. Keightley: – Isto está claro, mas então haverá algo que ainda se possa chamar um “ser pessoal”.

Sr.^a Blavatsky: – Dir-vos-ei alguma coisa que aclarará essa dificuldade. Que volume é?

Sr. B. Keightley: – O primeiro.

Sr.^a Blavatsky: – Como se chama?

Sr. B. Keightley: – Cosmogénese.

Sr.^a Blavatsky: – Então, por que me fazem falar da Antropogénese? O “ser pessoal” é algo completamente diferente. Há uma relação nisso, mas nenhum Deus pessoal tem algo a ver com isso. Não significa *pessoal* no sentido da nossa personalidade, significa individualidade objectiva.

Sr. B. Keightley: – Sim, mas isso é diferente do que a frase sugere.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 2. O “Ego pessoal” refere-se aqui ao Triângulo Superior, Atma-Budhi-Manas, ou ao Quaternário Inferior?

Sr.^a Blavatsky: – Aqui está. Isso sustenta tudo se nos referirmos aos princípios de um homem ainda vivo na Terra, não destacando nenhum no caso dos Lipikas. É dito (cito na continuação) que eles circunscrevem primeiro o triângulo, e em segundo o cubo ou quaternário, e que dos sete trêes estão contidos no triângulo e quatro no quadrado dentro do círculo. Isto é bastante claro. Nenhum princípio pode transpor o anel “não-se-passa” salvo a memória daqueles na eterna Ideação Divina, cuja mesma Ideação provém de algo manifestado que se torna o Absoluto nesse Dia de “Sede Connosco”. Por isso, é.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 3. Por “Plano manifestado de Maté-

ria” refere-se aos quatro Planos inferiores do diagrama na página 200, ou seja, aos 44 Planos dos Globos da nossa Cadeia, ou só aos quatro inferiores da nossa Terra?

Sr.^a Blavatsky: – Refiro-me ao que é dito. Nada manifestado ou com forma, nome e número pode atravessar o anel que separa o mutável e manifestado do onnipresente e imutável. Agora ponham isto nas vossas sábias cabeças, meus queidos filhos. Há uma diferença entre o mutável e manifestado e o onnipresente e imutável, e não podeis cruzar essa linha nem podeis – é impossível – transpor o que está neste domínio para o que está mais além. É impossível, pelo menos na nossa Filosofia. Onde se localiza o mísero átomo ensujado que a presunção mexeriqueira chama de nossa Terra, uma vez que se refere ao Pralaya, à destruição e desaparecimento do Universo, tanto o ideal como o físico? Como posso falar da Terra ao mesmo tempo que da Absolutez? Não se fala dos elementos abstractos na página 130 (vejam, por favor) e que mesmo eles, quando retornam ao seu Elemento Primordial, no podem ir mais além do Laya ou Ponto Zero? Não está muito claro? Então por que me torturam? Há sete significados para cada símbolo. Astronomicamente o anel “não-se-passa” significa uma coisa, e metafisicamente outra coisa distinta.

Sr. A. Keightley: – Você diz isso aqui, citando o *Catecismo Visishtadvaita*¹²⁹ (lê de *A Doutrina Secreta*, página 132). Pergunta 4. Poderia explicar o significado esotérico da frase “então atravessa um ponto escuro no Sol”?

Sr.^a Blavatsky: – Agora, sabem o que é um visishtadvaita? Eles acreditam num Deus, num Deus pessoal, e são dualistas. Apesar de serem vedantinos, eles não têm direito ao nome de vedantinos. Há três seitas entre os vedantinos. Os dualistas Dvaita, os Visishtadvaita, que são mais que dualistas, e os Advaita, que são humanitários, por assim dizer, que só acreditam em uma ciência. Portanto, respondo a isso que seria melhor perguntarem a N. Bhashyacharya, porque eu não entendo o que significa. O “ponto escuro no Sol” deve estar para o Anjo que se encontra no Sol. Nunca consegui entender o que signifi-

¹²⁹ *Um Catecismo da Filosofia Visishtadvaita de Sri Ramaujacharya*, compilado por N. Bhashyacharya e S. E. Gopalacharlu. Madras: A Sociedade Teosófica, 1888.

ca. Já me dei ao incômodo de escrever ao próprio Pandit¹³⁰ e encarreguei Harte de lhe perguntar o que significa, e ele não conseguiu responder. Assim, o que posso dizer?

Sr. B. Keightley: – Então não pode culpar-nos por fazermos essa pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – Não posso fazê-lo. Mas tenho uma ideia vaga do que seja, e já para eles o Sol é Parabrahman, de quem não sabem mais nada, penso que se refira ao coração do Sol.

Sr. A. Keightley: – Corresponde de alguma maneira ao ponto no círculo?

Sr.^a Blavatsky: – Eu cito isso simplesmente para mostrar os diferentes sistemas no Hinduísmo. Não culpo a vocês. Simplesmente cito para mostrar o que disse. Agora vem uma bela pergunta, a número 5!

Sr. A. Keightley: – Pergunta 5, página 135. Pode dizer-nos algo mais sobre o significado esotérico dos 3.000 ciclos de existência?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, imediatamente! Caro que sim! Em primeiro lugar, eu não sou uma matemática – afirmo que é completamente impossível para mim entrar em cifras. Em segundo lugar, sabeis perfeitamente bem, como o Sr. Sinnett escreveu no seu *Budhismo Esotérico*, que os Poderes que são e possuem no bolso a Sabedoria Secreta não gostam de falar em cifras, nunca o fazem. Os 3.000 ciclos podem significar qualquer número de cifras, tudo depende da duração de cada um deles que são, em resumo, o período de todo o Manvantara.

Sr. A. Keightley: – Maha-Manvantara ou menos?

Sr.^a Blavatsky: – Não, Manvantara, ou seja, quando chegam ao término as sete Rondas.

Sr. A. Keightley: – Mas tem algum significado ligado à ideia de 3.000?

Sr.^a Blavatsky: – Não sei, pode ter.

Sr. A. Keightley: – Não estou fazendo a pergunta numericamente, mas qual é a ideia?

Sr.^a Blavatsky: – Eles dizem em muitas partes que 3.000 tem um

¹³⁰ N. Bhashyacharya, Director da Biblioteca Adyar da Sociedade Teosófica, que faleceu em Dezembro de 1889.

significado devakânico, e isso é tudo. Todo o defunto que cruza o Nilo na barca (recordam essa cerimônia) é Osírficado, converte-se no seu próprio Espírito, e vai aos campos de Amroo. Isto é o que significa.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 6. Estância 6, sloka 1. Poderia ampliar a explicação a respeito das quatro classes de Vach?

Sr.^a Blavatsky: – Em outras palavras, poderia analisar as duas conferências de Subba Row e ao mesmo tempo o que está publicado, para ter todas as bênçãos [] sobre a minha cabeça. É uma citação da sua conferência no [], onde ele divide [] e fala de quatro formas, como um vedantino que põe ênfase nos quatro rostos de Brahma manifestando-se no nosso Plano, no que também é idêntico ao Tetragramaton. Se não tiver quatro rostos, então terá quatro números. Ele dividiu Vach em sete parte e falou dos sete rostos do nosso Avalokitesvara, ou seja, das sete forças manifestadas na Natureza. O nosso Vach é o Logos Feminino. Agora leia o *Vishnu (Purana)* e não precisará perguntar, apesar de eu saber que já o leu várias vezes. Ou então leia novamente o *Manu (Dharma Shashtra)*, ou qualquer outra obra onde se mencione Vach, e encontrará que Ele se dividiu em duas Pessoas, Masculina e Feminina, as quais criaram os sete Manus. Esta é a versão exotérica da esotérica, ou a que já vos ensinei muitas vezes. Nós somos vedantinos no sentido de aceitarmos sete, sendo Vach o Aspecto Feminino dos sete Logos. Devem compreender o que isto significa. Todos são Andróginos. Inclusive o primeiro, por mais etéreo que seja tendo sido criado a partir do Nada, sem dúvida também é Andrógino, porque tem o Aspecto Feminino em si mesmo por ser emanção do Segundo Logos. Agora a pergunta seguinte vos dará mais.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 7. Ao falar dos “Sete Filhos da Luz e da Vida” como estando mais além dos Centros Layas, refere-se unicamente aos que podem ser chamados Centros Layas “negativos” que limitam o nosso Sistema Solar? Porque o termo *Centro Laya* parece ser aplicado de forma geral como o limite absoluto de toda a diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é assim, em verdade, no limite da diferenciação do Cosmos manifestado. O seu significado pode ser absoluta obscuridade para nós, contudo, nesse mais além certamente não será nem diferenciação nem Laya tal como concebemos. Quando falo dos

“Sete Sóis de Luz e Vida” como estando mais além dos Centros Layas, só significa isto: não estão sujeitos a Laya nem à diferenciação, de maneira alguma, durante o Ciclo de Vida que dura um Maha-Manvantara. Se somente recordassem a ordem em que emanam os Dhyanchokans, ou a Teogonia, como ali está explicada em muitas partes, não teriam feito a pergunta. Pensei que sabiam que o Logos número um irradiou primitivamente sete Raios, que são um, os quais são chamados de Manto Septenário do Destino, e que dele nasceu finalmente o Logos número três, cujos sete Raios transformaram-se nos Construtores Cósmicos cujo agregado é Fohat. Então, como podem os Filhos de Luz e Vida, o Manto Septenário do Destino imutável, existir de outra forma que não seja estarem mais além dos Centros Layas? Foi precisamente isto que tive o prazer de explicar no outro dia ao nosso querido Presidente, o Sr. Kingsland. Creio que isto é bastante concebível. Não se pode tomar a Laya como algo que não seja Matéria, Matéria manifestada, diferenciada, inclusive como uma manifestação finita diferenciada. E muito além desse Ponto Laya, que é o Ponto Zero da Matéria, há uma Matéria que nunca se diferencia e que é Nada. Não é uma questão de calor ou algo assim, é simplesmente o que está dentro – como poderei expressar isto? – como vos tenho explicado muitas vezes. Cada um deles é eterno, sem fronteiras, ilimitado e, no entanto, são sete. Bem, há nisso um enigma para vocês! Mesmo sem ser um matemático ou um físico, ainda assim suponho que cada um tratará de conceber isso que não é uma questão de direita, esquerda, acima, abaixo ou por debaixo. É simplesmente uma questão de estado de matéria ou de estado de consciência. A Matéria está em todas as partes, porque a Matéria e o Espírito são um, porém o Ponto Laya, ou o mais além do Ponto Laya, não pode ser chamado Matéria nem Espírito, é ambos e nenhum.

Sr. B. Keightley: – Então, realmente vê-se isso como se o Ponto Laya dividisse os quatro Planos que você chama mais especificamente de manifestados – os Planos do Globo e do Sistema Solar, e assim sucessivamente – desde os três Planos Superiores de que temos estado falando.

Sr.^a Blavatsky: – Não. Os três e quatro Planos estão num só Cosmos, tal como os sete Princípios estão em vós, porém acontece simplesmente o seguinte: se não conseguimos entender ou aperceber

que possuímos esses três Princípios dentro de nós, como sejam as Inteligências Superiores, ou Manas e Budhi, a Alma Espiritual, e Atma ou o Espírito que é a síntese, se não conseguimos aperceber isso, como é possível pretender conceber aquilo que é totalmente inconcebível para o intelecto humano, como sejam as três Inteligências Superiores? É por isso que só dou os quatro, porque representam os Planos onde está a nossa Cadeia Planetária. Não posso ir mais além porque seria totalmente incompreensível, ademais o meu conhecimento da língua inglesa não me ajudaria, tampouco qualquer outra língua, pelo que não o poderia explicar.

Sr. Kingsland: – Você apoia-se nos três Princípios Superiores como diferenciações do Absoluto, enquanto que mais além do Ponto Laya não há diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é assim.

Sr. B. Keightley: – Porém, têm sete Hierarquias.

Sr.^a Blavatsky: – Não têm sete. Todas são uma depois disso.

Sr. B. Keightley: – Estava vendo a frase utilizada, “os Sete Filhos da Luz”.

Sr.^a Blavatsky: – Não importa o que utilizemos, temos uma linguagem para dizer muitas coisas mas não podemos dizer mais do que a Filosofia haja evoluído. Tentem entender, por favor, que aí não há diferenciações, nem Espírito e nem nada, que para nós tudo é Obscuridade Absoluto. Os próprios Dhyan-Choans Superiores conseguiriam dizer mais do que poderia dizer o Sr. Herbert Spencer. É algo sobre o que o intelecto humano não deve especular. É completamente absurdo e ridículo para nós, homens e mulheres estúpidos, vir especular sobre coisas como esta. Quando falo de homens e mulheres estúpidos, incluo a todos e todas que possuem os intelectos mais desenvolvidos no mundo.

Sr. Kingsland: – Ao mesmo tempo, você não fala relativamente a um Ponto Laya de Matéria mais além onde não há diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não.

Sr. Kingsland: – Relativamente.

Sr.^a Blavatsky: – Olhem aqui, tentem compreender-me. Temos sete Planos de Matéria, em cada um deles há mais sete, e cada um

tem o seu Ponto Laya. No nosso Plano há um Ponto Laya que é o sétimo do mesmo, mas quando esses sete Planos ou sete Ideações Divinas, como por vezes se lhes chama, são superados, então não existe nada. Não se pode especular, porque ali não há nada a que se agarrar, não se pode conceber, é totalmente impossível.

Sr. Kingsland: – Isso é exactamente o que eu queria, de que há certos Pontos Layas que são relativos.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas aqueles que provêm do Primeiro Logos estão além de qualquer Ponto Laya, porque ainda não pertencem ao Cosmos diferenciado. São chamados o Manto Septenário do Destino, não sei o que é isso, mas é assim. Observem que apesar de serem Sete eles são Um. As privações, por assim dizer, as ideações dos Sete é que estarão no Segundo Logos, sendo essas as Sete donde emanaram as sete Forças da Natureza. Por favor, perguntem-me se não entendem alguma coisa, porque quero começar a dar muito seriamente todas estas instruções.

Sr. A. Keightley: – (Lê de *A Doutrina Secreta*, página 138). Pergunta 8. Fohat tem a mesma relação com a Hierarquia de Sete que tem Mayavi-Rupa com um Adepto, ou seja, como o Poder inteligente, sem forma, activo ou energia?

Sr.^a Blavatsky: – Quem quer que tenha feito a pergunta fez uma excelente definição. É tal qual diz. Qual de vós apresentou isto? Deixem-me dar-lhe o laurel.

Sr. B. Keightley: – Foi Arch.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, por uma vez tenho de o cumprimentar, está perfeitamente bem definido. É a Mayavi-Rupa. Não se pode fazer uma melhor ilustração. (Faz uma pausa). Agora vem novamente um disparate.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 9. Sloka 3, página 140: depois do Maha-Pralaya ou de alguns dos Pralayas menores, o progresso da matéria permanece em *statu quo*, para reemergir no Manvantara e começar a diferenciação e evolução no ponto correspondente a onde ficou no Pralaya anterior?

Sr.^a Blavatsky: – A matéria permanece em *statu quo*, ou seja, na forma em que se encontra na hora do Pralaya, isto só no que diz respeito às Esferas ou Globos da nossa Cadeia. Logo que o Globo

obscorece (como disse perfeitamente o Sr. Sinnett, como um nome que lhe deu) transforma-se, nas palavras de um Mestre, numa enorme baleia ou mamute mergulhado na massa de gelo e congelado. No momento em que Pralaya o envolve, tudo fica em *statu quo*, e até um homem que não estivesse morto ficaria como tal nesse momento. Mas agora ouçam. Na hora de qualquer Pralaya, excepto a planetária no Pralaya Solar, quando o nosso Sol entra em adormecimento, por exemplo, a matéria do Sistema deve morrer e desaparecer espargida no espaço para formar outras formas em outros Sistemas. Cada átomo e molécula têm o seu karma e o seu destino, e todos encontram o seu caminho inconscientemente, ou em conformidade à pouca inteligência que possuem; ou, se quiserem, irão para outro Sistema mais elevado onde começam o novo Manvantara. Só o Manvantara Planetário é o único onde tudo permanece *statu quo*. Há coisas maravilhosas em alguns livros sânscritos acerca de quando o Pralaya está próximo, quando se o espera com toda a espécie de fenómenos cósmicos, nisso bastante magníficos. Eu cito uma passagem acerca disso, mas ela é longa com umas dezassete ou dezoito páginas.

Sr. Gardner: – Está no Purana?

Sr.^a Blavatsky: – Não está nos Puranas, está num livro filosófico de um desses Rishis. Tive-o aqui, mas não sei o que é feito dele. Entreguei-o a um dos maiores pandits para traduzi-lo para mim palavra por palavra, e ele esteve umas duas semanas anotando-o porque é bastante magnífico. Queria editá-lo no *Theosophist*.

Sr. Gardner: – Os animais apresentarão alguma peculiaridade?

Sr.^a Blavatsky: – Não restarão muitos animais. Ficam os que se chamam os Shistas, as Sementes, que permanecem. É dito que são grandes Adeptos que se transformam no Manu quando chega o momento, quando termina a Obscuridade a essa Corrente de Vida alcança novamente esse Globo ou Plano em particular. Daí se dizer que são a Semente da Vida, o Manu-Semente.

Sr. Kingsland: – Então o planeta que está na obscuridade será inda visível desde outros planetas.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente, com certeza, tal como vemos muitos planetas mortos.

Sr. Kingsland: – O termo *obscuridade* dá-nos a ideia, a impressão

de que na obscuridade não sejam visíveis.

Sr.^a Blavatsky: – Por esse ponto de vista significa que estão ali, e não outros visíveis.

Uma Sr.^a: – A Lua está na obscuridade?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não é assim. A Lua está totalmente morta.

Sr. Holt: – Não entendemos a obscuridade como uma condição de paralisia?

Sr.^a Blavatsky: – Estão assim mas não mortos. “Não estão mortos e sim adormecidos”.

Sr. Gardner: – Animação suspensa.

Sr. A. Keightley: – Parece haver três fases: a obscuridade, a morte e a dissolução.

Sr.^a Blavatsky: – Sim.

Sr. A. Keightley: – Progresso para a destruição: há o que você assinalou como estado congelado de paralisia, depois tem a morte total como a da Lua, e finalmente a morte solar, quando tudo explode continuamente.

Sr.^a Blavatsky: – Porém há sete etapas, não só para os planetas como para tudo que está neles. Tomem o sono e o estado de transe, e tomem também a hibernação yogui, na qual se permanece enterrado por quarenta ou cinquenta dias, logo se voltando à vida.

Sr. A. Keightley: – Os estados dos planetas se correspondem?

Sr.^a Blavatsky: – Tudo se corresponde. Não há nada que aconteça com o Homem que não suceda com o restante.

Sr. A. Keightley: – Então, a que estado corresponde essa espécie de paralisia?

Sr.^a Blavatsky: – Oh! Isso não é para você. Faça a sua pergunta, não comece a saltar.

Sr. Gardner: – Pode dizer-nos quais são os planetas que estão na obscuridade?

Sr.^a Blavatsky: – Diremos tudo num outro dia em que fizer a pergunta. Como a pergunta não está aqui, não direi. Por favor aprenda um pouco mais de método.

Sr. B. Keightley: – Creio que está dito em alguma parte do *Budismo Esotérico*. Julgo que Marte está agora emergindo da obscuridade e Vénus chegando a ela, mas não me lembro exactamente.

Sr. A. Keightley: – Página 143. Poderia dar-nos um breve bosquejo de *A Vida e as Aventuras de um Átomo*?

Sr.^a Blavatsky: – Essa é a pergunta que estava esperando. Poderia dar-nos um breve bosquejo de *A Vida e as Aventuras de um Átomo*? Não, mas em vez disso faço-lhes duas perguntas que agora devem responder. O que acreditam que seja maior, o vosso corpo ou todo o Cosmos? Suponho que responderão ser o Cosmos.

Sr. A. Keightley: – Bem, espere um minuto.

Sr.^a Blavatsky: – E em segundo lugar, quem tem um maior número de átomos ou moléculas, vós ou o Cosmos? Escolham.

Sr. Holt: – Eu diria que é exactamente o mesmo número.

Sr.^a Blavatsky: – Sim? E entre os homens baixos e os homens altos?

Sr. Holt: – É um assunto do tamanho dos átomos.

Sr. B. Keightley: – Não, da distância entre os átomos. Isto do ponto de vista científico.

Sr.^a Blavatsky: – Oh! Mas aqui somos anti-científicos.

Sr. A. Keightley: – Um homem é comensurável com todo o Cosmos.

Sr.^a Blavatsky: – Vos direi por que perguntei. Agora, em vista da desesperançosa tarefa que me oferecem e enquanto me confesso incapaz de iluminá-los com um bosquejo de *A Vida e as Aventuras de um Átomo*, procuro dar-vos uma biografia dos vossos átomos pessoais. Ora vejamos, serei eu tão generosa e amável que consinto em vos dar a vida e aventuras de um único átomo?

Sr. A. Keightley: – Eu pedia só um.

Sr.^a Blavatsky: – Agora veremos se é possível. Quantos anos pensam que eu precisaria para vos dar um relatório exacto desse átomo? Isto porque a Ciência Oculta ensina que desde o momento do nascimento até à morte (e ainda depois da morte) cada átomo, digamos melhor, cada partícula altera-se a todo segundo em toda a frac-

ção septenária de algo muito menor, que muda de lugar e viaja permanentemente na mesma direcção do sangue, externa e internamente, noite e dia. Agora tereis vinte e oito ou vinte e nove anos, ou quantos anos tendes? Trinta, digamos. Logo, se quiserem, eu pego um átomo do vosso corpo e desde o momento do nascimento começarei a dar vida e aventuras a esse bendito átomo em todas as suas transformações, em todos os seus giros, em todas as suas metempsicoses. Quanto tempo me levará, cavalheiros matemáticos? Digam-me quanto. Respondam-me e eu vos direi.

Sr. A. Keightley: – Aproximadamente, sem dúvida, um curto bosquejo.

Sr.^a Blavatsky: – Vá para a cama!

Sr. Kingsland: – se pedirem a alguém que faça um bosquejo da sua vida e história, não se espera que conte a história do que fez diariamente na sua vida.

Sr.^a Blavatsky: – Um átomo não é um homem. Um átomo não seduz, namora e se casa, não passa pela Corte de Bancarrota, torna-se um magistrado e um presidente municipal, nada disso. Um átomo é um ser muito educado, e o que ele faz quase todos os demais fazem. Há algumas pequenas variações, porém não são nada. Mas vir dizer-lhes o que penso e dar vida às aventuras de um átomo, significa simplesmente uma impossibilidade. Apesar de ter dito que um químico ficaria assombrado e tomaria como sem sentido o que faria um alquimista na vida e aventuras de um átomo, no entanto vem fazer essa pergunta. Real e seriamente, todos vós deveis permitir uma margem, deveis deixar uma possibilidade para que um pobre autor exerça a sua imaginação.

Sr. Kingsland: – Devemos ter algo para nos enfrascarmos numa discussão a respeito.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, só quer pretextos. Isso é outra coisa.

Sr. B. Keightley: – Essa pergunta dos átomos aparece constantemente em *A Doutrina Secreta*.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é. E tive a honra de vos dizer ao que me refiro por átomos, tendo-os utilizado no sentido da Cosmogénese. Disse que eram pontos geométricos e matemáticos.

Sr. B. Keightley: – Não tinha algo definido na sua mente quando escreveu isso?

Sr. Kingsland: – Creio que o Sr. Holt deve dizer-nos por que diz haver o mesmo número de átomos no corpo humano e no Cosmos.

Sr. Holt: – Estava referindo-me à Terra e ao Sistema Solar como um átomo, no que é relativo. Cada Sistema não deve ser considerado mais do que um átomo de todo o Cosmos, tal como nós somos átomos da nossa Terra como átomo permanente em relação aos nossos corpos.

Sr. Kingsland: – Diz que todo o indivíduo é um átomo?

Sr. Holt: – A ideia matemática do átomo é a menos concebível, não a menos demonstrável, com isto perceberá que não estou perguntando. Podemos conceber o maior e o menor, mas ambos são do mesmo tamanho no nomenal. Não é assim?

Sr. Kingsland: – Mas você compara o Cosmos individual. Não está trabalhando nesse Plano e sim no Plano da Manifestação.

Sr. Holt: – Eu uso-o nesse sentido, e só passei a usá-lo quando H.P.B. nos deu a sua definição de átomo, tendo compreendido perfeitamente bem o que queria dizer. Se o átomo é matemático, então digo que são muitos. Quero dizer metafisicamente.

Sr. B. Keightley: – A peculiaridade da definição do ponto matemático é que não tem nenhum tamanho, não é grande nem pequeno.

Sr. Holt: – Portanto, pode ser tudo ou pode ser nada. É por isso que digo que o homem tem tantos átomos.

Sr.^a Blavatsky: – Eu digo, cabalisticamente, simplesmente como “o Microcosmos do Macrocosmos”.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 11. Nota de rodapé (p. 143), a força é um estado da matéria. Há forças atômicas e moleculares apesar de serem super-sensíveis? A frase utilizada parece implicar que os ocultistas não fazem distinção entre a força e a matéria. É este o caso? Por favor amplie e explique.

Sr.^a Blavatsky: – Eu digo ainda que a força como está manifestada neste Plano é um estado de matéria. A que chamam matéria radiante se não é um estado de matéria? Mas a energia que produz o estado de matéria é exactamente a mesma da força. Chamem-na força

ou energia, nós concebemo-la como um estado de matéria neste Plano, por não poder actuar sem que a matéria esteja presente, pelo que ambas não podem ser diferentes. O que a força seja noutro Plano é algo completamente diferente. Mas eu refiro-me a isto. Digo que é um estado eléctrico, e isso foi o que disse. Toda a força produzida, não importa a que se aplique, é chamada força eléctrica. É uma função de todo o oceano eléctrico universal actuante. Entendem o que quero dizer?

Sr. Kingsland: – Não totalmente.

Sr.^a Blavatsky: – Já que não sei como a Ciência a considera este ano, sou incapaz de fazer uma comparação. Sei como a considerava no ano passado, mas ela muda como um átomo.

Sr. Holt: – Você admite uma substância primordial, com a vida absoluta movendo-se ou dando energia a essa substância?

Sr.^a Blavatsky: – Claro que sim.

Sr. Holt: – Então podemos considerá-la como um protótipo distinto, mas sempre coexistente e onnipresente.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Digo que a Força neste Plano é matéria, pelo menos um estado de matéria, tem uma função, uma qualidade de matéria, que não é a dessa matéria onde actua mas da Matéria geral, da Matéria Universal da Substância Universal. Chamem-na Vida, chamem-na Electricidade, chamem-na Fohat, chamem-na o que quiserem, é sempre Fohat.

Sr. Holt: – Então, você diria que toda a força cósmica, como por exemplo a influência planetária, não é mais que a radiação da matéria?

Sr.^a Blavatsky: – É a radiação de algo, embora para nós possa não ser matéria. Não temos o direito de a chamar matéria, ainda que nesse Plano seja matéria, substância, o que lhe quiserem chamar.

Sr. Holt: – Isto estaria de acordo com a declaração que me fez na outra noite, de que tudo é tangível. Por exemplo, embora possamos chamar luz àquilo perceptível pelo nervo óptico, não deixa de ser uma força.

Sr.^a Blavatsky: – Eu penso que é mais uma ciência física, ainda que o tacto seja algo mais do que se quer dizer aqui. Quem me falou

do tacto? Creio que foi o Sr. Kingsland, uma noite aqui quando estávamos falando do primeiro sentido, que devia ser o tacto.

Sr. Kingsland: – Foi o Dr. Williams.

Sr.^a Blavatsky: – Mas a forma como ele o explicou não é como nós explicamos. É o tacto, tudo é tacto. O gosto e o olfacto são tacto, porque tudo deve ser tocado de alguma forma para accionar ou pôr esse sentido particular a funcionar, a vibrar ou, como quiserem chamar, em acção. Portanto, digo que a força é certamente um estado de matéria.

Sr. A. Keightley: – isso é o que eu queria entender. Por exemplo, supondo que acendemos os fósforos de uma caixa, isso é força manifestada neste Plano, não é assim? Representa a força.

Sr. Holt: – É talvez a força tomando forma.

Sr. A. Keightley: – Porém é força.

Sr.^a Blavatsky: – Nada pode manifestar-se sem uma força.

Sr. B. Keightley: – Força cristalizada.

Sr. A. Keightley: – É força, no sentido estático.

Sr.^a Blavatsky: – É melhor que digam como dizem os filósofos budistas: a concanetação da força e o efeito. É força.

Sr. B. Keightley: – A ideia de força é essa que muda ou tende a mudar. Em resumo, é o estado de matéria que move a matéria.

Sr.^a Blavatsky: – Essa é a energia inerente, o movimento inerente que tende a mudar, e de nenhuma maneira é a força. A força é tudo, porque não podem gerar o menor efeito sem que a sua causa não seja a força utilizada – intelectual, moral, psíquica, física, o que quiserem. E o que é a força? É a acção incessante do que chamamos a vida, o movimento, o grande movimento que nunca cessa, que prossegue sempre no Universo.

Sr. Holt: – Então você dirá que esteve sempre se movendo na Matéria Primordial?

Sr.^a Blavatsky: – Sempre, inclusive durante o Pralaya. Não há ninguém que o veja, que o aperceba ou anote quantas vibrações tem, mas igualmente não deixa de ser.

Sr. Kingsland: – Agora, por exemplo, tomem a luz e o calor radiante. Isso é realmente o movimento de partículas de matéria do objeto que emite a luz e o calor para nós?

Sr.^a Blavatsky: – Não sei. Vejam, as nossas ideias de luz são bastante diferentes.

Sr. B. Keightley: – Deixemos de lado a luz e falemos do calor.

Sr.^a Blavatsky: – Vocês têm as vossas próprias ideias preconcebidas apoiadas na Ciência. Tendes a Ciência como o grande sacerdote, o sumo sacerdote e o iniciador de todas as vossas ideias. Estão subjugados e moralmente obrigados a aceitar tudo o que o Real Colégio ou os seus membros dizem. Nós, por outro lado, somos os ignorantes ostracizados. Como ocultistas, temos as nossas próprias ideias, a nossa própria ciência e, portanto, eu, como uma das mais humildes e ignorante desses ignorantes, não posso basear-me nem ilustrar o que vos digo na Ciência, porque não sei nada disso.

Sr. B. Keightley: – Mas penso que é a isso que Kingsland se dirige, de que certamente temos nas nossas cabeças ideias erradas e que estamos obrigados a usar a mesma linguagem que nos é familiar.

Sr.^a Blavatsky: – Mas se eu não souber?

Sr. B. Keightley: – Onde pretendo chegar é que nos explique, tanto quanto puder, o que o Ocultismo ensina sobre essa comunicação de calor, por exemplo, seja por uma lâmpada incandescente ou por qualquer outra coisa que esteja quente.

Sr.^a Blavatsky: – Da mesma forma que a cor e o som são gerados ou qualquer força que se manifesta. Ensinamos que tudo isso provém dos Dhyan-Choans.

Sr. –: – Não é molecular?

Sr.^a Blavatsky: – Pode ser, tudo é molecular se chamam molecular a isso que é algo. Claro que sei ao que refere por molecular, inclusive a Ciência.

Sr. Kingsland: – Onde pretendia chegar é isto: a Ciência concebe a transmissão da luz como uma transmissão através de certo médium. Supondo que se tem uma barra comprida e a golpeamos num extremo sem ela se mova como um todo, tem-se então a ideia da transmissão do golpe sem que nada do mesmo seja transferido de um

extremo ao outro. Queremos saber se acontece o mesmo no caso da luz, ou se há uma transferência real de partículas desde o objecto radiante para nós.

Sr.^a Blavatsky: – Eu digo que há transferência de partículas.

Sr. Holt: – São transmitidas como a luz que brilha através do vidro? As partículas transmitidas atravessam o vidro?

Sr.^a Blavatsky: – Essas partículas podem atravessar tudo. Tudo é nada para elas. É igual ao espírito que atravessa um muro.

Sr. Holt: – Não compartilham da natureza da matéria mesmo sendo matéria, porém, em outro Plano.

Sr. Gardner: – Embora se manifestem neste Plano.

Sr.^a Blavatsky: – Manifestam-se não como partículas no sentido que lhes damos, mas sim como raios, são energias radiantes. É muito difícil explicar. São emanções ou alentos. Temo que não me entendam.

Sr. B. Keightley: – Houve uma grande disputa entre alguém e Newton que tinha essa teoria, a teoria corpuscular, que ele formulou. Mas depois foi ultrapassada, conforme a opinião da Ciência moderna, pela teoria de Hertz das ondas e vibrações propagadas através da vareta.

Sr.^a Blavatsky: – A teoria corpuscular apresentada por Newton, e a teoria das ondas – através do éter – que é agora aceite, tendo sido tomada dos antigos, apesar de estarem em desacordo entre si ambas estão erradas. Em ambos os casos, de acordo com o Ocultismo, há premissas correctas mas com conclusões incorrectas. A coisa é emaranhada por ambas as partes sendo extremamente difícil de perceber. Talvez com o passar do tempo possamos criar palavras para coisas que tereis de compreender bem, mas até lá, acreditem-me, não parece haver esperança para as explicar. Por exemplo, se eu tenho uma ideia totalmente clara e certa para mim, que sei o que é, como a posso explicar mesmo tendo todas as expressões técnicas utilizadas na ciência física, e assim por diante? Não posso porque não existem tais explicações.

Sr. Kingsland: – Não, mas há sempre analogias.

Sr.^a Blavatsky: – Mas a analogia é muito diferente para mim. Não

tenho uma mente científica, nunca aprendi a Ciência moderna na minha vida. Tudo o que sei é simplesmente por ler, e algumas vezes não dou muita atenção a isso. Em alguns casos tive de aprender para ter de refutar e desaprovar isso, porém, em geral não sei, não me interessa, porque sei que é um disparate que mudará amanhã. Por que deveria encher a minha mente aprendendo todas as elucubrações? A cada dia inventam algo mais, e no dia seguinte modificam, eliminam ou insultam isso de uma maneira ou doutra. Eu não quero aprender mais nada, porque existe o problema de aprender e desaprender. Para vós, homens de ciência que a seguem, isso será muito fácil, mas para mim, que tenho muita teoria oculta para aprender e vos explicar, não devo incomodar-me com a ciência física que detesto.

Sr. Holt: – Poderíamos passar à segunda parte da pergunta e perguntar se esta matéria nas suas várias formas é contactável em qualquer Plano, supondo que possuímos os sentidos requeridos? Supondo isso, a pergunta é: será que temos os sentidos relativos a tal, inclusive no Nirvana?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, certamente que se tem como efeito nirvânico, porém chamam-no de Nirvânico. O que significa isto? Significa uma “chama apagada” – *Nir-vana*, nada mais, nada. É como um vento que passa e apaga tudo. É uma completa desapareição de toda a matéria que conhecemos na Terra. Não só da matéria como também dos nossos atributos, funções, sentimentos, tudo. Nada disso pode ir ao Nirvana. Portanto, eles entenderam mal o tema e dizem que é a aniquilação, o que é um perfeito absurdo.

Sr. Holt: – Porém ainda se conserva a consciência individual, não é assim?

Sr.^a Blavatsky: – Não a consciência individual presente e sim a Consciência Universal, da qual aquela é parte. Vejam como é algo completamente diferente. Quando se chega ao Nirvana absorve-se no Todo, no Absoluto.

Sr. Gardner: – Mas ao mesmo tempo é diferente.

Sr.^a Blavatsky: – O Absoluto se diferencia? Meu Deus!

Sr. Holt: – Então, o que é o Paranirvana?

Sr.^a Blavatsky: – O Paranirvana difere do Nirvana por se estar no Absoluto, que está justamente por detrás do Plano onde começa a

diferenciação. O Paranirvana é algo que está mais além da Meta, do qual não se sabe nada. Vai-se do Nirvana até um novo Maha-Manvantara, onde está o Paranirvana. Então é o fim de tudo, e ninguém jamais calculou o que será isso depois disto. Filosoficamente, esta é toda a diferença.

Sr. Holt: – Qual o nome budista do estado em que a consciência individual se manifesta primeiro, surgindo do Nirvana para o Plano da Matéria?

Sr.^a Blavatsky: – Não entendo o que quer dizer.

Sr. Holt: – Você disse que a consciência individual é aniquilada, excepto no que seja preservado no Absoluto. No que respeita à Individualidade, os Filhos do “Eu sou”, que estão separados do Absoluto, são aniquilados no Nirvana?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente são aniquilados. O “Eu sou o que sou” quer dizer Eu sou Tudo, Eu sou Absoluto. Se isto não é velho, mas é o mais bendito que houve e haverá, então para quê isso? Vocês fazem uma ideia da Absolutez.

Sr. Holt: – A identidade funde-se no Absoluto?

Sr.^a Blavatsky: – Na nossa concepção, ela já não existe, porém identifica-se. Este é um problema metafísico muito abstracto. Devem entender isto: se concebem a Deidade como a Absolutez ou se concebem a Deidade com Atributos, que então não poderá ser infinita, mesmo sendo eterna, porque teve um começo e terá um fim. Assim são os Deuses Manvantáricos, que duram um Ciclo de Vida. O Absoluto é aquilo que, pelo menos para as nossas mentes, Imutável, que nunca teve um começo nem terá um final, que é Onnipresente, que é absolutamente Tudo. E quando dizemos que o Absoluto é Inconsciência Absoluta, absolutamente sem nenhum desejo, sem nenhum pensamento, é porque nós queremos e devemos dizer que é Consciência Absoluta, Desejo Absoluto, Amor Absoluto, Todo Absoluto. Agora vejam quão difícil é conceber isto. Aqueles que foram educados numa teologia que limita e condiciona tudo, reduzindo até as maiores coisas do mundo, e aqueles que, como os homens de ciência, só acreditam no limitado e condicionado, nunca poderão conceber nada que não seja isso. Portanto, o Ocultismo deve lutar com a Ciência e as teologias mais materialistas. Se o homem de ciência aferra-se ao seu

departamento, faz o seu trabalho e diz: “sou incapaz de entender ou acreditar, aferro-me só ao que me mostram os meus cinco sentidos”, já os teólogos ao mesmo tempo que afirmam que Deus é infinito, Deus é eterno, Deus é misericordioso e justiça absoluta, dando-lhe atributos totais, fazem com que o seu Deus seja vingativo e cometa erros, que se arrependa de ter feito o Homem, fazendo toda a espécie de coisas, e não obstante chamam-no absoluto e eterno. Isso consegue então ser terrível, completamente afilosófico e ilógico, sem pés nem cabeça, como uma perfeita e completa contradição de tudo. Se quiserem tomá-lo no sentido filosófico, têm de tomar a forma vedantina de ver as coisas, mas se vão com os teólogos do Ocidente estarão perdidos.

Sr. —: — Esses são arranjos da verdade.

Sr.^a Blavatsky: — Não são, porque se pode fazer o mesmo que fazem na Índia, pois há ajustes para as mentes dos pobres hindus que são ignorantes, mas não possuem essas contradições. Eles falam de Deus. Um adorará a Vishnu, o outro a Shiva e o outro a quem quiser, mas nunca dirão que esses Deuses são eternos e que nunca tiverem um começo ou um fim. Dirão que os Deuses morrem, que Brahma no final do Manvantara entra em Pralaya e só fica o que não tem nome, a quem chamam de “Isso”. Porque eles dizem: “não lhe podemos dar um nome, é Isso que sempre foi, é e será e não pode ser”. Vê-se então quão filosóficos são, muito mais filosóficos do que nós somos. Eu nem sequer consigo entender Herbert Spencer quando fala da Deidade, quando ao chamá-la de “Primeira Causa” chamam-a a “Causa Suprema”. Como é possível?

Sr. —: — Estão tentando compreender coisas muito além do plano das suas capacidades.

Sr.^a Blavatsky: — Desde logo. Aquele que é Absoluto, que é Infinito, não pode ter nenhum atributo nem nada, é completamente afilosófico chamá-lo dessa maneira. Não se pode vir estabelecer uma relação com o que é o Absoluto, porque o Absoluto não pode ter nenhuma relação nem nada com que é condicionado, e este deve ser algo completamente à parte. Quando me perguntam como é que isso emana, respondo que não emana. Porque se o Supremo ou Pai Celestial quisesse emanar, fá-lo-ia simplesmente porque é a Lei Eterna, a Lei das Noites e Dias de Brahma, tal como eles falam de Brahma. É o Alento, esse Princípio, essa Lei donde há algo que aparece — o Universo

aparece. Digo que este é o conceito mais magnífico e sublime da Deidade.

Sr. —: — A concepção que temos da verdade não é a verdade absoluta. Nós só podemos tomar o que somos capazes de apreender.

Sr.^a Blavatsky: — É por isso que eu digo não haver nada que seja o Absoluto, acerca do qual não devemos especular.

Sr. —: — Mas estamos tratando de falar de coisas para as quais não temos palavras.

Sr.^a Blavatsky: — Neste Plano pode haver especulações, mas não se deve especular sobre aquilo que não tem relação com nenhuma ideia que tenhamos na cabeça. É por isto que os hindus lhe chamam “Isso”, só lhe chamando Obscuridade quando se manifestam os Raios. Então tem-se a Manifestação e a Criação, como eles lhe chamam, a Evolução do Mundo.

Sr. A. Keightley: — Pergunta 12. “Sete pequenas rodas, uma gerando as outras”. Em vista do diagrama na página 172 das Cadeias Lunar e Terrestre, significa isso que o Globo A dá nascimento ao Globo B dentro do nosso Anel Planetário?

Sr.^a Blavatsky: — Decididamente o faz. Um princípio segue-se ao outro desde o planeta que se extingue após gerar um Globo, tal como cada princípio gera a outro, excepto o corpo físico, já que ambos são a produção do Kama-Rupa Lunar. Isso que quero dizer refere-se só à nossa Cadeia Planetária. E no *Budhismo Esotérico* encontrarão que essa Onda de Vida, como ele lhe chama, ao prosseguir após se formar, faz com que outra comece a formar-se, e uma segue para a obscuridade seguida da outra. Elas são emanações porque, acreditando no que ensina a Ciência Oculta, a nossa Terra é um produto da Lua como sendo um pouco de lodo, ou conforme preferirdes. E acreditando na Doutrina Oculta, então aceita-se que cada princípio provém depois do anterior. Nisto tem-se o primeiro princípio, que nasce quando a Lua começa a morrer, indo produzir o Globo A; logo o outro produz o Globo B, e assim sucessivamente. Começa uma Ronda e na sua metade, por assim dizer, entra o Kama-Rupa Lunar que é a base das coisas materiais.

Sr. B. Keightley: — Veja o diagrama como está desenhado, assim lembra as duas Cadeias lado a lado. Então A projecta o seu princípio

no A da Cadeia Terrestre. Mas a frase usada ali no comentário parece sugerir que em vez de ir dessa forma, o A se estabelece e dele vem o Plano seguinte na nossa Cadeia B, ficando o A no seu próprio Plano.

Sr.^a Blavatsky: – A produz A, B produz B, e assim sucessivamente.

Sr. B. Keightley: – As palavras da estância parecem sugerir que A produz B.

Sr.^a Blavatsky: – Deve ter sido feito por algum dos seus seis ou sete editores.

Sr. B. Keightley: – São as palavras das estâncias, mas não parecem ter alterações. Parece como se em inglês se referissem a cada roda de uma roda sucessiva.

Sr.^a Blavatsky: – Não seja tão picuinhas. Eu posso dar-lhas, e depois pode mudá-las se quiser.

Sr. B. Keightley: – Era somente para ver se necessita de uma explicação.

Sr.^a Blavatsky: – Não, uma roda significa um Globo que dá nascimento a outro.

Sr. B. Keightley: – Em duas Cadeias sucessivas?

Sr. A. Keightley: – Pergunta 13. Com referência ao que se disse na quinta-feira passada acerca das nebulosas sendo colectivamente afins a Fohat, qual é a relação desse Centro Laya com essas nebulosas?

Sr.^a Blavatsky: – Aqui vêm de novo os Centros Layas. Nada. Um Ponto Laya é uma pequena absolutez em si mesma e não pode ter relação com as coisas diferenciadas, pelo que sei. Não é um ponto, nem um triângulo, nem nenhuma figura geométrica. Chama-se-lhe Ponto Laya simplesmente para mostrar o estado Laya. É um estado – Laya – e de nenhuma maneira algo que possa ser indicado por nenhuma figura geométrica de nenhuma classe.

Sr. A. Keightley: – Pergunta 14: “... quatro e um *Tsan* (fracção) são revelados – dois e meio ocultos...”. Há uma separação distintiva em duas partes da manifestação do quinto Elemento, que corresponde à separação entre o Manas Superior e o Inferior?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, há. Mas sabeis que essa é uma pergunta muito complicada na qual não se devem meter esta noite. Mas isso é algo que certamente existe, porque se há uma analogia na Natureza então deve ser assim. Todavia, por certo não devemos entrar nisso esta noite.

Sr. –: – Os ocultistas eram conscientes de haverem oito Planos?

Sr.^a Blavatsky: – Eles conheciam muitos mais, mas falaram dos sete Planos. Tomaram a Terra e o Sol como substitutos, porque haviam planetas dos quais a nossa Ciência actual tem ideias vagas e difusas. Há um dos planetas mais sagrados, o segundo, cujo corpo corresponde ao que se toma como Mercúrio, mas que está entre Mercúrio e o Sol.

Sr. –: – Há aí um?

Sr.^a Blavatsky: – Claro que sim. Tem-se suspeitado dele e o procurado, mas não o conseguem encontrar.

Sr. –: – Ou seja, não é visível aos sentidos físicos.

Sr.^a Blavatsky: – É visível, porém está próximo de obscurecer. Vê-se desde Mercúrio. Será uma Lua, quando se produzirá outro planeta. Há cifras para isto.

Sr. Gardner: – Por que nome era conhecido?

Sr.^a Blavatsky: – Oh, queria saber! Pergunte ao seu instrutor. Eu não sei, logo não lhe posso responder. Alguns querem chamá-lo Vulcano, dizendo que suspeitam da sua existência, mas não sei o que dizem, enquanto outros negam que exista.

Sr. Gardner: – E quando acontecem os eclipses?

Sr.^a Blavatsky: – Eles pensaram que haveria algo. Eu não penso que haja.

Sr. –: – Tornam-no visível por estar na obscuridade?

Sr.^a Blavatsky: – Pode acontecer novamente, porém está no seu último esplendor. É como era a Lua antes, porque esta estava muito menos visível do que está agora. Agora vampiriza a Terra, mas antes não tinha nada para vampirizar e estava no seu último grau de destruição.

Sr. Holt: – Não penso que a sua luminosidade tenha ver com a

sua visibilidade desde a Terra. Quanto mais obscura estiver melhor para nós, porque podemos vê-la contra o disco solar.

Sr. Gardner: – Você disse que a Lua nos vampiriza?

Sr.^a Blavatsky: – Fá-lo certamente. Todas as Luas como pais vampirizam os seus filhos neste espaço.

Sr. Gardner: – Também as Luas de Saturno e Júpiter?

Sr.^a Blavatsky: – Todas são iguais, não há altruísmo entre elas. É a sua natureza na sobrevivência do mais forte. É somente por isso que não devem ligar-se isso.

Sr. –: – Tem alguma teoria sobre os numerosos planetas menores?

Sr. B. Keightley: – São 178 ou mais deles. Trata-se de planetóides.

Sr.^a Blavatsky: – Não há nem a mais pequena estrela que não esteja personificada. Vós podeis acreditar em quantas haja, já que inclusive exotericamente dão 330 milhões de deuses, e cada um desses deuses é uma estrela, uma estrela visível ou planeta.

Sr. B. Keightley: – E possui uma história.

Sr.^a Blavatsky: – Agora os astrónomos não apontam mais de 60.000 estrelas.

Sr. B. Keightley: – Eles conseguiram uns milhões.

Sr. Holt: – Tomando o Zodíaco, 218.000.000.

Sr.^a Blavatsky: – E os hindus têm 330.000.000, cada uma delas com a sua história, o seu lugar e espaço.

Sr. Kingsland: – Têm a sua vida e as suas aventuras.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, digo isto porque todo o deus está conectado com uma estrela. Oh, eles sabem tudo, posso-vos assegurar que são pessoas maravilhosas. Como conheciam eles perfeitamente, sem nenhum telescópio ou instrumentos, as sete Plêiades, incluindo a sétima irmã agora desaparecida, que dificilmente se conseguem ver até com os melhores telescópios? E eles conheciam-nas perfeitamente, não tendo desaparecido nenhuma nos seus dias. Portanto, calculem quantos milhares de anos deve ter este conhecimento dos astrónomos.

Sr. B. Keightley: – As suas tabelas sobre o movimento da Lua, tendo sido absolutamente provadas que foram obtidas através de dados independentes, são mais exactas que as melhores tabelas modernas.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente, é maravilhoso, e não tinham telescópios. O que tinham? As coisas mais rudimentares, e, no entanto, conheciam isso. No Templo os Hierofantes, os Renascidos conheciam todas estas coisas mil vezes melhor do que nós agora. Porém, não alardeavam tudo isto que se foi, que tudo isto era sagrado para eles, logo não fazendo disto uma simples especulação no plano material. Era a sua religião, as suas doutrinas mais sagradas. Certamente não as davam aos *hoi polloi*.

Sr. Holt: – Eles não tiveram necessidade para ver as coisas. Não as terão visto astralmente?

Sr.^a Blavatsky: – Desapareceram nas Plêiades. Agora não se podem ver sem um telescópio.

Sr. Holt: – Tinham a sua contraparte astral, como o seu duplo. Então eles podiam ver.

Sr.^a Blavatsky: – Eles não só podiam ver isso. Tinham os seus videntes, e tinham igualmente os seus astrónomos.

Sr. Gardner: – Também tinham os seus instrumentos.

Sr.^a Blavatsky: – Eles são aqueles de que fala Proctor¹³¹ acerca do conhecimento dos caldeus e dos egípcios.

Sr. Gardner: – Eles tinham uma força como a falada por Keely?

Sr.^a Blavatsky: – Isso não é muito. Eu suponho que qualquer yogui poderá produzir a força de Keely.

Sr. B. Keightley: – Não há nada confirmado sobre essa ideia e penso que é um disparate. Ele pode usá-la para incrementar o poder de percepção, mas não vejo como pode usar o seu éter vibratório como um telescópio. Alguém afirmou que Keely podia fazer uso da sua força vibratória como um telescópio.

¹³¹ Richard Anthony Proctor (1837-1888), astrónomo inglês. H.P.B. cita os seus *Mitos e Maravilhas da Astronomia*, 1878, em *A Doutrina Secreta*.

Sr. A. Keightley: – Franz Hartmann disse que o viu. Ele disse que simplesmente bastava olhar pelo tubo, depois dele reflectir essa força, para a obter de alguma maneira, e que também podia fazer um bacilo do tamanho de uma laranja.

Sr. Gardner: – Qual é a magnitude disso?

Sr. A. Keightley: – Não sei quantas polegadas e meia. Refiro-me ao microscópio. Se consegue obter o poder de Keely para alcançar esse magnífico tamanho, seguramente pode aplicar o mesmo princípio a um telescópio.

Sr. B. Keightley: – Sim, se o conseguir fazer.

Sr. Holt: – Não vejo a aplicação disso.

Sr. A. Keightley: – Hartmann disse que o viu.

Sr.^a Blavatsky: – Ele disse uma única coisa que atraiu a atenção, uma coisa que se parece muito com a nossa teoria, só que a explicou com outras palavras. Ele disse que o Sol é um planeta morto, e eu digo que se parece muito com o que dizemos. Nunca ninguém viu o Sol, porque ele é a sombra do verdadeiro Sol que perfeitamente invisível, e certamente nesse sentido pode-se chamá-lo de morto. Se tem raios de luz, a sua sombra é intensa.

Sr. –: – Contém enormes fontes de matéria fundida.

Sr.^a Blavatsky: – Ele dá as suas razões para isso, e eu digo o que ensina o Ocultismo. Digo: não é o Sol que vemos, é a sua tela, a sombra, o fantasma, o verdadeiro Sol ninguém o vê.

A sessão terminou aqui.

XIII

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
Quinta-feira, 11 de Abril, 1889.
O Sr. Kingsland na Presidência.**

Sr. B. Keightley: – Na página 142, linha 7 de *A Doutrina Secreta*, você diz: “Nem a água, nem o ar e nem a terra (sinónimos do sólido em geral) existiam na sua forma actual, representando os três estados de matéria reconhecidos pela Ciência, porque todos estes – incluindo o fogo – são produções já re combinadas pelas atmosferas dos Globos completamente formados, de maneira que nos primeiros períodos da formação da Terra eram algo bastante *sui generis*. Agora que as condições e leis que governam o nosso Sistema Solar estão plenamente desenvolvidas, e que a atmosfera da nossa Terra, como a de qualquer outro Globo, por assim dizer, se transformou num crisol próprio, a Ciência Oculta ensina que há um perpétuo intercâmbio de moléculas no espaço, ou melhor, de átomos correlacionados, e portanto mudando a sua combinação equivalente em cada planeta”. Pergunta 1 (a): esta longa frase requer mais elucidação. Por exemplo, que se deve entender por “produções já re combinadas”? Como se re combinam? De que maneira a atmosfera dos Globos efectua essa re combinação? Por que “incluindo o fogo”? Em que aspecto são *sui generis* nos primeiros períodos da formação da Terra?

Sr.^a Blavatsky: – Por que me faz perguntas tão longas? Não pode pô-las assim: A, B, C, D, como costumava fazer antes?

Sr. B. Keightley: – Porque tudo se refere ao mesmo tema.

Sr.^a Blavatsky: – Responderei sobre as produções. As produções a que se faz referência são as diferenciações dos elementos primordiais, água, ar, fogo, matéria ou terra, etc., todos eles tendo sido combinados muito naturalmente em novas formas na atmosfera dos Globos com que estiveram em contacto, por certo Globos anteriores à nossa Terra em longos Éons de tempo. E assim foram re combinados.

Mas perguntarão: como foram recombinaados? Através do crisol especial de cada Globo particular foram recombinaados pelo calor, pelo fogo interno da forma de cada elemento, quer seja neste ou nos Planos superiores. O fogo é espírito, é a alma das coisas, quer seja na forma de Fohat ou Electricidade ou dessa força magnética vital que faz crescer a planta. Em Ocultismo, o termo atmosfera não se refere ao ar que respiramos, aplica-se a essa radiação fohática ou aura que se estende além dos limites do ar respirável. Esta atmosfera é quase homogénea, é o éter mais puro, ou o sétimo princípio disso que na nossa Terra é o primeiro ou o princípio mais inferior, ou seja, o ar que respiramos. Dá para perceber?

Sr. B. Keightley: – Pergunta 1 (b): como é que a atmosfera da nossa Terra é um crisol próprio?

Sr.^a Blavatsky: – Entre dois planetas quaisquer – digamos entre a Terra e a Lua – há uma gradação regular de densidade e pureza na atmosfera etérica que existe entre ambos. Começa num planeta com o ar densamente material, que é o rupa, o corpo do éter, e é tão opaco à luz dos seus princípios superiores como é o corpo do Homem à Luz do Espírito Divino. Essa obscuridade material da atmosfera do éter aclara-se gradualmente até alcançar um ponto de, digamos, perfeita brilhantez e luminosidade. Esse é o Ponto Laya, ou a linha separadora no nosso Plano da atmosfera entre dois Planos. É a condição de Laya que preserva o devido equilíbrio entre os planetas e evita que se precipitam um sobre o outro. Portanto, em Ciência Oculta é impossível que algo com a forma de um corpo material passe de um planeta para outro. Do ponto de vista oculto, a falácia da teoria dos meteoritos é realmente enorme. Têm agora alguma pergunta, ou entenderam o que lhes disse?

Sr. Kingsland: – Quase poderia parecer, com essa resposta a esta primeira pergunta, que os elementos químicos, como os conhecemos hoje, nunca foram diferenciados, por assim dizer, e sim passado por muitos processos em outros Globos.

Sr.^a Blavatsky: – Claro. Creio que esses diagramas desenhados por Crookes são muito bons neste Plano, apesar de certamente não terem nenhuma concordância nem nenhuma relação com a primeira diferenciação da Matéria Primordial. Ele nunca considerou isto.

Sr. Kingsland: – A nossa ideia – ou melhor, a minha – é que os elementos químicos foram diferenciados da Névoa do Fogo Cósmico *in situ* por assim dizer, neste Globo.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não neste Globo, todos eles já haviam sido diferenciados. A Matéria é eterna e em seu redor tudo se move girando, ainda que noutro tempo estivessem relacionados com um outro Globo, logo, com um outro corpo no respectivo Plano, depois com outro, e assim sucessivamente até descerem ao nosso Plano, que é o mais baixo.

Sr. B. Keightley: – Foi assim que toda a matéria que conhecemos e percebemos passou por uma interminável série de combinações antes de chegar ao nosso Plano ou estado de percepção?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo, porque senão nunca poderiam vê-la, nunca poderiam percebê-la ou senti-la.

Sr. B. Keightley: – Inclusive Thomas Vaughan¹³², por exemplo, quando disse que “nenhum homem jamais viu a Terra”, não estava falando da Terra no sentido da diferenciação primordial.

Sr.^a Blavatsky: – Ele estava falando disso. “Ninguém viu a Terra”. Não esqueçam isto: que deve passar do sétimo ou superior ao primeiro ou inferior, que é a nossa Terra. Porque a nossa Terra – esta Cadeia Planetária – foi criada milhões e milhões depois de outras. Esta é uma das coisas, e vejam quantos milhões lhe dá a Ciência Oculta. Se virem os cálculos dos Yoguis sobre o Manvantara e por diante, isso fará com que os vossos cérebros girem, por assim dizer, e fiquem aturdidos lendo essas coisas.

Sr. Kingsland: – Tomemos o ferro, por exemplo, no último Plano de todos. Ele transformou-se em ferro neste Globo ou já o era antes?

Sr.^a Blavatsky: – Tomem o ferro ou o que quiserem, por provirem de uma única essência. Um transformou-se em ferro ao alcançar o nosso Globo, outro transformou-se noutra coisa, o terceiro noutra, e assim sucessivamente. Mas todos eles têm origem comum. A essência do ferro não é mais que o éter mais puro.

Sr. Kingsland: – Mas a substância material só se transformou nisso neste Globo?

¹³² Thomas Vaughan (1621-1666), filósofo galês e escritor místico.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, somente pode existir na nossa atmosfera. Consequentemente, a Ciência Oculta afirma ser totalmente impossível a especulação que faz a Ciência ocidental dos meteoros algumas vezes caírem de um planeta, porque não podem atravessar o Ponto Laya. No começo ela é densa e tão negra como a noite, estando entre a Lua e a Terra. Começa completamente negra, a seguir cinzenta e depois clara, cada vez mais clara, até alcançar o Ponto Laya. A partir deste começa a obscurecer cada vez mais, tornando-se toralmente negra. Portanto, entre cada Plano está a atmosfera como o que está mais além, não o ar respirável mas a atmosfera. Nada aí respira, nem o poderia fazer. Por exemplo, se subirem num balão aerostático não poderão ultrapassar certo ponto, porque a partir dele imediatamente morrerão sufocados.

Sr. Kingsland: – Então, a *atmosfera* é aqui usada no sentido oculto, apesar de, naturalmente, alguém ao ler a tomar como a atmosfera comum?

Sr.^a Blavatsky: – Eu tento pôr palavras que todos entendam. Não usei palavras ocultas aí.

Sr. Gardner: – Então, vemos realmente as estrelas através desta atmosfera?

Sr.^a Blavatsky: – Mas não as vemos como são, é Maya. É uma Maya regular de vapores e coisas que nos impedem ver. Não é mais que alucinação e ilusão.

Sr. Gardner: – Estão realmente à distância que os astrónomos dizem?

Sr.^a Blavatsky: – Não creio.

Sr. Gardner: – Que acha dos sinais meteóricos?

Sr.^a Blavatsky: – Tenha paciência que lhe responderei. Os meteoros são, regra geral, fragmentos de planetas quebrados. Uma vez que um planeta quebre o Centro Laya que o separa de outros planetas, ou antes, a linha Laya, desaparece. Muda a sua posição até se encontrar entre dois planetas que permanecem intactos. Entendem? Se dispormos a nossa Terra, então há um planeta seguido de um terceiro planeta. A partir daqui a atmosfera começa a tornar-se densa, e logo tem-se o Laya entre a linha, sendo então desde aí que obs-

curece (ilustração). Quando ela se quebrar imediatamente irá formar isso entre outros planetas, o planeta seguinte e a Terra.

Sr. Kingsland: – Vai se espalhar no Ponto Laya?

Sr.^a Blavatsky: – Muda a sua posição para se encontrar entre dois planetas que permanecem intactos. O resultado é que alguns fragmentos do planeta quebrado permanecem na antiga órbita desse planeta destruído. Assim, claro, quando a Terra cruza a antiga órbita desse planeta algum fragmento poderá sofrer a sua atracção caindo nela como meteoro. Entendeu, Sr. Old?

Sr. Old: – Eu só quero perguntar: essa disrupção planetária, que é a causa da massa cometária, é contrária à regra geral? Parece que a regra geral é que na formação de um corpo a vitalidade seja transferida a outro corpo enquanto aquele morre, mas aqui temos o caso onde um planeta surge entre os dois lados da força de equilíbrio, entrando em disrupção e quebrando-se em pedaços. Isto é contrário à regra geral, não é assim?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não é assim. Porque a Lua, uma vez que não tenha mais nada, não terá força nem para conseguir vampirizar a Terra. A Lua estará exactamente nessa posição, e logo será destruída. É muito provável que a Terra venha a ter uma outra Lua, ou então prosseguiremos sem ela e os poetas não serão capazes de compor os belos versos às suas amadas, mas tudo seguirá como sempre.

Sr. Gardner: – Alguns pedaços da Lua cairão sobre a Terra.

Sr.^a Blavatsky: – Espero que não caiam no meu nariz. Nessa altura já estarei morta, não estarei mais aqui.

Sr. B. Keightley: – Como regra, o estado cometário é anterior a transformar-se num planeta.

Sr. Old: – Sim, mas agora estamos falando dos meteoritos, não dos cometas.

Sr.^a Blavatsky: – Reparem, isto difere tanto da Ciência real, da Ciência oficial que realmente um homem de ciência, um físico ou um astrónomo, se estivesse aqui ouvindo-nos diria que somos todos lunáticos. Mas eu ensino-vos a Doutrina Oculta, e penso que no seu conjunto – se a aprenderem de A a Z – certamente verificarão valer mais que as especulações da Ciência, que ela dá explicações muito mais

racionais, inclusive enche todos os vazios e resgata os elos perdidos.

Sr. B. Keightley: – Há um ponto sobre os meteoros. Encontraram-se nos meteoritos exactamente os mesmos minerais, metais e o mais que se encontra na Terra, indistinguíveis em qualquer das provas que os químicos puderam aplicar, como pela análise espectroscópica.

Sr.^a Blavatsky: – Recordarão a passagem de *A Doutrina Secreta* onde se diz que um planeta só se fragmenta depois da vida tê-lo abandonado completamente, aquando estará mais morto do que está agora a Lua, ou seja, só depois da sétima e última Ronda. Tomem como exemplo a Lua, fixem que já trancorreram longos Éons desde a sua sétima Ronda, e ainda que não directamente isso explica a completa ausência de qualquer vestígio de vida ou de restos orgânicos no meteorito. Era isto o que queriam saber?

Sr. B. Keightley: – Disse há pouco, ao falar sobre os elementos, que são muito diferentes de qualquer dos nossos elementos terrestres. Mas quando um meteorito cai na Terra, verifica-se que os seus ingredientes, os minerais, etc., são quase todos iguais aos que encontramos nela.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Porque mal chegam à atmosfera mudam, há uma espécie de correlação e transformação, ou como quiserem. Foi isto que o Mestre ensinou ao Sr. Sinnett, todas estas coisas. Tão logo chegam, enchem-se com as propriedades da nossa atmosfera que é um crisol (o qual acaba por objectivar) porque transforma tudo o que chega a ele.

Sr. Old: – Quando um planeta se destrói (e você disse que parte dele permanece na mesma órbita depois do planeta morrer), continua dando voltas da mesma forma que o fez antes?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, tem um movimento próprio, mas não creio que morra, antes cai numa espécie de redemoinho caótico.

Sr. Gardner: – Supondo, por exemplo, que Júpiter ficasse dentro da órbita desse meteorito fragmentado, este deixaria nele uma certa porção, tal como acontece aqui.

Sr.^a Blavatsky: – O que se aplica ao nosso planeta aplica-se a qualquer planeta.

Sr. Gardner: – Teriam as mesmas combinações químicas?

Sr.^a Blavatsky: – Isso não sei. Não posso responder o que não sei.

Sr. B. Keightley: – O ponto formulado antes foi que os elementos – a substância da matéria – diferiam de um planeta para outro.

Sr.^a Blavatsky: – São remodelados de acordo com a sua atmosfera.

Sr. Gardner: – Não mudam muito rápido através do Ponto Laya.

Sr.^a Blavatsky: – Através do Ponto Laya não podem passar, é impossível. É por isso que eu digo que a teoria de “Marte ter caído de outro planeta”, do ponto de vista do Ocultismo é totalmente insustentável, porque não pode passar pelo Ponto Laya. Se o fizesse seria desintegrado, não existira mais. O Ponto Laya não se move, é a negação de todo o movimento.

Sr. Gardner: – Não consigo ver isso. Aqueles têm carbonato de potássio e cal, etc.

Sr. B. Keightley: – Por que não se pode fazer isso na atmosfera da Terra?

Sr.^a Blavatsky: – Aqui está o estudante do Oculto (o Sr. B. Keightley), perguntem a ele.

Sr. B. Keightley: – Se retirarmos um mineral de um forno de fundição, encontramos nele todo a classe de combinações químicas, cal e todo o tipo de coisas que ali se formaram, tendo se formado de outras substâncias que foram expostas a um calor violento. Bem, obtém-se toda a classes de combinações formadas do que para nós são elementos desconhecidos.

Sr. Gardner: – Encontram-se diferentes metais nesses meteoritos.

Sr. B. Keightley: – Que entram no material da Terra. Não é um pote feito de argila ígnea, tem a função de um crisol.

Sr. B. Keightley: – Então pode dizer-se que esses meteoros têm certas potencialidades que, quando chegam ao crisol desta Terra, produzem os metais que conhecemos?

Sr. B. Keightley: – Precisamente. Pelo menos é a maneira como eu entendo.

Sr. Gardner: – E se então forem ao crisol de outro planeta?

Sr. B. Keightley: – Formarão outros.

Sr.^a Blavatsky: – Há algo que tomei da primeira pergunta, “em que aspecto são elementos *sui generis*?” Respondo: primeiro, porque nenhum período se parece com outro; segundo, porque a primeira Ronda de toda a Cadeia difere inteiramente da posterior, que aparecerá subsequentemente. Há uma grande diferença entre as primeira e segunda Rondas de um Manvantara, maior que em qualquer Ronda subsequente. Então a pergunta (b) é: “Como é que a atmosfera da nossa Terra é um crisol em si mesma?” Ela já foi respondida da melhor maneira possível, tal como responde à primeira pergunta.

Sr. B. Keightley: – Tem algo mais sobre os meteoros que não tenha lido?

Sr.^a Blavatsky: – Não, li tudo sobre os meteoros, acabo de responder ao que ali está.

Sr. Hall: – Poderia dar alguma explicação sobre a razão de haver uma maior diferença entre o primeiro e o segundo Manvantaras?

Sr.^a Blavatsky: – Não, porque demoraria até amanhã de manhã.

Sr. B. Keightley: – Isso relaciona-se com aspectos acerca da Lua que trataremos depois. Pergunta 2 (a). Poderia dar-nos algum exemplo dos átomos correlativos e como mudam os seus equivalentes? (b) O que significa *equivalente* nesse sentido?

Sr.^a Blavatsky: – Eu não utilizo aqui a palavra *átomo* no sentido oculto, e sim no que é dado pela Ciência Física que fala de um átomo de ferro, de hidrogénio e por diante. *A Doutrina Secreta* não é um livro oculto, como já disse, mas uma obra impressa para o público. O que o termo *correlacionado* ou *moléculas mudando os seus equivalentes* se refere, é à relação entre o que a Ciência chama átomos e moléculas dos nossos elementos, que diferem de Plano para Plano, e portanto a (b) da pergunta 2 também fica respondida. Isto é tudo o que vos posso dizer. Alguém quer fazer mais perguntas, algum dos físicos? Sr. Williams, não tem nada a dizer?

Sr. Williams: – Não, obrigado, não tenho nada para perguntar. Pensei que estava falando do outro Sr. Williams, o médico.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 3. Página 143, linha 10. Poderia explicar o que significa “uma corrente de eflúvio”?

Sr.^a Blavatsky: – Significa que tenho de sentar-me para celebrar uma sessão por ter usado a palavra *eflúvio*.

Sr. B. Keightley: – Não, não, só se lhe pede que explique o que quer dizer.

Sr.^a Blavatsky: – Na Ciência Física uma corrente de eflúvio é uma corrente de matéria no mesmo Plano, qualquer que seja a sua atracção. Na Ciência Oculta uma corrente de eflúvio significa uma corrente que passa de um Plano para outro, quer seja superior ou inferior. Este eflúvio não é um movimento objectivo no nosso espaço tridimensional e sim uma mudança de estado do espaço exterior ao espaço interior, ou vice-versa. Entendem isto? Reparem, na linguagem oculta significa outra coisa.

Sr. Kingsland: – É uma mudança na diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – É uma mudança de um Plano para outro.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 4. É o Centro Laya a condição da Substância Primordial da qual, ou na qual, o Movimento Absoluto toma o nome específico de Fohat? Ou é Fohat a soma das sete Forças radicais, no mesmo sentido que Mahat é a soma das sete Inteligências do Manvantara, chamadas os “Sete Filhos”?

Sr.^a Blavatsky: – O Centro Laya da Substância é o oposto do Movimento Absoluto, o que implica ser o o Descanso Absoluto ou o Não-Movimento. Na Filosofia Oculta o Absoluto não pode ter atributos, portanto, o adjectivo Absoluto não permite nenhum substantivo. Fohat é a radiação colectiva dos Sete Filhos, porém, os Sete Filhos são eles mesmos o terceiro grau de manifestação. Fohat não é a síntese da soma das sete Forças radicais, mas sim a sua irradiação colectiva. Isso que tem direito a esse nome, o de ser a síntese da soma das sete Forças radicais, é o Segundo Logos, considerado como a unidade dos Sete Logoi ou os Sete Raios Primordiais, a quem nós chamamos os Sete Filhos. Por sua vez, Mahat é um reflexo da Ideação Divina no Plano Superior, enquanto no Inferior Mahat corresponde ao Manas Superior no Homem, enquanto a Ideação Divina a Budhi. Um é a Mente, seja a do Cosmos ou a do Homem, a Alma Cósmica e Humana; o outro é a Alma Espiritual no Universo, o Macrocosmos do Homem, seu Microcosmos. Agora perguntem sobre isto, porque reparo que não entenderam. Diga, Sr. Old.

Sr. Old: – Da minha leitura de *A Doutrina Secreta*, eu havia concebido a ideia de que Fohat tinha a mesma que relação com as sete Forças radicais que Mahat com os sete Rishis ou Logos.

Sr.^a Blavatsky: – Assim acontece neste Plano, mas não nos outros. Por isso vos disse que Fohat não é simplesmente a síntese, é a irradiação colectiva dos Sete a que chamamos Construtores. Mas no Plano Superior Fohat é mais do que isso, pois além da dos Sete Construtores é sobretudo a irradiação colectiva dos Sete Filhos de Mahat. O que é Mahat? É o reflexo inteligente do que chamamos Ideação Divina, e essa que Platão chama de Ideação Divina possui exactamente o mesmo sentido, porque Platão deu a doutrina oriental puramente esotérica. É assim que agora podem entender a diferença. Quando fizerem uma pergunta, devem sempre perguntar se isso está neste ou em outro Plano qualquer, porque em cada Plano muda, altera o seu nome, a sua função e tudo. É por isto que se torna tão difícil de compreender para alguém que não conhece estas coisas.

Sr. Old: – Será compreensível o que me faz fazer a pergunta principal: é no Ponto Laya desta Esfera que a Fohat se chama Fohat, ou é chamado assim em qualquer Plano Superior?

Sr.^a Blavatsky: – É chamado assim em todas as partes. Logo responderei sobre o Ponto Laya.

Sr. Old: – Há algo mais relacionado com isto.

Sr.^a Blavatsky: – É a pergunta 5.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 5. Por que se chama aos Centros Layas *imperecíveis* (página 145)? Porque se os Centros Layas são *condicionados*, eles devem perecer ao passar à incondicionalidade, como no Maha-Pralaya, não é assim? São chamados só assim em relação a qualquer e determinado Manvantara?

Sr.^a Blavatsky: – Reparem, novamente aparece outra noção equivocada, agora sobre este assunto. Os Centros Layas são *imperecíveis* e eternos por não serem manifestações e sim rasgões no Véu de Maya, onde se manifestam. Entendem? Os centros Layas não são o reflexo e sim a realidade, a Substância Absoluta Una, por assim dizer, que tem todas as qualidades negativas e nenhuma das positivas, pelo que é o Todo Absoluto, a Absolutez e, portanto, é o Ponto Laya.

Sr. Old: – É meramente uma matéria relativa, dependendo de como se aplica isto.

Sr.^a Blavatsky: – Tudo tem o seu Ponto Laya, e se agora quisessem o Ponto Laya nesta caixa de fósforos, tê-lo-ão. Não há nada neste mundo que não tenha a sua polaridade e os seus sete princípios, desde o superior ao centro que é o Ponto Laya. Não é que esteja em alguma parte interna, dentro, apesar de tudo possuir muitos graus, como vos disse. Se tomarem a coisa mais fina que puderem conceber, digamos, uma teia de aranha, terão os seus sete Planos. Reparem que primeiro ela é visível, responde à nossa percepção, é sentida por nós, mas a seguir será menos sentida e assim por diante, até que não vêem nada. E é aí que está o Ponto Laya. Não é algo onde um está dentro e seja grande e o outro esteja fora e seja pequeno. É simplesmente o grau de densidade e de estado da substância, da Substância Universal.

Sr. Old: – Sim, agora compreendo, obrigado.

Sr.^a Blavatsky: – Os Centros Layas não são mais do que condições *per se* do Absoluto, apesar de também se dizer que os objectos, homens e coisas igualmente passam por uma condição tipo Laya. Reparem, isso depende do exposto tendo foi escrito mais explicitamente em algumas partes. O Universo, estritamente falando, não emerge ou reemerge do ou no Laya Absoluto, que é só outro nome da Absolutez de Parabrahman, mas sim do Pralaya a que se segue o Manvantara, o qual se reflecte em vós desde a Raiz eterna até à Substância agora diferenciada. Vejam o que quero dizer.

Sr. Old: – Mas lendo a frase onde tenta explicar o que é o *Centro Laya*, você diz que não é nenhum ponto e sim uma condição, e no entanto qualifica-o com a ideia oposta a condição. Eu cito a passagem.

Sr.^a Blavatsky: – Devo dizer que tive demasiados editores para isto. Agora advirto para um erro, que está onde se diz “é atirado para o Laya”. Todavia, não se atirar nada *para* o Laya, e devia estar escrito *acima* do Laya, em redor do Laya. Há muitas mais coisas desse género. Eu não sou inglesa e não consigo aperceber imediatamente o erro, mas depois quando leio com um pouco mais de atenção reparo haver algo que poderia ter sido expressado melhor. Sabeis muito bem das condições difíceis em que escrevi este livro. Eu pedi então a dois ou

três que me ajudaram, tendo-o escrito à máquina. Devia haver uma corrigenda na segunda edição, pondo *acima* e não *para*.

Sr. Old: – Não deveríamos queixar-nos porque dá instruções inteligentes. Incluso os erros dão pé para uma interacção inteligente.

Sr.^a Blavatsky: – Minhas queridas damas e cavalheiros, se eu soubesse inglês faria reuniões, mas não tenho talento para o falatório. Se eu pudesse pôr na cabeça de Olcott o que sei, ou se tivesse a sua eloquência, porque ele fala estupendamente, poderia fazer algo.

Sr. B. Keightley: – Poderia tomar cada capítulo de *A Doutrina Secreta* tal como está e fazer um volume disso, não indo mais além do que explicar as coisas que diz em bom inglês. Pergunta 6. Em que sentido os Sete Filhos de Fohat também são os seus Sete Irmãos (página 145)?

Sr.^a Blavatsky: – Aqui chegamos a algo mais metafísico, a algo que quero que fixem bem agora, assim digo-vos mais: os sete filhos de Fohat não são só os seus irmãos, mas também são as suas tias, as suas avós, as suas sogras, tudo. Vou provar-vos o que sejam e por que se utiliza essa fraseologia na metáfora da Filosofia Oriental. Eles eram filhos, irmãos, pais, mães, etc., somente para os nossos estados evanescentes nesta Terra e Plano. Na nossa origem todos somos uma única Essência, portanto, somos ao mesmo tempo pais, mães, filhos, irmãos, o que quiserem. Encontramos isto nas cosmogonias hindu, egípcia e noutras onde as esposas dos deuses, tais como Ísis, Aditi e outras, são denominadas de suas mães e filhas. Se tomarem a cosmogonia egípcia, ou o seu panteão, verão que Ísis é chamada a Mãe de Horus, mas também esposa; que ela é a Mãe de Osíris, mas igualmente a esposa, irmã e tudo. É justamente esta a razão do por que elas serem tudo. Entendam que é só neste Plano que assumimos uma personalidade e desempenhamos a nossa parte neste Mundo de Maya, tornando-nos em algo para mais alguém, mas mais além todos somos um.

Sr. Old: – Mas não pensa que quando usamos um termo qualificativo como *filhos*, imediatamente põe-se em movimento o dito Fohat em relação com alguma outra parte de si mesmo?

Sr.^a Blavatsky: – Claro que sim, e é dada a explicação. Já expliquei bastante sobre Fohat.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 7. Poderia explicar mais extensamente o que quer dizer com a expressão “Fohat é obrigado a renascer uma e outra vez em qualquer tempo, cada vez que algum dos seus Filhos-Irmãos estabelece uma relação próxima, quer se abracem ou lutem”?

Sr.^a Blavatsky: – Lembrem-se do que vos foi dado há duas quintas-feiras atrás acerca das duas Forças opostas, e do que vos disse sobre as Forças centrípeta e centrífuga. Explico-as agora. Como Fohat é o símbolo da Electricidade Universal não-polarizada, entenda-se que os seus Filhos são os Sete Raios do Electromagnetismo que polarizam as Forças. A Electricidade nesse Plano de Fohat fá-lo visível indo assim fazê-lo Irmão dos seus Filhos. Porém, relativamente a isso é não-polar, e contendo-os a todos é, portanto, o seu Pai. Agora fica-vos suficientemente explicado?

Sr. Kingsland: – É tudo uma questão de maneira como se vê.

Sr.^a Blavatsky: – Os Irmãos de Fohat estão em todas as partes, um em cada Reino da Natureza. Tome-se uma peça de vidro para produzir electricidade, friccionando-a com um produto animal ou vegetal. Dois dos filhos de Fohat são levados a um contacto directo e o seu pai, Fohat, converte-se então em seu filho, por ser gerado por eles. Não é assim? Ele é o pai em outro Plano ou em outro aspecto. Mas quando se chega a essa fase da fricção – seja de que maneira for – indo-se gerar a electricidade, ele converte-se em seu filho.

Sr. Old: – Então Fohat não é somente electricidade.

Sr.^a Blavatsky: – Ele é Electricidade não-polarizada, universal, é a irradiação dos Sete Logoi Superiores por esses Sete Raios que provêm através do Segundo Logos, como lhe chamamos, ou essas manifestações provindas do Nunca-Manifestado.

Sr. B. Keightley: – Quanto mais penso nisto, mais penso que a palavra inglesa que melhor traduz o termo Fohat é Energia.

Sr.^a Blavatsky: – A Energia é tudo.

Sr. B. Keightley: – Assim é também Fohat.

Sr.^a Blavatsky: – Na Cábala existem grandes expressões. Nunca conheci um bom cabalista que não entendesse a verdadeira filosofia do assunto.

Sr. Hall: – Por que não chamar a Fohat de agente?

Sr.^a Blavatsky: – Só porque você é um agente de seguros devemos chamá-lo de agente! Por que não o chamamos de primeiro ministro? Eu não o farei, tenho demasiado respeito a Fohat.

Sr. B. Keightley: – Fohat é toda a força, é o causador, é o que faz mover, é o que irradia, é tudo. A única expressão que temos em inglês para algo assim é Energia.

Sr. Hall: – Energia pode usar-se para a força não aplicada. É quem aplica a Energia.

Sr.^a Blavatsky: – Meu querido senhor, eu mudaria isso e usaria *muita energia*. É Fohat? De nenhuma maneira. Fohat produz pela fricção, mas ele não é essa energia gerada aplicável a muitas coisas. A energia é simplesmente a força utilizada. Quanto à palavra Fohat, foi a única que encontrei como passível de aplicação a tudo isto.

Sr. Kingsland: – Chamemo-la de Electricidade não-polarizada.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas também significa “o que se move só e obriga a mover; a brilhantez ou o resplendor que se move e move tudo”. Esta é a verdadeira e extensa tradução da palavra *Fohat*.

Sr. Hall: – A actividade.

Sr.^a Blavatsky: – Actividade! Não, a sua linguagem europeia nunca expressará isso que é expresso em sânscrito.

Sr. Old: – Cinco simples letras transmitindo muito para si, mas para nós está longe de expressar alguma coisa sob esse nome Fohat.

Sr.^a Blavatsky: – Expliquei-o ao Sr. Sinnett faz sete anos. Roma não foi feita num dia, devem aprender. Apesar de haver milhares e milhares de coisas ali (em *A Doutrina Secreta*), se eu falasse só sobre essas duas formas (de Fohat e a Electricidade) haveria dez volumes, ninguém os compraria e internavam-me num asilo de lunáticos.

Sr. B. Keightley: – Você aqui – falando da morte e renascimento das Cadeias Planetárias – descreve o final da sétima Ronda numa Cadeia Planetária, a forma como os planetas morrem, um após outro, como os seus princípios e energias são transferidos do planeta moribundo e arrojados sobre um Centro Laya, este que depois leva a desenvolver uma nova Cadeia Planetária. E dá, como exemplo, a Terra proceder dessa forma, por assim dizer, da Lua, sendo a Terra filha da

Lua. A pergunta que lhe faço é esta – Pergunta 8, página 155 (de *A Doutrina Secreta*: sob que lei se pode explicar a produção da filha da Lua (a Terra) de um tamanho muito maior que o da sua mãe?

Sr.^a Blavatsky: – Eu já vi filhos que tinham mais seis palmos de estatura que os seus pequenos pais. Isso não é nada. Mas a pergunta não é essa, o que é que quer saber?

Sr. B. Keightley: – Se após a transferência ao Centro Laya dos princípios astrais do corpo material da Lua que se transforma na Terra, esta é formada de material caído do corpo da Lua? Se assim é, poderemos dizer que as Correntes de Vida transferidas do Centro Laya da Mãe contêm a potencialidade que logo se manifestou no desenvolvimento das criaturas?

Sr.^a Blavatsky: – Os materiais da Terra estavam ali numa condição indiferenciada, porque a substância é eterna. Nunca houve um momento em que os materiais com que a Terra foi criada não fossem substância, nunca houve um momento em que não existissem. Foram só activados pelos princípios da Lua quando se transferiram, uns após outros, para a Terra nascente quando chegou o seu momento no despertar da Cadeia. A frase está melhor em *A Doutrina Secreta*, onde se diz que “os princípios da Lua são exalados *sobre*” invés de *dentro* do Centro Laya. Porque um Centro Laya é justamente o que vos disse: não diferenciado, mesmo que tudo em seu redor possa estar diferenciado. Neste caso, o Centro Laya é o Atma do corpo que ele forma. A Lua encolhe-se depois da perda dos seus princípios, tal como acontece com o corpo morto de um homem depois dos seus princípios vitais e outros o abandonarem. E é assim como dizem os ocultistas, de que, com certeza, a Corrente de Vida do Pai leva consigo a potencialidade de tudo quanto se desenvolverá num novo planeta. Na Lua já não há nenhum princípio, há uma espécie de – como poderei dizê-lo? É ridículo dizer que haja vegetais – planeta vital, ou seja, há uma espécie de vida de sombras. Pensem somente naqueles corpos na condição de transe, onde alguns desses corpos vivos permanecem assim durante 20, 30 ou 40 dias. Existe neles um tipo de vida que os mantém, apesar de tudo o mais estar morto sob as todas as aparências. Só algo que existe no corpo mantém a vitalidade, e se certas substâncias forem postas em contacto com ele serão absorvidas por osmose. Se quiser-se perfumar um corpo que esteja numa condição como essa

queimando incenso, então o corpo terá esse cheiro durante muitas horas, o que demonstra que o absorve. Pelo contrário, algo que esteja completamente morto não o fará, não absorverá nada. Portanto, dessa mesma maneira a Lua vampiriza. Reparem agora nas terríveis enfermidades que são provocadas pela Lua. Vejam os efeitos que provoca quando se está no Mar Vermelho. Quando há Lua Cheia nem um só marinheiro pode dormir na coberta sem cobrir a cabeça, porque seguramente ficará com o seu rosto paralisado e queimado. Eu vi dois casos assim. Vi um homem tornar-se completamente louco, ficando assim durante cinco ou seis meses, simplesmente por insolação da Lua durante uma travessia do Mar Vermelho.

Sr. Gardner: – Não há nenhum remédio para evitar isso? Não há nada na Natureza?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente a própria Natureza pode restaurar o seu equilíbrio. Os médicos não sabem nada. Os yoguis têm uma planta, a planta da Lua, que utilizam e curam a um homem. Vi acontecer com lascars inferiores¹³³ que procuram um yogui que soubesse disto, porque um médico europeu não sabe nada.

Sr. Hall: – Então a Lua está cataléptica?

Sr.^a Blavatsky: – É algo parecido. É muito diabólica.

Sr. –: – Isso é uma espécie de efeito de reactor nela?

Sr.^a Blavatsky: – Reparem no efeito que tem na vegetação. Tem um efeito enorme. Não há uma planta, nem um corpo no firmamento que mude tanto, ou intercambie tantos efeitos como a Lua e a Terra. Não há dois planetas assim. Estão sempre intercambiando, isso está sempre ocorrendo e nem o Ponto Laya pode impedi-lo, por se tratar de alguma coisa completamente diferente e muito mais oculta.

Sr. –: – Mas afinal a Terra tem um poder maior sobre a Lua do que a Lua sobre a Terra.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, porque a Terra é algo que se move e a Lua é algo que está morto, ou está morrendo, está num estado cataléptico.

Sr. –: – Isto aplica-se também a outros planetas?

¹³³ Trabalhadores hindus nos barcos britânicos, usualmente recrutados em Bengala ou Assam.

Sr.^a Blavatsky: – É exactamente igual. Como está em cima está em baixo, pelo menos no mesmo plano de tudo quanto é visível – estrelas e sóis, estrelas fixas e planetas, e tudo o mais.

Sr. Old: – No que respeita à influência vampírica que a Lua exerce sobre a Terra, gostaria somente de mencionar o seguinte: não parece que esses princípios, ou melhor, esses elementos sejam muito poderosos para atrair da Terra, por exemplo, a atmosfera e a água. Apesar de ter bastante matéria densa, contudo tem muito pouca influência sobre os objectos da Terra, muito menos que a influência solar. Mas sobre a água e sobre todos os fluídos do sistema humano é sabido que tem um poderoso efeito, portanto, na determinação dos fluídos, dos humores da cabeça no caso dos lunáticos, e no caso daqueles que foram insolados pela Lua.

Sr.^a Blavatsky: – Não deixa de ser algo extraordinário na Ciência Oculta. Fiz a pergunta várias vezes aos Mestres, perguntando-lhes: “Como é possível, se esses meteoros não podem passar, que a influência passe o Ponto Laya?” Respondem que isso é algo diferente, que as condições são dadas pelas radiações da luz da Lua, demonstrando que isso acontece com o seu sétimo princípio e não com o primeiro, tampouco com os elementos corporais dos princípios, e só com o sétimo. Entendem?

Sr. B. Keightley: – E, portanto, passa através do Centro Laya na mesma ordem.

Sr. Gardner: – Então, eventualmente o seu primeiro princípio pode passar?

Sr. B. Keightley: – Não, não, a influência passa, não a matéria. Podem-na chamar de matéria no mesmo sentido de que tudo é matéria.

Sr. Kingsland: – No mesmo sentido de um íman ao afectar a outro, não haver nada que materialmente passe entre eles.

Sr.^a Blavatsky: – Se colocarem uma barreira espessa entre dois ímans, por exemplo, uma barreira de vidro ou de ferro, ela passará. Ponham qualquer barreira que passará sem que se possa evitar.

Sr. B. Keightley: – Alguma vez presenciaram a curiosa experiência que demonstra a presença de algo, não importando o que seja, entre os pólos de um íman? Se pegarem num disco de cobre pondo-

o entre os pólos de um poderoso íman eléctrico, a electricidade não passará e o íman deixa de o ser ficando só uma peça de ferro. Mas se fizerem girar o disco tão rápido quanto possam, ele ficará como se tivesse passado por manteiga, quente e rubro ao ser obrigado a girar entre os pólos do íman, como se houvesse matéria entre eles. Conhecem isto?

Sr. Kingsland: – Penso que é uma ilustração muito boa do Ponto Laya, uma ilustração prática, a da experiência comum de dispersar limalhas de ferro sobre uma folha de vidro sobre a qual se tem os dois pólos de um íman. As limalhas acomodam-se em círculos por uma certa influência circulando em volta de umas e outras. Separam-se como se não pudessem unir-se, vendo-se claramente a divisão das linhas. Isto ilustrará o Ponto Laya entre dois planetas.

Sr.^a Blavatsky: – Essa é uma boa ilustração.

Sr. B. Keightley: – O que há entre os pólos de um íman numa experiência assim? Pode responder a esta pergunta?

Sr.^a Blavatsky: – Por favor, não pergunte a mim coisas que aparentemente são para a sua Ciência Física, porque já vos disse centenas de vezes que não sei nada. Não digo que me sinto orgulhosa disto, mas sinto-me completamente indiferente.

Sr. B. Keightley: – Eu diria com confiança que você poderia responder se quisesse. Pergunta 9. De que fonte a Terra obtém o seu princípio vital activo para se preservar na sua própria linha de desenvolvimento físico, e ao mesmo tempo enfrentar as demandas vampirizantes dos pais lunares?

Sr.^a Blavatsky: – Retira a sua vida do Oceano Universal que enche tudo de Vida, e do Sol, o Grande Dador da Vida. A criança recebe o seu primeiro alento de vida da mãe, mas uma vez nascida, cresce e desenvolve-se assimilando a vida de todas as partes. Sem isso a criatura não poderia crescer e viver, dependeria só do incipiente princípio de vida que derivou da mãe. Recebe certa coisa que faz com que comece a vida com um pequeno capital, logo prossegue e faz especulações. Não está tudo vivo? Vivemos no Oceano da Vida. Só os homens de ciência é que dirão que a vida não é uma entidade, ou algo separado, mas simplesmente uma combinação de órgãos. Oh, céus!

É o Grant Allen!¹³⁴ Tomara que possa ver o seu novo livro, *Força e Energia*¹³⁵, e os disparates que esse homem diz sobre o nascimento do primeiro homem e como nasceu da terra, de alguns gases e outras coisas. Rebaixa qualquer coisa que eu tenha ouvido em toda a minha vida. O *Pall Mall (Gazette)*¹³⁶ ri-se dele da forma mais extraordinária. Deveriam conseguir o seu livro.

Sr. Kingsland: – Penso que é um ponto que deve ser enfatizado um pouco mais. Há uma tendência que sustém que a Terra conseguiu ficar totalmente formada devido à influência da Lua.

Sr.^a Blavatsky: – Recebeu os seus princípios, meu querido senhor, não é como você diz. Uma vez que foi gerada e nasceu, por assim dizer, começou a viver, tal como uma criança que recebe o primeiro princípio vital da mãe. Uma vez nascida, deve receber a sua influência, ser levada ao colo e passeada. Toma a sua vida de tudo, do ar que respira e da comida que come.

Sr. Kingsland: – Mostra que a pessoa que fez a pergunta acredita que a Terra não devia ser maior do que a Lua.

Sr.^a Blavatsky: – Não, suponho que ela queria ter uma resposta. Não, o tamanho não é nada.

Sr. Hall: – Mas a criança antes de nascer não é nutrida por influências externas?

Sr.^a Blavatsky: – Foi o que eu disse, mas não vou falar agora sobre esse assunto. Por que o deveria fazer?

Sr. B. Keightley: – Pergunta 10. Página 155, linha 7. Conforme é sugerido pela analogia dos planetas com o Homem, o óvulo feminino constitui um Centro Laya e o frutífero elemento masculino corresponde à energia e princípios arrojados por um planeta que está morrendo?

Sr.^a Blavatsky: – Há um Centro Laya no óvulo, como em tudo o mais, porém o óvulo em si mesmo representa a matéria indiferenciada que rodeia esse ponto, enquanto o gérmen masculino corresponde ao

¹³⁴ Grant Allen (1848-1899), escritor canadiano sobre ciência e novelística popular.

¹³⁵ *Força e Energia: Uma Teoria de Dinâmicas*. Longmans, Green and Comp., Londres, 1888.

¹³⁶ Jornal vespertino de Londres, editado nessa ocasião por William T. Stead.

princípio vital do planeta que está morrendo. Novamente, tal como é em cima assim é em baixo: o Ponto Laya está ali e ali fica. O Ponto Laya, por exemplo, está ali onde o princípio da Lua vai migrar ou passar, transferindo-se do planeta que está morrendo indo cair noutro, da mesma maneira de uma mulher que tem um filho e morre. Da mesma forma o planeta transferirá os seus princípios, mas não está *dentro* do Centro Laya e sim na matéria em redor desse. O Centro Laya não se vê, porém está ali. É novamente culpa minha ter dito *dentro* em vez de *sobre* esse, porque é muito diferente.

Sr. B. Keightley: – O dizer *sobre* não resolve a questão.

Sr. Kingsland: – Em redor.

Sr.^a Blavatsky: – Em redor significa que o Centro Laya é mais pequeno, e não o é. Há novamente uma dificuldade. Como vos disse, não é como uma caixa chinesa, onde uma é mais pequena que a outra e outra ainda mais pequena. Não é isso. Tudo é uno.

Sr. Kingsland: – É o ponto metafísico no círculo.

Sr.^a Blavatsky: – É simplesmente o grau, o mesmo sobre outro estado de consciência em outro Plano.

Sr. B. Keightley: – Agora a décima primeira. Você explicou-a um pouco mais adiante, falando da Lua, dos satélites e por diante. Pergunta 11, página 165. Poderia dar-nos alguma outra explicação sobre o significado dos dois ou mais satélites de um planeta?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, vou responder com algo que não é para rir, mas para pensar por que evitei a pergunta. Agora não posso responder melhor do que já fiz. Mas se quiserem, preparem-se para rir – porque entendo que um planeta pode possuir mais atracção que outros. Tal como um médium atrairá fantasmas que se transformam em seus satélites, segundo o grau dos seus poderes mediúnicos, igualmente os planetas podem, tal como os seus pais que ainda não estão mortos e só desaparecendo gradualmente, ter parasitas semelhantes apegados a eles. Estes são o que eu chamo familiares pobres. Não posso adiantar mais, porque tudo isso depende das atracções magnéticas. Há aqueles planetas que atrairão muitos, e aqueles que atrairão poucos. Agora a Terra só tem um, porque a Terra não é capaz de atrair nada. Há muito pecado nela. Marte é um companheiro poderoso e tem mais.

Sr. Gardner: – Saturno tem sete.

Sr.^a Blavatsky: – Ele pode ter tantos quantos quiser. Ele teria mais se a Lei lhe permitisse, mas não permite.

Sr. B. Keightley: – Então a próxima pergunta é praticamente a mesma. Pergunta 12. Poderia explicar-nos por que Marte tem dois satélites, aos quais não tem direito?

Sr.^a Blavatsky: – É o mesmo. Digo-vos, o que posso responder? Poderiam explicar-me por que a Inglaterra tem além da Índia a Birmânia? Ela não tem direito à Índia e a Birmânia e, no entanto, tem-nas. Podem explicar-me? Ou por que a Rússia tem a Polónia e a Sibéria, e não tem direito a elas?

Sr. B. Keightley: – Eram fáceis de obter e fizeram-no.

Sr.^a Blavatsky: – A força é a lei, e assim é este mundo. Um planeta que é mais forte terá mais satélites e mais coisas.

Sr. Kingsland: – Todos esses satélites estão na mesma condição que a Lua? Estão todos mortos?

Sr.^a Blavatsky: – Não todos. Alguns estão vivos enquanto outros estão prestes a morrer. A Lua está morta, porque transferiu os seus princípios. Os outros parecem-nos Luas, porém, simplesmente estão formando algo.

Sr. –: – O que são os anéis do planeta Saturno?

Sr.^a Blavatsky: – Não sendo nada objectivos, não deixam de ser objectivos, mesmo não parecendo sólidos.

Sr. Gardner: – São gasosos?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que o sejam, mas não vos posso dizer o que não aprendi.

Sr. B. Keightley: – serão mais ópticos.

Sr.^a Blavatsky: – Não creio que existam. Tudo é Maya. Marte é um planeta forte, ígneo, que atrai para si mais que os outros. Uma vez que aceitamos o enunciado oculto, é fácil explicar o resto. O que é difícil e quase impossível, é fazer com que um europeu entranhado na Ciência Física veja que a Ciência Oculta é muito mais lógica e satisfatória que aquela. Bem, têm mais alguma coisa para perguntar?

Sr. Old: – Eu gostaria de ter perguntado, sem interferir com o tempo, se todos esses satélites atraídos pelos diferentes planetas têm a mesma relação com esses centros, ou seja, quando servem como satélites são como a nossa Lua com os outros?

Sr.^a Blavatsky: – Penso que são o mesmo, mas não terão nenhuma influência. Penso que serão alimentados por outros planetas, mas sem cessar o intercâmbio de influências sobre a Lua.

Sr. Old: – Os planetas não estão desaparecendo?

Sr.^a Blavatsky: – Não, só aqueles que são pais, depois de se deslocarem desgarrando-se, é que têm essa influência. Mas os outros, segundo me lembro, alimentam-se, por assim dizer, de meteoros. Por isto é que falei do poder dos progenitores.

Sr. Old: – Seria ilógico dizer que qualquer planeta terá meia dúzia de pais.

Sr. B. Keightley: – Dois são mais que suficientes para cada planeta respeitável.

Sr.^a Blavatsky: – Suficientes!

Sr. Old: – Então, o caso é diferente no respeitante à Lua, que não só é o nosso satélite como também a nossa mãe.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, é.

Sr. Gardner: – Ela é o único caso em que se tem uma capacidade dual? Existe em algumas Luas de Júpiter?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Um deles é como um pai. Mas isso depende da prioridade dos planetas, depende da sua idade. Alguns dos pais e mães dos planetas morreram faz muito tempo, como aconteceu com Vénus, tendo desaparecido completamente, o que já aconteceu a um deles. Diz-se que era um dos planetas sagrados que desapareceu e que foi o pai ou a mãe da Lua. Não estou segura se era da Lua ou de Vénus, mas creio que era da Lua. É algo que não aprendi porque já que não existe, mas andei demasiado ansiosa por saber sobre a sua existência.

Sr. Gardner: – O que há sobre o outro planeta que está entre Marte e o Sol?

Sr.^a Blavatsky: – Pergunte a Tyndall ou a Huxley, já que Proctor está morto. Bem, mais alguém?

Sr. Gardner: – É o pai morto de Mercúrio?

Sr.^a Blavatsky: – Não sei. Sei que há algo muito curioso no *Ptah* que deveriam ler para depois falarmos disso. Há algo que é dito nos Puranas que não percebi donde se retirou. Chama-se *A Origem do Planeta Mercúrio* e está no *Ptah* deste mês¹³⁷.

Sr. B. Keightley: – (Tendo lido todo o extracto referido, a reunião terminou pouco depois).

¹³⁷ O extracto, *A Origem do Planeta Mercúrio*, encontra-se na revista *Ptah* de Abril de 1889, página 6, sob o título *Culled from Aryan Science*.

XIV

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
18 de Abril, 1889.
O Sr. Kingsland na Presidência.**

Sr. B. Keightley: – Pergunta 1 (a): em conexão com os sete Centros Layas *relativos*, devemos conceber que a matéria existe *simultaneamente* nos sete Planos, ou realmente atravessa os sete Centros Layas de um estado a outro? Ou só relativamente às nossas percepções ou às percepções de seres de outro Plano?

Sr.^a Blavatsky: – Durante o Maha-Pralaya não há Planos de Matéria, dado que nada existe. Já que o Ponto Laya absoluto é infinito, não pode ser. Quem fez essa pergunta?

Sr. Kingsland: – Fi-la eu.

Sr.^a Blavatsky: – Durante o Manvantara os sete Planos de Matéria emanam um após outro numa ordem regular e sucessiva, e muito naturalmente abarcam inumeráveis séries de Éons, com a excepção das Deidades Manvantáricas – um mistério, se quiserem. Os Seres de outros Planos devem vir na ordem natural de evolução, e algum dia para o nosso Plano. Todos os Seres começam e terminam no Ponto Laya. Felizes daqueles que se fundem nele – rogo a Deus que eu seja uma deles! – já que não terão renascimento durante o Manvantara. Eles começam no Plano Superior e descendem em séries regulares de Plano em Plano, atravessando todos os Planos *pari passu* no seu descenso. E acrescentemos que esses Planos de Substância e Consciência Divina não são mais que criações desses mesmos Seres. Entendem agora que isso vai desde o primeiro estado de consciência, ou superior, até ao sétimo, ou inferior? É o Ser Divino, o Macrocosmos, que termina na forma humana, que é a criação do Plano correspondente ao Microcosmos. Porque todo o Universo de Matéria, tal como ensin a Filosofia, não é mais que um reflexo ilusório, como vós sabeis. Agora, há alguma pergunta sobre isto?

Sr. Kingsland: – Há outra pergunta em relação com o mesmo.

Sr. B. Keightley: – Sim. Pergunta 1 (b). Por exemplo, pegando-se numa peça de ferro, nós percebemo-la como ferro neste Plano. Será que é percebida por uma consciência que actua em outros Planos como algo diferente do ferro, ou é absolutamente imperceptível?

Sr.^a Blavatsky: – Mas como pode ser isso? Desde já não pode ser a mesma peça de ferro em cada Plano. Ao contrário disso, por que não apercebemos facilmente os seres de todos os outros Planos e eles a nós? Refiro-me aos Globos das Cadeias Planetárias. Ou por que nos permanecem ocultos os Globos da nossa Cadeia? A forma visual de medir o desenvolvimento espiritual de um Adepto entre os seus discípulos é aperceber os planos de consciência ou percepção que já alcançou, e essa percepção abarca o físico e o espiritual. Isso quando querem saber a que grau pertence um Adepto, quanto se desenvolveu e em que plano de percepção está. É uma espécie de fórmula maçónica. Assim, como podemos ver uma peça de ferro da mesma maneira?

Sr. Kingsland: – Não da mesma maneira, mas de forma diferente. O que queria elucidar era em referência ao Centro Laya que vimos antes. Você disse que há sete Centros Layas relativos, ou seja, que correspondem à transição de um Plano para outro.

Sr.^a Blavatsky: – Assim estão em cada um dos sete Planos. Claro que só o Centro Laya é Laya segundo a percepção desse Plano. Como o nosso Plano é o mais denso, o Ponto Laya que existe para nós onde não há um Centro Laya, é algo muito mais denso e perceptível. Claro que no Plano seguinte o Ponto Laya é mais refinado, e assim por diante.

Sr. Kingsland: – Então poderemos dizer que no Plano seguinte, por exemplo, o ferro será inexistente.

Sr.^a Blavatsky: – Absolutamente inexistente na forma em que o vemos aqui, porque a sua percepção é muitíssimo diferente. Não se pode estabelecer comparação.

Sr. Kingsland: – Mas não se percebe como outra coisa?

Sr.^a Blavatsky: – Poderá, mas não sei dizer qual.

Sr. B. Keightley: – Seria traduzido em termos da nossa consciência.

Sr.^a Blavatsky: – A matéria é a matéria e a substância é a substância, mas toma tal variedade de formas que aquilo que vemos como ferro pode aparecer como compota de groselha noutro Plano.

Sr. B. Keightley: – Deve existir em todo o Plano, porque nós conhecemos o átomo mais pequeno que existe em cada um dos sete Planos.

Sr.^a Blavatsky: – Porém existe numa condição disseminada. Uma vez que se supõe que algo cai de um planeta no outro, ao atravessar a atmosfera da nossa Terra mudará quimicamente todas as suas partes constitutivas. Se transformará em algo completamente diferente, se transformará em algo neste Plano, e de facto não o poderíamos ver se não o fizesse.

Sr. Kingsland: – De facto existe como substância, mas não como matéria.

Sr.^a Blavatsky: – Perfeitamente. E não como uma forma definida, ou a forma definida que toma no nosso Plano, é algo totalmente diferente.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 2. Na página 150 (do volume I de *A Doutrina Secreta*) diz-se que “cada átomo tem sete planos de ser ou de existência”. Teremos razão ao supor que cada um deles corresponde a um dos sete Globos de uma Cadeia Planetária?

Sr.^a Blavatsky: – Não senhor, de nenhuma maneira. Esses sete Globos só estão em quatro Planos, como vocês sabem.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 3. Em conexão com isso, por que no diagrama na página 153 os sete Globos estão representados como existindo somente em quatro Planos?

Sr.^a Blavatsky: – Porque o triângulo e o quaternário ou quadrado são os símbolos do Microcosmos, ou do Homem. Os Globos são sete, mas de sete há três pares, ou o que os gnósticos chamam *Szygies*, as pares macho e fêmea, positivo e negativo, respectivamente. O nosso Globo encontra-se solitário no quarto, no sétimo ou no primeiro Plano, como quiserem pôr o número, combinando em si mesmo o material de natureza dual. A forma dos Globos da nossa Cadeia Planetária corresponde exactamente aos esquemas esotéricos dos Princípios, como todo o esoterista aqui sabe, e refiro-me aos Princípios Humanos. Lembrem-se que Atma é representado pelo triângulo,

enquanto o Homem físico é representado primeiro pelo globo, depois pelo quaternário e finalmente pelo pentágono, a estrela de cinco pontas. Devem tentar descobrir o eterno enigma da Esfinge, mas sem serem cegos por ela como aconteceu a Édipo. Vêem ao que me refiro com isto? Por que é assim que os sete estão em quatro Planos?

Sr. Kingsland: – Simplesmente porque correspondem ao quaternário nesse sentido.

Sr.^a Blavatsky: – Primeiro está a nossa Terra, depois vem o segundo Plano e ali é uma parelha, novamente mais dois e por fim outros dois – seis no total.

*Sr. Yates*¹³⁸: – Então são os Planos material, astral e sideral do diagrama?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, chamem-nos como quiserem, eu sei o que são. O nosso é o Plano mais inferior, segue-se outro mais etéreo, outro ainda mais e ainda outro mais etéreo, até que nenhuma noção humana consiga conceber esses três Planos. Por isso não tratamos deles, porque é totalmente ridículo tratarmos de compreender e decifrar o infinito com os nossos intelectos finitos. É mais do que suficiente falar do que os videntes espirituais podem ver.

Sr. Yates: – Os sete Planos não existem só em quatro Planos, mas todos esses sete têm uma representação microcósmica?

Sr.^a Blavatsky: – Têm, claro que têm. Se agora tomarem os Princípios do Homem num diagrama, verão exactamente o mesmo que ali: têm o Corpo Físico do Homem, logo se segue o Veículo da Luz ou da Vida, segue-se o Kama-Rupa e o Manas, refiro-me ao Manas Inferior. Depois vem o Manas Superior, Budhi e Atma. Eu digo mais a vocês do que àqueles que são exotéricos, senão a todos os que estudam esotericamente. Sabeis que na realidade Atma não é um Princípio.

Sr. Yates: – Então tem-se o sentido de os sete Princípios serem representados em sete Planos.

Sr.^a Blavatsky: – Existem em quatro Planos.

¹³⁸ Aparece assim escrito, mas poderá ser o poeta irlandês William Butler Yeats (1865-1939), jovem de 24 anos que estava em Londres nessa altura, especialmente porque nas suas últimas perguntas fala do poeta William Blake, de quem editou os seus poemas alguns anos depois, propriamente em 1893.

Sr. Yates: – Correspondem aos sete Planos?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas igualmente são quatro e sete.

Sr. Yates: – Simplesmente tento deixar isto claro, que eles não existem...

Sr.^a Blavatsky: – Os Globos descendem à matéria, à forma, à figura, porém, lembrem-se que no terceiro Plano ou nos superiores não existe nada que possa ter forma ou figura, e se a tiverem nunca será de acordo o que possamos conceber. Tal coisa não existe na Natureza, não existe como se lhe tivesse escadas ou degraus. Tudo isto é metafísico, tudo isto é simbólico, e vir tentar dar uma forma, uma figura àquilo que não se consegue entender não tem nenhum sentido.

Sr. Yates: – Os sete correspondem aos sete Planos, não só a quatro.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é.

Sr. Kingsland: – Faço a pergunta para elucidar um pouco mais esse ponto. Diz-se que estes Planos correspondem aos estados de matéria.

Sr.^a Blavatsky: – Aos sete estados de consciência, sim, mas não aos sete estados de percepção.

Sr. Yates: – Confundi-me novamente. Embora não existam nos Planos não deixam de se corresponder?

Sr.^a Blavatsky: – Em primeiro lugar, não podemos pensar com os nossos quatro estados inferiores de consciência, apenas com o quarto, e só depois vêm os restantes. Portanto, é impossível. Não os podem ver com vossos olhos físicos, não os podem ver com o estado de consciência localizado no cérebro, não é assim? Não podem até chegarem ao Manas Superior, ao quinto, por assim dizer, e então podem-nos aperceber. Mas não com o Manas Inferior ou com o Kama-Rupa, ou outro desses princípios, por eles serem puramente físicos.

Sr. B. Keightley: – E pertencerem completa e exclusivamente à Terra, na realidade.

Sr.^a Blavatsky: – Está certo.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 4. Qual é a relação desses quatro Planos com os sete estados de matéria?

Sr.^a Blavatsky: – Nenhuma, excepto que cada um dos quatro Planos tem os seus próprios sete estados de matéria. Isso é tudo. Por exemplo, parece-me que todas as perguntas são iguais sob formas diferentes. Se são feitas com a impressão dos sete estados da Substância Universal serem iguais nos Planos dos Globos da nossa Cadeia, então respondo que não é assim. Não sei o que pensam. Eles são correspondentes mas não consubstanciais, isso corresponde a um pequeno Sistema Solar no grau mais denso da sua matéria. Relativamente aos outros Universos, o nosso Sistema é o mais denso.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 5, página 172, rodapé: pode dar-nos alguma ideia dos estados de consciência que correspondem aos vários Pralayas, ou seja, entre dois Globos, entre duas Rondas e depois entre as sete Rondas?

Sr.^a Blavatsky: – Pedem-me aqui que vos dê as chaves da Filosofia Esotérica em cinco segundos, em duas páginas e numa quinta-feira! Primeiro que tudo, suponham agora que estudamos toda a natureza do Pralaya no nosso Plano actual, dentro dos limites do nosso actual estado de consciência. Como se poderá entender algo sobre os demais estados de consciência sem os limites da consciência puramente física, inclusive com esta num estado de confusão caótica em relação a si mesma e às suas próprias capacidades? Já pensaram que só se estaria a imitar aquelas rãs que queriam transformar-se em touros e por isso rebentaram? Eu não quero rebentar, posso especular sobre coisas que estão dentro das minhas possibilidades, mas como poderei ir além delas? Às fazeis-me perguntas que me levam a abrir a boca de espanto e dizer para comigo: “Mas realmente, o que é isto?” Encaro-vos e respondo: “O que é que eu posso responder?” Isso é muito fatigante porque demonstra que pensais eu saber mais do que realmente sei. Não posso falar de coisas sobre as quais é impossível especular.

Sr. B. Keightley: – (Lê de *A Doutrina Secreta*): “A Aglomeração Monádica pode ser dividida aproximadamente em três classes”, etc. Pergunta 6, página 174: a classe superior de Mónadas que alcança o estado humano no Globo A da primeira Ronda, aparece de repente no estado humano nesse Globo na segunda Ronda ou tem de passar por alguma forma inferior?

Sr.^a Blavatsky: – Não posso responder mais do que já disse em

A Doutrina Secreta. Passe à pergunta 7. Tenho algo mais para vós.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 7, página 174: a primeira classe de Mónadas mencionadas aqui, consiste naquelas que alcançaram o Adeptado na Cadeia Lunar ou simplesmente se refere à Raça intelectualmente desenvolvida da Cadeia?

Sr.^a Blavatsky: – Como pode alguém saber se houve Adeptos na Lua? Se houve Adeptos aí serão chamados lunáticos, este é um facto! Pergunto-vos se isto é possível? Como o podemos saber? Como vos posso responder, como vos posso satisfazer? Agora ouçam bem isto, porque é muito importante. De todos os Globos misteriosos no nosso actual Manvantara, a Lua é o mais misterioso, não em relação à sua formação física mas sim com respeito à sua formação psíquica e espiritual. Algum de vós que tenha lido *Cinco Anos de Teosofia* contendo várias perguntas de um inglês¹³⁹, terá reparado como o pobre Sinnett foi tratado com desprezo por causa deste assunto da Lua? De maneira que nunca deveis tocar em assuntos desta natureza. Há muitos mistérios de que não se deve falar, e este é o mais misterioso de todos. A Lua é o nosso silencioso poder sideral e a veneziana prisão Piombi¹⁴⁰ ao mesmo tempo. Nunca me perguntem nada sobre a Lua, excepto o que se relaciona com o seu corpo meio morto. Agora passem à oitava, porque há uma continuação.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 8: qual é a lei que determina a qual das três classes apontadas pertencerá uma Mónada em particular?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que a da Lei Kármica, claro. Qual é a Lei que determina se uma criança nascerá como o filho maior de um cavalheiro e tomará todos os bens familiares, ou se como um pobre filho menor tendo de refugiar-se numa subsistência familiar, tratar de fazer dinheiro com o nome de Jesus como alguns fazem? Desde logo, a do Karma. No entanto, muito frequentemente o filho menor herda todo o cérebro da família, enquanto que o primeiro é uma bolsa de dinheiro sem cérebro. Portanto, nisso não há qualquer lei excepto a da

¹³⁹ *Cinco Anos de Teosofia: Ensaios Místicos, Filosóficos, Teosóficos, Históricos e Científicos Seleccionados do "Theosophist"*, foi publicado em Londres em 1885, e apesar de não estar identificado foi editado por Mohini Chatterjee. O inglês referido foi Frederick W. H. Myers.

¹⁴⁰ A temível prisão do Palácio do Doge em Veneza, onde esteve preso Giordano Bruno.

Lei do Karma. E que outra lei poderia intervir? Trata-se simplesmente de um acidente trazido de encarnações passadas, por mérito ou demérito, quem sabe? Há tantos milhares de coisas. Assistimos às injustiças mais terríveis desde o nascimento. Há homens que realmente deveriam ocupar tronos e, no entanto, vimo-los morrendo miseravelmente de fome, sendo escorraçados a pontapés. E vemos idiotas como reis e duques e toda essa espécie de coisas. Vejam os nossos imperadores. Vejam os imperadores russos. Oh, Senhor! Eles nasceram néscios refinados, todos eles.

Sr. Yates: – Por que o Karma Colectivo controla mais o indivíduo que os seus próprios actos? Um indivíduo pode receber resultados que não mereça, mas que é forçado a receber pelo Karma da Raça?

Sr.^a Blavatsky: – Julgo que o entendo, mas não me parece que o Karma de todos e tudo afecte por igual. Você pode ser um excelente homem que não merece ter sarampo, mas se se aproximar de uma pessoa que o tenha, também o terá.

Sr. Yates: – O que queria saber é em que pode afectar tanto o karma de outro.

Sr.^a Blavatsky: – Não pode tocar no betume sem ficar negro. Não pode entrar em consonância com uma pessoa que lhe possa transmitir uma enfermidade sem se contagiar. Será premiado com essa injustiça e o outro homem não será castigado, porque não é culpa dele. O Karma é uma questão difícil, é algo tão obscuro que se começarmos a falar dele não haverá mais perguntas. O Karma é demasiado obscuro.

Sr. Mead: – Então, essa pergunta com respeito às primeiras Mónadas que chegam?

Sr.^a Blavatsky: – Encontra-a ali.

Sr. B. Keightley: – Há várias perguntas sobre esse tema. Mantenham as vossas perguntas na cabeça até ao final, e se não forem respondidas poderão mencioná-las. Pergunta 9 (a): uma Mónada que pertença a uma classe em particular, pertencerá sempre à mesma classe?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente não. Como pode ser isso? Se a Natureza fosse estacionária e nunca se movesse, seria diferente, mas como pode ser neste caso? Não haveria progresso, nem Karma e nem nada se houvesse algo assim.

Sr. Mead: – Suponho que a pergunta significa se uma Mónada continuaria evoluindo na sua própria classe?

Sr. B. Keightley: – Penso que é uma boa pergunta. Uma Mónada na sua evolução permanecerá junto das outras Mónadas que formam a mesma classe, ou liberta-se para adiantar-se às outras ou arrastar-se atrás delas?

Sr. Kingsland: – Somente durante um ciclo.

Sr. B. Keightley: – Se não, que Lei determina a sua taxa de evolução, ou o tempo que permanece nessa classe?

Sr.^a Blavatsky: – Novamente o Karma, não vos posso responder mais. As suas próprias acções e as suas existências prévias, as existências colectivas de nações e raças, de pessoas que estão em redor, de tudo.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 10, página 175: poderia explicar o que significa a Mónada “omitir dois Planos e ir directa para o terceiro”?

Sr.^a Blavatsky: – A Mónada, ainda que estritamente signifique Una, na sua manifestação é sempre Trina – sendo somente Una no Nirvana, isto quando está no seu estado Laya, como toda a Filosofia Antiga prova que assim é. Agora recordem a Mónada de Pitágoras tendo de descer e formar o primeiro triângulo, para depois ascender de novo e desaparecer na obscuridade e no silêncio. Tomem, por exemplo, as três Sefirot cabalísticas, verão que forma o triângulo. É exactamente o mesmo na Mónada pitagórica, que gera o triângulo e deixa que depois ele faça o trabalho seguinte. É igual na Cábala, exactamente igual: tem-se primeiro Kether, Chokmah e Binah, ou a Coroa, a Sabedoria e o Entendimento. A Sabedoria e o Entendimento estão no mesmo plano horizontal. Não pode ser de outra forma senão Trina. Como pode manifestar-se a Mónada a menos que seja Trina e capaz de actuar somente no terceiro Plano, já que o segundo e o primeiro são demasiado espirituais para serem considerados nas nossas percepções como Planos de qualquer actividade? Tomem o Septenário Humano – Atma sozinho não é nada, nem um alento, nem simplesmente uma ideia, nada, porque é a Absolutez, é a Essência de Ain-Soph ou Parabrahman; Budhi é o seu veículo, e até Budhi, inclusive em conjunção com Atma, não é nada neste Plano. Na Filosofia Samkhya, Budhi é representado por Purusha, que não tem pernas, tem

que montar-se nas costas de Prakriti, que é Budhi, que tem pernas mas não cabeça, para formar uma Mónada manifestada com a potencialidade de se transformar em racional e auto-consciente. É uma alegoria muito formosa a que apresenta Purusha que não pode caminhar, que não tendo pernas é obrigado a montar-se nos ombros de Prakriti, e com isso os dois produzem um ser racional.

Sr. Yates: – A alegoria refere-se ao Silencioso?

Sr.^a Blavatsky: – É Prakriti quem lhe dá as pernas. Por isso se diz que a Mónada omite os dois primeiros Planos e vai directamente para o Plano da Mentalidade.

Sr. Kingsland: – Ou seja, omite os dois Planos Superiores. Creio que a pergunta foi feita com a suposição de que estava nos dois Planos inferiores.

Sr. B. Keightley: – Não, não era esse o sentido da frase, porque é aplicada aos dois Planos Superiores. Estas são todas as perguntas sobre a Mónada.

Sr. Mead: – “Logo, quando o Globo A da nova Cadeia está pronto”, etc. (lê *A Doutrina Secreta*).

Sr.^a Blavatsky: – Chegaremos a isso mais adiante. Venha a seguinte.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 11, página 176, último parágrafo: poderia indicar as “dez fases” a que se refere aqui? E a que fase chama de “a primeira fase realmente humana”?

Sr.^a Blavatsky: – Posso. Indico a primeira fase realmente humana quando a terceira Raça estando no umbral da quarta, a fase racial como é chamada, transforma-se num septenário através da encarnação nela de Manas, o sentido da Sabedoria. Disso com os três Reinos Elementais, ou Reinos Sub-Minerais, seguramente teremos dez, todos os dez ali mencionados. O Homem é septenário ao chegar ao final da terceira Raça entrando na quarta, mas só é potencialmente septenário. O quinto [princípio] ainda não está totalmente desenvolvido em nós, e isto acontece somente porque estamos na quinta Raça, em que estamos também não está totalmente desenvolvido, pois em cada Raça se desenvolve um mais e mais alto. Porém, não deixa de ser potencialmente um septenário, acompanhado dos outros, donde dizermos que são dez.

Sr. Yates: – Você disse o quinto. Isso contando de cima ou de baixo? Disse que ainda não está totalmente desenvolvido.

Sr.^a Blavatsky: – É o Manas.

Sr. B. Keightley: – Página 181: “Agora torna-se claro que existe na Natureza”, etc. (lê *A Doutrina Secreta*). Pergunta 12: o homem plenamente desenvolvido encarna a perfeição de um dos três esquemas de evolução? Por favor, amplie esta ideia.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, já que um Homem Perfeito tem de ser: 1) perfeito na forma, no que respeita à organização e à saúde; 2) perfeito intelectualmente; 3) perfeito espiritualmente. Em todo o caso, deve ter todos os esquemas de evolução suficientemente representados para gerar o equilíbrio perfeito. Um homem absolutamente sã, cheio de vitalidade, mas deficiente em poder intelectual, é um animal, não é um homem. Um homem perfeitamente espiritual com um membro enfermo, ou um corpo débil, não é um homem, mas um espírito aprisionado olhando pela grade da janela. Um homem perfeitamente sã, intelectual, bem desenvolvido, mas sem a correspondente consciência espiritual, é – não obstante o seu intelecto – um casão vazio, e nada mais. Se todas as três qualidades estiverem presentes de maneira a gerarem o equilíbrio, o próprio homem será um Homem Perfeito. Indico isto relativo ao seu plano particular, não ao Plano Universal mas ao seu próprio plano individual na escala septenária de evolução. Isto explica suficientemente bem o que digo?

Sr. Kingsland: – Sim.

Sr. B. Keightley: – Cada homem, cada indivíduo, por assim dizer, tem sete planos de actividade, ou sete graus. Bem, talvez seja perfeito num plano. Ele poderá ser um homem perfeito nesse plano, mas se no seu desenvolvimento não alcançar um dos planos superiores, acabará por também não o ser nesse plano durante o período considerado por si.

Sr. Mead: – Eu entendo isso acerca da harmonia.

Sr. B. Keightley: – Você pode tomar esse equilíbrio perfeito no plano em que um homem se encontre de momento.

Sr.^a Blavatsky: – Deixe-me ler-lhe isto de novo. Não sendo um Homem Perfeito, para o ser deve conquistar os primeiro, segundo e terceiro planos como graus de perfeição. O que eu digo é que para o

ser Homem Perfeito ele terá de ser: 1) perfeito na forma, no que respeita à organização e à saúde; 2) perfeito intelectualmente; e 3) perfeito espiritualmente. Tudo isto deve estar equilibrado. Em todo o caso, deve possuir esses três esquemas de evolução suficientemente expressos para gerar o equilíbrio perfeito. Um homem absolutamente são, cheio de vitalidade, mas deficiente em poder intelectual, é um animal, como disse, não é um homem. Um homem perfeitamente espiritual com um membro enfermo, ou um corpo débil, não é um homem, mas sim um espírito aprisionado olhando pela grade da janela, um desafortunado espírito. Um homem perfeitamente são e intelectual, bem desenvolvido, mas sem a correspondente consciência espiritual, é – não obstante o seu intelecto – um casão vazio, e nada mais. Nenhuma destas coisas deve estar em desequilíbrio, e se todas estas três qualidades estiverem presentes gerando o equilíbrio, o mesmo homem será um Homem Perfeito no seu plano particular. Isto é o que quero dizer, querendo dizer por último não no Plano Universal mas no seu próprio plano, ou o plano individual da escala septenária de perfeição. Isto é agora muito fácil de entender.

Sr. Mead: – Eu entendo isso perfeita e completamente.

Sr.^a Blavatsky: – Porque, repare, nós temos sete planos de perfeição, cada um individualmente. Cada homem tem sete estado de consciência. Se um homem tiver esses três equilibrados em si mesmo, pode ser um Homem Perfeito no seu próprio plano. Se o for ainda mais, será um Homem Perfeito no segundo, depois no terceiro, no quarto e por diante.

Sr. Mead: – Entendo.

Sr. Yates: – Essas três coisas – físico, intelectual e espiritual – correspondem a três dos quatro Planos quaternários, não é assim? Qual será então o quarto?

Sr. B. Keightley: – Esses três são tomados como representando o Corpo, a Alma e o Espírito.

Sr.^a Blavatsky: – Você está misturando os Planos da maneira mais terrível. Nós falámos acerca dos quatro Planos dos Globos, dos sete Globos.

Sr. Yates: – Essa é a minha dificuldade. Vejo claramente que um homem deve possuir uma harmonia tríplice, e não as confundo. Sei

que a harmonia tríplice é aplicada separadamente. Mas ela em si mesma não corresponde aos três dos quatro Planos, enquanto no sistema de Blake¹⁴¹ sim.

Sr. B. Keightley: – Como o faz? Porque o Espírito é o mais elevado, o Intelectual é o Manásico, e o Físico é o mais inferior.

Sr. Yates: – Mas Blake faz.

Sr.^a Blavatsky: – Não sei nada acerca de Blake. Nunca li uma só coisa acerca dele. Dá-me muita pena, sabe que não estamos de acordo com ele.

Sr. Yates: – Ele considera que o quarto Plano é o mais elevado.

Sr.^a Blavatsky: – Eu falo acerca do sistema oriental.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 13, página 182: por que os *Sishtas*, a Humanidade-Semente, permanecem num Globo durante o seu Pralaya, enquanto o resto da Humanidade já passou ao Globo seguinte?

Sr.^a Blavatsky: – O livro esotérico diz que o fazem, e a Filosofia Esotérica corrobora. De outra forma, as Mónadas – ou melhor, os Egos – terão de recomeçar novamente na mesma Ronda cada vez que se alcança um novo Globo, recomeçando o mesmo processo de evolução através dos Reinos inferiores como o fizeram somente na primeira Ronda. Não entendamos mal isto. Eu entendo por Egos somente essas Mónadas de primeira classe que alcançaram a fase Humana no Globo A e se transformaram em Pitris Lunares na quarta Ronda, e também essas que chegaram posteriormente tendo alcançado a fase Humana antes da metade da quarta Ronda, quero dizer, todos os Egos das terceira e quarta Raças, e não outros. Porque depois da quarta Ronda, depois da sua metade, tudo se detém, já não há mais Mónadas que cheguem a este Manvantara. Essas são os filhos mais jovens de que temos falado. Você disse que o Sr. Sinnett estava interessado nos *Sishtas*. Você apresentou muito astutamente, lembra-se, a teoria que chamou de “Arca de Noé”.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 14: é correcta a sugestão de que inclusive durante as profundidades do Pralaya a vida permanece *activa* em redor do Pólo Norte, a Terra dos Deuses?

¹⁴¹ William Blake (1757-1827), poeta e ilustrador inglês.

Sr.^a Blavatsky: – Se se refere ao Pralaya Planetário, então eu respondo *sim*, a Ciência Esotérica ensina-nos isso, mas não acerca de outros Pralayas. O que quero dizer é que ela permanece enquanto um Globo está em obscurecimento, mas quando se trata de toda a Cadeia certamente não, porque então todas as vidas são dissipadas.

Sr. Yates: – Por que a Filosofia Esotérica dá a entender, tal como os gregos acreditavam, que o Monte Meru está habitado neste momento?

Sr.^a Blavatsky: – Nós vemos na Filosofia Esotérica que há um *Meru*. O que os hindus querem dizer por *Meru* é uma coisa, e o que os gregos diziam era outra. Eles chamaram-lhe a coxa e disseram que Baco nascera na Índia. Por ter nascido da coxa de seu Pai Júpiter, nasceu sem Mãe, e se chamou *Miros*, que significa coxa em grego¹⁴², portanto, tendo nascido no *Monte Meru* era um hindu.

Sr. Yates: – Eu não sabia nada sobre os hindus, assim como penso que estou certo. Eles acreditam que existe uma região no Pólo Norte habitada por gente intocável.

Sr.^a Blavatsky: – Gente intocável! Porque é a Terra dos Deuses. Leia-a em *A Doutrina Secreta* e encontrará tudo. Pode ler no segundo volume, que contém tudo isso acerca da Terra Eterna, a qual está delimitada e que nunca se manifesta.

Sr. Yates: – Significa que está de facto localizada fisicamente no Pólo Norte?

Sr.^a Blavatsky: – Não falemos acerca dela, pois nos levaria para uma metafísica demasiado elevada.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 15: poderia dizer-nos algo mais acerca dos *Sishtas*?

Sr.^a Blavatsky: – Os *Sishtas* são os Adeptos Superiores que se encontram num Globo quando o Pralaya o alcança. Eles sacrificam-se a si mesmos pelo bem universal da Humanidade e para propósitos cósmicos, demasiado esotéricos para discuti-los agora. Unicamente devem saber que eles são agora Nirmanakayas vivos e objectivos, e

¹⁴² É dada uma etimologia semelhante na obra de H.P.B., *Pelas Grutas e Selvas do Hindustão*, Colecção de Escritos, pág. 609, em que segue o livro de E. Pouché, *India in Greece*, pág. 266, 1856.

que quando soa a hora do Pralaya alguns desses Adeptos Superiores, quer existam objectiva ou subjectivamente, assumem-se os custódios voluntários do planeta adormecido. Quando volta o amanhecer, então esses Pitris Terrestres desempenham o mesmo papel que tiveram os Pitris Lunares na quarta Ronda, isto é, no amanhecer do Globo. Eles entregam ou dão os seus três princípios inferiores como um veículo, pronto e preparado para os Egos da nova Ronda, quando só então estão preparadas as repectivas Mónadas. Após terem cumprido o seu dever ganham um longo, longo descanso. Permanecerão na Beatitude Nirvânica até ao Manvantara dos sucessores desta Cadeia Planetária, até que soe o amanhecer dos sucessores desta Cadeia. Os sucessores serão os dois Globos por cima do nosso Plano que se unirão e formarão a Terra Andrógina da nova Cadeia. Porque então os dois Globos mais elevados terão descido ao Plano que está agora abaixo deles. Outro planeta projectará os seus princípios no Laya do lugar vazio e dará nascimento a um Globo que substituirá a um desses dois, enquanto o outro substituirá o segundo. Certamente há um mistério e uma razão para isso, mas é demasiado prematuro para que saibamos algo. Tampouco se perderão os princípios da Terra. Quero dizer que assim como os Egos estão encarnados na Terra, assim também os princípios dos Egos, os Globos que partem, estão encarnados no Espaço sideral. Tal como é em cima assim é em baixo. Assim como é com a Lua, assim é com a Terra, e assim como é com o Pai, assim é com o Filho. Estas são as linhas imutáveis da Natureza. Esta é uma coisa que vos digo perfeitamente agora.

Sr. Kingsland: – É a coisa mais interessante que ouvimos desde há muito tempo.

Sr.^a Blavatsky: – Tenho-vos dado muitas coisas interessantes.

Sr. Sinnett: – Depois gostaria de ver o que se passou antes de eu chegar.

Sr.^a Blavatsky: – Lerei para si. É muito difícil dizer-lhe mais acerca disto, porque esta é uma coisa vasta e misteriosa.

Sr. Sinnett: – Ali o ponto é acerca da reencarnação dos princípios da Terra.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, ouçam novamente. Os *Sishtas* são os Adeptos Superiores que se encontram num Globo quando o Pralaya

o alcança. Os mais elevados deles é que serão os voluntários – como o posso dizer? – imolados por si mesmos ou sacrificados por si mesmos. Lembra-se do que é dito em *A Doutrina Secreta*? Sacrificam-se a si mesmos pelo bem da Humanidade e por um propósito cósmico, demasiado esotérico para discuti-lo agora. Unicamente devem saber que eles são agora Nirmanakayas vivos e objectivos. Você sabe o que isto significa? Ser Nirmanakaya significa, por exemplo, que você se converte num grande Adepto. Já não quer viver mais, porém não será suficientemente egoísta para querer ir para o Nirvana, porque realmente é egoísmo porque não beneficiará a ninguém excepto a si mesmo, devendo ser evitado este egoísmo. Portanto, ficará pelo Devakan – onde não quererá ficar por ser ainda uma ilusão para um Adepto, mesmo não o sendo para nós mortais, mas o sendo para um Adepto Superior – e, por conseguinte, deixa o seu corpo, vivendo em todo o seu sexto princípio. Desde logo, onde quer que viva será subjectivamente no espaço, mas vive e ajuda a Humanidade, algumas vezes inspirando a gente ou se comunicando com ela, e por diante. Eu conheço vários casos como esses. Mas desde já só o fazem muito raramente, porque geralmente eles não se aproximam por quaisquer indivíduos mas para protegerem uma nação ou protegerem uma comunidade, ou algo assim, ajudando tanto quanto o Karma lhes permite. Quando soa a hora do Pralaya, alguns dos Adeptos Superiores, quer vivam objectiva ou subjectivamente, assumem-se os custódios voluntários do planeta adormecido, etc. (lê o anterior). A Lua deu os seus princípios, e assim o fará cada planeta. Prossegue numa grande sucessão harmoniosa. Não há um só vazio na Natureza.

Sr. B. Keightley: – Conclui-se disso, penso, que não há *Sishtas* até à quarta Ronda, realmente até depois da quarta Ronda.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo *Sishtas* activos, os que tem de actuar, porque o Homem só começa na quarta Ronda. Na terceira Ronda havia todo o tipo de formas astrais e outras coisas de que não podemos falar ou de não sabemos nada. Os homens normais, como os conhecemos, apareceram nesta Ronda. Suponho que não havia nenhum Adepto antes disso. Não sei. Um Adepto tem um significado definido para nós, está neste Plano e dentro da nossa concepção. Como podemos saber se houve Adeptos ali?

Sr. B. Keightley: – Põe-se novamente em relevo a grande impor-

tância que tem a quarta Ronda.

Sr.^a Blavatsky: – A quarta Ronda é a ajustadora, ajusta todas as coisas e estabelece o equilíbrio entre a Matéria e o Espírito. É na metade da quarta Ronda que tudo se assenta; desde então, em vez do Espírito cair na Matéria, é a Matéria que começa a transformar-se em Espírito.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 16, página 184: o que devemos entender pela frase “formas humanas astrais (ou os elementais superiores)” no seguinte: “as Mónadas dos antropóides, os mamíferos superiores depois do Homem... serão libertadas e passarão às formas astrais humanas (ou os elementais superiores) das sexta e sétima Raças, e depois às formas humanas mais inferiores na quinta Raça”.

Sr.^a Blavatsky: – Até ao momento da sexta Raça entrar em cena, todos os egos animais que agora habitam as formas antropóides superiores terão se libertado e se manifestarão. Já agora existem alguns no espaço sideral em formas humanas astrais, como disse. Eles são o que eu chamo de elementais superiores, que ainda não são humanos, pois irão encarnar nos homens mais inferiores da sexta Raça. Na realidade, os mais jovens dos darwinistas têm sonhado sonhos, e os mais velhos têm tido visões, porque o seu fundador deve ter tomado do Astral um vislumbre disso que será, de imediato arrastando-o para o seu plano material conformando-o à sua imaginação. Esta é a coisa mais curiosa, mas não penso que tenha sido Darwin e sim Haeckel quem tomou essa forma astral. O Mestre disse que houve formas astrais gigantes na terceira Raça. Eram como símios gigantes. Não estava se referindo aos animais tolos e sim aos humanos com formas simiescas, dos quais se desenvolveram os símios. Milhões e milhões de anos depois, quando chegou a reversão ao tipo primogénito, eles geraram os monstros com os quais caíram.

Sr. B. Keightley: – O que sucede aos antropóides é que quando morrem ficam como elementais semi-humanos até ao surgimento da sexta Raça.

Sr.^a Blavatsky: – Todavia não são humanos, porque não eram humanos.

Sr. B. Keightley: – Os elementais que serão humanos.

Sr.^a Blavatsky: – Assim como os egos dos homens são os elementais do passado.

Sr. Kingsland: – Mas isso não será na sexta Raça, será na sexta Ronda.

Sr.^a Blavatsky: – Alguns serão na sexta Raça, como os chimpanzés, que não provirão do espaço por já estarem aprisionados [na forma].

Sr. Kingsland: – Todavia você não lhes chama Mónadas Humanas.

Sr.^a Blavatsky: – Eles são semi-humanos, devendo isso à quarta Raça. Julgam que são realmente homens? Fica muito bem ouvir os nossos missionários dizerem que todos os selvagens são nossos irmãos. Mas não o são. Eles têm essa potencialidade, tal como o mineral também possui potencialidade. Porém, os selvagens não são – especialmente aqueles que já se extinguiram – o mesmo que nós.

Sr. Kingsland: – Então, serão na sexta Raça?

Sr.^a Blavatsky: – Sim. O que digo é que nem mais uma só Mónada aparecerá no espaço, por assim dizer, a menos que já esteja aqui; que todas aquelas que conseguiram tomar algumas das formas superiores até à metade da quarta Ronda, permanecerão nesta Terra até ao final do Manvantara, certamente só até esse momento e não depois. Mas se vêm com a crença nesse absurdo de que para cada criança que nasce há uma alma nova que respira e cresce, não a posso aceitar.

Sr. Kingsland: – Então, de facto as Mónadas de alguns antropóides estão suficientemente perto do ponto humano para virem com a sexta Raça.

Sr. B. Keightley: – A excepção é feita aqui explicitamente, insistindo-se acerca dela. Falo da classe de Mónadas que se refere com ênfase.

Sr. Yates: – A população do mundo não mudará.

Sr.^a Blavatsky: – As Mónadas não mudam a partir da metade da quarta Raça.

Sr. B. Keightley: – Pode haver um número qualquer de Mónadas no Devakan, e assim sucessivamente.

Sr.^a Blavatsky: – Não muda. Em contrário, não haveria possibilidade kármica de ajuste.

Sr. Yates: – Tome qualquer momento da história do mundo e compare-a com qualquer outro período de 3.000 anos. Claro que devem haver variações, no entanto, recuando para trás – segundo essa teoria – a população do mundo era a mesma que agora.

Sr.^a Blavatsky: – Não sabem nada sobre a população. De acordo com o que aprendi, a população era o dobro do que é agora, quase duas vezes mais. Não havia um só lugar no Globo que não estivesse povoado, e por isso é que em algumas ocasiões sobreveio um cataclismo para que alguns fossem afogados. Reparem na China, essas ondas foram o acontecimento mais providencial.

Sr. B. Keightley: – E em todas as partes nos tempos da Atlântida havia o dobro da população que tem agora a China.

Sr.^a Blavatsky: – Não o dobro, mas muito mais do que agora. Lembro uma coisa: houve um tempo em que a África estava toda desabitada, inclusive até tempos após ter emergido do oceano. E agora, quantas partes de África estão habitadas? Suponho que nem a vigésima parte. Não se pode chamar habitantes a esses selvagens, como aqueles que Stanley¹⁴³ encontrou.

Sr. B. Keightley: – Uma população muito espalhada. Mas o ponto de Yates é curioso.

Sr.^a Blavatsky: – Diz-se que os continentes eram maiores. Reparem no continente que ia da Índia até à Austrália. Era um continente sem interrupções e agora tudo são mares e mares.

Sr. B. Keightley: – Onde quero chegar é ao seguinte: reparem que a população da Terra era então muito maior do que agora. Isto significa quer um grande número de Mónadas que existiam encarnadas na Terra no período atlante, ainda estão no Devakan.

Sr. Sinnett: – Não penso que isso seja necessariamente assim. Assumindo por um momento que um período devakânico tinha 200 anos em vez de 2.000, a mudança de uma condição de coisas onde o período de 200 anos passa a período de 2.000 anos, simplesmente

¹⁴³ Henry Stanley (1841-1904), nascido como John Rowlands, jornalista e explorador galês que se tornou famoso por ter localizado o missionário escocês David Livingstone em África. No tempo desta referência de H.P.B., Stanley estava no Congo.

reduzirá a população num décimo do que era, sem dar a nenhuma Mónada um período mais longo que 2.000 anos.

Sr. Kingsland: – Quer dizer que o período geral era mais curto do que é agora.

Sr. Yates: – Isso explica por que muitas das grandes nações do mundo são muito pequenas em números.

Sr.^a Blavatsky: – Na última vez abordámos algo muito interessante sobre os planetas, e creio que o Dr. Berridge¹⁴⁴ estava muito interessado nisso. Era acerca dos planetas e estrelas na sua relação astronómica.

Sr. Sinnett: – Tomando o chimpazé, a Mónada chimpazé será uma criatura mais adiantada que alguns dos selvagens humanos. Isto porque pertence à quarta Raça, enquanto os selvagens pertencem a outras.

Sr.^a Blavatsky: – Se tomarem o selvagem e educarem-no como um chimpanzé, desenvolverá o intelecto tanto como um chimpanzé. Isto porque ele permanece fechado a toda a civilização ou a algo que lhe mostre ser ignorantes. Quando se cuida de um chimpanzé, ele vê o mundo, vive em lugares cultos e por diante, tornando-se muito inteligente. Assim será com o pobre selvagem. Compreendam que o selvagem será mais inteligente na sexta Raça do que é agora. Não creio que venha a restar algum da antiga Raça, todos estão em extinção. Refiro-me aos erectos, como aconteceu aos australianos de cabeça plana.

Sr. Sinnett: – Alguns chineses são de uma raça muito afastada.

Sr.^a Blavatsky: – Alguns, mas vivem nas montanhas. Não são realmente chineses, são criaturas extraordinárias.

Sr. Yates: – Há uma tribo curiosa no Sul da Índia. Em *Ísis Sem Véu* você diz algo sobre ela.

Sr.^a Blavatsky: – Eu disse que os Todes eram a raça mais misteriosa de toda a Índia. E repito o que disse em *Ísis Sem Véu*, tendo três homens que não se conheciam entre eles me assegurado o mesmo.

¹⁴⁴ Edward W. Berridge (1843-1925), médico homeopata que se uniu à Ordem Hermética da Golden Dawn.

Eu sabia que os Todes¹⁴⁵ eram isso, e eles confirmaram-me por terem vivido com eles vários anos. São muito sujos, porém são vistos como deuses gregos. Faz uns setenta anos que foram descobertos, tendo então encontrado uns seiscentos ou setecentos deles. Agora são em mesmo número, nunca variam. Apesar das panteras, tigres e leopardos, eles nunca perdem um só búfalo. Os búfalos dos outros são sempre roubados todas as noites, especialmente pelos leopardos, mas nunca nenhum do seu gado. Não têm armas, nem sequer uma faca. Sentam-se junto ao gado tendo nas mãos um pequeno objecto parecido com uma espécie de vara. Observei-os durante anos, quando ali estive com a Sr.^a Morgan¹⁴⁶. É a gente mais extraordinária que jamais vi, e não há nem um traço de indiano neles. À parte da redonda raça dravidiana de nariz chato e de todo o género de tipos, este tipo é o mais puro que se pode encontrar. São altos, têm feições muito regulares, muito jovens, mas as suas mulheres são feias. Viu-os, Sr. Sinnett? Os missionários fizeram todo o possível para os converter, mas não converteram a nenhum.

Sr. B. Keightley: – Não disse que as suas esposas eram tomadas das tribos dravidianas?

Sr.^a Blavatsky: – Ninguém sabe quem são. Às vezes, há mulheres que chegam mas não são dessas tribos. Um missionário foi ali e orgulhava-se de ser o primeiro a ter aprendido a língua dos Todes. Ele esteve com eles 18 ou 20 anos. Quando aprendeu, começou a falar com um Tode e perguntou: “Onde aprenderam [esta língua]? Não é a língua dos [antigos]?” Eles não trabalham, não semeiam, não fazem absolutamente nada senão ter búfalos, viver do leite e do queijo, etc. Os Badagas são os seus tributários voluntários, levam-lhes tudo, os grãos e os primeiros frutos da terra, etc. Fazem tudo por eles, Servem-

¹⁴⁵ Os Todes são um povo pastor que vive nas Montanhas Nilguiri, ou as Montanhas Azuis de Tamilnadu no Sul da Índia. A sua cultura centra-se em redor da criação de búfalos. H.P.B. escreve acerca desta misteriosa tribo em *Ísis Sem Véu*, vol. II, pp. 614-616, e refere-a em algumas das suas histórias de viagens em língua russa em *As Misteriosas Tribos das Montanhas Azuis*.

¹⁴⁶ Ellen H. Morgan, que com o seu marido, o General de Divisão Henry Mongan, haviam fundado uma Loja Teosófica em Ootacamund, uma popular estância de montanha nas Nilguiris. H.P.B. foi sua hóspede no Verão de 1883. Um pequeno artigo da Sr.^a Morgan, *Feitiçaria nas Nilguiris*, detalhando as suas experiências ali, está incluído em *Cinco Anos de Teosofia*.

nos de maneira igual à que os sacerdotes fazem pelos seus deuses, como se os deuses estivessem na Terra¹⁴⁷. Temem-nos esses Mûla-Kurumbas¹⁴⁸, que são a raça mais vil de anões que se pode encontrar. Eles são a personificação da astúcia endiabrada. Perguntem à Sr.^a Morgan e ao General Morgan, que ali viveram durante vários anos. A sua magia negra é algo espantoso. Eles fazem as coisas mais atrozes. A Sr.^a Morgan perdeu 23 homens num mês, os melhores dos seus trabalhadores. Um chegava e apontava um homem, sem nunca se aproximar dele, e em poucos dias esse era um homem morto. Houve até um comissário que nunca havia acreditado neles. Os [Mûla-Kurumbas] temem os Todes, quando os vêem, fogem, são como rãs sob o olhar de certas serpentes, isto é algo terrível. A Sr.^a Bachelor¹⁴⁹ fala todas essas línguas perfeitamente, e foi com ela e a Sr.^a Morgan que os visitámos quando ali passámos alguns dias. Observei-os, são algo extraordinário e não prestam atenção a ninguém. Com os seus longos cabelos, parecem senadores romanos de toga. Para um pintor, são a coisa mais bela do mundo. Com tal graça e dignidade bem parecem deuses.

Uma Dama: – São grandes magos?

Sr.^a Blavatsky: – Eles dizem que são homens bons, apesar dos [Mûla-Kurumbas] os recearem mortalmente.

A Dama: – Então, têm uma magia superior?

Sr.^a Blavatsky: – Eles têm os poderes mais extraordinários. Faz 30 anos, houve um litígio legal acusando um deles de ter feito coisas terríveis, e quis-se prendê-lo e deitar fogo ao seu povoado. E adianta-se que não conseguiam queimar as casas senão quando o Tode esteve presente. A lenda diz que trouxeram esse Tode com eles, apesar de jurarem não o ter feito. Não acredito que em 30 anos tenha havido um Tode que estivesse preso, tirando o testemunho de uma das suas mulheres. Li todas as coisas que o General Morgan me deu. Esse Tode desapareceu e não se sabe para onde foi, sendo o único de quem se diz ter estado preso. Podem pôr milhões de moedas, dinheiro

¹⁴⁷ Os Badagas são o maior grupo tribal das Montanhas Nilgiri. H.P.B., no seu livro *As Misteriosas Tribos*, descreve-os como vassalos e adoradores dos Todes.

¹⁴⁸ Tribo de anões nas Nilguiris.

¹⁴⁹ Rhoda Bachelor, filha do Major-General e da Dr.^a Morgan.

e toda a espécie de coisas na sua frente, que eles nunca pegam nada. Nunca vi uma honestidade como a sua.

Sr. B. Keightley: – São intelectualmente inteligentes?

Sr.^a Blavatsky: – O General Morgan disse-me: “Eles são muito intelectuais”, e Claud Vicent disse que eles são incrivelmente intelectuais que podem falar de qualquer coisa. A sua dignidade, maneiras e comportamento são algo extraordinário.

Sr. B. Keightley: – A Sr.^a deixou entrever que eles são de origem grega?

Sr.^a Blavatsky: – Não, são de origem lanka, não grega. Eles têm as suas próprias coisas. Eu escrevi todas essas lendas que eles próprios me contaram, e o que ouvi de tudo isso escrevi em russo¹⁵⁰. Eles dizem que pelos cálculos da Lua chegaram há cerca de 22.000 anos à Montanha, as Montanhas Azuis dos Deuses, e que os seus ancestrais estavam ao serviço de Rama. Esta é a sua história, acrescentando que vieram de Lanka que não era como agora, era muito maior. Era uma parte do continente da Atlântida que se afundou. São a raça mais misteriosa. Oxalá tivessem tido a oportunidade de ver esses atractivos homens com o seu longo, formoso e ondulado cabelo, inclusive os velhos.

Sr. Sinnett: – Eles falam outras línguas além da sua própria?

Sr.^a Blavatsky: – Eles falam []. Ninguém no mundo conhece os seus ritos dos quais alguns são praticados nas suas criptas, estas que eles fazem nas suas pequenas casas que são como colmeias, com uma pequena porta por onde saem encurvados. Têm os seus búfalos com campainhas de prata, dentre os quais há um com uma campainha de ouro, um animal magnífico que é o líder. Mas, digam-me por que nunca são atacados por um tigre ou um leão? Isto foi-me contado por Webster. O seu pai foi um dos primeiros a ir ali faz 70 anos, quando os descobriram. Um homem que teve problemas há alguns anos em Madras – esteve no Conselho do Governo junto com Webster e o seu pai – também foi um dos primeiros a ir ali e sabe muitas histórias sobre eles. Ele nasceu lá e contou-me muitas coisas. Disse que nunca se conheceu um caso em que o gado deles fosse atacado. Enquanto os

¹⁵⁰ *As Misteriosas Tribos das Montanhas Azuis da Índia*, publicada no *Mensageiro Russo* de Moscovo em 1884/85.

Badagas são uns 10.000 e os Mūla-Kurumbas vários milhares, os Todes nunca são mais que 600 ou 700.

Sr. Sinnett: – Eles deslocam-se sob o impulso dos sentidos?

Sr.^a Blavatsky: – São gente nómada. Deslocam-se de um lugar para outro e têm os seus próprios chefes sacerdotes, estes que se mantêm à parte e nunca se casam, que possuem algumas cerimónias para o enterro e a cremação, costumes que ninguém conhece e são completamente *sui generis*. Dizem que os seus ancestrais serviram a Rama em Lanka, e que foram recompensados pelos serviços prestados a Rama. Quando [] foi assassinado, mandaram-nos tomar posse das Montanhas Azuis dos Deuses. E contam as coisas mais curiosas, como a do Governo ter tentado convencê-los a dar-lhe a estatueta de um rei em pedra na sua posse (que eles não deram). Morgan contou-me que quando era jovem viu-a muitas vezes, a qual tinha caracteres notáveis. Ninguém tem a chave disso. Isso é algo que lhes foi dado por Rama e outros.

Sr. B. Keightley: – Eles continuam vivendo e viverão até que aconteça algo?

Sr.^a Blavatsky: – Eu sei que esse homem foi o único. Quando acusaram a uns 40 homens, eles disseram que os Todes tinham de presidir às operações, ou em contrário não podiam fazer nada. Enforcaram um bom número de Badagas, mas esse único Tode que ali estava desapareceu. Falando de povos curiosos, posso assegurar-vos que existem povos muito pouco conhecidos na Índia. Os que servem os Todes são os Badagas, enquanto os outros são os Mūla-Kurumbas. A *Sr.^a Morgan* sabe tudo sobre eles e eles lhe querem muito, chegando a oferecer-lhe magnífico leite-creme de búfalo, etc. Raramente comem carne, não fazem nada, são mantidos e servidos pelos Badagas que trabalham para eles de forma totalmente voluntária.

Sr. Kingsland: – Praticam alguma espécie de yoga?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não a praticam, pelo menos aparentemente. Nunca ouvi nada disso. Sei que têm homens que sabem muito, julgo que sejam sacerdotes. Conversei com alguns deles através de um intérprete, porque não conheço a sua língua. Dois deles olharam-me sempre com cara de aprovação e um sorriso muito natural, que retribuí. Quando me retirei deram-me uma espécie de figo petrificado,

dizendo: “Conserve isto porque é bom para a febre se alguma vez a tiver”, etc. Eu perdi-o.

Aqui terminou a sessão.

XV

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
25 de Abril, 1889.
O Sr. Kingsland na Presidência.**

Sr. B. Keightley: – Pergunta 1: por que a rotação deve cessar num planeta morto?

Sr.^a Blavatsky: – Porque a vida de um corpo como totalidade não é mais do que movimento, um reflexo dessa Vida Única que na *Doutrina Secreta* se chama Movimento Absoluto. Quando um homem morre todo o seu corpo deixa de mover-se, embora aumente a intensidade da actividade individual das suas células e por fim das moléculas. Isto comprova-se pela rápida e violenta mudança ocorrendo num cadáver em decomposição. Da mesma maneira quando um planeta morre, o movimento rotativo em torno do seu próprio eixo cessa, embora a actividade das suas partes constitutivas aumente em vez de diminuir. Agora, se me perguntar se a Lua se move – e é em relação à Lua que se pergunta – e por que se move numa órbita em redor da Terra, respondo que isso é causado pela acção vampírica da Lua sobre a Terra, não como ensina a Ciência que atribui isso à acção exercida pela Terra sobre a Lua mas precisamente ao contrário: a Lua está tão saturada com as emanções vitais magnéticas da Terra que é levada por esta como uma esponja encharcada sobre uma corrente de água. Neste caso, não é a água que atrai a esponja e sim a corrente no seu próprio movimento é que arrasta a esponja. Isto explica-a satisfatoriamente ou pretendiam saber algo muito oculto?

Sr. Kingsland: – Não, eu só queria saber por que a massa da Lua deve cessar de rodar como uma massa de matéria quando os princípios a abandonam, qual seria a relação entre a deixarem e a massa de matéria que deixa de mover a Lua.

Sr.^a Blavatsky: – Não deixou de se mover, move-se.

Sr. Kingsland: – Porém como um todo, em seu próprio eixo.

Sr.^a Blavatsky: – Se ela não pode mover-se porque o espírito escapou, porque os princípios se foram, então como consegue mover-se?

Sr. B. Keightley: – Creio que está contestando pela analogia.

Sr. Kingsland: – Resta remover a dificuldade um nível acima.

Sr. B. Keightley: – Quando um homem morre, quando os seus princípios o deixam, o corpo como um todo não se move.

Sr. Kingsland: – Ou seja, que um homem caminha conscientemente.

Sr.^a Blavatsky: – Não se move conscientemente, não sabe o que faz. Tomem o exemplo de um idiota: ele move-se e corre, faz caretas e salta, porém não sabe o que está fazendo.

Sr. Kingsland: – Então é puramente força interna.

Sr.^a Blavatsky: – É simplesmente um impulso vital.

Sr. B. Keightley: – A ideia científica disto é ser puramente movimento mecânico, por a grande massa de matéria ser posta a girar e não haver fricção nem nada que a detenha.

Sr.^a Blavatsky: – Não me falem de Ciência, porque a Ciência e eu estamos afastados.

Sr. Kingsland: – A ideia astronómica é que há fricção.

Sr. B. Keightley: – Bem, é tão lenta que nenhum cálculo encontrou o rasto dela.

Sr. Kingsland: – Encontraram traços desta.

Sr. B. Keightley: – Supõe-se que toma 300.000.000 para fazer a diferença de $\frac{1}{2}$ de hora.

Sr. Mead: – É certo que a Lua não se move em nada? Que não gira nem uma vez?

Sr. B. Keightley: – Não no seu próprio eixo, não creio que haja alguma rotação da Lua em torno do seu próprio eixo.

Sr.^a Blavatsky: – Ela roda porque vampiriza e é arrastada.

Sr. B. Keightley: – Como quem diz, é levada na corrente.

Sr.^a Blavatsky: – Vampiriza-a, não por uma acção consciente mas por haver um tipo de matéria morta que atrai pelos seus próprios

atributos inerentes ou qualidades.

Sr. B. Keightley: – Não se pode dizer que uma esponja absorve água conscientemente, porém absorve-a.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, é levada pela corrente.

Sr. Mead: – De outra forma isso tem muita analogia, porque roda por algum tempo, por exemplo, perto das rochas.

Sr.^a Blavatsky: – Não há rochas no espaço.

Sr. Kingsland: – Isto dá-nos uma ideia diferente a respeito do movimento planetário: os planetas giram por meio da sua força inerente. Se algo gira dessa forma deve ter algo sobre que girar, por assim dizer.

Sr.^a Blavatsky: – Um é um satélite, e o outro é uma entidade independente.

Sr. Kingsland: – Refiro-me a que deve ser capaz de se propulsar sobre algo, a não ser que se mova desde o início e prossiga até deter-se gradualmente por meio da fricção ou de alguma coisa que actue de fora. Um homem não consegue levantar-se puxando o seu próprio cinto, e dificilmente pode conceber-se um planeta girando e que continue a girar só por meio do seu próprio eixo.

Sr. B. Keightley: – Não vos ocorreu que o Centro Laya é realmente a ideia do movimento giratório, o centro do vértice.

Sr.^a Blavatsky: – Assim é.

Sr. Kingsland: – Esse Centro Laya não corresponde com o centro do planeta.

Sr. B. Keightley: – Há um Centro Laya. Como desde logo não está no espaço tridimensional, deverá estar no centro do planeta.

Sr.^a Blavatsky: – O Centro Laya é o Atmã, ou por assim dizer, o espírito do Atmã.

Sr. Kingsland: – Não é o centro matemático do círculo.

Sr. Old: – Penso que deve haver um centro matemático assim, não é assim?

Sr. B. Keightley: – Deve ser o centro de rotação da Terra. Quero dizer que se alguma forma estiver localizado, então o Centro Laya não é um ponto no nosso espaço tridimensional.

Sr.^a Blavatsky: – O verdadeiro Centro Laya está fora do tempo e do espaço.

Sr. Ingram: – Cada átomo de toda a gente tem o seu próprio Centro Laya?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, tem.

Sr. B. Keightley: – Cada corpo, como um todo, é formado por essas partículas.

Sr. Kingsland: – Os globos giram pela circulação dos seus princípios?

Sr.^a Blavatsky: – Penso que sim, não o posso dizer com certeza.

Sr. Kingsland: – Tomem a analogia de um globo de algum tipo de substância, de metal ou que imersa na água; esse globo não poderia girar na água se só exercesse uma força interna. Mas se emitisse algo que actuasse contra a água, então poderia fazer com que girasse.

Sr. B. Keightley: – Todos os planetas estão exercendo forças de atracção e de repulsão entre eles.

Sr. Mead: – No estado actual das coisas, será impossível introduzir qualquer poder interno para o fazer girar. Estaria fora de toda a experiência. Tomem o caso da esfera girando na água: não conseguiriam introduzir uma rotação interna numa esfera como essa.

Sr. Kingsland: – A esfera como um todo poderia rodar se tivesse algum gás que emanasse dela. Esta é a ideia a que pretendo chegar.

Sr. Old: – Temos esses casos na mecânica, onde um corpo continua a girar depois da causa dos seus giros ter parado, como por exemplo a roda de uma grande peça de maquinaria. Ou tomem o pião da nossa infância. Depois do primeiro lançamento, depois de se libertar da causa do seu movimento, continua a manifestar-se largo tempo depois da causa imediata ter cessado. Parece ter algo imediato consigo, uma potência que a faz girar no mesmo movimento.

Sr. Kingsland: – Isso não corresponde aos planetas, pois giram continuamente por uma força inerente. Quando advém o Pralaya, o planeta continuará girando por um tempo considerável depois dos seus princípios o terem abandonado.

Sr.^a Blavatsky: – Quando chegar o verdadeiro Pralaya os planetas não existirão, porque todos desaparecerão voando em pedaços.

Sr. Old: – E no caso da Lua, considerada o nosso satélite, ela tem um Pralaya, o seu Pralaya planetário individual, tendo cessado qualquer movimento axial. A Lua cessou qualquer movimento devido a esses princípios terem se retirado.

Sr. Kingsland: – O que significa isso, o que são esses princípios e qual é a causa de um planeta vivo girar?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que a luz, mas há uma grande diferença entre os planetas [vivos] e a Lua. A Lua é um planeta morto.

Sr. Kingsland: – E foi por isso que deixou de girar.

Sr.^a Blavatsky: – Cessou de girar, portanto, é levada pelo movimento induzido ou, por assim dizer, por essa emanção da Terra.

Sr. B. Keightley: – De facto, é arrastada numa corrente da Terra.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, para onde vai a Terra, ela vai. Isto é o que entendi. Segundo recorde o que aprendi, é assim.

Sr. Old: – É a circulação comum do plano interplanetário. *Sr. Kingsland*, os seus pensamentos foram tomados em consideração?

Sr. Kingsland: – Isso é onde eu queria chegar e elucidar.

Sr.^a Blavatsky: – Quer dizer que não há nada mais senão silêncio no espaço? Mas estão ocorrendo tremendos furacões com todos os tipos de movimentos giratórios, inclusive fora de todo o planeta visível ou existente, porque todas essas correntes de ar estão em movimento. Trata-se do Alento eterno que nunca cessa.

Sr. B. Keightley: – Não existe nem um só lugar vazio que esteja cheio de gelatina semi-rígida.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente que não. Tudo está vivo com toda a espécie de correntes e contra-correntes, e de rodas dentro de rodas em movimento rotatório, e assim sucessivamente. Isto é o que certamente pode ajudar a resolver a dificuldade.

Sr. Ingram: – Em alguma parte de *A Doutrina Secreta* é tratada prolixamente a gênese do movimento rotatório e as diferentes hipóteses científicas.

Sr. B. Keightley: – Creio que está no primeiro volume.

Sr. Mead: – O movimento rotatório original não é parte da vida original de um planeta? E não decresce gradualmente?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, mas isso não tem nada a ver com o primeiro impulso que se dá àquilo que continua e se transforma num cometa, e depois de cometa transforma-se em toda a espécie de coisas. O primeiro [impulso] que se dá a essa partícula começa por Fohat.

Sr. B. Keightley: – Disse que Fohat junta a poeira ígnea e com ela forma globos?

Sr.^a Blavatsky: – Porque essa Força Fohática está fora dos planetas e não só dentro, como expliquei no caso das forças centrípeta e centrífuga. O espaço está cheio disso.

Sr. B. Keightley: – Tem-se sempre esse elemento das duas forças que devem aplicar-se tanto ao Homem como a tudo: a força interna, que está limitada e confinada, por assim dizer, que está sempre procurando libertar-se, e a força livre, que está sempre actuando sobre o corpo, como se estivesse em correlação com a força confinada. Esta, desde logo, tende a produzir um movimento rotatório.

Sr. Ingram: – Então, há forças trabalhando agora produzindo o movimento giratório da Terra?

Sr. B. Keightley: – Bem, claro, e mantêm-se não só pela rotação. Sabemos claramente, se tomarmos a analogia e a seguirmos estritamente, que um ser humano não continua vivendo, movendo-se e gastando energia simplesmente em virtude do impulso de vida que recebeu dos seus pais, mas que cresce, é nutrido, toma alimento, assimila-o e obtém a sua força dessa maneira. E alguns processos análogos a esse devem ter lugar no caso dos planetas.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Não posso dizer-lhes mais, porque não sei nada sobre a Ciência.

Sr. Kingsland: – Penso que há algo no *Lúcifer* deste mês que se refere a isso, escrito por Keely sobre a circulação magnética da Terra¹⁵¹. A rotação da Terra tem algo a ver com as correntes magnéticas que estão sempre circulando em seu redor?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo.

¹⁵¹ *Lúcifer*, a revista iniciada pela Senhora Blavatsky em Setembro de 1887. O artigo referido foi publicado em Abril de 1889, pp. 137-140: *Comentários de John Worrell Keely sobre a conferência do Dr. Schimmel: 'A Unidade das Forças'*, por C.J.B.-M. (Clara Jessup Bloomfield-Moore, uma admiradora de Keely).

Sr. Kingsland: – E essas correntes cessarão quando a Terra morrer?

Sr.^a Blavatsky: – Não cessarão, porém, a Terra não será capaz de as receber, porque não existirá nada que as receba. Elas nunca cessam, estão sempre em movimento, mas a Terra nada mais poderá receber. É igual a um furacão que atinge Lansdowne Road¹⁵², e se ali houver um gato morto será arrastado. Mas atingindo-o quando já está morto, em nada o pode afectar.

Sr. Mead: – E a Lua é insensível a essas forças?

Sr.^a Blavatsky: – Não, e acabo de vos explicar por que se move a Lua.

Sr. B. Keightley: – A Lua é insensível a essas forças, às correntes magnéticas, no entanto a Lua é arrastada, é levada a uma espécie de vida vampiresca através da absorção da Terra.

Sr. Mead: – Não recebe o que tem de movimento por influência da Terra.

Sr.^a Blavatsky: – Não está totalmente morta. Está paralisada. Não tem os seus princípios. Foram-se.

Sr. B. Keightley: – Está morta, mas ainda não corrompida.

Sr.^a Blavatsky: – Portanto, há movimento, mas não das suas partículas. Algumas vezes o movimento é tão grande num corpo morto que o encontram virado, e então alguém dirá: “O homem não estava morto”. Mas não é nada mais que o trabalho das forças de desintegração.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 2, página 171, último parágrafo: quais são as sete classes de Mónadas mencionadas aqui? São simplesmente a Mineral, Vegetal, Animal, etc.? Pode se lhes dar nomes diferentes ao referir-nos à ordem da sua aparição numa Cadeia de Globos?

Sr.^a Blavatsky: – As sete classes referidas aqui são as sete classes de Pitris Lunares ou Pais, os quais alcançaram a fase humana de desenvolvimento na Cadeia Lunar. Portanto, não são as Mónadas, ou

¹⁵² 17 Landsdowne Road, em Londres, foi a sede da Loja Blavatsky onde vivia H.P.B.

melhor, os elementais dos sete Reinos da Natureza, mas sim as subdivisões do que poderemos denominar Humanidade Lunar (os lunáticos lunares). Claro que quando eles chegam primeiro à Cadeia Terrestre estão muito próximos de uma condição indiferenciada, mas ao descenderem na Matéria diferenciam-se cada vez mais até finalmente formarem sete tipos ou classes distintas. Portanto, como poderemos dar-lhes nomes distintos quando os mesmos indicam os seus atributos, e estes estão numa perpétua mudança? Eles podem ser descritos pelos nomes das sete Sefiroths inferiores da Cábalá, ou pelos dos sete Amshapends de Zoroastro, mas isso vale somente para a sua primitiva diferenciação da homogeneidade. Cada vez que se transformam, descem mais abaixo ou mais acima na Hierarquia. Eles mudam de nomes.

Sr. Kingsland: – Estas Mónadas Humanas, Mónadas Lunares, devem passar pelo Reino Mineral, está correcto?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, pelo Globo A.

Sr. B. Keightley: – No Globo 2.

Sr. Kingsland: – Em toda a primeira Ronda?

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Mas já não passam ao Globo B, são só as últimas a chegar. Porém, há mais algumas Mónadas e são essas as que vêm. Quando chegam ao umbral da quarta Ronda no quarto Globo, que é o nosso, estão totalmente prontas. Depois disso, tendo desenvolvido as suas imagens astrais – e são essas imagens que se transformam em homens daí em diante – fundem-se nessa Humanidade, que são elas mesmas. Isto não significa que tenham criado a partir do nada, como Deus, mas simplesmente que desenvolveram as suas Chayas e evoluíram gradualmente a partir disso.

Sr. Kingsland: – Tomemos a primeira classe dos Pitris Lunares. Eles têm de atravessar a primeira Ronda da nossa Cadeia Planetária para um dos Reinos Elementais.

Sr. B. Keightley: – Não, atravessam os três Reinos Elementais – os Reinos Mineral, Vegetal, Animal – até à fase Humana, e simplesmente entram no Globo A. Depois repetem o mesmo processo no Globo B, no Globo C, no Globo D fazendo todo o circuito na primeira Ronda. A segunda classe de Mónadas chegada da Cadeia Lunar, está numa fase posterior e não alcança a fase Humana, detendo-se numa

fase antes dela na primeira Ronda. A terceira classe de Mónadas aparece numa fase ainda mais posterior, e assim sucessivamente. É assim que quando se toma a segunda Ronda a primeira classe já alcançou a fase Humana, enquanto as classes restantes têm uma ou mais fases para completar nessa Ronda ou nas Rondas seguintes.

Sr. Kingsland: – Isso é muito difícil de acompanhar.

Sr. B. Keightley: – Essa é a forma que parece ser mencionada aqui.

Sr. Mead: – Mas se todas essas sete classes de Pitris Lunares já haviam alcançado uma fase humana na Cadeia Lunar, por que elas – as sete classes – voltaram a alcançaram a fase humana [na Cadeia Terrestre], por assim dizer?

Sr.^a Blavatsky: – A fase humana na Lua foi muito inferior à da Terra, ademais cada vez que os princípios de um Plano formam outro Plano eles estão sempre numa escala superior.

Sr. Ingram: – Mas todos eles alcançaram essa fase, apesar de diferirem entre si segundo o mérito.

Sr.^a Blavatsky: – Não acreditam que os princípios arrojados da Lua tenham criado num dia toda a Cadeia? Certamente requereu milhões e milhões de anos fazer algo assim. Quando o Globo A da primeira Ronda ficou pronto, os Pitris Lunares do Globo A entraram nele. Entretanto, os outros permaneceram ali durante o tempo de se produzir o segundo Globo B. Depois os princípios começaram a ser emitidos do Globo B da Cadeia Lunar para a nossa Cadeia Terrestre, e logo se formou o segundo da Terra. Só quando finaliza o seu último Globo é que se pode dizer que toda a Cadeia Lunar chegou ao seu fim, que está morta como agora. Mas eles [os princípios] prosseguem até ao último momento.

Sr. B. Keightley: – Você disse em *A Doutrina Secreta* que só quando a primeira classe, ou classe superior das Mónadas, deixa o último Globo da Cadeia Lunar é que sucede o momento da morte do primeiro Globo.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é o que digo. Está tudo explicado ali.

Sr. Mead: – Sim, mas eu não entendo.

Sr.^a Blavatsky: – O que é que não entende?

Sr. Mead: – Ter a primeira classe da Cadeia Lunar transferido toda a Cadeia Planetária Lunar para um Centro Laya, não é assim?

Sr.^a Blavatsky: – Perdão? As Mónadas transferem-se quando o Globo está pronto.

Sr. B. Keightley: – As Mónadas não são os princípios do Globo.

Sr. Old: – É dito quanto tempo passou desde que a Lua deixou de dar Mónadas à Terra?

Sr.^a Blavatsky: – Não posso dizer. Você é um matemático, faça a conta. Não lhes posso dizer porque se pára aí sem dar os números. Eu falei sobre a cronologia hindu, e logo se foi procurar em vão fazendo deduções por contra-própria. Mas nunca o conseguirão. O Sr. Sinnett tentou várias vezes e esbarrou com uma Muralha da China. Se seguirem os cálculos brahmânicos, eles vos darão um Manvantara de quinze números. Certamente que os dá muito correctamente, e isto é dado no segundo volume. Tudo é dado: quanto tempo passou desde que o Universo se formou, quanto tempo faz desde que aconteceu tal coisa, quantos dias tem o Manvantara e o Pralaya, e quando é o Período do Manu. Passaram 18.000.000 de anos, isto é, 18.000.000 de anos desde a aparição do Homem verdadeiro, e não das Chayas. Ele começa, portanto, na quarta Ronda, ou melhor, na metade da quarta Raça. Isto é quando começam os seus 18.000.000 de anos, podendo-os contar assim. A nossa quinta Raça tem um milhão de anos. Tomem isto em consideração, por favor: há sete classes de Pralayas, e que o Pralaya não é só o que pensam, quando tudo se dissolve e desaparece. Há várias classes de Pralayas, e amenos que aprendam acerca de todos será muito fácil ao lerem o *Vishnu-Purana* tomarem um Pralaya por outro. Eles [os brahmanes] não se preocupam em qualificar os Pralayas, permitindo que qualquer um se perca. Esse foi sempre um jogo dos sacerdotes.

Sr. —: – Com respeito à primeira classe de Pitris Lunares, ao deixarem o sétimo Globo reencarnam imediatamente?

Sr. B. Keightley: – Não. Passam ao Nirvana.

Sr.^a Blavatsky: – E então chegam a tempo para a segunda Ronda. Porque entre cada Vida e Evolução há um Pralaya temporal entre elas, um obscurecimento. E tomem em consideração que depois de cada Ronda há o mesmo período, a mesma duração de obscureci-

mento como, por exemplo, para o Dia Manvantárico da Cadeia. Será o mesmo Pralaya, a Noite será tão longa como o Dia. Dêem-se conta de que não falo dos Dias Cósmicos, falo simplesmente do Dia da Cadeia.

Sr. B. Keightley: – Ou seja, entre o adormecer da última Cadeia Planetária e o redespertar, há tempo para o despertar de toda a Cadeia.

Sr.^a Blavatsky: – Se fosse um matemático, poderia descrever isso com muita facilidade. Por exemplo, se tomar um dado período de tempo aproximado guiado pela cronologia hindu, poderia fazê-lo. Eles dizem que 12.000 anos humanos e 12.000 anos divinos fazem uma grande diferença, e dão uma proporção da enormidade disso. Há anos divinos e anos humanos e anos manvantáricos e todo o tipo de anos. Mas se for um bom matemático não se perderá nisso.

Sr. –: – A primeira classe atravessa os diferentes Reinos até à fase Humana, e depois vem outra classe de forma que a primeira classe deixa o primeiro Globo A, aparecendo a sétima classe no primeiro Globo e continua.

Sr. B. Keightley: – Passando ao interplanetário.

Sr. –: – Seguem-no todos entre os dois planetas?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas agora vem a álgebra de que a duração dos longos dias e noites lunares estão em proporção com os curtos da Terra, e que, por exemplo, duram quatro Rondas e meia as sete. Isto é algo enorme, já que as sete tiveram tempo suficiente para ter os seus Pralayas, assim como das quatro Rondas não há uma só que [agora] possa vir. Cada um de nós é uma Mónada do respectivo tronco, mas não há uma só Mónada que tenha vindo desde então. Reparem, é somente a gente piedosa quem ensina que Deus alenta uma alma em cada bebé que nasce. Nós dizemos: são disparates!

Sr. Mead: – Temos dito que essas sete classes encarnaram. Quando a primeira classe deixa o Globo A, a sexta classe, ou melhor, a seguinte, a segunda classe que alcançou o sexto Reino, detém-se por falta de produção humana, por não alcançar o estado Humano até à segunda Ronda. Por conseguinte, deixa esse planeta e segue para o Pralaya do Reino Animal.

Sr.^a Blavatsky: – Parece-me, se a memória não me falha, que a

primeira classe de Pitris, aqueles que se convertem em Pitris Lunares, atravessaram todos os Reinos no Globo A e não passam por todos os Reinos no Globo B.

Sr. B. Keightley: – Está equivocada, não se lembra bem.

Sr. Mead: – Se é assim, e eles são os pioneiros em encarnar, sendo os primeiros nesse Reino vão directos ao Reino Humano?

Sr.^a Blavatsky: – Isto é o que devem ler. Eu simplesmente escrevi e tratei de vos dar, sem nenhum erro, aquilo que está em *A Doutrina Secreta*. Mas quando se chega a esses cálculos, passado um tempo já nem os quero lembrar.

Sr. Kingsland: – Há um ponto que está gerando um pouco de confusão. A primeira classe vem da Cadeia Lunar ao Globo A [da Terra] e é seguida pelas segunda, terceira, quarta e por diante. Agora, todas essas sete classes estão no Globo A antes da primeira classe ir ao Globo B?

Sr. B. Keightley: – O que diz aqui é isto, neste parágrafo que estamos passando (lê *A Doutrina Secreta*).

Sr. Kingsland: – A primeira classe esteve sempre presente em toda a Cadeia?

Sr.^a Blavatsky: – Não. Deve ser situada de maneira que aquele que queira conhecer o tempo e calculá-lo, tenha em consideração o período do Pralaya e do estado de Nirvana das classes lunares. Isto é o que devem fazer.

Sr. Kingsland: – A partir desse enunciado, vê-se que a classe um está deixando o Globo A justamente quando a classe sete está chegando ali. Portanto, as dois, três, quatro, cinco e seis estão todas no Globo A.

Sr. B. Keightley: – Porém verão que quando chega o Pralaya, segundo entendo, o desenvolvimento dos diferentes Reinos detém-se no ponto onde chegou até esse momento, e então tudo fica em redor da Cadeia.

Sr. Mead: – Gostaria de saber se a última Mónada está presente no momento do Pralaya.

Sr. B. Keightley: – Isso não é dito.

Sr. Kingsland: – Esse obscurecimento chega antes de todas as

classes terem passado ao Globo B?

Sr.^a Blavatsky: – Não. Há algumas que permanecem, as últimas, só por lá terem chegado, mas logo vêm, e deve haver um momento em que as sete chegam ao espaço de rotação ou formação do primeiro Globo da futura Humanidade. Até à quarta Ronda elas não são realmente humanas.

Sr. B. Keightley: – Isso é o que parece estar implicado aqui, de que o desenvolvimento das outras classes alcança um ponto onde começa o obscurecimento pelo qual não podem ir mais além. Nesse Globo soou a hora do obscurecimento e o desenvolvimento delas nele detém-se, assim como tudo. Então, têm de ir ao Globo B e repetir o processo, e assim em todas as Rondas da Cadeia.

Sr. Kingsland: – Deveríamos ter um quadro-negro com sete linhas e sete títulos, como se usa na escola.

Sr.^a Blavatsky: – E para que serviria? Seria uma perda de tempo e nada mais.

Sr. Kingsland: – A minha dificuldade é ver como a metade daqueles não chegam a tempo para alcançar a fase humana. É esta também a sua dificuldade, Mead?

Sr. Mead: – Não, eu entendo isso. A minha dificuldade é quando chegam esses Pralayas, esses obscurecimentos. O que acontece então?

Sr. B. Keightley: – Chega num momento e logo todas essas Mónadas que estão circulando têm de deixar esse planeta.

Sr. Mead: – Rapidamente?

Sr. B. Keightley: – Aparentemente, nesse momento.

Sr.^a Blavatsky: – Está tão bem cronometrado que todas entram no seu estado Nirvânico, no seu tempo de descanso, entre dois planetas. A Natureza não comete erros neste caso.

Sr. B. Keightley: – Os seus aparatos de medição do tempo não requerem limpeza.

Sr.^a Blavatsky: – Vocês saberão que nunca fui um Newton em matemáticas.

Sr. Mead: – Se essa primeira classe a classe atravessa todos os

Reinos até ao Humano, a segunda classe deverá ter sido estimulada com a primeira, de maneira que a sétima classe que chega terá estado se diferenciando sete vezes pelas seis classes que passou antes.

Sr. B. Keightley: – É assim que é capaz de as estimular por graus. É por isso que as sete classes alcançam a fase humana na quarta Cadeia.

Sr. Ingram: – Teremos sido Pitris Lunares?

Sr.^a Blavatsky: – Somos os Pitris Lunares.

Sr. Ingram: – Então estamos falando de nós mesmos quando falamos deles?

Sr.^a Blavatsky: – Somos “nós”, mas por favor não o recordem. Pensar que fomos anjos e nos transformámos nestas cabaças que não sabem nada em absoluto! Pensar que fomos ornamentados com formosas asas e penas, e agora onde estão? Cavalheiros, sois muito adictos às perguntas, mas realmente não deveríeis escrutinar os mistérios de Deus!

Sr. B. Keightley: – Pergunta 3, página 172: quais são os sete princípios dos Globos que são transferidos aos Globos da nova Cadeia?

Sr.^a Blavatsky: – Cada Globo tem sete princípios que são correlativos com os sete princípios do Homem, porém isto não deve ser entendido como se os sete princípios fossem representados pelas Mónadas que estão realizando a sua peregrinação cíclica através dos sete Reinos da Natureza. Por exemplo, o sétimo ou o princípio superior do planeta não é as Mónadas que alcançaram a fase humana de desenvolvimento, mas sim o planeta como um todo tendo os seus sete princípios, tal como qualquer outro corpo. Para deixar claro: a Terra tem o seu corpo físico ou material, o seu corpo astral, o seu princípio de vida, a sua natureza animal, os seus instintos, o Manas inferior, a sua Inteligência superior que transmite e compartilha com alguns animais, o seu Budhi, composto pelos gnomo ou elementais da terra, e o seu Atmã, representado por uma Inteligência denominada o Espírito da Terra, que alguns cabalistas têm identificado como Jehovah. Esta última crença era um dogma para os valentinianos e os ofitas, que diziam que o Deus dos judeus era simplesmente o Espírito da Terra. Encontrarão isto se lerem os valentinianos. Todos eles dizem que Deus é o

Espírito do último Plano terrestre que criou este, podendo ler as correções que se encontram ali, como esse *Bahak-Zivo*¹⁵³, *Fetahil* e por diante. Alguma vez leram isso? É o mais interessante que existe, mas infelizmente não está traduzido e só se pode obter em latim. É um dos mais antigos evangelhos, e um dos mais interessantes.

Sr. Mead: – Poderia ler isso de novo? Não a explicação dos princípios mas a última parte, a da Terra em diante.

Sr.^a Blavatsky: – (Lê novamente “A Terra tem o seu corpo”, etc., etc.).

Sr. Kingsland: – Então, o que nas discussões anteriores chamá-mos de Espíritos Planetários são simplesmente os Atmãs dos planetas.

Sr.^a Blavatsky: – Alguns deles, porque novamente estão divididos em sete, este que é o grande número misterioso deste Manvantara. Assim, e isto é seguro, é melhor não misturarem demasiado as coisas porque ficarão completamente confusos.

Sr. Kingsland: – Então devemos entender que as Mónadas, apesar de independentes desses sete princípios, são necessárias para a consumação da vida animal do planeta?

Sr.^a Blavatsky: – Exacto.

Sr. Kingsland: – Da vida animal individual do Globo ou do planeta?

Sr.^a Blavatsky: – Refere-se aos elementais que precedem os outros Reinos?

Sr. Kingsland: – Refiro-me às Mónadas na sua totalidade.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, elas são necessárias.

Sr. Mead: – Seria conveniente dar algum nome a esses três sub-Reinos?

Sr.^a Blavatsky: – Chamem-nos Smith ou Brown ou como quiserem, que não me vou preocupar com isso. Chamavam-me por um apodo quando era jovem, mas deixaram de chamar-me isso depois de ter mudado.

¹⁵³ *Bahak-Zivo*, “Pai dos Génios”. Termo gnóstico utilizado no *Codex Nazarenus* para designar o “fabricador das criaturas”.

Sr. Kingsland: – Poderia dizer-nos de que maneira os sete princípios humanos são necessários para a consumação destes sete princípios?

Sr.^a Blavatsky: – Porque estão vinculados. Porque cada um deles irradia algo que corresponde a algum outro princípio, em tudo, em qualquer ser. Se o vínculo for rompido, tudo chega a nada.

Sr. Kingsland: – Porém não são idênticos.

Sr. B. Keightley: – Segundo o que tenho entendido, o desenvolvimento da Terra, dos princípios da Terra, ajuda ao desenvolvimento da Humanidade desde a sua aparição num Globo.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo, porque os pecados da Humanidade afectam a Terra, e os gozos da Humanidade afectam a Terra. E vejam que quando a Humanidade está no seu pior momento não há cultivos nem nada que cresça, e a Terra torna-se totalmente estéril até ao desespero.

Sr. B. Keightley: – Deve haver uma conexão íntima entre o Homem e a Terra, ou em contrário não haveria nenhuma relação.

Sr.^a Blavatsky: – Os antigos foram sábios quando chamaram à Terra a Mãe do Homem.

Sr. Kingsland: – Qual é a diferença entre o Reino Mineral e essas Mónadas antes de terem chegado da outra Cadeia?

Sr. B. Keightley: – Maior perfeição.

Sr.^a Blavatsky: – Tudo cresce. Isso que agora vemos certamente não existia no começo da Ronda, e o que havia no começo da Ronda não existia e não estava totalmente diferenciado na terceira Ronda, e por adiante. À medida que avançamos e alcançamos o ponto [central] da quarta Ronda, então tudo fica ajustado. Há um ajuste completo da Matéria e do Espírito. Até esse ponto estávamos caindo na Matéria, mas a partir desse ponto, uma vez alcançado, é a Matéria que ascende ao Espírito.

Sr. –: – Será que ainda não chegou o pior momento da vida da Humanidade?

Sr.^a Blavatsky: – Fisicamente, não sei. Digo que ainda teremos dias piores que os que temos tido, porque temos pecado muito.

Sr. –: – Então ainda não alcançámos o ponto mais baixo?

Sr.^a Blavatsky: – Ainda não alcançámos o ponto mais baixo.

Sr. B. Keightley: – Quando maior for a responsabilidade, mais pesado será o pecado. Quando estávamos caindo na Matéria, quando a consciência espiritual estava totalmente obscurecida pela Matéria, não tínhamos nada da responsabilidade que temos agora. Mesmo não sendo da mesma forma, agora passámos esse ponto num grau considerável e estamos começando a ser mais espirituais. Mas com isso vem ao mesmo tempo a possibilidade de muito maior alcance do pecado ou rompimento da Lei, que terá muito maior alcance nos seus efeitos como algo mais sério.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é totalmente lógico e compreensível.

Sr. Ingram: – Mas não há, ao mesmo tempo, uma maior aceitação e obediência da Lei em contrário à desobediência? Não há a maior parte da Humanidade que obedece à Lei, cujo karma acumulado neutraliza o karma dos restantes?

Sr.^a Blavatsky: – Eu não sei. Não creio. Nada pode neutralizar o mau karma dos indivíduos. Colectivamente pode haver algum equilíbrio, mas temo que seja tudo do lado errado. A maldade predomina em tudo. Não é bom. Vão onde quiserem e não encontrarão nada que não seja feito ou não se faça por motivos egoístas só para benefício de um mesmo, nação ou indivíduo, tornando os outros perdedores. É terrível quando se vê o estado actual dos negócios, da vida e da civilização. Esta civilização é o cancro da Humanidade, será a ruína da Humanidade pela maneira como é conduzida. Eu não digo como deve ser a civilização. É o maior desenvolvimento do egoísmo que já se conheceu. Posso assegurar-vos que a quinta Raça se irá com um grande ruído de trompetas, que não serão mais que as trompetas do grito de guerra.

Sr. Ingram: – O egoísmo é maior agora do que foi na quarta Raça?

Sr.^a Blavatsky: – Mil vezes pior, porque agora estão descendo em espírito agarrando-se à matéria com o maior desespero. É por isto.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 4: todos estes princípios são transferidos de cada Globo da Cadeia Lunar à Cadeia da Terra, e os últimos devem completar os sete princípios de cada um dos sete Globos, antes das *Mónadas* emergirem do Nirvana ao qual passaram quando

deixaram a Cadeia Lunar? Ou será que na evolução da nova Cadeia, no respeitante à transmissão dos princípios e à evolução das Mónadas, procedem *pari passu*?

Sr.^a Blavatsky: – A pergunta é respondida em *A Doutrina Secreta*. Assim, por que perguntam? Claro que os princípios dos Globos da Cadeia Lunar, cada septenário, foram transferidos ao seu Globo correspondente na Cadeia Terrestre. E que os Globos da Cadeia Terrestre alcançaram a sua plena constituição septenária antes das primeiras Mónadas terem feito a sua aparição no Globo A. A partir desse momento, a evolução dos Globos e das Mónadas procede *pari passu*, não antes.

Sr. B. Keightley: – Ou seja, cada Globo no seu momento alcança a sua plena constituição antes que alguma Mónada faça a sua aparição nele.

Sr. Kingsland: – Porém, isso refere-se ao começo da evolução do Globo, e não à obtenção desses sete princípios que só acontece mais adiante.

Sr. B. Keightley: – A criança atinge a sua plena constituição septenária com a idade de sete anos, mas não se pode dizer que a evolução do Homem está completa.

Sr.^a Blavatsky: – Nunca se pode dizer que a evolução está completa. Completa-se somente um momento antes do Pralaya final. A Natureza está sempre evoluindo, sempre se transformando e indo cada vez mais acima. Quando a Natureza se detém é a morte, é o estancamento.

Sr. Kingsland: – Em que consiste a evolução do Globo, aparte a evolução das Mónadas?

Sr.^a Blavatsky: – Na sua própria evolução externa e em tudo.

Sr. B. Keightley: – Ela [a Terra] tem de se formar como um Globo. Claro que deve remodelar-se até certo ponto, até converter-se num septenário completo.

Sr.^a Blavatsky: – A Evolução deve avançar.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 5: “Natureza, o poder físico da Evolução”. O que é que representa a “Natureza”?

Sr.^a Blavatsky: – “A Natureza, o poder físico da Evolução”, refe-

re-se aqui a todas as forças que são inatas aos quatro princípios cósmicos inferiores, ou o Quaternário Cósmico. O Cosmos tem os seus sete princípios como nós os temos. Sobre isto, por exemplo, a minha mão em união com o meu cérebro traça sinais neste papel que transmite um significado inteligível (todavia não estou segura disso!), mas se o meu cérebro estiver paralisado, como se observa em certos casos de enfermidade, ainda assim a minha mão poderá, pela força do hábito, traçar sinais neste papel ou pretender escrevê-los, contudo esses sinais não transmitirão significado algum de qualquer espécie. Neste caso, só o quaternário inferior ou o poder físico da Evolução está activo. Suponho que isto responde suficientemente à sua pergunta. É o que a frase significa.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 6: que classe ou classes de inteligências estão incluídas aqui em baixo no termo “Natureza”?

Sr.^a Blavatsky: – As quatro classes ou princípios inferiores, como acabo de dizer. Não há necessidade de o repetir.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 7: “As Chayas dos Pitris Lunares”. O que é uma Chaya?

Sr.^a Blavatsky: – Não vos disse 29.000 vezes que *Chaya* é uma palavra sânscrita que significa “sombra” ou “imagem”, ou o que nós chamamos Corpo Astral¹⁵⁴? [*Sañjñā*], a esposa de *Surya*, o Sol, ao ficar cansada do amor ardente do seu esposo abandonou-o deixando-o com a sua serva *Chaya*, e foi para a selva indo se converter numa yogui. Isto diz a tradição. De uma outra forma, tal como narra o *Vishnu-Purana*, o Sol, enganado pela semelhança, pôde ter dois filhos do seu Corpo Astral, e como diz o *Vishnu-Purana* essa é a origem da *Chaya*, o Corpo Astral.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 8: o Planeta tem uma Individualidade tal como o Homem tem um Ego?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, tem. O seu Espírito Soberano ou Governador, tal como é chamado no *Pyramander*¹⁵⁵, é consciente de si mesmo. Alguma pergunta sobre isto?

Sr. Kingsland: – Isso foi parcialmente respondido antes.

¹⁵⁴ *A Doutrina Secreta*, II:174 proporciona o nome e a história.

¹⁵⁵ Ou *Poimandres*, título de um dos livros herméticos mencionado frequentemente em toda a colecção.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 9: Há alguma analogia entre a Mônada do Homem e a essência vital de um Planeta?

Sr.^a Blavatsky: – Você faz perguntas muito estranhas! Certamente que não. Há uma analogia – eu lhe chamaria uma total correspondência – entre a Mônada de um homem e o Espírito Soberano ou Governador. Mas a essência vital desse Planeta corresponde à essência vital do Homem, por conseguinte, ao *Kama-Rupa*. Isto porque *Prana* (ou a Vida) tem, estritamente falando, dois veículos, já que *Manas* é duplo: o *Linga-Sharira* ou o Corpo Astral, que é o veículo do princípio de Vida ou espírito de Vida, e o *Kama-Rupa*, que é o veículo da essência física ou material. Em outras palavras, os três princípios superiores ou o septenário de *Prana* residem no Corpo Astral, enquanto os quatro princípios inferiores têm o seu assento no *Kama-Rupa*. Hoje aprendeis algo novo, porque descobri, para minha grande surpresa, que o Sr. Bertram Keightley não sabia o que eu queria dizer: que o *Kama-Rupa* é o veículo da essência de Vida e que há uma diferença entre esse e *Prana*, que tem sete princípios. Portanto, como *Kama-Rupa* é dessa forma o veículo mais grosseiro, enquanto o *Prana* no Corpo Astral é o veículo do espírito ou princípio de Vida, porque está conectado com os princípios superiores da Tríade e não com o Quaternário¹⁵⁶.

Sr. Kingsland: – Certamente que essa é uma ideia nova.

Sr.^a Blavatsky: – Não sabia que era uma ideia nova.

Sr. B. Keightley: – Nunca ninguém a enunciou em nenhum trabalho teosófico.

Sr.^a Blavatsky: – Meus queridos senhores, digo a todos vós que “não é culpado” aquele que não vive na casa, mas aqueles que vivem na casa e que de manhã à noite falam, vivem e têm o seu ser no Ocultismo, devem sabê-lo. Eu absolvo a todos os que não vivem aqui, mas não ao Sr. Bertram Keightley porque ele deveria saber.

¹⁵⁶ Trata-se de uma questão de nomenclatura aparentemente “truncada” por H.P.B. como método iniciático de revelar nova ideia e obrigar a desenvolvê-la. O *Manas-Rupa* (Mental Inferior) age pelo *Kama-Rupa* (Corpo Astral) e este pelo *Linga-Sharira* (Corpo Etérico) que transmite vitalidade (*Prana*) ao *Sthula-Sharira* (Corpo Físico), dinamizando-o, dispondo-o à actividade motora por meios dos órgãos biológicos. Portanto, o Prana Solar, Cósmico, transforma-se em Prana Planetário ao penetrar o Corpo Mental indo assim tornar-se Prana Humano nos Corpos Astral e Vital (VMA).

Sr. Kingsland: – Não foi posta em nenhuma obra publicada até agora.

Sr.^a Blavatsky: – Meu querido senhor, foi dita ao Sr. Sinnett antes de escrever o *Budhismo Esotérico* (não sei se a pôs aí, talvez como axioma), e foi posta, estou completamente segura, no *Theosophist*, de que não há nada na Natureza que não tenha os seus dois pólos e os seus sete princípios. Este é um dos axiomas fundamentais da Ciência Oculta e da Doutrina Esotérica, e toda a bênção tem os seus sete princípios e polaridades.

Sr. Kingsland: – Se se puder dividir cada princípio em sete, obtém-se 49, o que é confuso.

Sr. –: – E logo dividam cada um desses 49 em sete.

Sr. Mead: – Compreende-se que tudo pode dividir-se por sete, mas que o princípio *Prana* tenha dois veículos é diferente.

Sr.^a Blavatsky: – *Prana* no Homem tem dois veículos porque há uma vida espiritual e uma vida física material. Agora, isso que está no *Kama-Rupa* é o sub-princípio maior, por assim dizer, mas o que está no Corpo Astral é a vida espiritual pura. Se agora não entendem isto, como poderão entender os 49 Fogos do Ocultismo? Se não os entendem é porque simplesmente são uns tolos, e aquele que queira ser tolo deixe-se que ignore os 49 Fogos. É tudo o que lhes posso dizer. O Corpo Astral é a sombra ou imagem do Homem e está em comunicação directa com os princípios superiores, enquanto o *Kama-Rupa* é o animal. É o assento de todo o animal.

Sr. B. Keightley: – Se virem o diagrama dos planetas e dos princípios humanos que está umas páginas atrás, terão a explicação exacta dos dois veículos.

Sr.^a Blavatsky: – Não esperem que dê tudo, deve ficar algo para a intuição e a inteligência humana. Se tivesse escrito tudo, teria feito 25 volumes e não seriam suficientes. Tenho-vos dito aqui centenas de vezes para seguides a analogia.

Sr. B. Keightley: – Se virem a página 153 [do volume I de *A Doutrina Secreta*] têm-na. Esse diagrama dá a chave se o transpuserem, se o colocarem na ordem correcta.

Sr.^a Blavatsky: – Já adverti para não os numerarem. O número

um é esse princípio predominante no Homem. Agora, se tiverem o quarto princípio como predominante, então ele será o primeiro. Há os que querem que se lhes dê tudo directamente, mas nesses o cérebro não se move.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 10, página 192: “Os Santos Jovens recusaram multiplicar-se...”. Se esses “Filhos” podiam recusar habitar as Chayas-Rûpas, por que não puderam continuar recusando? E qual era a necessidade que finalmente os obrigou a encarnar em Rûpas menos puros?

Sr.^a Blavatsky: – Porque não eram ingleses independentes, mas simplesmente pobres Seres celestiais que não eram tão obstinados como a vossa nação. E o que os impedia era o Karma. Não posso dizer nem mais uma palavra. Não esqueçamos que há um limite para a liberdade de acção de cada ser diferenciado em todo o Universo. O Karma, a Lei de Ajuste absoluto, seja no Céu ou na Terra, diz às orgulhosas ondas: “Chegastes até aqui e não ireis mais longe”. Se disse isso às ondas, o disse aos Anjos e ao que quiserem. É o Karma, e não se pode ir contra o Karma. Isto é tudo. Podem recusar tudo o que quiserem, porém, terão de o cumprir. Em vez de corpos puros e sãos, eles tiveram de entrar em corpos corruptos.

Sr. Mead: – Então, o livre-arbítrio tem sempre limites?

Sr. –: – Será que esses Seres que recusaram encarnar sabiam estar fazendo algo mau?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que sim, mas era-lhes desagradável aprisionar-se nesses corpos e, mais uma vez, adiaram e adiaram. Se lerem *A Doutrina Secreta*, verão o que ocorreu.

Sr. –: – Como actua neles a Lei do Karma?

Sr.^a Blavatsky: – Actua como em todo aquele que está diferenciado debaixo do Sol, não o nosso Sol mas o Sol Espiritual.

Sr. B. Keightley: – Todas essas classes e Hierarquias de Seres Divinos são evoluções de Manvantaras anteriores, e têm uma infinita linha de Karma atrás delas.

Sr.^a Blavatsky: – Não aparecem criadas por algo nem fazem uma aparição simultânea com o Universo.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 11, página 193: você disse que os

cabalistas judeus argumentam que “nenhum Espírito poderá pertencer à Hierarquia Divina a menos que Ruach (Espírito) esteja unido com Nephesh (Alma Vivente)”. Ou seja, que “é necessário que cada Ego obtenha plena consciência de si mesmo como humano, isto é, como um ser consciente”.

Sr.^a Blavatsky: – Pertencem à Hierarquia Divina porque foram homens no Manvantara anterior. Agora, se isso aconteceu nesta Terra ou noutra, não sei; não obstante, eles foram homens ou seres humanos. Não sei se tinham duas pernas, dois braços e uma cabeça, mas eles foram Manus – Seres pensantes. Filhos da Hierarquia Divina, representando aos Criadores Divinos do próximo Manvantara, serão os homens desta Terra que tenham alcançado a perfeição superior. Cada um de nós, damas e cavalheiros, tem diante de si uma oportunidade. Se nos portarmos bem, cada um de nós pode transformar-se num desses cavalheiros, os chamados Kumaras, os Jovens. E, então, talvez esses também hesitem em habitar corpos desabridos e acabem aprisionados neles, pois terão de o fazer para expiar as suas contas não pagas de todas as suas existências passadas. Cada um de nós tem de actuar de acordo com a Lei, a Lei Kármica.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 12 (originalmente pergunta 14), página 194: “Bahak-Zivo... ignora o Orco”. O que simboliza “Orco”? Você disse em *A Doutrina Secreta* que são os “Anjos Rebeldes” que recusaram criar, que são os salvadores intelectuais da Humanidade, e prova que a queda por orgulho não passa de uma difamação teológica contra eles, que são os verdadeiros libertadores da nossa ignorância. Como acaba de dizer em resposta à pergunta 10, parece indicar este último ponto de vista. Por favor, explique.

Sr.^a Blavatsky: – É certo que num sentido eles caíram, porém, não por orgulho e somente por não quererem aprisionar-se, como disse, em formas finitas e limitadas. Mas isto é algo diferente do que dizem os teólogos. Eles afirmam que esses Anjos quiseram converter-se em deuses e destronar Deus, o que é absurdo. Nós dizemos que eram deuses que a Lei de Evolução obrigou a descender à Matéria, isto é, a Queda. Porém, invés de se submeterem silenciosamente à Lei e encarnar no tempo devido, adiaram até o Homem se ter brutalizado pela sua ignorância, indo corromper os corpos nos quais a Lei obrigou aqueles a encarnar. Os teólogos agora falam num Inferno

no qual foram arremessados, enquanto os ocultistas dizem que o Inferno significa simplesmente o corpo humano e que não há mais Inferno do que a Terra. O facto de Cristo e outros deuses solares – Hércules, etc. – descerem ao Inferno é uma alegoria que aponta justamente esse aprisionamento no corpo físico. Certamente são os nossos salvadores, porque sem eles simplesmente seríamos animais sem mente. Portanto, o que os teólogos dizem é uma completa mentira. Eles falam de Anjos que queriam ser deuses.

Sr. –: – Não há limitação ao Ciclo de Necessidade depois dos Egos terem alcançado o estado de Nirvana? Há a possibilidade de terem de atravessar Rondas sucessivas?

Sr.^a Blavatsky: – O Universo que eles habitarão será incomensuravelmente superior ao que habitaram, portanto, trata-se de dar mais um passo para a Perfeição, e sempre mais, mais e mais.

Sr. B. Keightley: – Uma pergunta que isso sugere: dando mais um passo em direcção à Perfeição, significa que a ideia traz consigo, analogamente a esses Universos, haver prazer e dor?

Sr.^a Blavatsky: – Como o Absoluto nunca me confiou (pelo que talvez devesse culpá-lo), não posso responder a uma pergunta como essa.

Sr. B. Keightley: – A pergunta é se o prazer e a dor estão realmente limitados ao nosso plano de consciência.

Sr.^a Blavatsky: – E eu perguntarei, por favor, o que é prazer e a dor? É uma entidade eterna ou são entidades eternas?

Sr. B. Keightley: – Fiz esta pergunta por isso. Nós sabemos, por exemplo, que existe a diferenciação.

Sr.^a Blavatsky: – Nós sabemos que há diferenciação? Nós *compreendemos* que há diferenciação e estamos muito orgulhosos disso, porém, ainda que haja uma diferenciação de uma classe ou outra em outro Manvantara, isso continua sendo um segredo. Inclusive entre o Absoluto e o Logos.

Sr. Kingsland: – É possível que em outro Manvantara tudo se organize entre nove ou seis em vez de setes?

Sr.^a Blavatsky: – Pode ser que no próximo Manvantara dois mais dois não sejam quatro e sim doze. Acontecerá algo que agora não esperamos.

Sr. –: – Será que esteve sempre evoluindo o número um?

Sr.^a Blavatsky: – O número um é algo difícil. Não produz nenhuma combinação, é a unidade. Devemos ter dois, pelo menos, mas o dois nunca dará uma cifra. O dois é um número menosprezado, desprezado pelos pitagóricos. Para eles eram duas linhas rectas, que começavam em nenhuma parte e não se sabia para onde iam. Tampouco nós nunca devemos tomar o dois.

Sr. –: – Então é o número mais baixo?

Sr.^a Blavatsky: – É o primeiro um a partir do qual podem fazer qualquer coisa. Não podem fazer nada do um ou do dois. O um é a unidade, pode ser sem fim, infinito.

Sr. –: – Tudo isso do ponto de vista do sete?

Sr. –: – A menos que seja um círculo.

Sr.^a Blavatsky: – Por favor, o círculo é “ele”, a raiz do número um e que não é um número.

Sr. B. Keightley: – Você fala bastante sobre vários sistemas gnósticos, e há um ou dois pontos que gostaria que fossem um pouco aclarados. Pergunta 13, página 194: se Fetahil, como logo enuncia, representa a hoste dos Pitris Lunares que criaram o Homem destituído de razão, e se ele é “um Espírito inactivo puro” de Bahak-Zivo, a que corresponde este?

Sr.^a Blavatsky: – O assunto dos nazarenos ainda não está claro, replete-se de metáforas especialmente dirigidas contra o Deus dos judeus e contra os seus oponentes. Portanto, está tudo tão misturado que ninguém sabe quem é qual. Algumas vezes ele é apresentado como um Espírito superior, e outras vezes como um inferior. Às vezes, Bahak-Zivo corresponde a Cristo, e outras vezes a outras coisas. Trouxe isso porque vieram pedir-me que o ensinasse, mas todos poderão ler o original desde que saibam latim. Citei-o aqui para demonstrar que em qualquer sistema, superior ou inferior, repete-se a *Doutrina Secreta*, e que há questões vazadas na Verdade. Mas não necessitam dar-se ao incômodo de fazer o que ensina o sistema nazareno.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 14, página 194: “Bahak-Zivo... ignora o Orco”. O que é que simboliza o “Orco”?

Sr.^a Blavatsky: – O Orco simboliza muitas coisas: Morte, Inferno,

significa o que os budistas chamariam Mara – muitas, muitas coisas. O Orco é um lugar de Obscuridade e Desolação, e como Bahak-Zivo não estava familiarizado com o Orco, ou seja, com o correspondente pólo de vida de contraste, não podia criar seres, porque não podia fazer um ser finito. Passa-se o mesmo com Shiva, que é mais necessário que o príncipe da Dinamarca para “Hamlet”.

Sr. B. Keightley: – Estas são todas as perguntas.

Sr. Old: – Estive tentando desenvolver essa ideia que se gerou em mim, que você chamou sabedoria. Um pensamento que me atraiu a atenção faz pouco tempo, tinha a ver com a relação da base numérica de um Manvantara ou a ordem de Criação. Trata-se do número sete como a base raiz deste Manvantara. Você fala do nosso Manvantara limitado ou do Maha-Manvantara?

Sr.^a Blavatsky: – De todos os Manvantaras de que falam os hindus. Talvez só sejam os do Sistema Solar.

Sr. Old: – Você fala disto em *A Doutrina Secreta* como o número raiz da Natureza.

Sr.^a Blavatsky: – Neste Manvantara.

Sr. Old: – Você disse que em outro Manvantara poderíamos ter o cinco.

Sr.^a Blavatsky: – Seguramente que sim, porque a Natureza muda completamente em suas manifestações e formas. Agora, por favor, perguntem à Medicina ou à Botânica e encontrarão em cada departamento o septenário. Inclusive as enfermidades podem ser septenárias: 7, 14, 21, e assim por diante. Há aqui um médico, ele vos dirá que tudo no sete. Tomem os flocos de neve, encontrarão neles o valor septenário. Encontrarão seis pequenos pontos e um sétimo ponto no meio. Tomem uma gota de água, salpica e transforma-se num pentágono e numa estrela de seis pontas. Vejam o que escreve Tyndall sobre isso. Uma vez tivemos uma discussão acerca disso. Não há nada que possa escapar ao sete. Tudo isto vai pelas semanas da Lua, semanas por septenas e tudo.

Sr. Old: – Desde já tudo isso está totalmente certo, mas o nosso campo de observação é tão limitado por estar preso a este Plano.

Sr.^a Blavatsky: – Então dilatam-no. Tentem ver com o vosso terceiro olho e não olhem só com os dois olhos. E tentem pensar com o

vosso cérebro espiritual.

Sr. Old: – Quero identificar-me com alguém ou alguma Mónada fora de todo o Sistema Solar.

Sr.^a Blavatsky: – Não podem deixar de se identificar, porque *isto* vos identificará se não o fizerdes. Cada um de nós já existiu antes e existirá depois, não nas nossas personalidades mas nos nossos Seres Superiores. Não podemos desfazer-nos deles, mas eles podem desfazer-se de nós. Toda e cada uma das nossas consciências o sentirão, estando completamente ligadas a ele. Não podem estar separadas.

Sr. Old: – Então o número de alterações em unidades simples será o sete. O 2 não se conta, o 1 é o Absoluto, o 2 é o nada, e têm o 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 como possibilidades, o que quer dizer que têm 7 possibilidades.

Sr.^a Blavatsky: – Porém 7 são as forças principais na Natureza. O 7 são os 7 Planetas, os 7 Planos de Consciência. É o Grande Mistério. Tomem a Cábala, vocês sabem como o Nome é escrito, inclusive o nome do Tetragramaton. Se o puserem em letras judaicas, terão o 3 e o 4. Destes, o 4 representa as 7 Sephiroths inferiores e o 3 as 3 Sephiroths superiores. Se acrescentarem Shekinah e Ain-Soph, terão o 9, não o 12, porque o 3 está à parte. Inclusive o ano está dividido, porque se divide naturalmente. Tudo se divide nisto.

Sr. Old: – Então, o termo *Natureza* aplica-se a todo o Sistema Solar ou ao Infinito?

Sr.^a Blavatsky: – Isto ocorre no Sistema Solar. Em todo o caso, não posso dizer nada fora disto, e não encontrareis Adeptos Superiores que possam dizer muito sobre o que haja além do Sistema Solar.

Sr. B. Keightley: – Acaba de dizer que o número 7 encontra-se no ano solar. Não vejo como possa ser isso, porque não se divide em 365.

Sr.^a Blavatsky: – Perguntem a Old, ele responderá.

Sr. Old: – Havia uma diferença. Era uma questão de 360 a diferença entre o 360 lunar e o 370 solar, ou seja, contando os dígitos ou os graus no Zodíaco, graus aparentes que eu chamaria de graus matemáticos. E a diferença entre esses dois era 365, que dá um círculo solar, aproximadamente.

Sr.^a Blavatsky: – Muito aproximadamente, porque não concorda com o ano tropical.

Sr. B. Keightley: – O verdadeiro ano solar é de 365 dias, um quarto e uma fracção menor que um quarto, mas não creio que isto se divida por 7.

Sr. Old: – Não, certamente que não. A menos que o façamos por minutos ou segundos, não sei como se poderia resolver.

Sr. B. Keightley: – Eu não vejo o 7.

Sr. Old: – Tratarei de o resolver.

Sr.^a Blavatsky: – Obterão sempre 7, porque há 7 Manvantaras, 7 no ano tropical, 7 no ano solar e nos ciclos. Bem, se enumerarem ou calcularem, verão que os ciclos chegam ao número 7. Os ciclos são septenários, isto é seguro.

Sr. –: – Precisamente agora, Senhora, estava falando da palavra *Natureza* e como se aplica só no Sistema Solar. Refere-se à Cadeia Planetária?

Sr.^a Blavatsky: – Não, a todo o Sistema.

Sr. –: – Então, certamente inclui os planetas invisíveis.

Sr. B. Keightley: – Certamente, creio que sim.

Sr. –: – Isto é divisível por 7.365 dias, 4 horas, 49 minutos, 49 segundos.

Sr. Old: – Os últimos cálculos são 365 dias e 5 horas, fazendo quase 6 horas. E se acrescentar-se um dia intercalado, ir-se-á mais além disso, assim como a cada 213 anos terá de se eliminar um dia.

Sr.^a Blavatsky: – Isso demonstra que se deve calcular como fazem os hindus, porque eles ao calcularem, às vezes eliminam algo e às vezes acrescentam algo. Eles fazem-no sempre por septenas. Vejam as suas antigas obras astronómicas, os edifícios em Benares e nas antigas cidades, todas estão trabalhadas com esse sistema. Tinha máquinas muito curiosas para os seus edifícios, instrumentos e tudo o resto. As principais constelações são septenárias – as Plêiades e a Ursa Maior, ambas são sete. Quando começo a pensar nesse bendito Sabbath e no sétimo dia ou o de descanso, que foi tomado corporalmente dos períodos, dos períodos manvantáricos, das sete raças,

etc., digo que não o compreendem. Esse é o dia de descanso, ou seja, do Pralaya. Vêm fazendo nesta bendita Inglaterra um Pralaya regular aos domingos, para que todos fiquem prontos para ir cortar as suas cabeças e morrerem. Desde já, os antigos judeus não tinham uma semana, não tinham nomes para os dias da semana, só tinham um que conheciam, o do sétimo dia, e nada mais. Eram calculados pela Lua, pelo calendário lunar.

Sr. Old: – Desde quando existem entre os judeus? Temos o ano 300 a. C., temos os sete dias da semana dados de acordo com os plane-tas. Deve supor-se ter havido um período anterior ao referido por si?

Sr.^a Blavatsky: – Eles nunca tiveram uma semana.

Sr. Old: – Os assírios tiveram-na?

Sr.^a Blavatsky: – Os caldeus tiveram-na. A semana dos atenien-ses tinha dez dias, a romana oito dias. Foram só os hindus os que tive-ram sete dias, e tinham um nome planetário para cada dia da semana, pelo que isso provém dos hindus. Eles [os judeus] começaram a cal-cular e tomaram os nomes dos Anjos Solares que pertencem aos cál-culos solares, forçaram estes e chegaram às semanas que pertencem ao calendário lunar, com isso gerando uma enorme confusão. É uma terrível confusão na Astronomia, misturaram as cores, os metais, mis-turaram tudo como vocês sabem.

A sessão terminou.

XVI

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
2 de Maio, 1889.
O Sr. Kingsland na Presidência.**

Sr. B. Keightley: – Você citou esta passagem: “E havia guerra no Céu”, etc. (lê *A Doutrina Secreta*). Pergunta 1: “Miguel e os seus Anjos lutaram contra o Dragão e os seus Anjos” (página 194). O que é exatamente o “Dragão”?

Sr.^a Blavatsky: – O “Dragão” é tanta coisa, meus queridos irmãos, que a minha resposta depende do que entendam dessa pergunta. Qual dos sete sentidos simbólicos querem que explique? Se a sua pergunta se refere ao *Apocalipse*, então não poderei responder porque teria de caminhar sobre terreno proibido, e não porque eu seja cristã, tampouco o *Apocalipse* de São João é uma obra cristã mas simplesmente a forma cristianizada da profecia, que é universal, e posso assegurar-vos que é uma das obras mais ocultas para que qualquer um a consiga entender. Agora, astronomicamente num sentido, já que há vários, o “Dragão” é a Lua que produz um eclipse sobre o Sol. Isto todos vós sabeis, e os astrólogos mais do que qualquer outro. Misticamente, em geral, é a matéria ou o ser inferior. Foi chamado o “Dragão” sobre o qual o Espírito do Sol, o Ser Superior, triunfou durante as provas de Iniciação. Agora o terceiro significado, também um significado oculto, está em *A Doutrina Secreta* em conexão com a “Queda” alegórica. O “Dragão” simboliza os Filhos da Sabedoria encarnados na Humanidade e, portanto, arrojados ao Inferno de matéria que são os nossos corpos, porque não há aqui um Inferno fora das nossas queridas pessoas. É na Humanidade e nesta Terra que está o Inferno, e em nenhuma outra parte. Quarto, a história da alegoria esotérica do Dragão representa a Sabedoria Secreta que foi obscurecida e atirada fora de campo pela letra morta do dogma no ritualismo. O quinto é o da teologia cristã ter-se apoderado de todas essas lendas pagãs para construir o dogma de “Satan”, o primeiro pilar do esquema religioso

cristão, porque se não houvesse demónios não haveria religião cristã. Retirem o Diabo, e o que é que fica? Então como poderia vir Cristo salvar, e salvar a quem? É assim que o Demónio é o grande sustento do Cristianismo, portanto, cada um dos que assim o sentem deve ter uma grande reverência pela Diabo. Este é o meu conselho para todos vós, mas não espero que alguém o aceite.

Sr. B. Keightley: – Logo mais adiante você compara a cosmogonia dos antigos gnósticos com a da Doutrina Secreta e fala dos “Sete Estelares”. Pergunta 2, página 195: os “Sete Estelares”, sendo o produto da Luz Astral e da matéria cega, devem ser maus, e então será que a influência dos sete planetas é má no que respeita ao Homem?

Sr.^a Blavatsky: – Não creio. Por que iria insultar os pobres planetas? O termo *planetas* aqui não se refere a nenhum dos sete planetas sagrados, significa simplesmente que são corpos planetários dentro do nosso Sistema. Se a expressão é errónea ou conduz a qualquer equívoco, na segunda edição só têm de fazer uma nota e mudá-la. Porém, é a isto que se refere: os sete Estelares maus são a progénie de Saturno e da Lua. Ou seja, a corrupção nas representações dos nazarenos é, num sentido, a matéria cega e frenética que devora sempre a sua progénie, nisto sendo idêntica a Saturno, enquanto que a progenitora, a mãe dos sete Estelares, para os nazarenos é a Lua, que ao mesmo tempo é a Luz Astral inferior. Alguns místicos asseveraram que esses sete Estelares estão representados por sete Luas, apesar de haver oito. Há uma antiga lenda copta que relata como a mãe, ou a Lua, depois da sua união e conexão com o seu filho, Saturno, para prevenir que ele devorasse os seus próprios filhos retirou-os para a Terra, onde se tornaram os sete filhos capitais. É a eles que se deve a construção de tudo aquilo que é material na Terra. Até a Astrologia ocidental conhece os maus efeitos da conexão de Saturno com a Lua. Agora, o Sr. Old nos dirá algo sobre isto. Em que sentido é mau?

Sr. Old: – Tem tantas interpretações e as influências são tão variadas que depende completamente das tendências radicais para tomar essa particular forma de maldade, como, por exemplo, as tendências corruptas ao nascer, que entendemos não serem mais do que o horóscopo kármico. Se a tendência for para males e enfermidades marciais ou inflamatórias e uma forma de mente arrebatada e precipitada, então é claro que não estarão no mesmo grau na influência de

Saturno. Mas se estiverem predispostos à melancolia e se resfriarem e sofrerem todos esses males sem ajuste e contracção, a frigidez, então estarão sob a influência de Saturno no momento dessa conexão e de acordo com a sua posição no seu próprio mapa kármico. Então sofrerão a correspondência. Vêm assim que depende completamente da distância angular com respeito ao espaço de nascimento, e logo também ao signo do Zodíaco a que se pertence.

Sr.^a Blavatsky: – Creio que na Astrologia há muitas coisas boas, só que de uma ou outra maneira não calculam como nós fazemos. Claro que chegam aos mesmos resultados, mas há uma diferença.

Sr. B. Keightley: – Em Astrologia, Saturno é considerado o mais maligno de todos os planetas.

Sr. Old: – Certamente. E ao mesmo tempo diz-se que a origem do seu nome é *Shabbathai*, o Fogo Puro. Assim também tem um aspecto reverso, pois se é a grande maldade também é o grande bem, neste sentido.

Sr.^a Blavatsky: – É igual ao *Shiva* hindu. Ele é o Destruidor porque é o Poder Regenerador, nisto uma semente não pode vir à vida sem primeiro perecer. Só destrói para regenerar.

Sr. Old: – Reparei particularmente nisso quando falou dos Dragões, ou seja, quanto ao oitavo signo do Zodíaco¹⁵⁷ que corresponde à oitava casa da morte, e vocês sabem que o oito é um número muito mau.

Sr. B. Keightley: – Bem, tudo é matéria, matéria, matéria.

Sr. Old: – E enquanto você diz isso, não duvido que também repararam ser o símbolo da Sabedoria Arcaica.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, os “Dragões” são emblemáticos. Os Iniciados são chamados Filhos de “Dragões”. Na China, o “Dragão” também é o símbolo do poder e da família imperial. Os “Dragões” são considerados Seres muito elevados. São uma alegoria.

Sr. Old: – Pode supor-se que a afirmação no Novo Testamento é uma afirmação gnóstica? (Cita o Novo Testamento)

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo.

¹⁵⁷ Escorpião.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 3, página 199: “A roda mais antiga rodou para baixo e para cima...”. A expressão “rodou para baixo e para cima” refere-se à exalação, que ocupa a primeira metade de qualquer Manvantara, e à inalação que tem lugar na sua segunda parte? Ou refere-se à direcção da rotação que ocorre nos Centros Layas onde se formaram as rodas?

Sr.^a Blavatsky: – Não se refere a nenhuma mas a ambas e a muito mais que não posso divulgar agora. Terão de esperar um pouco para isso, tenham um pouco de paciência.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 4. Você disse que o Homem deve despertar e activar os três “assentos”. Quer dizer que os três “assentos” não têm vida e actividade nos seus próprios Planos, ou seja, *per se*, ou simplesmente que a nossa consciência humana neste Plano deve ser despertada para perceber e reflectir a sua actividade?

Sr.^a Blavatsky: – Refere-se ao que se diz em *A Doutrina Secreta* muito claramente. Quaisquer que sejam os três “assentos” no Cosmos, os três “assentos” superiores correspondentes ao Homem – quer lhes chamemos princípios, estados ou assentos da consciência – têm de ser despertados antes de serem harmonizados com os três Planos Superiores do Cosmos. Uma vez que estejam harmonizados, o conhecimento revelará suficientemente quais são as suas fontes, e *fons et origo* com o conhecimento suficiente. Ademais, *A Doutrina Secreta* contém citações sobre isso, pelo que não respondo a assuntos já explicados nela. Se vocês que fazem as perguntas preferem não ler *A Doutrina Secreta*, então não a vou repetir como um papagaio, porque é totalmente inútil. Façam-me perguntas complicadas e estarei pronta ao vosso serviço, mas não para dizer coisas que estão muito melhor ditas em *A Doutrina Secreta*.

Sr. Old: – Repare, H.P.B., que eu meti um pouco a mão na formulação dessa pergunta. Até um certo ponto deixa-nos na obscuridade, porque apesar de talvez se encontrarem referências e se dar muita informação noutras partes, e sem dúvida estando limitados e confinados a uma reunião nocturna, não me deu a ideia de que houvesse alguma actividade *per se*.

Sr.^a Blavatsky: – Onde? Nos “assentos” humanos ou nos “assentos” cósmicos?

Sr. Old: – Nos humanos, porque você fala em os despertar.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, porque nenhum o está. Mas uma vez que sejam despertados devem ser harmonizados aos três assentos dos Planos Cósmicos, ou em contrário, posso assegurar-vos, não se produzirão bons resultados e a pessoa transformar-se-á num Frankenstein Júnior, o que é bastante horrível. Estes são os casos raros onde os poderes superiores foram despertados e aplicados para o mau uso na matéria, sendo intensamente poderosos a ponto de obrigarem um homem a cometer os piores vícios e a magia negra, com isso terminando no Avichi. Esses são os casos raros de que se fala no *Budhismo Esotérico*.

Sr. B. Keightley: – Isso é o que Sinnett chama “espíritos maus”.

Sr. Old: – A elevação da consciência espiritual precede ou vem depois do despertar? Ou é a causa do despertar?

Sr.^a Blavatsky: – A causa do despertar depende em boa medida do Manas Superior, pelo qual pode perceber o Universo e pode discernir o certo do errado, posto realmente o Homem portar consigo a faculdade de discernir tudo aquilo que universalmente é mau (não estou me referindo ao código de honra da Sr.^a Grundy). Então, ele pode harmonizar os seus assentos com os dos Planos Cósmicos Superiores e logo se unificar com a Natureza: converte-se num colaborador da Natureza, ajuda a Natureza e, portanto, a Natureza ajuda-o. Mas, senhores, desafortunadamente os três – excepto nas pessoas que levam uma vida muito elevada – certamente não estão despertados. Apesar de haver o Manas Superior, a Inteligência no cérebro físico do Homem, vemos muitos homens intelectuais que não são nada, apenas animais intelectuais superiores, não têm espiritualidade neles.

Sr. Old: – Então, não diria que são os homens, os indivíduos, que não despertam para a existência desses três princípios superiores, e não serem os princípios que não despertam?

Sr.^a Blavatsky: – Eu nunca disse que os assentos cósmicos deviam ser despertados. Talvez esteja mal colocado e seja um erro dos editores. Não entendo o valor da língua inglesa e tive seis ou sete editores que armaram bastante confusão com isto. Para mim está inteiramente bem escrito. Mas se tivesse escrito de forma que isto conduzisse ao erro, seria correcto fazer algum sinal ou marca e corrigi-lo na segunda edição.

Sr. B. Keightley: – Eu penso que até certo ponto está expressado, porque ela diz aqui: “Resta-lhe harmonizar os três estados superiores nele mesmo, mas antes de harmonizar esses estados deve despertar os ‘assentos’ para a vida e a actividade”¹⁵⁸.

Sr.^a Blavatsky: – De nenhuma maneira são os “assentos” no Cosmos. Seria igual a dizerem que um mosquito pode influenciar o Himalaia.

Sr. Old: – O que quer dizer é que as suas correspondências neste Plano devem ser despertadas.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo.

Sr. Kingsland: – Se em vez de “assentos” dissesse “sentidos” ou “princípios”, não haveria confusão. Penso que “assentos” é uma palavra incorrecta.

Sr.^a Blavatsky: – Por que não a põe na segunda ou terceira edição?

Sr. Kingsland: – Inclusive “sentidos” seria uma palavra melhor do que “assentos”.

Sr. B. Keightley: – São as palavras ocultas.

Sr.^a Blavatsky: – “Assentos” significa veículos.

Sr. B. Keightley: – Está posta entre-aspas.

Sr. Old: – Está correcto quando dizemos, quer o apercebamos ou não, que esses três princípios – Atmã, Budhi e Budhi-Manas – estão todos activos no seu próprio Plano.

Sr.^a Blavatsky: – Estão, mas não em relação ao Homem. Eles não influenciam, por assim dizer, o quaternário inferior que é o Homem personal. Certamente têm as suas actividades mas não o influenciam, e, portanto, o quaternário inferior continua sendo o animal, a personalidade que come e bebe, alimenta o egoísmo, quer ganhar dinheiro, mete-se nos assuntos políticos e por diante. Desejo-lhes alegria.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 5, página 200: no diagrama Hod e Netzach estão representados como repousando em dois Planos ao

¹⁵⁸ *A Doutrina Secreta*, I:199.

mesmo tempo, o que não é o caso dos “Globos” correspondentes no sistema oriental. Isto é intencional?

Sr.^a Blavatsky: – Não foi feito intencionalmente mas foi uma necessidade. Vivemos num espaço tridimensional e dispomos de um número limitado de figuras geométricas. Hod e Netzach não estão em dois Planos ao mesmo tempo, mas como uma esfera não pode ser representada numa linha recta diferente de estar aparentemente em dois Planos, como o poderia fazer? O diagrama não poderia ser feito de outra forma se queríamos manter a ordem cabalística ortodoxa. Tentei mas não consegui fazer diferente. Reparem que tomei as sete Sephiroths inferiores e não as dez. Ignorei as outras porque não as menciono aqui. Elas põem as dez em quatro Planos: o Plano Arquétípico, o Intelectual e assim sucessivamente. Eu não o podia fazer por se ter algo de sete, portanto, tinha de os testar. Além disso, lembrando que as letras das Sephiroths estão em quatro Planos preenchidos pelas dez Sephiroths da Cábala, como poderia organizar isso de outra forma onde só as sete Sephiroths inferiores foram utilizadas? A Cábala Caldaica e o *Livro dos Números* estão inteiramente de acordo com a ordem oriental, a qual difere da Cábala ortodoxa actual nos seus diagramas. Isto não é culpa de *A Doutrina Secreta*. Agora, reparem nisto: eu conheci um rabino que tinha o verdadeiro *Livro dos Números* – e há outro, só vi dois na minha vida e não creio que existam mais. Ele continha fragmentos da Cábala Caldaica. Quando tomei notas dele (eu tinha dois grandes livros) cheguei a compará-lo com a tradução de Rosenroth¹⁵⁹, tendo reparado que a alterara de forma maravilhosa. Como podem ter a Cábala de Rosenroth se a Cábala se perdeu totalmente no século XIII? Moisés de Léon¹⁶⁰, que foi acusado de a ter falsificado (o que é completa mentira), recolheu tudo o que pôde encontrar. O que é que ele fez? Como lhe faltavam muitos elementos e outras tantas coisas estavam perdidas, teve de ir junto dos cristãos orientais e dos gnósticos caldeus pedir-lhes ajuda, já que eles tinham a sua própria Cábala. E o resultado é que se encontra mais próxima da eternidade cristã – com a Virgem Maria, José, etc. – que da sabedoria dos

¹⁵⁹ Christian Knorr von Rosenroth (1631-1684), cabalista cristão conhecido pela sua tradução em latim de textos hebraicos, a *Kabbalah Desnuda*, três dos quais foram traduzidos para inglês por S. L. Mathers em 1887.

¹⁶⁰ Rabino espanhol e cabalista (1250-1305), tendo publicado o *Sepher-Ha-Zohar* que foi atribuído a Shimon bar Yohai, século II d. C.

antigos Iniciados. Este é o resultado. Na Cábala Caldaica, no *Livro dos Números*, têm a sabedoria dos Iniciados hebreus, mas não a encontram aqui. É nisto que tem tropeçado o Sr. Isaac Myer, diga o que disser, e também o Sr. Mathers, e eu digo que dizem mais disparates do que verdades. Existe algo como o que disse o Sr. Cobb¹⁶¹ de Isaac Myer¹⁶² que escreveu o livro intitulado *Qabbalah*?

Sr. Cobb: – Eu não sei.

Sr.^a Blavatsky: – Ele escreve com total certeza que a Cábala escrita ali é do século XI e foi escrita por Ben Yehudah¹⁶³. Pensaram que esse homem era um filósofo árabe. Pois bem, ele tem este assunto totalmente claro, muitos dos seus fragmentos são inteiramente cabalísticos, iguais aos dos cabalistas caldeus, e ademais se os compararem com outros não os encontram. Mas eu digo que é mais do que isso.

Sr. Mead: – Será por os caldeus gnósticos serem os caldeus desses últimos?

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Eles tiveram dogmas suficientes para transformar tudo numa confusão, e é por isso que agora encontram métodos onde, por meio dessa Gematria¹⁶⁴, podem fazer o que quiserem. Podem encontrar na Cábala até Washington e o Presidente dos Estados Unidos, podem encontrar tudo na Cábala.

Sr. Kingsland: – Há mais perguntas referentes a este diagrama?

Sr. B. Keightley: – Há uma pergunta relacionada à nota do diagrama: poderia definir mais claramente o termo “Consciência Cósmica”?

Sr.^a Blavatsky: – Essa é uma pergunta fácil. A “Consciência Cósmica” foi definida centenas de vezes em *A Doutrina Secreta* como a consciência colectiva ou agregada desses Dhyanis ou Dhyan-Choans, físicos e espirituais, chamados de Construtores do Universo aos quais os maçons chamam (fazendo uma unidade da pluralidade) o Arquitecto ou o G.A.D.U., donde provém a Consciência Cósmica.

¹⁶¹ John Storer Cobb (1842-1904), um dos fundadores da Sociedade Teosófica nos dias de Nova York.

¹⁶² Isaac Myer de Filadélfia (1836-1902), cujo livro *Qabballah*, de 1888, é citado por H.P.B. em *A Doutrina Secreta*.

¹⁶³ Solomon ibne Gabirol.

¹⁶⁴ Gematria, trata das relações entre as palavras e os valores numéricos. Já a Gemara é a parte do Talmude que trata da lei rabínica.

Sr. Kingsland: – Há uma pergunta que tenho aqui.

Sr. B. Keightley: – Página 199, último parágrafo. Você fala de “os sete Planos (que) correspondem aos sete estados de consciência (humana) no Homem”, e na nota (na página 200), a segunda nota do diagrama, diz que “os sete estados de consciência humana pertencem a um assunto completamente diferente”. Falando do diagrama, você diz: “têm-se os quatro Planos inferiores da Consciência Cósmica... os sete estados de consciência humana pertencem a outro assunto completamente diferente”. Estas duas citações parecem contradizer-se. Então, qual é a ligação entre os sete Planos, tal como são dados no diagrama, e os sete estados de consciência? E qual é o “outro assunto”?

Sr.^a Blavatsky: – Ah, mas querem que vos dê três volumes e eu não posso fazê-lo. Lembrem-se somente de uma coisa: os sete estados de consciência no Homem não só são estados de consciência como os entende Herbert Spencer, como também o sentimento, a consciência do Ego. Por exemplo, estou fumando um cigarro e estou dirigindo-me a si, e por diante. Há muitos estados de consciência. Estes estados de que estou falando pertencem a uma ordem, e outros a outra. Não quero dizer que não sejam o mesmo, mas que há uma graduação infinita em todos eles. Agora, pode comparar esses estados superiores de consciência metafísica com a consciência de ter agarrado um cigarro e fumá-lo?

Sr. Kingsland: – Qual é a ordem dos estados de consciência que refere com os sete Planos? Estão todos postos em analogia, e se lerem verão que tudo encaixa.

Sr. B. Keightley: – Não sei se isso é legítimo, mas chamou-me a atenção. Os sete estados de consciência humana são precisamente sete estado de consciência no Plano Terrestre.

Sr.^a Blavatsky: – Há uma consciência enquanto dormimos, durante o sono, e há uma consciência quando estamos acordados. Há uma consciência quando olhamos mecanicamente algo. Há uma consciência que fixa os objectos externos, e outra que se distrai deles. Há muitos graus de consciência, mas não se pode chamar consciência a tudo.

Sr. B. Keightley: – Chega-se a isto, aos sete Planos de Consciência Cósmica.

Sr.^a Blavatsky: – Há uma consciência de que estou positivamente na Índia com esta lâmpada, e eis-me aqui no Pólo Norte.

Sr. B. Keightley: – Penso que aí é onde está a distinção, de que os sete estados humanos são análogos aos sete estados cósmicos, apesar dos primeiros terem um alcance muito menor.

Sr. Kingsland: – O facto é que há sete estados de consciência em cada um dos sete Planos.

Sr.^a Blavatsky: – Lembrem-se do que disse a Cobb no outro dia. Ele começou a dar-nos as séries matemáticas que nunca terminam. Havia uma sétima pergunta que me estava enlouquecendo e que fora feita centenas de vezes. Eu disse que isso estava descrito muito claramente em *A Doutrina Secreta* e recusei-me a responder a perguntas já respondidas em textos anteriores e que estão em *A Doutrina Secreta*, mas que são perguntadas todas as quintas-feiras. Recusei-me a passar o tempo das noites de quintas-feiras em mais repetições.

Sr. B. Keightley: – Bem, pergunta 8, página 200: em Ocultismo, os dois termos “semente” e “átomo” são sinónimos?

Sr.^a Blavatsky: – Vá! Não é o mesmo?

Sr. B. Keightley: – Você dá aqui uma pista para a resposta que procuramos há tanto tempo: o verdadeiro significado da palavra *átomo*.

Sr.^a Blavatsky: – Sois as pessoas mais inquisitivas que jamais conheci. Se não estivésseis a coberto de nomes imencionáveis, cada um de vós seria uma Mãe Eva! Sois as pessoas mais inquisitivas que já vi em toda a minha vida, e as mais impertinentes. Não podem vir perguntar-me uma coisa após outra, uma terça-feira depois de segunda-feira, uma quarta-feira depois de terça-feira, e por diante. Vós que-reis saltar de segunda-feira para o sábado e do sábado para Halifax. Como já vos disse, não tenho paciência.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 9, página 201: poderia dar-nos uma ideia mais definida, isto é, uma analogia no Plano Físico, do que significa aqui “Desejo Cósmico” o qual “evolui para a Luz Absoluta”?

Sr.^a Blavatsky: – Agora há uma pergunta para uma modesta mulher jovem. A resposta encontra-se inclusive na Cosmogonia de Hesíodo. De que serve a alguém tratar de aprender Ocultismo e Filosofia

Esotérica Oriental se não conhece os clássicos extéricos? A resposta a isso está enunciada em *A Doutrina Secreta*. Agora vou examiná-los. Leu a Cosmogonia de Hesíodo, Old?

Sr. Old: – Não.

Sr.^a Blavatsky: – Tenha a bondade de ir ao Museu Britânico e lê-la. O Sr. Cobb já a leu. O que posso fazer se não a leram? Não obstante, tentarei explicá-la de novo em poucas palavras. Tomem Hesíodo e tentem compreender o que diz, e ainda melhor a Cosmogonia Fenícia. Ali encontrarão que o que Sanconíaton chama Força Pura é o Princípio da Criação. É idêntico à Vontade Criadora de Brahma, que vocês leram muitas vezes no *Vishnu-Purana*. Nas primitivas cosmogonias do mundo, o Caos não é aquilo em que logo se transforma, ou isso onde o Espírito de Deus faz mover as Águas. Não é o *Rudis indigestaque moles* de Ovídio, uma massa em seu estado inerte, confuso ou caótico. Caos era o espaço, de acordo com Aristóteles, o espaço abismal ou o vazio (*kenon*). E segundo Hesíodo, o Caos é absolutamente ilimitado, é a obscura Nuvem de vapores sem limites que dá nascimento ao Universo. Agora, se se lembrarem que o primeiro dos três elementos primordiais da primeira agitação da Diferenciação, Caos com Eros, estavam e estão em Hesíodo, elementos que nunca foram concebidos, já que coexistiam potencialmente em toda a eternidade, talvez entendam isto que eu digo, de que não é mais que a Vénus primordial para Eros isso em que ambos se transformaram em épocas posteriores. Eros simplesmente significa amor humano, e algo pior, mas também significa a coisa metafísica e divina mais solene. No início, Eros não era o astuto deus do amor e da paixão com asas e flechas para ferir os corações sentimentais. Não era tão tolo, nem tão homem, pois o que agora é o deus do amor humano era simplesmente uma ideia abstracta, uma imagem da Força Criadora Divina, essa Força Universal de Atracção que faz com que as partículas se congreguem, se combinem, se correlacionem e produzam uma tríade. Essa Força Criadora é o nosso *Fohat*, que não cria nem produz nada *per se* e por ele mesmo, mas sim em virtude da sua acção nos elementos, e que tal como os seus seres procura a unidade na polaridade, de cuja unissonância resulta a Vida. Lembrem-se que, na primeira Cosmogonia, a partir do Caos nascem Érebo e Nix, a Obscuridade Primordial já diferenciada, dividida em dois princípios, masculi-

no e feminino, dos quais emanaram os outros dois, Aether e Hemera, na luz das regiões superiores e na atmosfera inferior ou terrestre. A Luz nasceu da Obscuridade número dois, a Obscuridade no Plano Diferenciado, e a Obscuridade gera a Luz sob a influência do Amor Criador, que ali se denomina “Desejo Cósmico”. Ou novamente *Fohat*, o Princípio Criador Eléctrico que unifica tudo e que produz nos três a correlação.

Sr. B. Keightley: – O que acaba de dizer é muito bom e muito mais do que disse a respeito em toda *A Doutrina Secreta*.

Sr.^a Blavatsky: – Mas pensei que estava junto de mim quando o escrevi.

Sr. Mead: – Eros era o primogénito dos deuses.

Sr.^a Blavatsky: – Eros é o primogénito? Ele não é o primogénito, ele é coevo. Caos, Eros e Gaia são coevos, portanto, nenhum destes três elementos é imaginável, eles simplesmente coexistem na eternidade. Somente no momento da Diferenciação se manifestam a si mesmos, ou seja, a partir do subjectivo e do não-Ser ao Ser, e assim chegando cada um começa a reagir. Esta é a polaridade desta Força Eléctrica a que pertence o nosso sangue, vida e tudo. Numa palavra, é a Vida. Este é o Desejo Cósmico.

Sr. Mead: – Cupido é simplesmente o aspecto inferior.

Sr.^a Blavatsky: – Tomem a Cosmogonia de Hesíodo e vejam as enormes diferenças entre o que ele diz e as mitologias que depois se inventaram. Foi criada algumas centenas de anos antes da nossa Era, era algo muito sublime e destinava-se exclusivamente aos Mistérios. Mas agora fizeram dela não o sei o quê.

Sr. –: – Como se pode dizer que Gaia era coeva?

Sr.^a Blavatsky: – Agarrem Hesíodo pela barba e perguntem-lhe.

Sr. B. Keightley: – Quer dizer que estava no abstracto.

Sr.^a Blavatsky: – A potência feminina no Caos.

Sr. Mead: – A Terra que nunca ninguém viu.

Sr. Old: – Precisamente não tinha o termo “absoluto”, mas se o derem em conexão com isto esse “absoluto” parece ser o efeito do Desejo Cósmico. Mas agora a ideia de “absoluto” como a postulamos...

Sr.^a Blavatsky: – Por que usa o termo “absoluto”?

Sr. B. Keightley: – Porque leva para a Luz absoluta.

Sr.^a Blavatsky: – No Plano Manifestado. Se novamente o tomarmos metafisicamente, digo que os cristãos o transformaram numa Luz perfeita. Quando eu digo *Absoluto* assinalo-o e ao Sub-Raio. Mas quando ponho *absoluto*, simplesmente uso a expressão perfeita.

Sr. B. Keightley: – Luz absoluta do Plano Manifestado.

Sr. Old: – Mas Eros, ou Lúcifer, ou qualquer aspecto, são a Luz?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente são.

Sr. B. Keightley: – Então continua dizendo isto: “Agora a luz sem uma sombra será luz absoluta”, etc. (lê de *A Doutrina Secreta*). Pergunta 10. A ideia de “Fogo” é usualmente associada nos escritos místicos mais ao *Espírito* do que à *Matéria*. Poderia dizer-nos por que aqui a associa com esta?

Sr.^a Blavatsky: – Porque não sou uma escritora mística e tento fazer-vos compreender coisas um pouco menos nebulosas do que são. E vocês em vez de darem-me graças, criticam-me. O Universo físico, ou material e finito, é a sombra lançada sobre a tela de Maya pela Luz Eterna, ou o Fogo Universal. Simboliza em toda a nação a Deidade Criadora. A Matéria Primordial não é a nossa matéria densa, mas sim o seu Espírito, portanto, o Espírito do Fogo Criador, o Calor, o Desejo Cósmico. Como podem dissociar o Fogo da Matéria assim como o Espírito da Matéria? Isto é o que dizemos em Ocultismo. Se os escritos místicos tivessem menos poesia e imaginações fantásticas e um pouco mais de verdadeiros enunciados de factos, seriam menos nebulosos e os que os estudam seriam mais positivos do que são agora sobre as coisas reais. O Fogo é Espírito e o Fogo é Matéria, e se conseguir-se encontrar uma partícula de lodo de Londres sem as duas qualidades, Fogo e Espírito, então será melhor que a Humanidade aceite de imediato a ideia antropomórfica dos padres da Igreja e a letra morta da *Bíblia*, e não a sua filosofia. Não se pode dizer que os escritores místicos podiam escrever naqueles dias, quando por cada verdade dita imediatamente havia uma Inquisição, e outros tantos cardeais para os queimar e assar. Agora não são precisos escritos místicos, agora é o tempo de dizer as coisas às claras, porque já não há ninguém que os queime, excepto depois de mortos.

Sr. B. Keightley: – Neste pequeno extracto dos comentários, falando dos germens do mundo e por diante, você disse (lê *A Doutrina Secreta*). Pergunta 11. Se disse que “os (corpos) velhos atraem os novos enquanto outros os repelem”, quais são esses “outros” de que fala e por que devem ser os corpos *velhos* a atraí-los?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que por serem mais sábios e menos inexperientes que os outros. Disto posso dizer mais do que é dado em *A Doutrina Secreta*. Existe algo chamado atracção e repulsão enunciado no Ocultismo invés da lei da gravidade, o ensinamento científico que nós rejeitamos. Isto pertence à Física Oculta, mas até que chegue às noites de quintas-feiras já terá terminado o século XX. Eu dou tudo o que posso, não me peçam mais.

Sr. Old: – Então suponho que o Ocultismo reconhece uma atracção que não tem relação com o todo. Derruba a ideia ocidental aceite.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, tenho bem vivas na memória as 20, 30 ou talvez 100 conversas que tivemos com o Sr. Cobb, sentados ali. Quando apareceu aqui com o espaço de quatro dimensões – o que era ridículo, porque o espaço de quatro dimensões tomado simplesmente significa a queda da matéria através da matéria, a impenetrabilidade da matéria – tivemos muitas conversas, e ele sabe perfeitamente bem que em Ocultismo ninguém acredita nesse assunto da gravidade. Nós acreditamos na atracção e repulsão. Não é assim, Sr. Cobb?

Sr. Cobb: – Creio que é assim.

Sr.^a Blavatsky: – Lembra-se das conversas que tivemos em Nova Iorque? E você foi o primeiro a dizê-lo.

Sr. Cobb: – Estou seguro de que não sabia nada disto.

Sr.^a Blavatsky: – Você disse sempre que era a atracção e a repulsão.

Sr. Cobb: – Não sabia que tinha sido o primeiro.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, é o antigo axioma oculto.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 12, página 202. Neta página enuncia claramente que, inclusive nas fases superiores da Evolução Cósmica, surge uma “luta pela existência”. Pois bem, é nessa luta pela existência, considerada como uma lei universal, que os materialistas baseiam a sua justificação do egoísmo humano. Portanto, queríamos pergun-

tar: (a) Quando cessa esta “luta pela existência” (1) em referência ao Cosmos, e (2) em referência à Humanidade? (b) Como é que esta lei cósmica é suspensa pela do altruísmo no caso dos seres humanos?

Sr.^a Blavatsky: – A luta pela existência é encarniçada universalmente, tanto no espaço sideral como no terrestre. Esta é a primeira lei fundamental na Natureza, e os seus efeitos visíveis são o que a ciência materialista chama de correlação das forças físicas na matéria. Mas isso aplica-se só e unicamente à matéria diferenciada, não tem nada a ver com unidades individuais e inclusive pessoais, que devem ser, se não o são, guiadas pelas forças superiores da Tríade Superior e não pelos impulsos instintivos que actuam no Plano do Quaternário inferior. A luta pela existência começa com as moléculas físicas e termina com aqueles animais que são completamente irracionais. Portanto, não há justificação para o egoísmo humano, já que o Homem é um animal num plano superior de ser e consciência àquele onde está o Animal. O Homem é um animal superior a qualquer animal no plano de consciência, até o mais selvagem. Eu respondo com respeito ao Cosmos físico, e a luta terminará somente com a chegada do Pralaya. Com respeito aos seus seres vivos e conscientes, sem dúvida o egoísmo deixa de operar na fase humana onde a consciência e a razão fazem a sua aparição. É só no Homem que a Tríade Divina Superior pode estar completamente activa, porém, esta Tríade é uma Trindade na Unidade, e a Unidade ou homogeneidade caracteriza o Plano da sua acção. Nos quatro Planos inferiores do Cosmos, pelo contrário, é a lei da diversidade e heterogeneidade quem reina de forma suprema. Daí que os seres dotados de Tríade Superior estejam sob as suas leis e não sob a influência do Quaternário inferior, o qual só actua sobre esse tipo de seres, átomos ou coisas cuja racionalidade ainda está potencialmente subdesenvolvida. Por conseguinte, já que a Lei (verdadeira) do Ser é a Unidade, portanto, o Ser Superior em si, o ser humano individual só pode alcançar o seu perfeito e completo desenvolvimento actuando em perfeita unidade, ou seja, em harmonia com todos os outros homens. Agora (b). A luta pela existência que agora existe entre os homens somente prova que, primeiro, o Homem ainda não se libertou completamente da sua condição de animal selvagem, do seu *Manas* não estar totalmente desenvolvido nesta nossa quarta Ronda, e que somente o estará na quinta. E, em segundo lugar, que os grandes homens do conhecimento que proclamam o egoísmo co-

mo a grande lei da vida humana, não obstante o seu saber e intelecto, não estão num Plano mais elevado. Em outras palavras, esses cultos cavalheiros são ainda animais. Aqueles que lhes quiserem ir dizer, que o façam. Que lhes poderão dizer? Tomarão a defesa dos homens letrados dos A.S.R.¹⁶⁵ e por diante?

Sr. Kingsland: – Tenho uma pergunta que está relacionada com isto, se puder lê-la.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, por favor.

Sr. Kingsland: – Pode haver o caso de nenhum Ser Humano, um Adepto ou Iniciado, puder progredir durante a presente Ronda mais do que o terá feito a Humanidade ao fechar a sétima Raça, ou pode progredir tão longe como ela estará ao fechar a sétima Ronda? Há algum limite além do qual não possa não possa progredir como indivíduo e tenha de esperar o desenvolvimento da Humanidade como um todo?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente a sétima Ronda. Não podem, os maiores Adeptos não o podem fazer. É demasiado ostensivo quando pronuncio a palavra Adeptos no plural. Eu só ouvi de um ou dois que alguém no início de uma época pode progredir e alcançar esse estado em que estará o Homem na sétima Ronda, mas mais além disso não o pode fazer. Ninguém pode ir além do seu Manvantara, nem sequer os elevados Adeptos.

Sr. Kingsland: – Então, essa é realmente a base de todos os que ajudam a Humanidade? É realmente ajudarem-se a si mesmos?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. É o mais lógico e simples do mundo. As pessoas não entendem que prejudicando os seus vizinhos prejudicam a si mesmas. E se não for agora será noutra encarnação. Claro que se não acreditam nisto dirão outra coisa. Mas se acreditam nisto, então saberão que magoando este dedo todo o corpo o sentirá. Podem negligenciar mas poderá repetir-se daqui a cinco anos, porque nem o mínimo fica sem efeito. O nosso Universo é uma concatenação de causas e efeitos. Não há nada que possamos fazer aos nossos irmãos ou aos vizinhos – e às restantes pessoas – que não venhamos a sofrer por isso, e também toda a Humanidade. É igual a perturbarem um lago enorme: se o tocarem num dado lugar, cada gota de água do

¹⁶⁵ Associados da Sociedade Real para o avanço da Ciência, formada em Inglaterra em 1662.

lago sentirá e haverá uma reacção. Eu digo que este egoísmo de raças, de indivíduos, de diversidade de religiões, de tudo, é a grande maldição não só do século XIX, pois durará até que mudemos ou nos façamos um pouco melhores do que somos. Mas nada pode comparar-se com esta Humanidade. Nenhuma imaginação pode criar demónios nos infernos tão maus e perversos como a Humanidade no seu conjunto. Cada raça odeia a outra. Vem uma raça e cospe na outra, enquanto outra diz: “eu sou a única”. O Homem, invés de a cada dia fazer-se melhor espiritualmente, torna-se pior, pior e pior. Este egoísmo – “tudo para mim” – é o que mais fere, comprovado logicamente tal qual $2 \text{ mais } 2 \text{ são } 4$, já que não o consegue evitar. Quando vêm falar-me de uma luta, digo, quando os materialistas vêm dizer: “A luta pela existência é a grande lei, portanto, vão e anexem um país, como os russos foram e anexaram lugares”, vocês começam a carregar as vossas pistolas e a dispará-las sobre essa gente desafortunada, como eles fizeram no último ano na Birmânia, onde dispararam sobre 200 pessoas. Este é o amor fraterno, e chamam-se a si mesmos cristãos. Céus! Mas são diabos, todos eles! Não são seres humanos todos aqueles que vão fazer guerras, matar pessoas e odiar a todos.

Sr. Old: – Porém, aparte qualquer esforço que possamos fazer individualmente ou como raça, não há uma lei no universo humano que prescreva o nosso agir para certo avanço? Não há uma lei que limite o nosso avanço durante certa época?

Sr.^a Blavatsky: – Há certos limites, não se pode ir além deles. Ninguém espera que todos se convertam de imediato em deuses oniscientes, ou em anjos ou nos homens mais bondosos, mas há limites, e quanto mais progride a civilização mais mau e egoísta o Homem se torna, com os pobres sofrendo devido aos ricos. A miséria e o sofrimento nunca foram tão grandes nesta Terra como o são no século XIX, que é a época maldita de todas as épocas.

Sr. Hall: – Suponho que haverá uma reacção.

Sr.^a Blavatsky: – E a reacção será terrível. Olhem os socialistas. São os mais elevados de mente nobre, e apesar dos seus esforços é o anarquismo que se gera. Quando chegar o momento das pessoas que morrem de fome por toda a parte, posso assegurar que não haverá lei capaz de impedir o seu movimento.

Sr. Hall: – Acredita que alguma vez chegará?

Sr.^a Blavatsky: – Você tem muita fé nos seus 10.000 polícias. Afortunadamente o momento ainda não chegou. Se continuam a agir como vêm fazendo, será algo terrível. Não me refiro só à Inglaterra. Mostrem-me o país onde não haja gente morrendo de fome. Com cada nova invenção que aparece há alguns que se tornam milionários, e em proporção há tantos milhares que morrem de fome. Parece ser esta a lei.

Sr. Hall: – Não penso que a reacção seja tão severa. Deve ser obtida por meio da legislação.

Sr.^a Blavatsky: – Convido-os a ler o meu editorial na revista *Lúcifer*¹⁶⁶. Pus nele todo o meu coração, mas asseguro-vos que não recebi cumprimentos. Podem-me insultar os que quiserem. Para mim e para todo o Teósofo não deve haver nenhuma distinção entre raças, cores, credos, ideias e nem em nada.

Uma Senhora: – Não deveria haver.

Sr.^a Blavatsky: – Porém há, desafortunadamente. Vejam os anglo-indianos¹⁶⁷, vejam o supremo desprezo que mostram pelos hindus que são intelectual e espiritualmente mil vezes mais elevados do que nós somos. “Raça inferior”. Inferior a quê? Os ingleses ainda não estavam no seu estado de moléculas no espaço e já a Índia era antiga com a sua Sabedoria, e agora vêm dizer que os hindus são uma raça inferior! É este o orgulho falado na *Bíblia*, e verdadeiramente acredito que todos vocês ingleses foram os anjos caídos. Todos vocês são diabos pela vossa maldade.

Sr. Kingsland: – Não é possível que as diferentes raças encarnem em outra raça? Não podemos ter sido hindus em encarnações anteriores?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, ou não seriam o que são. Certamente que sim, todos vocês que sois tão orgulhosos. Sempre que vejo Sinnett digo-lhe que seguramente será um pária na Índia pelos seus pecados, e ele não gosta de ouvir isto.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 13, página 204: o Núcleo da Matéria

¹⁶⁶ *O nosso Século e o seguinte* (Our Century and the next), *Lúcifer*, Maio de 1886.

¹⁶⁷ Nos dias de H.P.B. o termo referia-se aos britânicos domiciliados na Índia, e também chegou a expressar aos britânicos nascido na Índia com herança hindu.

Cósmica depois da geração toma cursos elípticos e parabólicos. Os primeiros, devido às suas velocidades inferiores, geralmente são absorvidos pelos Sóis, [] os últimos escapam à absorção pela sua maior velocidade. Pode dar-nos alguma explicação sobre esta diferença original de velocidade da qual depende toda a futura evolução do “Núcleo”?

Sr.^a Blavatsky: – A velocidade com que um Núcleo começa a sua carreira sidereal depende em primeiro lugar da “hora” do seu nascimento. Por “hora” refiro-me à fase ou período do Ciclo de Vida Universal em que começou a sua peregrinação de vida. Dessas fases há sete, que os brahmanes referem como as sete Criações numeradas como seis no *Génesis*, mas devendo ser classificadas de sete dias da Criação. Se agora me perguntarem por que os sete e não os seis, respondo porque os sete dias descritos no *Génesis*, com o dia de descanso, representam as sete fases da Criação. Nesse último período não se trata de um descanso ou inactividade total, mas simplesmente de quando tudo já foi harmonizado e se alcançou o equilíbrio, tendo o impulso evolutivo relaxado numa taxa uniforme de movimento com tudo assumindo um curso ordenado, uniforme e regular, como nos mostra a sucessão regular dos anos, estações do ano, meses, semanas, dias. Todas essas forças caóticas que estiveram lutando pela vida no seu impulso, desceram e se fixaram, acontecendo o primeiro dia de descanso quando tudo se fixa de forma ordenada. Isto é o que quero dizer. Agora, o sétimo dia, tomado de forma oculta, refere-se aos sete Manvantaras, ou seja, ao Dia em que tudo evoluiu neste Ciclo de Vida, com tudo chegando a um ponto onde todos serão tão bons como os outros, onde não mais haverá calúnias nem ódios entre semelhantes, quando então seremos gente decente. O Pralaya é o sétimo Dia. O Pralaya é geralmente chamado a Noite do Dia da sétima Ronda, e durará tanto como ele. Se forem ler os antigos livros rabínicos e todas essas coisas da Babilónia, encontrarão perfeitamente bem esta ideia. Por que os saduceus não acreditavam ao contrário dos fariseus? Porque eram doutos ocultistas e cabalistas, e apesar de observarem o Sabbath entendiam ser o seu significado totalmente filosófico. Se consultarem esses tratados babilónicos encontrarão o que significa o sétimo dia e por que significa, que é dizer, como sendo algo perfeitamente astronómico, e que é justamente o que os brahmanes denominam de sétima Criação, já que são sete dias e nada mais.

Sr. Kingsland: – O Génesis diz que a noite e a manhã eram o sétimo dia.

Sr.^a Blavatsky: – Também é o crepúsculo do Manvantara e o Pralaya.

Sr. Kingsland: – É igual a nós contarmos o dia como o dia e a noite.

Sr. B. Keightley: – Possuem algo mais?

Sr.^a Blavatsky: – O impulso criador fixou-se quase como uma vida familiar por um tempo. Consequentemente, a velocidade inicial dos Núcleos depende do lugar que ocupam na série de gerações descendentes da Mãe ou Matéria Primordial. A Mãe e a Matéria são o mesmo, e agora alguns discípulos anónimos que sabem o que quero dizer, podem explicar isto na continuação. Há um (apontando a Bertram Keightley) que aprendeu o suficiente para ter esquecido metade, mas gostaria de saber se esqueceu a outra metade.

Sr. B. Keightley: – Significa isto: se tomar-se o próprio começo do Manvantara, tem-se a descida da Matéria Primordial ao primeiro Núcleo Cósmico animado. Depois disto, eles passam pelo seu Manvantara, transformam-se primeiro em cometas, depois em sóis e posteriormente em planetas; logo morrem e os seus princípios são transferidos a um novo Centro Laya, que são como filhos da primeira geração. Logo atravessam as suas séries de evoluções e renascem novamente como seus netos, e assim através de inumeráveis gerações.

Sr.^a Blavatsky: – É melhor que também fale sobre a sogra!

Sr. B. Keightley: – Em cada uma dessas fases o impulso, por assim dizer, diminui gradualmente até certo ponto, de modo que diminui a velocidade com que o Centro Laya ou Núcleo Cósmico começou.

Sr. Mead: – O que é enigmático para mim são as órbitas elípticas e parabólicas.

Sr. B. Keightley: – Muitos cometas têm órbitas elípticas. Trata-se simplesmente de uma questão de velocidade, tal se enuncia aqui. É inteiramente uma questão de velocidade com a qual começa um Núcleo. Há cometas que têm ao mesmo tempo órbitas elípticas e parabólicas.

Sr.^a Blavatsky: – No começo há sempre o impulso, e segue mais rápido.

Sr. B. Keightley: – Há vários cometas cujo período de retorno é muito conhecido. O seu regresso é esperado e procurado a cada período. Têm órbitas elípticas muito largas de enorme concentracidade. Outros cometas chegam em órbitas parabólicas e não teremos o prazer de os ver novamente, indo de vez. Vejam qualquer mapa solar.

Sr.^a Blavatsky: – Tomara que entendessem por que o impulso é muito maior no início e depois diminui, por isto é que se fixa de forma respeitável, de acordo com as leis, passando periodicamente por estações, anos, etc., o que não acontecia antes. Portanto, enfraquece. Mas o movimento está sempre presente.

Sr. B. Keightley: – “As moradas de Fohat são muitas”, diz-se, etc. (lê de *A Doutrina Secreta*, I, p. 204). Pergunta 14. “Os antigos fizeram sete círculos polares em vez de dois”. Devemos assinalar quatro deles no Pólo Norte e três no Pólo Sul, ou contam-se as sete Lokas desde o Equador, Norte e Sul?

Sr.^a Blavatsky: – Se eu fosse vocês, iria pedir para ser uma crítica do *Saturday Review* ¹⁶⁸, porque sois muito excêntricos. Agora digo que isso não é culpa minha, mas tal como diz o provérbio, “sete cozinheiros estragam a sopa”, eu tive sete editores. Eu escrevi e escrevi e eles tomaram e corrigiram, porque se não fosse isso não haveria erros. O resultado é que deixaram passar esse disparate e corrigiram coisas que estavam bem escritas, somente “para melhorar o inglês”, tornando-o um disparate. E esse é um dos disparates, porque não devia ler-se dessa forma. A frase deveria ser: “Os antigos contavam sete círculos em cada Pólo” no lugar de um em cada um, em vez de dois, ou ter dito: “em cada Pólo há um”, porém os brahmanes contaram sete em cada um.

Sr. Kingsland: – Contando desde o Equador?

Sr.^a Blavatsky: – Os sete círculos que são os sete escalões de Meru são os sete inferiores, são os sete Infernos, tal como eles os denominam.

Sr. Mead: – Os sete prateados para baixo, e os sete dourados para cima.

¹⁶⁸ *A Saturday Review of Politics, Literature, Science and Art*, foi um jornal semanal criado por A. J. B. Beresford em 1855 e que se publicou em Londres até 1938.

Sr. B. Keightley: – Eles dividem os vinte e oito graus do Pólo até ao Círculo Ártico em sete classes, cada uma com quatro graus à parte, o que não é todo o espaço do Equador ao Pólo. Do 0º a 28º de latitude, esse espaço é dividido em sete círculos separados, cada um, quatro graus.

Sr. Kingsland: – Eu entendi o que H.P.B. disse do Equador.

Sr.^a Blavatsky: – Os sete no Norte e os sete no Sul, não no Equador mas nos Pólos.

Sr. B. Keightley: – Digo-lhe donde deriva a expressão. Ela provém das especulações de um homem chamado Mackey¹⁶⁹. Onde ela fala de Mackey é noutra parte de *A Doutrina Secreta*.

Sr.^a Blavatsky: – Está escrita de tal forma que leva completamente a outra coisa. A Ciência Moderna dá um círculo ao Pólo, e os brahmanes deram sete ao Pólo Norte acima e sete ao Pólo Sul abaixo. O Pólo Sul representa os sete Arakas em Patala, porém, a sua ideia de Inferno não é a nossa. Esse é um lugar de regozijo. Quando Nâgârjuna foi ao Inferno disse que nunca havia tido um momento mais prazenteiro, maior do que alguém vendo a Exibição de Paris¹⁷⁰, tendo aprendido a sua Sabedoria, a sua Astronomia de Sesha, a Serpente da Eternidade em que dorme Vishnu, e esta Serpente foi-lhe muito hospitaleira e ensinou-lhe Astronomia magnificamente. Ali é onde devem ir aprender.

Sr. Old: – Queria saber algo sobre a divisão do Globo pelos hindus: eles contam cinco dos nossos graus por um deles, fazendo 72 graus em vez de 360? Contam a partir do Equador de acordo com os nossos graus?

Sr. B. Keightley: – Sim. Sabem que o actual Círculo Ártico tem 28 graus. Este espaço é dividido em espaços de quatro graus cada um, isto de acordo com Arnold Mackey.

¹⁶⁹ Sampson Arnauld Mackey (1765-1843), foi um sapateiro de Norwich com uma paixão pela astronomia e a mitologia que auto-publicou os resultados dos seus estudos nos seus vários livros e panfletos. A obra a que se refere H.P.B. em *A Doutrina Secreta*, é a sua *The Mythological Astronomy of the Ancients Demonstrated*, 1822-1824.

¹⁷⁰ A Exposição Universal de 1889 foi realizada em Paris, França, de 6 de Maio a 31 de Outubro de 1889. A Torre Eiffel serviu de arco de entrada na Feira.

Sr.^a Blavatsky: – Mas aí Mackey está totalmente equivocado. Só tem razão nos sete. Porém esses quatorze são uma tolice, porque toma quatorze Manus e estes Manus não têm nada a ver com isso. São os sete patamares de Meru.

Sr. B. Keightley: – Mead tem na sua cabeça a ideia que são contados desde o Equador. São contados desde o Pólo.

Sr.^a Blavatsky: – É a Terra da Bem-Aventura, e depois disso, quando a Ásia ficou completamente formada, desapareceram as últimas sub-raças da terceira Raça, ou a daqueles que se separaram em machos e fêmeas.

Sr. Kingsland: – Nesse momento era o Pólo Norte.

Sr.^a Blavatsky: – Era simplesmente o Meru, a Terra da Bem-Aventura, a Terra dos Deuses, e encontram referências a isto em Hesíodo, onde se diz que Apolo foi para Luz Eterna por um Dia Eterno. Era então um país tropical, e onde agora está a Groenlândia havia palmeiras, loureiros e não sei que mais.

Sr. B. Keightley: – Lembre-se, Kingsland, de que o eixo da Terra em relação a ela é fixo, tem a inclinação da eclíptica.

Sr. Kingsland: – A inclinação que pensa tem a ver com os trópicos.

Sr.^a Blavatsky: – Todas essas mudanças ocorrem duas vezes em cada ano tropical, e tudo de desloca. Há uma mudança a cada 12.500 ou 12.600 anos.

Sr. Mead: – Você disse duas vezes a cada ano tropical?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, senhor. A cada 12.000 ou 12.600 anos.

Sr. Kingsland: – Essa mudança ocorre gradualmente?

Sr.^a Blavatsky: – Gradualmente! A que atribui o facto dos mares transporem cada vez mais os limites da terra? Tudo isso é essa acção. Há continentes que se estão afundando e o mar está se elevando.

Sr. Kingsland: – É por isso que temos sempre primaveras um mês mais tarde.

Sr.^a Blavatsky: – Há doze mil anos a Terra não estava onde agora está.

Sr. Kingsland: – Eu penso que há doze mil anos tampouco estava.

Sr.^a Blavatsky: – Agora desloca-se muito rapidamente. É tempo de ir e descansar, e de dar lugar a algo melhor.

Sr. Mead: – Quanto muda este ângulo?

Sr.^a Blavatsky: – Isso não posso dizer-lhes. Não sou suficientemente letrada.

Sr. B. Keightley: – Quatro graus, creio, a cada ano sideral de 25.000 anos.

Sr.^a Blavatsky: – Old o estudou bem.

Sr. Old: – Dei o máximo que podia acerca dele []. Estou de acordo com o que disse Mackey, porque há 28 graus para se dividir.

Sr. B. Keightley: – Pergunta 15. “Assim que um Núcleo de Substância Primordial no estado Laya é informado da libertação dos princípios de um corpo sideral recém-falecido, transforma-se num cometa, depois num sol e por fim num mundo”. O termo “corpo sideral” é usado no sentido geral aplicado a todos os corpos no Cosmos, ou tecnicamente para o distinguir de um corpo planetário?

Sr.^a Blavatsky: – Eu uso o termo “corpo sideral” no sentido geral, aplicando-o a corpos no Cosmos em geral. Não lhe dou nenhum significado técnico ou especial.

Sr. B. Keightley: – Logo na página 205 há uma nota muito importante acerca das fases da evolução dos corpos cósmicos (lê *A Doutrina Secreta*). Pergunta 16, página 205, nota: na ordem da evolução dos Globos com respeito à sua transformação material, o estado Laya corresponde ao (1), o cometário ao (4), o solar ao (5)? Se é assim, a que correspondem o (2) e o (6)?

Sr.^a Blavatsky: – Agora vejam isto. Acabo de responder franca e honestamente a uma pergunta igual à que eu faria a uma sogra. Pergunta-me estas coisas por estarem colocadas muito obscuramente em *A Doutrina Secreta* ou porque querem boicotar o que sei?

Sr. B. Keightley: – É pela razão de querermos obter uma base de correspondências e analogias verdadeira. Porque se entendermos mal estaremos sempre cometendo erros.

Sr.^a Blavatsky: – Corrobora este enunciado, Sr. Presidente?

Sr. Kingsland: – Considero que sim.

Sr. B. Keightley: – Se tivermos uma ideia errada, continuaremos a equivocar-nos.

Sr.^a Blavatsky: – Parece que querem boicotar-me.

Sr. Old: – Não acredita que queremos saber algo mais?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, acredito. Bem, o estado Laya corresponde ao atômico ou etéreo, e o solar ao germinal e ígneo.

Sr. B. Keightley: – Sendo isso assim, faz o segundo, sexto e sétimo, ou seja, o aeriforme e o radiante ou gasoso, bem, esse primeiro.

Sr.^a Blavatsky: – A transformação aeriforme ou gasosa não descreve uma fase distinta na evolução cósmica, mas antes um nexo ligando o homogéneo com o nebuloso ou fase semelhante a brumas, uma correlação entre ambos.

Sr. Mead: – Então isso é o que você chama matéria em estado crítico.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, senhor. O vapor quadruplo representa as fases por que passou a Terra para alcançar a sua condição actual. A Terra é vapor materializado, tal como o gelo é vapor materializado. O sétimo estado descreve a fase que a Terra alcançará no final da sétima Ronda. Então, os homens não dependerão de nenhuma outra substância senão a da sua própria natureza divina. Não haverá necessidade de comida ou bebida, não haverá mais clubes de quadras de ténis e nem nada. Os princípios da Terra terão abandonado quase completamente o seu corpo físico, salvo a Tríade Superior, tal como a Lua o fez no término do Manvantara Lunar, e esses princípios estarão prontos a serem lançados, cada um por sua vez, para um novo Centro Laya a fim de irem formar um novo Globo, que será o Filho Unigénito Septenário da Terra. Querem saber algo mais? Vocês são os maiores boicotadores que já vi na minha vida. As minhas notas estão acabando, abro o meu cérebro para vocês e podem perguntar-me o que quiserem.

Sr. Hall: – Essa nova Terra será construída e trabalhada sob os mesmos princípios da antiga?

Sr.^a Blavatsky: – Comporte-se, Hall. Temos um grande filósofo na Rússia, chamado [], e estive traduzindo alguns dos seus aforismos e axiomas para gratificação de Bert. Bem, [] tem um magnífico aforis-

mo onde diz: “Feche a tua fonte, se tiveres uma, porque até a fonte necessita de um pouco de descanso”. Esta é uma das melhores coisas que li. E assim pergunto-me quando é que algum de vós saberá fechar a sua fonte e lhe dar um pouco de descanso?

Sr. Kingsland: – Ela descansa durante seis dias, só está aberta às quintas-feiras.

Sr. Hall: – Está sempre escorrendo nos outros momentos.

Sr. Kingsland: – Tenho uma pergunta que não foi feita. Parece, por analogia, que deverá haver sete Cadeias de Planetas (cada um consistindo em sete Planetas, no total 49) nas quais se desenvolve a Humanidade, sendo a Cadeia Lunar uma e a nossa Terra outra. Será isto assim, sendo a nossa Cadeia é a quarta na série e a Cadeia Lunar a terceira?

Sr.^a Blavatsky: – Pode ser. Não estou segura disso, mas não destruirei as suas ilusões.

Uma Senhora: – Eu pensava que era bom destruir as ilusões.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porque tudo é ilusão neste plano de existência. Eu própria tenho pensado nisso.

Sr. Kingsland: – Os sete planetas sagrados são os planetas que correspondem à nossa Terra nas sete Cadeias mencionadas atrás?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não creio. Realmente, não sei. Há muito poucas coisas que sei.

Sr. Hall: – Qual é o significado da fábula de Jasão ir em demanda do Velocino de Ouro tendo de semear os dentes do Dragão?

Sr.^a Blavatsky: – O que é que ele quer dizer?

Sr. B. Keightley: – Você conhece a fábula de Jasão e os Argonautas. Uma das tarefas que tinha de empreender era a de semear os dentes do Dragão. Primeiro tinha de arar a terra com touros ígneos, e depois, tendo arado o terreno, semeou os dentes do Dragão dos quais cresceram uns homens armados.

Sr. Mead: – Cadmo fez o mesmo.

Sr. B. Keightley: – Hall quer saber qual é a interpretação.

Sr.^a Blavatsky: – Exercite a sua própria imaginação. Você sabe o que é um “Dragão”, acabei de o dizer.

Sr. Hall: – É em relação a isso que fiz a pergunta.

Sr.^a Blavatsky: – Não sei. Não lhe poderei responder.

Sr. Hall: – É um símbolo de Iniciação?

Sr.^a Blavatsky: – Poderá ser. Fechei a minha fonte.

Sr. Mead: – Os homens armados que brotaram dos dentes que Cadmo semeou, caem lutando um com o outro.

Sr. Hall: – Isso foi só porque ele os enganou.

Sr. Mead: – E em seguida eles caem para trabalhar e lutar com com o outro.

Sr. B. Keightley: – Ele atirou um capacete encantado a eles.

Sr.^a Blavatsky: – Eu estive nesse lugar¹⁷¹. Quereis uma interpretação disso mas, por outro lado, há sete lendas afins, cada qual com a sua chave.

Sr. Mead: – Simon deu uma na...

Sr.^a Blavatsky: – Tomem a alquímica em relação com a expedição dos Argonautas. Toda a Alquimia está ali, se somente a conseguirem entender. A Pedra Filosofal e tudo o mais está nessa expedição dos Argonautas, ali no Velocino de Ouro.

Sr. Hall: – Tomara poder entender por que Jasão abandonou Medeia.

Sr.^a Blavatsky: – Se começarmos com esta alegoria não iremos terminar.

A sessão terminou aqui.

¹⁷¹ Cólquida, actualmente a costa do Mar Negro na Geórgia.

XVII

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
16 de Maio, 1889.
W. Kingsland na Presidência.**

Sr. B. Keightley: – Esta é uma tentativa de pôr em linguagem clara e simples as ideias principais da Teosofia, sobre o que cremos e o que não cremos, na forma de perguntas e respostas entre um Místico e um Inquisidor. Unicamente está dividida em secções – quatorze secções – cada uma das quais se subdivide em capítulos não numerados mas com título, só para indicar o tema tratado. Toda a ideia disto é a tornar prática, simples e directa, sem ser demasiado metafísica ou abstracta. É sobretudo da natureza de um livro popular.

Sr.^a Blavatsky: – Vejam como as pessoas fazem perguntas tão extraordinárias. A qualquer um que lhes fale de Teosofia perguntam-lhe se é budhista. A Teosofia não é uma religião, não é uma seita, e ninguém é obrigado a crer ou a não crer. Um teósofo pode pertencer a qualquer religião, ou a nenhuma se assim entender. Que importa isso? Pode ser um homem muito bom e justificar o seu nome de teósofo mais do que qualquer outro, mas as pessoas não metem isto na cabeça e vêm todas dizer que somos budhistas esotéricos, sem compreenderem o que significa o Budhismo Esotérico. Assim, é tempo de dar respostas simples às suas perguntas sobre o que cremos e o que não cremos, e este será um dos capítulos. Claro que ele é impossível [de entender] sem ler os outros, de que tomo um deles – por exemplo, “*Deveres Teosóficos*” – e quero que todos sugiram o que é necessário. Quais são as questões mais necessárias? Ide todos vós a todos os lugares e registai o que o público mais mal-interpreta, como sendo o melhor para responder, porque são algo terrível os malentendidos que existem no mundo acerca da Teosofia. Elas não parecem saber o que é a Teosofia.

Sr. B. Keightley: – Penso que o melhor plano será que à medida que o for lendo, quem tiver sugestões que me interrompa, porque não

poderão seguir-me de outra forma. A secção como um todo é chamada “*O que é a Teosofia Prática*”, e o primeiro subtítulo é “*O Dever*” (lê do manuscrito)¹⁷².

Sr. Williams: – Propõe-se que isto seja distribuído?

Sr. B. Keightley: – Isto é parte de um livro que H.P.B. vem escrevendo.

Sr.^a Blavatsky: – Irei terminá-lo dentro de um ou dois dias. Foi anunciado ontem: *A Chave da Teosofia*. Todos se queixam que *A Doutrina Secreta* é tão obscura e difícil que assim vamos tentar dar este, e talvez digam que também ele é demasiado difícil. Não sei que dizer. Estou pondo todas as perguntas que me colocaram repetidamente, portanto, estou respondendo a elas.

Uma Senhora: – Penso que será da maior utilidade.

Sr.^a Blavatsky: – Mas agora devemos fazer sugestões, se há algo mais a dizer, porque no que respeita à impressão depois não podemos pôr mais nada, e temos de explicar tanto quanto possamos o que é a Teosofia e o que não é. As pessoas poderão depois vir perguntar por que não se pôs isto ou aquilo? Mas então será demasiado tarde.

Sr. Old: – Há um enunciado de que para se alcançar a liberdade pelo progresso individual e com o tempo a felicidade, só se consegue pela experiência de vida. Isto não pode provar-se logicamente sem ter de usar demasiadas palavras?

Sr.^a Blavatsky: – Como o faria?

Sr. Old: – Precisa de uma necessidade lógica. Apresenta um enunciado simples talvez não satisfatório para o interrogador. Tem de se mostrar como a felicidade individual – desde logo no sentido altruísta – se baseia na felicidade de todo o corpo, do qual o Ego é somente um átomo, e deve demonstrar-se como essa felicidade é alcançável somente pela experiência vital. Se fosse comigo, primeiro iria apresentar o Plano Terrestre em que vivemos, ou talvez o se estar profundamente mergulhado na Matéria demonstrando que esta Terra é a última na actividade espiritual, que este é o Plano onde cessa a acção e começa a reacção, por conseguinte, a acção dual só se manifesta

¹⁷² Publicada como a Secção XII em *A Chave da Teosofia*. Londres, 1889.

aqui. Ou seja, descendendo e ascendendo, e, portanto, sendo o único ponto onde a Evolução pode ter lugar. Há um movimento determinado ou progresso do Espírito para a Matéria do ponto de vista dos Planos Espirituais, ou seja, da sua descida, havendo – como assinala H.P.B. em *A Doutrina Secreta* – o Anjo desejando ser Homem, e o Homem desejando transformar-se num Anjo. Será que consegue perceber o que quero dizer? A Personalidade, o Ego encarnado, é o único ponto de diferenciação – de diferenciação individual – onde a Humanidade está entremesclada e, portanto, ao mesclar-se produz a evolução individual.

Sr.^a Blavatsky: – Poria isso aqui?

Sr. Old: – Não poria com palavras minhas.

Sr.^a Blavatsky: – Evitemos pôr aqui algo metafísico. Este é a queixa de todos, de que não entendem a metade ou dois terços de *A Doutrina Secreta*. O que tento evitar é o metafísico neste pequeno livro, porque se pôr metafísica ficarão confusos e não entenderão nada, e novamente haverá queixas. Tal como as ponho, estas coisas estão o mais claramente possível.

Sr. Kingsland: – Penso que você quer mais algumas conexões.

Sr. B. Keightley: – O seu enunciado está aberto a este assunto: nos três planetas que precederam o nosso deve ter havido algum tipo de evolução. Deve ter cuidado para não cair na subsequência [].

Sr. Kingsland: – O que ele disse é muito valioso, porém não toca no ponto referente à pergunta colocada, que é relativa à encarnação. Como a pergunta pode pressupor tudo isso, poderá responder: “Bem, o Homem na sua vida terrestre já passou por outros Planos”.

Sr. B. Keightley: – A intenção da pergunta é esta: um homem não encontra satisfação ou paz como resultado da sua vida. Como não fica satisfeito com a resposta, torna a perguntar: qual é a necessidade de reencarnar se não alcanço a paz durante uma vida? Então a resposta será: porque ela não pode ser alcançada senão por uma série de experiências de vida.

Sr. Kingsland: – Esse é o ponto que Old quer provar.

Sr. Old: – Talvez tenha sido demasiado metafísico.

Sr. Williams: – Seria bom dar exemplos de vidas que mostraram

não ter nenhuma experiência.

Sr.^a Blavatsky: – Não creio que alguma vez tenha encontrado um homem totalmente feliz. Para cada um a vida é uma carga, há sempre algo que não conseguem encontrar – qualquer satisfação interna ou paz da mente. Nunca encontrei um homem que estivesse totalmente satisfeito.

Sr. B. Keightley: – A conclusão a retirar disto parece ser a de que não há uma satisfação permanente na vida material.

Sr.^a Blavatsky: – Se a evolução progredir de tal maneira, então certamente se deverá ir *pari passu* com a evolução física. Mas para que serve ela, agora que se têm todas satisfações e gratificações da civilização? Eles vêm dizer-nos: o Cristianismo suavizou os costumes. Eu replico: terá realmente feito? Porque quanto mais civilizado é um país mais hipocrisia existe e as pessoas sofrem maiores misérias. Vejam a Inglaterra. Onde estão as maiores riquezas e gratificações do mundo? Se tão-só pensassem um pouco no povo! Onde há mais miséria do que em Inglaterra?

Sr. B. Keightley: – Essa não é uma resposta directa à pergunta, aqui a sua asserção é totalmente genérica, já que a finalidade última, ou a paz, só pode ser alcançada com experiências de vida. Em termos gerais isto aplica-se a todas as condições, quer se fale de um país civilizado ou de um país budista. Então, deve dar-se uma resposta genérica.

Sr.^a Blavatsky: – Eu não respondo no papel como falamos agora, faço-o de maneira completamente diferente. A isto respondo simplesmente: não há nenhum homem que esteja satisfeito, e se a civilização traz gratificações, contudo a mesma demonstra que a cada dia há mais e mais imoralidade, corrupção e egoísmo. A que conduz o egoísmo? Conduz a isso em que metade da Humanidade se transformou: os Caims dos demais, estes últimos sendo os Abéis.

Sr. B. Keightley: – Quer então dizer que encontrou entre os budistas gente que diz ser totalmente feliz?

Sr.^a Blavatsky: – Totalmente. Eles morrem com tanta serenidade como quando se levantam pela manhã.

Sr. B. Keightley: – Mas eles são felizes?

Sr.^a Blavatsky: – Nunca vi gente mais feliz do que no Ceilão, onde não acreditam em Deus ou na Alma. Acreditam simplesmente na reencarnação. Não pensam que o homem anterior passe a esta. São totalmente incapazes de falar de metafísica, no entanto, vejam o efeito que se produz neles. É ensinado a cada homem que por toda a coisa que faça será castigado ou recompensado. Qualquer que seja a causa que se produza ela terá o mesmo efeito, portanto, ele sabe que se fizer algo de mal terá maus resultados, e se fizer algo de bom então os bons resultados se seguirão a isso, seja nesta vida ou em outra. Agora reparem nisto, cada um de vós – que já foi criança – pergunte-se simplesmente se não é certo que murmura quando sabe que merece algo que lhe é recusado? Não sentem esse terrível sentimento de injustiça, não sabem o que é isso?

Sr. B. Keightley: – Isso é absoluta e completamente certo.

Sr.^a Blavatsky: – Podem enraivecê-se e amaldiçoar, mas também podem não o fazer, e isto é o que unicamente pode conduzir as pessoas à felicidade. Não sei o que pretendem agora.

Sr. B. Keightley: – O que Old está procurando é o enunciado puramente geral de que a meta da paz só se alcança pela experiência vital.

Sr. Old: – Posso fazer outra tentativa? Creio que poderá ser feita com o princípio *ad absurdum*, provando que a felicidade não se consegue de outro modo. Por exemplo, uma pessoa que vai morrer espera ir para o Céu. Perguntem-lhe qual é a sua definição de felicidade, e ela responderá que “[o Céu] é o lugar da felicidade”; perguntem-lhe o que é a felicidade, e responderá que “é algo relativo” (supondo que a felicidade no Céu será ter tudo o que quiser e nada do que não quiser). Consequentemente, não será outra coisa senão uma expressão ou uma completa realização de *Kama* (Desejo), do desejo individual. Isto pode ser considerado uma condição de progresso?

Sr.^a Blavatsky: – Até o Devakan é um estado de egoísmo exaltado, mas este é finito. Não é como diz a teologia, de que a um homem que tenha sido um “santinho” é-lhe dada uma harpa de ouro e será feliz por toda a eternidade, apesar de não haver lógica em tudo isso. Mas esse homem poderá muito bem dizer: “Se só acreditar no que me disserem, terei a harpa de ouro e me sentarei, embora não saiba o

que farei ali, mas creio que me recostarei numas nuvens suaves"! Isto é o mais absurdo do mundo. Ao homem que é levado a crer nisso, e faça o que fizer, basta-lhe crer noutro homem que morreu por ele na cruz para que os seus pecados sejam perdoados. Digo que esta é a doutrina mais perniciosa do mundo. Força todos a perderem a sua auto-estima e a confiança em si mesmos. Faz com que se perca de vista essa ter-rível injustiça, como a de ir roubar umas cerejas e outro ser flagelado por isso.

Sr. Old: – Perde-se de vista a responsabilidade moral.

Sr.^a Blavatsky: – Sem dúvida. Quero que ouçam isto até ao final e depois da leitura teremos uma conversa entre todos, porque quero que vejam se algo foi esquecido.

Sr. B. Keightley: – A segunda secção é sobre “*Auto-Sacrifício*” (lê).

Sr. Old: – Essa secção é muito bela.

Uma Senhora: – Penso que não há mais nada a acrescentar a isso.

Sr.^a Blavatsky: – Fi-la suficientemente compreensível?

Uma Senhora: – Totalmente clara.

Sr. Johnson ¹⁷³: – Penso que o ataque ao Catolicismo Romano é realmente severo, Senhora, destacando-o particularmente.

Sr.^a Blavatsky: – Os sacerdotes são abnegados. Não é contra nenhum sacerdote em particular, mas sim contra esse sistema pernicioso.

Sr. Kingsland: – Diga simplesmente missionários, não missionários católicos romanos.

Sr. Old: – Chame-lhes missionários cristãos.

Sr. Kingsland: – Creio estar correcto o que fez ao não assinalar nenhuma pessoa.

¹⁷³ A identidade deste indivíduo é aparente. Publicamo-la como é dada, notificando que houve membros da Loja de Londres apelidados Johnson, mas também pode ser um erro de escrita e referir-se a Charles Johnston (1867-1931), que casou com a sobrinha de H.P.B. em Outubro de 1888 e foi para a Índia no final desse mês, para ali se unir ao Serviço Civil.

Sr.^a Blavatsky: – Há algum missionário cristão que tenham matado na China?

Sr. Old: – Há um dentre eles.

Sr.^a Blavatsky: – Acerca deste Damian¹⁷⁴, digo-vos que ia começar uma colecta entre nós teósofos para simplesmente lhe enviar, mas o pobre homem morreu. Tinha apenas uns chinelos, e morreu. Não importa de que religião era, um homem como esse é o teósofo mais elevado possível. Estou totalmente segura de que a Igreja Católica Romana não o reconhecerá. Mas reconhece a Labro, que durante quarenta anos foi devorado por vermes asquerosos¹⁷⁵. Digo que isto é absolutamente ridículo. Faz santo a Labro e para o infortunado Damian não fará nada. Não encontrarão um jaino que descanse sob o Sol que não permita que os vermes cheguem a ele, porque diz: “São nossos irmãos menores”. É assim que eles deixam todos os vermes caírem sobre eles, moscas e todos os insectos menos comedidos.

Sr. B. Keightley: – Isso é levar o ponto demasiado longe.

Sr.^a Blavatsky: – Temos jainos entre os nossos teósofos na Índia, e eles suplicaram-me que não permitisse que os malásios matassem cobras, por ser uma coisa pecaminosa, mas eu respondi-lhes que não ia permitir que as cobras os picassem.

Sr. Kingsland: – É melhor uma cobra morta do que um teósofo morto.

Sr.^a Blavatsky: – Eles perguntaram: por que não lhes lançar alguma poeira? Queriam que eu permitisse lançarem nas suas caudas. Não podiam perdoar-me por não permitir e muitos deles afastaram-se quando foram mortas duas dessas cobras.

¹⁷⁴ O padre Damian (Jozef De Veuster – 1840-1889), um sacerdote católico da Bélgica que passou a sua vida ajudando a colónia de leprosos na ilha havaiana de Molokai. Por fim, contraiu a lepra e morreu em 15 de Abril de 1889. Foi canonizado santo em 2009.

¹⁷⁵ No Glossário da segunda edição de *A Chave da Teosofia*, aparece a descrição de “Labro, São: Um santo romano solenemente beatificado faz uns quarenta anos. A sua grande santidade consistiu em sentar-se numa das portas de Roma dia e noite durante quarenta anos, e não se lavar todo esse tempo, tendo como resultado ser devorado por vermes asquerosos até aos ossos”. É citado como um exemplo nas páginas 239 e 259 desse livro. A transcrição chama-o Laboreaux, sendo provavelmente São Benedito José Labre (1748-1783), conhecido pela sua vida de mendicância. Foi canonizado em 8 de Dezembro de 1881.

Condessa Wachtmeister: – O Sr. Johnson pensou que havia aceitado o conselho dos jainos quando vimos todas as baratas por aqui.

Sr. B. Keightley: – Receio que isso de matar cobras é ilegal, a lei não o permite.

Sr.^a Blavatsky: – Rimo-nos disso, mas realmente é bastante sublime, porque eles são tão sinceros que nunca farão isso. Ao respirar o ar acautelam-se em não engolir nenhum desses infortunados insectos, desses animálculos, e param por onde passam para não pisar acidentalmente nenhum deles. Tudo isto parece ridículo, mas se realmente analisarem, é coisa bastante sublime. Elas fazem-na com as maiores incomodidades possíveis e acreditam nisso.

Sr. Kingsland: – O principal é esforçar-se por saber como o Altruísmo, como qualquer outra coisa, pode ser abusado. E a única questão para nós é decidir se isto é assinalado com suficiente vigor, ou se todos podem sugerir uma ilustração mais forte.

Uma Senhora: – Penso que é o mais vigoroso que se pode encontrar.

Sr. Kingsland: – Eu não sei nada sobre Labro, e tampouco a maioria das pessoas saberá.

Sr.^a Blavatsky: – Ele foi o último santo a ser beatificado. Durante quarenta anos sentou-se na Piazza di Spagna¹⁷⁶.

Uma Senhora: – Li algo acerca dele nos jornais norte-americanos. Um inconformista repreendeu-o muito cruelmente por não ser protestante, por ser um católico, não reconhecendo o seu trabalho.

Sr.^a Blavatsky: – Vêem como estes cristãos se amam entre si? Tanto como os teósofos se amam entre si.

Uma Senhora: – Tanto como você ama os católicos romanos.

Sr.^a Blavatsky: – Eu falo contra o sistema, não contra os católicos romanos. Digo que arremetam contra o sistema, mas não toquem nas pessoas. Temos suficiente com que arremeter contra os sistemas, porque os sistemas são abomináveis.

Sr. B. Keightley: – Então, isto é sobre o “*Cristianismo*” (lê).

¹⁷⁶ Piazza di Spagna, uma praça de Roma.

Sr. Kingsland: – Penso que é melhor eliminar toda a referência a qualquer seita em especial, e eu eliminaria qualquer credo e eliminaria o nome de Spurgeon.

Sr.^a Blavatsky: – Oh, senhor! Não se deve fazer porque é uma personalidade, apesar de eu menosprezar esse indivíduo. Pois bem, tiraremos “Spurgeon” e poremos simplesmente “pregador da moda”. Agora já fiz duas concessões: para o Sr. Johnson retirei o “católico”, e para si, “Spurgeon”.

Sr. Old: – Logo alguém lhe pedirá que retire os nomes budistas.

Sr.^a Blavatsky: – “O Pregador mais Popular”.

Sr. Kingsland: – Eu penso que se referir a “Alma de Asbesto” todos saberão quem é.

Sr. B. Keightley: – “*Teosofia para as Massas*” (lê). Depois a última é: “*Como os Membros da Sociedade podem Ajudar*”.

Sr.^a Blavatsky: – Isto é onde têm de dar as vossas sugestões.

Sr. B. Keightley: – (Lê).

Sr.^a Blavatsky: – Sugiram o que mais se deve pôr, porque só pus o que chegou à minha cabeça e posso ter esquecido centenas de coisas que vós, teósofos, devem ter pensado sobre o assunto, para vermos o que poderá ser acrescentado. O Sr. Cobbold chegou muito tarde e não ouviu o começo.

Sr. Kingsland: – O Sr. Cobbold¹⁷⁷, como um teósofo prático, irá dar-nos os seus pontos de vista.

Sr.^a Blavatsky: – O que é que a Teosofia pode fazer?

Condessa Wachtmeister: – A Teosofia deve tentar não difamar os seus semelhantes.

Sr. Old: – Penso que há um aspecto negativo da acção, H.P.B., e estava pensando o mesmo que você, condessa. Penso que há um lado negativo acerca do Dever Teosófico, do que os teósofos *não* devem fazer, ou seja, de não criarem nenhum obstáculo como frequentemente o fazem, seja inconscientemente por ignorância ou conscientemente por rancor.

¹⁷⁷ Arthur Westhrop Cobbold, membro da Loja de Londres da S.T. desde 1887.

Sr.^a Blavatsky: – A personalidade é a maldição da Sociedade Teosófica, como a é em toda a parte.

Condessa Wachtmeister: – Não penso que tenha colocado ali com suficiente intensidade, de que todo o mal brota da personalidade, de que essa personalidade é a grande maldição.

Sr.^a Blavatsky: – Não ouviu tudo o que escrevi. Esse é só um capítulo e tenho mais onze.

Condessa Wachtmeister: – O primeiro dever do teósofo é tentar esquecer a sua personalidade.

Sr.^a Blavatsky: – Exactamente. Mas agora poucos o fazem. Faça simplesmente uma nota de rodapé e marque-a ali. Certamente que são formosos esses preceitos budistas, e posso-vos assegurar, se um dia os traduzir, que dirão serem esplêndidos.

Sr. Old: – Eles são muito poéticos.

Sr.^a Blavatsky: – E escritos tão formosamente.

Uma Senhora: – Em verdade são sublimes.

Sr. Johnson: – Ali diz que “se deve defender dos ataques contra a Sociedade por qualquer meio em nosso poder”. Penso que isso é um pouco vago.

Sr.^a Blavatsky: – Nós não podemos obrigar ninguém a fazer algo. Não podemos criar penitências.

Condessa Wachtmeister: – Penso que o Sr. Johnson se refere a “meios legítimos”, isso é o que quererá dizer.

Sr. Kingsland: – Não como na doutrina dos jesuítas.

Sr.^a Blavatsky: – Agora, cavalheiros, por favor algo mais.

Condessa Wachtmeister: – Você regista os pontos negativos, como o Sr. Old estava dizendo, do que a Teosofia não deve fazer. Isso aparece logo no livro.

Sr.^a Blavatsky: – Cobri todos os princípios da Teosofia. Falei do Karma, do Devakan e dos estados depois da morte, não porque estejamos obrigados a acreditar neles mas só os teósofos que estudam Ocultismo. Isto foi o que coloquei. Um teósofo pode acreditar no que quiser.

Sr. B. Keightley: – Outra coisa que apenas foi afluída e que eu

perguntei frequentemente, é se o vegetarianismo é um princípio da Sociedade Teosófica, assim como a abstinência de álcool e o resto.

Condessa Wachtmeister: – E logo deve também enunciar que a Teosofia não tem nada a ver com o Espiritismo.

Sr. B. Keightley: – Isso está enunciado.

Sr. Kingsland: – Creio, em referência a esta objecção, que ela deve ser respondida completamente. Penso que o livro será de muito valor prático. Mas queria assinalar que o pensamento recto é a base da acção recta, e que não somos uma mera Sociedade de Caridade organizada que alivia a miséria pela superfície. Cada um faz o que pode. Acreditamos que ao promover estas doutrinas, com o decorrer do tempo naturalmente isto será conseguido no Plano Físico.

Sr.^a Blavatsky: – Eu digo que o livro custará dez mil, mas todo o dinheiro que conseguirmos obter será cem.

Sr. Kingsland: – A Organização de Caridade, e inclusive a Legislação, só trabalha na superfície das coisas.

Sr.^a Blavatsky: – Não nos preocupemos com a Política, porque para que serve fazer reformas políticas com homens que não estão reformados? Quer sejam conservadores ou liberais é tudo o mesmo, um é igual ao outro.

Sr. Johnson: – A Teosofia não pode ser pregada a um homem que tem o estômago vazio.

Sr.^a Blavatsky: – Entre os teósofos há muitos com mais de metade do seu estômago vazio e, no entanto, fazem o que podem. Conheço muitos deles que apenas têm o dinheiro suficiente para obter a sua comida.

Condessa Wachtmeister: – Na Índia morrem de fome para poderem estar filiados na Sociedade Teosófica. Ao filiare-se formalmente têm de pagar determinada quota. Alguns desses hindus morreram de fome numa semana para poderem estar filiados na Sociedade Teosófica. Isso não aconteceu uma ou duas vezes, acontece uma e outra vez.

Sr.^a Blavatsky: – O que quero pôr no final são as Regras da Sociedade Teosófica, as Regras e o restante. Uma selecção, claro.

Sr. Kingsland: – Refere-se aos objectivos?

Sr.^a Blavatsky: – Não, às Regras como estão na Índia.

Sr. B. Keightley: – Só uma selecção.

Sr.^a Blavatsky: – Depois mostraremos quantas Ramas temos, os seus nomes e tudo.

Uma Senhora: – Penso que isso dará uma impressão muito boa, a imensa quantidade de gente que se uniu à Sociedade e o número de Ramas.

Sr.^a Blavatsky: – Reparem, temos cento e setenta e três Ramas, e só na Índia existem cento e vinte e nove ou cento e trinta. Agora temos na América por volta de vinte e quatro, e seis que estão se formando. Temos aqui na Inglaterra seis ou sete Ramas. Está crescendo muito rapidamente, e realmente há bastantes teósofos que não sabem o que é a Sociedade Teosófica por estarem fora dela.

Sr. Johnson: – Penso que este livro será um esplêndido trabalho pela Causa.

Sr. Kingsland: – Sem dúvida.

Sr. —: – para que serve a Sociedade Teosófica? Bem, a resposta seria: para promover o Altruísmo. Mas um cristão faz o mesmo, ensina o mesmo.

Sr.^a Blavatsky: – Eles falam muito disso no Cristianismo, mas poucos o praticam.

Sr. —: – E isso detém o progresso.

Sr.^a Blavatsky: – Essa gente poderia proceder justamente como os bons budistas.

Sr. Old: – Fazem o melhor que sabem.

Sr. B. Keightley: – Todos eles seguem essa falácia, justificada pela ideia de prestar ajuda a outros que, em todo o caso, limita-se ao físico. Realmente, eles não tentam dar-lhes vigor moral e limitam-se sempre a dizer que “os teus pecados foram perdoados e lavados no sangue de Jesus”, e por diante.

Uma Senhora: – Eles ensinam-lhes sectarismo.

Sr. B. Keightley: – Dificilmente lhes ensinam algo que tenha alguma base.

Sr. Old: – O homem que treina as pulgas para fazer truques faz

mais do que Labro, que só educa a ideia física...

Condessa Wachtmeister: – Enquanto o outro desenvolve as inteligências.

Sr. Old: – Isso mostra que só há um raio de inteligência na mais pequena parcela da Humanidade.

Sr.^a Blavatsky: – A Igreja Católica Romana não teve sempre o soberbo desprezo pelos animais como tem agora, dizendo que não têm alma. Leiam a *Lenda Dourada*¹⁷⁸, onde verão uma quantidade de lobos que foram convertidos, um dragão que tinha uma espécie de chaga no olho e que algum santo curou, pondo-se ele imediatamente a chorar tendo se convertido em cristão. É um facto com animais de todas as espécies – lobos, dragões e hienas.

Sr. B. Keightley: – Tem-se a história de São Francisco pregando aos animais.

Uma Senhora: – E a do Corvo Jack de Reims que se converteu num santo¹⁷⁹.

Sr. Kingsland: – Quando o celeiro foi removido.

Sr. Old: – Já vi mais espírito cristão nesses cães fiéis do que tenho visto nos homens.

Sr.^a Blavatsky: – Eles são os seres mais respeitosos que jamais conheci. Sob qualquer circunstância permanecerão fiéis.

Uma Senhora: – Inclusive com um mestre tão mau como Bill Sykes¹⁸⁰.

Sr. Old: – Martin Tupper¹⁸¹ disse: “Que acontece se não podem elevar-se tão alto? Não podem cair tão baixo”. Isto está muito certo.

Sr.^a Blavatsky: – O que mais podemos fazer? Porque há mais duas secções que representam 30 ou 40 páginas.

¹⁷⁸ *Legenda Sanctorum (Leituras dos Santos)*, popularmente conhecida como *Legenda Aurea*, foi compilada por Jacobus de Voragine, arcebispo de Génova, cerca de 1260.

¹⁷⁹ O relato do “Corvo Jack de Reims” era conhecido dos victorianos devido ao poema de Richard Harris Barham, publicado em 1837. Nele, um corvo torna-se religioso e por fim é feito santo. Foi incluído na colecção popular *As Lendas Ingoldsby*, escrita por Thomas Ingoldsby (1788-1845) sob o pseudónimo Richard Harris Barham.

¹⁸⁰ Um personagem violento no romance *Oliver Twist*, de Charles Dickens.

¹⁸¹ Martin Tupper (1810-1889), escritor inglês.

Sr. Old: – Penso que se deve dizer algo a respeito do que constitui a felicidade.

Sr.^a Blavatsky: – Para mim, sentar-me e nunca mover-me.

Sr. Kingsland: – E que nunca lhe façam perguntas.

Sr.^a Blavatsky: – Esta jovem criatura sentada aqui não pode viver sem ar, e o ar mata-me¹⁸².

Sr. Old: – Isso não é felicidade. Penso que uma pessoa que tenha sofrido fisicamente torturas intensas, apesar disso pode ser feliz.

Sr.^a Blavatsky: – Como um homem que gosta de dinheiro.

Sr. Old: – Depende de onde gravita a consciência individual no momento. Se é no corpo, as doenças físicas podem provocar miséria, mas pode-se igualmente ser feliz.

Sr. B. Keightley: – Há certa verdade no velho ditado: “Que filósofo foi alguma vez capaz de vencer uma dor de dentes?”.

Sr.^a Blavatsky: – Agora, que vão fazer com esse Burgoyne¹⁸³ que escreveu um livro contra o nosso? Isso mostra-vos a perseverança com que eles actuam contra a *Sociedade Teosófica*. Acabo de receber isto. O Sr. Hohnson vos dirá algo acerca de Burgoyne quando era jovem, e o golpe que desferiu faz dois anos e meio.

Sr. Johnson: – Ele teve de deixar o país. Fui sua vítima e estive dois anos em Bradford Gaol.

Sr.^a Blavatsky: – Tenho um retrato dele que me foi enviado da Scotland Yard, onde aparece muito sorridente com a esposa, antes de ser preso. Mas logo foi detido – bem, aí já não sorriu – com ela, e é essa a brilhante e reluzente luz do esoterismo na América.

Sr. Johnson: – Sei perfeitamente bem que é um inimigo da Sociedade, e especialmente de si.

¹⁸² Madame Blavatsky repudiava as correntes de ar e mantinha o seu quarto fechado e aquecido.

¹⁸³ Thomas H. Burgoyne, aliás, Thomas Henry Dalton (1855-1894), ocultista escocês. Esteve preso em Leeds, Inglaterra, em 1883, por fraude, e fugiu para os Estados Unidos, acabando por se fixar na Califórnia onde morreu em 1894. A ira de H.P.B. era dirigida a ele pela sua ligação à Irmandade Hermética de Luxor, uma organização ocultista que ela considerava uma fraude. Ele publicou o seu principal trabalho, *A Luz do Egipto*, em 1889.

Sr. Kingsland: – Quanto tempo esteve na Inglaterra?

Sr. Johnson: – Três anos e meio.

Condessa Wachtmeister: – Teve de deixar o país rapidamente.

Sr. Kingsland: – Para o bem do país.

Condessa Wachtmeister: – A polícia disse que foi o maior burlão que houve em Inglaterra. Andaram angariando dinheiro para comprar terras na América – tudo isso não passava de uma burla – para onde queriam ir com quanto conseguissem. Eles pretendiam vender aos teósofos terrenos que não eram seus.

Sr. Old: – Penso que o melhor que o «teósofo» pode fazer é preparar-se para uma réplica violenta.

Condessa Wachtmeister: – Há muitas pessoas que perderam dinheiro.

Sr.^a Blavatsky: – Mas isto está no *Religio-Philosophical Journal*¹⁸⁴. É o mesmo que durante anos e anos andou publicando cartas sobre a minha habitual bebedeira. Vejam, dizem que habitualmente a cada manhã danço na corda bamba durante uma hora, eu que nunca provei licor em toda a minha vida porque o detesto. Não há uma só virtude nisso.

Sr. Kingsland: – Tenho algumas sugestões para quem conhece a Teosofia através dessas coisas escandalosas. Por exemplo, nos jornais mensais deveria haver alguma nota nos mesmos, apesar de nem todos os teósofos os lerem.

Sr. B. Keightley: – Essa é a objecção que se deve conhecer, pois só anuncia um livro dessa natureza.

Condessa Wachtmeister: – Sim, todos irão comprá-lo. Penso que o melhor plano é ignorá-lo.

Sr. B. Keightley: – O que se deve fazer, se Judge for sensato, é simplesmente não referir o livro e mostrar Burgoyne como uma fraude.

Sr.^a Blavatsky: – Mas se nos Estados Unidos as leis são as mesmas que aqui e como vocês me disseram, quanto mais certa for uma afirmação mais difamatória parecerá, e ele poderá intentar uma

¹⁸⁴ Jornal semanal espiritualista de Chicago.

acção contra Judge¹⁸⁵. Parece que, se a verdade for dita, serei tomada como confidente por ele estar bem informado.

Sr. Old: – Penso que se Judge escrevesse somente a alguns jornais locais fazendo uma denúncia completa do homem, e concluísse dizendo só que ele propõe-se publicar um livro – que será o seu livro – e o mencionasse, mesmo que todos se lançassem a comprá-lo já saberiam como tomar o seu conteúdo de acordo com os factos.

Sr. B. Keightley: – Penso que ninguém dará importância a esse livro.

Sr. Kingsland: – A menos que algum jornal ignore, e então teremos de replicar violentamente.

Sr. Old: – Creio que a grande pergunta na América é: o que é a Teosofia? Aqui está esse homem, ele e todos os pseudo-teósofos que pretendem ser os teósofos, membros representativos de uma sociedade que não existe e, no entanto, se apelidam teósofos. De nenhuma maneira me surpreenderia que os americanos fizessem a pergunta: o que é um teósofo?

Sr.^a Blavatsky: – Hiram Butler fundou a Sociedade Esotérica e permitiu que as pessoas acreditassem que era teósofo¹⁸⁶. Agora a polícia persegue-o pelos seus truques elaborados, e teve de fugir de Boston para a Califórnia.

Condessa Wachtmeister: – Penso que todos os teósofos deveriam protestar cada vez que virem algo como isso.

Sr. B. Keightley: – Alguns astrólogos costumam dizer que as estrelas governam os destinos humanos e são gentes activos para controlar os mesmos. Outros dizem que isso não é assim, mas que há uma relação simpática entre os seres humanos e as estrelas, de modo que se movem paralelamente uns com as outras. Que podem predizer

¹⁸⁵ William Quan Judge (1851-1896), Secretário Geral da Sede Americana da S.T. e editor de *The Path*, em Nova Iorque.

¹⁸⁶ Hiram Butler (1841-1916), ocultista norte-americano que começou a Sociedade Esotérica em Boston em 1880. Mudou-se para a Califórnia onde morreu. Judge fez uma resenha da sua carreira em *The Path*, Março de 1889, “*Ocultismo para Barter: Colégios Esotéricos e Falsos Profetas*”, e uma longa carta de H.P.B. expondo a Butler foi publicada no *Boston Daily Globe* de 8 de Março de 1889. O número de Abril de 1889 da sua revista reproduz alguns artigos de jornal com relatos intitulados “*As Fraudes e Enganos de Boston*”.

as condições em que se encontrará um ser humano a partir dos aspectos estelares, porém, não se inferiu que houvesse alguma relação entre eles. Estes são, falando de um modo geral, os dois pontos de vista que os astrólogos propõem. O mais antigo é o ortodoxo.

Sr. Old: – Há uma quase terceira classe de pensadores sobre essa questão. São aqueles que acreditam nos Espíritos Planetários – sabem que há legiões entre eles que influenciam directamente as nossas mentes, pensamentos, desejos e as acções dos indivíduos. Mas a minha opinião pessoal é – de acordo com o que me parece reflectido obscuramente nas obras hindus sobre o tema, tanto no Hindustão do Norte como no do Sul – que há uma relação entre o corpo terrestre, do qual o corpo do homem não é mais do que uma diferenciação, e o corpo material de todos os planetas. Também há uma simpatia entre o seu corpo astral e todo o Plano Astral a que pertence, o qual – ou do qual, posso dizer – irradia os princípios astrais que animam o corpo planetário. Eles mesmos são os compostos, isto é, os corpos astrais dos planetas e dos homens vão e são partes integrais do Plano Astral Universal. Os átomos materiais, seja colectivamente ou individualmente, formam o Universo material, tal qual como no respeitante ao astral individual ou colectivo. Agora, tudo parece indicar que as correntes de Vida, chamadas *Prana* pelos hindus, penetram, actuam e movem-se nesse Plano Astral, e ao passarem através dele projectam-se como um raio de luz.

Sr. B. Keightley: – Reflectida?

Sr. Old: – Bem, não me refiro exactamente a isso, o que quero dizer é que se expande nas suas diferentes partes ou princípios.

Uma Senhora: – Refractada?

Sr. Old: – E essa participação do Raio Prânico único causa os diferentes aspectos da Vida. É assim que podemos ter um só raio de luz vindo do Sol penetrando a Terra, e, como sabem, destacando-se dentre outros tantos raios, claro que a palavra é refacção. Assim é com a Vida Universal que não se restringe particularmente ao nosso Sol visível que está no Universo material e é parte dele, embora seja da classe de matéria mais sublimada, mas ao Plano Prânico, ou seja, o Plano por cima do Plano Astral. Logo se diz que os vários planetas astrais que correspondem aos planetas materiais, recebem os raios do Sol e reflectem-nos para a Terra, primeiro que tudo ao Plano Astral

donde se irradiam recebendo os planetas astrais os raios de vida do Sol. Estou falando do Sol no Plano Prânico. Os planetas astrais recebem esses raios e reflectem-nos no corpo astral desta Terra no Plano Astral, e daí se precipitam à Terra [material] e aos indivíduos. Agora, como toda a pessoa nasce, como se diz, através do Plano Astral, segue-se que o momento do nascimento dá-se quando a existência começa e a pessoa fica sob uma lei individual e a lei geral que controla as revoluções dos planetas, tanto no Plano Astral como no Plano Físico. Creio que os planetas só exercem uma influência sobre nós através desse mesmo Plano Astral, ou seja, que não é o planeta material – Saturno, Júpiter, Marte ou outro qualquer – que nos afecta, excepto fisicamente. Porém sabemos que nos afectam nos nossos desejos, porque pode prognosticar-se em qualquer momento que qualquer pessoa irá agir por desejos que são, até um certo ponto, alheios às tendências gerais da vida dessa pessoa. Se pode acontecer (e certamente pode) que em certos momentos as pessoas ajam por influências que geralmente não são características suas, então, desde já, podemos referi-las como provenientes de um Plano certamente superior ao Plano material. Portanto, essas forças – não sendo forças físicas mas forças psíquicas actuando no Plano Psíquico do indivíduo e da Natureza – devem necessariamente originar-se no Plano Psíquico, ou seja, num Plano superior pelo menos ao Plano Físico. E assim parece ser uma necessidade haver planetas existindo nos Planos superiores ao Plano material, e que correspondem aos Planos materiais que são visíveis para nós neste Plano Físico. Penso que vós próprios veis esta necessidade, porque a Vida em si mesma é homogênea. Ela tem somente uma qualidade e essa é a Vida, mas só quando se reflecte ou se diferencia é que tem essa qualidade, sem se poder dizer ter uma qualidade em particular. Portanto, a modificação da Vida será desde logo o que constitui a vida individual, como algo muito parecido às cores de um prisma: todas elas são luz, porém é o agregado de todas as gradações de cor, todos os tons em proporções iguais, que darão o branco. É quando um predomina que se tem o branco como um tom ou cor distinta. Portanto, se houver mais rosa no agregado, então o branco já não será branco mas sim rosa. Assim e igualmente, qualquer princípio que esteja em excesso num indivíduo, levará a que seja chamado saturnino, jupiteriano, marciano, etc. Estou falando dos efeitos finais das influências planetárias sobre os indivíduos e como operam.

Sr.^a Blavatsky: – A Astrologia Oculta diz que, tal como acaba de explicar, essas cores têm, cada um delas, uma tendência particular ou faculdade para impressionar de uma forma ou de outra a esse raio que o indivíduo terá, de maneira a afectar as suas paixões ou desejos. É a cor do raio que o marca. Por exemplo, se essa cor vier de Saturno ou de Vénus, e se ele tiver nascido sob este ou aquele planeta, então certamente cada vez que determinada cor – ao passar através do Plano Astral de que estava falando e atravessando certas coisas – assume certo tom, irá afectar o indivíduo mental e psiquicamente, e espiritualmente, e de todas as formas. Isto é assim?

Sr. Old: – Sim, mas claro que sabemos que individualmente somos impermeáveis a certas cores. É assim que algumas pessoas mostram um gosto instintivo por certa cor e uma aversão marcada por outra. Em todo o caso, sentem uma influência psíquica surgida da presença dessas cores.

Uma Senhora: – O que é que sente a pessoa que é cega à cor, uma influência psíquica?

Sr.^a Blavatsky: – Não. O que se passa é que há uma cor de um Plano totalmente oposto ao seu.

Sr. Old: – Ela a sentirá no Plano Psíquico.

Sr. B. Keightley: – Cegueira de cor significa que algo está mal no dispositivo do registo físico. Ocultamente, um homem não pode ser cego à cor.

Sr.^a Blavatsky: – Esta é a nota-chave do Ocultismo: conhecer a verdadeira relação dos sons, cores e números. Há tantos. Há sete Raios, mas o que são eles? Repartem-se setenta e sete mil vezes sete e com todo o tipo de combinações. Leva toda uma vida aprendê-los e não se consegue registar tudo isso na memória física, é totalmente impossível. Devem usar a vossa intuição e a vossa memória psíquica, a memória do vosso Ego no Astral. Devem consultar o registo da vossa forma astral.

Sr. Cross: – Parece-me que os livros que circulam sobre Astrologia estão escritos muito por cima das cabeças das pessoas. Como alguém de fora, posso dizer que realmente as pessoas querem saber algo da Teosofia, conhecer os seus primeiros passos, mais que estas teorias avançadas. Elas estão bem para a vossa própria Sociedade. E

se esses livros que saem de vez em quando são para espalhar a doutrina, não sei. Falando por minha experiência, não fazem muito bem. Publicam-se juntos com os outros.

Condessa Wachtmeister: – Poderia dar-nos uma série de perguntas como fazem os de fora?

Sr. Cross: – Gostaria de saber por que à pessoa que responde tão claramente às perguntas se chama “Místico”.

Sr.^a Blavatsky: – O Sr. Keightley queria pôr “Místico”. Respondi-lhe que ponha “P” e “R”. Eu queria pôr “Teósofo”, mas esse é um nome muito arrogante.

Sr. Kingsland: – Ponha “Mestre”.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não, não! Isso seria ainda pior.

Sr. Cross: – Essa é realmente a objecção que têm os de fora, a de ser vaga. E a palavra “Místico” não aumentaria essa ideia?

Sr. B. Keightley: – Tem toda a razão.

Sr.^a Blavatsky: – Que nome sugere?

Sr. Cross: – Por que não põe o seu próprio nome?

Sr.^a Blavatsky: – H.P.B. já me cheira mal.

Sr. Cross: – Mas as pessoas vêm-na como uma espécie de oráculo do movimento.

Sr.^a Blavatsky: – Já está aqui o meu nome, todos saberão que fui eu quem o escrevi. Mas não quero que se ponha muitas vezes o meu nome ao longo do livro. Sei que “Místico” não estava bem. Agora, por favor, dêem-me uma boa ideia.

Sr. B. Keightley: – Uma boa alternativa seria “P” e “R”.

Sr. Cross: – Suponho que haja uma objecção a utilizar a palavra “Teósofo”.

Sr.^a Blavatsky: – É muito arrogante, porque “Teósofo” se chama aos homens que são realmente sagrados, santos, quaisquer que sejam, de qualquer nação a que pertençam, de qualquer religião. Agora, não penso que eu mesma seja tão elevada, boa, ou sequer suficientemente erudita para chamar a mim mesma “Teósofa”.

Sr. Cross: – Se você não é uma Teósofa, quem são os Teóso-

fos? Vamos deixar de lado o termo Teósofo simplesmente porque ninguém pode viver de acordo com o Ideal? Um teósofo é um Ideal, mesmo que realmente não o seja tal como não será um cristão.

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que “Teósofo” é melhor que “Místico”. Eles só dirão que é muito místico. Deixemos então “Teósofo”.

Sr. Cross: – Penso que não sou competente para falar, porque sei pouco.

Sr. Kingsland: – Então não nos pode dar conselhos.

Sr.^a Blavatsky: – Estamos tão imersos nesta actividade da Sociedade Teosófica que não conseguimos ver as coisas como aqueles que nos rodeiam. As cabeças dos de fora são muito mais claras.

Sr. Cross: – Seria muito melhor se traçássemos uma linha – uma linha mais definida – entre o Ocultismo e a Teosofia.

Sr.^a Blavatsky: – Temos uma grande linha. Apresento um capítulo sobre a diferença entre o Ocultismo e a Teosofia. Um teósofo pode ser qualquer membro da Sociedade Teosófica, e poderá estudar ou não, não é obrigado a nada, nem a mudar de religião e nem a deixar nada. Mas aqueles que estudam Ocultismo, que estudam a Teosofia Esotérica, desde logo devem acreditar, devem ter uma só crença. Certamente que a Teosofia e o Ocultismo são diferentes, porque um ocultista deve ser um teósofo se não quiser ser um mago negro, porém qualquer um pode ser teósofo sem ser ocultista.

Sr. Cross: – Mas por que se publica estes livros ao mesmo tempo? Agora tenho um livro chamado *A Ciência Superior*, que me fez muito bem. De outra vez tive um livro chamado *A Arte Negra*, algo de que não sabia nada.

Sr.^a Blavatsky: – Se conhece o lado da luz, deve conhecer o lado escuro. Se conhece algo sobre a noite, deve saber o que é o dia.

Sr. Cross: – Se está travando face ao público britânico ao unir essas coisas, porque sabemos que a Astrologia no homem comum está muito ligada à fraude. Sem dúvida que há muito de verdade nessas ciências antigas, mas realmente está fazendo dano a si mesma. Você se está travando, por assim dizer.

Sr. Kingsland: – Isso não se pode evitar, porque a Teosofia está baseada no Ocultismo. O Ocultismo é o estudo teórico das leis sobre

as quais se baseia a Teosofia como algo exotérico.

Sr.^a Blavatsky: – E das leis da Natureza.

Sr. Kingsland: – Deve haver alguma lei que se poderá apontar como a razão dos princípios teosóficos, e isto é Ocultismo. É necessário que saibam isto aqueles que são líderes do Movimento, de maneira que possam fazer frente aos oponentes da Teosofia em todos os planos, seja o intelectual ou outros.

Sr. Cross: – Então, por favor, deixe-se claro. Não queremos esses termos científicos, queremos tudo claramente definido.

Condessa Wachtmeister: – Aprender Teosofia não é como ir a uma escola. Aprender Teosofia é desenvolver a intuição, não é como receber lições facilitadas. O que a Teosofia realmente faz é desenvolver o Homem Interno.

Sr. Cross: – Certo. Porém, antes de saber alguma coisa da composição deve primeiro aprender gramática. O que quero dizer é que devemos conhecer algo sobre as coisas mais simples.

Sr.^a Blavatsky: – Tentei pôr numa linguagem a mais simples possível. Tirei tudo da cabeça, certamente não da do público de fora. Veio-me à cabeça escrever esta *Chave da Teosofia*, faz duas semanas que comecei e estou terminando, terá umas 250 páginas.

Sr. Cross: – Temos livros de Astrologia, permita-nos ter livros sobre o Ocultismo, mas comece-se pelo ABC.

Sr. Kingsland: – Há livros teosóficos ABC. Temos editado livros que são o ABC e também os mais metafísicos.

Condessa Wachtmeister: – Há mentes tão diferentes.

Sr. Kingsland: – Se um homem só quer o ABC da Teosofia, um teósofo lhe dirá: “O que queres é tal e tal livro”. Vem outro e diz que quer encontrar a base das Escrituras, e então tem *A Doutrina Secreta*. Esta é a única forma prática para um homem que seja um teósofo.

Sr.^a Blavatsky: – A Teosofia é algo muito fácil se encontrarem um teósofo que possa dar uma explicação clara dela, bem, dando-a a perceber, ainda que às vezes se encontre um teósofo que espanta com todo o tipo de termos metafísicos. Agora, por exemplo, eu mesma falo um inglês muito neutro, pois estou acostumada a utilizar termos teosóficos que todo o teósofo compreenderá, ainda que outras pesso-

as me olhem e tomem como uma lunática. Para nós é totalmente compreensível. E deve-se compreender que uma pessoa acostumada a falar com certa linguagem não poderá vir falar com meninos. Tomem um matemático, ele não o conseguirá. É extremamente difícil para um teósofo vir falar claramente com aqueles que nunca ouviram nada sobre Teosofia, portanto, é aí que está a dificuldade. Eu escrevi *A Doutrina Secreta*. Parece-me que cada palavra nela é compreensível, muitos dos nossos teósofos compreendem-na, e aquilo que não entendem vêm a mim e eu explico-lhes. A cada quinta-feira explico aquilo que não lhes estava suficientemente claro. Mas vejam esses jornais, eles não entendem isto, dizem que é tudo palavreado.

Sr. —: — Não deve ligar ao que diz o jornal *Telegraph*.

Sr.^a Blavatsky: — Agora o *Saturday Review* disse uma simples palavra?

Sr. —: — Deve considerar que só lhes interessa o negócio.

Sr.^a Blavatsky: — O quê? Sentar-me sobre cada livro que aparece?

Sr. —: — Não há uma crítica justa nem a querem fazer. Se se escreve algo novo em música ou arte criticam-no, porque é algo que conhecem. É por isto que a música é tão popular, porque é como muitas outras coisas.

Sr. Kingsland: — O que o Sr. Cross argumentou é totalmente válido, mas parece-me haver um remédio para isso. Não se supõe que consiga selecionar tudo o que possa ler melhor, mas haverá de querer ler esses mesmos livros que agora condena.

Sr. Cross: — Eu quero um livro que me diga o que devo ler.

Sr. Kingsland: — Só alguém que tenha estado no terreno o pode ajudar.

Fim da reunião.

XVIII

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
30 de Maio, 1889.
W. Kingsland na Presidência.**

Sr. Old: – A primeira questão desta noite é: algumas vezes *Jiva* é utilizado como sinónimo de *Prana*, ou simplesmente a “Vida”, mas também aparece usado no plural como sinónimo das *Mónadas*, num outro sentido no comentário desta e da *sloka* a seguir. Por favor, lance um pouco mais de luz sobre o significado da palavra *Jivas* em *A Doutrina Secreta*.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, eu disse muitas vezes que há seis Escolas de Filosofia na Índia, que cada uma tem os seus termos próprios e às vezes utiliza-os num sentido diferente da outra. Ao que um *vedantino* da seita *Vishishtadvaita* chama *Jiva*, por exemplo, a isso a *Advaita*, que também pertence à Escola *Vedanta*, considerará ser uma grande heresia, porque ela chama *Jiva* ao “Uno”, que não pode ser plural, ou seja, que ele é *Parabrahman*, o Princípio Único Universal. Portanto, é muito difícil saber qual usar, mas devendo saber à luz de qual filosofia o usam, pois em contrário haverá sempre confusão. *Jiva* é realmente a encarnação do *Ego*, o quinto Princípio em nossa Escola, na Escola *Esotérica*.

Sr. Kingsland: – *Jivas* no plural usa-se muitas vezes para referir-se às *Mónadas*.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não se pode usar *Mónada*, porque a *Mónada* é uma coisa e o *Jiva* é outra. Se tomarem *Atma-Budhi-Manas*, então será outra coisa, mas se os usam para distinguir é impossível dizer isso, porque a *Mónada* é *Atma*. O que é a *Mónada*?

Sr. Kingsland: – Frequentemente usa-se no mesmo sentido.

Sr.^a Blavatsky: – *Mónada* provém do grego “Uno”, a unidade, seja qual for. Se lhe chamamos *Mónada* é simplesmente porque está com *Budhi*, e *Atma* na realidade não é uma unidade mas sim o Princípio

Universal Único, projectado simplesmente como um Raio. O que usa Budhi como um veículo é o Raio desse Princípio Universal. Portanto, na realidade Budhi é a Mónada, a Unidade Única.

Sr. Kingsland: – A Mónada. Mas usa-se em referência às Mónadas nas formas inferiores de vida.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é algo diferente. Leibniz usa-a num sentido bastante diferente.

Sr. Kingsland: – Mas não é usada no mesmo sentido que em *A Doutrina Secreta*?

Sr.^a Blavatsky: – A Mónada é o que encarnou na Chaya, na imagem, na primeira imagem projectada pelos Pitris Lunares, porém, é totalmente insensível, porque ainda não tem a ligação profunda, por assim dizer, com o Manas que vem depois disso. Uma chegou na primeira Raça e o outro na terceira. Vêem então a diferença.

Sr. Old: – Ao ler *A Doutrina Secreta* cheguei à conclusão que *Jiva* deve sempre usar-se no sentido do princípio de vida individual.

Sr.^a Blavatsky: – Devem prestar atenção em que parte do livro se usa e quando. Por exemplo, se vêem que cito algo de um livro sectário, então é uma coisa diferente, quando cito a Leibniz digo as “Mónadas”, mas não creio que encontrem serem usadas indiscriminadamente e as misture quando falo da minha própria filosofia, porque é impossível as misturar.

Sr. Old: – Podemos concluir, então, que *Jiva* é a expressão individual e *Prana* a universal?

Sr.^a Blavatsky: – *Prana* é simplesmente a vida física, essa em que estão os animais e os homens, o Reino Animal e o Reino Vegetal, porém, *Jiva* só pode ser aplicado ao Princípio Único Universal, ou seja, ao Incognoscível Parabrahman. *Prana* é uma palavra sânscrita usada para o princípio vital. Não há “*Pranas*”, porque não se pode utilizar no plural. A Vida é indivisível, mas algumas vezes utiliza-se como sinónimo de *Jiva*, quando *Jiva* é aplicado à Vida Única ou à Essência Vivente Universal – outro termo para o Incognoscível – não obstante ser um Princípio manifestado por si mesmo e evidente, a primeira Manifestação, ou isso que ordinariamente chamam o Primeiro Logos, não o Segundo, o Manifestado do Universal.

Sr. Kingsland: – Os Jivas não são sinónimos dos que, nas Estâncias, se denominam os “Devoradores”?

Sr.^a Blavatsky: – Cada vida tem um Jiva nela. Cada pequeno insecto tem um Jiva. Cada micróbio, cada grão de poeira tem o seu Jiva, mas isto é algo diferente. *Jivas* significam “as Vidas”.

Sr. Kingsland: – Isso é idêntico à ideia de Leibniz acerca da Mônada.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, bem, mas não é isto. Pode chamar-se igual, mas as Mônadas de Leibniz são algo muito diferente. Ainda que o possa ser num sentido, porque Leibniz chama Mônada a cada átomo, todavia há uma grande diferença.

Sr. Old: – Tenha-se ou não as Mônadas como dotadas de inteligência, é natural que tenham uma inteligência sendo conscientes de si mesmas em conformidade com os seus graus.

Sr.^a Blavatsky: – Há uma grande diferença entre a Mônada, a unidade como um átomo, e uma Mônada que é uma Mônada inteligente. O que reflecte todo o Universo é a Mônada de Leibniz. Uma está no Plano de Manifestação, o da Matéria grosseira, e a outra está no Plano da pura Espiritualidade. Os dois Planos são totalmente diferentes. Tomem os dois e tereis num extremo o pólo do Espírito puro e no outro extremo o pólo da Matéria grosseira. Vereis então que não se podem misturar. Um é, como já disse, o Incognoscível, e o outro é o que acabo de dizer. Este é um erro que se comete frequentemente.

Sr. Old: – Pergunta 2. Você fala frequentemente do Incognoscível. O Incognoscível do Ocultismo é o mesmo que o Incognoscível de (Herbert) Spencer?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, isso é justamente o que pretendo dizer-lhes, porque há uma grande diferença. Não é o mesmo. O “Incognoscível” de Herbert Spencer é o que nós, ocultistas, simplesmente chamaríamos de “Desconhecido”, ou esse Primeiro Invisível e Intangível, senão esse Princípio existente logicamente necessário que alguns chamam a Causa Original. Agora, o “Incognoscível” de Herbert Spencer é o que ele chama o Primeiro Original, mas que nós nunca chamaríamos de Primeiro Original e sim de Primeiro Logos. Nós não chamamos a Parabrahman de Causa Original, porque Parabrahman é a Causa Toda, a Causa Universal ou a Causa sem Causa, que é algo

completamente diferente. A Causa Original tem um Causa que a precede e da qual emana. A Casa sem Causa não tem Causa, porque é a mesmíssima Causa Absoluta. O Incognoscível ou Parabrahman da Filosofia Vedantina não pode manifestar-se já que é o Absoluto, donde ser imutável por não poder passar por nenhuma mudança. Se aulgém quiser entender esta Doutrina Oculta, fará bem em estudar criticamente a disputa entre Harrison¹⁸⁷, o positivista, e Herbert Spencer, a respeito do termo. Agora, tendo entendido que o Incognoscível significa o Desconhecido para Harrison, algum de vós leu esse debate entre ele e Herbert Spencer?

Sr. Burrows: – Sim.

Sr.^a Blavatsky: – Então conhecem-no. Digam-me, se quiserem, se é como entendi: de que o “Incognoscível” de Harrison é substituído pela palavra “Desconhecido”. Nem Spencer, nem Harrison deixam clara essa doutrina abstracta pela sua discussão e pelos termos que juntam, ainda que ambos estejam correctos e ambos estejam errados. É como se um insistisse que ao período diurno de 24 horas deve chamar-se dia, e o outro insistisse em chamar-lhe noite. Ambos são um dia e uma noite por ser isso que produz na nossa percepção esse período, de imediato não tendo sentido um sem o outro. É o Incognoscível e o Desconhecido. Se então misturarem o Incognoscível de Herbert Spencer e o Desconhecido de Harrison, a soma total dará uma ideia relativa do que nós os ocultistas queremos dizer pelo termo, e o por que de realidade as palavras Jiva, Prana e Mónada – esta última na sua aplicação universal de agregado – serem todas uma só, apesar de neste Plano da Manifestação estarmos obrigados a diferenciá-las, dar um nome a cada uma e não as misturar. Agora, se Herbert Spencer pensar que o objectivo final da expressão dessa ideia deífica é a da absolutez incondicionada e ilimitada, ele terá razão. Para nós só há uma certeza absoluta, a saber: de que o espírito humano ou a consciência encontra-se constante e ininterruptamente na presença de uma Energia infinita e eterna, donde emana (ou antes, irradia) tudo o que existe ou é. É esta a ideia de Herbert Spencer?

Sr. Burrows: – Sim, principalmente.

¹⁸⁷ Frederic Harrison (1831-1923), autor britânico que publicou, em inglês, o *Positivismo* do filósofo francês Auguste Comte.

Sr.^a Blavatsky: – Então esse é o Incognoscível e contém mais que uma simples negação. É a confissão da nossa ignorância humana, mas também é a admissão tácita ou virtual de que o Homem é preenchido por essa Energia que como Substância Universal o fabrica, por assim dizer. Agora Spencer repete frequentemente que o Incognoscível é essa Energia que se manifesta simultaneamente no Universo e na nossa consciência; que essa é a realidade mais elevada que existe, somente ocultada pelo sempre mutável progresso da manifestação física; portanto, para Herbert Spencer o Espírito é simplesmente a causa cósmica invisível desses fenómenos. Tal como eu entendo, ele não vê nada mais no Espírito. Atribui a essa Essência, tal como nós fazemos, a unidade, a homogeneidade, e uma existência ilimitada fora do espaço e do tempo, cujos meios de actividade são leis universais. Nós também dizemos o mesmo, porém acrescentamos que por cima dessa Essência e pluralidade de leis cujas manifestações são só periódicas, há uma Lei Eterna e Única, a Causa sem Causa, tal como lhe chamamos. Spencer coloca o Incognoscível face a face com o abstracto e os fenómenos cósmicos, e vê nesse Incognoscível a causa da manifestação. O positivista, por outro lado, apesar de admitir a existência de uma certa Energia fundamental ou básica, não obstante fala do Incognoscível como sendo simplesmente uma quantidade negativa, o que é uma contradição nos termos. Agora entendem a ideia. Um chama-o de Incognoscível e outro de Desconhecido. É positivamente uma contradição nos termos, pois se ambos significam algo completamente diferente, no entanto são o mesmo. Ao que nós chamamos de Primeiro Logos – ou a Primeira Manifestação ou Radiação do Eterno – Herbert Spencer denomina de Primeiro Original, e então fala do Incognoscível. O outro fala do Desconhecido, e quer fazer do Desconhecido o Parabrahman. Entendem? Mas Parabrahman é totalmente inconsciente, ou seja, uma quantidade negativa, tal como ele a chama. Mas o que nós, os ocultistas, dizemos, é que nem Spencer nem Harrison oferecem algo parecido a uma filosofia completa. O Incognoscível ou Desconhecido não pode existir para as nossas concepções, tampouco para a nossa percepção disso. O Incognoscível é a Manifestação Desconhecida do Logos, que nós colocamos face a face com todo o fenómeno (abstracto, físico, psíquico, mental ou espiritual), porque o Desconhecido ocultará sempre alguma porção do Incognoscível, ou seja, algo das leis e manifestações que iludem a nossa perce-

pção por algum tempo. Por outro lado, o Incognoscível é a soma de tudo aquilo que, devido à nossa organização intelectual finita podendo iludir para sempre as nossas percepções, é o Parabrahman, ou a Causa sem Causa. Se agora consegui fazer-me entender, dizendo que se estudarem o Incognoscível de Spencer e tomarem o Desconhecido de Harrison, em vez de aceitar a um ou a outro, antes vendo que ambos necessariamente se completam, tendo a nossa Mónada abstracta e o nosso Prana universal, cuja Causa sem Causa, Eterna, Imutável é o nosso Parabrahman vedantino num extremo da linha, e o Grande Ser, a Raça Humana ou a Humanidade no outro, então tereis a verdadeira ideia do que querem dizer os ocultistas. Vereis que esta Humanidade e da unidade nela são, ao mesmo tempo, o Incognoscível, o Desconhecido, e o que tem de Ser Conhecido. Isto é o que diz o Ocultismo. Como é impossível para a mente humana conhecer algo definido incluso da Essência Desconhecida, então voltemos toda a nossa atenção para a sua manifestação mais elevada na Terra, a Humanidade, e digamos como se diz em João: “Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser” – *Illo vivicuus moveuur el sumus*.¹⁸⁸

Sr. Old: – Há um ponto que não compreendo completamente – talvez não seja entendível – quando refere que o Incognoscível não se pode diferenciar.

Sr.^a Blavatsky: – Eu diria que não se pode diferenciar se é o Absoluto.

Sr. Old: – Mas o Absoluto, como Absoluto, é isto, isso e tudo.

Sr.^a Blavatsky: – Sim.

Sr. Old: – Bem, certamente que nós somos uma diferenciação, nós somos o Ser nesse não-Ser. A Humanidade é o Ser, o extremo da (linha) da vida, e Parabrahman é o outro, ainda que sem dúvida Parabrahman inclua os dois. Ele não só é o centro e o raio como também a circunferência ilimitada. Parece-se a uma contradição nos termos.

Sr.^a Blavatsky: – Eu diria que o Absoluto não se pode diferenciar. Não estais levando em conta a ideia filosófica. Em Filosofia não podeis dizer que o Absoluto se diferencia, que o Incondicionado tem alguma

¹⁸⁸ *Actos dos Apóstolos*, 17:18: “Porque nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser” – *In illa enim vivimus et mevemur et sumus*.

relação com o Condicionado, ou o Finito, pois o Infinito não pode ter nenhuma relação com esse. Portanto, ao pensar no Cosmos ou no Universo em suas manifestações, mesmo que acaso se utilize o argumento não se pode, quando se fala de Filosofia pura e Filosofia Vedanta, contornar para dizer que o Absoluto pode diferenciar-se.

Sr. Old: – Claro que vejo que a verdadeira ideia do Ser Absoluto se perde no não-Ser.

Sr.^a Blavatsky: – Nós dizemos que Parabrahman é uma Inconsciência Perfeita, Absoluta. Ao dizer que é Inconsciência Absoluta, diremos que é Consciência Absoluta. Agora, conseguem imaginar a Consciência Absoluta? Os vedantinos conseguem. Se é Inconsciência Absoluta, deve ser Consciência Absoluta, porém, como é Absoluta não pode ter relação com a consciência finita ou com a inconsciência finita. Tentem compreender essa diferença. Vejam essas enormes dificuldades e ideias obscuras na Filosofia Oculta.

Sr. Old: – Creio que é um raciocínio superior que a nossa linguagem dificilmente pode representar.

Sr.^a Blavatsky: – Herbert Spencer tentou e estragou tudo, porque toma o Incognoscível como uma espécie de Causa Original transcendente que aparece quase antropomórfica. É simplesmente invisível e apesar de não lhe dar uma personalidade, não penso que ele seja um filósofo vedantino.

Sr. Old: – Creio que as ideias puras podem ser concebidas, mas não penso que se consiga expressá-las.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, e todos o sentirão. Permita-me dizer-lhe, e talvez isto possa ajudar: o Incognoscível, como Absolutez, é Eterno, Imutável, não teve começo, tampouco terá um fim. O Incognoscível, como uma manifestação, é periódico. Um é imutável, fora do tempo e do espaço, o outro é finito porque é periódico, e é por isto que os Períodos Parabrahmânicos ou Períodos Manvantáricos estão separados ou divididos em Dias de Brahma e Noites de Brahma. Os Dias são os períodos de actividade onde essa manifestação periódica ou o Incognoscível se manifesta, tomando uma aparência. As Noites de Brahma são os períodos em que tudo se funde nessa não-Entidade. Quando a Idade de Brahma chega aos cem anos – que não são os cem anos humanos, pois que toma cerca de 17 ou 18 cifras para

expressar milhares e milhares de anos humanos, penso que cerca de 17 mil milhões – há então um período que toma o mesmo número de anos que tomou o período de actividade. Entendem esta divisão? O Incognoscível é sempre o absoluto incognoscível que Harrison chama de quantidade negativa, o que – para a nossa percepção – pode ser.

Sr. Old: – Pode-se então dizer que o Desconhecido é, na realidade, aquilo que há a conhecer.

Sr.^a Blavatsky: – Esse Desconhecido não pode ser, porque o Desconhecido tem sempre alguma potencialidade do Incognoscível, enquanto o Incognoscível não pode ter tal potencialidade.

Sr. Old: – Porém eu, tal como você mesma, distingo aqui entre as palavras “Desconhecido” e “Incognoscível”. Eu chamaria à Primeira Causa de Herbert Spencer o “Desconhecido”.

Sr.^a Blavatsky: – Harrison tem toda a razão em não o chamar de Incognoscível. Por tudo isto é que lhe chamamos Parabrahman.

Sr. Kingsland: – Trata-se da diferença entre Brahma e Parabrahman.

Sr. Old: – Pergunta 3. Em referência a todo o parágrafo (e) e a alguns pontos que surgiram na última quinta-feira, seria bom dedicar um pouco mais de tempo ao tema da reencarnação. E seguem-se várias cláusulas que creio seria bom lê-las separadamente. Desafortunadamente, omite-se o parágrafo.

Sr. Kingsland: – “A quarta ordem são entidades substanciais, etc.” (lê-se o parágrafo e).

Sr. Old: – (a) Por exemplo, acostumamo-nos a pensar nos “Jivas Imperecíveis” ou “Mónadas” como o Atma-Budhi-Manas (exotericamente), e que essa “Mónada” encarna em algum período na criança recém-nascida, contudo, sem encarnar plenamente até sete anos depois de nascida.

Sr.^a Blavatsky: – Disse-vos que as “Mónadas Imperecíveis” não são o que pensais. Também já vos disse que os “Jivas Imperecíveis” são as Individualidades encarnadas, não as personalidades, e que não são as Mónadas. As Mónadas tomam posse imediata das imagens astrais, as Chayas dos Pitris Lunares, enquanto os Jivas ou Manasaputras apareceram somente no final da terceira Raça. Com a criança passa-se o mesmo que aconteceu com a primeira Raça. Diz-

se que as Mónadas, Atma-Budhi, só encarnaram plenamente quando a consciência total se desenvolveu na Humanidade infantil, ou seja, na terceira Raça, e assim também acontece com a criança como uma unidade, ou no Homem. Tomem sempre a analogia, e então invariavelmente encontrareis a chave da explicação oculta. É igual à primeira Raça com respeito à terceira Raça, porque a criança é o microcosmos do macrocosmos e repete, fase por fase, tudo. Toda a evolução do Universo encontra-se na evolução do feto e da criança. Este é um facto bastante conhecido que os ocultistas deveriam saber mais ou menos.

Sr. Old: – Então, você diz que a Mónada não encarna.

Sr.^a Blavatsky: – A Mónada encarna a Mónada, por assim dizer, de uma sombra. Não está unida porque Chaya – ou essa imagem, a forma astral – não é consciente da presença da Mónada, por não haver o elemento Manásico para apreciar ou estar consciente dessa Mónada nele. Portanto, é simplesmente como se não a tivesse. É igual ao que acontece com a criança.

Sr. Old: – É basicamente o veículo da vida individual.

Sr.^a Blavatsky: – Nem mais. Mas quando chega Manas, ou a Mente, então dá-se a união de todos os princípios, e todos os princípios aparecem por volta dos sete ou oito anos, quando a criança se torna consciente.

Sr. Old: – Mas é um laço conector. Então (b). Foi sugerido pelo Sr. Sinnett, na última quinta-feira, e também aparentemente pelo parágrafo que temos diante de nós, que a Mónada é realmente necessária como um denominador potencial sendo, de facto, o “gérmen” que causa o desenvolvimento da entidade, desde a célula germinal em diante. Mas, podemos realmente dizer que a Entidade Devakânica ou Tríade Superior tem algo a ver, como entidade, com a evolução puramente física da forma em que logo estará encarnada? Os quatro princípios inferiores não derivam completamente dos pais e seguem em linhas gerais o que nós chamamos de herança? E não poderíamos dizer que aqueles afectam os quatro princípios inferiores, porém não os três superiores?

Sr.^a Blavatsky: – Agora tentarei responder por ordem. O Sr. Sinnett provavelmente chama Mónada a isso que chamamos de ima-

gem, a Chaya, a menos que compreenda erroneamente o ensinamento, o que não creio porque ele entendeu bem. Não creio que tenham entendido correctamente o Sr. Sinnett. Ele não disse isso acerca da Mónada, porque o que primeiro se lhe ensinou é que a Mónada não aparece senão em certa fase da vida da criança, especialmente Budhi.

Sr. Old: – Ele formulou esses sete anos no seu *Budhismo Esotérico*.

Sr.^a Blavatsky: – A célula germinal contém a semente ou forma astral. O pai planta a semente no solo da matéria. Essa semente é como uma chama sem combustível, não descrece nem aumenta, e quer ele tenha uma ou centenas de crianças cada uma delas será como uma vela de junco e sebo¹⁸⁹ a quem se deu a luz da mesma chama inextinguível. Isto é algo que existe desde há milhões de milhões [de anos], desde o momento em que começou a Humanidade. Tudo isto passa de pai a filho, deste ao seu filho e assim sucessivamente, sem que decresça. É este o significado.

Sr. Old: – Mas por quantos princípios é responsável o pai humano?

Sr.^a Blavatsky: – Digo-vos tudo o que está escrito aqui. A Mónada cobiça o feto somente aos sete meses, e entra plenamente na criança quando ele alcança a consciência. A Entidade Devakânica desenvolve, por assim dizer, a nova entidade, porém o seu processo de assimilação começa somente depois do primeiro raio de consciência, digamos aos sete ou oito meses. Portanto, não entra nela. Começa a cobiçá-la e é levada a ela pela Lei Kármica, mas não a pode penetrar imediatamente. É uma tolice dizer que a criança tem uma alma e que seja um ser humano antes de nascer.

Sr. Kingsland: – Então, é atraída pela sombra astral?

Sr.^a Blavatsky: – Exactamente, da mesma maneira.

Sr. Old: – Vai muito perigosamente contra a lei do infanticídio.

Sr.^a Blavatsky: – Não se deve ensinar isso tanto às massas como a cada pessoa. Infelizmente os hindus conhecem, motivo por que se desfazem dos seus filhos com tanta facilidade. Mas certamente esse

¹⁸⁹ Vela feita de juncos embebidos em azeite com uma chama acesa.

é o seu karma. Quer a criança tenha uma vontade ou não é um ser humano, e há outras leis no código da Filosofia [Oculta] que previnem contra o infanticídio, este que é sempre um crime. Dos pais a criança só recebe o corpo físico e o corpo astral, o Kama-Rupa ou alma animal. Não recebe a vida de ninguém. Não recebe a vida do pai ou da mãe, nasce e, portanto, está na vida. Pergunto-vos: recebem o oceano? Vós e a esponja têm o seu ser nesse oceano, porque estão nas suas águas. A criança não recebe vida de ninguém. A Vida está ali, é o Princípio Universal. Mas logo a Ciência dirá que não é nada disto, que é uma tolice a Vida ser uma Entidade. No entanto, a Vida é simplesmente essa Deidade da qual não sabemos nada.

Sr. Old: – Você pensa que os pais físicos têm o poder de focar essa vida e conduzi-la por diferentes canais.

Sr.^a Blavatsky: – Estando a forma feita logo que nasce ou quando começa a desenvolver-se recebe a vida, sendo igual a quando se respira o ar inconscientemente. Ninguém nos dá o ar que respiramos e sem ele morreríamos. Isto é tudo.

Sr. Old: – Então, refere-se realmente à doação da vida como o resultado de certos desenvolvimentos físicos que conduziram a essa fase em que a recepção da vida é uma necessidade.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Você nasce, cresce para se desenvolver e vive porque a vida está ali. Você é a vida. Quando morre, não é que a vida o deixe, você está na vida. Você é quem deixa a vida e não a vida quem o deixa.

Sr. Kingsland: – A vida começa a funcionar e manifesta-se através de si.

Sr.^a Blavatsky: – É uma vez que os seus órgãos sejam destruídos, deixará de funcionar. É como a força no relógio, dá-lhe corda e enquanto a tiver trabalhará. Como a força se esgota – não ela em si mesma – tem de lhe dar corda para funcionar, pois quando acaba não funciona, logo, essa força não pode funcionar quando não existem condições.

Sr. Kingsland: – É mais como uma árvore movida pelo vento. Pode ver-se o efeito do vento pela árvore, mas se a retirar o vento continua soprando de todas as formas.

Sr.^a Blavatsky: – Os Três Princípios Superiores são a Trindade

Humana, os Três em Um. Eles não vêm dos pais à criança. Alguém poderá opor-se a isto e perguntar: e a herança do intelecto e a sua ausência? Vocês sabem, como disseram na outra vez, que alguém pensava que a herança era tudo. Eu digo que tudo isso é uma tolice. De nenhuma maneira essa herança, intelectual ou embotada, jaze no Ego Superior ou Manas. Os seus graus dependem do nosso organismo físico e do cérebro, e por certo o tamanho nem sempre segue *pari passu* com a qualidade do cérebro. Mas algumas pessoas dirão: “Ele tem um cérebro enorme e demonstra intelecto”. De maneira alguma. Estive lendo coisas em livros de medicina, onde se diz que o porco tem um cérebro maior que o do Homem e, contudo, não é muito intelectual.

Sr. Old: – Eles falam da profundidade das circunvoluções.

Sr.^a Blavatsky: – Não, eles pesam o cérebro, que pesa tantas onças ou libras ou toneladas. Eu digo que é a qualidade, não a quantidade. Se o pai ou a mãe foram pessoas intelectuais, algumas vezes transmitirão por herança um organismo como o deles à criança. Daí que o filho tenha a mesma capacidade de receber e reflectir em seu cérebro físico a mesma quantidade de luz de Manas, o do princípio da Mente. Mas, por que tão frequentemente encontramos filhos estúpidos de pais intelectuais, e vice-versa? Isso não é herança. Compreendem isto? Os pais podem dar por herança os seus órgãos, as suas circunvoluções ou o que seja, o material físico, o qual terá a mesma capacidade de reflectir a luz de Manas, tal como fizeram os seus pais, e portanto o menino será tão inteligente como eles, porém, de maneira alguma Manas limita-se a isso. Ele é o sempre o mesmo, é omnisciente. Torna-se embotado ou estúpido somente nas suas personalidades e encarnações na Terra. Não podem dizer de Manas que um Ego seja mais intelectual que outro.

Sr. Kingsland: – Um Ego não traz mais Manas do estado devakânico?

Sr.^a Blavatsky: – De maneira alguma. Um Ego terá um melhor desenvolvimento kármico do que outro, mas não o traz de volta. Durante o seu período de ilusão no Devakan, quando está nele ou em algo similar, tudo reverte para o Ego omnisciente.

Sr. Kingsland: – Mas essa parte que sempre entendemos que se assimila, não volta?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porém no Devakan não é o mesmo. É mui-

to difícil de explicar, pois nele se reflecte a personalidade humana, e se não o fizesse não teria a beatitude que tem. Com tudo isso, o Devakan não deixa de ser uma ilusão, uma felicidade ilusória.

Sr. Kingsland: – Mas então essa porção de Manas certamente se desenvolve em cada indivíduo.

Sr.^a Blavatsky: – Fá-lo porque a personalidade difere, mas Manas *per se* é o Ego encarnado.

Sr. –: – A manifestação depende da perfeição ou imperfeição do instrumento.

Uma Senhora: – Então os pais interferem num certo desenvolvimento ou não-desenvolvimento do mecanismo. E será de acordo com isso que Manas é capaz de se manifestar na vida ordinária. E é nisso que a herança aparece.

Sr.^a Blavatsky: – O Manas é sempre o mesmo. É o eterno tronco em volta do qual se desenvolvem as personalidades, por assim dizer, essas que vêm e vão sucessivamente. É chamado de Sutratmã, o fio de prata onde são enfiadas essas pérolas como personalidades. Vós conheceis a expressão. Na sua própria natureza inerente, ou essência, é onnisciente, porque é parte da Mente Divina. Mas uma vez que tenha sido levado a encarnar na Terra, toma toda a materialidade e todos os atributos finitos, por assim dizer, das personalidades em que encarna. Ademais, essas personalidades estão sujeitas às perfeições da forma material.

Uma Senhora: – Supondo-se que durante a vida humana a natureza espiritual se desenvolveu até um ponto considerável, e logo chega a morte. Quando o Manas retoma uma nova encarnação, o progresso que fez na vida passada fixa o tipo de humanidade que então tomará, tendo a sua vida passada feito com que tenha ido mais longe?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Se o karma for bom adiantar-se-á muito mais, e todas as experiências da vida passada lhe servirão nesta vida. Por isso, encontram crianças que não sendo como os seus pais, tornam-se crianças fenômenos, como Hoffmann¹⁹⁰ que não tem músicos na família, e coisas como essa são algo que vem da vida passada. Vêm a ele tão facilmente como a água para os patos.

¹⁹⁰ Josef Hoffmann (1856-1957), criança-prodígio que fazia concertos de piano aos 10 anos, que esteve sob observação pública em 1887 e 1888.

Sr. –: – Como sucede que o mecanismo que toma dos seus pais não o retarda? Porque se os seus pais não são músicos então o seu mecanismo, no que respeita à música, deve ser mais forte do que ele.

Sr.^a Blavatsky: – Subjuga a matéria cega.

Sr. Kingsland: – Imagino que em muitos casos se retarda.

Sr.^a Blavatsky: – Reparem no pequeno Tom, o cego, que está na América, um pequeno negro de quatro anos que é completamente cego¹⁹¹, e, no entanto, vejam as coisas maravilhosas que faz.

Uma Senhora: – Não teria sido antes atraído para o mecanismo musical?

Sr.^a Blavatsky: – A herança é um efeito do karma, e por consequência, se uma Individualidade tem de encarnar o karma de uma pessoa, então terá a capacidade de actuar nesse mecanismo musical.

Uma Senhora: – Será uma espécie de afinidade?

Sr. Old: – Mas um corpo astral não tem o poder de imprimir a sua própria imagem sobre a matéria bruta proporcionada pelos pais físicos?

Sr. Kingsland: – É ao contrário.

Sr. Old: – A entidade existe antes do nascimento da criança.

Sr.^a Blavatsky: – Esse astral não tem nada a ver com o Manas que encarna. A matéria inferior é dada pelo pai e a mãe, os pais, envolve o astral e logo se forma a criança física. Mas esse astral não tem nada a ver com isto, não tem nada a ver com o Ego que é uno, contínuo, ininterrompível.

Sr. Old: – A Mónada em encarnação projecta a sua Sombra ou Chaya.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não, de maneira alguma.

Sr. Old: – Por que não cobiça? Disse que cobiça à criança.

Sr.^a Blavatsky: – Cobiça à criança que tem o seu próprio astral e o seu corpo. A Mónada Budhi, este Princípio Imortal, envolve a cri-

¹⁹¹ Thomas Wiggins, “Tom, o cego” (1849-1908), nasceu como um escravo cego na Géórgia, Estados Unidos da América. Com a idade de quatro anos demonstrou um talento para o piano, para o qual não recebera preparação, e os seus proprietários levaram-no em digressão.

ança e cobiça-a logo que começa a ser consciente, tão consciente como um gatinho, por exemplo. Manifesta-se antes de Manas que actua de forma diferente. Manas é Mente. É por isso que a criança nunca terá intelecto antes dos cinco ou seis anos, dependendo de quão precoce seja. Leiam o segundo volume de *A Doutrina Secreta* e vejam como os Pitris Lunares projectam as suas Chayas. E tendo projectado essas Chayas, elas se tornam o veículo da Mónada.

Sr. Old: – Foi justamente isso que entendi, e a encaminha para a criança, a criança ainda sem inteligência.

Sr.^a Blavatsky: – Digo-vos novamente que até à terceira Raça não se ligava inteiramente.

Sr. Kingsland: – Não tem nada a ver com o desenvolvimento do gérmen, tanto física como astralmente, mas depois de um certo período é atraído o gérmen em parte já desenvolvido.

Sr. Old: – Então, quanto da Individualidade molda o organismo?

Sr. Kingsland: – Esse é o ponto que creio não ter sido ainda dilucidado. Donde provém a Individualidade da Mónada reencarnante?

Sr.^a Blavatsky: – A Individualidade é o Ego reencarnante, o Manas. Manas é algo, o Sutratmã. A personalidade e a Individualidade são completamente diferentes. Vocês tomem tudo isto com base na personalidade e na Individualidade.

Sr. Kingsland: – Donde provém a qualidade musical? Por que lhe pertence?

Sr.^a Blavatsky: – Pertence-lhe porque toda a personalidade transitória dá-lhe uma certa cor, e dá mais e mais ao Ego reencarnante, que logo retém esse talento para a música trazendo-o de volta. Pois bem, tudo isso fica na Individualidade, e é o Ego que reencarna quem traz isso de volta à Terra. Portanto, é uma qualidade inerente única.

Sr. Kingsland: – Apenas agora entendo, a intelectualidade não depende de Manas mas das qualidades físicas.

Sr.^a Blavatsky: – A intelectualidade e a música são duas coisas diferentes. Eu conheci idiotas que tocavam maravilhosamente. Já disse que os pais não dão nada às crianças excepto a forma, e certamente agem o Manas Inferior e o Manas Superior. Se os pais fizerem com que a forma se ajuste a receber essa Luz Superior, fizerem com

que a Luz de Manas esteja livre de obstáculos, a criança será um intelectual. Se o Kama-Rupa ou o Manas Inferior predominar demasiado, então não a receberá, porque ela estará embotada. Não haverá nenhuma Luz vinda de Manas. Em si mesmo Manas depende de Budhi.

Sr. Kingsland: – Então, de facto há uma grande porção do próprio Manas que não encarna de modo algum, que permanece sempre subdesenvolvido, que não está representado na actual personalidade da pessoa.

Sr.^a Blavatsky: – Recordo que estamos na quinta Raça e só no final dela Manas estará completamente desenvolvido, e também que estamos somente na quarta Ronda. Não posso dizer tudo o que quero. Há mais três Rondas.

Sr. Kingsland: – Tome-se o caso da pessoa que tem as suas qualidades inerentes, mas é de supor que não encontra as condições físicas?

Sr.^a Blavatsky: – Então não será um músico. Será sempre Karma o que encontrará nisso.

Sr. Kingsland: – Seguramente nem todo o karma de alguém se manifestará totalmente. Mas onde acontece durante a actual encarnação?

Sr.^a Blavatsky: – Não entendo o que quer dizer.

Sr. Old: – Entendo a sua pergunta, porque ela me veio à mente.

Sr. Kingsland: – Em vez de dizer música ou intelectualidade, digamos o carácter. Não é Manas uma qualidade distinta que dá o carácter à pessoa?

Sr.^a Blavatsky: – Com dar carácter à pessoa refere-se a que Manas tem de mudar e tornar-se um Manas diferente a cada vez? Mas onde estará o Ego reencarnante, o Sutratmã?

Sr. Old: – Então, você pensa que o carácter é somente uma expressão da mente?

Sr.^a Blavatsky: – Eu só sei uma coisa. Digamos que estes óculos são o Manas, eles serão eternamente o mesmo. Mas agora ponho os óculos no barro, e algo desse lodo ficará pegado a eles. A seguir ponho-os na marmelada, e ficará neles algo da marmelada. Logo ponho-lhes algo mais. Cada encarnação dá ao Manas algo da personalidade,

e no final da Ronda Manvantárica, ou seja, no final do ciclo de encarnações, o Manas terá todas as experiências que adquiriu. Cada personalidade morre, e é somente o secreto da espiritualidade, das qualidades espirituais, das qualidades eternas que sobreviverão. Leiam o *Budhismo Esotérico*, pois o *Budhismo Esotérico* está muito bem escrito. Leia-o, Dr. Berridge, não o posso explicar melhor.

Sr. —: — Pondo-o em inglês, é de supor que se deixam cair sempre na marmelada?

Sr.^a Blavatsky: — Então serão muito doces.

Sr. —: — Tomando a analogia da marmelada e da música, supondo que sempre será a música, Josef Hofman terá tanta que estará destinado a destacar-se.

Sr.^a Blavatsky: — Certamente me agrada alguém que possa agir abertamente.

Uma Senhora: — Ele também encarnou num corpo onde o seu mecanismo é muito provável que se dirija para a música.

Sr.^a Blavatsky: — Eu digo que a herança dos sentidos kármicos é governada pelo Karma. Portanto, quando a entidade do músico reencarnar certamente será essa Lei que se encarregará de que o corpo se encaminhe para a música e esteja apto para executá-la, que não nasça com tocos em vez de dedos.

Sr. Old: — Quer realmente dizer que o carácter individual não é mais do que a expressão da mente através de diferentes organismos, e que os organismos controlam a expressão do carácter?

Sr.^a Blavatsky: — Por exemplo, se colocarem alguma inteligência sob um vidro azul, ela parecerá azul, ou então vermelha debaixo desta cor, e por diante. Tudo será assim.

Sr. Kingsland: — Se Manas, como estamos vendo aqui, depende da qualidade da organização que está funcionando ali, donde provém o desenvolvimento de Manas?

Sr.^a Blavatsky: — Desenvolve-se através da personalidade. Manas não vem para ser feliz ou para ser desenvolvido. Manas vem por ser demasiado puro, e sendo tão puro não tem mérito nem demérito. Portanto, deve vir e sofrer um pouco, e ter a experiência de tudo o que possa ter neste ciclo de imaginação. Portanto, essas mesmas experi-

ências é que lhe permitirão emergir no Absoluto. Ele conterà todas as experiências neste bendito mundo e nos mundos que foram e serão.

Sr. Kingsland: – Disso parece que Manas é algo que tem ainda de ser qualificado pelo indivíduo como sem vida.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Em *A Chave da Teosofia* dou tudo isto. Leiam *A Chave da Teosofia*. Sairá dentro de duas ou três semanas. Creio que ali respondo inteiramente à pergunta. É extremamente difícil para mim, “desacostumada como estou a falar em público”, vir explicar isto. Realmente, quero dizer uma coisa e digo algo completamente diferente, ou então sois vós que entendeis assim.

Sr. Old: – Penso que o parágrafo seguinte aclara. Pergunta 3 (c). de acordo com este ponto de vista, o “plasma espiritual” referido no parágrafo em questão não é a entidade devakânica, apesar de estar exposta podendo ser confundida com ele. Isto é, claro, um mistério dentro de um mistério, mas seria bastante desejável termos uma visão clara do assunto em relação à derivação mais imediata e evolução dos sete princípios humanos.

Sr.^a Blavatsky: – Reparem no que se disse. Têm razão o Sr. Sinnett e mais alguém que também falou da herança como se fosse um obstáculo. Sr. Burrows, lembra-se de ter falado acerca disto dizendo que era uma objecção?

Sr. Burrows: – Não me lembro.

Sr.^a Blavatsky: – É justamente isso que entra nos atributos kármicos. Em suma, a herança é governada pelo Karma. Portanto, o Karma se encarregará de conduzi-lo para um corpo físico afim à música.

Sr. Old: – Então, podemos dizer que a lei de herança aplica-se aos quatro princípios inferiores, e que a Lei do Karma opera desde os três Planos Superiores.

Sr.^a Blavatsky: – A lei de herança não tem nada a ver com a vida. Por favor, lembrem-se do que aprenderam além das quintas-feiras. Exotericamente será assim, mas não esotericamente.

Sr. Old: – (d) Do que se diz na página 224, linha 10 e seguintes, parece apoiar-se esse ponto de vista ao adiantar que os pais também são responsáveis por Manas, ou deveríamos dizer por alguma porção de Manas?

Sr.^a Blavatsky: – Como podem agora os pais ser os responsáveis por Manas? Só falta dizerem que são responsáveis por Atma.

Sr. Old: – Será que quer dizer a Mente Animal?

Sr.^a Blavatsky: – Ela é o reflexo da Mente Superior. Dizemos que é dual simplesmente porque neste Plano o Manas completo não pode manifestar-se, e a sua relação com o Manas Inferior é igual à relação de Parabrahman com o Primeiro Logos. Pois bem, o resto depende dos organismos mais ou menos perfeitos, dependendo da educação, do meio ambiente e de tudo o mais, inclusive dos vícios que se inculcam, de todas essas coisas que sobrevêm e de muitos outros obstáculos.

Sr. Kingsland: – Então, Manas encontra-se aqui da mesma forma que Prana está em referência ao inferior, à vida no Plano Físico. É universal, por assim dizer.

Sr.^a Blavatsky: – Manas é universal. Essas são entidades distintas que encarnam, que em outros Manvantaras terminaram o seu ciclo e agora encarnaram neste.

Sr. Kingsland: – Fala aqui dos cinco princípios inferiores no quarto.

Sr.^a Blavatsky: – Não são os cinco princípios dos sete, são os cinco princípios dos princípios inferiores. Está ali perfeitamente descrito. O Homem deve ser o fruto dos cinco, ou seja, de que esse fruto não possui nenhuma responsabilidade em nada. Vejam isto na página que mencionaram, a página 224, linha 10. Nela encontram a frase citada: “O Homem deve ser o fruto dos cinco, e este fruto não possui nenhuma responsabilidade em nada”¹⁹². Como podem os pais ser responsáveis por Manas, se este é uma entidade definida e independente? Os pais podem ser de alguma forma karmicamente responsáveis pelo organismo físico da criança, mas certamente não pelo Manas.

Sr. Kingsland: – Não são mais responsáveis pelo Manas do que pelo Prana.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente.

Sr. Old: – Pergunta 4 (página 233). Já que cada Ronda, Globo,

¹⁹² Está parafraseando o que se encontra na página 224 do volume I de *A Doutrina Secreta*.

etc., é guiada por um “Criador”, “Construtor” ou “Vigilante”, pode dizer-nos que parte, se é que tem alguma, representa o seu Manas na política das nações no Plano Terrestre?

Sr.^a Blavatsky: – Nenhuma. Os “Vigilantes” ou “Construtores” estão comissionados pela Lei para guiar e animar os elementos de que o nosso Globo é composto, mas não têm poder para imiscuir-se na Lei Kármica, porque não são deuses antropomórficos. Eles são simplesmente Poderes, Poderes Cósmicos dos quais não temos ideia. Não o que vocês, homens de ciência e naturalistas, entendem por poderes cósmicos, mas o que nós, ocultistas, chamamos de Poderes Cósmicos.

Sr. Old: – Pergunta 5. Durante o reinado de um Manu ou Raça, os outros seis têm alguma influência *directa* nos assuntos humanos?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, respondo-vos como os franceses. Quando o rei morre, eles exclamam: “O rei está morto, que o rei tenha uma longa vida”! Como podem os seis Manus ter algo a ver com agora? Quando uma Idade ou Raça morre, nada que tenha causado as nidanhas ou a concatenação das causas nela volta a actuar. São só os efeitos kármicos que se manifestam. Quando Vitória morrer e vier o monarca – ou antes, mentecapto – seguinte, terão os quatro Jorges alguma influência directa nas forças de Inglaterra?¹⁹³ Vejam que eu sou uma grande amante da República.

Sr. Old: – Pergunta 6, página 238, sloka 5, “Animais Sagrados”. Noutra parte você explica o termo “Animais Sagrados”, como atribuídos simbolicamente aos signos do Zodíaco. Como se conecta esse significado do termo com a explicação que dá aqui de “as primeiras sombras do Homem físico”?

Sr.^a Blavatsky: – Quantas vezes terei de repetir que cada símbolo tem um significado septenário? Disse-vos uma vez, vinte ou cem que tudo tem sete significados? Em Astronomia, os “Sete Animais” referem-se aos signos zodiacais; em Geologia, significam os Globos, que também são os planetas, podendo ser tomados astronomicamen-

¹⁹³ A rainha Vitória morreu em 22 de Janeiro de 1901. Os “quatro Jorges” são uma referência aos monarcas da Grã-Bretanha e Irlanda, Jorge I, Jorge II, Jorge III e Jorge IV, que reinaram em sucessão desde 1714 até 1830 antes de Vitória, quando o poder da Monarquia diminuiu.

te ou geologicamente como mundos; em Zoologia, são os animais de sacrifício; em Antropologia, é o Homem físico. Em cada parte têm o seu significado, conforme se aplique.

Sr. Old: – Pergunta 7, página 250. Seria interessante ter uma definição mais clara das “três águas” – “água sólida”, “névoa líquida, aquosa”, “terceiro mundo – elemento água” – e também conhecer a ordem de desenvolvimento dos sentidos nas Raças da quarta Ronda. Estamos na quarta Ronda, porém, está se desenvolvendo um sentido que não pôde alcançar a sua plena expressão até à quinta Raça: 1. Fogo (Visão); 2. Ar (Olfacto); 3. Água (Gosto); 4. Terra (Tacto); 5. Éter (Audição); 6. Akasha (Intuição); 7. Kundalini (sentido incluindo todos os outros).

Sr.^a Blavatsky: – Estamos, pela primeira vez, nesta quarta Ronda, e somos, pela primeira vez, homens. Nas três Rondas anteriores fomos simples fantasmas intangíveis, depois criaturas etéreas, fluidas, a seguir animais semelhantes a gelatina, e só na quarta Ronda nos tornámos homens realmente físicos, não é assim? Então, tomem a analogia, vejam o que escrevi ali e vão para a cama. Devem fazer estas perguntas não a mim mas à Iniciação dos Mestres (vejam o rodapé da página 252). Fazem-me perguntas que são bastante extraordinárias. Tudo isto é esotérico, mas não importa que tenha de vos dizer algo acerca. Se têm ar em sete estados de densidade, por que não podem ter água nessas sete fases ou graus, e tudo o mais incluindo o fogo? Faço-vos a pergunta. Claro que se os representarmos e analisarmos encontraremos em cada um deles todos os outros elementos, de uma forma ou de outra. Agora tomemos a terra, e encontraremos nela que se divide em sete. Encontramos no seu extremo inferior e mais natural rocha de granito, a mais dura que possam imaginar, que se fará cada vez mais branda à medida que passar por cada uma das fases, até transformar-se em lodo ou ao que simplesmente chamam de água suja. Mas ainda será matéria. Agora, na rocha, matéria ou terra, encontrarão fogo oculto, ou seja, ela contém potencialmente o fogo, tal como contém o ar e tudo. O mesmo se passa com o ar que começa na terceira fase por cima da matéria radiante e acaba no éter e akasha, e assim sucessivamente. Tudo isto vos demonstra que, quer sejam quatro ou sete, os chamados elementos são correlativos, e cada um converte-se num elemento definido somente no nosso plano de

percepção, e só em um dos seus sete aspectos. É esse aspecto que predomina sobre os outros quem dá essa classificação a esse elemento. Nós lhe chamamos água porque esse aspecto está mais desenvolvido que o ar ou o fogo, porém, encontram-se ocultamente os sete em cada elemento, na realidade, na sua essência última. E no Plano da Manifestação todos eles são um só Elemento. Quanto tiverem realizado o seu ciclo de evolução no Mundo da Manifestação, este dispersa-se e eles fundem-se na Causa prístina, e de primeiro Elemento transformam-se de novo em não-Elemento, a Absolutez. Eu não criei o Mundo, não posso explicar isto a vós, não devo.

Sr. Old: – Pergunta 8 (página 260, final do segundo parágrafo). Se o nosso Globo está no estado Kama-Rúpico, em que estado estava durante as primeira, segunda e terceira Rondas?

Sr.^a Blavatsky: – É um homem modesto que pergunta coisas muito fáceis, a quem se deve dar respostas extremamente fáceis. Contem desde onde quiserem que é sempre o estado Kama-Rúpico, que está justamente na metade. Quer para cima ou para baixo, ele é Rupa, está no meio, inclusive nas Raças, já que a evolução dos Globos deve começar no superior ou primeiro, o segundo estará na segunda, e sucessivamente. Chamamos-lhe Kama-Rupa por não haver outras palavras para expressar os estados correspondentes. Se das Rondas passarmos às Raças, torna-se mais fácil e é explicado em *A Doutrina Secreta*. Nesta é tudo explicado, como com cada Raça se adquirem novas capacidades. Na quinta Raça temos alcançado a mais elevada intelectualidade nesta Ronda, mas na quinta Raça das quinta ou sexta Rondas a intelectualidade será ainda milhares de vezes mais intelectual. Tomem tudo analogia. Agora, cavalheiros, façam perguntas que estou pronta para as responder.

Sr. Old: – Qual é o significado dos segundos Planos mencionados aqui (nota da página 262)?

Sr.^a Blavatsky: – É como vos digo, perguntem-me isso daqui a três anos! Agora, é melhor fazerem perguntas e termos uma conversa geral.

(Aqui termina a sessão).

XIX

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
6 de Junho, 1889.
W. Kingsland na Presidência.**

Sr. Old: – Estas são perguntas tais como vêm de uma pessoa que começa a procurar as nossas verdades teosóficas, e pensei levá-las à publicação neste novo livro, *A Chave da Teosofia*. Pensei que a consideração de algumas das questões elementares não somente daria uma noite agradável como também e ao mesmo tempo suscitará algum interesse pelo livro prestes a ser terminado. São questões elementares sobre o Karma, o Devakan e a Reencarnação, o seu como, quando e onde pela Teosofia. Pergunta 1. O que é o Karma?

Sr.^a Blavatsky: – E realmente devo responder a isso?

Sr. Old: – Sim.

Sr.^a Blavatsky: – O Karma é a Lei de Retribuição. Agora continue o Sr. Bertram Keightley.

Sr. B. Keightley: – Eles preferirão ouvir mais a si do que a mim. Mas o Karma é, tal como H.P.B. acaba de dizer, a Lei de Retribuição, esta que é conhecida pela Ciência moderna como a Lei de Causa e Efeito. Ainda que essa Lei seja absolutamente universal, a Lei do Karma é mais frequentemente utilizada num sentido restrito aplicando-se, mais particularmente, à Lei de Causa e Efeito actuando no plano moral. Literalmente, significa *Acção*, expressando a ideia de que cada acção produz consequências, e assim a cadeia de causação prossegue infinitamente. Porém, não se trata simplesmente de que as causas operem cegamente, porque do ponto de vista teosófico são inteligência absoluta, e também se deve lembrar que a Lei do Karma aplica-se a todo o indivíduo, não somente a um homem que realize certos actos.

Sr.^a Blavatsky: – Pare. Disse que a Lei do Karma é inteligente.

Sr. B. Keightley: – Eu disse “inteligência”.

Sr.^a Blavatsky: – Eu digo que não é. Não é nem inteligência nem não-inteligente.

Sr. B. Keightley: – É inteligência absoluta.

Sr.^a Blavatsky: – Porque imediatamente irá transformá-lo num deus pessoal, e protesto contra isso. Ou seja, tudo cai sob o governo ou a influência da Lei sempre presente que surte certos efeitos, como acontece no mundo físico onde há sempre interrelação de causas e efeitos. Por exemplo, se eu quisesse poderia magoar a minha mão e a dor que sentiria seria o efeito de o ter feito, nisto é igual no mundo de causas morais. Mas não se pode ou não se deve dizer que é inteligente ou inteligência. É simplesmente a harmonia absoluta, sim, absoluta, bem, chamem-lhe inteligência, sabedoria, o que quiserem. Novamente não encontro a palavra.

Sr. B. Keightley: – É correcto dizer que actua com inteligência.

Sr.^a Blavatsky: – Não actua. São as nossas acções que actuam, e isso desperta toda a espécie de influências. Reparem que se dissessem que o Karma actua e tem inteligência, imediatamente sugerem a ideia de um deus pessoal. Não é assim, porque o Karma não vê e o Karma não olha, nem se arrepende como o Senhor Deus se arrepende. O Karma é uma Lei Universal, imutável e incambiável.

Sr. B. Keightley: – Porém alguém não poderá conceber uma lei que não actua.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, eu digo que não actua. Na minha concepção, não actua. Bem, o Karma não actua mais que a água que afoga.

Sr. B. Keightley: – Porém a água afoga-nos.

Sr.^a Blavatsky: – A água não nos afoga. Auto-afogam-se na água. Não vão à água e não se afogarão.

Sr. Old: – Então, é possível escapar à Lei do Karma?

Sr.^a Blavatsky: – Não se pode.

Sr. Old: – As analogias não encaixam.

Sr.^a Blavatsky: – Desculpe, encaixam tanto quanto podem ser ajustadas a este mundo de símbolos físicos, ou como quiserem chamar-lhe, por ser a forma como actuam. Não é porque actuem de forma malévola ou pecaminosa, ou com ou sem um motivo, que o efeito se produz. É tocada uma nota no Universo.

Sr. Ralph Sneyd: – É a ignorância a causa de todos os maus actos?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, é, mas o Karma não se preocupa se são feitos por ignorância ou por muita sabedoria. Simplesmente se for feita certa coisa, o seu efeito estará numa linha similar. Por exemplo, se tocarem uma nota saberão perfeitamente bem qual será a consequência dessa nota. Foi simplesmente por isto que eu quis parar o Sr. Keightley, porque ele disse que o Karma era inteligente e assim actuava. Certamente devemos dizer que actua, mas ao mesmo tempo entendam que ao dizer que actua estamos usando a mesma expressão quando dizemos que o Sol se está pondo. O Sol não se põe.

Sr. Burrows: – Se a nossa acção é uma nota que tocamos, realmente ela será o eco de alguma nota anterior que foi tocada em alguma parte no Universo.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Não é a primeira vez que se menciona a nota. Ela pode ser tocada normalmente ou pode ter um tom baixo, agudo, ou qualquer outra coisa.

Sr. Kingsland: – O Karma é, por assim dizer, o equilíbrio absoluto, e quando agimos e perturbamos o equilíbrio de uma forma ou de outra o Karma se ajusta.

Sr. B. Keightley: – A analogia que tenho em mente, que se me apresenta sob tal forma, é esta: se nos concebemos como seres totalmente rodeados e penetrados por um fluido de natureza tal, cada acção que praticamos provocam no fluido uma série de vibrações que acabam reagindo sobre nós mesmos. Se imaginarem um corpo suspenso num perfeito fluido, não é possível nenhum movimento sem perturbarem o fluido. Esse tipo de pressão, pressionando-nos por todos os lados, essa substância, se quiserem assim chamá-la, é o Karma. Ou antes, o Karma descreve a relação neste caso.

Sr.^a Blavatsky: – Mas há uma forma de escapar à influência do Karma. Os Yoguis fazem-no quando se fundem cada vez mais no estado Laya. Isso é como sermos um recipiente ao qual se retirou o ar, ficando um perfeito vazio. Nesse vazio, claro, não se pode ir nem para a esquerda, nem para a direita e nem para nenhum lado, não existe ponto de atracção e ali ficamos. Entendem a analogia?

Sr.^a Besant: – Então, haverá sempre a busca do equilíbrio?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente! Cada acção produz um efeito kármico no Plano Físico, no Psíquico, no Espiritual e em todos. Resta alcançar esse ponto neutro onde não há diferença, onde não há acção.

Sr. Old: – Então, devemos entender que o Karma é a Lei do Equilíbrio.

Sr.^a Blavatsky: – É a Perfeita Harmonia e Equilíbrio.

Sr. B. Keightley: – Creio que deve acrescentar algo mais. As pessoas só têm a ideia de que o Karma se aplica unicamente às más acções. O Karma é simplesmente a acção, a Lei das consequências das acções de todo o tipo, quer sejam boas ou más, está totalmente separado delas e é só a inevitável consequência de causa e efeitos. Ele é a acção, quer seja boa ou má.

Sr. Sneyd: – Mas não diria que tudo isso, toda a má consequência que faz decrescer a felicidade, surgiu da ignorância da parte do ser consciente que praticou a acção? Por mais sábia que a pessoa seja, supondo-se que pratica uma acção resultando no decréscimo da sua felicidade, não diria que essa acção foi causada pela sua ignorância?

Sr.^a Blavatsky: – Mas a ignorância não nos salvará dos efeitos do Karma.

Sr. Sneyd: – Não crê que a ignorância seja a causa do mau karma?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, é.

Sr. Sneyd: – E esse conhecimento seja a causa do bom karma? Supondo que faça algo que aumente a felicidade, não será a razão por que seguramente é feito com conhecimento?

Sr. B. Keightley: – Não creio, porque os efeitos produzidos por dada causa não são sempre do mesmo carácter. Um homem que usa os seus conhecimentos para fazer o bem, para gerar bom karma para si mesmo, actua fundamentalmente por um motivo egoísta, e assim se torna um motivo errado apesar das aparentes boas acções.

Sr. Sneyd: – Não será a razão o de ser ignorante ao não ver que o interesse de um ser consciente nem sempre é o interesse de todos?

Sr.^a Blavatsky: – Espere um momento, há outra pergunta sobre o Karma.

Sr. Old: – Penso que não será conveniente deixar que cada per-

gunta vá demasiado longe na discussão, pois poderá sobrepor-se às demais perguntas. A segunda pergunta é: quanto opera esta Lei na vida e até onde vai no Devakan?

Sr.^a Blavatsky: – No Devakan não opera assim. É a Lei do Karma que envia um homem ao Devakan com um programa já preparado de antemão, programa que é a consequência dos sofrimentos e misérias que teve neste mundo e que ali ele anula e seca. O Karma aguarda no umbral do Devakan o momento de ele reencarnar, e depois se abalança sobre o indivíduo recompensando-o. Não há castigo no Além, no outro Mundo, como você lhe chama.

Sr.^a Besant: – Então, realmente só opera neste mundo?

Sr.^a Blavatsky: – É o Inferno e o Purgatório e tudo, e o Paraíso.

Sr. B. Keightley: – Os bons efeitos são recompensados no Devakan.

Sr.^a Blavatsky: – Colheita para aqueles que querem um consolo e um descanso e se interessam por isso, mas aqueles que não se interessam não o terão.

Sr. Gardner: – O paraíso dos tolos.

Sr.^a Blavatsky: – Por exemplo, você totalmente indiferente a tudo.

Sr. Kingsland: – Poderia fazer-se uma pergunta a respeito das pessoas malvadas que não entram no Devakan.

Sr.^a Blavatsky: – Elas renascem quase imediatamente, depois de uma espécie de sono onde não tiveram sonhos muito gratos.

Sr. Kingsland: – Isso é o que queria dizer.

Sr.^a Blavatsky: – Não há nada comparável ao Devakan. Existe o Avichi, mas este é algo diferente.

Sr. Kingsland: – No estado de Kama-Loka.

Sr.^a Blavatsky: – Aí não existe mais um homem, um homem completo. Ele foi deixado e abandonado por alguns dos seus princípios. Já não tem o Atma sobre ele, simplesmente conserva a sua inteligência e consciência. É por isso que digo que essas criaturas que vêm às sessões espiritistas são muito perigosas. Não são um homem, são a sombra de um homem, o seu reflexo, mas com toda a maldade e

com toda a má influência, com medo extremado a tudo aquilo que praticaram na sua última vida. E certamente inocularão com isso os presentes, tal qual um homem vivo portador de varíola contagiando todos. Todas essas ideias do espiritualismo são totalmente ridículas.

Sr. Old: – Então o Karma não opera ou não tem operação activa e só um seu reflexo no Devakan?

Sr.^a Blavatsky: – Simplesmente envia um homem ao Devakan e detêm-se no seu umbral. Alegoricamente falando, espera até o homem sair do estado de beatitude, e enquanto isso ele será recompensado por todo o sofrimento imerecido e por quanto o tentou, porque afinal ele é uma criatura bastante infeliz. Ele não quer nascer e nem sabe já ter nascido.

Sr. Burrows: – Existe algo semelhante a um sofrimento imerecido?

Sr.^a Blavatsky: – Se sofre as causas que gerou, é merecido; porém, muito frequentemente sofre por causas geradas por outras pessoas das quais não tem culpa.

Sr.^a Besant: – Por exemplo, a do Karma nacional.

Sr.^a Blavatsky: – Muito frequentemente sofre-se por coisas que não se cometeram, que simplesmente caíram na sua esfera de influência e não puderam evitar-se. Sofre-se tremendamente, e sofre-se pelo que não se merece, pelo que se deve adaptar e aceitar.

Sr. B. Keightley: – Esse é o Karma pessoal. Mas o homem que sofre numa nova personalidade consciente, seja a do Sr. Smith ou a do Sr. Brown, não está consciente de ter cometido alguns desses crimes? Tome-se como exemplo esse acidente nos Estados Unidos¹⁹⁴, que é um bom exemplo. Não se poderá agora supor que todas as pessoas que se afogaram ou sofreram de várias maneiras, inclusive crianças nessa catástrofe, sofreram a influência do seu Karma pessoal, por assim dizer? É assim, H.P.B.?

Sr.^a Blavatsky: – Não. É precisamente o que indiquei.

Sr. B. Keightley: – Um dique cede e as pessoas afogam-se.

¹⁹⁴ A inundação de Johnstown, na Pensilvânia, em 31 de Maio de 1880, matando mais de 2.000 pessoas em poucas horas devido ao colapso de um dique.

Sr. Sneyd: – Não diria que foi o resultado de uma espécie de ignorância por parte das pessoas que estavam ali sem saberem que o dique iria quebrar?

Sr. B. Keightley: – Caro, mas só num sentido.

Sr. Old: – Isso é o que chamam Karma colectivo. Uma pessoa está sob a sua influência por ser o átomo de um corpo, e não ter uma lei separada do corpo a que pertence.

Sr. B. Keightley: – A distinção que fiz entre a personalidade e a individualidade de um homem é de especial importância, porque como personalidade talvez não tenha responsabilidade por isso. Ele é um indivíduo dessa raça e sofre o Karma da raça.

Sr. Burrows: – E a justiça chega depois.

Sr. B. Keightley: – Porque sofreu pessoalmente mais do que merecia, e recebe o seu prémio no Devakan como uma recompensa pessoal. Não é assim, H.P.B.?

Sr. Old: – Então, a nossa terceira pergunta é: em que pode ser alterada esta Lei do Karma, adiada ou paralisada, e alterada no sentido de seguir um caminho para começar outro?

Sr.^a Blavatsky: – Se querem contornar o Karma, então será mil vezes pior. Ele pode ser adiado e paralisado por algum tempo, mas voltará sempre.

Sr. Old: – Então não se pode paralisar?

Sr.^a Blavatsky: – Não se pode. Irá transformar-se em algo pior.

Sr. B. Keightley: – Pode ser alterado no sentido de mudar o carácter das suas manifestações? Pode neutralizar-se o mau Karma por meio de posteriores boas acções?

Sr. Old: – Será que um indivíduo pode tomar o Karma de meia dezena de pessoas?

Sr.^a Blavatsky: – Não pode! Não, senhor.

Sr. Kingsland: – Porém pode-se criar novo Karma a meia dezena de pessoas.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas não se pode *tomar* mais do que se consiga tomar da enfermidade de meia dezena de pessoas. Agora, se não é kármico claro que poderá ser detido por ter sido gerado por outra coisa, mas se é kármico nada o poderá deter.

Sr. Old: – Uma pessoa que alivia o sofrimento gera somente bom Karma para si mesma.

Sr.^a Blavatsky: – Ele faz temporalmente o bem às pessoas, e o Karma deverá chegar de outra forma.

Sr. Old: – Porque me estavam perguntando até que ponto pode actuar o Karma, ou se desfazer em sofrimento físico.

Sr.^a Blavatsky: – Quem disse isso? Não entendo o que quer dizer.

Sr. Old: – Bem, você sabe que algumas pessoas sofrem tremendamente neste mundo, padecem sofrimento físico. Suponho que esse é um dos efeitos resultantes da Lei do Karma.

Sr.^a Blavatsky: – Ou talvez seja o Karma dos seus pais.

Sr. Old: – Bem, essa é uma alteração do Karma.

Sr.^a Blavatsky: – Mas que não pode ser tomado voluntariamente. Os pais herdaram um mau Karma em forma de doença hereditária, e são recompensados e consolados por isso no Devakan, mas têm de o pagar quando encarnam. Por exemplo, há um tipo de Karma no qual ninguém pensa, o dos estadistas, reis e benditos autocratas. Se quisessem fazer algum bem, deveriam fazer o seguinte: criar leis mais proibitivas que não permitam às pessoas enfermas, como os típicos e as que possuem algum tipo de loucura ou de escrúfula¹⁹⁵, casarem e terem filhos, porque esse é o maior crime que podem fazer. Não têm direito de o fazer e gera o pior Karma, mudando populações inteiras. Há cerca de quarenta anos estive em Inglaterra e vi que em cada dez pessoas sete ou oito tinham uma estrutura física magnífica e forte. Agora voltei e vejo que a população mudou. Vejam o exército. Já não tem os homens que tinha há quarenta anos, já não há nenhum como eles, tudo mudou completamente. Às vezes vêem-se homens altos, mas não passa disso e certamente já não são como os que eram antes.

Sr. B. Keightley: – Como é isso do Karma do Ego que reencarna nesses corpos enfermos pouco são? São atraídos pelos seu Karma?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que são atraídos, mas algumas vezes não. É muito difícil falar-vos das operações do Karma.

¹⁹⁵ Uma forma de tuberculose.

Sr. B. Keightley: – É um dos pontos principais.

Sr. Old: – Eu queria saber se de alguma forma é bom aliviar o sofrimento.

Sr.^a Blavatsky: – É bom se distribuírem o sofrimento, de maneira a ter um pouco hoje e um pouco amanhã. Quando se sofre terrivelmente, perde-se a cabeça, mas por outro lado habitua-se a sofrer. Pois bem, eu não observo as minhas dores e doenças, mas se as tivesse todas as mesmo tempo não sei o que seria.

Sr. Kingsland: – Não haverá a tendência para cingir demasiado o Karma ao Plano Físico? Penso que todos estamos cometendo esse erro.

Sr.^a Blavatsky: – Certo.

Sr. Kingsland: – Pode-se imaginar que ao praticar um acto, esse acto gera um certo efeito na encarnação seguinte. Bem, esse acto, como um acto no Plano Físico, só pode gerar um efeito físico no Plano Físico. Quando se passa à encarnação seguinte, o Karma acontece pela geração do efeito. O estado de consciência, por assim dizer, da prática do acto não é o acto em si mesmo. O simples acto de matar um homem é um acto físico no Plano Físico, mas não resultará em Karma no Plano Físico.

Sr.^a Blavatsky: – Mas vejam o efeito moral que gera, e isso repercute mil vezes mais que o acto físico. O homem que morre hoje em vez de morrer dois ou três dias depois, pode ter deixado órfãos. O acto de matar alterará as gerações futuras. Elas se dispersarão, com umas encetando criações nas quais nunca haviam pensado, e outras seguindo noutras direcções. Isso vale por nada fisicamente, só que o físico gera efeitos morais com as suas consequências.

Sr. Sneyd: – Suponha-se haver um homem cego a correr pela linha do comboio que morre atropelado. Não será isso o resultado da ignorância, da ausência de conhecimento e de percepção?

Sr.^a Blavatsky: – Novamente isso pode ser algo merecido ou imerecido, conforme o caso.

Sr. Sneyd: – Suponha-se que o condutor pára a tempo o comboio.

Sr. B. Keightley: – O condutor viu-o e parou o comboio?

Sr. Sneyd: – O que acontece então?

Sr. B. Keightley: – Era o Karma do homem ser salvo.

Sr. Sneyd: – Então não se poderá dizer que era ignorante?

Sr. B. Keightley: – Oh, sim. Ele não foi salvo pelo seu próprio acto, mas pelo acto de outrem.

Sr. Old: – Pergunta 4. Até que ponto a crença no Karma pode ser visto como fatalismo?

Sr.^a Blavatsky: – Se são ignorantes, o verão como fatalismo.

Sr.^a Besant: – Mas a maneira como isso alcança as pessoas de fora, é tomada como crença nesses males, e com que direito se devem opor a eles?

Sr.^a Blavatsky: – Isso é o que fazem os orientais. Nós não fazemos, só é feito pela gente oriental.

Sr. B. Keightley: – É correcto fazer isso?

Sr.^a Blavatsky: – Nem sempre. Quando se faz como fazem os muçulmanos está mal, porque se trata de um fanatismo crasso.

Sr. B. Keightley: – Tomo por exemplo o povo da Birmânia. Praticamente até lhes ter chegado a influência de Olcott e de você mesma, eles sentavam-se aceitando a sua sorte.

Sr.^a Blavatsky: – Eles não aceitavam o Karma, senão como fatalismo.

Sr. B. Keightley: – Bem, isso é o Karma de outra forma. Realmente é um tema importante, bom para cultivar-se e desenvolver-se o espírito em referência às acções do Karma.

Sr.^a Blavatsky: – Cumprir o dever neste Plano, não pontapear contra o Karma e mais do que isso, como diria um cristão até certo ponto, não enfrentar a Providência. Mas é dever evitar todo o mal quando ele é visto, não somente por um só (o que seria muito pouco) mas por todos.

Sr.^a Besant: – E tratar de ajudar outras pessoas.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mais do que ajudar a si mesmo.

Sr. Burrows: – Não é a verdadeira solução que devemos dar à Humanidade?

Sr. B. Keightley: – Aqui encontramos isto: antes dos últimos 25 anos, a população da Índia em geral sentava-se e era submetida ao domínio das regras da dominação europeia – estou falando de maneira muito geral – mas agora trata de erguer-se da preguiça e apatia, reorganiza-se e começa uma nova corrente de actividade na qual a Sociedade Teosófica tem representado parte importante. Essa população está reagindo e fazendo o melhor que pode para sair da condição em que história passada do seu Karma a trouxe. Isto é correcto ou não?

Sr.^a Blavatsky: – É correcto, porque uma vida de inanição é pior que uma vida de acção.

Sr. B. Keightley: – Se um homem sente um impulso em si mesmo, isso é parte da Lei que opera dentro dele.

Sr. Old: – É como a definição de Bailey, de que o livre-arbítrio no Homem é “a necessidade em acção”¹⁹⁶.

Sr.^a Blavatsky: – Individualmente existe o livre-arbítrio, mas se for tomado colectivamente não há livre-arbítrio. Opera somente com personalidades. Mas falando de uma nação ou pensando numa nação, que tipo de livre-arbítrio tem? É simplesmente uma folha seca que aparece aqui e além, que o vento atira para todos os lados. Não se tem o direito de sentar e não fazer nada. Estamos obrigados a ser colaboradores da Natureza. Em contrário, como se diz no *Apocalipse*, “a Natureza (nos) vomitará da sua boca”¹⁹⁷.

Sr. B. Keightley: – A lei do progresso é também parte da Lei do Karma. Há que sair da ideia do que o Karma não é simplesmente sentar-se e aceitar as coisas como são – sem ter nenhum ressentimento – mas que se deve esforçar por fazer bem todas as coisas, sem o sentimento de um ressentimento amargo.

Sr. Burrows: – Se tratarmos de as alterar agora, será melhor no futuro. Não é egoísmo.

Sr. B. Keightley: – Porque isso seria um novo gerador de males.

Sr.^a Besant: – Assim faz-se realmente o que se pode ao contrariando o mal.

¹⁹⁶ Philip James Bailey (1816-1902), poeta inglês. A citação é do seu poema de 1839, *Festus*, onde diz que “o livre-arbítrio é só a necessidade em acção”.

¹⁹⁷ *Apocalipse*, 3:16, “porque és morno, nem frio e nem quente, te vomitarei da minha boca”.

Sr. B. Keightley: – Sim, sem ressentimento.

Sr. Burrows: – Este é um ponto muito importante, porque agora a tendência é para se ficar raivoso e ressentido.

Sr. Sneyd: – O que diz sobre o livre-arbítrio? Como pode alguém provar que existe se tudo é o resultado de causas e efeitos? Bem, não direi exactamente assim, mas posso ver uma coisa e supor que a sua causa para si é a causa individual.

Sr. B. Keightley: – Sim, a causa primária. As condições sob que opera o Karma, por assim dizer, são as que lhe cabe resolver. Sendo individual, ele é uma causa.

Sr. Burrows: – Mas será correcto dizer que realmente nós podemos criar novas causas?

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Cada um de vós cria novas causas desde a manhã à noite. É aqui que entra o livre-arbítrio, porque se não houvesse livre-arbítrio não poderiam criar causas, estariam simplesmente sob o poder desta Lei.

Sr. B. Keightley: – Sob os golpes da Lei.

Sr. Gardner: – Os resultados do Karma passado. Se as acções sucedem por acidente, elas são o resultado do Karma anterior.

Sr.^a Blavatsky: – Os acidentes são comas, pontos e comas. Isto é tudo o que são.

Sr. B. Keightley: – Sim, os acidentes são a pontuação da vida.

Sr. Old: – Coisas a partir das quais medimos as teorias.

Sr.^a Blavatsky: – Os acidentes não são coisas que estejam predestinadas.

Sr. Old: – Então derivamos para o tema da morte.

Sr.^a Blavatsky: – É por isso que dizemos que somos o nosso próprio castigador, premiador e salvador.

Sr. Old: – Seguem-se as perguntas acerca do Devakan. Começam com a pergunta básica: o que é o Devakan, um estado, um lugar ou ambos?

Sr.^a Blavatsky: – Um estado. Não é um lugar, não mais que nos sonhos.

Sr. Old: – Tem alguma Loka correspondente?

Sr.^a Blavatsky: – Não, não tem nenhuma. Nós podemos estar no Devakan tal como eu posso estar nesta cadeira e vós nas vossas. É um estado, não é uma localidade.

Sr. B. Keightley: – Essa é uma das coisas que reforça a sua analogia com o sonho.

Sr.^a Blavatsky: – É um sonho, o mais vivido, tão vivido e mais que os sonhos de alguém nesta vida que quando desperta não está seguro se foram ou não reais. Simplesmente alguém se imagina num sonho tão vivido como a vida.

Sr. Kingsland: – Agora pensamos numa entidade no Kama-Loka que em certas ocasiões é atraída a uma sala de sessões espiritistas.

Sr.^a Blavatsky: – Não são entidades, são reflexos, são fantasmas.

Sr. Kingsland: – Mas agora e até um certo ponto estão individualizadas. Nós acostumámo-nos a falar da entidade do Devakan.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, porque aí tem os três Princípios Superiores, mas o que pensam ser a entidade de uma personalidade? Não chamarão entidade ao reflexo de uma personalidade no espaço.

Sr.^a Besant: – Mas o que estão no Devakan são os três Princípios Superiores.

Sr.^a Blavatsky: – São a Consciência.

Sr. B. Keightley: – Os três Princípios Superiores possuem alguma espécie de Upadhi ou base. Onde está o Upadhi dos três Princípios Superiores durante o período devakânico?

Sr.^a Blavatsky: – Upadhi é a consciência disso e nada mais. É o Manas.

Sr. Old: – Haverá alguma forma com a qual se identifique este Manas?

Sr.^a Blavatsky: – Nenhuma forma. Tem uma forma na própria consciência, e tudo o que se vê são formas criadas pela consciência.

Sr. B. Keightley: – Pode-se dizer que os pensamentos são algo? Parece ser essa a analogia.

Sr. Old: – Não, mas podem-se corporificar.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não se pode dizer.

Sr. B. Keightley: – Se o pensamento de Manas é o Upadhi da entidade devakânica, então não se pode dizer que o pensamento esteja localizado em alguma parte.

Sr.^a Blavatsky: – A memória explica-nos isso. A lembrança da personalidade, o sentimento do ego que era ego pessoal, é essa o Upadhi no Devakan. Se ele foi o Sr. Smith, então estará no Devakan como Sr. Smith, e terá em seu redor pequenos Srs. Smiths se os amou, com a sua Sr.^a Smith e tudo o mais. Portanto, o Upadhi dessa personalidade é a consciência. Depois de deixar o Devakan já não haverá mais Sr. Smith.

Sr.^a Besant: – Mas o Sr. Smith seria visível para uma Inteligência Superior?

Sr.^a Blavatsky: – Por que teria de estar a observá-lo uma Inteligência Superior, o que é que ela tem a ver com a consciência de outra personalidade? A Inteligência Superior tem muito mais e melhor que fazer. Por Inteligência Superior, Sr.^a Besant, quer dizer um Deva, um Deus?

Sr.^a Besant: – Sim, todas essas Inteligências.

Sr.^a Blavatsky: – Nós não estamos relacionados com elas. Durante o período devakânico as personalidades separam-se momentaneamente, por assim dizer, terminando para a Individualidade. Esta é imortal durante o seu ciclo vida aí, por assim dizer, e faz o papel da personalidade que ele ou ela foi durante o seu período de vida. E este é o Upadhi, esta é a base sobre a qual todas as experiências devakânicas e pensamentos de beatitude surgem e actuam.

Sr.^a Besant: – Suponhamos que esteja como num estado de sonho. Aí um observador verá a pessoa, mas não a mente. Se esse corpo desaparece, então não fica nada para ver.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente isso é o que é. É a consciência, só isso.

Sr. B. Keightley: – Suponho que só poderá dizer que é o centro da consciência no Akasha.

Sr.^a Blavatsky: – Mas o que tem isso agora a ver com o Akasha? Nem o Akasha, nem o Éter, nem o Ar têm nada a ver com isso. É simplesmente um estado de consciência. É um estado e não uma localidade.

Sr. Kingsland: – Mas é um estado de consciência individualizado.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, para uma pessoa que está numa condição devakânica. O meu Devakan não será o vosso, e o vosso não será o meu. É que quando uma pessoa morre e de repente se encontra no Devakan, a separação dos princípios demora um momento, ou então vários dias, semanas ou até meses. Tudo depende da vida anterior da personalidade, do balanço das contas, do grau de intelectualidade e do grau de evolução.

Sr. Burrows: – Então, se o Sr. Smith tem ali a Sr.^a Smith, a Sr.^a Smith terá necessariamente o Sr. Smith?

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Se o Sr. Smith a amava terá a Sr.^a Smith, mas se não a amava nem se lembrará dela.

Sr. Burrows: – Mas suponhamos que a Sr.^a Smith não o amava.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é outra coisa.

Sr. Burrows: – Ele terá a ela, e ela não terá a ele.

Sr.^a Blavatsky: – Aí só existe o que amamos. No Devakan há um perfeito esquecimento de tudo aquilo que não gostávamos, nos provocava alguma dor ou qualquer outra coisa, menos de uma alegria eterna que certamente deve ser excessivamente monótona e estúpida.

Sr.^a Besant: – Então, é realmente a fruição dos nossos desejos.

Sr.^a Blavatsky: – Todas as aspirações que tiveram e não foram satisfeitas, tudo aquilo que não puderam ter aqui por diversas circunstâncias, terão no Devakan. Terão todos os seus desejos realizados, tudo o que amaram e não puderam ter, mas só o de mais espiritual, pois do que pertence Terra nada possuirão. Por exemplo, se tiveram algum amor depravado ou algo semelhante, ali não terão nada disso. Será talvez por isto que existe separação.

Sr. Burrows: – Suponha-se que três ou quatro pessoas tiveram o mesmo desejo.

Sr.^a Blavatsky: – Todas elas o verão realizado ali, desde que não seja algo vicioso. Por exemplo, um homem que bebeu até morrer certamente não encontrará ali a sua bebida.

Sr.^a Besant: – É somente Budhi-Manas.

Sr.^a Blavatsky: – Porque Atma nada é senão o Todo Absoluto, não podendo dizer-se que é isto, aquilo ou aqueloutro. É simplesmente isso onde estamos, não só onde vivemos, respiramos e temos o nosso ser, mas em todo o Universo e durante todo o Período Manvantárico. Por isso se diz que Atma tem Budhi como veículo, porque Budhi é já a primeira Diferenciação depois da Manifestação do Universo. Ele é a primeira Diferenciação e, por assim dizer, o Upadhi de Atma. Então o Budhi é nada *per se*, senão simplesmente a primeira Diferenciação. E é a consciência da Consciência Universal, que é não-Consciência neste mundo. Neste Plano de consciência finita é nada, porque é Consciência Infinita. Entendam-me, Atmã não pode ser chamado Consciência Infinita porque ele é o Uno Absoluto, que é a Consciência não-Consciente. Contém tudo, a potencialidade de tudo, portanto, é Nada e é Tudo. É Ain-Soph, o Parabrahman e por diante, podendo-lhe dar muitos nomes. É o “Nada”, entendem? Portanto, o Budhi é a primeira Diferenciação, o primeiro Raio, é Consciência Universal e não pode actuar em nenhum Plano, especialmente no Plano Terrestre. E para ser consciente de algo ou de alguém precisa ter Manas, ou seja, a consciência desse Plano. Se lerem *A Doutrina Secreta* verão que os homens não tinham nada disso até que os Manasaputras (os Filhos da Mente) encarnaram nas formas que foram projectadas pelos Pitris Lunares. Não tinham nada dessa matéria, e nada de Budhi e Atma, e, portanto, tiveram de ser cimentados, por assim dizer, entre Budhi e eles mesmos. Passaram a ter este Manas, que é a consciência finita do nosso Plano de existência e do seu Ego encarnado. Este Ego, que vai de uma personalidade a outra, colecciona as experiências de cada vida. Depois de ter recolhido todas as experiências de milhares de milhares de encarnações, então, quando termina o Período Manvantárico e este Mundo se dissolve, o Ego, tendo tido essa experiência, aproxima-se cada vez mais do Absoluto, e no final de não sei quantos Manvantaras certamente se transformará graça a essa experiência, antes de se fundir no Uno. Então se aproximará cada vez mais disso que é Tudo e Nada. Finalmente emerge. Quando dizemos que falamos do estado de Nirvana, isso é nada, porque estamos falando do Paranirvana. O Nirvana é simplesmente um Devakan superior.

Sr. Burrows: – Quando ocorre a memória de todas as encarnações anteriores?

Sr.^a Blavatsky: – Para ter uma memória deve se ter vivido. Pode-se ter a memória de quê? Se nunca se foi nada, não se pode ter uma memória. Para ter memória deve ter sido algo.

Sr. Kingsland: – O Sr. Burrows pergunta em que ponto ocorre.

Sr.^a Blavatsky: – Cada vida é um gancho onde se pendura essa memória.

Sr. Burrows: – Onde provém a Memória Universal?

Sr.^a Blavatsky: – Essa é algo que ocorre durante todo o Manvantara. É o Mahat, como lhe chamam, ou a Inteligência Universal, e todos os Egos encarnados são simplesmente os seus Raios.

Sr. B. Keightley: – Quando o Raio consegue fundir-se na Mente Universal, então recupera toda a memória.

Sr.^a Blavatsky: – Quando há um final de tudo sobrevém o Maha-Pralaya, que não é aquele que virá depois de ser destruída a nossa pequena Terra. Então, o próprio Mahat desaparece, funde-se em Parabrahman e faz uno com o Todo.

Sr. Burrows: – E então a Evolução continua num Plano superior?

Sr.^a Blavatsky: – Sim. A borboleta nunca voltará a ser crisálida e larva, prossegue adiante porque a Natureza nunca retrocede, antes avança cada vez mais. Pode tornar-se na acção mental, por exemplo, mil vezes pior do que era antes, mas será superior no Plano da manifestação física, fisicamente.

Sr. Old: – O que me deu a opinião do Devakan ter uma forma particular e um lugar correspondendo ao seu estado, foi o seguinte: creio que na página 235 (157), volume I, onde são dadas as tabelas com o esquema das diferentes Escolas de Pensamento do Oriente, é dito que Upadhi é a base de um sistema correspondente de Filosofia que se traduz pela palavra significando “envoltura” (kosha). Esta palavra é muito confusa, especialmente quando vemos isso como oposto a Manas. Portanto, um dos princípios devakânicos é posto como principal ou Upadhi, a base causal ou “envoltura”. Veja-se ser isto que nos dá uma opinião incorrecta.

Sr. B. Keightley: – Não está confundindo a ideia de base com a ideia de forma? Isso não é o mesmo. Por exemplo, a água que se pode considerar como a base de algo, não pode dizer-se que tem uma forma *per se*.

Sr.^a Blavatsky: – Você considera o gás como a base de algo.

Sr. B. Keightley: – Upadhi e a forma não são o mesmo.

Sr. Old: – A Mônada possui uma consciência diferente em todo o Devakan universal? Possui um lugar? Possui um lugar diferente? Possui uma limitação?

Sr.^a Blavatsky: – Não a possui. A Consciência não tem limitações.

Sr. B. Keightley: – Como poderia tê-los quando três [Princípios] pertencem ao Mundo Arrúpico?

Sr.^a Blavatsky: – Dos quais dois não são nada.

Sr. B. Keightley: – Eu estava citando *A Doutrina Secreta*.

Sr.^a Blavatsky: – Tomem os três sistemas de Filosofia (em *A Doutrina Secreta*, I:157), um dos quais mostra o que dão os teósofos, outro o que dão os budistas, e o outro o que dão os vedantinos. Nem todos se correspondem [quanto ao Upadhi], que só a um deles corresponde como “envoltura”, enquanto nos outros não. Somente no nosso sistema, ou sistema oculto, é que corresponde por ser algo confinado aos três Princípios dos sete, como os apresentámos por ser muito mais fácil de explicar. Os vedantinos falam em cinco “envolturas”, e da sexta, o Atma e Budhi, não falam, porque o que referem como Mayavi-Rupa não é Budhi e sim a forma astral.

Sr. Old: – A pergunta seguinte é: o que determina a duração do estado devakânico?

Sr.^a Blavatsky: – As vossas acções.

Sr. Old: – Na vida anterior?

Sr.^a Blavatsky: – Na vida anterior.

Sr. Old: – Então não é o agregado?

Sr.^a Blavatsky: – Não é o agregado, a menos que sobeje algo que seja necessário trabalhar.

Sr. Old: – Então considera que no final do Devakan não sobra nada?

Sr.^a Blavatsky: – Não sobra nada da personalidade do Sr. Smith ou do Sr. Brown, e é o final disso.

Sr. Gardner: – Ainda é possível que se prolongue por uma série

de Devakans. Por exemplo, o Devakan de Napoleão Bonaparte poderia prolongar-se por vários.

Sr.^a Blavatsky: – Sim, eu penso que terá um bom karma pela gente que matou.

Sr. Old: – Foi importante ter um homem como Bonaparte no mundo. Tratou-se de um grande acúmulo de energia, para ter efeito na vida seguinte como algo diferente.

Sr.^a Blavatsky: – Não por ter muito a fazer no Devakan. Foi o homem mais materialista que houve. Não teve Devakan. Se tivesse tido um Devakan acompanhando a sua própria mente, seria a de deleitar-se em cortar as cabeças de todos os ingleses.

Sr. Gardner: – É de supor-se que personificou a nação?

Sr.^a Blavatsky: – Não.

Sr. Old: – O que parece determinar a duração é a actividade da sua natureza, o ritmo com que a Mónada se move.

Sr.^a Blavatsky: – A intensidade das suas aspirações ou desejos e o grau de sofrimentos imerecidos, aqueles não merecidos directamente mas vindos através do karma ou das más acções de outrem, isso é o que determina.

Sr.^a Besant: – Quantos mais desejos se tiverem mais tempo durarão?

Sr.^a Blavatsky: – Sim, mas se tem perfeitos desejos no Plano Espiritual, então seguramente são um fantasma.

Sr. Sneyd: – Quando um indivíduo se funde em Parabrahman, porque chamam a esse estado o “nada” se é a realidade?

Sr. Old: – Não é chamado “nada”, é o *Nada*.

Sr.^a Blavatsky: – É o *Todo*.

Sr. Sneyd: – Mas só é referido como “nada”.

Sr. Old: – É errado dizer “nada”, é o *Nada*.

Sr. Sneyd: – Parece uma contradição.

Sr.^a Blavatsky: – Ain-Soph, o *Nada*.

Sr. Sneyd: – Devo supor que realmente é o estado de intensa felicidade?

Sr.^a Blavatsky: – Isso não pode ser assim, a menos que sinta uma intensa infelicidade, um contraste. Parabrahman talvez não seja nem a felicidade e nem a infelicidade, e nem se sente, porque sentir é uma coisa finita.

Sr. Sneyd: – Então para que queremos isso?

Sr.^a Blavatsky: – Suponho que se deve à nossa estupidez que é grande.

Sr. B. Keightley: – Temos aprendido que não se pode ter felicidade sem sofrimento. Por que procuram a existência diferenciada? Por que desejam prazer ou felicidade? Deseja pelo mesmo motivo à correspondente dor ou sofrimento, sendo aspectos diferenciados.

Sr. Old: – Tudo existe em relação aos seus próprios opostos.

Sr. Sneyd: – Por exemplo, posso ir a uma bela galeria de arte.

Sr.^a Blavatsky: – Não haverá no Devakan.

Sr. Kingsland: – Quanto mais se sintoniza a mente para a felicidade, mais estará sujeita aos golpes da discórdia, e quanto mais intensos forem os sofrimentos numa direcção, mais prazer se terá na outra.

Sr. Sneyd: – Por que devemos dizer que isso é Parabrahman?

Sr. B. Keightley: – Posso fazer-lhes uma pergunta? Podem imaginar que esta condição seja permanente? Podem realmente suportar a gratificação de todo o desejo que possamos conceber? Acharão surpreendentemente lenta a passagem de cinco minutos quando têm um desejo, por provocar sofrimento até se realizar.

Sr.^a Blavatsky: – Ter um desejo já é sofrimento, porque é algo não satisfeito. O facto de desejar é sofrimento.

Sr. Sneyd: – Mas sabe-se que irá aparecer, que há algo novo a caminho, algo extra que vai chegar. Estão satisfeitos com o que têm, mas dá muito gosto ter esse extra.

Sr. Kingsland: – Pode-se ir amontoando esses extras até não ficar nada extra.

Sr. Old: – Parabrahman é um estado de absoluta indiferença.

Sr.^a Blavatsky: – Por favor, não chamem felicidade a Parabrahman porque é rebaixá-lo à ideia do Deus feliz que se senta e alegra e

cheira a algo doce aos vossos narizes.

Sr. B. Keightley: – Se pensarem nisto verão que não podem ter um sem o outro [desejo e sofrimento], real e verdadeiramente.

Sr. Sneyd: – Mas por que os queremos? Supondo que falamos na absoluta indiferença, para que os queremos?

Sr. Kingsland: – Pensem nisso, e agora continuemos.

Sr. Old: – Qual é o impulso que determina que o [Ego no] Devakan encarne?

Sr.^a Blavatsky: – É o Karma o que faz encarnar, e não terá mais do que merece. Não há nenhum impulso nele, há apenas o despertar quando o seu sono termina.

Sr. Old: – Quando um homem come o seu alimento, satisfaz a sua fome. Quando o [Ego no] Devakan assimilou as experiências da sua existência passada, então ocorre uma reacção.

Sr. B. Keightley: – Penso que isso dá a impressão que a mente no Devakan está de facto desejando reencarnar, o que não é o caso.

Sr. Kingsland: – Não tem outra opção.

Sr. B. Keightley: – Se o fizesse, prescindiria de uma das primeiras grandes causas.

Sr. Old: – Mas tem de desfazer-se do sentido de desejo individual, porque as Mónadas não têm esse desejo. Então, como define o impulso?

Sr.^a Blavatsky: – Não há impulso do ponto de vista do Devakan, não há nenhum impulso. O Karma agarra-o pelo pescoço e de maneira alguma há impulso, é como o polícia que chega e o leva preso.

Sr. B. Keightley: – Nesse caso, há um forte impulso tanto para agarrar como para fugir.

Sr. Burrows: – Sabe que vai reencarnar?

Sr.^a Blavatsky: – Bem, é uma expressão poética.

Sr. Sneyd: – Mas você não disse que não tem efeito no Devakan?

Sr.^a Blavatsky: – Não há um novo efeito. Foi colocado no Devakan em estado de felicidade que lhe dá o sentimento do que merece e usufrui. Quando isso termina, o Karma agarra-o pelo pescoço e põe-

no no novo corpo.

Sr. B. Keightley: – Então chega-se à questão que o Sr. Burrows mencionou, quando o [Ego no] Devakan sabe que vai reencarnar.

Sr.^a Blavatsky: – Verão isso em *A Chave da Teosofia*. Há dois momentos onde o Ego reencarnado retoma a sua onisciência prístina, porque, já que é Manasaputra (referente ao Filho da Sabedoria ou da Inteligência Universal), é onisciente, como seja o do momento da morte, justamente o momento em que um homem morre. Quando morreu e acabou, e então vê tudo.

Sr. B. Keightley: – Ele vê a vida onde vai entrar.

Sr.^a Blavatsky: – É realmente ele mesmo e sabe tudo.

Sr. Gardner: – Vê as suas vidas passadas?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Isso foi o que o Budha viu.

Sr. B. Keightley: – Ele não as esquece, mas a impressão não é transferida.

Sr.^a Blavatsky: – Não pode ser transferida porque o instrumento não a pode receber. Às vezes é apercebida nos momentos de visão superior. Qual será a origem, por exemplo, dos estados apresentados pelas pessoas sensitivas? Devem-se simplesmente a algumas circunstâncias por alguma causa de motivo fisiológico ou condição nervosa. As faculdades que impediam um homem de receber a luz do seu Manas desaparecem de um golpe.

Sr. B. Keightley: – Ocasionalmente a luz é reflectida sobre o nosso cérebro físico.

Sr.^a Blavatsky: – É como uma teia de aranha. Por um momento diz: “isto é o que é”, porque o Ego é onisciente *per se*, mas não onisciente no corpo. Seria algo extramente interessante se alguém o conseguisse pôr em palavras. Se eu tivesse o dom das palavras, poderia assegurar-lhe que faria teósofos em toda a Londres. Mas falo de uma forma simples, simplesmente sento-me aqui e explico, enquanto outro fala de uma maneira arrebatadora cheia de frases magníficas. Não tenho o “dom da palavra”.

Sr. Old: – É possível escapar ao Devakan, digamos, por pura aversão à sua inútil inactividade?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente. Não deseje nada e não terá Deva-

kan. Não terá nada onde apoiar a sua consciência. Estará dormindo ressonando e não terá sonhos.

Sr. Old: – Isto está pior do que nunca. De preferência é melhor sonharmos.

Sr.^a Blavatsky: – Mas há pessoas que alcançaram essa sabedoria depois de mortas e acabaram com isso. Tirei o meu vestido e aqui estou. Que vou fazer? Vou dormir, e por diante. A pessoa fará o que quiser.

Sr. Old: – Consegue predeterminar aqueles que o têm feito, de acordo com a sua experiência?

Uma Senhora: – Então terá outro corpo.

Sr.^a Blavatsky: – Você vive nos seus cinco princípios.

Sr.^a Besant: – Continua tendo os seus cinco princípios.

Sr.^a Blavatsky: – Isso é exactamente o que fazem os Adeptos. Eles têm direito ao Nirvana mas não aceitam, pensam que é egoísta fazê-lo e não aceitam. Recusam a condição do Nirvana. Foi justamente isso que fez Gautama. Preferem estar presentes, mas sem terem o direito de interferir no Karma.

Sr. Burrows: – Essa é a forma mais elevada de altruísmo.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, porque é sofrimento. Cada Nirmanakaya sofre, porque lhe é terrível estar aí, ver a miséria e sofrimento das pessoas e não as puder ajudar.

Sr.^a Besant: – No entanto, é uma Força para o Bem.

Sr.^a Blavatsky: – Desde logo. Essa é a coisa mais gloriosa, e é o que eles dizem que fez Budha e muitos dos Adeptos.

Sr. Old: – Chama-se-lhe a Grande Renúncia.

Sr.^a Blavatsky: – Sim. Recordem o que disse a respeito dos Vigilantes Silenciosos. Isto tem um significado oculto muito profundo.

Sr.^a Besant: – Esse é o Grande Sacrifício.

Sr. Sneyd: – Gautama não está agora no Nirvana?

Sr.^a Blavatsky: – Os budistas ortodoxos dirão que sim, mas Ele não está.

Sr. B. Keightley: – Além do Nirmanakaya, também outros escapam. Há numerosos casos de reencarnações rápidas sem Devakan.

Sr.^a Blavatsky: – Por exemplo, as crianças que morrem antes da idade da razão. Elas reencarnam imediatamente, como pessoas que não tiveram nem vislumbre da espiritualidade. Trata-se de um grau de consciência. Se ela for Gautama, claro que terá uma espécie de Devakan próprio, porém aqui trata-se crianças que não tiveram nenhuma consciência.

Sr. Burrows: – De que forma reencarnarão?

Sr.^a Blavatsky: – Uma criança que morre é apenas um erro da Natureza, um fracasso.

Sr. Gardner: – Às vezes são os próprios pais.

Sr.^a Blavatsky: – Não creio.

Sr.^a Besant: – Suponha-se haver um sujeito de muita nobreza mas que não evoluiu o suficiente para renunciar ao Nirvana. Será obrigado a encarnar? Aquele que não alcançou o desenvolvimento suficiente terá de permanecer aqui?

Sr.^a Blavatsky: – Um Adepto que não tenha alcançado e não queira alcançar o Nirvana, pode permanecer como Nirmanakaya. Ele pode renunciar ao estado superior do Devakan, simplesmente por ter alcançado esse estado de consciência onde não há ilusão possível para ele que sabe demasiado.

Sr. Old: – Pensei que talvez houvesse um meio termo.

Sr.^a Blavatsky: – Apenas acabados de morrer, alguns encaminham-se para um novo corpo onde possam fazer o bem.

Sr. Burrows: – E quanto mais eliminarmos o desejo mais escapamos do Devakan?

Sr.^a Blavatsky: – Com certeza.

Sr. B. Keightley: – O homem em que estava pensando é Dramar¹⁹⁸. Creio ter ouvido dizer que ele encarnaria muito brevemente.

Sr. Old: – Esta é a última pergunta sobre o Devakan. O descanso físico pode ser o mesmo ou talvez menos que o período de actividade da consciência desperta. Então, por que o Devakan deve prolongar-se por vinte ou mais anos de um curto período de vida?

¹⁹⁸ Possivelmente Louis Dramard (1848-1887), Presidente da Loja Ísis da S. T. em Paris, França.

Sr.^a Blavatsky: – É melhor fazerem essa pergunta ao Karma, porque não posso respondê-la.

Sr. Old: – Não há nenhuma teoria na Filosofia Vedanta?

Sr.^a Blavatsky: – Eu ensino-vos a Filosofia Oculta. Realmente não sei, é demasiado difícil.

Sr. Old: – Então passamos às perguntas sobre a reencarnação. Pode haver uma razão para a necessidade da reencarnação?

Sr. B. Keightley: – A primeira grande razão é que com nenhuma outra hipótese se pode explicar as desigualdades da vida – não só as das condições e circunstâncias em que nasce um homem como também as das desigualdades das faculdades e poderes inatos de cada homem, do seu poder mental, da sua força moral, dos seus desenvolvimentos em todos os aspectos – a menos que haja um antecedente de existência prévia. Em primeiro lugar, se não se assumir que isso ocorre na Terra e em qualquer estado consciência, e não havendo outra forma de existência, é impossível explicar as condições da vida com alguma aparência de justiça.

Sr. Burrows: – Nunca se conseguirá o equilíbrio.

Sr. B. Keightley: – Para mim, o principal é tomar em consideração as diferentes fases de desenvolvimento em que obviamente as pessoas nasceram. Se elas não existiam, então donde vêm essas diferenças? Sempre pensei que a ideia fundamental do Céu cristão era injusta a este respeito. Eles dizem que o pobre homem, o homem que teve poucas oportunidades ou nenhuma, deve ser ter o prémio do Céu pelo pouco que fez, e também o homem que teve poucas ou nenhuma tentações, devido ao seu escasso nível de desenvolvimento. Mas uma pessoa bastante desenvolvida está mais exposta às tentações morais, embora seja pesada, por assim dizer, na mesma escala que o outro homem.

Sr. Burrows: – No entanto, tome-se o outro lado disso: eles preferem ensinar aos pobres que os seus sofrimentos serão recompensados. Desde logo essa é a ideia pastoral.

Sr. B. Keightley: – Se criam uma ideia de condição eterna, onde se situa a proporção?

Sr. Sneyd: – Suponha-se que dizemos que Parabrahman é um estado de indiferença. Acredita que é um estado que se deve desejar?

Pensa que um estado que não é de felicidade é o que devemos desejar?

Sr.^a Blavatsky: – Não consigo entender isso. Como se pode estar feliz se não se é infeliz? Não se pode apreciar a felicidade a menos que exista o contraste. A felicidade ou a infelicidade é algo muito rápido, que começa neste momento e termina três momentos depois. Como se pode ter essas ideias transitórias e evanescentes que de nenhuma maneira têm relação com o finito?

Sr. B. Keightley: – Alguém que estuda os factos com a sua própria consciência, deve ter reparado que sendo ela activa e definida não é feliz nem infeliz.

Sr. Sneyd: – É desejável?

Sr. B. Keightley: – É eminentemente desejável, e é uma condição muito mais permanente e útil que a felicidade ou a infelicidade.

Sr. Sneyd: – É uma quietude, uma espécie de paz.

Sr. B. Keightley: – Eu não lhe chamaria quietude ou paz. É algo para o qual temos uma boa expressão na língua inglesa.

Sr. Old: – Como explica a associação de pessoas neste Plano terrestre como resultado aparente da reencarnação?

Sr. B. Keightley: – Karma.

Sr. Old: – Então devemos supor sempre que já nos encontrámos antes.

Sr.^a Blavatsky: – Pode ser que sim.

Sr.^a Besant: – E a condição mental influi nisso? Supondo que a gente tenha alcançado algo do mesmo estado mental, será então uma tendência?

Sr.^a Blavatsky: – Nunca experimentaram quando conhecem uma qualquer pessoa gostar dela, sentir-se atraídos por ela, ou então sentir antipatia? Até os cães têm as suas simpatias e antipatias. Deve haver alguma razão, uma causa.

Sr. Old: – Deve haver uma causa prévia, se nunca se encontraram antes. Então, uma pessoa de forte vontade por um esforço persistente pode determinar as condições da encarnação seguinte?

Sr.^a Blavatsky: – Meu querido senhor, está indo para o campo

dos Adeptos, para a região da criação.

Sr. Old: – E também a pessoa que tem uma vontade forte?

Sr.^a Blavatsky: – Claro, o desejo tem muito a ver com isso. Um desejo intenso cria as circunstâncias e cria as condições.

Sr. Old: – Então a última pergunta é: será que fazem avançar o Ego na sua nova vida as conquistas psíquicas, mentais e espirituais da pessoa na encarnação passada?

Sr.^a Blavatsky: – Elas são sempre o reflexo do que agora se trabalha, não se pode transformar em Adepto numa só vida. O desejo do Adeptado e o seu conhecimento deverá ter começado muitas, muitas encarnações antes. Um homem pode ter um grande desejo e ter nascido em circunstâncias e condições que o façam esquecer e perder de vista esse desejo. Encarnará dez vezes até que lhe chegue esse desejo e anelo pelo conhecimento. Então, novamente passará a uma vida onde isso talvez não seja gratificante. Não há condições para o desenvolvimento disso, e tudo o que se possuía na vida anterior chegará à vida presente.

Sr. B. Keightley: – São necessárias várias vidas sucessivas para, por seu próprio esforço, o homem criar condições favoráveis para si mesmo.

XX

**A Sociedade Teosófica.
Reunião na Loja Blavatsky.
17 Lansdowne Road, Holland Park, W.
20 de Junho, 1889.
W. Kingsland abriu a sessão lendo um artigo em ()**

Sr.^a Blavatsky: – Agora têm de ser vocês mesmos a estudar. O que única e simplesmente posso fazer é pôr a *Chave* nas vossas mãos e dizer-vos: “Isto abre desta maneira, aquilo daquela outra” e por diante. Compreendam que se aquela pessoa entende mais, a outra pode entender menos.

Sr.^a Gordon: – Porque se deve ter a possibilidade de compreender as ideias transcendentais.

Sr.^a Blavatsky: – Não, não é isso. Você esteve muitos anos na Índia mas nunca se interessou por essas antigas religiões, enquanto outros fizeram o seu estudo. Mas agora todos esses orientalistas apesar do conhecimento que possuem são terrivelmente materialistas – falo dos Max Müllers, de Sir Monier Williams¹⁹⁹, que não têm mais espiritualidade que esta cadeira – e mesmo as podendo entender perfeitamente não o fazem por serem materialistas. Até mesmo aqueles que entendem não aceitam, eles não permitem isso a si próprios. Mas não vejo por que vós não possais compreender.

Sr. Kingsland: – Acabou de os resumir perfeitamente. De que se queixam todos vocês?

Sr. Old: – É um assunto muito genérico, H.P.B.

Sr.^a Blavatsky: – Acabaram de dizer que tudo isto são disparates e que não há nada para entender.

Sr.^a Gordon: – Não creio que consigamos entender tudo.

Sr.^a Blavatsky: – Mas estas damas e cavalheiros que têm estado

¹⁹⁹ Monier Monier-Williams (1819-1899), orientalista inglês, professor de sânscrito na Universidade de Oxford nesse momento.

aqui quinta-feira após quinta-feira durante um ano ou mais, não acredito que não entendam. Como é possível?

Sr.^a Gordon: – Pode aceitar-se intelectualmente as coisas sem dizer que as entende. Podem ser aceites como teorias certas.

Sr.^a Blavatsky: – Tomem o oposto. Aceito haver pessoas que sentem ser isto uma verdade, até intelectualmente do ponto de vista científico, mas não a aceitam.

Sr. B. Keightley: – Tomemos o ponto tocado por Kingsland.

Sr.^a Blavatsky: – Devem usar as vossas faculdades superiores, o intelecto não tem nada a fazer aqui. A ciência materialista fica-se por aí.

Sr.^a Gordon: – É uma concepção espiritual, por assim dizer.

Sr. B. Keightley: – Tomemos o ponto que abordou, Kingsland, por exemplo, para conceber a relação entre essas Hierarquias Celestes de Dhyan-Choans e as forças físicas, ou o que chamamos forças físicas, se quiserem, com que estamos familiarizados. Claro que estas forças físicas, segundo *A Doutrina Secreta*, são os efeitos produzidos no Plano de Maya, o Plano da Objectividade, pelas quais agem ou são causadas por essas Hierarquias, mas a dificuldade está no entendimento para se formar uma concepção do que isso significa.

Sr. Kingsland: – Confesso que não fui capaz de formar uma ideia. Tenho somente a ideia geral.

Sr.^a Blavatsky: – Cada Hierarquia relaciona-se com alguma força da Natureza. Há sete forças fundamentais e há sete Hierarquias. Mas agora querer que eu empreenda a explicação de cada uma das sete, podendo ser subdivididas *ad infinitum*, é impossível. Em primeiro lugar, apesar de eu saber o que significam, não sou suficientemente científica para vos dar as correspondências em termos científicos. Sei quais as que correspondem a cada Hierarquia e aos Dhyan-Choans, como também a cada um deles, e poderia mostrar como se estabelece essa correspondência com as forças da Natureza. Mas para isso necessitaria de dez volumes, não de dois.

Sr. B. Keightley: – Peguemos, por exemplo, nesta questão: há uma propriedade da matéria muito conhecida que se chama afinidade química, o poder combinado que varia de uma substância para outra, havendo certas coisas que podem ser tocadas e pegadas que os nos-

sos sentidos físicos registam. Mas como se pode conceber as relações correspondentes dessas coisas no Plano superior em relação com o nosso Plano inferior ou objectivo? Porque essas combinações tomadas no Plano objectivo, digamos, as do oxigénio e hidrogénio formando a água, só podem acontecer porque as coisas no Plano por detrás do nosso também estão relacionadas de forma a corresponder à relação que vemos nas substâncias físicas do oxigénio e hidrogénio, e por diante.

Sr.^a Blavatsky: – A quem se está dirigindo? Ao Sr. Kingsland ou a mim?

Sr. B. Keightley: – A si e ao Sr. Kingsland.

Sr.^a Blavatsky: – Não ouvi nem metade do que disse. Quero uma pergunta concreta, não posso comentar duas páginas de um discurso interminável. Isso pode soar muito bonito, mas quero uma pergunta concreta. Em contrário, esqueço-me do que se começou antes de si.

Sr. Kingsland: – Estas forças, que nós chamamos forças naturais, são simplesmente emanções de uma ou outra dessas Hierarquias. Esse é o termo que usa, “emanções”.

Sr.^a Blavatsky: – Não encontro nenhuma palavra melhor.

Sr. Kingsland: – Como podemos confirmar isso como emanções de uma Hierarquia?

Sr.^a Blavatsky: – Não se pode com meios físicos. O Sr. Crookes fez o melhor que pôde, e certamente é o melhor químico do mundo.

Sr. Kingsland: – Bert tomou uma coisa em particular, a afinidade química. Como podemos relacionar isso com uma entidade inteligente num Plano superior?

Sr.^a Blavatsky: – Bom, veja o seguinte. Se está preparado para dizer-me que tudo quanto demonstra alguma acção é uma acção que tem as suas leis, e que um cientista pode de antemão dizer que tudo pode converter-se em afinidade definida e fixa, se está preparado para dizer-me que não há intenções por detrás disso, eu respondo que está bem. E também respondo que não existe a mínima partícula no Universo – onde haja contacto entre dois átomos, ou tomando duas coisas quaisquer na Natureza – que não tenha certa inteligência nela, por detrás dela e que por ela actua uma inteligência, estando tudo imerso em inteligência.

Sr. B. Keightley: – Isso é o que acreditamos estar na base, mas a dificuldade do Sr. Kingsland estriba-se em como associar inteligentemente a relação entre essa inteligência e os factos físicos que observamos.

Sr.^a Blavatsky: – Abandonar completamente os métodos científicos indutivos e transformar-se não num físico mas num metafísico, é só o que vos posso dizer. Sem se transformar em metafísico em vez de físico, este que se cinge à Natureza física e a mistura com a Ciência ortodoxa, nunca se chegará a nada.

Sr. B. Keightley: – Não creio que fosse isso que Kingsland queria dizer.

Sr.^a Blavatsky: – Conheço isso melhor do que vocês, sobretudo desde o começo, desde a primeira agitação da Diferenciação. Aprendam como eu aprendi. Não sou uma pessoa científica, sou simplesmente uma metafísica. Eu vi, sei, sinto em mim, vejo diante de mim. Não consigo pôr em termos científicos porque não sou suficientemente científica, mas digo-vos que rastrear é o mais simples do mundo se começarem pelo início. Mas se fizerem como os homens de ciência começando pelo final, como se vê aqui neste Plano de Ilusão, nunca chegarão a nada.

Sr. Sargeant: – Parece que a questão é muito simples. Se não há correspondência entre as sete Hierarquias e as manifestações dessas forças físicas no Plano Físico, então não pode haver correspondência entre a causa e o efeito. Sabemos que o efeito procede da causa, e devemos saber que as sete manifestações neste Plano Físico devem proceder de uma das Hierarquias.

Sr. Kingsland: – Nem sempre se pode associar o efeito a uma causa teleológica²⁰⁰.

Sr.^a Blavatsky: – Cavalheiros, posso mostrar-vos um erro em que caem sempre? Ele dá-se porque tomam independentes umas das outras todas essas causas que se entende chamar de inteligentes, tomando-as uma por uma em vez de as tomar no conjunto. Não se pode aceitar isoladamente essa afinidade. Repare-se nas Hierarquias Foháticas que vêm a ser todos os fenómenos eléctricos. Há que os tomar

²⁰⁰ Teleologia, no seu sentido filosófico, refere-se ao estudo das finalidades do Universo.

em conjunção com o restante e tomar este como um todo. Nisto, do ponto de vista físico, a Ciência está correcta quando diz que são forças cegas da Natureza, porque a Ciência não vê além do seu nariz e não se permite ir além do Plano da manifestação física. Mas se partirmos do começo da Vida e imaginarmos a eterna onnipresente homogeneidade, tem-se isso que está sob cada fenómeno da Natureza – sob a própria Natureza – ao qual não chamarei Espírito, porque é muito mais que Espírito (este é algo determinado que não tem nome no nosso idioma, que só pode existir na nossa percepção e só quando estamos totalmente separados da matéria), mas devendo ser assumido para depois proceder do universal para o particular. Agindo em contrário não conseguirão captar isto, é impossível. Há que omitir muitas coisas ou abraçá-las de modo geral, e só depois, como poderem, começarem pela primeira manifestação, pois em contrário não conseguirão fazer uma representação clara. Para mim isto é muito claro e compreensível, talvez por eu ser uma tonta inocente, mas nunca me apresentou nenhuma dificuldade.

Sr. Sargeant: – É por isso que as damas e cavalheiros devem procurar primeiro o Reino dos Céus?

Sr.^a Blavatsky: – Não sei, está num Plano diferente.

Sr. Sargeant: – Esse deve ser do universal para o particular.

Sr.^a Blavatsky: – Se houvesse algo semelhante a um Céu intermédio, então ele estaria nas nuvens povoadas por esses serafins com harpas douradas. Isto é o que entendo por Reino dos Céus.

Sr. Sargeant: – Desafortunadamente, *em* doze horas será o Reino do Inferno, porque ficará por baixo.

Sr. Old: – O que queremos saber não é a lei geral da causa procedendo nos efeitos.

Sr. Sargeant: – Chamem-na uma causa fortuita das circunstâncias.

Sr. B. Keightley: – O que Old queria dizer é que aqui há muitos efeitos. Bem, quando falamos das Hierarquias Intelectuais Superiores, neste momento elas são estão representadas por palavras.

Sr.^a Blavatsky: – Não se podem apresentar com palavras. Devem ser representadas pela percepção da intuição. Se forem representadas por palavras não terão nada, terão um disparate. Há que as

representar com a sua própria percepção intelectual, com a sua percepção espiritual. É impossível de outra maneira. Devem compreendê-las com o vosso Ser Superior e não com os vossos cérebros e percepções intelectuais, já que todas essas são percepções sensoriais que não vos ajudarão. Devem chegar ao ponto de se sentirem unos com o Todo, totalmente dele, do Uno e Eterno, que não tem começo nem tem fim. Em contrário, é impossível.

Sr.^a Gordon: – A Consciência Superior.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, a Consciência Superior. Talvez esteja falando em grego ou hebreu, mas para mim é muito claro e não sei como explicar melhor.

Sr. B. Keightley: – Deve-se compreender pela consciência directa, pelo contacto directo da sua consciência sintonizada com a Consciência Universal. Então se conseguirá o contacto directo com essas Hierarquias, as perceberá ou sentirá.

Sr.^a Blavatsky: – Por que não se dispõe nessas Hierarquias?

Sr. Kingsland: – Porque de facto é feito.

Sr.^a Gordon: – Então temos uma consciência dual. A consciência superior é a que devemos cultivar e de alguma forma pô-la em harmonia com a nossa consciência interna. É o que fazem os homens na Índia, fazem chegar a sua consciência superior à consciência exterior.

Sr. Sargeant: – Não são todas as verdades superiores que se possam perceber no Universo ser captadas através do fluxo automático do pensamento?

Sr.^a Blavatsky: – Não creio.

Sr. Sargeant: – É um pensamento de que estamos parcialmente conscientes no Plano Superior, mas não no inferior.

Sr. Kingsland: – Mas o que é isso senão a intuição? Só lhe está dando outro nome. É a intuição, certo?

Sr. Sargeant: – Não creio que lhe possamos chamar assim. Podemos saber algo sem o entender.

Sr.^a Blavatsky: – Podem conhecer algo intuitivamente sem ser capazes de lhe dar expressão, mas devem compreendê-lo. Compreendem no vosso entendimento espiritual apesar de muito provavelmente não lhe conseguirem dar uma expressão, porque os idiomas

européus não a transmitem e nem sequer o sânscrito, que é certamente mil vezes mais rico. Estas são coisas onde devem usar o idioma da alma, como se diz, a percepção interior e o idioma inefável.

Sr. Sargeant: – Não podemos saber intuitivamente que uma certa causa produzirá um certo efeito, sem saber de que maneira será produzido esse efeito?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente não há o mínimo efeito que possa ser produzido sem uma causa, e certamente se há um efeito deve haver uma causa.

Sr. Sargeant: – A intuição pode existir com um conhecimento parcial?

Sr. Old: – Não creio que se possa chamar a ela o aspecto interior de Manas ou a Mente, porque vêem que identificamos a faculdade da intuição a Budhi, que é um princípio separado.

Sr.^a Blavatsky: – Não totalmente, mas é ao Manas que têm de se identificar primeiro.

Sr. Kingsland: – Não, é à intuição.

Sr.^a Blavatsky: – Que passa através do Ego encarnado.

Sr. B. Keightley: – Se se tem a Budhi por si mesmo sem nenhuma união com Manas neste Plano, não terão nenhuma intuição.

Sr.^a Blavatsky: – A missão de Budhi é simplesmente obscurecer a Luz Divina em Manas, pois em contrário Manas estará sempre caindo para o princípio Kâmico, o princípio da matéria, tornando-se Manas Inferior ou a Mente, e agirá como tal. Porém, o Ego encarnado é certamente a Mente, Manas.

Sr. B. Keightley: – E a intuição é a arrecadação.

Sr.^a Blavatsky: – De todas as experiências passadas acumuladas.

Sr. Old: – Mas que devem ser sublimadas.

Sr. Kingsland: – Como é que a intuição num homem transforma-o em teósofo enquanto noutro fá-lo católico romano?

Sr. Sargeant: – Porque um católico romano é um teósofo. Deve sê-lo necessariamente, se a Teosofia encarna a sabedoria de todas as religiões. Todos os católicos romanos são realmente teósofos.

Sr.^a Blavatsky: – Até agora só conheci um teósofo entre os católicos romanos, que foi o pobre padre Damián. Não porque fosse um católico mas porque era um verdadeiro Homem Crístico.

Sr. Old: – Não considera Saint Aloysius²⁰¹ um deles?

Sr.^a Blavatsky: – É um fanatismo no qual não podemos nem devemos acreditar. Mas dizemos que há verdade em tudo, porque é impossível existir algo que não tenha algum nível de verdade.

Sr. Sargeant: – Por conseguinte há Teosofia em tudo, inclusive no fanatismo.

Sr. B. Keightley: – O fanatismo é a negação do primeiro princípio da Teosofia, que é o universalismo.

Sr.^a Blavatsky: – O fanatismo não é mais do que um egoísmo concentrado e vaidade. Um homem diz: “Eu acredito nisto, e portanto deve ser assim. Eu sou o homem sábio, e todos os demais devem ser tolos”. Aquele que é um fanático fecha-se a si mesmo para a verdade universal. Ele simplesmente apega-se a algo pequeno como uma mosca se apega a papéis molhados. É isto e nada mais.

Sr. Sargeant: – Que dizer de Pedro, o Ermitão,²⁰² cujas prédicas agitaram impetuosamente toda a Europa? Ele era um teósofo?

Sr.^a Blavatsky: – Nem um pouco. Ele foi um anti-teósofo. Ele obrigou as pessoas a tornaram-se tolas e conduziu-as para a morte, deixando-as como rídiculas para a posteridade. Para elas, o simplório representava o Espírito Santo.

Sr. Sargeant: – E então vendo essa gente que voltava da Terra Santa, o Cristianismo se tornou algo grandioso. Os nossos antepassados nunca conheceram o princípio da tolerância no campo de batalha, até que Saladino²⁰³ lhes ensinou.

Sr.^a Blavatsky: – Havia mais Teosofia em Saladino do que em

²⁰¹ Saint Aloysius, Luigi ou Luís de Gonzaga (1568-1591), jesuíta italiano que renunciou aos direitos da sua herança e morreu trabalhando com os enfermos.

²⁰² Pedro, o Eremita, ou Pedro de Amiens (1053-1115), monge cristão que nos finais do século XI instigou as Cruzadas a Jerusalém.

²⁰³ Saladino (1138-1193), sultão do Egito que condiziu a resistência muçulmana contra as Cruzadas. Ganhou a eterna reputação de guerreiro que tratava com magnanimidade os prisioneiros.

Pedro, o Ermitão. Talvez digam que Luís XI²⁰⁴ também foi um teósofo. São paradóxicos.

Sr. Kingsland: – É um universalista. Mas deve-se fazer uma distinção nos termos.

Sr. Sargeant: – Não há uma distinção no espírito.

Sr. B. Keightley: – Mas não estamos no espírito, e sim na carne.

Sr. Sargeant: – O grande erro de hoje é que o homem imagina que é um corpo possuído por um espírito, em vez de um espírito possuído por um corpo.

Sr.^a Blavatsky: – Meu querido Sargeant, você me pareceria a encarnação da sabedoria se falasse de maneira que eu pudesse ouvir.

Sr.^a Blavatsky: – Se falo baixo é por causa destas respirações internas.

Sr.^a Blavatsky: – É um farsante! Talvez diga que há uma verdadeira Teosofia na fraude.

Sr. B. Keightley: – Talvez possa citar as linhas de Olcott: “Há um espírito em cima e um espírito em baixo: um espírito de amor e um espírito de infortúnio. O espírito em cima é o espírito divino; o espírito em baixo é o espírito do vinho!”.

Sr. Sargeant: – No entanto o “espírito do vinho” é só uma expressão do “espírito divino”. Se lerem os seus trabalhos esotéricos, verão as afinidades que há entre essas coisas.

Sr.^a Blavatsky: – Agora a intuição deste homem diz-lhe que tente enganar-me. Não entende o inglês e, no entanto, a sua intuição diz-lhe isso, que tente incomodar-me.

Sr. Old: – Quero dizer que não fiquei satisfeito com essa definição. Porque o pensamento inconsciente, não o raciocínio sobre a acção física denominado cerebração, e sim o correspondente metafísico superior, não é uma intuição em si mesma, porque raciocinando por analogias teremos essas duas coisas [pensamento e intuição] representadas nos Planos inferiores as quais podemos aplicar a cada um dos sete princípios. Estão nos nervos – no arco automático dos nervos e no influente arco de nervos – o voluntário e o involuntário. É exacta-

²⁰⁴ Luís XI (1423-1483), rei de França de 1461 a 1483.

mente igual aos processos vitais, onde existe o voluntário e o involuntário. Há funções sobre as quais temos controle voluntário e há outras sobre as quais não temos, excepto nos casos raros, complexos como o do Cap. Townsend e de outros que conseguem controlar os processos vitais da mesma maneira que os músculos. Vendo que existe o inconsciente e o consciente, o lado obscuro e o luminoso de toda a Mónada bifásica, não podemos argumentar que existe a cerebração consciente e inconsciente, ambas identificadas com Manas? Porque já vi precipitações em forma de escrita automática onde uma pessoa conversa sobre um tema escrevendo ao mesmo tempo sobre outro tema.

Sr. Kingsland: – Suponho que deveríamos dizer que a intuição é a acção inconsciente.

Sr. Old: – Eu digo que não.

Sr. Kingsland: – Por exemplo, tome-se a acção vital inconsciente. A acção produz-se sem a vontade. Por que acontece isso? Não será isso a acumulação de experiências anteriores?

Sr. Sargeant: – Não.

Sr. Kingsland: – Então o que é?

Sr. Sargeant: – É simplesmente devido à acção universal de um fluxo de nervos denominados involuntários. Afectam de tal maneira que restauram qualquer equilíbrio que se tenha perdido.

Sr. Kingsland: – Por que se dá o facto de termos certas funções físicas? Não basta rastreá-las simplesmente. Eu digo que essas funções se desenvolvem através de inúmeras Idades por meio da Evolução, que essas coisas se dão através das experiências do Kama-Rupa sobre as acções passadas.

Sr. Sargeant: – Não está se referindo às experiências passadas como a causa que põe em movimento essas influências?

Sr. Kingsland: – Não. Eu tomo a analogia a que se referiu Old sobre a consciência e o raciocínio inconsciente. Eu digo que a inconsciência dá simplesmente o mesmo resultado. Por analogia pode pôr-se assim: a intuição é o resultado de todas as fases anteriores pelas quais passou nos estados concientes, de facto, a Evolução.

Sr. B. Keightley: – Penso que tudo isso resulta da experiência co-

nhecida do treinamento dos músculos. Aprende a fazer certas acções musculares muito complicadas ao início com grande dificuldade, como a de escrever. Gradualmente esta converte-se em automática, e é feita sem se pensar nos diferentes gestos. Pensa-se o que se pretende expressar mas não se pensa nos movimentos individuais da mão.

Sr. Kingsland: – Não há nada que se faça neste momento que não seja o resultado da experiência passada.

Sr. Old: – Posso assinalar o que os médicos chamam de acção inibida. Se alguém tem o costume de meter o dedo na boca, é coisa estranha que poderá tornar-se um hábito. Geralmente, primeiro é voluntário mas acaba por se tornar hábito, sendo chamado de acção inibidora relacionada ao assento da força cerebral, o neocórtex, supondo-se que seja o lugar-tenente do cérebro pensante. Graças a ele, quando se decide regressar a casa não se precisa pensar mais do que pôr os pés ao caminho, que o resto acompanhará. O que pretendo dizer é que tenho dificuldade em indicar que essa acção inibida seja acção voluntária. Como podem dizer que a acção vital esteve alguma vez inibida e que alguma vez foi voluntária? Se poderem provar que cada pulsação da aorta do coração é controlada voluntariamente, então podem provar isto.

Sr. Kingsland: – O corpo físico actual é o resultado de várias influências que podem ser rastreadas até uma encarnação anterior.

Sr. B. Keightley: – O ponto é este: a acção involuntária dos músculos – como o bater do coração – é o resultado da evolução. Mantenho que é o resultado da evolução das moléculas que formam o coração.

Sr. Old: – Mas não por experiências conscientes.

Sr. Kingsland: – Não nesta vida actual.

Sr. Old: – Eu somente quero demonstrar, raciocinando pela analogia, que assim como há a acção consciente e inconsciente do corpo físico, e há sistemas de nervos conscientes e inconscientes e por diante no Plano Físico, também cada princípio tem essa parte consciente e inconsciente, esse lado obscuro e luminoso.

Sr.^a Blavatsky: – Não acredito que confundam as coisas materiais com as espirituais.

Sr. Old: – Sabemos que cada um desses princípios tem um lado

manifestado e outro não-manifestado.

Sr.^a Blavatsky: – Se falam de um dos hábitos adquiridos, como chupar o dedo, isso é diferente. Não é coisa natural nem normal. O bater do coração é coisa que pertence ao físico, e os hábitos aos homens. Isso não tem nada a ver com adquirir coisas.

Sr. Kingsland: – Isso não tem nada a ver com a aquisição de hábitos nesta encarnação. Mas podem rastrear o bater do coração, que tem lugar automaticamente, e pode-se rastrear a evolução, que está primeiro.

Sr.^a Blavatsky: – Certamente.

Sr. Old: – Eu não posso ir tão atrás.

Sr. Kingsland: – Suponha que aceitamos essa analogia.

Sr. Old: – Raciocionando pela analogia sobre isso, nessa linha eu pretendia demonstrar que há o pensamento consciente e o inconsciente, ambos identificados como peculiares de Manas.

Sr. Kingsland: – Muito bem, digamos assim. Acrescento que o pensamento consciente que agora possuímos é a actual intelectualidade.

Sr. Old: – Já se identificou a intuição com Budhi. Agora quer-se identificar Budhi com os aspectos superiores de Manas.

Sr. B. Keightley: – Está tomando isso de Sinnett, Old.

Sr. Old: – Budhi não é o sexto princípio em vez da intuição?

Sr.^a Blavatsky: – Em que linha está? Apresenta isso da maneira que é dada nas instruções esotéricas ou nas exotéricas? Essa é a diferença. Sabem o que quero dizer. Exotericamente, é outra coisa. Claro que Budhi é o sexto, ainda que exotericamente Budhi seja algo completamente diferente. Budhi, *per se*, não tem nenhuma qualificação, é simplesmente o veículo de Atma, o Espírito. O Espírito é nada, não se pode dizer que seja algo, porque ele não tem começo nem fim. É o Único.

Sr. B. Keightley: – A identificação feita por Old da intuição com Budhi deriva do *Budhismo Esotérico* de Sinnett.

Sr.^a Blavatsky: – Esse certamente não é esotérico.

Sr. Kingsland: – Não se pode identificar Budhi com a intuição,

porque a intuição depois de tudo, é somente um processo intelectual de ordem mais elevada.

Sr. Old: – Eu entendo que há dois factores em Budhi.

Sr.^a Blavatsky: – Uma coisa pode dizer-se acerca de Budhi: a intuição está em Manas pela maior ou menor luz projectada por Budhi, e mais ou menos assimilada de Budhi.

Sr. Kingsland: – Deve passar por Manas, deriva de Manas.

Sr. Old: – E finalmente alcança o cérebro, donde flui para baixo. O cérebro é o instrumento do pensamento.

Sr.^a Blavatsky: – Meu pobre Old! Nunca pensei que fosse tão materialista.

Sr. Old: – Você tirou-me do carril perguntando-me se eu estava falando esotericamente ou exotericamente. Eu estava falando no meu terreno, e pediu-me para que saísse dele.

Sr.^a Blavatsky: – Estava enganada?

Sr. Old: – Não, tinha razão.

Sr.^a Blavatsky: – Aqui há esotéricos e exotéricos. Os esotéricos ficariam terrivelmente confusos se falássemos dessa forma, e os exotéricos ainda mais.

Sr. Old: – Não devia ter falado.

Sr.^a Blavatsky: – Budhi por si mesmo não pode ter intuição nem não-intuição e nem nada, é simplesmente o elo de ligação, por assim dizer, entre o Espírito e Manas Superior. Quem é que vai ao Devakan? Quem é que reencarna? Certamente que é o Ego, o Manas, a porção superior de Manas. Uma vez que esteja no Devakan o consideramos na eternidade, mas de maneira alguma é eterno posto Budhi e Atma serem obstruções, no sentido restrito da palavra. É o Manas quem reencarna e, portanto, a intuição pertence a ele, por a portar através de todas as reencarnações por que passa. Tudo isto é mais ou menos definido pela quantidade de luz vertida em Manas por Budhi, mas só até aqui no referente a esta vida. Entendem? A intuição é una. Aprendi o suficiente acerca disto, Sr.^a Gordon.

Sr. Old: – Qual é a distinção, Kingsland, entre a cerebração inconsciente e a intuição?

Sr. Kingsland: – A cerebração inconsciente é algo que pertence

puramente ao Plano Físico, e a outra é diferente.

Sr. Old: – Então, é pensamento inconsciente?

Sr. Kingsland: – Peguem no caso extremo daquele que consegue resolver os problemas matemáticos mais difíceis que lhe apresentam sem precisar de recursos. Dirão que é um processo puramente intelectual. Mas ele já tinha a essa capacidade, já havia assimilado esse conhecimento em alguma altura, e devido a certas combinações de influências astrais é capaz de as aplicar nesse momento de maneira tão rápida, mesmo que os seus sentidos físicos tenham ofuscado por algum tempo essa capacidade.

Sr. Sargeant: – Esse é o resultado do pensamento inconsciente.

Sr.^a Blavatsky: – A cerebração inconsciente é alguma coisa que foi sugerida inconscientemente ao cérebro por vós, mesmo que não se lembrem de a ter ouvido ou visto. Mas a intuição é algo diferente.

Sr. B. Keightley: – Penso num termo diferente do de “pensamento inconsciente” que possa significar alguma coisa.

Sr. Sargeant: – Então, “cerebração inconsciente”?

Sr. B. Keightley: – “Cerebração inconsciente”, que sentido pode dar a isso?

Sr. Old: – Chamem-no ideação, se quiserem.

Sr. B. Keightley: – É suficientemente consciente no Plano adequado.

Sr. Old: – De facto, não há nada inconsciente. Porque se agora identificarem a consciência só com este Plano, estão totalmente conscientes. Portanto, penso que é um mau termo e só pretendo utilizá-lo relativamente, ao contrário da distinção feita acerca do pensamento relativo.

Sr.^a Gordon: – Parece-me que as experiências feitas relacionadas com o hipnotismo mostraram que existe essa consciência superior, a qual pode manifestar-se ocasionalmente sob circunstâncias excepcionais, isto é, em naturezas excepcionais. Não é em qualquer um que se poderá manifestar. Não pensa assim, Senhora? Estou falando da alma latente. A outra metade que está inconsciente poderá ser, como tem sido, mais ou menos exibida sob algumas formas de hipnotismo, onde o ser superior se torna clarividente desenvolvendo sempre

as demais faculdades.

Sr.^a Blavatsky: – Não use o termo “ser superior”, porque esse é o Atma.

Sr. B. Keightley: – Digamos o ego superior. Na maioria dos casos, essa consciência ou ego refere-se à personalidade falando na terceira pessoa, por exemplo, no nome.

Sr. Kingsland: – Eu interpreto desta forma: que acumulámos no nosso Manas uma enorme quantidade de experiências realizadas nas encarnações passadas e não somos capazes, por certas razões da nossa constituição física, de assimilar e dar expressão a todas elas na nossa vida presente. Todavia, o acto de utilizar a intuição é simplesmente o acto de penetrar nesse depósito já que possuímos Manas, sendo o que ofusca a nossa intuição é o vínculo que mantemos com o Plano Físico. Se pudéssemos libertar-nos dele, usaríamos livremente a intuição.

Sr.^a Blavatsky: – É a quantidade de ervas daninhas e parasitas que temos juntado na nossa vida que nos torna positivamente tolos.

Sr.^a Gordon: – Vê-se sempre as crianças serem muito mais intuitivas que os adultos. As crianças têm a intuição mais proeminente do que nós que vivemos no mundo e somos mais do mundo, estando as nossas mentes mais ligadas às coisas mundanas.

Sr. Kingsland: – Penso ser também esse o caso.

Sr.^a Gordon: – Vi isso nas crianças minhas amigas. Elas têm um sexto sentido, posso dizer, e vivem completamente noutra atmosfera.

Sr. Kingsland: – Há muitos casos em que ela se manifesta, casos anormais como os que temos visto. Tomemos o caso de Josef Hofmann, o jovem ianista. Donde lhe vem o seu conhecimento musical? Não é mais do que intuição. Ele é capaz de lhe dar expressão no Plano Físico com o seu corpo físico.

Sr.^a Gordon: – Claro que a criança não aprendeu intelectualmente, não tem cérebro para o fazer. Trouxe isso com ela.

Sr. Kingsland: – A base de todas as nossas acções é simplesmente a intuição.

Sr.^a Blavatsky: – Old, é o seu Budhi que o faz ser quem é?

Sr. Old: – É o meu Atma.

Sr.^a Blavatsky: – Você não tem um Atma distinto dos outros.

Sr. Old: – É a Chispa Divina em mim.

Sr.^a Blavatsky: – Não é sua, é propriedade comum. É o seu Ego, o Ego encarnado. É o que foi em vida passadas que o faz ser quem é, um jovem de 25 anos que tem uma maravilhosa capacidade de entender todas estas coisas.

Sr. Old: – Há certas coisas, como por exemplo essas meditações abstractas, que não são o resultado da experiência. Que experiência, que consciência de mim mesmo eu tenho quando estou no Devakan? Não tenho consciência relativa excepto a minha que forma a criação na minha própria mente.

Sr. Kingsland: – E, no entanto, acredita-se que o Devakan é o resultado das experiências por que passámos na nossa vida anterior.

Sr. Old: – Certamente. Mas há outros problemas abstractos que são pensados e conhecidos por mim, talvez impossíveis de formular mas que consigo perceber, pelo que digo que estas leis e esta consciência pertencem a Atma, por se relacionar com Manas pelo seu veículo Budhi. E ali essa consciência absoluta da Mónada é, até certo ponto, capaz de ser apreciada por Manas.

Sr.^a Blavatsky: – Você é um herético, porque fala completamente não só contra a Filosofia Oculta como também contra a Filosofia Vedantina.

Sr. Kingsland: – Atma acumula experiências?

Sr. Old: – Não! Mas ficou-se com a ideia de que somente aprendemos por meio das experiências acumuladas.

Sr. Kingsland: – A nossa intuição é somente experiência acumulada.

Sr.^a Blavatsky: – Como pode dar experiência àquilo que é absoluto? Como é possível cair em erros filosóficos como esse? Atma pertence tanto a você como a esta lâmpada. É propriedade comum.

Sr. Old: – Cada Ser Superior é, por assim dizer, o final manifestado de um raio.

Sr.^a Blavatsky: – Não é. É o próprio Manas.

Sr. Old: – Encontra-se no Logos individual assim como nos Lo-

gos universais.

Sr.^a Blavatsky: – De maneira nenhuma. O que simplesmente se pode dizer de Atma e Budhi é que não têm nada a ver com um homem, excepto que o homem está imerso neles. Enquanto viver estará protegido pelos dois, mas não é seu proprietário como de qualquer outra coisa.

Sr. Old: – Atma identifica-se com Jiva.

Sr.^a Blavatsky: – Peço-vos mil desculpas. Jiva e Atma são o mesmo, só que Jiva está no extremo inferior e Atma no extremo superior. Mas não se consegue explicar a diferença em inglês, tem um significado em sânscrito mas não nas línguas europeias, ou em algumas delas. Não há mais do que uma Essência no Universo, a qual não tem começo nem fim, enquanto as várias sombras ou raios dessa Absolutez durante o período da Diferenciação são o que constituem a essência final de tudo e do Homem.

Sr. Old: – Então, diria que isso que está escrito associa-se ao Nirvana de Brahma e ao Paranirvana de Parabrahma, como resultado da experiência?

Sr. Kingsland: – Tudo o que se pode entender disso é o resultado da experiência.

Sr. Old: – Eu tomo-o como o resultado da intuição.

Sr.^a Blavatsky: – É simplesmente um símbolo como o melhor capaz de ser expresso em linguagem humana, e nada mais.

Sr. B. Keightley: – Tente formular a ideia mais claramente explicando a que tipo de meditação se refere, porque creio que a meditação mais elevada que se possa conceber é a manásica, e nada mais. Manas e a experiência não são sinónimas.

Sr. Old: – Kingsland quer identificar a intuição com a experiência. Segundo ele, a intuição é um aspecto de Manas.

Sr.^a Blavatsky: – Reparem nisto, vocês europeus nunca deveriam ter recebido o ensinamento dos sete princípios. Bem, talvez o entendam daqui a uns cem anos. Seria mil vezes preferível ter se mantido o método antigo, aquele que comentei em *Ísis Sem Véu*, e falar só do Homem tríplice – Espírito, Alma e Matéria. Então não cairiam nas heresias em que caem. Por que dividimos isto em sete princípios

ou aspectos? Porque a nossa é a Filosofia mais elevada. Mas para o mortal em geral certamente é muito mais fácil de compreender se disser que o Homem é tríplice, tem Espírito, Alma e Matéria. O que é o Espírito? O Espírito é o que logo se transforma no Ego. A Alma é simplesmente o Nefesh, a Alma vivente de todo o animal, ou seja, o Jiva inferior, e a Matéria é o seu corpo físico. Mas agora que os dividimos, como dividem todas as Filosofias Esotéricas, simplesmente confundimos a mente europeia, porque não foi preparada nesta direcção. É demasiado para ela e são muito poucos os homens que realmente compreenderão as sete divisões. Por conseguinte, somos chamados ora lunáticos, ora faudes, umas das duas, e ninguém entende o que queremos dizer. Eu digo que é mil vezes preferível não compreenderem nem se falar deste número septenário, e ficar-se simplesmente no antigo terreno do Espírito, Alma e Matéria. Assim não haverá heresias.

Sr. Kingsland: – Mas agora já foram amplamente assumidos esses sete princípios, pelo que temos de clarificar as ideias.

Sr.^a Blavatsky: – Nunca se deve dizer “o meu Atma”, porque ninguém é dono do Atma. Essa ideia é a maldição do mundo. É geradora desse enorme e terrível egoísmo, esse egoísmo separativista que é dito “eu sou”, o “meu Atma”, o “meu Budhi”. Quem são vocês? Não são nada, são alguém hoje e amanhã já não. E até isso desaparece no final do Manvantara.

Sr. B. Keightley: – Voltando ao que Kingsland estava dizendo. A intuição, como a conhecemos, é definida desta forma: a memória, a acção ou o reflexo no nosso Plano inferior das Hierarquias. Não é o aspecto superior das Hierarquias, não esgota em Manas.

Sr.^a Blavatsky: – Manas é simplesmente o princípio encarnado. Não é algo que seja um indivíduo ou entidade, é simplesmente a Mente mais elevada.

Sr. Old: – No que consiste o Ego encarnado?

Sr.^a Blavatsky: – No que quer que consista? Penas, laranjas ou o quê?

Sr. Old: – Como o formula? Não disse que é Atma-Budhi?

Sr.^a Blavatsky: – Certamente, digo que é Atma-Budhi. Em cada encarnação está sob o raio directo de Budhi, devendo assimilá-lo. Se não o fizer, a sua personalidade separa-se dele ficando cuidando sim-

plesmente aos seus próprios cuidados. É só nos casos onde o assimila Budhi que realmente vive nele projectando o seu fio na personalidade, com que forma a consciência depois do Manvantara finalizar, o seu raio directo, imortal.

Sr. Old: – Pensei que tinha razão ao dizer que Budhi possui um raio de Atma que é o veículo.

Sr.^a Blavatsky: – Chamaria a esta lâmpada um raio da chama que arde nela?

Sr. Old: – Certamente não.

Sr.^a Blavatsky: – Assim também Budhi é o veículo, não é um raio, é somente isso através do qual passa o raio. É o agente dessa luz projectada em Budhi. Por isso é que lemos em todos esses livros acerca do Nirvana e de Atma: “Existe em Parabrahman? Não. Então não é Parabrahman. É, mas não existe”.

Sr. Old: – Disse que o Ego reencarnado consiste em Budhi-Manas, ou melhor, Atma-Budhi.

Sr.^a Blavatsky: – Só consiste em si mesmo.

Sr. Kingsland: – O aspecto que estamos discutindo é simplesmente a assimilação do Manas Superior.

Sr. Old: – O que assimila?

Sr.^a Blavatsky: – A Consciência. É Consciência Universal, que ao cair na matéria se torna consciência pessoal em sua última manifestação na Terra. E quando se liberta de toda a matéria que o estorva, quando se torna cada vez mais puro e finalmente alcança a sua manifestação superior, ou como lhe quiserem chamar, então gradualmente integra a Consciência Universal, é reabsorvido novamente na Consciência Universal. Isto é o Manas, mas quando ele cai cada vez mais baixo não é mais do que uma entidade material, não quero dizer material fisicamente e sim material de facto, um montão de nada se não estiver sob o raio de Atma-Budhi. Porém, certamente que Atma-Budhi não segue o Ego que reencarna, mas uma vez reencarnado, simplesmente estará na região do Universo onde estão Atma e Budhi. Por isso dizemos que Atma e Budhi existem todo o homem.

Sr. Old: – É uma contradicção face aos indiferenciados Atma e Budhi.

Sr.^a Blavatsky: – Trata-se simplesmente de Atma estar além dos sete Planos enquanto Budhi é um dos Planos, creio que entendeis isto. Portanto, se o Atma está além do sétimo Plano ao cair sobre o Ego através dos sete Planos cairá de maneira muito débil. Entendem o que quero dizer? Depende do nosso Ego atraí-lo a si mesmo imediatamente ou então criar uma espécie de barreira entre ele e os outros Planos. Tudo depende do grau de assimilação. Não sei se entendem o que quero dizer.

Sr. B. Keightley: – Sim, disse-o muito bem.

Sr.^a Blavatsky: – Bem, é extremamente difícil explicar isto, porque aqueles que não entendem o que quero dizer por Planos não me perceberão. Há sete graus de Espírito-Matéria, e certamente depende da força ou grau de intensidade a sua assimilação. Se se for demasiado opaco, demasiado embotado, então certamente não se conseguirá.

Sr. B. Keightley: – Old, não sei se alguma vez estudou o problema, a definição de libertação. Aparece sempre esta explicação enigmática: a alma não está aprisionada nem libertada. É um problema muito intrincado que nunca foi explicado satisfatoriamente.

Sr.^a Blavatsky: – Acham que Purusha está neste Plano? Em qual dos princípios? A qual dos princípios pertence?

Sr. B. Keightley: – Fala-se de Purusha montado nas costas de Prakriti.

Sr.^a Blavatsky: – Prakriti é simplesmente um corpo e, portanto, sendo o corpo um animal totalmente cego tem ali Purusha para o guiar. Por sua parte, apesar Purusha ser emanado de Brahman não se manifesta sem o corpo, pelo que ambos se completam, conforme qualquer Escola a que se pertença.

Sr. B. Keightley: – Eu poderia mostrar passagens nas quais Purusha não é tomado nesse sentido mas num sentido superior.

Sr.^a Blavatsky: – Purusha corresponde ao Ego. Se o tomarem no sentido universal, então corresponde à Alma Universal, à *Anima Mundi*.

Sr. Kingsland: – Creio que se deve ver por esta luz: por analogia, será como que se descreve na escala descendente da Matéria –

primeiro, o Espírito manifestado, depois o Primeiro Logos e a seguir o Segundo. É igual?

Sr. Old: – Nesse caso, qual é o Primeiro Logos?

Sr. Kingsland: – É Budhi, e o Segundo é Manas.

Sr. Old: – Há pouco arrisquei-me a dizer que Budhi era o Logos, e disseram-me que não estava correcto.

Sr. B. Keightley: – Você falou de um Logos individual.

Sr. Old: – De um Raio individual, porque Atma deve irradiar para funcionar.

Sr.^a Blavatsky: – Atma deve irradiar! Não pode irradiar coisa alguma. Se dispuserem Atma no Terceiro Logos, então sim, mas não o Atma no sentido universal de Parabrahman.

Sr. Old: – Não estamos estudando aqui a Parabrahman. Mas se entrarmos em Parabrahman ou na consideração de Parabrahman, então chegamos aqui à questão da intuição que mencionei.

Sr.^a Blavatsky: – Pensei que sabia bastante de filosofia mas afinal não sabe. Eu nunca disse que Atma ou Parabrahman possa irradiar. Se o tomarem no sentido do Terceiro Logos, então admito que irradia.

Sr. Kingsland: – Correspondentemente, Atma é Parabrahman.

Sr. Old: – Há uma fonte de confusão para uma mente ocidental, como aquela da justaposição das duas palavras *Jiva* e *Prana* que deixou toda a gente confusa. Refiro-me à confusão da linguagem.

Sr. B. Keightley: – A justaposição foi sentida e ninguém a aceitou.

Sr.^a Blavatsky: – Foi dada pelos brahmanes, e todos estiveram contra mim por ter permitido a Sinnett fazer isso. Mas Sinnett nunca pediu permissão e eu nem sabia disso até que se publicou o *Budhismo Esotérico*. Não é culpa minha.

Sr. Old: – Oh, não. Refiro-me somente a algumas partes de *A Doutrina Secreta* onde é difícil perceber se o *Jiva* deve ser tomado no sentido nomenal ou no fenoménico.

Sr.^a Blavatsky: – Quando se fala das coisas objectivas, aparece *Jiva* que é então *Prana*. Quando se fala da Vida Universal, então é

Jiva. Em algumas Escolas de Filosofia chamam-lhe Jiva, os vedantinos chamam-lhe assim, mas os sankhyas nunca lhe chamarão isso, pelo que diverge totalmente de uma para outra das seis Escolas. Ao que os vedantinos chamam Jiva, os outros chamam Prana, e vice-versa.

Sr. Old: – Pode-se conceber as ideias abstractas à parte da fórmula. A fórmula é a matéria da experiência, pertence a Manas.

Sr. B. Keightley: – Não aceita que é Manas quem concebe as ideias abstractas? Como podem existir em contrário?

Sr. Kingsland: – Não se podem conceber ideias abstractas sem a experiência. Este é o meu ponto.

Sr. Old: – Quem foi Hermes?

Sr.^a Blavatsky: – Se misturam os deuses gregos com a filosofia, estamos perdidos.

Sr. Old: – Eu resistirei.

Sr. Kingsland: – Mas não os nossos cérebros.

Sr.^a Blavatsky: – Deixemos em paz todas essas analogias.

Sr. Old: – Mas essa é a nossa única chave.

Sr. B. Keightley: – O seu argumento está aberto a esta resposta: se as ideias abstractas só podem ser recebidas devido à experiência, como pôde começar a Cadeia?

Sr. Kingsland: – Pela primeira Emissão. Quando se emana primeiro do Absoluto, é quando começa o ciclo de experiências.

Sr.^a Blavatsky: – Há uma potencialidade de tudo: Passado, Presente e Futuro.

Sr. Old: – Isso parece melhor. Mas essa não é experiência.

Sr.^a Blavatsky: – Se tomarem este Manvantara como o único, então suponho que terão razão.

Sr. Old: – Isso faz com que duas paredes quadradas se encontrem, que o Passado, presente e Futuro estejam compreendidos no Agora. É um caso de experiência o dos futuros Manvantaras.

Sr.^a Blavatsky: – E como dispõem o Manvantara anterior? Se o abordarem primeiro, compreenderão a sua razão.

Sr. Old: – Não se tem consciência individual em Prabrahman, quando se entra no Maha-Pralaya. Refiro-me ao Nirvana.

Sr.^a Blavatsky: – Não sabe o que é o Nirvana. É a Consciência Absoluta.

Sr. Old: – Não existe consciência individual. Como podemos saber algo sobre o Nirvana?

Sr. Kingsland: – Acreditam ou não que o futuro Manvantara terá um desenvolvimento superior ao actual?

Sr. Old: – Sim! Eu acredito porque a minha experiência me diz, pelo pouco que tenho visto, que a lei da Natureza é da progressão.

Sr. Kingsland: – Não é o mesmo que dizer que é a da experiência?

Sr. Old: – Tem a analogia.

Sr. Kingsland: – Agora estou estabelecendo a analogia. Digo que não só se pode trazer de vidas passadas como dos Manvantaras passados.

Sr. B. Keightley: – Se alguma vez lerem Froude²⁰⁵, verão que ele fala sobre a faculdade de apreensão das ideias abstractas. H.P.B., se puder, do ponto de vista do exoterismo, responda se é função de Budhi ou de Manas a apreensão das ideias abstractas mais elevadas?

Sr.^a Blavatsky: – Budhi não pode ter a apreensão de nada.

Sr. B. Keightley: – Essa é a resposta a si, Old.

Sr. Old: – Sim, com certeza.

Sr.^a Blavatsky: – Concordemos ou discutamos sobre o Universo, é melhor deixarmos as duas primeiras coisas, Parabrahman e o chamado Primeiro Logos. E quando falarmos dos homens lembremo-nos haver uma analogia perfeita: o que chamamos Parabrahman está no Primeiro Logos do Homem, Atma e Budhi. Depois, começando pelo Segundo ou Terceiro Logos, devemos começar por Manas, por ser aí onde começa o ponto de diferenciação. Em contrário, estamos perdidos. Só se criará confusão.

²⁰⁵ Talvez seja James Anthony Froude (1818-1894), escritor inglês cuja biografia multivolumes feita por Thomas Carlyle acabara de ser terminada.

Sr. Old: – Deve-se ter sempre textos paralelos. Sabendo certos ensinamentos de um livro, tentar mantê-los em paralelo com outros.

Sr.^a Blavatsky: – E depois virá reprovar-nos porque sabe demasiado.

Sr. Old: – Refiro-me aos ensinamentos esotéricos.

Sr.^a Blavatsky: – Claro. Portanto, cada vez que se fizer uma pergunta sobre isso eu respondo: vá para a cama e falemos de outra coisa. Falemos de temas exotéricos, que podemos discutir tanto quanto quiserem. Mas dos outros, bem, como é muito difícil falar disso é melhor manter o silêncio.

APÊNDICE I

[Na transcrição preservada da reunião de 10 de Janeiro de 1889, falta a página 15. Uma versão editada do que poderia conter encontra-se nas páginas 5-6 da edição impressa de 1890 de *The Transactions of the Blavatsky Lodge*, na continuação]

P. – Quais são, então, as sete capas do Espaço, porque no *Proémio* lemos acerca do “Pai-Mãe de sete cabeças”?

R. – Platão e Hermes Trismegisto consideraram isso como o *Pensamento Divino*, e Aristóteles considerou esse “Pai-Mãe” como a “provação” da Matéria. É o que se transformará nos sete Planos do Ser, começando pelo Espiritual, passando o Psíquico até ao Plano Material. Os sete planos do pensamento ou os sete estados de consciência correspondem a esses Planos. Todos esses septenários estão simbolizados pelas sete “peles”.

P. – As ideias divinas na Mente Divina? Mas a Mente Divina ainda não existia.

R. – A Mente Divina é e deve ser antes de ter lugar a Diferenciação. É chamada Ideação Divina, que é eterna na sua Potencialidade e periódica na sua Potência, quando se transforma em *Mahat*, *Anima Mundi* ou Alma Universal. Porém, lembre-se que, qualquer que seja o seu nome, cada uma destas concepções tem os seus aspectos mais metafísicos, mais materiais e também intermédios.

P. – Qual é o significado do termo “túnicas invisíveis”?

R. – Supõe-se que seja, como toda a alegoria nas filosofias orientais, uma expressão figurativa. Talvez seja o *Protylo* hipotético que o professor Crookes está procurando, mas que certamente nunca poderá encontrar nesta nossa Terra ou Plano. É a Substância não diferenciada ou a Matéria espiritual.

APÊNDICE II

DOUTRINA SECRETA

Um documento lido na Loja Blavatsky da S.T. por William Kingsland, presidente.

No decurso do nosso estudo sistemático de *A Doutrina Secreta*, que prosseguimos durante quase seis meses, conseguimos concluir as estrofes do primeiro volume. Seria bom fazer uma pausa para nos interrogarmos sobre que lucro líquido obtivemos. Em que aspectos se modificaram ou diferenciaram as nossas ideias, se o que aprendemos é novo e quanto reconhecemos do valor do livro? Não tem sido fácil formar uma ideia clara e concisa do *modus operandi* da Cosmogénese como se estabelece nas estrofes e nos comentários que as acompanham. Não fazem mais do que levantar a ponta do véu. Omite-se uma grande quantidade de slokas intermédias e ocultam-se certas chaves ocultas, não se permitindo ainda tornarem-se públicas. Aqueles que são membros da Secção Esotérica da S.T. têm uma oportunidade melhor de entender o assunto que o leitor comum, mas como as pessoas que assistiram às nossas reuniões nas tardes de quintas-feiras não são esoteristas, foi impossível tratar o assunto fora do aspecto exotérico.

Sei que alguns se afligiram com as diversas Hierarquias Celestes de Dhyan-Choans mostrando-se totalmente incapazes de as conectar às forças físicas com que estão familiarizados, ou de ver qualquer conexão entre elas e o Universo físico. Talvez se desfizessem as suas ideias sobre os Seres celestiais, se desligassem de todas as ideias preconcebidas sobre os Anjos e Arcanjos derivadas dos contos de fadas bíblicos inculcados nas suas mentes juvenis – certamente não é um assunto fácil – e dessem liberdade à sua intuição, pudessem superar o que actualmente lhes parece um formidável obstáculo.

Os mistérios de Parabrahman foram abordados mais de uma vez, e assinalou-se que esse termo não se usa para designar nem a

um *Deus* e nem a uma *máquina*, mas sim a uma abstracção puramente metafísica, ainda que seja a única realidade, o *Absoluto*. Sem dúvida que para alguns *Parabrahman* parece ter sido uma noz muito difícil de partir, como também o Primeiro e o Segundo Logos, *Brahma* e *Brahman*, *Fohat* e uma Hoste de outras Forças *personificadas*. Difícilmente podemos surpreender-nos se o leitor casual e superficial se perder no vasto panteão de *A Doutrina Secreta*, e logo regressar por segurança intelectual comparativa à doutrina ortodoxa da Trindade.

Deixando de lado agora todas as ideias concretas que fazem referência à forma como se moldaram os ensinamentos, imagino que aqueles que seguiram de perto o curso das instruções não podem ter deixado de captar alguns princípios gerais de suma importância. Não pode ter-lhes falhado a obtenção de uma visão ampla e completa da Lei da *Evolução*, da Unidade essencial e da unidade da Natureza – incluindo neste termo tanto o Universo visível como o invisível – e da lei da correspondência e analogia, o que nunca conseguiriam pelo estudo de metade dos livros científicos do mundo.

A Ciência orgulha-se das suas generalizações, como a da lei da conservação da energia e a da doutrina da evolução, e certamente estas duas doutrinas têm sido responsáveis, mais do que qualquer outra coisa que a Ciência tenha feito, pela destruição das concepções estreitas e supersticiosas do governo do Universo pelo mandato pessoal de um Jehovah bíblico.

Porém, bem podemos duvidar se alguma vez a Ciência mediante o método indutivo nos pôde ensinar algo respeitante aos problemas mais profundos da nossa consciência, se alguma vez conseguiu chegar às generalizações e princípios como os que se encontram em *A Doutrina Secreta*. A Ciência recusa-se a lidar com a Metafísica, ou mesmo com a Física, como os fenómenos psíquicos, e certamente não podemos permitir-nos, como indivíduos, esperar até que a Ciência considere oportuno oferecer uma solução para certos problemas com que estamos mais familiarizados. Reconheçamos o valor da ciência indutiva na sua própria esfera, mas utilizemos o método dedutivo e vejamos se não podemos chegar aos princípios gerais sem ter de gastar as nossas vidas em acumular factos inumeráveis, ou em etiquetar com nomes eruditos as subdivisões mais diminutas de cada insecto ou planta que possamos encontrar nas partes mais remotas do Globo.

Se não são respondidas as nossas perguntas sobre o Universo fenoménico e as causas que se operam para produzir os efeitos que vimos em nosso redor, rapidamente chegamos ao ponto onde a Física não nos pode ajudar e onde devemos recorrer à Metafísica e às ideias abstractas. Não podemos então empregar o método indutivo, já que esgotámos o nosso conhecimento dos factos. Ficamos perante o grande oceano do desconhecido, dessa estranha ilusão que chamamos Tempo e Espaço. Aqui, qual é o nosso guia, como nos pode ajudar *A Doutrina Secreta*?

Pela analogia. Mostrando-nos o Passado, o Presente e o Futuro contidos na abstracção metafísica mais elevada possível, no *Absoluto* ou *Parabrahman*, e logo avançando para baixo através das diversas manifestações no tempo e no espaço dessa única realidade absoluta, sempre por analogia e em linhas que nunca variam em princípio, até alcançarmos essas manifestações finitas que constituem o nosso Universo físico presente e a nossa consciência humana.

A analogia é a grande lei de *A Doutrina Secreta*, tanto em cima como em baixo por o Microcosmo ser um reflexo do Macrocosmo. Estes axiomas ocultos encontram-se em outras partes, porém, em nenhum outro livro estão tão exemplificados, nem elaborados com tanto detalhe, nem feitos para abordar uma área tão vasta como em *A Doutrina Secreta*. Verdadeiramente, ela é uma chave que vale a pena possuir, uma chave universal com que podemos descobrir um por um cada mistério do nosso ser. Primeiro que tudo, devemos aprender a compreender firmemente este princípio da analogia, e se fizermos isso imagino que prontamente descobriremos o seu valor em cada um dos departamentos das regiões que estamos tratando de penetrar.

E agora estamos face a face com a maior pergunta de todas. Até aqui temos estado tratando com a Cosmogénese, e só tocámos incidentalmente nos problemas mais profundos da Vida e da Consciência. A Estância VII começa com estas palavras: “É aqui o começo da Vida sem forma sensível”. “Vida sem forma”! Que podemos compreender da Vida sem forma? E, no entanto, enquanto lemos e relemos a estrofe, impressiona-nos com uma sublimidade de pensamento filosófico que seguramente não se encontra em nenhuma outra parte.

Apresenta-se à nossa mente como um raio da própria Vida Divina reflectindo-se na obscuridade da nossa materialidade, ou como o

raio que na negrura da noite de repente ilumina a terra e nos permite discernir os contornos em nosso redor, para logo voltar a deixar-nos numa obscuridade mais profunda.

O que é este profundo mistério da Vida, estas inumeráveis miríades de vidas, “os raios e as chispas de uma Lua reflectidos nas ondas de todos os rios da Terra”?

Conta-nos, ó Esfinge, das três e as nove letras! Conta-nos, para o insaciável desejo de saber que inculcaste nas nossas mentes não te persiga como a *Némesis* através de inumeráveis reencarnações.

O que é a Vida, a Mente, a Consciência, o Homem? Não está tudo isso aglomerado, recolhido, distribuído, permutado, aniquilado na estrofe que temos diante de nós, até que o nosso cérebro se converta num torvelinho de fogo e a nossa razão se funda nas águas profundas do Espaço? Estamos defronte ao mistério da Vida, olhemos as profundezas terríveis do nosso ser e essas alturas que devemos escalar para nos convertermos no que devemos ser: Deuses! Permaneçamos um instante na borda dessa Consciência Infinita onde não há grande nem pequeno, ser ou não ser, tempo ou espaço, luz ou obscuridade, som ou silêncio.

A estrofe lê-se como o grande tom do diapásão da Natureza, se dilata numa harmonia que parece ser a própria fonte do nosso ser. Quem senão um grande músico ou mago pode analisar esses tons ou ajustá-los à escala da nossa consciência ligada à Terra? Façamos uma pausa e escutemos, se acaso podemos sintonizar as nossas mentes com a Harmonia Divina e levar uma parte dela connosco para a nossa vida diária. Em verdade, a nossa tarefa tem sido uma luz até ao momento, e com a força que adquirimos devemos empurrá-la para diante indo dominar esses profundos segredos da Vida, pelo que só depende de nós mesmos o libertar-nos da Grande Ilusão.

Lúcifer, 4:23 (Julho de 1889): 416-20.

OS DIÁLOGOS DA LOJA BLAVATSKY DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

Aproximadamente no mês de Março de 1890, e novamente em Janeiro de 1891, a Sociedade Editora Teosófica, então situada no n.º 7 de Duke Street, Adelphi, Londres, publicou dois pequenos volumes separados sob o título *Transactions of the Blavatsky Lodge of the Theosophical Society*, Parte I e Parte II.

Também foram editados por William Quayle Judge, 132 Nassau Street, Nova York. Esses livros continham diálogos acerca de algumas Estâncias do Primeiro Volume de *A Doutrina Secreta* realizados nas reuniões da Loja *Blavatsky* em Londres, quando H.P.B. respondeu a algumas perguntas respeitantes aos ensinamentos da Filosofia Esotérica.

A Parte I trata das reuniões realizadas nos dias 10, 17, 24 e 31 de Janeiro de 1889, em Lansdowne Road, n.º 17, Londres, nas quais se discutiram as Estâncias I e II. A Parte II trata das reuniões realizadas na mesma morada nos dias 7, 14, 21 e 28 de Fevereiro, e 7 e 14 de Março de 1889. Nessas reuniões discutiram-se as Estâncias II, III e IV. Um Apêndice, que aparece sob o título *Sonhos*, oferece um “Resumo dos ensinamentos apresentados, sob este tema, nas várias reuniões que precederam os Diálogos”, ou seja, as de 20 e 27 de Dezembro de 1888. Esse material encontra-se no final do presente volume na sua ordem cronológica correcta.

Uma Nota de Introdução declara que “em todos os casos as respostas baseiam-se em informações taquigráficas, e são as respostas acerca da Filosofia Esotérica dadas pela própria H.P.B.”.

Uma revisão da Parte I dos *Diálogos* (revista *Lúcifer*, Londres, Vol. VI, Abril de 1890, págs. 173-74) expressa, dentre outras coisas, que “resta ainda material suficiente para mais cinco volumes sobre o mesmo tema”.

Essa declaração poderá se referir ao material contido na Parte II, que no momento em que a “revisão” foi escrita ainda não havia sido publicado.

Mas o mais difícil de entender é o facto de na Nota Preliminar de “ambos os volumes” ou partes dos *Diálogos* dizer-se estarem compilados “com base nas notas taquigráficas tomadas nas reuniões da Loja Blavatsky da Sociedade Teosófica, desde 10 de Janeiro a 20 de Junho de 1889...” (a data em itálico é dos compiladores em inglês).

Parece, portanto, que houve reuniões semelhantes realizadas depois de 14 de Março de 1889, que é a data da última discussão impressa. Até meados do Verão de 1889, H.P.B. esteve em Londres; em Julho de 1889 fez uma viagem a França, escrevendo a maior parte de *A Voz do Silêncio* em Fontainbleau.

Depois foi a St. Heliers, Jersey, e não voltou a Londres até metade de Agosto. Será então de todo provável que as reuniões da Loja Blavatsky continuaram até ao momento da sua saída para França, e que tais reuniões foram semelhantes às incorporadas nos *Diálogos* já impressos.

No mês de Novembro de 1899, portanto em data prévia à publicação da Parte I dos *Diálogos*, George R. S. Mead, como Secretário da Loja Blavatsky, publicou (*Lúcifer*, Vol. V, pág. 178) uma “Notícia para aqueles que estão interessados nos Diálogos da Loja Blavatsky”, dizendo o seguinte:

“As discussões sobre o Primeiro Volume de *A Doutrina Secreta*, foram registadas por um taquígrafo de natureza tão difícil que muita da substância, tal como se apresenta, é completamente inútil. Foi necessário o trabalho de revisão e pô-las em outras palavras, tarefa de que se incumbiu um dos mais activos da família de Lansdowne Road 17, a qual já está numa fase adiantada mas que, antes de se imprimir, deve ter nova revisão que a deixe preparada, mas ninguém podendo fazer isso senão H.P.B., e que devido às suas inúmeras tarefas o trabalho só pode, portanto, progredir muito lentamente. Espera-se que a ânsia dos nossos amigos se atenuie com esta explicação.”

Parece evidente que grande parte dos manuscritos de que fala Mead era formado por material de anotações tomadas durante as discussões nas reuniões de Janeiro, Fevereiro e começo de Março de 1889, mais tarde publicado como *Diálogos*, Partes I e II. Mas como essa Notícia apareceu algum tempo *depois* das reuniões de final de Março, Abril, Maio e Junho de 1889, o mais provável era ter diante de

si material pertencente a essas últimas reuniões, especialmente se tivermos presente o que é dito nas *Notas Preliminares* dos dois volumes.

Isso é suportado de maneira substancial pelo facto de em *Lúcifer* de 15 de Outubro de 1890, Vol. VII, pág. 165, depois da aparição da Parte I e antes da publicação da parte II dos *Diálogos*, se declarar que as informações dos *Diálogos* consistem em vinte e quatro grandes fólhos em escrita corrente, dos quais já foram publicados quatro. Se quatro desses fólhos vieram a constituir a Parte I dos *Diálogos* (publicados em Março de 1890), com ou sem o ensaio sobre os *Sonhos*, e se a Parte II (publicada em Janeiro de 1891) era mais curta que a Parte I, torna-se óbvio, por suposto, que uma porção considerável dos vinte e quatro fólhos nunca foi impressa.

Como prova adicional desse facto, devemos ter em mente a declaração directa da Sr.^a Alice Leighton Cleather que, escrevendo a sua carta periódica de Londres, em Fevereiro de 1891, diz: “A segunda parte dos ‘Diálogos da Loja Blavatsky’ está agora publicada, e brevemente irá seguir-se a terceira” (*The Theosophist*, Vol. XII, pág. 438, Abril de 1891).

Quase dois anos depois da morte de H.P.B., os editores de *Lúcifer* publicaram nas suas páginas algum material saído da pena de H.P.B., sob o título de *Notas sobre o Evangelho de acordo com São João* (Vol. XI, N.º 66, págs. 449-56, Fevereiro de 1893, e Vol. XII, N.º 67, págs. 20-30, Março de 1893). Numa breve *Nota de Introdução* a essa série em duas entregas, George R. S. Mead expressa que “as notas seguintes formaram a base de discussão nas reuniões da Loja Blavatsky em Outubro de 1889...”. Como essas *Notas sobre o Evangelho de acordo com São João* citam numa parte a própria tradução do texto gnóstico *Pistis-Sophia*, por G.R.S. Mead, ou seja, a partir da primeira entrega em diante publicada em *Lúcifer*, Vol. VI, Abril de 1890, agora essa revista refere numa nota de rodapé que essas Notas foram revisadas e publicadas *depois* de Abril de 1890, ou, com ainda mais possibilidade, depois da morte de H.P.B. em Maio de 1891.

Da data mencionada por G. R. S. Mead, ou seja, Outubro de 1889, parece que essas Notas formaram a base de discussão na Loja Blavatsky depois do retorno de H.P.B. da sua viagem a França.

Quando o manuscrito desse material é considerado como fazendo parte dos “grandes fólhos escritos correntemente à mão”, de que se falou anteriormente, tal não é muito provável considerando as várias datas que referimos, devendo ainda considerar-se o facto de que, por uma ou outra razão, falta algo do material dos *Diálogos* que, com a maior segurança, nunca foi publicado.

Quanto à autenticidade de todo este conjunto, citamos de seguida um importante fragmento de uma carta escrita por William Kingsland, um dos companheiros mas próximos de H.P.B. em Londres, ao Dr. Henry T. Edge, um dos seus discípulos pessoais, mais tarde em Point Loma, Califórnia. A carta foi emitida de Claremont, The Strand Ryde, I. W., em 7 de Outubro de 1931, dizendo o fragmento o seguinte:

“... dentre as minhas melhores memórias, recordo que H.P.B. estava presente em cada uma dessas reuniões. Os Diálogos então havidos foram em parte compilados a partir das notas tomadas das respostas, e cada um delas foi revisada por H.P.B. antes de se publicar. Não são palavra por palavra como ela as proferiu naquele tempo. De qualquer modo, são as suas respostas autênticas...”

O Compilador

I

[Reunião realizada no local de Lansdowne Road, N.º 17, Londres, W., em 10 de Janeiro de 1889, às 8:20 h, com a presidência do Sr. Harbottle]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

ESTÂNCIA I

Sloka (1): “O ETERNO PAI (O ESPAÇO), ENVOLTO EM SUAS SEMPRE INVISÍVEIS VESTIDURAS, HAVIA ADORMECIDO UMA VEZ MAIS DURANTE SETE ETERNIDADES.”

P. 1 – O Espaço, no abstracto, explica-se no *Proémio* da seguinte maneira:

“... a Unidade Absoluta não pode passar à infinidade, porque a infinidade presume a ilimitada extensão de algo e a duração desse “algo”. O Uno Todo é como o Espaço – que é somente a sua representação mental e física na nossa Terra, ou no nosso Plano de existência – e não é sujeito nem objecto de percepção. Se pudesse supor-se que o Todo Eterno Infinito, a Unidade Omnipresente, em vez de ser a Eternidade se transformaria através de manifestações periódicas num Universo múltiplo ou numa personalidade múltipla, essa Unidade deixaria de ser una. A ideia de Locke, de que “o Espaço puro não tem resistência ou Movimento”, está incorrecta. O Espaço não é um “vazio sem limites” nem “uma plenitude condicionada”, mas sim ambas as coisas; sendo, no Plano da abstracção absoluta, a Deidade sempre Incognoscível, que é um vazio somente para as mentes finitas no Plano da percepção mayávia, é o *Plenum*, o Contenedor Absoluto de tudo o que é, esteja manifestado ou imanifestado, e, portanto, é aquele TODO ABSOLUTO. Não existe diferença alguma entre “em Ele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser” do Apóstolo cristão, e as palavras do Rishi indiano: “O Universo vive em, procede de e voltará a Brah-

man”, porque Brahman (Neutro), o Imanifestado, é aquele Universo *in abs-condito*, e Brahma, o Manifestado, é o Logos feito Macho-Fêmea nos dogmas simbólicos ortodoxos, sendo o Deus do Apóstolo Iniciado e do Rishi o ESPAÇO invisível e visível. No simbolismo esotérico, chama-se ao Espaço “o Eterno Pai-Mãe de Sete Peles”. Acha-se constituído, desde a superfície indiferenciada até à diferenciada, por sete capas...”

“O que é que foi, é e será, haja Universo ou não, existam Deuses ou não?”, pergunta o Catecismo Esotérico Senzar. E a resposta é: “O ESPAÇO.”²⁰⁶

Mas por que se fala do Eterno Pai, o Espaço, como feminino?

R. 1 – Não em todos os casos, porque no extracto anterior o Espaço é chamado o “Eterno Pai-Mãe”; porém, quando é chamado assim é por ser impossível definir Parabrahman, e cada vez que falamos desse algo que se possa conceber antes de tudo deve ser tratado como um princípio feminino. Em todas as cosmogonias a primeira diferenciação é sempre considerada feminina. É Mulaprakriti a que oculta ou vela Parabrahman, a primeira Sephirah que emana a *Luz* de Ain-Soph, que em Hesíodo é Gaia surgindo do Caos precedendo a Eros (*Teogonia* IV, 201-246). Isto repete-se em todas as Criações menos abstractas e mais materiais subsequentes, como a declaração de que Eva foi criada de uma costela de Adão, etc. É a Deusa e as deusas quem aparecem primeiro. A Primeira Emissão converte-se na Mãe Imaculada da qual procedem todos os deuses, ou as antropomorfizadas forças criadoras. Temos de adoptar o género masculino ou feminino, porque não podemos utilizar o neutro ele. De ELE, estritamente falando, nada pode proceder, nem uma radiação e nem uma emissão.

P. 2 – Esta Primeira Emissão é idêntica à Neith egípcia?

R. 2 – Na realidade está muito além de Neith, mas num sentido ou aspecto inferior é Neith.

P. 3 – Então, esse mesmo ELE não é o “Eterno Pai-Mãe de Sete Peles”?

R. 3 – Seguramente que não. ELE é o Parabrahman da Filosofia

²⁰⁶ *A Doutrina Secreta*, vol. I, págs.74-75.

Hindu, Aquele que está além de Brahma, ou, como é chamado agora na Europa, o “Incognoscível”. O Espaço de que falamos é o Aspecto Feminino de Brahma, o Masculino.

Quando acontece o primeiro movimento de diferenciação o Subjectivo emana ou cai, como uma sombra, no Objectivo, e converte-se na Deusa Mãe de quem procede o Logos, o Deus Filho e o Deus Pai ao mesmo tempo, os dois imanifestados, um a Potencialidade e outro a Potência. Mas o Primeiro não se deve confundir com o Logos manifestado, também chamado o “Filho” em todas as cosmogonias.

P. 4 – A primeira diferenciação desde o Absoluto ELE é sempre feminina?

R. 4 – Somente como figura de dicção, pois na estrita filosofia não tem sexo. Contudo, o Aspecto Feminino é o primeiro a ser assumido nas concepções humanas, cuja conseguinte materialização em qualquer filosofia depende do grau de espiritualidade da raça ou nação que concebeu o sistema. Por exemplo, na Kaballah dos talmudistas a ELE chamam AIN-SOPH, o Ilimitado, o Infinito, o que não tem princípio nem fim (sendo o atributo sempre negativo), referindo-se a este Princípio *Absoluto* como o *E!* Desse negativo Ilimitado Círculo de Luz Infinita emana a primeira Sephirah, a Coroa, que os talmudistas chamam “Torah”, a Lei, explicando que é a esposa de Ain-Soph. Isto é antropomorfizar o Espiritual ao grau máximo.

P. 5 – Ocorre o mesmo na Filosofia Hindu?

R. 5 – Exactamente o oposto. Porque se vamos às cosmogonias hindus vimos nelas que Parabrahman nem sequer é mencionado, somente Mulaprakriti. Esta última é, por assim dizer, a Vestidura ou Aspecto de Parabrahman no Universo invisível. *Mulaprakriti* significa *Raiz da Natureza* ou *Matéria Raiz*. Mas não se pode chamar “Raiz” a Parabrahman, porque é a absoluta *Raiz sem Raiz* de tudo. Portanto, devemos começar por Mulaprakriti, ou o Véu deste Incognoscível. Vemos aqui mais uma vez que o primeiro é a Deusa-Mãe, o reflexo da Raiz subjectiva no primeiro Plano da Substância. Logo se segue emanando, ou melhor, residindo nesta Deusa-Mãe, o Logos Imanifestado, Ele que é o Filho e Esposo ao mesmo tempo, chamado o “Pai Oculto”. Deste procede o Primeiro Logos Manifestado, o Espírito, o Filho de cuja substância emanam os sete Logos, cuja síntese, considerada como

uma só Força colectiva, converte-se no Arquitecto do Mundo visível. Eles são os Elohim dos judeus.

P. 6 – A que aspecto do Espaço ou a Deidade desconhecida, chamada nos Vedas “AQUILO”, que se menciona mais adiante, se chama aqui o “Eterno Pai”?

R. 6 – É a vedântica Mulaprakriti, a Svabhavat dos budistas, ou aquele Algo Andrógino de que temos estado falando e que é diferenciado e indiferenciado. Em seu primeiro princípio é uma pura abstracção, e só se diferencia quando se transforma, com o decorrer do tempo, em Prakriti. Se o comparar com os princípios humanos, corresponde a Budhi, enquanto Atma corresponde a Parabrahman, Manas a Mahat e assim sucessivamente.

P. 7 – Então, o que são as sete capas do Espaço, já que no Proémio lemos acerca do “Pai-Mãe de Sete Peles”?

R. 7 – Platão e Hermes Trismegisto consideraram-no como o *Pensamento Divino*, e Aristóteles considerou este “Pai-Mãe” como a “privação” (carência) de matéria. É aquilo que se converterá nos sete Planos de Existência, começando no Espiritual e passando através do Psíquico até ao Plano Material. Os sete planos pensamento ou os sete estados de consciência correspondem a estes Planos. Todos estes septenários são simbolizados pelas “Sete Peles”.

P. 8 – As ideias divinas na Mente Divina? “Mas a Mente Divina ainda não havia aparecido...”

R. 8 – A Mente Divina é e deve ser antes de ocorrer a Diferenciação. É chamada a Ideação Divina, que é eterna em sua Potencialidade e periódica em sua Potência, quando se converte em *Mahat*, *Anima Mundi* ou a Alma Universal. Mas lembrem-se que qualquer que seja o modo com que a designem, cada ideia que se forme tem os seus aspectos mais metafísicos, tem os mais materiais e ainda outros aspectos intermédios.

P. 9 – Qual é o significado da frase “sempre invisíveis Vestiduras”?

R. 9 – Supostamente é uma expressão figurada, como acontece em toda a alegoria nas filosofias orientais. Talvez seja o hipotético Protótipo que o Professor Crookes anda procurando, e que certamente nunca poderá encontrar na nossa Terra ou Plano. É a Substância Indife-

renciada ou Matéria Espiritual.

P. 10 – É o que se chama “Laya”?

R. 10 – As “Vestiduras” e tudo estão na condição *Laya*, o ponto desde o qual ou no qual a Substância Primordial começa a diferenciar-se dando assim vida ao Universo, já que tudo está contido nele.

P. 11 – As “invisíveis Vestiduras” são chamadas assim porque não são objectivas para nenhuma diferenciação da consciência?

R. 11 – Diga melhor: invisíveis para a consciência finita, se tal consciência fosse possível em tal etapa da Evolução. Inclusive para o Logos, Mulaprakriti é um Véu, as Vestiduras nas quais está envolto o Absoluto. Os vedantinos dizem que nem sequer o Logos pode aperceber o Absoluto.²⁰⁷

P. 12 – Mulaprakriti é o termo correcto que se deve utilizar?

R. 12 – A Mulaprakriti dos vedantinos é o Aditi dos *Vedas*. A Filosofia Vedanta significa literalmente “o fim ou síntese de todo o conhecimento”. Pois bem, existem seis Escolas de Filosofia Hindu as quais, se estritamente analisadas, observa-se coincidirem perfeitamente em substância. Essencialmente são idênticas, porém há tal abundância, tal quantidade de conclusões secundárias, detalhes e ornamentações, sendo algumas emanações os seus próprios pais e os pais nascidos das suas próprias filhas, que qualquer um se sente perdido como numa selva. Diga o que quiser a um hindu, do ponto de vista esotérico, se ele desejar pode contradizê-lo ou refutá-lo pelo ponto de vista do seu próprio sistema particular. Cada uma dessas seis Escolas tem os seus próprios termos e pontos de vista. De modo que a menos durante toda a discussão se adopte ou use a terminologia de uma Escola, existe um grande perigo de malentendidos.

P. 13 – Então, o mesmo termo é usado em muitos sentidos diferentes pelas diferentes filosofias? Por exemplo, Budhi tem um sentido na Filosofia Esotérica e um sentido muito diferente na Filosofia Sankhya. Não é assim?

R. 13 – Precisamente, e outro sentido diferente no *Vishnu-Purana* que fala das sete Prakritis emanadas de Mahat, chamando a esta última Maha-Budhi. Contudo, basicamente as ideias são as mesmas

²⁰⁷ Ver as quatro conferências do Sr. Subba Row, *Notas sobre o Bhagavad-Gita*.

apesar dos termos diferirem em cada Escola, e é nesse labirinto de personificações que se perde o sentido correcto. Seria talvez melhor, se fosse possível, inventar uma nova nomenclatura para nós. No entanto, devido à pobreza dos idiomas europeus, particularmente do inglês, em vocábulos filosóficos, a empresa seria algo dificultosa.

P. 14 – Não se poderia empregar o termo *Protilo* para representar a condição Laya?

R. 14 – Dificilmente, o *Protilo* do Professor Crookes provavelmente é usado para indicar a matéria homogénea no Plano mais material de todos, enquanto que a *Substância* simbolizada pelas “Vestiduras” do “Eterno Pai” encontra-se no sétimo Plano da Matéria contando desde abaixo, ou melhor, desde fora para dentro (desde o mais denso ao mais subtil). Ela não pode ser descoberta no Plano inferior, ou antes, no mais externo ou material.

P. 15 – Existe, pois, em cada um dos sete Planos uma matéria relativamente homogénea para cada um deles?

R. 15 – Assim é, mas tal matéria é homogénea só para aqueles que se encontram nos mesmos planos de percepção, de maneira que se alguma vez a Ciência moderna descobrir o *Protilo* ele será homogéneo somente para nós. A ilusão pode durar algum tempo, talvez até à sexta Raça, sem perder de vista que a Humanidade está sempre e constantemente mudando física e mentalmente, esperamos que também espiritualmente, aperfeiçoando-se cada vez mais em cada Raça e sub-raça.

P. 16 – Não será um grande erro usar termos que têm sido utilizados pelos cientistas com outro significado? *Protoplasma* teve uma vez quase o mesmo significado que *Protilo*, apesar de agora o seu significado ter sido restringido.

R. 16 – Decididamente assim deveria ser. Certamente que o *Hyle* (ὕλη) dos gregos não era aplicado à matéria deste Plano, pois adoptaram-no da cosmogonia caldaica onde era utilizado com um sentido altamente metafísico.

P. 17 – Mas agora os materialistas usam a palavra *Hyle* para expressar uma ideia muito próxima daquela para a qual aplicamos o termo *Mulaprakriti*.

R. 17 – Talvez seja, porém, o Dr. Lewins e a sua meia dezena de

de intrépidos hilo-idealistas dificilmente apoiarão essa opinião, porque no seu sistema o sentido metafísico não tem cabimento.

P. 18 – Então, depois de tudo, *Laya* será talvez o melhor termo a usar?

R. 18 – Não tanto, porque *Laya* não significa algo em particular de um ou outro Plano, antes denota um estado ou condição. É um termo sânscrito que transmite a ideia de algo num estado indiferenciado e sem mudanças, um ponto zero onde cessa toda a diferenciação.

P. 19 – A primeira diferenciação representaria a matéria no seu sétimo Plano. Não devemos supor, portanto, que o Protílo do Professor Crookes é também matéria deste seu sétimo Plano?

R. 19 – O Protílo ideal do Professor Crookes é matéria que se encontra nesse estado que ele chama “ponto zero”.

P. 20 – Significa o ponto *Laya* deste Plano?

R. 20 – Não está de todo claro se o Professor Crookes se ocupa de outros Planos ou se admite a existência dos mesmos. A finalidade das suas investigações é o átomo protílico que, como nunca ninguém o viu, vem a ser uma nova hipótese de trabalho para a Ciência. Mas, o que é na realidade um átomo?

P. 21 – Será uma definição conveniente do que é ou se pensa que seja uma molécula, ou melhor, um termo apropriado para dividir?

R. 21 – Mas seguramente devem ter chegado à conclusão, de momento, que *átomo* não é um termo mais adequado que os setenta diferentes elementos. Era costume rirem-se dos quatro ou cinco elementos dos antigos, mas agora o Professor Crookes chegou à conclusão que, estritamente falando, não existe absolutamente uma coisa tal como um elemento químico. De facto, longe de descobrir o átomo, não se chegou ainda a uma simples molécula.

P. 22 – Deveria lembrar-se que Dalton foi o primeiro a falar deste tema a que chamou “Teoria Atómica”.

R. 22 – Assim é, mas como demonstrou Sir William Hamilton o termo é usado num sentido errado nas escolas científicas modernas, as quais ao mesmo tempo que se riem dos metafísicos aplicam um vocábulo puramente metafísico à Física, de modo que na actualidade a palavra *teoria* começou a usurpar as prerrogativas do *axioma*.

P. 23 – O que são as “Sete Eternidades” e como podem existir tais divisões no Pralaya, se não há nada consciente do tempo?

R. 23 – De nenhuma maneira o astrónomo moderno conhece melhor que o seu antigo irmão os “mandatos dos Céus”. Se lhe perguntar se “Mazzaroth²⁰⁸ manifestou-se por si na sua estação” ou se “saiu daquele que criou o firmamento”, responderá tristemente, como o fez Jó, com a negativa de quem desconhece. No entanto, de nenhuma maneira isso impede-o de especular acerca da idade do Sol, da Lua e da Terra, e “calcular” os períodos geológicos desde o tempo em que sobre a Terra não vivia nenhum homem com ou sem consciência. Então, por que não se concede o mesmo privilégio aos antigos?

P. 24 – Mas por que se emprega o termo “Sete Eternidades”?

R. 24 – O termo “Sete Eternidades” aplica-se devido à invariável lei da analogia. Assim como o Manvantara está dividido em sete períodos, o mesmo acontece com o Pralaya, e tal como o dia se compõe de doze horas, sucede o mesmo com a noite. Podemos dizer que devido estarmos dormindo durante a noite e perdermos a consciência do tempo, as horas não passam? Pralaya é a “Noite” que se segue ao “Dia” Manvantárico. Não há nada desperto e a consciência dorme com tudo o resto, todavia, essa consciência existe e encontra-se em plena actividade como durante o Manvantara. Como somos inteiramente sensíveis ao facto da lei da analogia e periodicidade ser imutável, e assim devendo actuar por igual em ambos os extremos, por que não empregar esta frase?

P. 25 – Mas como se pode calcular uma eternidade?

R. 25 – Talvez a questão surja devido ao mal-entendido geral do termo *Eternidade*. Nós, os ocidentais, somos suficientemente tolos para especular acerca daquilo que não tem princípio nem fim, e supomos que os antigos devem ter feito o mesmo. Porém, não o fizeram: nenhum filósofo antigo usou a palavra *Eternidade* para indicar uma duração sem começo nem fim. Nem os *Eons* dos gregos nem as *Eras* transmitem esse significado.

²⁰⁸ *Mazzaroth* é termo hebraico bíblico que se encontra no *Livro de Jó*, significando literalmente “guirlanda de coroas”, sendo o seu âmbito o das astronómicas *constelações*, muitas vezes interpretado como um termo para o *Zodíaco* e ou as suas *constelações* (Jó 38: 31-32).

Com efeito, eles não tinham nenhuma palavra para expressar o sentido exacto. Somente *Parabrahman*, *Ain-Soph* e o *Zernana-Akerne* do [Zend] Avesta representam tal *Eternidade*, todos os demais períodos são finitos e astronómicos que se baseiam nos anos tropicais e noutros ciclos enormes. A palavra *Eon* na Bíblia traduz-se por *Eternidade*, mas significa não somente um período finito como também um anjo e um ser.

P. 26 – Mas não é correcto dizer que no Pralaya também está o “Grande Alento”?

R. 26 – Seguramente, porque o “Grande Alento” nunca deixa de ser e é, por assim dizer, o universal e eterno *perpetuum mobile*.

P. 27 – Se é assim, é impossível dividi-lo em períodos, porque isso deixa de lado (apaga) a ideia de um nada absoluto e total. Parece incompatível com o poder se falar de um “número” de períodos, embora se pudesse falar de muitas exalações e inalações do “Grande Alento”.

R. 27 – Poderia ficar de lado a ideia de Repouso absoluto se esta absolutividade do Repouso não fosse interrompida pela absolutividade do Movimento. Existe um magnífico poema sobre o Pralaya escrito por um Rishi muito antigo, que compara o movimento do Grande Alento durante o Pralaya com os movimentos rítmicos do Oceano Inconsciente.

P. 28 – A dificuldade reside em usar a palavra “Eternidade” em vez de “Eon”.

R. 28 – Por que se deve usar uma palavra grega quando existe uma expressão mais familiar, especialmente se acha completamente explicada em *A Doutrina Secreta*? Pode chamá-la Eternidade relativa, eternidade Manvantárica ou eternidade Pralayca, se preferir.

P. 29 – A relação entre Pralaya e Manvantara é estritamente análoga à relação entre o sono e a vigília?

R. 29 – Só num certo sentido. Durante o sono todos nós existimos como personalidades, e ao mesmo tempo somos individuais ao sonharmos, embora talvez inconscientes de viver assim. Mas durante o Pralaya todo o diferenciado, assim como cada unidade, desaparece do Universo fenoménico e dissolve-se em, ou melhor, passa a ser o Uno noménico. Por conseguinte, há de facto uma grande diferença.

P. 30 – O sono tem sido chamado “o lado obscuro da vida”. Pode-se dizer que o Pralaya é o lado obscuro da Vida Cósmica?

R. 30 – Num certo sentido pode se chamar assim. Pralaya é a dissolução do visível dentro do invisível, do heterogêneo no homogêneo, e, portanto, um tempo de repouso. Inclusive a Matéria Cósmica, apesar de ser indestrutível em sua essência, deve ter um tempo de repouso e volver ao seu estado Laya. A absolutividade da Essência Una Omniabarcante deve manifestar-se igualmente tanto em repouso como em actividade.

Sloka (2): “O TEMPO NÃO EXISTIA, POIS JAZIA ADORMECIDO NO SEIO INFINITO DA DURAÇÃO.”

P. 1 – Que diferença existe entre Tempo e Duração?

R. 1 – A Duração é, não tem princípio nem fim. Como pode você chamar Tempo àquilo que não tem princípio nem fim? A Duração é sem começo e sem fim, o Tempo é finito.

P. 2 – É, então, a Duração a infinita e o Tempo a finita concepção?

R. 2 – O Tempo pode-se dividir, a Duração, pelo menos na nossa filosofia, não. O Tempo é divisível em Duração ou, como vocês dizem, é algo *dentro* do Tempo e do Espaço, enquanto a outra está fora de ambos.

P. 3 – A única maneira de definir o Tempo é pelo movimento da Terra?

R. 3 – Mas também podemos definir o Tempo pelos nossos conceitos.

P. 4 – Ou, melhor dito, a Duração?

R. 4 – Não, o Tempo, porque com respeito à Duração é impossível dividi-la ou estabelecer demarcações nela. A Duração, para nós, é a Eternidade Una, não relativa mas absoluta.

P. 5 – Pode-se dizer que a existência é a ideia essencial da Duração?

R. 5 – Não, a existência tem períodos limitados e definidos, enquanto a Duração, não tendo princípio nem fim, é uma perfeita abstra-

ção que contém o Tempo. A Duração é como o Espaço, o qual também é uma abstracção e igualmente sem princípio nem fim. É só no seu aspecto concreto e limitado que se transforma numa representação de algo que por estar na distância entre dois pontos é chamado espaço, que pode ser enorme como infinitesimal, porém, será sempre um espaço. Mas todas essas especificações são divisões feitas pela concepção humana. Na realidade, o Espaço é o que os antigos chamavam o Uno Invisível ou a Desconhecida (agora Incognoscível) Deidade.

P. 6 – Então, o Tempo é o mesmo que Espaço e será um no abstracto?

R. 6 – Como duas abstracções podem ser uma, mas isso aplica-se à Duração e ao Espaço Abstracto em vez de ao Tempo e ao Espaço.

P. 7 – O Espaço é o lado objectivo e o Tempo é o lado subjectivo de toda a manifestação. Na realidade, são os únicos atributos do infinito, mas talvez *atributo* seja um termo impróprio para usar visto que eles são coextensivos com o infinito. Todavia, poderá objectar-se não serem mais do que criações do nosso próprio intelecto, serem simplesmente as formas pelas quais não podemos evitar de conceber as coisas.

R. 7 – Isso soa como um argumento dos nossos amigos hylo-idealistas, mas aqui falamos do Universo noménico e não do fenoménico. No Catecismo Oculto²⁰⁹ pergunta-se: “O que é aquilo que sempre É, que não pode imaginar-se como NÃO SENDO, ainda que quiséssemos?” A resposta é: “O ESPAÇO.” Porque não pode haver um só homem no Universo que possa pensá-lo, nem um só olho capaz de percebê-lo, nem um só cérebro capaz de senti-lo, no entanto, o Espaço é, foi e sempre será, e não podemos deixá-lo de lado.

P. 8 – Talvez porque não podemos evitar de pensar nele?

R. 8 – O nosso pensamento nele não tem nada a ver com o assunto. Tente, pelo contrário, pensar em algo que exclua o Espaço e prontamente descobrirá o impossível dessa concepção. O Espaço existe onde não há mais nada, e também deve continuar a existir seja

²⁰⁹ *A Doutrina Secreta*, volume I, *Proémio*, página 76.

o Universo um absoluto *vacum* (vazio) ou um completo *pleroma* (pleni-tude).

P. 9 – Os filósofos modernos reduziram-no a isto: o Tempo e o Espaço não são nada mais que atributos, nada mais que acidentes.

R. 9 – E estariam certos se a sua conclusão fosse fruto da verdadeira Ciência em vez de ser o resultado de Avidya e Maya, ou seja, da ignorância e da ilusão. Também encontramos o Senhor Budha dizendo que inclusive o Nirvana era, após tudo, unicamente Maya ou Ilusão, porém, o Senhor Budha baseava o que dizia no conhecimento, não na especulação.

P. 10 – Mas, o Espaço e a Duração eternos são os únicos atributos do Infinito?

R. 10 – Sendo eternos, o Espaço e a Duração não podem ser considerados atributos, porque são somente os aspectos daquele Infinito. Não pode esse Infinito, se você com isso pretende significar o Princípio Absoluto, ter nenhum atributo, já que só aquilo que em si mesmo é finito e condicionado pode ter alguma relação com algo. Tudo isso é filosoficamente errôneo.

P. 11 – Não podemos conceber nenhuma matéria que não esteja distendida, nem uma extensão que não seja a extensão de algo. Ocorre o mesmo nos Planos Superiores? Se é assim, o que é a Substância que ocupa o Espaço Absoluto, e ela é idêntica a esse Espaço?

R. 11 – Se o seu “intelecto treinado” não consegue conceber outra coisa que não seja matéria, talvez possa torná-lo menos treinado e mais aberto à percepção espiritual. Não se infere só por você dizer que tal conceito de Espaço seja o único possível, mesmo na nossa Terra. Porque também neste nosso Plano há outros e diferentes intellectos além dos humanos, em criaturas visíveis e invisíveis, desde as mentes dos seres subjectivos, elevados e inferiores, até aos animais objectivos e os organismos inferiores, em suma, “desde o deva ao elefante, desde o elemental à formiga”. Agora e de acordo com o seu próprio plano de concepção e percepção, a formiga tem um intelecto tão bom como o nosso, e ainda melhor, porque mesmo não podendo expressar-se com palavras, porém acima e além do instinto, a formiga demonstra grandes raciocínio, como todos nós sabemos. Assim, acham-se no nosso próprio Plano, se acreditarmos nos ensinamentos

do Ocultismo, tantos e tão variados estados de consciência e de inteligência que não temos o direito de levar em consideração só a nossa própria consciência humana, como se nenhuma outra coisa existisse fora dela. Se não podemos mostrar até onde chega a consciência de um insecto, como podemos limitar a consciência da qual a Ciência nada sabe, restringindo-nos somente a este Plano?

P. 12 – Por que não? Seguramente a Ciência Natural pode descobrir tudo o que deve descobrir-se, inclusive na formiga.

R. 12 – Essa é a sua opinião, mas para o ocultista essa confiança está mal depositada, apesar dos trabalhos de Sir John Lubbock. A Ciência pode especular, porém, com os seus métodos actuais nunca será capaz de provar a veracidade de tais especulações. Se um cientista puder transformar-se por um momento numa formiga, pensar como tal e trazer a memória da experiência ao voltar à sua própria esfera de consciência, somente então poderá indubitavelmente saber algo sobre esse interessante insecto. Actualmente, só pode especular fazendo deduções a partir do comportamento da formiga.

P. 13 – Então, o conceito que a formiga tem acerca do tempo e do espaço não é como o nosso. É isto que você quer dizer?

R. 13 – Precisamente. A formiga tem conceitos do tempo e do espaço que lhe são próprios, não são os nossos, são conceitos que estão inteiramente noutro Plano. Portanto, não temos o direito de recusar *a priori* a existência de outros Planos só por não podermos formar uma ideia deles, pois sem dúvida existem Planos superiores e inferiores ao nosso em vários graus, como testemunha a formiga.

P. 14 – Por esse ponto de vista, a diferença entre o Homem e o Animal parece ser que o primeiro nasce com mais ou menos todas as suas faculdades, e, genericamente falando, não tem nenhuma vantagem apreciável por isso, enquanto que o último está aprendendo e melhorando gradualmente. Não é realmente esta a questão?

R. 14 – Justamente, mas você deve recordar o por que. Não se trata do Homem ter um “princípio” a mais que o mais diminuto insecto, mas sim porque o Homem é um animal aperfeiçoado, o veículo de uma *Mónada* plenamente desenvolvida, autoconsciente e que segue a sua própria linha de progresso, enquanto que no insecto, como também no animal mais desenvolvido, a Tríade dos Princípios Superiores

está absolutamente adormecida.

P. 15 – Há alguma consciência ou ser consciente que conheça e faça a divisão do tempo quando ocorre o primeiro estremecimento da Manifestação? Nas *Notas sobre o Bhagavad-Gita* o Sr. Subba Row, falando do Primeiro Logos, parece implicar consciência e inteligência.

R. 15 – mas isso não explicou a qual Logos se referia, e creio que falava genericamente. Na Filosofia Esotérica, o Primeiro Logos é o Imanifestado e o Segundo é o Manifestado. *Ishvara* corresponde ao Segundo, e *Narayana* ao Logos Imanifestado. Subba Row é um advaita e um vedantino erudito, tendo explicado pelo seu ponto de vista. Nós fazemo-lo pelo nosso. Em *A Doutrina Secreta*, Aquilo de que nasce o Logos Manifestado traduz-se como o “Eterno Pai-Mãe”, enquanto no *Vishnu-Purana* é descrito como o “Ovo do Mundo” envolto em sete peles, capas ou zonas. É deste Ovo Dourado que nasce Brahma, o Masculino, e este Brahma na realidade é o Segundo Logos ou também o Terceiro, de acordo com enumeração adoptada, porque seguramente não é o Primeiro ou o mais elevado, o ponto que está em todas as partes e em nenhuma. Mahat, na interpretação esotérica, é na realidade o Terceiro Logos ou a Síntese dos Sete Raios Criadores, os Sete Logos. Das assim chamadas Sete Criações, Mahat é a Terceira, porque é a Alma Universal e Inteligente, a Ideação Divina, combinando os Planos ideais e os protótipos de todas as coisas tanto no Mundo Objectivo manifestado como no Subjectivo. Nas doutrinas Sankhyas Purânicas, Mahat é o primeiro produto de Pradhana animado por Kshetrajna, o “Espírito Substância”. Na Filosofia Esotérica, *Kshetrajna* é o nome que se dá aos nossos *Egos* reencarnantes.

P. 16 – É então essa a primeira manifestação no nosso Universo objectivo?

R. 16 – É o Primeiro Princípio nele, sensível ou perceptível para o Pensamento Divino mas não para os sentidos humanos. Porém, se partirmos desde o Incognoscível diremos que é o Terceiro e que corresponde a Manas, ou melhor, a Budhi-Manas.

P. 17 – Então o Primeiro Logos está representado pelo ponto dentro do círculo?

R. 17 – O ponto dentro do círculo que não tem limites e é eterno, que não tem nome nem atributo. Este Primeiro Logos Imanifestado é

simultâneo com a linha traçada sobre o diâmetro do círculo. A primeira linha do diâmetro representa o Pai-Mãe, e Dele procede o Segundo Logos que contém em Si mesmo a Terceira Palavra Manifestada. Nos Puranas, diz-se mais de uma que a primeira criação do Akasha é o Sonido, e neste caso Sonido significa “Palavra”, a expressão do Pensamento Inefável, o Logos Manifestado dos gregos, dos platônicos e de São João. O Dr. Wilson e outros orientalistas falam deste conceito dos hindus como uma absurdidade, porque segundo eles Akasha e Caos são idênticos. Mas se suposessem que Akasha e Pradhana não são senão dois aspectos de uma mesma coisa, e se soubessem que Mahat, a Ideação Divina, no nosso Plano é esse mesmo Sonido ou Logos Manifestado, ririam de si mesmos e da sua própria ignorância.

P. 18 – Com referência ao próximo parágrafo, qual é a consciência que toma conhecimento do tempo? Está a consciência do tempo limitada ao Plano da consciência física desperta, ou também existe nos Planos Superiores? Em *A Doutrina Secreta* diz-se que “o Tempo é só uma ilusão produzida pela sucessão dos nossos estados de consciência na nossa viagem através da Duração eterna, e não existe onde não exista consciência que possa produzir a ilusão...” (*Vol. I, pág. 96*).

R. 18 – Aqui só se quer indicar a consciência no nosso Plano e não a eterna Consciência Divina à qual chamamos o Absoluto. A consciência do tempo no sentido actual da palavra, nem sequer existe durante o sono, portanto, muito menos pode existir na Essência Absoluta. Pode dizer-se que o mar tem um conceito do tempo no seu rítmico golpear sobre a praia ou no movimento das suas ondas? Não se pode dizer que o Absoluto tenha consciência, pelo menos uma consciência como a que temos aqui. Não tem consciência, nem desejo, nem vontade, nem pensamento, porque é Pensamento Absoluto, Desejo Absoluto, Consciência Absoluta, é um *Todo* Absoluto.

P. 19 – É aquilo a que nos referimos como *Seidade* ou *Sat*?

R. 19 – Os nossos amáveis críticos acharam muito divertida a palavra *Seidade* (*Be-ness* ²¹⁰), mas não há outro modo para traduzir a palavra sânscrita *Sat*. Não é *existência*, porque a existência pode aplicar-se somente aos fenómenos, nunca aos nómenos, e a própria etimologia latina do termo contradiz essa asserção, pois *ex* significa

²¹⁰ Palavra adoptada da língua inglesa para designar o Ser Absoluto, o não-Ser.

“desde” ou “fora de”, e *sistere* quer dizer “estar”, portanto, trata-se de algo que parece estar ali onde antes não estava. Ademais, a palavra *existência* implica algo que tem um começo e um fim. Então, como se pode aplicar esse termo àquilo que sempre foi, do qual não se pode dizer ter surgido de alguma outra coisa?

P. 20 – O Jehovah hebreu era “Eu sou”.

R. 20 – E também o era Ormuzd, o Ahura-Mazda dos antigos mazdeístas. Nesse sentido, todo o homem, assim como todo o deus, pode alardear da sua existência dizendo: “Eu sou o que sou”.

P. 21 – Mas seguramente *Seidade* (*Be-ness*) tem alguma relação com a palavra *Ser* (em inglês *Be*, donde *Be-ness*).

R. 21 – Sim, mas *Seidade* (*Be-ness*) não é só *Ser* (*Being*), por ser igualmente não-Ser (*Not-being*). Nós não podemos concebê-lo, porque o nosso intelecto é muito limitado e a nossa linguagem é ainda mais limitada e condicionada que a nossa mente. Portanto, como podemos expressar aquilo que somente pode conceber-se por meio de uma série de negativas?

P. 22 – Um alemão poderia expressá-lo mais facilmente com a palavra *sein* (ser). *Das sein* (o ser, sendo *sein* um infinitivo) poderia ser um equivalente muito bom para *Be-ness*. Este último termo talvez soe absurdo aos desacostumados ouvidos ingleses, porém, *das sein* (o ser) é um termo e uma ideia perfeitamente familiares a um alemão. Mas estávamos falando da consciência no Espaço e Tempo.

R. 22 – Essa consciência é finita, tendo princípio e fim. Mas qual a palavra para uma consciência finita que, devido a Maya, se acredita a si mesma infinita? Nem sequer o que está no Devakan é consciente do tempo, tudo é presente no Devakan, não há passado, doutro modo o Ego o recordaria e lamentaria, nem futuro, ou desejaria possuí-lo. Portanto, sendo o Devakan é um estado de bem-aventurança no qual tudo é presente, é dito que quem está nele não possui nenhum conceito ou ideia do tempo, pois para esse é como um sonho vivo, uma realidade.

P. 23 – Mas podemos sonhar o tempo de uma vida em meio segundo, sendo conscientes de uma sucessão de estados de consciência, de eventos que se sucedem um após outro.

R. 23 – Só depois do sonho, enquanto se sonha não existe tal

consciência.

P. 24 – Não poderíamos comparar a reconstrução de um sonho com uma pessoa dando a descrição de um quadro, devendo mencionar todas as partes e os detalhes por não poder apresentar o todo diante do olho da mente de quem ouve?

R. 24 – Essa é uma analogia muito boa.

II

[Reunião realizada em Lansdowne Road, N.º 17, Londres, W., em 17 de Janeiro de 1889, com a presidência do Sr. T. B. Harbottle]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

(Continuação)

ESTÂNCIA I

Sloka (3): “A MENTE UNIVERSAL NÃO EXISTIA, POIS NÃO HAVIA AH-HI (SERES CELESTIAIS) PARA A CONTER (E, PORTANTO, PARA A MANIFESTAR).”

P. 1 – Esta Sloka parece implicar que a Mente Universal não tem existência separada dos Ah-Hi, mas o Comentário diz que:

“... um nómeno pode chegar a ser fenómeno em qualquer Plano de existência por meio de uma base apropriada ou veículo, e durante a longa Noite de Repouso chamada Pralaya, quando todas as existências estão dissolvidas na *Mente Universal*, fica como uma possibilidade permanente de acção mental, ou como o pensamento abstracto absoluto do qual a mente é a relativa manifestação concreta. Os *Ah-Hi* (Dhyan-Choans) são as Hostes colectivas de Seres espirituais... os quais são os veículos divinos e universais para a manifestação do pensamento e da vontade. São as Forças Inteligentes que dão e estabelecem na Natureza as *Leis*, enquanto elas mesmas oham conforme as *Leis* que lhes foram impostas de maneira análoga por Poderes ainda mais elevados... Esta Hierarquia de Seres espirituais, por cujo meio a Mente Universal põe-se em acção, assemelha-se a um exército, mas verdadeiramente uma *Hoste* por mercê da qual se manifesta o Poder...”²¹¹

²¹¹ *A Doutrina Secreta*, volume I, página 38.

O Comentário sugere que os Ah-Hi não são eles mesmos a Mente Universal, mas somente o veículo da sua manifestação.

R. 1 – O significado desta Sloka, creio, é muito claro. Quer dizer que não há mentes finitas diferenciadas durante o Pralaya, é como se não houvesse absolutamente Mente, por não haver nada para a *conter e perceber*, não haver nada que receba e reflita a ideação da Mente Absoluta, portanto, ela *não existe*. Fora do Absoluto e Imutável *Sat* (Seidade) tudo é necessariamente finito e condicionado, posto ter começo e fim. Em consequência, visto “não haver Ah-Hi” não havia Mente Universal em manifestação. Deve fazer-se uma distinção entre a Mente Absoluta que está sempre presente, e a sua manifestação e reflexo nos Ah-Hi, os quais, encontrando-se no Plano mais elevado, reflectem colectivamente a Mente Universal no primeiro estremecimento do Manvantara. Logo começam o trabalho de evolução de todas as forças inferiores através dos sete Planos até ao mais denso, o nosso. Os Ah-Hi são os Sete Raios Primordiais ou Logoi emanados do Primeiro Logos, *Tríplice* mas porém *Uno* em sua Essência.

P. 2 – Então os Ah-Hi e a Mente Universal são necessariamente complementares uns da outra?

R. 2 – De modo algum, a Mente Universal ou Absoluta é sempre a mesma tanto durante o Pralaya como durante o Manvantara, é imutável. Os Ah-Hi são os Dhyans mais elevados, os Logoi, como se acaba de dizer, aqueles que começam a evolução descendente ou *emanação*. Durante o Pralaya não há Ah-Hi porque eles só vêm à existência com a primeira radiação da Mente Universal, a qual não pode diferenciar-se *per se* e cuja radiação é o primeiro *descenso* do Manvantara. O Absoluto é Mente adormecida, latente, não podendo ser de outra maneira na verdadeira percepção metafísica, sendo somente a Sua sombra quem começa a diferenciar-se na colectividade desses Dhyans.

P. 3 – Isso significa que era Consciência Absoluta, mas já não é?

R. 3 – É Consciência Absoluta eternamente, que periodicamente se transforma em consciência *relativa* em cada “Amanhecer Manvantárico”. Representemos essa consciência latente ou potencial como uma espécie de vazio dentro de um recipiente, mas se for quebrado o

recipiente o que acontece ao vazio? Onde o devemos procurar? Desapareceu, está em todas as partes e em nenhuma.

Ele é algo e é nada, um vazio ao mesmo tempo que uma plenitude. Mas o que é na realidade um vazio segundo a Ciência moderna, é algo homogêneo ou é o quê? Não é uma ficção da nossa fantasia o vazio absoluto? Uma pura negação um suposto espaço onde nada existe? Sendo isso assim, ao destruir-se o recipiente nada existe nele, pelo menos para a nossa percepção. Portanto, a Estância expressa isso muito bem: “a Mente Universal não existia”, porque não havia veículo para a conter.

P. 4 – Quais são os Poderes mais elevados que condicionam os Ah-Hi?

R. 4 – Não se lhes pode chamar Poderes, talvez seja melhor chamar Poder ou Potencialidade. Os Ah-Hi estão condicionados pelo despertar da *Lei* Universal periódica, que se transforma em activa e passiva sucessivamente. É devido a esta Lei que estão condicionados ou formados, não criados. “Criados” é um termo impossível de usar em Filosofia.

P. 5 – Então, o Poder ou Potencialidade que precede aos Ah-Hi é superior a eles. É a Lei que necessita manifestar-se?

R. 5 – Assim é, é a manifestação periódica. Quando soa a hora, a Lei entra em acção e os Ah-Hi aparecem no primeiro grau da escala da Manifestação.

P. 6 – Mas seguramente esta é a *Lei* e não *uma lei*?

R. 6 – Exactamente, posto que é absoluta e “sem segunda”, portanto, não é um atributo e sim a própria Absolutividade.

P. 7 – Por que é difícil aperceber como surgiu essa Lei?

R. 7 – Isso levaria a ir além da primeira Manifestação e à Suprema Causalidade. Seria necessário todo o nosso intelecto limitado para compreender vagamente a última. Por mais que tentemos nunca conseguiremos, limitados como somos, compreender o Absoluto, que para nós, na nossa actual etapa de desenvolvimento mental, é somente uma especulação lógica, mesmo que possamos datá-la recuando milhares e milhares de anos.

P. 8 – Com referência á sloka em questão, não seria “Mente Cós-

mica” um termo melhor que “Mente Universal”?

R. 8 – Não, a Mente Cósmica aparece na terceira etapa ou grau e está confinada ou limitada ao Universo manifestado. Nos Puranas, Mahat (o *Grande* Princípio Mental ou Intelecto) aparece somente na terceira das “Sete Criações” ou Etapas da Evolução. A Mente Cósmica é Mahat ou a Ideação Divina em actividade (operação criativa), e portanto é somente a manifestação periódica em tempo e *in actu* da Eterna Mente Universal em potência. A rigor, sendo Mente Universal só outro nome para o Absoluto fora do Tempo e do Espaço, esta Ideação Cósmica ou Mente não é de modo algum uma evolução, menos ainda uma criação, mas simplesmente um dos aspectos do Primeiro que não conhece mudanças, que sempre foi, é e será. Assim, repito, a sloka implica que não havia Ideação Universal, ou seja, não era perceptível, porque não havia mentes para a aperceber, posto que a Mente Cósmica ainda estava latente como mera potencialidade. Como as Estâncias falam da Manifestação, em consequência fomos obrigados a traduzi-las assim e não por outra perspectiva.

P. 9 – Usamos a palavra *cósmica* como aplicada ao Universo manifestado em todas as suas formas. Aparentemente a sloka não se refere a isto e sim à Consciência Absoluta ou Não-Consciência, parecendo implicar que a Consciência Absoluta não podia ser a Mente Universal porque esta não estava expressada (manifestada) ou não podia estar, em consequência de não haver nenhuma expressão para ela. Mas poderá objectar-se que apesar de não haver modo de a expressar (manifestar) no entanto estava ali? Podemos dizer que, tal como Sat, estava e não estava?

R. 9 – Isso não ajudaria à interpretação.

P. 10 – Quando se diz que não estava, a ideia que sugere então é que não estava no Absoluto.

R. 10 – De modo algum, simplesmente *não existia*.

P. 11 – Certamente parece haver uma distinção, porque se pudessemos dizer “era” estaríamos tomando uma visão muito parcial da ideia de Sat, que equivaleria a dizer que Sat era. Mas alguém poderá ainda dizer que a frase “a Mente Universal não era” sugere tratar-se de uma manifestação, ainda que a Mente não seja uma manifestação.

R. 11 – A Mente no acto da ideação é uma manifestação, porém,

a Mente Universal não é a mesma coisa, posto que não se pode falar de nenhum acto relativo ou condicionado daquilo que é Absoluto. Houve a Ideação Universal tão prontamente como apareceram os Ah-Hi, e continua havendo através do Manvantara.

P. 12 – A que Plano Cósmico pertencem os Ah-Hi aqui falados?

R. 12 – Eles pertencem aos primeiro, segundo e terceiro Planos (na realidade sendo o último Plano o ponto de partida da Manifestação Primordial), como o reflexo objectivo do Imanifestado. Tal como a Mônada pitagórica, o Primeiro Logos após ter emanado a primeira Tríade, desaparece na quietude e nas trevas.

P. 13 – Significa isso que os Três Logos emanados da Radiação Primordial no Macrocosmos correspondem a Atma, Budhi e Manas no Microcosmos?

R. 13 – Assim é, correspondem, mas não devem ser confundidos com esses. Agora estamos falando do Macrocosmos no momento do primeiro estremecimento, do Descenso Manvantárico quando começou a Evolução, e não do Microcosmos ou Homem.

P. 14 – Os três Planos aos quais pertencem os Três Logos são emanções simultâneas ou emanaram um após outro?

R. 14 – É muito enganoso aplicar leis mecânicas à metafísica superior da Cosmogonia, ou ao Espaço e Tempo como agora os conhecemos, porque então não existiria nenhum dos dois. A reflexão da Tríade no Tempo e no Espaço, ou no Universo objectivo, vem depois.

P. 15 – Os Ah-Hi foram homens num Manvantara anterior ou virão a ser?

R. 15 – Toda a criatura vivente, qualquer que seja a sua descrição, foi, é ou será um ser humano em um ou outro Manvantara.

P. 16 – Mas eles permanecem neste Manvantara no mesmo Plano altíssimo durante o período total do Ciclo de Vida?

R. 16 – Se por “Ciclo de Vida” você se refere a uma duração de tempo que se estende por um número com mais de quinze cifras, a minha resposta é decididamente não. Os *Ah-Hi* passam por todos os Planos, começando a manifestar-se no terceiro. Como todas as outras Hierarquias, no Plano mais elevado são *Arrupas*, isto é, sem formas,

sem corpos, sem nenhuma substância, meros alentos. No segundo Plano apenas se aproximam das *Rupas* ou formas, e no terceiro convertem-se em *Manasaputras*, aqueles que encarnaram nos homens. Em cada Plano que eles alcançam são chamados por diferentes nomes (há uma contínua diferenciação da sua substância homogênea original, e chamamo-la substância apesar de na realidade não ser nenhuma substância que possamos conceber). Mais tarde transformam-se em *Rupas*, formas etéreas.

P. 17 – Então os Ah-Hi deste Manvantara...

R. 17 – Já não existem, há muito tempo que se converteram em Egos Planetários, Solares, Lunares e por último em Ego reencarnantes, porque, como se disse, “eles são as Hostes colectivas dos Seres espirituais”.

P. 18 – Mas foi dito antes que os Ah-Hi não se convertem em homens neste Manvantara.

R. 18 – Não o fazem como *Ah-Hi* sem formas, mas fazem-no como transformações de si mesmos. Não se deve confundir os Manvantaras. O Ciclo Manvantárico de quinze cifras aplica-se ao Sistema Solar, mas há um Manvantara que corresponde à totalidade do Universo objectivo do Pai-Mãe, e ainda muitos Manvantaras menores. Em geral, as slokas que foram seleccionadas relacionam-se com o Manvantara menor (de quinze cifras), e só se deram duas ou três relacionadas com o Manvantara maior. Portanto, foram omitidas muitas slokas por causa da sua difícil compreensão.

P. 19 – Então, os homens de um Manvantara ao redespertarem no Manvantara seguinte terão de passar por um estado correspondente à etapa dos Ah-Hi?

R. 19 – Em alguns dos Manvantaras, “a cauda está na boca da serpente”. Meditem sobre este simbolismo.

P. 20 – Um homem pode escolher aquilo em que pensa. Pode esta analogia aplicar-se aos Ah-Hi?

R. 20 – Não, porque o Homem tem livre-arbítrio e os Ah-Hi não têm. Estão obrigados a actuar simultaneamente, porque a Lei sob a qual devem actuar dá-lhes o impulso. O livre-arbítrio só pode existir num homem que tenha mente e consciência, que actuam e fazem-no perceber as coisas interior e exteriormente. Os *Ah-Hi* são Forças, não

são seres humanos.

P. 21 – Mas não são eles agentes conscientes no trabalho?

R. 21 – São conscientes enquanto actuam dentro da Consciência Universal, ainda que a consciência de um Manasa-Putra no terceiro Plano seja muito diferente. É somente então que eles tornam-se Pensadores. Ademais o Ocultismo, diferentemente da Ciência moderna, sustenta que todo o átomo de matéria, uma vez diferenciado, fica dotado do seu próprio tipo de consciência. Cada célula do corpo humano (como em todo o animal) está dotada da sua própria faculdade de discriminação, de instinto e, relativamente falando, de inteligência.

P. 22 – Pode dizer-se que os Ah-Hi disfrutam da bem-aventurança?

R. 22 – Como podem ou não estar sujeitos a bem-aventurança? A bem-aventurança só pode ser apreciada e transformada em tal quando se conhece o sofrimento.

P. 23 – Mas há uma diferença entre felicidade e bem-aventurança.

R. 23 – Ainda que haja diferença, contudo não há felicidade nem bem-aventurança sem uma prévia e contrastante experiência de sofrimento e pena.

P. 24 – Porém entendemos pretender-se fazer referência àquela bem-aventurança como o estado do Absoluto.

R. 24 – Isso é ainda mais ilógico. Como se pode dizer que o *Absoluto* sente? O Absoluto não pode ter nem condicionamento nem atributo. Somente aquilo que é finito e diferenciado pode ter algum tipo de sentimento ou de atitude que se lhe possa atribuir.

P. 25 – Então não se pode dizer que os Ah-Hi são consciências inteligentes, posto que a sua inteligência é tão complexa.

R. 25 – Talvez o termo seja erróneo, mas devido à pobreza das línguas da Europa parece não haver outra escolha.

P. 26 – Será que uma frase representaria a ideia mais correctamente? O termo parece significar uma força que é uma unidade, não uma acção e reacção complexa de várias forças, que estariam implicadas na palavra *inteligência*. O aspecto nomenal da força fenomenal tal-

vez expressasse melhor a ideia.

R. 26 – Ou talvez pudéssemos representar a ideia como uma chama, uma unidade. Os raios dessa chama seriam complexos, cada um actuando na sua própria linha recta.

P. 27 – Mas somente se tornam complexos quando encontram receptáculos nas formas inferiores.

R. 27 – Assim é, sem dúvida que os Ah-Hi são a chama donde saem os raios, os quais se diferenciam cada vez mais à medida que mais profundamente caem na matéria, até chegarem ao nosso mundo com os seus milhões de habitantes e seres sensuais, e então sim, tornam-se verdadeiramente complexos.

P. 28 – Considerando-os então como uma essência primária, os Ah-Hi serão uma unidade? Podemos considerá-los assim?

R. 28 – Vocês podem, mas a estrita verdade é que eles somente procedem da Unidade e são o começo dos Sete Raios.

P. 29 – Então podemos considerá-los como o reflexo da unidade?

R. 29 – Acaso os raios do espectro solar não são fundamentalmente um só raio branco? De um converte-se em três, dos três em sete, e destes sete primários surge uma infinidade. Voltando à assim chamada “consciência” dos Ah-Hi, essa consciência não pode ser avaliada pelo que é norma para as percepções humanas. Está num Plano completamente diferente.

P. 30 – “Durante o sono profundo, a mente não está no Plano Físico”. Portanto, deve deduzir-se que durante esse período a mente está activa noutro Plano? Há alguma definição das características que distinguem a mente no estado de vigília da mente durante o sono do corpo?

R. 30 – Por certo há, mas não creio que uma discussão acerca disso seja pertinente ou útil agora. Basta dizer que frequentemente a faculdade de raciocínio da mente superior costuma estar adormecida, enquanto a da mente instintiva plenamente desperta. É a distinção fisiológica entre o cérebro e o cerebelo, um dorme e o outro está desperto.

P. 31 – O que se entende por mente instintiva?

R. 31 – A mente instintiva expressa-se através do cerebelo e é também a mente dos animais. No Homem, durante o sono cessam as funções do cérebro e o cerebelo leva-as ao Plano Astral, um estado ainda mais irreal que o plano de ilusão em vigília, porque assim consideramos este estado que a maioria de vocês acredita ser tão real. E o Plano Astral é ainda mais ilusório, porque reflecte sem discriminação o bem e o mal e é muito caótico.

P. 32 – As condições fundamentais da mente no estado de vigília são o tempo e espaço. Estes existem para a mente (Manas) durante o sono do corpo físico?

R. 32 – Não como nós os conhecemos. Ademais, a resposta depende do Manas a que se refere, se ao superior ou ao inferior pois somente este último é susceptível de alucinações de espaço e tempo. Por exemplo, um homem em estado de sonho pode viver em poucos segundos os sucessos de toda uma vida²¹², mas para as percepções e compreensões do Ego Superior não existe nem espaço nem tempo.

P. 33 – Diz-se que Manas é o veículo de Budhi, porém fala-se da Mente Universal como sendo Maha-Budhi. Qual é então a distinção entre os termos Manas e Budhi, empregados no seu sentido universal, e Manas e Budhi manifestados no Homem?

R. 33 – O Budhi Cósmico, a emanção da Alma Universal, Alaya, tem como veículo Mahat somente quando ele se corresponde com Prakriti. Então é chamado Maha-Budhi.

Esse Budhi diferencia-se através de sete Planos, enquanto que Budhi no Homem é o veículo de Atma, veículo que é da essência do Plano mais elevado do Akasha e, portanto, não se diferencia. A diferença entre Manas e Budhi no Homem é a mesma diferença entre os Manasa-Putras e os Ah-Hi no Cosmos.

P. 34 – Manas é Mente, e diz-se que os Ah-Hi não podem ter mais Mente individual, ou aquilo que chamamos Mente neste Plano, que aquela podendo conter Budhi. Pode haver consciência sem Mente?

²¹² Ver a discussão sobre os sonhos anexada ao primeiro número das *Transacções*. Isto encontra-se na sua ordem cronológica correcta nas páginas anteriores do presente volume.

R. 34 – Não neste Plano de matéria. Mas por que não em algum outro Plano superior? Uma vez que reconhecemos a Mente Universal, tanto o cérebro, veículo da Mente, como a consciência, sua faculdade, num Plano mais elevado devem ser muito diferentes do que são aqui. Estão mais perto do *Todo* Absoluto e, portanto, devem ser representados por uma substância infinitamente mais homogênea, algo *sui generis* totalmente fora do alcance das nossas percepções intelectuais. Chamemo-lo ou imaginemo-lo como um estado incipiente e incognoscível da Diferenciação Primordial. Nesse Plano mais elevado, no meu parecer, Mahat, o grande Princípio Manvantárico da Inteligência, actua como um cérebro por meio do qual a Mente Universal e Eterna irradia os Ah-Hi, representando a resultante consciência ou ideação. À medida que a sombra deste Triângulo Primordial cai mais e mais através dos Planos descendentes, a cada etapa se torna mais material.

P. 35 – E converte-se no Plano no qual a consciência percebe as manifestações objectivas. É assim?

R. 35 – Sim, mas aqui defrontamo-nos com o grande problema da consciência e devemos combater o materialismo. Mas o que é a consciência? De acordo com a Ciência moderna é uma faculdade da Mente, como a vontade. Também nós dizemos assim, porém acrescentamos que enquanto a consciência não é uma coisa *per se*, a Mente, pelo contrário, pelo menos nas suas funções manvantáricas é uma entidade. Tal é a opinião de todos os idealistas do Oriente.

P. 36 – No entanto, actualmente é moda falar depreciativamente da ideia de a mente ser uma entidade.

R. 36 – E, no entanto, Mente é um termo perfeito sinónimo de Alma. Aqueles que negam a existência dela, supostamente discutirão que não existe uma coisa tal como a consciência separada do cérebro e que com a morte a consciência cessa. Os ocultistas, pelo contrário, afirmam que há consciência depois da morte e que somente então começa a verdadeira consciência e a liberdade do Ego, já que não está mais aprisionado na matéria terrestre.

P. 37 – Talvez por o primeiro embate surgir de limitar o termo *consciência* à faculdade de percepção?

R. 38 – Por se mostrar assim, o Ocultismo opõe-se por completo a semelhante visão.

Sloka (4): “OS SETE CAMINHOS DA FELICIDADE (MOKSHA OU NIRVANA) NÃO EXISTIAM²¹³. AS GRANDES CAUSAS DA INFELICIDADE (NIDANA E MAYA) NÃO EXISTIAM, PORQUE NÃO HAVIA NINGUÉM QUE AS GERASSE E FOSSE ENGANADO POR ELAS.”

P. 1 – Quais são os sete caminhos da bem-aventurança?

R. 1 – São certas faculdades das quais o estudante conhecerá mais quando se aprofundar no Ocultismo.

P. 2 – São as Quatro Verdades da Escola Hinayana, as mesmas que menciona Sir Edwin Arnold em *A Luz da Ásia*, sendo a primeira delas o Caminho da Dor, a segunda a Causa da Dor, a terceira a Cessação da Dor e a quarta o *Caminho*!

R. 2 – Tudo isso é teológico e exotérico e encontra-se em todas as escrituras budistas, parecendo ter sido tomado do Budismo de Ceilão ou do Sul. Sem dúvida que o tema é tratado de uma maneira mais completa na Escola Aryasanga (a Filosofia em que se baseia *A Voz do Silêncio*). Ainda ali as Quatro Verdades têm um significado para o sacerdote regular de manto amarelo, e outro totalmente diferente para os verdadeiros Místicos.

P. 3 – Nidana e Maya (as grandes causas da miséria) são aspectos do Absoluto?

R. 3 – Nidana significa a concaenação de causa e efeito. As doze Nidanas são a enumeração das principais causas que produzem a reacção ou os efeitos mais severos sob a Lei Kármica. Apesar de não haver conexão entre os termos Nidana e Maya em si mesmos, sendo Maya simplesmente uma ilusão, no entanto se considerarmos o Universo como Maya ou Ilusão, então certamente as Nidanas, como agentes morais no Universo, estão incluídas em Maya. É Maya, ilusão ou ignorância, quem desperta as Nidanas, e tendo-se produzido a causa ou as causas, seguem-se os efeitos de acordo com a Lei Kármica. Para citar um exemplo, todos nós nos consideramos como unidades, apesar de na essência sermos uma Unidade única e indivisível, gotas no Oceano do Ser que não se distinguem uma das outras. Tendo-se então produzido essa causa, a totalidade das discórdias da vida

²¹³ Ver *A Voz do Silêncio*, Fragmento III, “Os Sete Portais”.

segue-a imediatamente como efeito. Na realidade, esse é o esforço da Natureza para restabelecer a harmonia e manter o equilíbrio. É nesse sentido de separatividade que está a raiz de todo o mal.

P. 4 – Talvez fosse melhor separar os dois termos e estabelecer se Maya é um aspecto do Absoluto.

R. 4 – Dificilmente poderia sê-lo posto que Maya é a Causa e, ao mesmo tempo, um aspecto de diferenciação, enquanto o Absoluto jamais pode diferenciar-se. Maya é uma manifestação, e o Absoluto não tem manifestação e só uma reflexão, uma sombra que irradia periodicamente Dele, não através Dele.

P. 5 – Mas por que se diz que Maya é a causa da manifestação ou diferenciação?

R. 5 – E o que tem isso de especial? Se não houvesse Maya certamente não haveria diferenciação, ou melhor, não se perceberia nenhum Universo objectivo. Mas isso não a faz um aspecto do Absoluto e só simplesmente algo actual coexistente com o Universo manifestado, ou a heterogénea diferenciação na pura homogeneidade.

P. 6 – Então, pela mesma razão, se não há diferenciação não há Maya. Mas aqui estamos falando de Maya como a *Causa* do Universo, de modo que quando penetramos mais além da diferenciação poderíamos perguntar-nos: “Onde está Maya”?

R. 6 – Maya está em todas as partes e em tudo que tem começo e fim. Por conseguinte, cada coisa é um aspecto daquilo que é eterno, e nesse sentido, supostamente, a própria Maya é um aspecto de *Sat*, ou daquilo que é eternamente presente no Universo, seja durante o Manvantara ou o Maha-Pralaya. Mas recordem ter-se dito que o Nirvana só é Maya quando comparado com o Absoluto.

P. 7 – Então Maya é um termo colectivo para todas as manifestações?

R. 7 – Não creio que isso explique o termo. Maya é a faculdade perceptiva de todo o Ego que se considera a si mesmo uma unidade separada e independente do eterno *Sat* ou “Seidade”. Na Filosofia Esotérica e nos Puranas, Maya explica-se como a activa Vontade personificada do Deus Criador, este último sendo Ele mesmo uma Maya personificada, uma ilusão passageira dos sentidos do Homem, que desde o próprio começo das suas especulações empreendeu a antro-

pomorfização das puras abstracções. Maya para a concepção do hindu ortodoxo, é muito distinta do que seja para um idealista vedantino ou para um ocultista. A Vedanta declara que Maya, ou a falaz influência da ilusão, constitui a crença na existência real da matéria ou só em tudo o que é diferenciado. O *Bhagavad-Purana* identifica Maya com Prakriti (Natureza e Matéria manifestadas), e não dizem o mesmo alguns metafísicos europeus avançados, tais como Kant, Schopenhauer e outros? Supostamente eles tomaram as suas ideias do Oriente, especialmente do Budismo, nas suas linhas gerais e de toda a maneira, apesar de sem dúvida a doutrina da irrealidade deste Universo ter sido desenvolvida de forma bastante correcta pelos nossos filósofos. Pois bem, apesar de não haver duas pessoas que possam ver as coisas e os objectos exactamente da mesma forma, pois cada um de nós vê-as a seu modo, todavia estamos mais ou menos sujeitos a ilusões, em especial à Grande Ilusão (Maya) de que como personalidades somos seres distintos dos outros, e que os nossos Eus ou Egos assim continuarão na eternidade (de toda a maneira na sempiternidade), apesar de que não só nós como todo o Universo visível e invisível sermos unicamente partes transitórias do *Todo Uno* sem princípio nem fim, ou de Aquilo que sempre foi, é e será.

P. 8 – O termo parece aplicar-se aos complexos pontos de diferenciação, aplicando-se diferenciação à Unidade e Maya ao conjunto de unidades. Mas aqui podemos colocar uma questão lateral. Com respeito à parte anterior da discussão, fez-se referência ao cérebro e ao cerebelo, e este último foi descrito como o órgão instintivo. Supõe-se que um animal tenha uma mente instintiva, porém diz-se que o cerebelo é simplesmente o órgão da vida vegetativa e que só controla as funções corporais, e pelo contrário a mente sensitiva é aquela pela qual se abrem os sentidos, não podendo haver pensamento nem ideação, nada que indique intelecto ou instinto senão pela parte actuante da mente assinalada para tais funções, ou seja, pelo cérebro.

R. 8 – Seja como for, o dito cerebelo é o órgão das funções instintivas animais, as que se reflectem ou então geram sonhos caóticos ou incoerentes na sua maioria. No entanto, os sonhos que se recordam tendo apresentado uma sequência de eventos, devem-se à visão do Ego Superior.

P. 9 – Não é o cerebelo aquilo que poderíamos chamar o órgão do hábito?

R. 9 – Sendo intuitivo, creio que poderia muito bem chamar-se assim.

P. 10 – Excepto podermos referir-nos ao hábito como o que poderemos chamar de estado actual da existência, e falar do instinto como de uma etapa passada.

R. 10 – Qualquer que seja o nome que se lhe dê, só o cerebelo funciona²¹⁴. Quando se dorme o cérebro não está adormecido, e os sonhos, como emanações ou sentimentos intuitivos do que experimentámos em vigília, são o resultado da sua actividade.

P. 11 – A consecutividade surge inteiramente da faculdade coordenadora. Mas seguramente também o cérebro actua, sendo uma prova disso que quando nos aproximamos do momento de despertar mais vividos se tornam os nossos sonhos.

R. 11 – Assim é, mas só quando se está despertando, não antes. Podemos comparar esse estado do cerebelo a uma barra de metal, ou a algo da mesma natureza, que foi aquecido durante o dia e emana ou irradia calor durante a noite, pois da mesma maneira a energia do cérebro irradia inconscientemente durante a noite.

P. 12 – Sem dúvida não podemos dizer que o cérebro é incapaz de registar impressões durante o sonho. Um homem adormecido pode ser despertado por um ruído, e quando desperta frequentemente é capaz de refazer o seu sonho até à impressão provocada pelo ruído. Este facto parece provar de forma concludente a existência da actividade cerebral durante o sonho.

R. 12 – Certamente uma actividade mecânica, pois se sob tais circunstâncias há a mais leve percepção ou a mínima perturbação do estado de sonho, a memória entra em jogo e o sonho pode ser refeito. Falando de sonhos, o estado de sonho que passa ao de vigília foi comparada às brasas de um fogo extinguindo-se, e podemos muito bem prosseguir a analogia comparando a entrada em acção da memória com uma corrente de ar que reaviva as brasas. Significa que a consciência ao despertar faz a sua actividade voltar ao cerebelo, que havia ficado debaixo do umbral da consciência.

²¹⁴ O ensaio sobre os *Sonhos* encontra-se na sua ordem cronológica correcta nas páginas anteriores do presente volume.

P. 13 – Mas o cerebelo deixa alguma vez de funcionar?

R. 13 – Não, porém perde-se nas funções do cérebro.

P. 14 – Que é dizer que os estímulos que procedem do cerebelo durante a vida vigílica ficam sob o umbral da consciência de vigília, com o campo da consciência sendo inteiramente ocupado pelo cérebro, e isto continua até que sobrevém o sono, quando os estímulos do cerebelo começam a formar o campo de consciência. Portanto, não é correcto dizer que o cérebro é o único assento da consciência.

R. 14 – Assim é, a função do cérebro é a de polir, aperfeiçoar ou coordenar as ideias, enquanto as do cerebelo é a de produzir desejos conscientes e tudo o resto.

P. 15 – Evidentemente que temos de ampliar a nossa ideia de consciência. Por exemplo, não há nenhuma razão pela qual uma planta sensitiva não possa ter consciência. Du Prel, no seu livro *Philosophie der Mystik* (“Filosofia do Místico”), cita algumas experiências muito curiosas que mostram um tipo de consciência local, talvez um tipo de conexão reflexa. Vai ainda mais longe demonstrando, a partir de um grande número de casos bem documentados, tais como os dos clarividentes que conseguem perceber com a boca do estômago, que o umbral da consciência é capaz de estender-se de maneira ampla muito mais do que estamos acostumados a pensar, tanto para cima como para baixo.

R. 15 – Podemos congratular-nos com as experiências de Du Prel, como um antídoto contra as teorias do Professor Huxley que são absolutamente irreconciliáveis com os ensinamentos do Ocultismo.

III

[Reunião realizada em Lansdowne Road, 17, Londres, W., no dia 24 de Janeiro de 1889, com a presidência do Sr. Harbottle]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

(Continuação)

ESTÂNCIA I

Sloka (5): “SÓ AS TREVAS ENCHIAM O TODO SEM LIMITES, POIS PAI, MÃE E FILHO ERAM UNO UMA VEZ MAIS, E O FILHO AINDA NÃO HAVIA DESPERTADO PARA A NOVA RODA E A SUA PEREGRINAÇÃO NELA.”

P. 1 – São as “Trevas” o mesmo que o “Eterno Pai Espaço” de que se fala na Sloka 1?

R. 1 – De nenhum modo. Aqui o “Todo sem Limites” é o “Pai Espaço”, enquanto o Espaço Cósmico é algo já com atributos, pelo menos potencialmente. Neste caso, pelo contrário, as “Trevas” são isso a que não se pode atribuir nenhum atributo, são o Princípio Desconhecido preenchendo o Espaço Cósmico.

P. 2 – Então, as Trevas aplicam-se no sentido de pólo oposto à Luz?

R. 2 – Sim, no sentido do Imanifestado e Desconhecido como pólo oposto da Manifestação e daquilo sobre que se pode especular.

P. 3 – Então, as Trevas não são opostas à Luz mas sim sendo a diferenciação, ou melhor ainda, não podem ser consideradas como um símbolo da Negatividade.

R. 3 – As *Trevas* aqui indicadas não podem opor-se nem à Luz, nem à Manifestação, posto que ambas são os efeitos legítimos da Evolução Manvantárica, do Ciclo de Actividade. São as “Trevas sobre

a Face do Abismo” do *Génesis*, sendo aqui o Abismo “o Brilhante Filho do Obscuro Pai” (o Espaço).

P. 4 – Por não haver Luz ou simplesmente não haver nada para a manifestar e ninguém para a perceber?

R. 4 – Ambas as coisas. No sentido objectivo, tanto a Luz como as Trevas são ilusões (Maya), e neste caso não se trata de Trevas como ausência de Luz mas sim de um Princípio Primordial que sendo o próprio Absoluto não tem forma para as nossas percepções intelectuais, nem cor, nem substância, nem nenhuma outra coisa que se possa expressar por palavras.

P. 5 – Quando surge a Luz dessas Trevas?

R. 5 – Posteriormente, quando chega a primeira hora da manifestação.

P. 6 – Então a Luz é a primeira manifestação?

R. 6 – É, depois de começar a diferenciação e somente na terceira etapa da Evolução. Tenham em mente que em filosofia usamos o termo *luz* num sentido dual: um para significar a Luz eterna, absoluta, em potência, sempre presente no seio das Trevas desconhecidas, co-existent e contemporâneas com essas na Eternidade, ou em outras palavras, idênticas a elas; e o outro como uma manifestação da heterogeneidade e como contraste para esta. Quem leia o *Vishnu-Purana*, por exemplo, e o entenda, encontrará a diferença entre os dois termos bem expressados em Vishnu, que está com Brahma e, todavia, é distinto dele. Ali Vishnu é o eterno x e ao mesmo tempo é cada termo da equação. Ele é o Brahma (Neutro) essencialmente Espírito e Matéria, que são os seus dois aspectos primordiais, sendo o Espírito Luz abstracta²¹⁵. Nos Vedas, contudo, encontramos Vishnu tido em pouca estima e sem nenhuma alusão a Brahma (o Masculino).

²¹⁵ No segundo capítulo do *Vishnu-Purana* (tradução de Wilson), lemos: “Parasara disse: “Glória ao Inalterável, Santo, Eterno, Supremo Vishnu, de natureza universal, o Onnipotente; a Ele, que é Hiranyagarbha, Hari e Sankara, o Criador, Preservador e Destruidor do Mundo; a Vasudeva, o libertador dos seus adoradores; a Ele, cuja Essência é ao mesmo tempo simples e múltipla; que é subtil e corpóreo, indiscreto e discreto; a Vishnu, causa final de toda a emancipação. Glória ao Supremo Vishnu, causa da criação, da existência e fim deste Mundo; que é a raiz do Mundo e quem harmoniza no Mundo”. E novamente: “Quem pode descobrir Aquele que não pode ser apreendido pelos sentidos; quem é o melhor

P. 7 – Qual é o significado da frase “Pai, Mãe e Filho eram Uno uma vez mais”?

R. 7 – Significa que os Logos – o *Pai* imanifestado, a *Mãe* semi-manifestada e o Universo, que é o Terceiro Logos na nossa Filosofia, como Brahma durante o (periódico) Pralaya – eram Uno uma vez mais, pois a Essência diferenciada voltara a ser indiferenciada. A frase “Pai, Mãe e Filho” é o antítipo da forma cristã Pai, Filho e Espírito Santo, este último termo sendo entre os primeiros cristãos e gnósticos a feminina *Sophia*. Significa que todas as Forças criadoras e sensitivas e os seus efeitos que constituem o Universo, haviam voltado ao seu estado primordial, tudo se havia fundido em um. Durante os Maha-Pralayas não há nada excepto o Absoluto.

P. 8 – Quais são os diferentes significados de Pai, Mãe e Filho? No *Comentário*, são explicados como (a) Espírito, Substância e Universo, (b) Espírito, Alma e Corpo, (c) Universo, Cadeia Planetária e Homem.

R. 8 – E completei isso com a minha definição extra, que creio ser clara. Não há nada a acrescentar a essa explicação, a menos que comecemos a antropomorfizar os conceitos abstractos.

P. 9 – Se se tomarem os últimos termos das três séries, as ideias de Filho e Universo, Homem e Corpo, correspondem uma à outra?

R. 9 – Supostamente que sim.

P. 10 – E cada um desses termos é produzido pelo restante par (de termos) de cada Trindade, por exemplo, o Filho do Pai e da Mãe, os homens da Cadeia e do Universo, etc., e finalmente no Pralaya o Filho funde-se novamente nos seus Pais?

R. 10 – Antes de responder à pergunta, devo lembrar-lhe que

de todas as coisas; a Alma Suprema que existe por si mesma; quem não tem nenhuma das características que distinguem a forma, a casta e o restante; que não tem nascimento, vicissitudes, nem morte nem decadência; que é sempre e é único, que está em todas as partes e no qual todas as coisas aqui existem; e quem por tanto é chamado Vasudeva? É o Brahma (Neutro) Supremo, Senhor não nascido, imperecível que não decai, de uma só Essência, sempre puro assim como livre de defeitos. Ele, esse Brahma, foi (é) todas as coisas, compreendendo em sua própria natureza o indiscreto e o discreto”. Este tema é tratado no Livro I, Capítulo II, do *Vishnu-Purana*, podendo ser encontrado nas páginas 13-15 e 17-18 da tradução de Wilson.

não se está falando do período que precede a chamada Criação, mas somente de quando a Matéria começou a diferenciar-se e ainda não havia assumido alguma forma. Pai-Mãe é um termo composto que representa a Substância Primordial ou Espírito-Matéria. Quando através da diferenciação começa a cair da homogeneidade na heterogeneidade, transforma-se em positiva e negativa, e deste modo, desde o estado Zero (ou Laya), transforma-se em activa e passiva, invés de somente esta última. Como consequência dessa diferenciação (cuja resultante é a Evolução e o subsequente Universo) é gerado o *Filho*, sendo este *Filho* o mesmo Universo, o Cosmos manifestado até um novo Maha-Pralaya.

P. 11 – No princípio seria o estado Laya ou Ponto Zero antes do estado de Pai-Mãe e Filho?

R. 11 – Em *A Doutrina Secreta* faz-se somente uma leve referência ao que havia antes do período de Pai-Mãe. Se houve Pai-Mãe, supostamente não podia haver uma condição como Laya.

P. 12 – Portanto, o Pai-Mãe são uma condição posterior à de Laya?

R. 12 – Assim é. Os objectos individuais podem estar em Laya, mas não o Universo quando aparece o Pai-Mãe.

P. 13 – Fohat é um dos Três – Pai, Mãe e Filho?

R. 13 – Fohat é um termo genérico utilizado em muitos sentidos. É a Luz (*Daiviprakriti*) dos Três Logos, o símbolo personificado das três etapas espirituais da Evolução. Fohat é o agregado de todas as ideias criativas espirituais em cima, e de todas as forças criativas e electrodinâmicas em baixo, no Céu e na Terra. Parece haver uma grande confusão e mal-entendido com relação ao Primeiro e Segundo Logos. O Primeiro é a já presente e, contudo, ainda imanifestada Potencialidade no seio do Pai-Mãe; o Segundo é a abstracta colectividade de Criadores chamada pelos gregos *Demiurgos*, ou os *Construtores* do Universo. O Terceiro Logos é a última diferenciação do Segundo e a individualização das Forças Cósmicas, das quais Fohat é o chefe, porque Fohat é a síntese dos Sete Raios Criadores ou Dhyanchokans que procedem do Terceiro Logos.

P. 14 – Durante o Manvantara, quando o Filho está manifestado ou desperto, o Pai-Mãe existe independentemente ou só como manifestado no Filho?

R. 14 – Ao usar os termos Pai, Mãe e Filho devemos precaver-nos para evitar antropomorfizar o conceito. Os dois primeiros são simplesmente as Forças Centrífuga e Centrípeta e o seu produto é o *Filho*, ademais é impossível excluir um ou outro destes factores da concepção da Filosofia Esotérica.

P. 15 – Se é assim, então surge uma questão: é possível conceber as Forças Centrífuga e Centrípeta como Forças existentes independentemente dos efeitos que produzem? Os efeitos consideram-se sempre como secundários à causa ou causas.

R. 15 – Mas é muito duvidoso que essa concepção se possa sustentar ou aplicar na nossa simbologia. Se essas Forças existem, devem produzir efeitos, e quando os efeitos cessam as Forças cessam eles. Mas há alguém que as conheça?

P. 16 – Porém existem como entidades separadas para fins matemáticos, não é certo?

R. 16 – Isso é algo diferente, existe uma grande diferença entre a Natureza e a Ciência, a realidade e o simbolismo filosófico. Pela mesma razão dividimos o Homem em sete princípios, mas isso não significa que ele tenha, por assim dizer, sete peles, entidades ou almas. Esses princípios são todos aspectos de um único princípio, e mesmo este princípio não é senão um raio temporal e periódico da Chama do Fogo Uno, eterno e infinito.

Sloka (6): “OS SETE SENHORES SUBLIMES E AS SETE VERDADES HAVIAM DEIXADO DE SER, E O UNIVERSO, O FILHO DA NECESSIDADE, ESTAVA ABORVIDO EM PARANISHPANA (a Perfeição Absoluta, Paranirvana que é Yong-Grüb), PARA SER EXALADO POR AQUELE QUE É E PORÉM NÃO É. NENHUMA COISA EXISTIA.”

Sloka (7): “AS CAUSAS DA EXISTÊNCIA HAVIAM SIDO SUPRIMIDAS. O VISÍVEL QUE FOI E O INVISÍVEL QUE É, PERMANECIAM NO ETERNO NÃO-SER, O ÚNICO SER.”

P. 1 – Se “as Causas da Existência haviam sido suprimidas”, como voltaram a existir? Nos *Comentários* é dito que a causa principal da existência é “o desejo de existir”, mas nessa sloka o Universo é chamado “Filho da Necessidade”.

R. 1 – A frase “as Causas da Existência haviam sido suprimidas”, refere-se ao último Manvantara ou Idade de Brahma. Mas a Causa que faz girar a Roda do Tempo e do Espaço na Eternidade, a qual está fora do Tempo e do Espaço, nada tem a ver com as causas finitas a que chamamos Nidanas. A mim parece-me não haver contradição nas afirmações.

P. 2 – Há certamente um contraste. Se as causas da existência haviam sido suprimidas, como voltaram à existência? A resposta resolve a dificuldade, porque declara que um Manvantara havia desaparecido no Pralaya e que a Causa que levou à existência esse Manvantara levou-o a que depois transpusesse os limites do Tempo e do Espaço, portanto, fez com que se manifestasse outro Manvantara.

R. 2 – Assim é. Essa Causa Única e Eterna, portanto, “Causa sem Causa”, é imutável e não tem nada a ver com as causas de nenhum dos Planos que concernem aos seres finitos e condicionados. Por isso, de modo nenhum pode implicar uma consciência finita e um desejo. É um absurdo atribuir desejo ou necessidade ao Absoluto, tal como o som de um relógio não implica que o relógio tenha desejo de soar.

P. 3 – Mas o relógio tem cordas e necessita de alguém que lhe dê corda.

R. 3 – O mesmo pode dizer-se do Universo e da sua Causa, o Absoluto, pois por ser o Absoluto contém tanto ao relógio como ao que lhe dá corda. A única diferença é que ao primeiro dá-se-lhe corda no Espaço e no Tempo, e o segundo está fora do Tempo e do Espaço, ou seja, na Eternidade.

P. 4 – Na realidade a questão requer uma explicação da causa da diferenciação dentro do Absoluto.

R. 4 – Isso está fora das fronteiras da especulação legítima. Parabrahman não é uma Causa, nem existe um Causa que possa obrigá-lo a emanar ou a criar-se. Parabrahman não é a Causa e sim a Causalidade, o Poder propulsor ou não volitivo em toda a Causa que se manifesta. Podemos ter uma ideia confusa sobre existir algo assim como essa eterna Causa sem Causa ou Causalidade. Nas *Palestras sobre o Bhagavad-Gita*, do Sr. Subba Row, é dito que logicamente nem sequer o Primeiro Logos pode conhecer Parabrahman e só a

Mulaprakriti, o seu véu. Portanto, se ainda nem sequer temos uma ideia clara do que seja Mulaprakriti, o primeiro aspecto básico de Para-brahman, como poderemos saber do Todo Supremo que é velado por Mulaprakriti (a Raiz da Natureza ou Prakriti) até para o próprio Logos?

P. 5 – Qual é o significado nesta sloka de “o visível que foi e o invisível que é”?

R. 5 – “O visível que foi” refere-se ao Universo do passado Manvantara que passou à Eternidade e que já não é mais. “O invisível que é” significa a Deidade Eterna, sempre presente e invisível, à qual damos muitos nomes tais como Espaço Abstracto, Sat, Absoluto, etc., e da qual na realidade não conhecemos nada.

Sloka (8): “A FORMA ÚNICA DE EXISTÊNCIA ESTENDIA-SE SÓ SEM LIMITES, INFINITA, SEM CAUSA, EM SONHO SEM SONHOS, E A VIDA PALPITAVA INCONSCIENTE NO ESPAÇO UNIVERSAL, EM TODA A EXTENSÃO DAQUELA OMNIPRESENÇA QUE PERCEBE O “OLHO ABERTO” DE DANGMA.”

P. 1 – É o “Olho” que se abre por cima do Absoluto ou a “forma única de existência” e a “Omnipresença” são distintas do Absoluto, ou são nomes diferentes do mesmo Princípio?

R. 1 – Supostamente são todos um, são simplesmente expressões metafóricas. Note-se que não se diz que o “Olho” “vê”, e somente que “percebe” a “Omnipresença”.

P. 2 – Então, é através desse “Olho” que recebemos tal percepção, sensação ou consciência?

R. 2 – Com toda a certeza através desse “Olho”. Mas é necessário possuir esse “Olho” antes de conseguir ver ou tornar-se um Dangma ou Vidente.

P. 3 – É de presumir que essa é a faculdade espiritual mais elevada?

R. 3 – Muito bem, mas onde estava nessa etapa o feliz possuidor dela? Não havia Dangma para aperceber a “Omnipresença” porque não havia homens.

P. 4 – Com referência à sloka 5, é dito que a causa da Luz foram as Trevas.

R. 4 – Também aqui a palavra *Trevas* deve ser lida num sentido metafórico. Mas são Trevas, sem nenhuma dúvida para o nosso intelecto, porque não podemos saber nada delas. Já disse que nem Trevas nem Luz devem usar-se no sentido de opostos, como no Mundo diferenciado. Trevas é um termo que dará lugar a confusões mínimas. Por exemplo, se tivesse usado o termo *Caos* facilmente seria confundido com a matéria caótica.

P. 5 – Supostamente, o termo Luz nunca foi aplicado para indicar a luz física?

R. 5 – Supostamente não. Aqui Luz é a primeira potencialidade despertando da sua condição *Laya* para transformar-se em potência. É o primeiro estremecimento na Matéria não diferenciada que se lança à objectividade desde um Plano onde começará a manifestação.

P. 6 – Mais adiante, em *A Doutrina Secreta*, diz-se que a Luz torna-se visível pelas Trevas, ou melhor ainda, que as Trevas existiam originalmente e que a Luz é o resultado de objectos que a reflectem, isto é, dos objectos do Mundo objectivo. Pois bem, se tomarmos um vaso com água e fazermos que seja atravessado por uma descarga eléctrica, a descarga será invisível a menos haja partículas opacas na água, vendo-se então clarões luminosos. Não é esta uma boa analogia?

R. 6 – É uma ilustração muito clara, creio.

P. 7 – Não é a Luz uma forma diferenciada de vibração?

R. 7 – Assim nos diz a Ciência, e o Som também é. Dessa maneira vimos que os sentidos são, de certo modo, intercambiáveis. Como explicaria você, por exemplo, que um clarividente em estado de transe possa ler uma carta [fechada], às vezes colocada na sua frente, [outras] na planta dos pés ou na boca do estômago?

P. 8 – É um sentido adicional?

R. 8 – De maneira alguma, trata-se simplesmente do sentido da visão poder intercambiar com o sentido do tacto.

P. 9 – Mas o sentido da percepção não é o começo do sexto sentido?

R. 9 – Isso é ir além do caso que estamos tratando, o do simples intercâmbio entre os sentidos do tacto e da visão. Tais clarividentes,

no entanto, não poderão dizer qual é o conteúdo de uma carta que não tenham visto nem tocado, porque isso requer a prática do sexto sentido, primeiro exercitando os sentidos no Plano Físico e depois exercitando um sentido num Plano Superior.

P. 10 – Segundo a Fisiologia, parece muito provável que todos os sentidos podem ser resolvidos pelo sentido do tacto, que se poderia chamar o sentido coordenador. Chegou-se a esta dedução a partir de investigações embriológicas, as quais mostraram que o tacto é o primeiro e fundamental sentido e que os demais evoluíram dele. Todos os sentidos, portanto, são formas de tacto altamente especializadas ou diferenciadas.

R. 10 – Esse não é o ponto de vista da Filosofia Oriental. No *Anu-Gita*, lemos uma conversa entre *Brahman* e a sua Esposa a respeito dos sentidos dizendo que são sete, sendo os outros dois, segundo o Sr. Trimbak Telang conforme a tradução do Professor Max Muller, “mente e compreensão”. Mas estes termos não transmitem o significado correcto que se lhes dá em sânscrito. Pois bem, de acordo com os hindus o primeiro sentido está relacionado com o som. Este dificilmente pode ser o tacto.

P. 11 – Será mais provável que se aluda à sensibilidade ou a algum meio sensível?

R. 11 – Na Filosofia Oriental, sem dúvida que se manifesta primeiro o sentido do som e depois o sentido da visão, convertendo-se os sons em cores. Os claridentes podem ver os sons e detectar cada nota e modulação muito mais distintamente que através do comum sentido do som ou ouvido.

P. 12 – Então, o som é percebido como um tipo de movimento rítmico?

R. 12 – Sim, e essas vibrações podem ser vistas a maior distância das que podem ser ouvidas.

P. 13 – Mas supondo que o ouvido físico deixe de ouvir e uma pessoa perceba os sons de maneira claridente, esta sensação não se poderá traduzir também em clauriaudiência?

R. 13 – Certamente em certo é possível um sentido fundir-se no outro. Desse modo, também os sons podem traduzir-se em gosto. Há sons que soam muito “ácidos” na boca de alguns sensitivos, enquanto

outros geram um gosto a “doce”. Com efeito, toda a escala dos sentidos é susceptível de correlação.

P. 14 – Então, deve haver a mesma extensão para o sentido do olfacto?

R. 14 – É muito natural, como já demonstrámos anteriormente. Os sentidos são intercambiáveis uma vez que admitimos a sua correlação. Além disso, todos podem ser modificados ou intensificados de maneira muito considerável. Agora você entenderá a referência nos *Vedas* e nos *Upanishads* onde é dito que os sons são percebidos.

P. 15 – No último número do *Harper's Magazine* apareceu a história curiosa de uma tribo que vive nos Mares do Sul que virtualmente terá perdido o costume de falar e de conversar. No entanto, parecem compreender-se mutuamente sabendo simplesmente o que cada um dos demais pensa.

R. 15 – Tal “Palácio da Verdade” dificilmente se adaptaria à nossa sociedade moderna. No entanto, diz-se que foi justamente por tais meios que as primeiras raças comunicaram umas com as outras, tomando o pensamento forma objectiva antes da fala se desenvolver em linguagens faladas distintas. Se foi assim, então deve ter havido um período no qual toda a Humanidade era composta de sensitivos e clarividentes.

IV

[Reunião realizada no N.º 17 de Lansdowne Road, Londres, W., em 31 de Janeiro de 1889, com a presidência do Sr. T. B. Harbottle]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

(Continuação)

ESTÂNCIA I

P. 1 – Com referência à sloka (6) onde se fala dos “Sete Senhores”, posto ser possível surgir uma confusão com respeito à aplicação correcta dos termos, qual é a diferença entre Dhyan-Choans, Espíritos Planetários, Construtores e Dhyanis-Budhas?

R. 1 – Posto que seriam necessários dois volumes adicionais de *A Doutrina Secreta* para explicar todas as Hierarquias, omitiu-se por isso das Estâncias e dos Comentários muito do que está relacionado com elas. No entanto, pode tentar-se uma definição abreviada. Dhyan-Choan é um nome genérico para todos os Devas ou Seres Celestiais. Um Espírito Planetário é o Governador de um Planeta, uma espécie de Deus finito ou pessoal. Sem dúvida que existe uma diferença marcada em os Governadores dos Planetas Sagrados e os Governadores de uma “pequena” Cadeia de Mundos como a nossa. Não há qualquer objecção séria em dizer que a Terra tem seis companheiros invisíveis em quatro Planos diferentes, como qualquer outro planeta, havendo diferença vital entre eles em muitos aspectos. Digam o que disserem, a nossa Terra nunca foi contada entre os sete planetas sagrados da Antiguidade, apesar de na Astrologia exotérica popular ter sido dada com substituta de um planeta sagrado agora perdido da vista dos astrónomos e, no entanto, bem conhecido dos Iniciados especialistas. Tampouco o Sol e a Lua figuravam nesse número, apesar de actualmente serem aceites pela Astrologia moderna, porque o Sol é uma Estrela Central e a Lua um planeta morto.

P. 2 – Nenhum dos seis Globos da Cadeia Terrestre foi contado entre os planetas sagrados?

R. 2 – Nenhum. Esses últimos foram todos planetas no nosso Plano, tendo alguns deles sido descobertos mais tarde.

P. 3 – Pode dizer-nos algo acerca dos planetas que o Sol e a Lua substituíram?

R. 3 – Não há nenhum segredo nisso, apesar da nossa Astrologia moderna desconhecer esses planetas. Um é um planeta intra-mercurial, que se supõe ter sido descoberto dando-se-lhe antecipadamente o nome de Vulcano, e o outro é um planeta com um movimento retrógrado, às vezes visível a certas horas da noite aparentemente nas cercanias da Lua. A influência oculta desse planeta é transmitida pela Lua.

P. 4 – O que é que fez considerar sagrados ou secretos a esses planetas?

R. 4 – A sua influência oculta, até onde eu sei.

P. 5 – Então, os Espíritos Planetários dos Sete Planetas Sagrados pertencem a uma Hierarquia diferente daquela da Terra?

R. 5 – Evidentemente, posto que o Espírito da Terra não é de um grau muito elevado. Deve lembrar-se que o Espírito Planetário não tem nada a ver com o Homem Espiritual, mas sim com as coisas materiais e os Seres Cósmicos. Os Deuses governantes da nossa Terra são Goverdores Cósmicos, ou seja, são eles quem dão a forma e estrutura à Matéria Cósmica, razão por que foram chamados Cosmocratores. Nunca tiveram algo a ver com o Espírito; os Dhyanis-Budhas, que pertencem a uma Hierarquia totalmente diferente, estão especialmente com o Espírito.

P. 6 – Portanto, na realidade esses sete Espíritos Planetários nada têm a ver com a nossa Terra excepto ocasionalmente?

R. 6 – Pelo contrário, os *Planetários* – que não são os Dhyanis-Budhas – têm tudo a ver com a Terra, física e moralmente. São eles quem governam o seu destino e a sorte dos homens, são os Agentes Kármicos.

P. 7 – Têm algo a ver com o quinto Princípio, o Manas Superior?

R. 7 – Não, eles nada têm a ver com os três Princípios Superio-

res, apesar de terem algo a ver com o quarto. Recapitulemos então: *Dhyān-Choan* é um nome genérico para todos os Seres Celestiais. Os *Dhyānis-Budhas* têm a ver com a Tríade Superior Humana de uma forma misteriosa que não cabe explicar aqui. Os *Construtores* são uma classe chamada, como já expliquei, de Cosmocratores, ou os invisíveis porém inteligentes Maçons que medelam a Matéria de acordo com o plano ideal, por eles preparado nos que chamamos Ideação Divina e Cósmica. Os primeiros maçons chamaram-lhes o *Grande Arquitecto do Universo* colectivamente, mas agora os modernos maçons fazem do seu G.A.D.U. uma Deidade pessoal e singular.

P. 8 – Não são eles também Espíritos Planetários?

R. 8 – Num sentido são, posto que a Terra também é um planeta apesar de uma ordem inferior.

P. 9 – Eles actuam sob a direcção do Espírito Planetário Terrestre?

R. 9 – Acabo de dizer que eles próprios são colectivamente esse Espírito. Gostaria que compreendessem que não são uma Entidade, uma espécie de Deusn pessoal, e sim Forças da Natureza actuando sob uma Lei imutável, acerca de cuja natureza certamente é inútil para nós especular.

P. 10 – Mas não são os Construtores do Universo, os Construtores de Sistemas, sendo igualmente os Construtores da nossa Terra?

R. 10 – Seguramente são.

P. 11 – Então, os Construtores Terrestres são um “Espírito Planetário” como tudo neles, sendo somente de uma classe inferior.

R. 11 – Eu diria que certamente é assim.

P. 12 – São inferiores de acordo com o tamanho do planeta ou são inferiores em qualidade?

R. 12 – Diz-se que por essa última. Observe que os antigos não tinham o nosso moderno conceito, especialmente o teológico, que faz desta nossa partícula de barro algo inefavelmente maior que qualquer outra das estrelas e planetas que conhecemos. Se, por exemplo, a Filosofia Esotérica ensina que o *Espírito* (de novo colectivamente) de Júpiter é muito superior ao Espírito Terrestre, não é devido a Júpiter ser muitíssimas vezes maior que a nossa Terra, mas sim porque a sua

substância e textura são muito mais subtis e superiores às da Terra. E é em proporção a esta qualidade que as Hierarquias dos respectivos *Construtores Planetários* se relectem e actuam sobre as ideações que encontram para eles planeadas na Consciência Universal, o verdadeiro Grande Arquitecto do Universo.

P. 13 – A Alma do Mundo ou *Anima Mundi*?

R. 13 – Chame-a assim, se quiser. É o Antítipo dessas Hierarquias que são as suas classes diferenciadas. O único e impessoal Grande Arquitecto do Universo é *Mahat*, a Mente Universal. E *Mahat* é um símbolo, uma abstracção que assume um aspecto brumoso quando toma forma de entidade em todas as concepções materializantes do Homem.

P. 14 – Qual é a verdadeira diferença entre os Dhyanis-Budhas nos conceitos ortodoxo e esotérico?

R. 14 – Filosoficamente, há uma diferença muito grande. Eles, como Devas Superiores, são chamados pelos budistas de Bodhisattvas. Exotericamente são cinco em número, enquanto que nas Escolas Esotéricas são sete, não sendo simples Entidades e sim Hierarquias. Em *A Doutrina Secreta* declara-se que já vieram cinco Budhas e que haverão de vir mais dois nas sexta e sétima Raças. Exotericamente o seu Chefe é Vajrasattva, a “Inteligência Suprema” ou “Budha Supremo”, mas mais transcendente ainda é Vajradhra, tal como Parabrahman transcende a Brahman ou Mahat. Deste modo, os significados exotérico e oculto dos Dhyanis-Budhas são totalmente diferentes. Exotericamente, cada um é uma trindade, três em um, manifestando-se os três simultaneamente nos três Mundos, quer como Budha Humano sobre a Terra, quer como Dhyani-Budha no Mundo das Formas Astrais, e quer como Arrupa ou “Sem Forma”, como Budha no Reino Nirvânico mais elevado. Portanto, para um Budha Humano, uma encarnação de um desses Dhyanis, a permanência sobre esta Terra está limitada de sete em sete mil anos em vários corpos, posto que como homem está sujeito às condições normais, acidentes e morte. Na Filosofia Esotérica, por outro lado, isso significa que somente cinco dos *Sete Dhyanis-Budhas*, ou melhor, das Sete Hierarquias desses Dhyanis – que no misticismo budista são idênticos às Inteligências Superiores encarnantes, ou os Kumaras dos hindus – cinco apareceram até agora sobre a Terra numa sucessão regular de encarnações, devendo

vir as últimas duas durante as sexta e sétima Raças-Raízes. Isto é, uma vez mais, meio alegórico, porque as 6.^a e 7.^a Hierarquias já encarnaram nesta Terra juntamente com o resto.

Mas como alcançaram o assim chamado *Budhado* quase desde o começo da quarta Raça-Raiz, diz-se então que descansam numa consciente Bem-Aventura e Liberdade até ao início da sétima Ronda²¹⁶, quando guiarão a Humanidade como uma nova Raça de Budhas. Estes Dhyanis estão relacionados somente com a Humanidade e, estritamente falando, unicamente com os Princípios Superiores do Homem.

P. 15 – Os Dhyanis-Budhas e os Espíritos Planetários encarregados dos Globos entram em Pralaya quando os seus planetas entram nesse estado?

R. 15 – Somente no final da sétima Ronda e não entre Rondas, porque devem vigiar o funcionamento das leis durante esses Pralayas menores. Detalhes mais completos sobre este assunto já foram escritos no terceiro volume de *A Doutrina Secreta* ²¹⁷. Mas todas estas diferenças de facto são meramente funcionais, porque todos são aspectos da única e mesma Essência.

P. 16 – A Hierarquia de Dhyanis, cuja função é vigiar uma Ronda, vigiam durante o seu período de actividade toda uma série de Globos ou somente um Globo em particular?

R. 16 – Há os Dhyanis encarnados e os Dhyanis que vigiam. Falou-se das funções dos Dhyanis da primeira categoria, e os últimos parecem levar a cabo a sua tarefa da maneira seguinte, onde cada Classe ou Hierarquia corresponde a uma das Rondas: a primeira e mais inferior Hierarquia corresponde à primeira e menos desenvolvida Ronda, e assim por diante até à sétima Ronda, que está sob a supervisão da mais elevadas Hierarquias dos Sete Dhyanis. Por último, eles aparecerão sobre a Terra, como também o farão alguns dos Planetá-

²¹⁶ Queria dizer *Raça*, pois que só na teologia popular budista vale por Ronda. Talvez se deva a lapso na transcrição taquigráfica.

²¹⁷ Não se sabe actualmente que exista qualquer material sobre este assunto. O volume publicado em 1897 intitulado *A Doutrina Secreta – Volume III*, não contém nada que trate, nem remotamente, deste tema geral. A declaração de H.P.B. parece confirmar a crença de que havia outros manuscritos além dos publicados, permanecendo o seu destino final completamente indeterminado.

rios, porque toda a Humanidade se terá transformado em Bodhisattvas, em seus próprios *Filhos*, ou seja, *Filhos* do seu próprio Espírito ou Essência, ou de si mesmos. Deste modo, há somente uma diferença funcional entre os Dhyanis e os Planetários. Uns são inteiramente Divinos, outros são Siderais. Os primeiros são chamados somente *Anupadaka*, “os sem Pais”²¹⁸, porque saíram directamente de Aquilo que não é o Pai nem a Mãe e sim o Logos Imanifestado. Eles são, de facto, os aspectos espirituais dos Sete Logos, enquanto os Espíritos Planetários são na sua totalidade como as sete Sephiroths (sendo as três superiores abstracções super-cósmicas e cegas na Kaballah), constituindo o Homem Celestial ou Adam-Kadmon. Dhyani no Budismo é um nome genérico, uma abreviação para todos os deuses. No entanto, deve lembrar-se sempre que, sem dúvida, apesar de serem *deuses* não devem ser adorados.

P. 17 – E por que não se são deuses?

R. 17 – Porque a Filosofia Oriental rejeita a ideia de uma Divindade pessoal e extracósmica. E para os que chamam a isto ateísmo, quero dizer o seguinte: é ilógico adorar só um de tais deuses porque, como diz a Bíblia, “há muitos senhores e muitos deuses”. Portanto, se desejamos os desejamos adorar, ou elegemos a adoração de muitos deuses, cada não sendo melhor nem menos limitado que o outro, ou seja, o politeísmo e a idolatria, ou elegemos, como fizeram os israelitas entre eles, um deus tribal e racial, e apesar de acreditarem na existência de muitos deuses ignoram-nos e mostram desprezo por todos eles, considerando o seu o mais elevado como “Deus de todos os deuses”. Mas isso é logicamente insustentável, porque tal deus não pode ser infinito nem absoluto e sim finito, ou seja, limitado e condicionado pelo tempo e o espaço. Com o Pralaya o deus tribal desaparece, e Brahma com todos os outros Devas ou Deuses se fundem no Absoluto. Por esta razão os ocultistas não os adoram nem lhes oferecem preces, porque se fosse assim deveríamos adorar muitos deuses ou fazer preces ao Absoluto, o qual não tendo atributos, não pode ter ou-

²¹⁸ Este termo sânscrito aparece numa forma mal escrita em muitos lugares de todos os escritos de H.P.B., sendo a sua forma correcta *Anupapâdaka*, de *an*, “não”, *upa*, “de acordo a”, e a forma causativa da raiz verbal *pad*, “proceder”. Portanto, este termo significa “alguém que não procede de acordo com uma sucessão regular”, ou seja, “que nasceu por si mesmo ou sem pais”.

vidos para ouvir-nos. O que adora a muitos deuses necessariamente deve ser injusto para com todos os demais deuses, pois ainda que seja muito dilatada a sua adoração é-lhe simplesmente impossível a cada um de todos eles, e na sua ignorância, se eleger um em particular, de maneira alguma significará que seja o mais perfeito. Portanto, o melhor é lembrar que todo o homem tem um Deus dentro de si, um Raio directo do Absoluto, o Raio Celestial do Único, que tem o seu *Deus* dentro e não fora de si.

P. 18 – Existe algum nome que se possa aplicar à Hierarquia ou Espírito Planetário que vigia toda a Evolução do nosso próprio Globo, tal como Brahma, por exemplo?

R. 18 – Nenhum, excepto o nome genérico, posto que na verdade é um septenário e uma Hierarquia, a menos que lhe chamemos, como fazem alguns kabalistas, o “Espírito da Terra”.

P. 19 – É muito difícil memorizar todas essas infinitas hierarquias de deuses.

R. 19 – Não é mais difícil do que para um químico memorizar os intermináveis símbolos da Química, se for um especialista, ainda que só na Índia haja mais de 300 milhões de deuses e deusas. Os Manus e os Rishis também são Deuses Planetários, porque é dito que apareceram nos começos das Raças Humanas para vigiar a Evolução, consequentemente tendo descido sobre a Terra e encarnado para ensinar a Humanidade. São, então, os *Sapta Rishis*, os “Sete Rishis”, que exotericamente diz-se residirem na constelação da Ursa Maior. E há também Deuses Planetários.

P. 20 – São superiores a Brahma?

R. 20 – Depende do aspecto em que se enfoque Brahma. Na Filosofia Esotérica, Ele é a síntese dos sete Logos. Na teologia exotérica, é um aspecto de Vishnu para os vaishnavas e outros mais, enquanto na Trimurti, a Trindade hindu, Brahma é o principal Criador, sendo Vishnu o Preservador e Shiva o Destruidor. Na Kabballah, é certamente Adam-Kadmon, o Homem “Masculino-Feminino” do primeiro capítulo do *Génese*. Tal como os Manus procedem de Brahma e as Sephiroths provêm de Adam-Kadmon, também eles são sete e dez, segundo requeiram as circunstâncias. Mas agora devemos passar a outra sloka que você queria que fosse explicada.

Sloka (9): “MAS ONDE ESTAVA O DANGMA QUANDO A ALAYA DO UNIVERSO (Alma como base de tudo, *Anima Mundi*) ESTAVA EM PARAMARTHA (Absoluto Ser e Consciência, os quais são Absoluto Não-Ser e Inconsciência) E A GRANDE RODA ERA ANUPADAKA?”

P. 1 – *Alaya* significa aquilo que nunca se manifesta nem se dissolve, e deriva de *a*, a partícula negativa, e *laya*?

R. 1 – Sim, etimologicamente é assim. Não estou preparada para lhe responder, de uma ou outra maneira, o contrário, posto que *laya* é propriamente aquilo que não se manifesta, portanto significará, se é que significa algo, aquilo que é imanifestado.

Qualquer que seja a vivissecção etimológica da palavra, é simplesmente a “Alma do Mundo”, *Anima Mundi*. Isto é demonstrado pelas próprias palavras da sloka, que fala de Alaya estando em Paramartha, ou seja, o Absoluto Não-Ser e Inconsciência, sendo ao mesmo tempo Perfeição Absoluta ou a mesma Absolutividade. Esta palavra, sem dúvida, é o centro da discussão entre as Escolas Yogacharya e a Madhyamika do Budismo do Norte. A escolástica dessa última faz de Paramartha (Satya) algo dependente de, portanto, sujeita a outras coisas, por consequência afastando toda a filosofia metafísica da palavra “Absolutividade”. A outra Escola rejeita muito justamente essa interpretação.

P. 2 – A Filosofia Esotérica não ensina as mesmas doutrinas da Escola Yogacharya?

R. 2 – Não de todo. Mas sigamos adiante.

ESTÂNCIA II

Sloka (1): “... ONDE ESTAVAM OS CONSTRUTORES, OS BRILHANTES FILHOS DA AURORA DO MANVANTARA?... NAS TREVAS DESCONHECIDAS EM SEU AH-HI (Dhyan-Choânico, Búdrico) PARANISHPANA, OS PRODUTORES DA FORMA (Rupa) DERIVADA DA NÃO-FORMA (Arrupa) QUE É A RAIZ DO MUNDO. A DEVAMATRI (“Mãe dos Deuses”, *Aditi* ou Espaço Cósmico. No *Zohar* é chamada *Sephirah*, a Mãe dos Sephiroths e *Shekinah* na sua forma primordial *In abscôndito*) E SVABHAVAT REPOUSAVAM NA FELICIDADE DO NÃO-SER.”

P. 1 – “Os Luminosos Filhos do Amanhecer Manvantárico” são Espíritos humanos perfeitos do último Manvantara ou estão a caminho de ser humanos neste ou num Manvantara subsequente?

R. 1 – Neste caso, tratando-se de um Maha-Manvantara depois de um Maha-Pralaya, eles são esses últimos. São os Sete Raios Primordiais que por sua vez emanaram de outras Vidas luminosas e não luminosas, sejam elas Arcanjos, Demónios, homens ou macacos. Alguns já o foram e outros só agora se tornam seres humanos. Só depois da diferenciação dos Sete Raios e depois das Sete Forças da Natureza os terem consigo e trabalhado sobre eles, é que se transformaram em pedras angulares ou em desenhadas peças de argila. Portanto, tudo está nesses Sete Raios, mas é impossível dizer em qual deles nessa etapa, por ainda não se haverem diferenciado e individualizado.

P. 2 – Na seguinte passagem, comentário (a) desta sloka, diz-se:

“Os “Construtores”, os “Filhos da Aurora Manvantárica”, são os verdadeiros Criadores do Universo, e nesta doutrina, que se ocupa somente do nosso Sistema Planetário, eles, como Arquitectos do mesmo, são também chamadosos “Vigilantes” das Sete Esferas, que exotericamente são os Sete Planetas, e esotericamente também as Sete Terras ou Esferas (Planetas) da nossa Cadeia.”²¹⁹

Então, por Sistema Planetário indica-se o Sistema Solar ou a Cadeia à qual pertence a Terra?

R. 2 – Os Construtores são aqueles que constroem e amoldam as coisas a uma forma. O termo aplica-se igualmente aos Construtores do Universo e dos pequenos Globos como o da nossa Terra. Por Sistema Planetário entende-se somente o nosso Sistema Solar.

Sloka (2): “... ONDE ESTAVA O SILÊNCIO? ONDE ESTAVAM OS OUVIDOS PARA PERCEBÊ-LO? NÃO, NÃO HAVIA NEM SILÊNCIO NEM SOM...”

P. 1 – Com relação a essa passagem, comentário (a) da sloka (2):

²¹⁹ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 53.

“A ideia de que as coisas possam deixar de existir e, no entanto, ser, é fundamental na Psicologia Oriental. Sob essa aparente contradição dos termos, não deixa de ser um facto na Natureza e mais importante que discutir as palavras é compreendê-lo. Um exemplo familiar de paradoxo semelhante, é-nos dado pela combinação química. Tem-se o caso do hidrogénio e do oxigénio que deixam de existir quando se combinam para a formar a água e, todavia, não deixam de estar presentes...”²²⁰

Seria correcto dizer que o que percebemos é um “elemento” diferente da mesma substância? Por exemplo, quando uma substância encontra-se em estado gasoso poderá dizer-se que é o elemento Ar que se percebe, e que quando se combinam para formar água o oxigénio e o hidrogénio aparecem sob a forma do elemento Água, e que quando está em estado sólido, como gelo, percebemos então o elemento Terra?

R. 1 – Os ignorantes julgam tudo pela sua aparência e não pelo que as coisas são na realidade. Nesta Terra, é óbvio, a água é um elemento completamente distinto de qualquer outro, usando o termo no sentido das diferentes manifestações de um elemento. Os elementos fundamentais, Terra, Ar, Água e Fogo, são estados muitos mais compreensíveis de diferenciação. Sendo esse o caso, em Ocultismo a Transubstanciação se transforma numa possibilidade, observando que nada do que existe é na realidade o que se supõe que é.

P. 2 – Mas o oxigénio que usualmente se acha em estado gasoso, pode ser liquefeito e até solidificado. Então, quando o oxigénio se acha na condição de gás é o elemento Ar que se percebe, e quando se encontra em estado líquido é o elemento Água, e quanto em estado sólido é o elemento Terra?

R. 2 – Com toda a certeza, primeiro que tudo temos o elemento Fogo, não o fogo comum mas sim o Fogo dos Rosacruz medievais, a Chama Una, o Fogo da Vida. É na diferenciação que este Fogo toma vários aspectos. O Ocultismo soluciona facilmente o dilema de se o oxigénio e o hidrogénio deixam de existir ao formar a água. Nada que existe no Universo pode desaparecer dele. Então, quando esses dois gases se combinam para formar água estão *in abscondito*, mas não

²²⁰ A Doutrina Secreta, vol. I, pág. 54.

deixam de existir. Porque se se tivessem aniquilado, a Ciência, decompondo a água em oxigénio e hidrogénio novamente, teria criado algo fora do nada e, portanto, não teria discussões com a Teologia. Por conseguinte, a água é um elemento, se preferirmos chamá-lo assim, só neste Plano. Do mesmo modo, por sua vez o oxigénio e o hidrogénio podem dividir-se em elementos mais subtis, sendo todos diferenciações do Elemento Único ou Essência Universal.

P. 3 – Então, todas as substâncias deste Plano Físico são na realidade as muitas correlações e combinações destes elementos raízes e, em última instância, do Elemento Único?

R. 3 – Com toda a certeza. Em Ocultismo é sempre melhor proceder dos universais para os particulares.

P. 4 – Então, aparentemente toda a base do Ocultismo reside nisto: de que em todo o homem está latente um poder que pode outorgar-lhe o verdadeiro conhecimento, um poder para perceber a verdade, que o capacita a enfrentar o universal se enfrentar lógica e estritamente os factos. Assim, poderemos avançar dos universais para os particulares por meio dessa força espiritual inata que reside em todo o homem.

R. 4 – Justamente, esse poder é inerente a todos, mas está paralisado pelos nossos métodos educacionais, especialmente pelos métodos aristotético e baconiano. As hipóteses reinam agora triunfantes.

P. 5 – É curioso ler Schopenhauer e Hartmann e reparar como, passo a passo por meio de uma estrita lógica e puro conhecimento, chegaram às mesmas bases de pensamento adoptadas séculos antes na Índia, especialmente pelo sistema vedantino. Sem dúvida que se pode muito bem objectar que eles chegaram a isso pelo método indutivo. Mas no caso de Schopenhauer não terá sido assim, pois ele confessou que isso lhe surgiu como um clarão, e tendo assim obtido a ideia fundamental começou a trabalhar ordenando os factos, de modo que o leitor imaginasse ser na realidade uma ideia intuitiva, uma dedução lógica dos factos.

R. 5 – Isso não é somente certo para a filosofia de Schopenhauer como também para as grandes descobertas dos tempos modernos. Por exemplo, como Newton descobriu a lei da gravidade? Não foi pela simples queda de uma maçã, nem por uma elaborada série de experi-

ências. Tempo virá em que o método platónico não será tão completamente ignorado e os homens olharão com agrado os métodos educacionais que lhes permitam desenvolver essa que é a faculdade mais espiritual.

V

[Reunião realizada no N.º 17 de Lansdowne Road, Londres, W., em 14 de Fevereiro de 1889, com a presidência do Sr. W. Kingsland]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

(Continuação)

ESTÂNCIA II

Sloka (3): “A HORA AINDA NÃO HAVIA SOADO; O RAIOS AINDA NÃO HAVIA ACENDIDO O GÉRMEN; A MATRI-PADMA (a Mãe-Lótus) AINDA NÃO SE HAVIA DILATADO.”

“O raio das “Trevas Eternas” transforma-se, ao ser emitido, num raio de luz resplandecente ou vida, e penetra dentro do “gérmen”, o ponto no Ovo do Mundo, representado pela matéria no seu sentido abstracto.”²²¹

P. 1 – O ponto no Ovo do Mundo é o mesmo que o ponto dentro do círculo, o Logos Imanifestado?

R. 1 – Certamente não. O ponto dentro do círculo é o Logos Imanifestado, enquanto o Logos Manifestado é o triângulo. Pitágora fala da nunca manifestada Mónada que vive em solidão e trevas, e que quando soa a hora irradia de si mesma o *Um*, o primeiro número. Este número ao descer produz o Dois, o segundo número, e o Dois por sua vez gera o *Três*, formando um triângulo, a primeira figura geométrica completa no Mundo da Forma. É o triângulo ideal ou abstracto o ponto dentro do Ovo do Mundo, o qual depois da gestação, no terceiro movimento, sairá do Ovo para manifestar o Triângulo. Este é Brahma-Vach-Viraj na Filosofia Hindu, e Kether-Chokmah-Binah no *Zohar*. O Primeiro Logos Manifestado é a Potência, a Causa não revelada; o Segundo é o Pensamento ainda latente; o Terceiro o Demiurgo, a

²²¹ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 57.

Vontade activa, que evolui a partir do seu Eu Universal, o efeito activo que, por sua vez, se transforma em causa num Plano inferior.

P. 2 – O que são as Trevas Eternas no sentido usado aqui?

R. 2 – Suponho que Trevas Eternas significam Mistério Inconoscível, de facto mais além do Véu de Parabrahman. O Logos [Manifestado] só pode ver a Mulaprakriti, desconhecendo o que está além do Véu. Por isso são as “Sempre Desconhecidas Trevas”.

P. 3 – Em relação com o anterior, o que é o Raio?

R. 3 – Recapitularei. Temos o plano do círculo, sendo a sua superfície negra; o ponto dentro do círculo é potencialmente branco, e isto é para as nossas mentes a primeira concepção possível do Logos invisível. As *Trevas* são eternas, o Raio é periódico. Tendo emanado desse ponto central e feito estremecer o Gérmen, o Raio é novamente absorvido para dentro do ponto indo o Gérmen converter-se no Segundo Logos, o Triângulo dentro do Ovo do Mundo.

P. 4 – Quais são então as etapas da manifestação?

R. 4 – A primeira etapa é a aparição do ponto potencial dentro do círculo, o Logos Imanifestado. A segunda etapa é o projectar do Raio desde o ponto branco potencial, produzindo o primeiro ponto chamado no *Zohar* de *Kether* ou *Sephirah*. A terceira etapa é a produção desde *Kether* de *Chokmah* e *Binah*, constituindo deste modo o primeiro Triângulo que é o Terceiro Logos ou Logos Manifestado, em outras palavras, o Universo subjectivo e objectivo. Ademais, deste Logos Manifestado emanaram os Sete Raios, chamados no *Zohar* de Sete *Sephiroths* inferiores e no Ocultismo Oriental de Sete Raios Primordiais. Dali procedem as inumeráveis séries de Hierarquias.

P. 5 – O Triângulo mencionado aqui é aquele que você refere como o Gérmen no Ovo do Mundo?

R. 5 – Certamente. Mas você deve lembrar-se que há um Ovo Universal e um Ovo Solar (e outros), e que é necessário adaptar qualquer declaração com respeito a eles. O Ovo do Mundo é uma expressão da Forma Abstracta.

P. 6 – Pode dizer-se que a Forma Abstracta é a primeira manifestação do eterno Princípio Feminino?

R. 6 – É a primeira manifestação não do Princípio Feminino mas

do Raio que emana do ponto central, o qual é perfeitamente assexual. Não há um Princípio Feminino eterno, porque esse Raio produz aquilo que é a potencialidade dos dois sexos unidos, porém de modo algum masculino ou feminino. Esta diferenciação aparecerá somente quando se cai na Matéria, quando o Triângulo se transforma num Quadrado, a primeira *Tetraktys*.

P. 7 – Então, o Ovo do Mundo é tão assexual como o Raio?

R. 7 – O Ovo do Mundo é simplesmente a primeira etapa da manifestação, Matéria Primordial indiferenciada na qual o Gérmen Vital criador recebe o seu primeiro impulso espiritual – a Potencialidade transforma-se em Potência.

Só metaforicamente a Matéria é considerada Feminina, por ser receptiva aos raios do Sol que a fecundam indo gerar tudo o que cresce na sua superfície, vale dizer, neste que é o Plano inferior. Por outro lado, a Matéria Primordial deve ser considerada como Substância e de nenhum modo pode dizer-se que tenha sexo.

Em consequência, o Ovo, em qualquer Plano que se aponte, significa a Matéria sempre existente e indiferenciada, a qual, estritamente falando, não é Matéria em nada e sim, como lhe chamamos, Átomos. A Matéria é destrutível na forma, enquanto os Átomos são absolutamente indestrutíveis, sendo a quintessência da Substância. E aqui por Átomos quero significar as Unidades Divinas primordiais, e não os “átomos” da Ciência moderna. Similarmente, o *Gérmen* é uma expressão figurativa; o Gérmen reside em todas as partes, assim como o círculo cuja circunferência não está em nenhuma parte e cujo ponto encontra-se em todas as partes. Portanto, isto representa inteiramente o Gérmen, ou seja, a Natureza imanifestada, sendo o Todo o Poder Criador que a emanará, chamado Brahma pelos hindus apesar de em cada Plano ter um nome diferente.

P. 8 – A Matri-Padma é o Ovo eterno ou periódico?

R. 8 – É o Ovo eterno, só se tornará periódico quando o Raio do Primeiro Logos for projectado do Gérmen latente na Matri-Padma que é o Ovo, a Matriz do Universo que há de ser. Por analogia, o gérmen físico na célula feminina não se pode dizer que é eterno, apesar do espírito latente do gérmen, oculto na célula masculina por natureza, poder muito bem ser assim considerado.

Sloka (4): “O SEU CORAÇÃO AINDA NÃO SE HAVIA ABERTO PARA RECEBER O RAIOS ÚNICO, E DEPOIS CAIR, COMO TRÊS EM QUATRO, NO REGAÇO DE MAYA.”

“Mas quando “soa a hora” e se torna receptora da impressão fohática do Pensamento Divino (o Logos, o Aspecto Masculino da *Anima Mundi*, Maya), o “seu coração se abre”.²²²

P. 1 – Não corresponde a “impressão fohática do Pensamento Divino” a uma etapa ulterior da diferenciação?

R. 1 – Fohat, como Força ou Entidade distinta, é um desenvolvimento posterior. *Fohático* é um adjetivo e pode usar-se num sentido mais amplo; *Fohat*, como substantivo ou Entidade, surge de um atributo fohático do Logos. A Electricidade não pode ser gerada por aquilo que não contenha um princípio ou elemento eléctrico. O Princípio Divino é eterno, os deuses são periódicos. Fohat é a Shakti ou Força da Mente Divina; Brahma e Fohat são os dois aspectos da Mente Divina.

P. 2 – Não é a intenção dos Comentários a esta Estância transmitir algumas ideias do tema, falando das correspondências numa etapa de evolução posterior?

R. 2 – Exactamente. Declarou-se várias vezes que os Comentários no primeiro volume referem-se quase inteiramente à evolução do Sistema Solar, unicamente. A beleza e a sabedoria das Estâncias consiste em que podem ser interpretadas em sete níveis diferentes, o último reflectindo, pela lei universal da correspondência e analogia, no seu aspecto mais diferenciado, grosseiro e físico, os processos que têm lugar no Plano primário ou puramente espiritual. Devo estabelecer aqui, de uma vez para sempre, que as primeiras Estâncias tratam do despertar desde o Pralaya e não concernem só ao Sistema Solar, enquanto o segundo volume refere-se somente à nossa Terra.

P. 3 – Pode dizer qual é o verdadeiro significado da palavra Fohat?

R. 3 – A palavra é um composto turânio e são vários os seus significados. Na China, *Pho* ou *Fo* indica “alma animal”, o *Nephesh* vital ou alento de vida. Alguns dizem que deriva do sânscrito *Bhu*, que quer

²²² A Doutrina Secreta, vol. I, pág. 58.

dizer “existência”, ou melhor ainda, a “essência da existência”. Pois bem, *Swayambhu* quer dizer “Brahma e Homem” ao mesmo tempo.

Significa auto-existência e auto-existente, aquilo que é perpétuo, o eterno Alento. Se *Sat* é a potencialidade do Ser, *Pho* é a potência do Ser. Sem dúvida que o significado depende de onde se ponha o acento. Novamente Fohat está relacionado com Mahat. Reflecte na Mente Universal como síntese dos Sete ou das Inteligências dos Sete Construtores Criadores, os Cosmocratores, como lhes chamamos. Portanto, como vê na nossa Filosofia a Vida e a Electricidade são um. Diz-se que a Vida é Electricidade, e se assim é, então a Vida Una é a essência e raiz de todos os fenómenos eléctricos e magnéticos neste Plano manifestado.

P. 4 – É como Horus e outros “Deuses Solares” que dizem ter nascido de uma “Mãe Imaculada”?

R. 4 – No primeiro Plano de Diferenciação não há sexo, usando o termo por conveniência, senão que ambos os sexos existem potencialmente na Matéria Primordial. Matéria tem por raiz a palavra *Mãe* e, portanto, é feminina, mesmo existindo dois tipos de Matéria. A Matéria Indiferenciada, a Matéria Primordial não é fecundada por algum acto no espaço e no tempo, pois a fertilidade e a produtividade são-lhe inerentes. Portanto, aquilo que emana ou nasce por essa virtude inerente não nasce “de” e sim “através” dela. Em outras palavras, tal virtude ou qualidade é a causa única para que esse algo se manifeste através do seu veículo, pelo que no Plano Físico a Mãe-Matéria não é a causa activa e sim o meio passivo e instrumento de uma causa independente. Na doutrina cristã da Imaculada Conceção, uma materialização da concepção metafísica e espiritual, a Mãe é primeiro fecundada pelo Espírito Santo e o Filho nasce de e não através dela. “De” implica a existência de uma fonte limitada e condicionada da qual se surge, devendo o acto ter lugar no tempo e no espaço. “Através de” é aplicável à Eternidade e ao Infinito assim como ao Finito. O Grande Alento palpita através do Espaço que é ilimitado e existe em e não desde a Eternidade.

P. 5 – Como é que o Triângulo se converte em Quadrado e o Quadrado num Cubo de seis faces?

R. 5 – Na Geometria Oculta e Pitagórica diz-se que a Tétrade combina dentro de si mesma todos os materiais com os quais se pro-

duz o Cosmos. O Ponto ou Um estende-se uma Linha, o Dois; uma Linha até uma Superfície, o Três; e a Superfície, a Tríade ou Triângulo, converte-se num Sólido, a Tétrade ou Quatro, por meio do Ponto localizado sobre eles. Segundo a Kaballah, Kether ou Sephirah, o Ponto, emana Chokmah e Binah, que são sinónimas de Mahat nos *Puranas* hindus, e esta Tríade descendendo na Matéria produz o Tetragramaton, ou Tetraktys, como também a Tétrade inferior. Este número contém os números produtores e os produzidos. A Díade duplicada faz uma Tétrade, e a Tétrade duplicada forma uma Hebdómada²²³. Por outro ponto de vista, é o Espírito, a Vontade e o Intelecto quem anima os quatro Princípios inferiores.

P. 6 – Então, como é que o Quadrado se transforma no Cubo de seis faces?

R. 6 – O Quadrado converte-se em Cubo quando cada ponto do Triângulo se torna dual, masculino ou feminino. Os pitagóricos diziam: “Um vez Um, Dois vezes Dois, e aparece uma Tétrade tendo na sua cúspide a Unidade superior. Esta converte-se numa Pirâmide cuja base é uma Tétrade plana, e a Luz Divina que permanece nela forma o Cubo abstracto”. A superfície do Cubo é composta por seis quadrados, podendo desdobrar-se o Cubo em Cruz como o quatro vertical cruzado com o três horizontal, com o seis fazendo assim o sete, o dos sete princípios ou sete propriedades pitagóricas do Homem. Veja-se a excelente explicação disto oferecida no livro *A Origem das Medidas*, do Sr. J. R. Skinner. “Deste modo repete-se sobre a Terra o mistério verificado, segundo os videntes, no Plano Divino. O *Filho* da Virgem Celestial imaculada (ou o Prótalo Cósmico não diferenciado, a Matéria na sua infinitude) nasce de novo na Terra como Filho da Eva Terrestre, a nossa Mãe-Terra, e converte-se em Humanidade como um Todo (Passado, Presente e Futuro), pois Jehovah ou Jod-He-Vau-He é Andrógino, ou Masculino e Feminino. Em cima, o Filho é todo o *Cosmos*, e em baixo é a *Humanidade*. A Tríade ou Triângulo converte-se na *Tetraktys*, o número sagrado pitagórico, o Quadrado perfeito, e como Cubo de seis faces sobre a Terra. O *Macroprosopus* (a Grande Face) é agora o *Microprosopus* (a Pequena Face), ou como dizem os kabalistas,

²²³ Um Tétrade duplicada seria oito ou uma Ogdóada, enquanto que uma Hebdómada implicaria sete. Este poderá ser um erro tipográfico, a menos que implique algum outro significado. Deixamo-lo inalterado conforme o compilador da edição inglesa.

o *Ancião dos Dias* descendo sobre *Adam-Kadmon*, de quem se serve como seu veículo para manifestar-se, fica transformado no *Tetragramaton*. Fala-se agora no “Regaço de Maya”, a Grande Ilusão, e entre ele e a Realidade existe a Luz Astral, a Grande Receptora dos sentidos limitados do Homem, a menos que o Conhecimento por meio do *Paramarthasatya* acuda em seu auxílio”²²⁴.

Ou seja, o Logos converte-se no Tetragramaton e o Triângulo, ou o Três, converte-se em Quatro.

P. 7 – A Luz Astral é usada aqui no sentido de Maya?

R. 7 – Certamente. Mais adiante, em *A Doutrina Secreta*, explica-se que praticamente só há quatro Planos pertencentes às Cadeias Planetárias. Os três Planos Superiores são completamente Arrúpicos e absolutamente fora da nossa compreensão.

P. 8 – Então, a Tetraktys é totalmente diferente do Tetragramaton?

R. 8 – A Tetraktys pela qual juravam os pitagóricos não era o Tetragramaton, mas sim, pelo contrário, a Tetraktys mais elevada ou superior.

Nos primeiros capítulos do *Génesis*, temos uma chave para a descoberta desse Tetragramaton inferior. Encontramos ali Adão, Eva e Jehovah transformando-se em Caim. O ulterior desenvolvimento da Humanidade está simbolizado em Abel, como concepção humana do superior.

Abel é a *filha* e não o filho de Eva e simboliza a separação dos sexos, enquanto a morte da mesma Abel representa o matrimônio. A concepção mais humana encontra-se no final do quarto capítulo, quando se fala de Seth a quem havia nascido um filho, Enos, depois do qual os homens começaram a ser chamados *Jod-He-Vah*, significando “homens e mulheres” e não com o está traduzido no *Génesis*, que começaram a “invocar o Senhor”. O Tetragramaton, portanto, é simplesmente Malkuth, e só quando o Esposo desce à Esposa na Terra é que então aparece a Humanidade. Ele deve passar por todas as sete Sephiroths inferiores, tornando-se o Tetragramaton cada vez mais material. O Plano Astral encontra-se entre a Tetraktys e o Tetragramaton.

²²⁴ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 60.

P. 9 – A Tetraktys parece ser usada aqui em dois sentidos completamente diferentes.

R. 9 – A verdadeira Tetraktys dos pitagóricos era a da invisível Mónada, a qual produz o primeiro Ponto, o segundo e o terceiro e logo se retira para as Trevas e o Silêncio eternos. Em outras palavras, a Tetraktys é o Primeiro Logos. Tomado desde o Plano da Matéria é, entre outras coisas, o Quaternário Inferior, o Homem de carne ou de matéria.

VI

[Reunião realizada no N.º 17 de Lansdowne Road, Londres, W., em 17 de Fevereiro de 1889, sob a presidência do Sr. W. Kingsland]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

(Continuação)

ESTÂNCIA III

Sloka (1): “A ÚLTIMA VIBRAÇÃO DA SÉTIMA ETERNIDADE PALPITA ATRAVÉS DO INFINITO. A MÃE DILATA E SE EXPANDE DE DENTRO PARA FORA COMO O BOTÃO DO LÓTUS.”

“O uso do aparente paradoxo da expressão “Sétima Eternidade”, dividindo assim o indivisível, é santificado na Filosofia Esotérica. Esta divide a Duração sem limites em Tempo incondicionalmente eterno e universal (Kála) e em Tempo condicionado (Khandakála). O Uno é a abstracção ou nómeno do Tempo infinito; o outro, é fenómeno, aparecendo periodicamente como efeito de Mahat, a Inteligência Universal, limitada pela duração manvantárica.”²²⁵

P. 1 – O começo do Tempo, como distinto da Duração, corresponde à aparição do Logos Manifestado?

R. 1 – Certamente que isso não pode acontecer antes. Mas “a sétima vibração” aplica-se tanto ao Primeiro Logos como ao Logos Manifestado; o Primeiro fora do Tempo e do Espaço, e o Segundo quando começou o Tempo. Somente quando “a Mãe dilata” começa a diferenciação, porque quando o Primeiro Logos irradia através da Matéria Primordial não-diferenciada não há acção alguma no Caos. “A última vibração da Sétima Eternidade” é a primeira que anuncia o Ama-

²²⁵ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 62.

nhecer, sendo sinónima do Primeiro ou o Logos Imanifestado. Nesta etapa não há Tempo. Não há nem Espaço nem Tempo no começo, porém, tudo está no Tempo e no Espaço uma vez que se põe em marcha a diferenciação. No momento da Radiação Primordial, ou quando emana o Segundo Logos, essa Radiação é potencialmente Pai-Mãe, mas quando aparece o Terceiro Logos ou Logos Manifestado transforma-se em Virgem Mãe, encontrando-se “o Pai e o Filho” em todas as teogonias. Portanto, a expressão corresponde à aparição do Logos Imanifestado e do Manifestado, um no começo e outro no final da “Sétima Eternidade”.

P. 2 – Pode então falar do Tempo como existindo desde a aparição do Segundo Logos ou o Imanifestado-Manifestado?

R. 2 – Certamente que não, mas – posso dizer – desde a aparição do Terceiro. É aqui que há uma grande diferença entre os dois, como acabámos de demonstrar. A “última vibração” começa fora do Tempo e do Espaço e termina com o Terceiro Logos, quando começam o Tempo e o Espaço, vale dizer, o Tempo Periódico. O Segundo Logos participa da essência ou natureza do Primeiro e do Terceiro. Não há diferenciação com o Primeiro Logos, a diferenciação começa somente no latente Mundo do Pensamento com o Segundo Logos, e recebe a sua plena expressão, isto é, converte-se na *Palavra* feita Carne com o Terceiro.

P. 3 – Em que diferem os termos Radiação e Emissão em *A Doutrina Secreta*?

R. 3 – Na minha opinião, eles expressam duas ideias totalmente diferentes e são as melhores interpretações que se puderem encontrar para os termos originais, mas se lhes adjudicar o significado corrente irá perder-se a ideia. A *radiação* é, por assim dizer, um brotar inconsciente e espontâneo, a acção de algo a partir do qual procede o acto, mas a *emissão* é algo no qual se produz outra coisa num constante fluir, emanando conscientemente. Um ocultista ortodoxo vai mais longe e diz que o perfume de uma flor emana dela “conscientemente”, apesar disso parecer absurdo para um profano. A Radiação pode provir do Absoluto, mas não a Emissão. Uma das diferenças consiste na ideia de que seguramente, tarde ou cedo, a Radiação será reabsorvida, enquanto a Emissão leva a outras emissões e é completamente separada e diferenciada. Por certo no final do ciclo do Tempo

também a Emissão será reabsorvida no Uno Absoluto, mas até lá a emissão continua durante todo o ciclo de mudanças. Uma coisa emana da outra e, de facto, por certo ponto de vista, Emissão equivale a Evolução, enquanto Radiação, na minha opinião, representa (certamente num Período Pré-Cósmico) uma acção instantânea, como a de uma folha de papel incendiada por uma lupa, acto do qual o Sol nada sabe. Certamente usam-se os dois termos à falta de melhores.

P. 4 – Que se pretende indicar por protótipos na Luz Astral²²⁶?

R. 4 – A Luz Astral usa-se aqui numa frase conveniente para um termo muito pouco compreendido, ou seja: “O Reino de Akasha ou Luz Primordial manifestado desde a Ideação Divina”. Esta última deve aceitar-se, neste caso particular, como um termo genérico para a Mente Universal e Divina reflectida nas Águas do Espaço ou Caos, que são a verdadeira Luz Astral, e ao mesmo tempo é um espelho que reflecte e reverte um Plano Superior. No *Absoluto* ou Pensamento Divino tudo existe e nunca houve um tempo em que nada existisse, apesar da Ideação Divina estar limitada pelos Manvantaras Universais. O Reino do Akasha é o Espaço nomenal indiferenciado e abstracto que será ocupado por *Chidakasam*, o campo da Consciência Primordial. Sem dúvida possui vários graus na Filosofia Oculta, de facto, “os sete campos”. O primeiro é o campo da Consciência latente coeva da duração dos Primeiro e Segundo Logos imanifestados. É a “Luz que brilha nas Trevas e as Trevas não a compreenderam”, do Evangelho de São João. Quando soa a hora para que apareça o Terceiro Logos, então desde a Potencialidade latente irradia um campo inferior de Consciência diferenciada, a qual é Mahat ou toda a colectividade daqueles Dhyan-Choans de vida inteligente dos quais Fohat é o representante no Plano Objectivo, tal como os Manasaputras o são no Plano Subjectivo. A Luz Astral é aquilo que reflecte os três Planos mais elevados da Consciência e está sobre o mais inferior ou Plano Terrestre, portanto, não se estende além do quarto Plano onde, podemos dizer, começa o Akasha. Há uma grande diferença entre a Luz Astral e o Akasha, devemos lembrar. Esse último é eterno, e aquela é periódica. A Luz Astral muda não somente com os Maha-Manvantaras como também com cada Sub-Período e Ciclo Planetário ou Ronda.

²²⁶ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 63.

P. 5 – Então, os protótipos existem num Plano superior ao da Luz Astral?

R. 5 – Os protótipos ou ideias existem primeiro no Plano da Consciência Eterna e Divina e dali são reflectidos e revertidos na Luz Astral, a qual também reflecte no seu Plano individual inferior a vida da nossa Terra registando-a nas suas faixas. Por isso, a Luz Astral é chamada Ilusão, e é através dela que oportunamente obteremos os nossos protótipos. Em consequência, a menos que o clarividente ou *vidente* consiga transcender esse Plano de Ilusão, jamais conseguirá ver a Verdade e só se afogará num oceano de auto-ilusões e alucinações.

P. 6 – E o que é o verdadeiro Akasha?

R. 6 – O Akasha é a eterna Consciência Divina que não pode diferenciar-se, ter atributos ou actuar, pois a acção pertence ao que ela reflecte. O incondicionado e infinito não pode ter relação com o finito e condicionado. A Luz Astral é o Céu Médio dos gnósticos no qual está *Sophia Achamoth*, a Mãe dos Sete Construtores ou Espíritos da Terra, que não são necessariamente bons e entre os quais os mesmos gnósticos situaram *Jehovah* a quem chamaram *Ildabaoth* (*Sophia Achamoth* não deve ser confundida com a *Divina Sophia*). Com respeito a esses protótipos, podemos comparar o Akasha e a Luz Astral como o gérmen na bolota. Ademais, essa última contém em si mesma a forma astral da futura azinheira, ocultando o gérmen a partir do qual crescerá a árvore que conterà milhões de formas. Estas formas estão potencialmente encerradas na bolota, apesar de sem dúvida cada bolota em particular depender de circunstâncias estranhas, de forças físicas, etc.

P. 7 – Mas como produz isso as infinitas variedades do Reino Vegetal?

R. 7 – As diferentes variedades de plantas são os raios nos quais se decompõe o Raio Único. À medida que o Raio passa pelos sete Planos, decompõe-se em cada Plano em milhares de milhões de raios até chegar ao Mundo da Forma, com cada raio penetrando numa inteligência no seu próprio Plano. De maneira que vemos cada planta ter uma inteligência ou o seu próprio propósito de vida, por assim dizer, e até certo ponto o seu próprio livre-arbítrio. Pelo menos é assim que o entendo. Uma planta pode ser receptiva ou não, apesar de cada plan-

ta, sem excepção, sentir e ter uma consciência própria. Além disto, cada planta tem, desde a árvore gigantesca à mais diminuta folha de erva ou feto, como nos ensina o Ocultismo, uma entidade elemental da qual ela é o envoltório exterior neste Plano. Daí a razão dos Kabalistas e Rosacruz medievais terem falado sempre de Elementais. Segundo eles, todas as coisas possuem um espírito elemental.

P. 8 – Qual é a diferença entre um Elemental e um Dhyan-Choan ou um Dhyani-Budha?

R. 8 – A diferença é muito grande. Os Elementais pertencem somente aos quatro Elementos terrestres e só aos dois Reinos inferiores da Natureza (o Mineral e o Vegetal) nos quais se metalizam e ervanizam, por assim dizer. O termo hindu *deva* pode aplicar-se a eles, mas não o de Dhyan-Choan, pois aquele é possuído por uma espécie de Consciência Cósmica enquanto este é dotado de um Intelecto supersentitivo, estando cada qual em seu nível. Quanto aos Dhyanis-Budhas, eles pertencem às Inteligências Divinas mais elevadas (ou omniscientes), talvez correspondendo aos Arcanjos dos católicos romanos.

P. 9 – Há uma evolução dos tipos através dos vários Planos da Luz Astral?

R. 9 – Deve deduzi-la pelo exemplo da evolução da bolota. Desta crescerá uma azinheira e esta azinheira, como árvore, pode ter mil formas diferentes umas das outras. Todas essas formas estão contidas na bolota, apesar da forma que tomará a árvore depender de circunstâncias estranhas, sem dúvida o que Aristóteles chamou de “privação de matéria” por existir de antemão nas ondas astrais. Porém, o germen nomenal da azinheira existe mais além do Plano da Luz Astral, sendo somente a imagem subjectiva disso o que existe na Luz Astral, cujo desenvolvimento procede desde os Planos superiores até aos inferiores, até que neste Plano mais baixo tenha a sua derradeira consolidação e desenvolvimento na forma, nisto residindo a explicação do facto curioso da asseveração vedantina de cada planta ter o seu karma e o seu crescimento ser o resultado dele. Esse karma provém dos Dhyan-Choans Inferiores portadores do plano de crescimento da árvore.

P. 10 – Qual é o verdadeiro significado de Manvantara, ou melhor, de *Manu-Antara*?

R. 10 – Na realidade significa “entre dois Manus”, dos quais há catorze em cada *Dia de Brahma*, consistindo tal *Dia* em 1.000 agregados de quatro Idades ou de 1.000 “Grandes Idades”, ou *Maha-Yugas*. Quando analisamos a palavra *Manu*, observamos que os orientalistas declaram que ela provém da raiz *Man*, “pensar”, e daí o nome “Homem Pensador”. Mas esotericamente cada *Manu*, como um Padrão antropomorfizado do seu Ciclo particular ou Ronda, é tão-só a Ideia personificada do *Pensamento Divino* (como o hermético *Pymander*). Cada um dos Manus, portanto, é o Deus particular, o Criador e Formador de tudo o que aparece durante o seu próprio e respectivo Ciclo de Existência ou Manvantara.

P. 11 – O Manu é também uma unidade de consciência humana personificada ou é a individualização do Pensamento Divino com propósitos manvantáricos?

R. 11 – Ambas as coisas, posto que a Consciência Humana é um Raio da Divina. Figurativamente, o nosso Ego ou Manas procede de e é o Filho de Mahat. O Manu Vaivasvata (o Manu da nossa própria quinta Raça e da Humanidade em geral) é o Chefe e representante personificado da Humanidade pensante da quinta Raça-Raiz e, portanto, é representado como o Filho Maior do Sol e um Antecessor Agniswatta. Como *Manu* deriva de *Man*, “pensar”, a ideia fica clara. A acção do pensamento sobre os cérebros é infinita. Assim é o Manu, contém em si a potencialidade de todas as formas pensantes que se desenvolvem sobre a Terra desde essa particular fonte de origem. No ensinamento esotérico, Ele é o começo desta Terra e dele e da sua filha *Ila* nasceu a Humanidade, sendo Ele uma Unidade que contém todas as pluralidades e suas modificações. Deste modo, cada Manvantara tem o seu próprio Manu do qual saem os vários Manus, ou melhor, todos os Manasas dos Kalpas que se seguirão. Como analogia, Ele pode comparar-se à luz branca que contém todos os outros raios e dá-lhes nascimento, os quais depois passam pelo prisma da diferenciação e evolução. Mas isto pertence aos ensinamentos esotéricos e metafísicos.

P. 12 – É possível dizer que o Manu está relacionado com cada Manvantara como o Primeiro Logos o está com o Maha-Manvantara?

R. 12 – É possível dizer isso, se o quiser.

P. 13 – Pode dizer-se que o Manu é uma individualidade?

R. 13 – No sentido abstracto certamente não, mas é possível aplicar a analogia. O Manu é talvez a síntese dos Manasas e é uma só consciência, no mesmo sentido de apesar de todas as diferentes células que compõem o corpo humano serem diferentes e variadas, não deixa de haver a unidade de consciência que é o Homem. Mas esta unidade, por assim dizer, não é uma só consciência, é o reflexo de milhares de milhões de consciências que o Homem tem absorvido. Porém, na realidade o Manu não é uma individualidade, é a totalidade da Humanidade. Podemos dizer que *Manu* é o nome genérico dado aos Pitris, os Progenitores da Humanidade. Eles provêm, como o demonstrei, da Cadeia Lunar. Deram nascimento à Humanidade quando se converteram nos primeiros homens dando nascimento a outros como suas sombras, como seus eus astrais. Deles deriva não somente a Humanidade como também os animais e todas as criaturas. É neste sentido que os *Puranas* dizem que os Grandes Yoguis originaram um as serpentes, outro todas as aves, etc. Mas assim como a Lua recebe a sua luz do Sol, igualmente os descendentes dos Pitris Lunares recebem a sua luz Mental Superior do Único “Filho do Sol”. Acerca disto, todos vós sabeis que *Vaivasvata Manu* poderá ser um Avatara ou personificação de *Mahat*, encarregado pela Mente Universal de guiar e fazer progredir a Humanidade pensante.

P. 14 – Aprendemos que a Humanidade aperfeiçoada de uma Ronda se transforma em Dhyani-Budha dirigente do próximo Manvantara. Então, que relação tem o Manu com as Hostes dos Dhyanis-Budhas?

R. 14 – Não tem absolutamente nenhuma relação, de acordo com os ensinamentos esotéricos. Posso vos dizer que os Dhyanis-Budhas nada têm a ver com o trabalho prático inferior do Plano Terrestre. Usando uma ilustração, os Dhyanis-Budhas podem ser comparados a um Grande Regente em qualquer condição de vida, e suponha-se que se trata de limpar um lugar: o Grande Regente não tem nada a ver com o trabalho sujo da esfregona.

Os Dhyans mais elevados dão origem a Hierarquias de Dhyanis cada vez mais inferiores, mais consolidados e materiais até chegar a esta Cadeia de Planetas, sendo alguns dos últimos os Manus, os Pitris e Antepassados Lunares. Como disse no volume II de *A Doutrina Secreta*, esses Pitris têm a tarefa de dar origem ao Homem. Eles fazem-

no projectando as suas sombras, e é assim que a primeira Humanidade – se se pode chamar Humanidade – constitui-se das *chayas* astrais dos Antepassados Lunares, a partir das quais a Natureza constrói o corpo físico, que no início não tem forma. A segunda Raça tem cada vez mais forma e é assexuada. Na terceira Raça transforma-se em bissexual e hermafrodita, até que finalmente os sexos são separados e dá-se a propagação da Humanidade que se desenvolve de diversas maneiras.

P. 15 – Então, o que quer dizer com o termo *Manvantara* ou, como explicou, *Manu-Antara*, “entre dois Manus”?

R. 15 – Significa simplesmente um Período de Actividade e não se emprega em nenhum sentido limitado e definido. Tem-se de deduzir do contexto da obra que estão estudando qual é o significado de *Manvantara*, igualmente lembrando que o que é aplicável a um período menor aplica-se também a um maior, e inversamente.

P. 16 – A *Água* é usada aqui²²⁷ num sentido puramente simbólico ou tem a sua correspondência na evolução dos elementos?

R. 16 – É necessário ter o cuidado de não confundir os elementos universais com os elementos terrestres. Nem, repito, os elementos terrestres significam os que se conhecem como elementos químicos. Eu chamaria aos elementos cósmicos, universais, os nómenos dos elementos terrestres, e acrescentaria que “cósmico” não se limita ao nosso pequeno Sistema Solar. A *Água* é o primeiro elemento cósmico e os termos “trevas” e “caos” empregam-se para indicar o mesmo “elemento”. Há sete estados de matéria dos quais três são conhecidos da generalidade, como sejam o sólido, líquido e gasoso. É necessário considerar todo o cósmico e o terrestre como existindo em variações desses sete estados. Mas é impossível para mim falar em termos que são desconhecidos de vós e, portanto, impossíveis de compreender. Deste modo, a *Água*, o “cálido e húmido princípio” dos Filósofos, usa-se para indicar aquilo que ainda não é matéria sólida, ou melhor, aquilo que não possui a solidez da matéria, como nós a entendemos. Isto torna-se mais difícil com o uso do termo *Água*, como um subsequente elemento na série de Éter, Ar e Fogo. Mas o Éter contém em si todos os demais e todas as suas propriedades, e é este Éter o agente hipo-

²²⁷ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 64.

tético da Ciência Física, ademais sendo a forma mais inferior do Aka-sha, o único Agente e Elemento Universal. Portanto, a *Água* é usada aqui para indicar a matéria em seu estado pré-cósmico.

P. 17 – Que relação têm os elementos com os elementais?

R. 17 – A mesma relação que tem a Terra com o Homem. Assim como o Homem físico é a quintessência da Terra, a *Água*, o Fogo e o Ar, do mesmo modo um elemental (chamado Silfo, Salamandra, Ondina, etc.) é a quintessência de um elemento especial. Toda a diferenciação da substância e da matéria desenvolve um tipo de força inteligente, e era a isso que os Rosacruztes chamavam de elementais ou espíritos da Natureza. Cada um de nós pode ter um elemental que podemos criar por nós mesmos. Porém, este tipo de criação de elementais não tem existência fora da nossa própria imaginação. Será uma inteligência, uma força, boa ou má, mas sendo a sua forma e atributos da nossa própria autoria, assim como a inteligência dessa forma é igualmente derivada de nós.

P. 18 – O *Ovo Virgem* e o *Ovo Eterno* são a mesma coisa ou são diferentes etapas da diferenciação?

R. 18 – O *Ovo Eterno* é uma pré-diferenciação na condição Laya ou Zero, portanto, antes da diferenciação não pode ter atributos nem qualidades. O *Ovo Virgem* já tem qualidades e, portanto, é diferenciado, ainda que na sua essência seja o mesmo. Nenhuma coisa pode estar separada de outra em sua natureza essencial. Mas no mundo das ilusões, no mundo das formas, da diferenciação, tudo, nós incluídos, parece estar separado.

VII

[Reunião realizada em Lansdowne Road, 17, W., Londres, em 21 de Fevereiro de 1889, com a presidência do Sr. W. Kingsland]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

(Continuação)

ESTÂNCIA III

Sloka (2): “A VIBRAÇÃO PROPAGA-SE REPENTINAMENTE TOCANDO COM AS SUAS VELOZES ASAS (simultaneamente) AO UNIVERSO INTEIRO E AO GÉRMEN QUE MORA NAS TREVAS, TREVAS QUE ALENTAM (movem-se) SOBRE AS ADORMECIDAS ÁGUAS DA VIDA.”

P. 1 – Como devemos entender a expressão “a vibração toca ao Universo inteiro e também ao germen”?

R. 1 – Antes de tudo, devem definir-se os termos usados até onde nos seja possível, porque a linguagem empregada aqui é puramente figurativa. O Universo não significa o Cosmos ou Mundo das Formas, e sim o Espaço sem Forma, o futuro veículo do Universo que se manifestará. Esse Espaço é sinónimo de “Águas do Espaço” nas (para nós) Trevas Eternas, de facto, em Parabrahman. Em suma, toda a sloka refere-se ao *período* anterior a qualquer manifestação. Da mesma maneira, o Gérmem (o Gérmem são os eternos átomos indiferenciados da futura matéria) é uno com o Espaço, tão infinito quão indestrutível e tão eterno quanto o próprio Espaço. De um modo similar, a *Vibração* corresponde ao Ponto, ao Logos Imanifestado. É necessário acrescentar uma explicação importante. Empregando a linguagem figurada, como se fez em *A Doutrina Secreta*, as analogias e as comparações são muito frequentes. Como regra, a palavra *Trevas*, por exemplo, aplica-se só à Totalidade Desconhecida ou Abso-

luto. Em contraste com as Trevas Eternas, o Primeiro Logos é certamente Luz, e em contraste com o Segundo ou o Terceiro, o Logos Manifestado, o Primeiro é Trevas e os outros são Luz.

Sloka (3): “AS ‘TREVAS’ IRRADIAM LUZ, E A LUZ EMITE UM RAIOS SOLITÁRIO NAS ÁGUAS, DENTRO DO ABISMO MATERNO, E O RAIOS TRESPASSA O OVO VIRGEM; O RAIOS FEZ ESTREMECER O OVO ETERNO E DESPRENDER O GÉRME NO ETERNO (periódico) QUE SE CONDENSE NO OVO DO MUNDO.”

P. 1 – Por que se que “a Luz emite um Raio solitário dentro das Águas”, e como se representa esse Raio em relação com o Triângulo?

R. 1 – Ainda que neste Plano possam aparecer muitos raios, em última instância quando são retraídos na sua fonte original tornam-se uma unidade, como as sete cores prismáticas procedendo todas de e se retraindo no único raio branco. Da mesma maneira, este Raio solitário desdobra-se em sete Raios (com as suas inumeráveis subdivisões) somente no Plano da Ilusão. Representa-se relacionado com o Triângulo devido este ser a primeira figura geométrica perfeita. Como disse Pitágoras, e também se diz na Estância, o Raio (da Mônada Pitagórica) desce no “não-Lugar” (*Aloka*) e lança-se como uma estrela fugaz através dos Planos do não-Ser no primeiro Mundo do Ser, dando origem ao número Um. Logo se ramifica à direita e produz o número Dois. Distendendo-se novamente para formar a linha de base, produz o número Três, e daqui ascende de novo até ao número Um, onde finalmente desaparece penetrando os Reinos do não-Ser, como demonstrou Pitágoras.

P. 2 – Por que diz os ensinamentos pitagóricos encontram-se nas antigas filosofias da Índia?

R. 2 – Pitágoras recebeu os seus ensinamentos da Índia e vimos nos livros antigos que se fala dele como o *Yavanacharya*, ou o Instrutor Grego. Também vimos que o Triângulo é a primeira diferenciação, sem dúvida com todos os seus lados delineados pelo Raio Único.

P. 3 – O que é que realmente se pretende dizer com o termo “Plano do não-Ser”?

R. 3 – Quando se usa a frase “Planos do não-Ser” devemos lembrar que para nós esses Planos são somente Esferas do não-Ser,

mas para as Inteligências superiores a nós são Esferas do Ser e da Matéria. Os mais elevados Dhyan-Choans podem não ter nenhuma ideia do que existe nos Sistemas mais elevados, isto é, no segundo Plano do *Septenário* Cósmico, o qual para os Seres do sempre invisível Universo é inteiramente subjectivo.

Sloka (4): “ENTÃO OS TRÊS (o Triângulo) CAEM NOS QUATRO (o Quaternário). A RADIANTE ESSÊNCIA VEM A SER SETE INTERIORMENTE, SETE EXTERIORMENTE. O LUMINOSO OVO (*Hiranyagarbha*), QUE É TRÊS EM SI MESMO (as Três Hipóstases de Brahma ou Vishnu, os três *Avasthas*), COAGULA E SE ESPARGE EM COÁGULOS BRANCOS COMO O LEITE POR TODA A EXTENSÃO DAS PROFUNDIDADES DA MÃE, A RAIZ QUE CRESCE NOS ABISMOS DO OCEANO DE VIDA.”

P. 1 – É a “Radiante Essência” o mesmo que o “Luminoso Ovo”? O que é “a Raiz que cresce no Oceano de Vida”?

R. 1 – A Essência Radiante, o Luminoso ou Dourado Ovo de Brahma, ou novamente *Hiranyagarbha*, são idênticos. A Raiz que cresce no Oceano de Vida é a potencialidade que transforma em matéria objectiva diferenciada o Gérmem Universal, subjectivo, ubíquo e homogéneo, ou a Eterna Essência que contém em si a potencialidade da Natureza abstracta. O Oceano de Vida é, de acordo com um termo da Filosofia Vedanta, se não me engano, a “Vida Una”, *Paramatma*, quando se quer indicar a Alma Suprema, e *Jivatma*, quando falamos do “Alento de Vida” física ou animal, ou por assim dizer, da Alma diferenciada. Em poucas palavras, essa Vida é quem dá origem ao átomo e ao Universo, à molécula e ao Homem, ao Animal, à Planta e ao Mineral. “A Radiante Essência e coagula e expande através dos abismos do Espaço”. De um ponto de visto astronómico isso é fácil de explicar: trata-se da Via Láctea, do material do Mundo ou da Matéria Primordial em sua forma primitiva.

P. 2 – A Essência Radiante, a Via Láctea ou matéria do Mundo, resolve-se em átomos ou é não atômica?

R. 2 – É claro que no seu estado pré-cósmico não é atômica, se por átomos você se refere a moléculas, porque o átomo hipotético, um simples ponto matemático, não é material nem aplicável à matéria,

tampouco à substância. O verdadeiro átomo não existe no Plano material. Em Ocultismo, a definição de um ponto como tendo uma determinada posição, não deve ser tomada no sentido corrente de lugar, posto que o verdadeiro átomo está além do tempo e do espaço. A palavra *molecular* é na verdade somente aplicável ao nosso Globo e ao seu Plano, mas uma vez no seu interior, como igualmente nos demais Globos da nossa Cadeia Planetária, a matéria encontra-se numa condição totalmente diferente e não molecular. O átomo, no seu estado eterno, é invisível até para um Arcanjo, só se tornando visível para ele periodicamente, durante o Ciclo de Vida. A partícula ou molécula não existe senão periodicamente, por isso é considerada uma ilusão. A matéria do Mundo anima-se a si mesma através dos vários Planos, não se podendo dizer que se converte em estrelas ou se converte em moléculas até alcançar o Plano de existência do Universo visível ou objectivo.

P. 3 – Em Ocultismo, pode-se dizer que o éter é molecular?

R. 3 – Depende totalmente do que se pretende significar com o termo. Nos seus extractos inferiores, onde se funde com a Luz Astral, pode dizer-se que é molecular em seu próprio Plano, apesar de não para nós. Mas o éter do qual a Ciência suspeita a existência, é a manifestação mais densa do Akasha, embora no nosso Plano, para nós os mortais, seja o sétimo princípio da Luz Astral, três graus acima da “matéria radiante”. Quando penetra ou anima algo, poderá ser molecular, porque assume a forma desse último e os seus átomos animam as partículas desse algo. Talvez possamos dizer que matéria é “éter cristalizado”.

P. 4 – Mas o que é de facto um átomo?

R. 4 – Um átomo pode comparar-se – e isto é para o ocultista – ao sétimo princípio de um corpo, ou melhor ainda, de uma molécula. A molécula física ou química é composta por uma infinidade de moléculas mais finas, e estas, por sua vez, em inumeráveis moléculas ainda mais finas. Tome-se como exemplo uma molécula de ferro e se a reduza até transformá-la em algo não molecular, e então prontamente se transformará num dos seus sete princípios, ou seja, no seu princípio astral, sendo o sétimo deles o átomo. A analogia de uma molécula de ferro antes e depois de ser dissolvida, é a mesma de um corpo físico antes e depois da morte. Os princípios permanecem menos o

corpo. Claro que esta é Química Oculta, não Química Moderna.

P. 5 – Qual é o significado das frases alegóricas o “batido do oceano” e a “vaca da abundância” dos hindus, e que correspondência há entre elas e a “guerra no Céu”?

R. 5 – Um processo que começa no estado de não-Ser e termina ao cerrar o Maha-Pralaya, dificilmente pode explicar-se com poucas palavras ou ainda em volumes. É simplesmente uma representação alegórica das inteligências primárias invisíveis e desconhecidas, os átomos da Ciência Oculta, sendo o próprio Brahma chamado *Anu* ou o Átomo que modela e diferencia o Oceano sem Margens da radiante Essência Primordial. A relação entre o “batido do oceano” e a “guerra no Céu” é um tema muito vasto e complicado de tratar. Posso dizer que no seu aspecto simbólico mais ínfimo, essa “guerra no Céu” continua na eternidade. A diferenciação é o contraste buscando o equilíbrio dos contrários, e enquanto ela existir haverá “guerra” ou luta. Certamente que há diferentes etapas ou aspectos dessa “guerra” como, por exemplo, a astronômica e a física. Para todos e para tudo o que nasce num Manvantara, há “guerra no Céu” e também na Terra, tanto para os catorze Manus Sementes e Colheitas que presidem ao nosso Ciclo Manvantárico como para as incontáveis Forças, humanas e outras, que deles procedem. Há uma perpétua luta de ajuste, porque tudo tende a harmonizar-se e equilibrar-se, e de facto deve ser assim antes de puder assumir uma forma qualquer. Os elementos de que estamos formados, as partículas dos nossos corpos, estão em guerra contínua, um atropelando o outro e mudando a cada instante. Da parte dos Deuses, ao “batido do oceano” vieram os Nagas e alguns roubaram a Amrita, a “Água da Imortalidade”, e então surgiu a guerra entre os Deuses e os Assuras, os não-Deuses, e os Deuses foram vencidos. Isto refere-se à formação do Universo e à diferenciação da Matéria Primordial. Mas deve-se lembrar que esse é somente o aspecto cosmológico, que é um dos sete significados. A “guerra no Céu” é também uma referência imediata à evolução do princípio intelectual da Humanidade. Esta é uma lei metafísica.

P. 6 – Por que nas Estâncias se usam tanto os números e qual é o segredo por que são usados com tanta liberdade nas Escrituras mundiais, seja na Bíblia ou nos Puranas, e seja por Pitágoras ou pelos Sábios Ários?

R. 6 – Balzac, o inconsciente ocultista da literatura francesa, disse em alguma parte que “o número é para a mente o mesmo que é para a matéria: um agente incompreensível”. Mas eu replicaria: talvez seja assim para o profano, mas jamais para a mente de um Iniciado. O número é, como o grande escritor supôs, uma entidade, e ao mesmo tempo um alento (sopro) que emana daquele que ele chamou de Deus e nós chamamos de *Todo*, o Alento Único que pôde organizar o Cosmos físico, “onde nada obtém a sua forma senão por meio da Deidade, a qual tem por efeito o Número”²²⁸. “Deus geometriza”, disse Platão.

P. 7 – Em que sentido os números são entidades?

R. 7 – Quando se referem a entidades, quando os consideram simplesmente como dígitos. É claro que não são entidades, são somente signos simbólicos.

P. 8 – Por que se diz que “a Radiante Essência se transforma em sete dentro e sete exteriormente”?

R. 8 – Porque tem sete princípios no Plano do Manifestado e sete no do Imanifestado. Argumentem sempre pela analogia e apliquem o axioma oculto “como é em cima é em baixo”.

P. 9 – Mas, os Planos do *não-Ser* também são septenários?

R. 9 – Indubitavelmente. Aquilo a que *A Doutrina Secreta* se refere como os Planos não-manifestados, são Planos imanifestados ou Planos do não-Ser somente do ponto de vista do intelecto finito, mas para as Inteligências Superiores serão Planos manifestados, e assim mesmo até à infinitude, no que se mantém sempre a analogia.

²²⁸ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 66.

VIII

[Reunião realizada no N.º 17 de Lansdowne Road, W., Londres, em 28 de Fevereiro de 1889, com a presidência do Sr. W. Kingsland]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

(Continuação)

ESTÂNCIA III

Sloka (5): “A RAIZ PERMANECE, A LUZ PERMANECE, OS COÁGULOS PERMANECEM E, CONTUDO, OEAOHOO É UM.”

P. 1 – O quer significar com estes *permanecem*?

R. 1 – Significa simplesmente que qualquer que seja a pluralidade da manifestação, contudo, tudo é Uno. Em outras palavras, são os diferentes aspectos do Elemento Único, mas não significa que permaneçam sem diferenciação.

“Os coágulos são a primeira diferenciação, e provavelmente referem-se também àquela Matéria Cósmica que se supõe ser a origem da Via Láctea (a Matéria tal como a conhecemos). Essa ‘Matéria’, segundo a revelação recebida dos primitivos Dhyanis-Budhas, é, durante o sono periódico do Universo, da maior tenuidade que a visão do Bodhisattva Perfeito consegue aperceber. Tal Matéria, radiante e fria, ao primeiro movimento do despertar cósmico esparge através do Espaço, aparecendo, vista da Terra, como cachos em blocos, como coágulos de leite separados. Eles são as sementes dos mundos futuros, o material das estrelas.”²²⁹

P. 2 – É de supor que a Via Láctea se compõe de matéria num estado de diferenciação diferente daquele a que estamos familiarizados?

²²⁹ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 69.

R. 2 – Eu acredito inteiramente que seja assim. É o armazém dos materiais com que se fazem as estrelas, os planetas e demais corpos celestes. A matéria nesse estado não existe sobre a Terra, mas a que já está diferenciada e se encontra sobre a Terra também existe nos outros planetas, e vice-versa. Entendo, porém, que antes de chegar aos planetas, a partir da sua condição na Via Láctea, a matéria deve primeiro passar por muitas etapas de diferenciação. Por exemplo, a matéria dentro do Sistema Solar encontra-se num estado completamente diferente da que está fora ou mais além dele.

P. 3 – Existe uma diferença entre a Nebulosa e a Via Láctea?

R. 3 – A mesma, diria eu, que existe entre um caminho e as pedras e o barro que há nele. Deve haver, certamente, uma diferença entre a matéria da Via Láctea e a das várias Nebulosas, e por sua vez estas devem diferenciar-se entre si. Porém, nos vossos cálculos e medidas é necessário considerar que a luz por meio da qual se vêem os objectos é uma luz reflexa, e que a ilusão óptica causada pela atmosfera terrestre torna impossível os cálculos das distâncias serem absolutamente correctos, além do facto de alterar totalmente as observações da matéria de que são compostos os corpos celestes, posto serem propensas a impor-nos uma condição semelhante à da Terra. De todo o mudo, isto é o que nos ensinam os *Mestres*.

Sloka (6): “A RAIZ DA VIDA ESTAVA EM CADA GOTA DO OCEANO DA IMORTALIDADE (Amrita) E O OCEANO ERA LUZ RADIANTE, A QUAL ERA FOGO, CALOR E MOVIMENTO. AS TREVAS SE DESVANECERAM E DEIXARAM DE EXISTIR. DESAPARECEU NA SUA PRÓPRIA ESSÊNCIA O CORPO DE FOGO E ÁGUA DO PAI E MÃE.”

P. 1 – Quais são os vários significados do termo *Fogo* nos diferentes Planos do Cosmos?

R. 1 – O Fogo é o mais místico dos cinco elementos, e também o mais divino. Portanto, dar uma explicação dos seus vários significados somente no nosso Plano, deixando todos os outros Planos fora do assunto, seria demasiado árduo, além de que seria totalmente incompreensível para a vasta maioria. O Fogo é o Pai da Luz, a Luz é Pai do Calor e do Ar (Ar Vital). Se podemos referir-nos à Deidade Absoluta

como sendo Trevas ou o Obscuro Fogo, a Luz, a sua primeira progénie, é verdadeiramente o primeiro Deus Autoconsciente. Por que a Luz na sua raiz primordial não é senão a Divindade doadora de Vida iluminando o Mundo? Porque a Luz é aquilo que desde a abstracção transformou-se em realidade. Ninguém viu alguma vez a Luz verdadeira ou primordial, o que vemos são só os seus raios quebrados ou reflexos, tornando-se cada vez mais densos e menos luminosos à medida que nascem na forma e na matéria. O *Fogo*, portanto, é um termo que compreende o *Todo*. O Fogo é a invisível Deidade, o *Pai*, e a Luz que se manifesta é Deus *Filho*, e também o Sol. O Fogo no sentido oculto é Éter, e o Éter nasce do Movimento e o Movimento é o eterno obscuro e invisível Fogo. A Luz faz mover e controla toda a Natureza desde o mais elevado Éter primordial até às mais diminutas moléculas do Espaço. O *Movimento* é eterno *per se*, e no Cosmos manifestado é o Alfa e o Ómega daquilo que se chama electricidade, galvanismo, magnetismo, sensação (moral e física), pensamento e ainda vida neste Plano. Portanto, o Fogo no nosso Plano é simplesmente a manifestação do Movimento ou Vida. Os Rosacruz referiam-se a todos os fenómenos cósmicos como a “geometria animada”. Toda a função polar é somente uma repetição da “polaridade primária”, diziam os Filósofos do Fogo, porque o movimento gera calor e o éter em movimento é calor. Quando o movimento decresce, então gera-se o frio, porque “o frio é éter numa condição latente”. Assim, os principais estados da Natureza são três positivos e três negativos, sintetizados pela Luz primitiva. Os três estados negativos, são: 1) Trevas; 2) Frio; 3) Vazio. Os três positivos, são: 1) Luz (no nosso Plano); 2) Calor; 3) Toda a Natureza. Portanto, pode se dizer que o Fogo é a Unidade do Universo. O Fogo Cósmico puro (sem, por assim dizer, combustível) é a Deidade na sua universalidade, porque o Fogo Cósmico ou calor criador é [em] todo o átomo de matéria na Natureza manifestada. Não existe no Universo uma só coisa ou partícula que não contenha em si Fogo latente.

P. 2 – Então, pode-se considerar o Fogo como o primeiro Elemento?

R. 2 – Quando dizemos que o Fogo é o primeiro dos Elementos, ele é o primeiro só no Universo visível, como o fogo que comumente conhecemos. Mas nos Planos mais elevados do nosso Universo, como o Plano do Globo A ou G, num aspecto o Fogo é somente o quarto

Elemento. Os Ocultistas, os Rosacruzes da Idade Média e ainda os Kabalistas medievais, diziam que para a nossa percepção humana, e também para os “Anjos” mais elevados, a Deidade Universal é Trevas, e dessas Trevas o Logos emana os seguintes aspectos: 1) Peso (o Caos que logo se transforma em Éter no seu estado primordial); 2) Luz; 3) Calor; 4) Fogo.

P. 3 – Qual é a relação do Sol, a mais elevada forma de Fogo que reconhecemos, com o Fogo conforme explicou?

R. 3 – O Sol, tal como está no nosso Plano, não é ainda o Fogo *Solar*. O Sol que vemos não dá nada de si porque é um reflexo, um feixe de forças electromagnéticas, um entre as incontáveis miríades de “Nós de Fohat”. Fohat é chamado “o Fio da Luz primitiva”, em verdade, o “Fio do Novelo” de Ariadne no labirinto de matéria caótica. Esse fio passa através dos sete Planos atando-se em nós. Sendo cada Plano um septenário, portanto, há quarenta e nove (49) forças místicas e físicas, com os nós maiores formando estrelas, sóis e sistemas, os planetas, desde os mais recentes, etc.

P. 4 – Em que sentido o Sol é uma ilusão?

R. 4 – O nó electromagnético do nosso Sol não é tangível nem dimensional, nem ainda tão molecular como a electricidade que conhecemos. O Sol absorve, “psiquiza” e “vampiriza” os que dependem dele dentro do Sistema. Além disto, não dá nada de si mesmo. Portanto, é um absurdo dizer que os fogos solares estão se consumindo e se extinguindo gradualmente. O Sol tem somente uma função característica: dar o impulso vital a tudo que respira e vive sob a sua luz. O Sol é o coração palpitante do Sistema onde cada palpação é um impulso. Mas este coração é invisível, nenhum astrónomo jamais o verá. Aquilo que está oculto nesse coração e que percebemos e vemos como a sua aparente chama e fogos, para usar um símile, são os nervos que governam os músculos do Sistema Solar, ademais sendo nervos projectado para fora do corpo. Esse impulso não é mecânico e sim um impulso nervoso puramente espiritual.

P. 5 – Que relação tem o *peso*, no sentido que você usa, com a gravidade?

R. 5 – Por *peso* queremos significar a gravidade no sentido oculto de atracção e repulsão. É um dos atributos da diferenciação e é

uma propriedade universal. Por meio da atracção e da repulsão entre matérias em vários estados, é possível, na maioria dos casos, explicar (enquanto só a *lei da gravidade* não chega para o fazer) a relação que assumem as caudas dos cometas quando se acercam do Sol, vendo que actuam visivelmente de forma contrária a essa hipótese.

P. 6 – Nessa relação, qual é o significado de *Água*?

R. 6 – Posto que a *Água*, segundo o seu peso atómico, é composta de 1/9 parte de hidrogénio (um gás muito inflamável, como você sabe, não havendo nenhum corpo orgânico que não o contenha) e de 8/9 de oxigénio (que produz combustão quando se combina demasiado rapidamente com qualquer corpo), o que pode ela ser senão uma das expressões da Força Primordial ou Fogo numa forma latente ou fluida? O Fogo tem com a *Água* a mesma relação que o Espírito tem com a Matéria.

Sloka (7): “EIS AQUI, OH LANU, O RADIANTE FILHO DOS DO-IS, A GLÓRIA REFULGENTE SEM PAR, O ESPAÇO LUMINOSO, FILHO DO OBSCURO ESPAÇO, QUE SURGE DAS PROFUNDIDADES DAS GRANDES ÁGUAS OBSCURAS. ELE É OEAOHOO, O MAIS JOVEM, O * * * (a quem agora conheces como Kwan-Shai-Yin). ELE BRILHA COMO O SOL, É O RESPLANDECENTE DRAGÃO DIVINO DA SABEDORIA. O EKA (Um) É CHATUR (Quatro), E CHATUR TOMA PARA SI TRI (Três), E A UNIÃO PRODUZ O SAPTA (Sete) EM QUEM ESTÃO OS SETE QUE VÊM A SER OS TRIDASA (os três vezes dez), AS HOSTES E AS MULTIDÕES. CONTEMPLA-O LEVANTANDO VÉU, E DESDOBRANDO-O DE ORIENTE A OCIDENTE OCULTA O ACIMA E DEIXA VER O ABAIXO COMO A GRANDE ILUSÃO. ASSINALA OS LUGARES PARA OS RESPLANDECENTES (Estrelas) E CONVERTE O ACIMA (o Espaço) NUM MAR DE FOGO SEM MARGENS, E O UNO MANIFESTADO (como Elemento) NAS GRANDES ÁGUAS.”

Kwan-Shai-Yin e Kwan-Yin são sinónimos de Fogo e *Água*. As duas Deidades em sua manifestação primordial são a Díade ou Deus Dual de natureza bissexual, Purusha e Prakriti.

P. 1 – Quais são os termos que correspondem aos Três Logos entre as palavras Oeaoohoo, o mais Jovem, Kwan-Shai-Yin, Kwan-Yin,

Pai-Mãe, Fogo e Água, Espaço Radiante e Espaço Obscuro?

R. 1 – Cada um deve descobrir por si mesmo. “Kwan-Shai-Yin assinala o lugar dos Resplandecentes, as Estrelas, e converte o Espaço Superior num Mar de Fogo sem Margens, e a Uno manifestado nas Grande Águas”. Meditem nisto. O Fogo representa o Espírito oculto, a Água a sua progénie, ou humidade, ou os elementos criadores aqui sobre a Terra, na sua crosta exterior e internamente, como elementos evolucionantes ou criadores como os princípios mais internos. Mas os ilusionistas provavelmente diriam “mais acima”.

P. 2 – O que é o Véu que Oeaoohoo, o mais Jovem, levanta de Oriente a Ocidente?

R. 2 – É o véu da realidade. É a cortina que desaparece para mostrar ao espectador as ilusões no cenário da existência, a cena e os actores, numa palavra, o universo de *Maya*.

P. 3 – O que é o “Espaço Superior” e o “Mar de Fogo sem Margens”?

R. 3 – O “Espaço Superior” é o “Espaço Interno”, apesar de parecer paradójico porque na Infinitude não há acima nem abaixo, porém, os Planos seguem-se um após outro e solidificam-se de dentro para fora. De facto, é o Universo tal como aparece ao sair do seu estado Laya ou “Zero”, havendo uma expansão sem margens do Espírito ou “Mar de Fogo”.

P. 4 – As “Grandes Águas” são as mesmas sobre as quais se moviam as Trevas?

R. 4 – Nisso é incorrecto falar de “Trevas que se movem”, porque a Obscuridade Absoluta, ou o Eterno Desconhecido, não pode ser activa, e mover-se é acção. Inclusive no *Génese* é dito que as Trevas estavam sobre a superfície do Abismo, porém o que se movia sobre a superfície das águas era o “Espírito de Deus”. Esotericamente, isso significa que no começo, quando a Infinitude não tinha forma e o Caos ou Espaço exterior era ainda vazio, só havia Trevas (ou seja, *Kalahansa Parabrahman*). A seguir, com a primeira radiação do Amanhecer, o “Espírito de Deus” (depois de terem sido radiados o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Logos) ou *Narayana* começou a mover-se sobre a superfície das Grandes Águas do *Abismo*. Portanto, a pergunta para ser correcta e clara deveria ser: “As Grandes Águas são o mesmo que

as Trevas de que se fala”? Então, a resposta seria afirmativa. *Kalahamsa* tem um duplo significado: exotericamente é Brahma transformado no Cisne, a “Grande Ave”, o veículo pelo qual as Trevas se manifestam à compreensão humana como Luz neste Universo. Mas esotericamente é as próprias Trevas, o Incognoscível Absoluto que é a Fonte, primeiro da Radiação chamada de Primeiro Logos, depois do seu reflexo, o Amanhecer ou Segundo Logos, e finalmente de Brahma, a Luz manifestada ou Terceiro Logos²³⁰. Devemos lembrar que aparte esta ilusão de manifestação que chega à percepção dos nossos sentidos conforme a vimos, sentimos e imaginamos, na realidade é pura e simplesmente tudo quanto não ouvimos, não vimos, não saboreamos nem tocamos, é somente uma ilusão grosseira e nada mais.

P. 5 – Voltando a algo anterior, em que sentido se pode dizer que a electricidade é uma *entidade*?

R. 5 – Somente quando nos referimos a ela como Fohat, a sua Força Primordial. Na realidade há somente uma Força, que no Plano da Manifestação se nos apresenta em milhares de milhões de formas. Como se disse, tudo procede do único Fogo Primordial Universal, e a electricidade no nosso Plano é um dos aspectos mais incluídos desse Fogo. Tudo o contém e é electricidade, desde a urtiga que pica até ao raio que mata, desde a chispa na pedra ao sangue no corpo. Mas a electricidade que se vê, por exemplo, numa lâmpada eléctrica é coisa totalmente distinta de Fohat. A electricidade é a causa do movimento molecular no Universo físico, portanto, também aqui na Terra. É um dos “princípios” da matéria, e quando se provoca a alteração do equilíbrio transforma-se, por assim dizer, no elemento kâmico do objecto em que ocorre essa alteração. Portanto, Fohat, a Causa Primitiva desta Força nos seus milhões de aspectos, e como a soma total da Electricidade Cósmica Universal, é uma *entidade*.

²³⁰ Há nisto uma imprecisão podendo se dever ao tradutor ou ao taquigrafo. Em conformidade aos textos ancestrais védicos, pális, etc., de Svabhavat (a Substância Única) Parabrahma (o Logos Supremo) dá periodicamente à manifestação em Mulaprakriti (a Matéria Cósmica) as suas Três Avasthas, Hipóstases ou Logos formando a Trimurti (Trindade) Brahma, Vishnu e Shiva como Primeiro, Segundo e Terceiro Ishvaras (Logos), correspondendo no Cristianismo ao Pai, Filho e Espírito Santo, este o “Espírito de Deus” movendo-se sobre as Águas (Akáshicas) da Criação.

P. 6 – Mas o que pretende significar por meio desse termo? A electricidade também não é uma entidade?

R. 6 – Eu não lhe chamaria assim. A palavra *entidade* provém da raiz latina *ens* que significa “ser”, do verbo (infinito) “esse ser”, portanto, tudo o que não depende de outra coisa é uma *entidade*, desde um grão de areia até Deus. Mas no nosso caso, só Fohat é uma *entidade*, tendo a electricidade unicamente um significado relativo se for tomada no sentido científico usual.

P. 7 – A Electricidade Cósmica não é uma Filha de Fohat, e os seus “Sete Filhos” não são entidades?

R. 7 – Temo que não. Falando do Sol, podemos chamá-lo uma entidade, mas dificilmente diríamos que um raio de sol que deslumbra os nossos olhos seja também uma entidade. Os “Filhos de Fohat” são as várias Forças que têm em sua essência ou ser vida fohática, ou vida eléctrica cósmica com os seus vários efeitos. Um exemplo, esfreguem o âmbar – uma entidade fohática – e darão origem a um “filho” que atrairá a essência, e desse modo um objecto aparentemente inanimado e inorgânico manifesta vida! Ou então esfreguem uma urtiga entre o polegar e o indicador e também gerarão um “Filho de Fohat” em forma de borbulha. Nestes casos, pode se dizer que a borbulha é uma entidade, mas dificilmente se poderá dizer ser a atracção quem atrai a essência.

P. 8 – Então, Fohat é Electricidade Cósmica e o “Filho” também é Electricidade?

R. 8 – A electricidade é a obra de Fohat, mas Fohat não é electricidade, como acabo de dizer. De um ponto de vista oculto, os fenómenos eléctricos são constantemente produzidos por um estado anormal das moléculas de um objecto ou de corpos no espaço. A electricidade é vida e é morte, a primeira gerada pela harmonia, a segunda pela desarmonia. A electricidade vital está sob as mesmas leis da Electricidade Cósmica. A combinação de moléculas em novas formas e a produção de novas correlações e alterações do equilíbrio molecular, em geral é o trabalho de e que gera Fohat. O princípio, síntese ou a emanção dos Sete Logoi Cósmicos só é benéfica quando prevalece a harmonia.

Sloka (8): “ONDE ESTAVA O GÉRMEN E ONDE ESTAVAM ENTÃO AS TREVAS? E ONDE ESTÁ O ESPÍRITO DA CHAMA QUE

ARDE EM TUA LÂMPADA, ÓH LANU? O GÉRMEN É AQUILO, E AQUILO É A LUZ, O BRANCO FILHO RESPLANDECENTE DO OBS-CURO PAI OCULTO.”

P. 1 – O Espírito da Chama que arde em cada um de nós é o nosso Pai Celestial ou Eu Superior?

R. 1 – Nem um nem outro. A frase citada é somente uma analogia e refere-se à lâmpada verdadeira que se supõe estar usando o discípulo.

P. 2 – Os elementos são os corpos dos Dhyan-Choans, e o hidrogénio, o oxigénio, o ozono e o nitrogénio são os elementos primordiais neste Plano de matéria?

R. 2 – A resposta á primeira parte dessa pergunta encontra-a estudando o Simbolismo de *A Doutrina Secreta*. Com respeito aos quatro elementos nomeados, o caso é esse, mas lembrem-se de que num Plano superior até o éter volátil parecerá tão denso como o barro. Todos os Planos têm a sua própria densidade de substância ou matéria, as suas próprias cores, sons, dimensões de espaço, etc., que são de todo desconhecidas de nós neste Plano, e assim como na Terra temos seres intermédios, a formiga, por exemplo, uma espécie de entidade de transição entre dois Planos, igualmente no Plano superior ao nosso há criaturas dotadas de sentidos e faculdades desconhecidas dos habitantes desse Plano. Existe uma notável ilustração de Elihu Vedder aos *Quartetos* de Omar Khayan que sugere a ideia dos Nós de Fohat. Aparece na corrente representação japonesa, em pinturas e gravações, das nuvens correndo numa só linha de nós. É Fohat “o que faz os Nós” e, numa particular perspectiva, é a “Matéria do Mundo”.

P. 3 – Se a Via Láctea é uma manifestação dessa “Matéria do Mundo”, por que não se vê em todo o céu?

R. 3 – E por que não será a mais contraída e, portanto, a parte mais condensada a única que se vê? Esta se transforma em “nós” e passa pela etapa solar, as etapas cometária e planetária até finalmente converter-se num corpo morto ou Lua. Também há várias classes de Sóis. O Sol do Sistema Solar é um reflexo. No final do Manvantara Solar começará a ser cada vez menos radiante dando cada vez menos calor, devido a uma mudança no Sol verdadeiro do qual o Sol visível é o reflexo. Depois do Pralaya Solar o Sol actual, num Manvantara fu-

turo, se converterá num corpo cometário, mas não certamente durante a vida da nossa pequena Cadeia Planetária. O argumento tomado de uma análise do espectro solar não é sólido, porque não se leva em conta a passagem da luz através da poeira cósmica. Isto não significa dizer que não existe diferença real no espectro das estrelas, mas sim que a reconhecida presença de ferro ou sódio em qualquer estrela particular possa dever-se à modificação dos raios de tal estrela pela poeira cósmica da qual está rodeada a Terra.

P. 4 – Não diferirá o poder perceptivo da formiga acerca das cores, por exemplo, dos nossos poderes de percepção simplesmente por se dever a condições fisiológicas?

R. 4 – A formiga certamente pode apreciar os sons que nós captamos e também os sons que não ouvimos, sendo evidente que nisso a fisiologia nada tem a ver com a matéria. Nós e as formigas possuímos graus de percepção diferentes. Estamos numa escala superior de evolução mas, comparativamente falando, somos como as formigas em relação ao Plano superior.

P. 5 – Quando se gera electricidade esfregando o âmbar, há algo que corresponda a uma emanção dele?

R. 5 – Sim, há. A electricidade que está latente no âmbar existe em tudo o mais, e será captada se criarem-se condições apropriadas para a sua libertação. Há um erro que se comete comumente e que para a visão do ocultista não pode haver erro maior: o fazer-se a divisão entre o que chamais objectos animados e inanimados, como se sobre a Terra pudesse existir algo como um objecto perfeitamente inanimado! Na realidade, até aquele que chamais de homem morto está mais vivo do que nunca. Por determinado ponto de vista, a marca distintiva entre o que se chama orgânico e inorgânico é a função da nutrição, mas se não houvesse nutrição como poderiam sofrer mudanças os corpos chamados inorgânicos? Também os cristais sofrem um processo de acrescentamento, que para eles corresponde à função de nutrição. Na realidade, como nos ensina a Filosofia Oculta, tudo o que muda é orgânico, tem em si o princípio vital e tem todas as potencialidades das vidas superiores. Se, como dizemos, na Natureza tudo é um aspecto do Elemento Único e a Vida é universal, então é impossível existirem coisas tais como os átomos inorgânicos!

IX

[Reunião realizada no N.º 17 de Lansdowne Road, W., Londres, em 7 de Março de 1889, sob a presidência do Sr. W. Kingsland]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

(Continuação)

ESTÂNCIA III

Sloka (10): “O PAI-MÃE TECE UMA TELA, CUJO EXTREMO SUPERIOR ESTÁ UNIDO AO ESPÍRITO (Purusha), A LUZ DO OBS-CURIDADE ÚNICA, E O INFERIOR À MATÉRIA (Prakriti), A SUA (do Espírito) EXTREMIDADE DE SOMBRAS, E ESTA TELA É O UNIVER-SO TECIDO COM AS DUAS SUBSTÂNCIAS FEITAS UMA, QUE É SVABHÂVAT.”²³¹

P. 1 – “Espírito e Matéria são os extremos opostos da mesma Tela”, mas Luz e Trevas, Frio e Calor, Vazio ou Espaço e Plenitude de tudo o que existe, também são opostos. Em que sentido esses três pares de opostos estão associados ao Espírito e a Matéria?

R. 1 – No sentido em que tudo o que existe no Universo está associado seja com a Matéria ou com o Espírito, tomando-se como elemento predominante um dos dois ou ambos. A Matéria pura é Espírito puro, e isto não se pode compreender ainda mesmo admitindo-o com os nossos intelectos finitos. Nem a Luz e nem as Trevas, como efeitos ópticos, são Matéria, nem são Espírito, mas sim qualidades daquela (Matéria).

P. 2 – Qual é a relação do *Ether* com o Espírito e a Matéria?

R. 2 – Estabeleçam uma diferença entre *Aether* e *Ether*, sendo aquele divino e este físico e infernal. O *Ether* é o mais baixo na divisão

²³¹ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 83.

septenária do *Akasha-Pradhana*, a primordial Substância-Fogo. *Aether-Akasha* é o quinto e sexto princípios do Corpo do Cosmos, e portanto correspondem a *Budhi-Manas* no Homem; o *Ether* é o seu sedimento cósmico que se mescla com a capa inferior da Luz Astral. Tendo começado com a quinta Raiz-Raça, só atingirá a plenitude no começo da quinta Ronda. *Aether* é *Akasha* no seu aspecto mais elevado, e *Ether-Akasha* no inferior. Num sentido equivale ao Pai Criador, Zeus, *Pater Aether*, e noutro é equivalente à Serpente Tentadora Infernal, a Luz Astral dos kabalistas. Neste último caso, é Matéria completamente diferenciada, e no outro é só Matéria rudimentarmente diferenciada. Em outras palavras, o Espírito converte-se em Matéria objectiva, e a Matéria objectiva converte-se novamente em Espírito subjectivo quando escapa aos nossos sentidos metafísicos. O *Aether* tem com o Cosmos e a nossa pequena Terra a mesma relação que tem *Manas* com a Mónada e o Corpo. Portanto, o *Ether* não tem nada a ver com o Espírito e sim muitíssimo com a Matéria subjectiva e a nossa Terra.

P. 3 – “Brahma, como ‘Gérmem das Trevas desconhecidas’, é o material a partir do qual tudo evolui e desenvolve”. É um dos axiomas da lógica o facto de ser impossível para a mente acreditar em algo de que não entende nada. Pois bem, se esse “material” que é Brahma não tem forma, então não pode entrar em nenhuma mente a ideia respeitante a isso, porque a mente não pode conceber nada que não tenha forma. É só a “vestidura” ou manifestação sob a forma de “Deus” o que conseguimos perceber, e é só por meio disto que apreender algo. Portanto, qual é a primeira forma desse material que possa ser reconhecida pela consciência humana?

R. 3 – O seu axioma lógico aplica-se somente ao Manas Inferior e só pela percepção de Kama-Manas consegue arguir. Mas o Ocultismo ensina unicamente o que provém do conhecimento do Ego Superior ou Budhi-Manas. No entanto, tratarei de responder segundo as linhas que lhe são familiares. A primeira e única forma de matéria prima que a nossa consciência cerebral pode conhecer, é um círculo. Antes de tudo, treine o seu pensamento para uma compreensão profunda de um círculo limitado, e depois expanda-o gradualmente. Logo chegará a um ponto em que sem deixar de ser um círculo no pensamento se transformará em infinito e ilimitado para as suas percepções internas.

É a este círculo que chamamos Brahma, o Gérmen, Átomo ou Anu, um Átomo latante que compreende a Infinitude e a Eternidade sem limites durante o Pralaya, Átomo activo durante os Ciclos de Vida, porém, sem ter circunferência nem plano, somente uma ilimitada expansão. Portanto, o círculo é a primeira figura geométrica e o primeiro símbolo no Mundo Subjectivo, transformando-se em triângulo no Objectivo. O triângulo é a figura que se segue ao círculo. A primeira figura, o círculo com o ponto, na realidade não é uma figura, é simplesmente um gérmen primitivo, o primeiro que se pode imaginar no começo da diferenciação, concebendo-se o triângulo uma vez que a matéria tenha passado o Ponto Zero ou Laya. Diz-se que Brahma é um Átomo, isso devido a O imaginarmos como um ponto matemático que, sem dúvida, pode expandir-se na Absolutividade. Note-se bem: é o Gérmen Divino e não o átomo dos químicos. Mas cuidado com a ilusão da forma: uma vez que façam descer a vossa Deidade até à forma humana, limitam-na e condicionam-na e, reparem, terão criado um Deus antropomórfico.

Sloka (11): “SE EXPANDE (a Tela) QUANDO O SOPRO DE FOGO (o Pai) SE DISTENDE SOBRE ELA, E SE CONTRAI QUANDO O ALENTO DA MÃE (a Raiz da Matéria) A TOCA. ENTÃO OS FILHOS (os Elementos com os seus respectivos Poderes ou Inteligências) SE DESAGREGAM E DISPERSAM, PARA VOLTAR AO SEIO DA SUA MÃE NO FINAL DO “GRANDE DIA” E SEREM DE NOVO UNOS COM ELA. QUANDO ELA (a Tela) ESFRIA TORNA-SE RADIANTE, E OS SEUS FILHOS DILATAM-SE E CONTRAEM-SE DENTRO DE SI MESMOS E NOS SEUS CORAÇÕES; ELES ABARCAM O INFINITO.”²³²

P. 1 – A palavra “se expande” usa-se aqui no sentido de diferenciar-se ou desenvolver-se, e “se contrai” no de involuir, ou estes termos referem-se ao Manvantara e ao Pralaya, ou novamente a um constante movimento vibratório da matéria do mundo ou átomos? Esta expansão e contracção são simultâneas ou sucessivas?

R. 1 – A Tela é a Substância Primordial sempre existente (Espírito Puro para o nosso conceito), o material a partir do qual se desenvol-

²³² *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 83.

ve ou desenvolvem o Universo ou Universos objectivos. Quando o Alento de Fogo ou Pai está sobre ela, expande-se, vale dizer que como material subjectivo é ilimitado, eterno e indestrutível. Quando o Sopro da Mãe a toca, ou seja, quando chega a hora da manifestação e deve entrar na objectividade da forma, contrai-se, porque não existe uma coisa tal como uma forma material objectiva (que seja) ilimitada. Embora a proposição de Newton de que toda a partícula de matéria tem a propriedade de atrair outras partículas, esteja correcta no geral, e de que a tese de Leibniz de que todo o átomo é em si um universo e actua por meio da sua força inerente, também seja verdade, todavia ambas as proposições estão incompletas. Porque o Homem também é um átomo que possui atracção e repulsão, por ser o Microcosmos do Macrocosmos. Mas, seria também verdade dizer que devido à força e inteligência que estão nele move-se independentemente de qualquer outra unidade humana, ou que poderia actuar e mover-se se não houvesse uma força e uma inteligência maiores que as suas que lhe permitissem viver e agir nesse elemento superior de força e inteligência? Um dos objectivos de *A Doutrina Secreta* é provar que os movimentos planetários não são tomados em conta de maneira satisfatória pela lei da gravidade. Além da força que actua na matéria, também há uma força que actua sobre a matéria. Quando falamos das modificações de Espírito-Matéria (que na realidade é uma Força) e as chamamos por vários nomes, tais como calor e frio, luz e obscuridade, atracção e repulsão, electricidade e magnetismo, etc., para o ocultista esses são nomes fáceis que expressam a diferença na manifestação da mesma Força única (sempre dual na sua diferenciação), mas não a qualquer diferença específica de forças. Porque todas essas diferenças no Mundo objectivo resultam só das peculiaridades de diferenciação da matéria sobre a qual actua a única Força livre, nisso auxiliada por essa porção da sua essência a que chamamos Força aprisionada, ou moléculas materiais. O Obreiro Interior, a Força inerente, tende a unificar-se com o Pai sua Essência no exterior, e assim a Mãe actuando interiormente faz com que a Tela se contraia, enquanto o Pai actuando de fora faz com que se expanda. A Ciência chama a isto de gravitação, para os ocultistas é o trabalho da Força-Vida universal que irradia dessa Força Absoluta e Incognoscível que está além de todo o Espaço e Tempo. Esta é a terefa das eternas evolução e involução, ou da expansão e contracção.

P. 2 – Qual é o significado da frase “a Tela esfria” e quando acontece isso?

R. 2 – Evidentemente que ela esfria por si mesma e não por algo fora dela. Quando? Diz-se que isso começa quando a força encerrada e a inteligência inerente a todo o átomo, tanto de matéria diferenciada como da indiferenciada, chega a um ponto em que ambas se tornam obedientes a uma Força Inteligente Superior, cuja missão é a de as guiar e moldar. É a Força que chamamos de Divina Livre-Vontade (Livre-Arbítrio), representada pelos Dhyanis-Budhas. Quando as forças centrípeta e centrífuga da Vida e da Existência estão submetidas à única Força inominada, que traz ordem à desordem e estabelece a Harmonia no Caos, então começa a esfriar. É impossível dizer com exactidão quanto tempo demora esse processo cuja duração é desconhecida.

P. 3 – A forma é o resultado da interrelação das forças centrífuga e centrípeta na Matéria e na Natureza?

R. 3 – Diz-se que toda a forma é construída de acordo com o modelo desenhado para ela na Eternidade reflectido pela *Mente Divina*. Existem Hierarquias de “Construtores da Forma” e séries de graus de formas, desde a mais elevada à mais ínfima. Enquanto as mais elevadas são moldadas sob a direcção dos “Construtores”, os Deuses *Cosmocratores*, as outras dão a forma aos Elementais ou espíritos da Natureza. Como um exemplo disto, observem os estranhos insectos, alguns répteis e outras criaturas invertebradas que imitam quase exactamente as folhas, as flores, os roamos cobertos de ervas e outras coisas chamadas “inanimadas”, tanto na cor como também na forma. Devemos considerar a “selecção natural” e as explicações de Darwin como uma solução? Creio que não. A teoria da selecção natural não só é extremamente inadequada para explicar essa misteriosa faculdade de imitação no reino da existência, como também proporciona um conceito inteiramente falso da importância de tal faculdade imitativa como “uma arma potente na luta pela vida”. E se comprova que essa faculdade imitativa (coisa podendo fazer-se facilmente) é algo que não encaixa absolutamente no esquema de Darwin, e se demonstra que o seu uso, em relação com a chamada “sobrevivência do mais apto”, é uma especulação incapaz de suportar uma análise severa, então a que se pode atribuir a existência dessa faculdade? Todos vós tendes

visto insectos que copiam quase com a fidelidade de um espelho a cor, a forma exterior das plantas, das folhas, das flores, das partes dos raminhos mortos, etc., e se bem que esta não seja uma lei não deixa de ser uma frequente excepção. O que será então senão uma invisível inteligência fora do insecto capaz de copiar com tamanha exactidão até os maiores originais?

P. 4 – Mas o Sr. Wallace não demonstra que tal imitação tem o seu objectivo na Natureza? Que é precisamente isso que comprova a teoria da “selecção natural” e o instinto inato das criaturas mais débeis em procurar segurança tomando a aparência de certos objectos? Os insectos que não se alimentam de folhas e plantas, deixaram desse modo a salvo de ataque o insecto parecido com uma folha ou um musgo. Isto parece muito plausível.

R. 4 – Muito plausível com efeito, se além de factos negativos não houvesse uma positiva evidência que demonstra o inadequado da teoria da selecção natural para explicar o fenómeno da imitação. Para que um facto tenha sustentação deve demonstrar-se ter aplicação, se não universalmente pelo menos sob as mesmas condições. Por exemplo, a correspondência e identificação das cores entre os animais de uma mesma localidade, e só dessa região, seria uma manifestação geral. Mas o que podemos dizer do camelo cuja pele é da mesma cor “protectora” da planura onde vive, ou da zebra cujas franjas escuras intensas não a conseguem proteger nas planuras abertas da África do Sul, como admitiu o próprio Sr. Darwin? A Ciência assegura-nos que essa imitação da cor do solo encontra-se invariavelmente nos animais mais fracos e, no entanto, encontramos o leão (que não necessita temer inimigos mais fortes do que ele no deserto) cuja pele apenas se distingue das rochas nas planuras arenosas onde vive! Pedem-nos para acreditar que essa “imitação de cores protectoras é originada pelo uso e o benefício que oferece ao imitador” como “uma arma potente na luta pela vida” e, no entanto, a experiência diária mostra-nos totalmente o contrário. Portanto, aponta uma quantidade de animais nos quais as formas mais pronunciadas da faculdade imitativa (mimetização) são completamente inúteis, ou, pior ainda, prejudiciais e frequentemente autodestrutivas. Qual é o benefício, pergunto eu, da imitação da fala humana para a pega e o papagaio senão o de serem presos numa jaula? Que utilidade tem para o macaco a sua capacidade mími-

ca que traz tanta dor a muitos deles, por vezes provocando grandes lesões corporais e autodestruição? Ou a um rebanho de mansas ovelhas que seguem cegamente o seu guia, mesmo quando este cai num precipício? Esse desejo não reprimido (de imitar os seus guias) levou mais de um darwinista a proferir as mais incongruentes e absurdas declarações, ao procurar as provas para o seu passatempo favorito. Assim, o nosso amigo haeckeliano, o Sr. Grant Allen, na sua obra acerca do tema que se debate fala de certos lagartos indianos abençoados com três espécies diferentes de grandes parasitas. Cada um deles imita na perfeição a cor da parte do corpo onde vive: o parasita da barriga dessa criatura é amarelo como a barriga; o segundo parasita tendo escolhido o seu habitat nas costas, tem cores tão variadas como as lâminas (escamas) dorsais; por sua vez o terceiro parasita ao escolher viver na cabeça castanha do lagarto, quase não se distingue dele pela cor. Sobre essa cuidadosa imitação das respectivas cores, o Sr. Grant Allen disse que tem o propósito de proteger os parasitas do próprio lagarto. Mas seguramente esse esforçado campeão da selecção natural não tem a intenção de dizer ao seu público que o lagarto pode ver o parasita que está sobre a sua pobre cabeça! Por último, que utilidade tem a cor vermelha brilhante para o peixe que vive nos bancos de corais, ou para a diminuta ave do Paraíso, o colibri, a plumagem de matizes irisadas imitando as brilhantes cores da fauna e flora tropical, senão para se distinguirem mais?

P. 5 – A que causas o Ocultismo atribuiria essas faculdades de imitação?

R. 5 – A várias coisas. No caso de tais aves raras tropicais e dos insectos tipo folha, a causa atribuiu-se aos primeiros elos intermediários, no primeiro caso entre o lagarto e o colibri, e no segundo entre certas vegetações e esse tipo de insecto. Houve um tempo, faz milhões de anos, em que tais “elos perdidos” eram numerosos em cada ponto do Globo onde havia vida. Mas agora, com o passar de cada ciclo e geração, estão se tornando cada vez mais raros, e na actualidade só se encontram num número limitado de lugares onde tais elos são relíquias do Passado.

P. 6 – Poderia dar-nos alguma explicação, do ponto de vista oculto, do que se chama a *Lei da Gravidade*?

R. 6 – A Ciência insiste que entre os corpos a atracção é directa-

mente proporcional à massa e inversamente proporcional ao quadrado da distância. No entanto os ocultistas duvidam se esta lei se sustém com respeito à totalidade da rotação planetária. Consideremos a primeira e segunda lei de Kepler incluídas na lei de Newton segundo o que Herschel disse:

“... sob a influência de tal força de atracção que faz com que dois corpos esféricos se atraiam mutuamente, cada um deles, ao mover-se na vizinhança do outro, será desviado numa órbita côncava do outro e descreverá em redor dele uma órbita considerando-o como fixo, ou os dois em redor do seu centro de gravidade comum descreverão umas curvas limitadas a figuras conhecidas em Geometria com o nome genérico de ‘secções cónicas’. Isto dependerá... das circunstâncias particulares da velocidade, distância e direcção, onde cada uma dessas curvas descreverá uma elipse, um círculo, uma parábola ou uma hipérbole, onde pode ser uma ou outra...”²³³

A Ciência diz que os fenómenos do movimento planetário resultam da acção de duas forças, uma centrípeta e outra centrífuga, e que um corpo que cai no chão numa linha perpendicular à água parada, comporta-se assim devido à lei da gravidade ou força centrípeta. Dentre outras, podem-se expressar as seguintes objecções apresentadas por um douto ocultista:

1) Que o trajecto de um círculo é impossível no movimento planetário;

2) Que o argumento manifestado na terceira lei de Kepler, ou seja, de que “os quadrados dos tempos periódicos de dois planetas são proporcionais um ao outro como o cubo das suas distâncias médias do Sol”, dá origem ao curioso resultado de um equilíbrio permitido na excentricidade dos planetas. Mas ficando agora inalteradas as ditas forças, isso só pode acontecer, como ele disse, “pela interferência de uma causa estranha”.

3) Que o fenómeno da gravitação ou “queda” não existe, excepto como resultado de um conflito de forças. Pode-se considerar somente como uma força isolada ou separada pela análise mental. Ademais, afirma ele, os planetas, os átomos e as partículas de matéria não são

²³³ Sir John F. W. Herschel, *Um Tratado de Astronomia*, cap. VII, pp. 237-238, Nova Edição, Londres, 1851.

atraídos mutuamente seguindo a direcção de linhas rectas que unem os seus centros, e sim são forçados mutuamente em curvas de espirais que se fecham sobre os centros um do outro, e que também a maré não é resultado da atracção. Tudo isto, como ele demonstra, resulta do conflito entre as forças livres e as forças encadeadas, aparentemente em antagonismo mas na realidade em afinidade e harmonia.

“... reunindo Fohat algumas partículas de Matéria Cósmica (nebulosas), põe de novo (o corpo) em movimento dando-lhe um impulso, desenvolvendo o calor necessário, e depois abandona-o para que siga o seu próprio novo desenvolvimento.”²³⁴

P. 7 – Deve-se entender Fohat como sinónimo de Força ou daquilo que causa a manifestação da matéria mutável? Se é assim, como se pode dizer que Fohat “deixa-o seguir o seu próprio novo desenvolvimento”, quando todo o desenvolvimento depende da força interior?

R. 7 – Todo o desenvolvimento depende da força interior porque neste nosso Plano é somente essa força quem actua conscientemente. A Força Universal não se pode considerar como consciente, porque se converteria imediatamente num Deus pessoal. Só aquilo que está encerrado na forma, numa limitação de matéria, é consciente de si mesmo neste Plano. Não se pode que essa Força Livre ou Vontade, que é ilimitada e absoluto, actue com compreensão, apesar de ser só a única e imutável Lei da Vida e Existência (Ser). Por isso, fala-se de Fohat como o Poder Motor que sintetiza todas as forças vitais encadeadas e como meio entre a Força Absoluta e a Condicionada. É um elo, tal como Manas é o elo de ligação entre a matéria densa do Corpo Físico e a Divina Mónada que o anima, apesar de não ter poder para actuar directamente sobre a forma.

P. 8 – Se a Força é uma unidade ou o Uno, manifestando-se numa ilimitada variedade de maneiras, torna-se difícil compreender o que é dito no Comentário II, de que “existe calor interno e calor externo em cada átomo”, ou seja, “o calor latente e activo e o calor dinâmico e cinético”. O calor é o fenómeno de uma percepção da matéria que a Força conduz de uma maneira peculiar, portanto, o calor no Plano Físico é simplesmente matéria em movimento. Se existe calor num sentido mais interno e oculto que o calor físico, ele deve ser percebido por

²³⁴ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 84.

sentidos mais elevados e mais internos em virtude da sua actividade em qualquer Plano que se manifestem. Para essa percepção são necessárias três condições: uma força que actua, uma forma sobre a qual a força actua, e o que percebe a forma em movimento. Os termos “latente”, “potencial” e “dinâmico” são inaplicáveis ao calor, porque o calor, seja no primeiro ou no sétimo Plano de Consciência, é a percepção da matéria ou substância em movimento. A discrepância entre a declaração atrás mencionada e o ensinamento em *A Doutrina Secreta*, é aparente ou real?

R. 8 – Por que deverá ser o calor, em qualquer outro Plano que não o nosso, a percepção da matéria ou substância em movimento? Por que um ocultista deverá aceitar (1) a condição de uma força actuante, (2) uma forma sobre a qual actua a força, (3) aquilo que percebe a forma em movimento como condição de calor? À medida que se ascende nos Planos ascendem a heterogeneidade tende cada vez mais para a homogeneidade, pelo que no sétimo Plano a forma desaparece, não há nada sobre que actuar e só a Força permanece em solitária grandeza, para perceber-se somente a si mesma, ou, segundo a fraseologia de Spencer, será “o sujeito e o objecto, o percebedor e o percebido”, os dois juntos. Os termos usados não são contraditórios, são símbolos tomados da Ciência Física para aclarar a acção dos processos ocultos na mente dos que são especialistas nessa ciência. De facto, cada uma dessas definições de calor e de força corresponde a um dos princípios do Homem. Os “centros de calor”, do ponto de vista físico, serão o *ponto zero*, porque são espirituais. A palavra “percebido” é algo errada, seria melhor dizer “sentido”. Fohat é o agente da Lei, o representante dos Manasaputras, cuja colectividade é a Mente Eterna.

P. 9 – Com a passagem de um Globo ao Pralaya ele fica *in situ*, isto é, continua a fazer parte de uma Cadeia Planetária e continua mantendo a sua posição relativamente aos outros Globos? A dissociação por meio do calor joga algum papel na passagem de um Globo ao Pralaya?

R. 9 – Isso está explicado no *Budhismo Esotérico*. Quando o Globo de uma Cadeia Planetária entra em “obscuração”, todas as qualidades, incluindo o calor, retiram-se dele e permanecem em *statu quo* como a “Bela Adormecida”, até que Fohat, o “Príncipe Encantador”, a desperte com um beijo.

P. 10 – Fala-se dos filhos que se desagregam e dispersam. Isso parece estar em oposição à acção de “voltar ao seio de sua Mãe” no final do “Grande Dia”. A dissociação e a dispersão referem-se à formação do Globo a partir da Matéria do Mundo universalmente esparsa que, em outras palavras, emerge do Pralaya?

R. 10 – A dissociação e a dispersão referem-se ao *Nitya Pralaya*. Este é um eterno e perpétuo Pralaya que ocorre sempre desde que há Globos e Matéria diferenciada. É uma simples mudança atómica.

P. 11 – O que é que se pretende significar com a expressão “dilatam-se e contraem-se dentro de si mesmos e nos seus corações”, e como isso se relaciona com a última linha da sloka, “eles abarcam o infinito”?

R. 11 – Isso já foi explicado. Através das suas forças inerentes encadeadas, eles lutam colectivamente por se unir à Força Una universal ou a Força Livre, ou seja, esforçam-se por abarcar o Infinito, sendo infinita esta Força Livre.

P. 12 – Qual é a relação entre a electricidade, o magnetismo físico ou animal e o hipnotismo?

R. 12 – Se por electricidade está se referindo à ciência que aborda neste Plano os fenómenos e as leis do fluido eléctrico sob dezenas de qualificativos ou nomes, então responderei que não existe nenhuma relação. Mas se se refere à Electricidade que chamamos Fohática, ou Intra-Cósmica, então responderei que todas essas formas de fenómenos baseiam-se nela.

X

[Reunião realizada no N.º 17 de Lansdowne Road, W., Londres, em 14 de Março de 1889, com a presidência do Sr. W. Kingsland]

Tema

As Estâncias de *A Doutrina Secreta*, Volume I

(Continuação)

ESTÂNCIA IV

Sloka (1): “OUVI, FILHOS DA TERRA, AOS VOSSOS INSTRUTORES, OS FILHOS DO FOGO. SABEI QUE NÃO HÁ PRIMEIRO NEM ÚLTIMO, PORQUE TUDO É UM NÚMERO QUE PROCEDE DO QUE NÃO É NÚMERO.”

P. 1 – Os Filhos do Fogo são os Raios do Terceiro Logos?

R. 1 – Os *Raios* são os *Filhos da Névoa de Fogo* gerados pela Terceira Criação ou Logos. Os reais *Filhos do Fogo* da quinta Raça-Mãe e suas sub-raças chamam-se assim simplesmente porque pela sua Sabedoria pertencem ou estão mais próximos da Hierarquia dos divinos *Filhos da Névoa de Fogo*, os mais elevados dos Choans ou Anjos Planetários. Mas os *Filhos do Fogo* de que se fala aqui e se dirigem aos Filhos da Terra, neste caso são os Reis-Instrutores que encarnaram nesta Terra para instruir a nascente Humanidade. Como *Reis*, pertencem às Dinastias Divinas das quais cada nação – Índia, Caldeia, Egito, Grécia Homérica, etc. – conservou a tradição ou o registo de uma forma ou de outra. O nome *Filhos da Névoa de Fogo* dava-se também aos antigos Hierofantes. São certamente subdivisões do Terceiro Logos. São os Choans do Fogo ou Anjos, os Anjos do Éter, do Ar e da Água e os Anjos da Terra. As sete Sephiroths inferiores são Anjos da Terra e correspondem às sete Hierarquias dos sete Elementos, cinco dos quais são conhecidos e dois ainda desconhecidos.

P. 2 – Então, correspondem às Raças?

R. 2 – Sim. De outro modo onde estariam as Raças intelectuais com cérebros e pensamentos se não fossem essas Hierarquias que encarnaram nelas?

P. 3 – Qual é a diferença entre essas várias Hierarquias?

R. 3 – Na realidade, para o que vê além do véu da matéria ou ilusão esses Fogos não estão separados, como não estão as Almas ou as Mónadas. O que quer ser ocultista não deve separar nem a si mesmo e nem a nenhuma outra coisa do resto da Criação ou da não-Criação. Pois no momento em que ainda se sente distinto de um veículo impuro, não terá condições para se unir a um veículo puro. Deve pensar que é parte de um algo infinitesimal, nem sequer como um átomo individual e sim como parte dos átomos do mundo, como um todo, ou então converte-se numa ilusão, num nada, e desaparece como um sopro não deixando rasto atrás de si. Como ilusões, somos corpos separados e distintos que vivemos dentro de máscaras proporcionadas por Maya. Podemos dizer que um só átomo do nosso corpo é distinto de nós mesmos? Tudo, desde o Espírito à partícula mais diminuta, é parte do todo, no melhor dos casos, é um elo. Quebre-se este elo e tudo termina na aniquilação, mas isto é impossível. Há uma série de veículos que se tornam cada vez mais densos, desde a matéria espiritual à mais compacta, de maneira que a cada passo para baixo ou para o exterior o sentido da separatividade desenvolve-se cada vez mais em nós. Sem dúvida que isso é ilusório, porque se houvesse uma separação real e completa entre dois seres humanos quaisquer, não poderiam comunicar-se e de nenhuma maneira poderiam compreender-se um ao outro. Assim acontece com essas Hierarquias. Por que devemos separar as suas classes nas nossas mentes senão com o propósito de as distinguir no Ocultismo prático, o qual não é senão a forma inferior da Metafísica aplicada? Mas se se você tratar de as separar neste Plano de Ilusão, então tudo o que lhe posso dizer é que entre essas Hierarquias existe o mesmo abismo de distinção que entre os *princípios* do Universo e do Homem, ou, se preferir, entre os do Homem e os de um germe. Há um parágrafo no *Bhagavad-Gita* (capítulo VIII) onde Krishna, falando simbólica e esotericamente, diz:

“Eu declaro os tempos (condições)... em que os devotos ao partirem (desta vida) fazem-no para nunca mais voltar (a renascer), ou

para voltar (a encarnar-se de novo). O fogo, a chama, o dia, a quinzena brilhante (feliz), os seis meses do Solstício do Norte partindo (morrendo)... nestes, os que conhecem a Brahman (os Yoguis), vão a Brahman. O fumo, a noite, a quinzena sombria (infeliz), os seis meses do Solstício Meridional (morrendo)... nestes o devoto vai à Luz Lunar (ou Mansão, igualmente a Luz Astral), e volta (renasce).”²³⁵

P. 4 – Qual é a explicação desse fragmento?

R. 4 – Significa que os devotos dividem-se em duas classes: os que alcançam o Nirvana sobre a Terra e o aceitam (não devendo nascer novamente neste Maha-Kalpa ou Idade de Brahma), e os que recusam esse estado de Bem-Aventura como fez o Budha e outros. “O Fogo, a Chama, a quinzena brilhante do Sol”, são todos símbolos da mais elevada Deidade Absoluta. Aqueles que morrem em tal estado de pureza vão a Brahman, isto é, têm o direito a Moksha ou Nirvana. Por outro lado, “o Fumo, a Noite, a quinzena sombria da Lua”, etc., tudo isso simboliza a matéria, a obscuridade da ignorância. Os que morrem em tal estado de purificação incompleta devem, certamente, renascer de novo. Somente o homogêneo, o absolutamente purificado Espírito imaculado pode unir-se de novo à Deidade, ou ir a Brahman.

Sloka (2): “APRENDEI O QUE NÓS, QUE DESCENDEMOS DOS SETE PRIMORDIAIS, O QUE NÓS, QUE NASCEMOS DA CHAMA PRIMITIVA, APRENDEMOS DOS NOSSOS PAIS.”

“... os Primordiais procederam do Pai-Mãe... os primeiros Primordiais são os Seres mais elevados na Escala da Existência.”²³⁶

P. 1 – O Pai-Mãe é aqui sinónimo de Terceiro Logos?

R. 1 – Os primeiros Sete Primordiais nascem do Terceiro Logos. Isto sucede antes de se diferenciar dentro da Mãe, quando converte em Matéria Primordial pura a sua Essência Primária, potencialmente Pai-Mãe.

A Mãe transforma-se em Mãe Imaculada somente quando se realiza a diferenciação entre Espírito e Matéria. De outro modo não existiria tal distinção. Portanto, a Mãe é a Matéria Imaculada antes da

²³⁵ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 86.

²³⁶ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 86.

sua diferenciação sob o sopreo do pré-cosmico Fohat, quando se transforma na *Imaculada Mãe* do *Filho* ou o Universo manifestado na Forma. É com este último que começa a hierarquização que termina na Humanidade ou o Homem.

Sloka (3): “DO RESPLENDOR DA LUZ – O RAIOS DAS ETERNAS TREVAS – SURGIRAM NO ESPAÇO AS ENERGIAS DESPERTADAS DE NOVO (Dhyan-Choans): O UM DO OVO, O SEIS E O CINCO, DEPOIS O TRÊS, O UM, O QUATRO, O UM, O CINCO, O DUPLO SETE, A SOMA TOTAL. E ESTAS SÃO: AS ESSÊNCIAS, AS CHAMAS, OS ELEMENTOS, OS CONSTRUTORES, OS NÚMEROS, OS ARRUPA (sem forma), OS RUPA (com corpo) E A FORÇA DO HOMEM DIVINO – A SOMA TOTAL. E DO HOMEM DIVINO EMANARAM AS FORMAS, AS CHISPAS, OS ANIMAIS SAGRADOS E OS MENSAGEIROS DOS SAGRADOS PAIS (os Pitris) DENTRO DO SANTO QUATRO.”²³⁷

P. 1 – Pode explicar esses números e dar o seu significado?

R. 1 – Como se diz no Comentário, na actualidade não estamos envolvidos no processo, ou seja, que na actualidade não pode tornar-se público. No entanto, pode-se dar algumas sugestões. Os rabinos chamam ao Círculo (ou, como dizem alguns, o Ponto dentro dele) *Echod*, o *Uno*, ou *Ain-Soph*. Num Plano inferior, o quarto, converte-se em *Adam-Kadmon*, o Sete manifestado e o Dez imanifestado, ou a *Árvore Sephirota* completa. Portanto, as *Sephiroths* são o mesmo que os *Elohim*. Pois bem, este último nome escrito em hebreu, *Alhim*, compõe-se de cinco letras, e estas letras nos seus valores numerais, se colocadas em redor de um círculo, podem ser transmutadas à-vontade, como não seria o caso se fossem aplicadas a qualquer outra figura geométrica. O círculo é interminável, isto é, não tem princípio nem fim. Ora, a *Kaballah* literalmente divide-se em três partes ou três métodos de leitura, sendo o terceiro a *Temurah* ou “Permutação”, e de acordo com certas regras uma letra ou numeral substitui-se por outra. O Alfabeto Kabalístico divide-se em duas partes iguais, e cada letra ou numeral de uma parte corresponde a um número ou letra similar na outra. Mudando alternadamente as letras, obtêm-se vinte e duas (22)

²³⁷ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 88.

permutações ou combinações, e este processo é chamado *Tzirup*. A nota nas páginas 90 e 91 (*A Doutrina Secreta*, I) aclara a minha explicação.

Sloka (4): “ESTE ERA O EXÉRCITO DA VOZ – O SEPTENÁRIO DIVINO. AS CHISPAS DOS SETE ESTÃO SUBMETIDAS E SÃO AS SERVIDORAS DO PRIMEIRO, DO SEGUNDO, TERCEIRO, QUARTO, QUINTO, SEXTO E SÉTIMO DOS SETE. ESTAS (as Chispas) SÃO CHAMADAS ESFERAS, TRIÂNGULOS, CUBOS, LINHAS E MODELADORES, POIS ASSIM SE SUSTÉM O ETERNO NIDANA – O OI-HA-HOU (a permutação de Oeaoohoo).”

P. 1 – O que são os “Ventos Vitais” citados no Comentário²³⁸?

R. 1 – Os Ventos Vitais são as várias maneiras de inspiração e expiração, mudando assim a polaridade do corpo e os estados de consciência. É uma prática Yogui, mas deve-se ter cuidado em tomar literalmente os trabalhos esotéricos de Yoga. Todos eles requerem uma chave.

P. 2 – Qual é o significado da frase na Sloka 4 que começa: “As Chispas...”?

R. 2 – As Chispas significam os Raios tanto para as inteligências inferiores como para as Chispas Humanas ou Mónadas. Refere-se ao círculo e aos dígitos e equivale a dizer que as cifras 31415, como são dadas nas páginas 90-91, estão totalmente sujeitas à circunferência e ao diâmetro do círculo.

P. 3 – Por que se diz que Sarasvati, a Deusa da Fala, é também a Deusa da Sabedoria Esotérica? Se a explicação se encontra no significado da palavra *Logos*, então por que há uma diferença entre a mente imóvel e a fala móvel? A mente equivale a Mahat ou ao Manas Superior e Inferior?

R. 3 – A questão é muito mais complexa. *Sarasvati*, a Deusa hindu, é o mesmo que *Vach*, nome significando *Fala* e que é, esotericamente, o feminino de *Logos*. A segunda pergunta parece-me bastante emaranhada. Creio que o *Logos* ou *Palavra* é definido como *Sabedoria Encarnada*, “a Luz que brilha na obscuridade”. A diferença reside entre

²³⁸ *A Doutrina Secreta*, vol. I, pág. 96.

o imóvel ou eternamente imutável *Todo*, e a *Fala* ou *Logos* móvel, ou seja, entre o periódico e o manifestado. Pode-se referir-se à Mente Universal ou à Mente Individual, a Mahat ou ao Manas Superior, ou ainda ao Inferior, o Kama-Manas ou Mente-Cérebro. Porque aquilo que é desejo, impulso instintivo no Inferior, transforma-se em pensamento no Superior. O primeiro encontra expressão nos actos, o segundo nas palavras. Esotericamente, o pensamento é mais responsável e punível que a acção, nas exotericamente sucede o contrário. Portanto, segundo a lei humana corrente castiga-se mais severamente um assalto do que o pensamento ou a intenção, isto é, a ameaça, enquanto que karmicamente é o contrário.

P. 4 – “Deus geometriza”, disse Platão, mas vendo que não há um Deus pessoal como é que o processo de formação se faz por Pontos, Linhas, Triângulos, Cubos, Círculos e finalmente Esferas? E como, quando a Esfera deixa a condição estática, a inenrente força do Alento fá-la dar voltas rapidamente?

R. 4 – O termo “Deus” – a menos que se refira à Deidade Desconhecida ou Absolutividade, da qual dificilmente pode supor-se que esteja actuando de alguma maneira – nas filosofias antigas sempre significou o conjunto das activas e inteligentes Forças da Natureza. A palavra “selva” é singular, sem dúvida é um vocábulo que expressa a ideia de milhares e até de milhões de árvores de diferentes espécies. Os materialistas podem optar por dizer “a Natureza”, mas melhor ficaria “a Lei geometriza”, se assim o preferem. Todavia, nos dias de Platão o leitor comum dificilmente compreenderia essa distinção metafísica e o seu significado real. Sem dúvida que a verdade da Natureza sempre “geometrizando” pode descobrir-se facilmente. Por exemplo, nisto de o calor ser a modificação dos movimentos ou partículas de matéria. Pois bem, é lei física e mecânica que as partículas ou corpos em movimento assumam por si mesmos uma forma esferoidal, desde um Globo planetário até uma gota de chuva. Observem os flocos de neve, cujos cristais mostram-nos todas as formas geométricas existentes na Natureza. Assim que cessa o movimento altera-se a forma esferoidal, ou como nos diz Tyndall, transforma-se numa gota plana, e depois essa gota formando um triângulo equilátero, um hexágono e assim sucessivamente. Observando o quebrar das partículas de gelo de uma grande massa através da qual ele fez passar raios calóricos, observou que a

primeira forma assumida pelas partículas foi a triangular ou piramidal, depois a cúbica e finalmente a hexagonal, etc. Assim, até a moderna Ciência Física corrobora Platão e justifica a sua proposição.

P. 5 – Quando Tyndall tomou uma grande massa de gelo e atravessou-a com um poderoso raio indo fazer a projecção numa tela, viram-se formas de fetos e de outras palntas. Qual é a razão disto?

R. 5 – Na realidade, essa pergunta deveria ser dirigida primeiro ao professor Tyndall que lhe daria uma explicação científica, e talvez já a tenha dado. Porém, o Ocultismo explica isso dizendo que o raio ajudou a mostrar as formas astrais que se estavam preparando para formar os futuros fetos e plantas, e que o gelo conservou o reflexo dos fetos e plantas actuais que já se havia reflectido nele. O gelo é um grande mago cujas propriedades ocultas são tão pouco conhecidas como as do Éter. Está relacionado ocultamente com a Luz Astral, e sob certas condições pode reflectir determinadas imagens desde a região invisível do Astral, tal como uma placa fina imantizada pode reflectir as estrelas que não se conseguem aperceber nem com um telescópio. Este facto é muito conhecido dos doutos Yoguis que habitam entre o gelo eterno de Badrinath e os Himalaias. De todo o modo, o gelo tem certamente a propriedade de conservar as imagens das coisas estampadas na sua superfície sob certas condições de luz, imagens que se conservam invisivelmente até ele derreter. O aço fino tem a mesma propriedade, apesar de ser de natureza menos oculta. Se observar-se o gelo da superfície essas formas não são vistas, mas uma vez que seja decomposto pelo calor e passar-se a lidar com as forças e as coisas impressas nele, então verifica-se virem à tona essas imagens aparecendo as formas. Não é senão um elo que conduz a outro elo. Certamente tudo isto não é Ciência moderna, mas no entanto é um facto e uma verdade.

P. 6 – Os números e as figuras geométricas representam para a consciência humana as leis de acção da Mente Divina?

R. 6 – Seguramente que sim. Sem elas não há possibilidade de formação e evolução, e nenhum dos chamados aspectos anormais ou fenómenos cósmicos se deve a circunstâncias casuais.

Sloka (5): "... O OI-HA-HOU (OEAOHOO) – ‘AS TREVAS’, O ILIMITADO OU O NÃO-NÚMERO, ADINIDANA-SVABHAVAT, O O (ou x, a quantidade desconhecida):

I. O ADI-SANAT, O NÚMERO, PORQUE ELE É UM.

II. A VOZ DA PALAVRA, SVABHAVAT, OS NÚMEROS, PORQUE ELE É UM E NOVE.

III. O 'QUADRADO SEM FORMA' (Arrupa).

E ESTES TRÊS, ENCERRADOS NO O (círculo sem limites), SÃO O SAGRADO QUATRO, E OS DEZ SÃO O UNIVERSO ARRUPA (subjectivo, sem forma). DEPOIS VÊM OS 'FILHOS', OS SETE COMBATENTES, O UM, O OITAVO EXCLUÍDO, E O SEU ALENTO QUE É O FAZEDOR DA LUZ (Bhâskara)."

P. 1 – O "Excluído" é o Sol do nosso Sistema. Há alguma explicação astronómica da rejeição de Martanda?

R. 1 – O Sol é mais antigo que qualquer dos seus planetas, apesar de mais jovem que a Lua²³⁹. A sua "exclusão" significa que quando começaram a formar-se os corpos ou planetas com a ajuda dos seus raios com a sua radiação magnética ou calor, devido especialmente à sua atracção magnética tiveram de o deter, pois de outro modo teria engolido todos os corpos mais jovens como fez Saturno com a sua progénie, como diz a lenda. Isto não quer dizer que todos os planetas se desprenderam do Sol, como ensina a Ciência moderna, mas simplesmente que se desenvolveram sob os raios do Sol. *Aditi* é a sempre equilibrante Mãe Natureza no Plano puramente espiritual e subjectivo. Ela é a *Shakti*, o Poder Feminino ou potencialidade do Espírito fecundante, e é Ela quem deve metodizar (regular) o comportamento dos filhos nascidos de seu seio. A alegoria védica é muito sugestiva.

P. 2 – Os planetas do nosso Sistema Solar foram todos primeiramente cometas e depois sóis?

R. 2 – Não foram sóis no nosso Sistema Solar ou nos seus actuais Sistemas Solares, e sim cometas no espaço. Todos começaram as suas vidas como errantes na superfície do Cosmos infinito. Separaram-se do comum depósito do material já preparado, a Via Láctea (que é nem mais nem menos a Matéria do Mundo totalmente desenvolvida, sendo todo o resto do espaço um material tosco até agora invisível para nós), e depois, começando a sua longa jornada, estabeleceram a sua vida onde Fohat lhes preparou as condições, e gradual-

²³⁹ Refere-se ao Sol da 4.^a Cadeia Planetária mais jovem que Lua que durou na 3.^a Cadeia Planetária, nisto consiste a rejeição da divindade hindu Martanda Bhairava em dar Surya (o Sol) como mais velho que Chandra ou Chendra (a Lua).

mente foram se convertendo em sóis. A seguir, quando cada Sol chegou ao seu Pralaya, desfez-se em milhares de milhões de fragmentos. Cada um desses fragmentos movia-se de um lado para outro no espaço, juntando material novo à medida que ia rolando como uma avalanche, até chegar ao ponto de ficar sob as leis da atracção e repulsão e se transformar num planeta no nosso Sistema, como também nos outros Sistemas mais além do alcance dos nossos telescópios. Os fragmentos solares transformaram-se em planetas depois do Pralaya Solar. Uma vez foram cometas, no começo da Idade de Brahma. Depois chegaram à sua condição actual, e acabarão explodindo em pedaços indo os seus átomos girar vertiginosamente no espaço durante Éons e Éons como todos os outros cometas e meteoros, até que cada um, guiado pelo Karma, seja apanhado no vórtice das duas forças e fixado em algum outro mais elevado e melhor Sistema. Assim o Sol viverá nos seus filhos como uma parte dos pais vive nos seus rebentos. Quando chegar esse dia, a aparência ou reflexo do Sol que vimos, se desprenderá como um véu do rosto do verdadeiro Sol. Nunca nenhum mortal o viu, porque nenhum olho mortal poderia resistir ao seu esplendor. Se o véu fosse removido uma vez por um só segundo, imediatamente todos os planetas do seu Sistema seriam reduzidos a cinzas, como os sessenta mil filhos do Rei Sagara foram destruídos por um só olhar de Kapila²⁴⁰.

²⁴⁰ Nos Vedas, o rio Ganges foi criado quando Vishnu, em sua encarnação como o Brahmane anão, deu dois passos para atravessar o Universo. No segundo passo, o dedo do pé de Vishnu criou acidentalmente um buraco na parede do Universo, e através dele derramou algumas das águas do rio Mandakini. Enquanto isso, o grande Rei Bhagiratha andava preocupado após saber que 60.000 descendentes do Rei Sagara haviam sido incinerados sob o olhar do Sábio Kapila. Querendo que esses descendentes alcançassem o Céu, Bhagiratha perguntou a Kapila como isso poderia ser alcançado. A resposta foi: orar sinceramente a Vishnu e realizar actos ascéticos por mil anos. O grande Deus, grato pela piedade de Bhagiratha, concordou que a Deusa Ganga desceria à Terra para que se pudesse lavar as cinzas dos 60.000, purificá-las e permitir que eles subissem ao Céu. Porém, levantou-se uma questão: se Ganga simplesmente descesse abruptamente do Céu, as suas águas turbulentas causariam danos incalculáveis. Portanto, Shiva ofereceu-se para diminuir suavemente a descida da Deusa, agarrando-a pelo cabelo, o que fez levando cautelosamente na descida 1.000 anos. Assim que chegou em segurança à Terra, Bhagiratha dirigiu Ganga pela Índia, onde se separou em muitas correntes filiais e lavou com sucesso as cinzas dos descendentes de Sagara nas águas sagradas. Nisto reside o fundamento religioso das incinerações junto ao Ganges e o atirar as cinzas ao Rio Sagrado, como perdura até hoje no rito fúnebre, que por norma deve ter sempre um brahmane “anão” ou de baixa categoria a oficiá-lo (VMA).

Sloka (6): “... DEPOIS OS SEGUNDOS SETE, QUE SÃO OS LIPIKAS, PRODUZIDOS PELOS TRÊS (Palavra, Voz e Espírito). O FILHO DESEJADO É UM, OS “FILHOS SÓIS” SÃO INUMERÁVEIS.”

P. 1 – Qual é a relação dos Lipikas, os “Segundos Sete” com os “Sete Primordiais” e o primeiro “Quatro Sagrado”?

R. 1 – Se você acredita que qualquer um, com exceção dos mais elevados Iniciados, pode explicar isso para sua satisfação, então está muito equivocado. Essa relação pode entender-se melhor, ou antes, demonstrar-se estar além de toda a compreensão, estudando primeiro os sistemas gnósticos dos primeiros séculos do Cristianismo, desde Simão, o Mago, até ao mais elevado e nobre deles, na assim chamada *Pistis-Sophia*. Todos esses sistemas derivam do Oriente. Aquilo que chamamos os “Sete Primordiais” e os “Segundos Sete”, Simão, o Mago, chama Éons. A série primitiva, a segunda e a terceira, das Syzygies²⁴¹, são as emanações graduais que descem sempre cada vez mais baixo na Matéria desde esse Princípio Primordial, que ele chama Fogo e nós Svabhavat. Por detrás desse Fogo, a manifestada porém silenciosa Deidade, permanece, como faz connosco, “Aquilo que é, foi e sempre será”. Comparemos o seu sistema com o nosso. Numa passagem da sua obra onde cita o autor de *Philosophumena*, lêmos:

“Desde esta permanente Estabilidade e Imortalidade deste primeiro Princípio manifestado, o ‘Fogo’ (o Terceiro Logos), cuja imutabilidade não impede a actividade, posto que o segundo dele está dotado de inteligência e razão (Mahat), ele (o Fogo) passou da potencialidade da acção à própria acção. A partir dessa série de evoluções se formaram seis Seres ou Emanações da Potência Infinita, constituindo-se em Syzygies, ou seja, irradiando da Chama duas a duas, uma sendo o princípio activo e outra o princípio passivo”. A esses Simão chamou Nous e Epinoia, o Espírito e Pensamento, Phone e Onoma, Voz e Nome, Logismos e Entumesis, Raciocínio e Reflexão. E novamente: “Cada um destes Sete Primordiais continha inteiramente a Potência, po-

²⁴¹ *Teorema da Syzygie* ou Relação apresentado pelo matemático alemão David Hilbert (1862-1943) em 1890, numa revista científica alemã num artigo dividido em cinco partes, com o título *Über die Theorie der algebraischen Formen*, introduzido para resolver questões abertas na Teoria Invariante e que estão na base da Geometria Algébrica moderna.

rém estava ali potencialmente e não em acto. Essa Potência haveria de actualizar-se em conformidade a uma Imagem (a do paradigma) a fim de manifestar-se em toda a sua essência, virtude, grandeza e efeitos, porque somente então poderia a Potência emanada ser igual à sua Progenitora, a eterna e infinita Potência. Se pelo contrário tivesse permanecido só potencialmente nas seis Potências, sem conseguir actualizar-se através da Imagem, essa Potencialidade nunca poderia transformar-se em Potência ou concretizar-se em acto, e sim a teria perdido por falta de uso, como acontece ao homem que tendo aptidão para a Gramática ou a Geometria não a exercita, indo perdê-la como se nunca a tivesse tido (*Philosophumena*, página 250)²⁴².

Ele afirma que esses *Aeones*, a despeito de pertencerem aos Mundos Superior, Médio ou Inferior, são todos um, excepto na densidade material, esta que determina as suas manifestações exteriores e o resultado produzido, não na sua Essência real que é uma mas nas suas relações mútuas que, como ele diz, são estabelecidas desde a Eternidade por leis imutáveis. Nessa, os primeiro, segundo, terceiro ou os Lipikas são todos um. Quando emanam de um Plano a outro é uma repetição de “como é em cima, é em baixo”. Diferenciam-se todos na matéria ou densidade mas não na qualidade, pois são as mesmas qualidades que descem até ao último Plano, o nosso, onde o Homem

²⁴² Essas passagens são do Livro VI, 12, do *Philosophumena* ou *Refutação de todas as Heresias*, atribuído agora a Santo Hipólito mas que anteriormente incluía-se nas obras de Orígenes. Aparentemente H.P.B. traduziu para o inglês o texto grego ou latim, um sob o outro, publicado numa edição preparada para o *Codex de Paris* por Patricius Cruice (Imprimerie Royale, Paris, 1860). O texto em latim, reproduzido a seguir, aparece nas páginas 249-251 desse volume:

“Omnes enim partes, ut ait, invisibilis ignis existimavit intelligentiae, et mentis esse consortes. Natus est igitur mundus aeternus ab aeterno igne. Coepit autem fieri, ut ait, sex radices primas principii generationis assumens aeternus ille mundus es illius ignis principio. Natas autem affirmat per conjugationes fuisse has radices es igne, quae quidem radices vocat Mentem [νοῦς] et Conginationem [ἐξπίοα], Vocem [φωνή] et Nomen [ὄνομα], Rationem [λογισμός] et Conceptionem [ἐνθύμησις]; inesse autem in istis sex radicibus omnem simul infinitam potestatem, virtute autem sola, non actu; quam quidem infinitam potestatem act esse illum qui stetit, stat, stabit; qui, si imagine effingatur, in sex illis potestatibus apparebat essentia, virtute, magnitudine, effectum, una etiam (potestas) et similis illi aeternae et infinitae potestati, neque ullo modo inferior illa aeterna et immutabili et infinita potestate. Quod si maneat virtute tantum in sex potestatibus neque imagine effingatur, evanescit, ait, et perit sicut facultas grammaticae vel geometricae in hominis animo. Facultas enim adjuncta arte fit lumen omnium rerum; non adjutevero, imperita et tenebrosa et, velut quum non erat, cum homine moriente perit ±.”

está dotado da mesma potencialidade – restando-lhe saber desenvolvê-la – do mais elevado Dhyán-Choan. Nas Hierarquias de *Aeones*, Simão reparte cada uma em três partes, sendo a sétimo o Quarto que desce de um Plano a outro. Os Lipikas procedem de Mahat e na Kabbalah são chamados os Quatro Anjos Registadores, e na Índia os Quatro Maharajas, os que registam todo o pensamento e acção do Homem. São João na sua Revelação chama-os o ‘Livro da Vida’. Estão relacionados directamente com o Karma e com o que os cristãos chamam o ‘Dia do Juízo’, que no Oriente é chamado o Dia depois do Maha-Manvantara ou o ‘Dia Sede Connosco’. É quando todos se tornam um, todas as individualidades se fundem numa, e sem dúvida que cada uma se conhece a si mesma. Apesar deste ser um ensinamento verdadeiramente misterioso, é quando então tudo aquilo que para nós agora é inconsciência ou o inconsciente, nessa ocasião será consciência absoluta.

P. 2 – Que relação têm os Lipikas com Mahat?

R. 2 – São uma divisão, quatro tomados de um dos septenários que emanam de Mahat. Mahat corresponde ao Fogo de Simão, o Mago, a secreta e manifestada Ideação Divina, feita para dar testemunho de si mesma neste Universo objectivo por meio das formas inteligentes que vemos em nosso redor e que chamamos Criação. Como todas as demais Emanações, são “Rodas dentro de Rodas”. Os Lipikas encontram-se no Plano correspondente ao Plano mais elevado da nossa Cadeia de Globos.

P. 3 – Qual é a diferença entre Espírito, Voz e Palavra?

R. 3 – A mesma que entre Atma, Budhi e Manas, num sentido. O Espírito emana das Trevas Desconhecidas, o Mistério no qual nenhum de nós pode penetrar. Esse Espírito, chamem-no “Espírito de Deus” ou Substância Absoluta, reflecte-se nas Águas do Espaço ou na ainda indiferenciada Matéria do futuro Universo, e, portanto, produz o primeiro torvelinho de diferenciação dentro da Matéria Primordial homogénea. Esta é a Voz, pioneira da Palavra ou primeira manifestação, e dessa Voz emana a Palavra ou Logos, isto é, a expressão definida e objectiva daquilo que até então permanecia nas profundezas do Pensamento oculto. Aquilo que se reflecte no Espaço é o Terceiro Logos. Podemos expressar esta Trindade por meio dos termos Cor, Som e Número.

ÍNDICE

Prefácio	Pág. 7
Palavras necessárias	Pág. 13
Reunião de 10 de Janeiro de 1889	Pág. 17
Reunião de 17 de Janeiro de 1889	Pág. 40
Reunião de 24 de Janeiro de 1889	Pág. 68
Reunião de 31 de Janeiro de 1889	Pág. 98
Reunião de 7 de Fevereiro de 1889	Pág. 128
Reunião de 14 de Fevereiro de 1889	Pág. 150
Reunião de 21 de Fevereiro de 1889	Pág. 183
Reunião de 28 de Fevereiro de 1889	Pág. 211
Reunião de 7 de Março de 1889	Pág. 241
Reunião de 14 de Março de 1889	Pág. 274
Reunião de 28 de Março de 1889	Pág. 298
Reunião de 4 de Abril de 1889	Pág. 323
Reunião de 11 de Abril de 1889	Pág. 351
Reunião de 18 de Abril de 1889	Pág. 374
Reunião de 25 de Abril de 1889	Pág. 399
Reunião de 2 de Maio de 1899	Pág. 428
Reunião de 16 de Maio de 1899	Pág. 455
Reunião de 30 de Maio de 1899	Pág. 478
Reunião de 6 de Junho de 1899	Pág. 500

Reunião de 20 de Junho de 1899	Pág. 527
Apêndice I – 10 de Janeiro de 1889	Pág. 551
Apêndice II – Súmula do estudado	Pág. 552
Os Diálogos da Loja Blavatsky	Pág. 556
I – Reunião de 10 de Janeiro de 1889	Pág. 560
II – Reunião de 17 de Janeiro de 1889	Pág. 577
III – Reunião de 24 de Janeiro de 1889	Pág. 592
IV – Reunião de 31 de Janeiro de 1889	Pág. 602
V – Reunião de 14 de Fevereiro de 1889	Pág. 614
VI – Reunião de 17 de Fevereiro de 1889	Pág. 622
VII – Reunião de 21 de Fevereiro de 1889	Pág. 631
VIII – Reunião de 28 de Fevereiro de 1889	Pág. 637
IX – Reunião de 7 de Março de 1889	Pág. 647
X – Reunião de 14 de Março de 1889	Pág. 658

